

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ANGLÍSTICOS



ENTRE PERIFERIAS

CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA EXTERNA DA TRADUÇÃO DA
LITERATURA POLACA EM PORTUGAL
(1855-2010)

HANNA MARTA PIĘTA-CÂNDIDO

TESE ORIENTADA PELOS PROFESSORES DOUTORES
JOÃO DE ALMEIDA FLOR E TERESA MENANO SERUYA

ESPECIALMENTE ELABORADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORAMENTO
EM TRADUÇÃO (HISTÓRIA DA TRADUÇÃO)

2013

RESUMO

A tradução constitui um acto de comunicação intercultural por excelência. Como tal, assume um papel fulcral nas relações entre culturas linguisticamente distintas. Este papel passa, essencialmente, pela interferência da cultura de partida na cultura de chegada. No caso do intercâmbio cultural entre línguas ditas periféricas (i.e., com fraca capacidade de exportação cultural, cf. Heilbron 1999), o papel da tradução revela-se ainda mais preponderante, visto que depende fortemente da mediação de culturas ditas centrais (i.e., com maior capacidade de exportação). Neste tipo de intercâmbio a tradução resulta não só na interferência da cultura de partida, como também da cultura mediadora na cultura de chegada. Esta interferência, por sua vez, reflecte as relações de poder que se estabelecem entre as culturas periféricas e centrais.

Apesar da sua importância, até hoje, o papel da tradução no intercâmbio cultural entre línguas periféricas mereceu pouca atenção nos trabalhos desenvolvidos no âmbito dos Estudos de Tradução. Com o fim de parcialmente colmatar esta lacuna, o presente trabalho pretende explorar a história externa da tradução de literatura polaca vertida para português europeu e publicada em Portugal em volume entre 1855 e 2010. O facto de o enfoque recair sobre a história externa significa que o trabalho se centra, sobretudo, nas circunstâncias e nos agentes envolvidos no processo de tradução e não nas modificações de que os textos traduzidos foram alvo aquando da transferência de uma cultura para outra.

Para cumprir os objectivos impostos, é seleccionado um *corpus* de dados contextuais referentes a 113 textos de chegada. Este *corpus* é submetido a uma análise quantitativa, guiada por seis questões centrais: o que é traduzido, quando, por quem, onde, como e porquê? A análise resulta na identificação, descrição e, sempre que possível, explicação das constantes e variáveis mais salientes no fluxo de traduções de literatura da Polónia para Portugal. Para além disso, atendendo ao carácter exploratório da investigação, um dos contributos essenciais do presente estudo consiste igualmente na abertura de novos horizontes para futuros projectos baseados em *corpora* distintos ou mais latos.

Palavras-chave: Estudos de Tradução, História da Tradução, Tradução Literária, Literatura Polaca, Tradução Indirecta

ABSTRACT

Translation is intercultural communication *par excellence*. As such, it assumes a vital role in encounters between linguistically distant cultures. This role consists of the interference of the source culture in the target culture. As regards the intercultural exchange between the so-called peripheral languages (with low capacity of cultural exportation, cf. Heilbron 1999), the role of translation is all the more pronounced, inasmuch as it heavily depends on the mediation of the so-called central languages (with high exporting capacity). In this type of exchange the translation results in the interference of not only the source, but also the mediating culture in relation to the target culture. This interference, in turn, sheds light on the power relations between cultural centres and peripheries.

Despite its importance, the role of translation in cultural exchange between peripheral languages has hardly been explored in Translation Studies research. To fill this gap, this study sets out to explore the external history of book-length translation of Polish literature published in Portugal between 1855 e 2010. Special emphasis on the external history means that the study will focus mainly on the circumstances and agents involved in the process of translation and not on the modifications the texts have undergone in translation transfer between cultures.

With this aim in mind, a corpus of contextual data on 113 target texts was selected and submitted to quantitative analysis. This analysis was guided by six main questions (what is translated, when, by whom, where, how and why?), resulting in the identification, description and, whenever possible, explanation of a number of (ir)regularities in the flow of translations of Polish literature to Portugal. Moreover, due to its exploratory approach, the study provides a number of new research avenues which future research with larger or different corpora can draw on.

Key-words: Translation Studies, Translation History, Literary Translation, Polish Literature, Indirect Translation

AGRADECIMENTOS (PODZIĘKOWANIA)

Ao Professor Doutor João de Almeida Flor e à Professora Doutora Teresa Menano Seruya, orientadores da tese, pela sua permanente disponibilidade, pelas respostas prontas a todas as solicitações, pela paciência repetidas vezes demonstrada, pela incansável presença em cada passo deste trabalho e pelas persistentes palavras de incentivo, confiança e amizade. Pela partilha da sua sabedoria cujos limites não tive ainda oportunidade de conhecer. Pela segurança e liberdade que me proporcionaram ao longo do percurso da investigação.

Ao Professor Doutor João Ferreira Duarte, pela atenção e incentivo que sempre concedeu a este projecto, bem como pelas preciosas indicações e desafiantes perguntas que, inquestionavelmente, enriqueceram este trabalho.

À Prof. Doutora Alexandra Assis Rosa, por ter apadrinhado este projecto com o convite (dirigido com amizade) à sua integração no Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, pelo papel de guia conselheiro que assumiu ao longo do tempo, pela constante disponibilidade e atenção e pelo balancear de ideias em momentos de dúvida.

À Prof. Doutora Anna Rzepka, responsável pela orientação da minha tese de mestrado, e aos restantes docentes do Curso de Mestrado em Estudos Portugueses na Universidade Jagiellónica de Carcóvia, que, ao contribuírem dedicadamente para o estabelecimento de uma plataforma de intercâmbio cultural entre a Polónia e Portugal, marcaram o início do meu percurso científico.

Aos Prof. Doutores Jerzy Brzozowski, Beata Cieszyńska, Andrew Chesterman, Margarita Correia, Dirk Delabastita, Lieven D'hulst, Cay Dollerup, Yves Gambier, Daniel Gile, Anna Kalewska, José Lambert, Sérgio Campos Matos, Maria Lin Moniz, Ioana Popa, Martin Ringmar, Henryk Siewierski, Izabela Stapor, Teresa Swiatkiewicz, Maria Tymoczko e Luc van Doorslaer, pela troca de impressões, pelas ideias estruturantes gentilmente cedidas, pela disponibilização de bibliografia e/ou dados.

Às colegas do Grupo 6 (Estudos de Recepção e Tradução) do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa pelo acolhimento caloroso. Em particular, à Zsófi e à Rita, pelo companheirismo e amizade demonstrados no decorrer deste longo caminho.

Às colegas de outros centros e universidades, em especial à Cristina, à Marta e à Sara, pela prestabilidade e pela permanente disponibilidade para esclarecer dúvidas de ordem científica e burocrática.

À Ana Teresa e à Raquel, pela leitura atenta de partes da tese.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), pelo apoio financeiro que me permitiu dedicar em quase absoluta exclusividade ao presente trabalho. À Biblioteca Nacional de

Portugal (BNP), ao Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL), à European Society for Translation Studies (EST), ao Instituto Camões (IC) e à Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), pelo financiamento de participações em congressos e de deslocações para investigação ou formação.

À minha família da Polónia e de Portugal por me ter acompanhado sempre, de perto e de longe, e por me animar nos tropeços e festejar nas conquistas (*Mojej rodzinie z Polski i Portugalii, za to że zawsze mi towarzyszy, z bliska i daleka, za słowa otuchy w chwilach zwątpienia i za wspólną radość z moich sukcesów*).

Às minhas irmãs, à minha cunhada e aos meus cunhados, pela amizade, pelos incentivos, por estarem sempre por perto, mesmo à distância. (*Moim siostróm, szwagierce i szwagrom, za przyjaźń i wsparcie, za to że pozostają blisko, nawet na odległość*).

Aos meus sobrinhos e afilhadas, pela alegria de brincar, por me relembrares do que é realmente importante e do importante que é realmente aprender (*Moim siostrzeńcom i chrześniaczkom, za radość z zabawy, za przypominanie o tym co naprawdę ważne*).

Aos meus sogros, pela preocupação, pelo afecto e pela generosidade repetidas vezes demonstrada. Por me terem feito sentir em casa desde o início.

Aos meus pais, pelo exemplo de vida, rigor, perseverança e optimismo, pelo exemplo de corajosa curiosidade pelos novos caminhos, pelo apoio constante, pela confiança que sempre demonstraram ter em mim. Por me terem deixado escolher e sustentado as minhas escolhas. (*Moim rodzicom, za przykład życia, rzetelności, optymizmu i wytrwałości, za wzór śmiałej ciekawości nowych ścieżek, za nieustające wsparcie, za zaufanie jakim mnie zawsze obdarzają. Za możliwość wyboru i za wspieranie mnie w moich wyborach*).

Ao meu marido, pelo optimismo, tranquilidade e segurança que me conseguiu transmitir durante todo este percurso, pela paciência e presença incansável neste projecto vivido a dois. Pelas perguntas não silenciadas, pelo olhar crítico, pela valiosa e alternativa perspetivação, pelas discussões desafiantes, pelo interesse e confiança depositados em mim e no meu trabalho. Sem ele nunca o teria feito.

É aos meus pais e ao meu marido que dedico este trabalho (*Pracę dedykuję moim rodzicom i mężowi*).

ÍNDICE

REÍNDICE DE FIGURAS	XVII
ÍNDICE DE TABELAS	XXI
LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS	XXV
INTRODUÇÃO	1
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL	7
CAPÍTULO I 1 ESTUDOS DESCRITIVOS DE TRADUÇÃO	9
I 1. 1 Abordagem descritivo-explicativa	9
I 1. 2 Reorientação para a cultura de chegada	9
I 1. 3 Normas e regularidades	10
I 1. 4 Tradução assumida	12
I 1. 5 Metodologia de análise	12
CAPÍTULO I 2 HISTÓRIA DA TRADUÇÃO	15
I 2. 1 Definição e objecto de estudo	15
I 2. 2 Problematização	15
I 2. 3 Investigação no âmbito da história da tradução	19
CAPÍTULO I 3 TRADUÇÃO ENTRE LÍNGUAS PERIFÉRICAS	21
I 3. 1 Definição	21
I 3. 2 Problematização	23
I 3. 2. 1 Propostas de Heilbron	23
I 3. 2. 2 Propostas de Casanova (2004)	26
I 3. 3 Investigação sobre tradução entre línguas periféricas	28
CAPÍTULO I 4 TRADUÇÃO INDIRECTA	35
I 4. 1 Definição	35
I 4. 1. 1 Metalinguagem	35
I 4. 1. 1 1 Metalinguagem em língua inglesa	35
I 4. 1. 1 2 Metalinguagem em língua portuguesa	37
I 4. 1. 2 Definição	38
I 4. 2 Problematização	40
I 4. 2. 1 Tradução indirecta e hierarquização das línguas	40
I 4. 2. 2 Motivos subjacentes a tradução indirecta	41
I 4. 2. 3 Percepções gerais relacionadas com tradução indirecta	42
I 4. 2. 4 Normas e relações sistémicas correlatas da tradução indirecta	43
I 4. 2. 5 Identificação do grau de indirectude	43
I 4. 2. 5 1 Constrangimentos	43

I 4. 2. 5 2 Proposta de uma metodologia para a identificação de indirectude	46
I 4. 3 Investigação sobre tradução indirecta	49
PARTE II CONTEXTO HISTÓRICO	53
CAPÍTULO II 1 POLÓNIA	55
II 1. 1 Polónia sob partilhas (1795-1918)	55
II 1. 2 Segunda República Polaca (1918-1939)	58
II 1. 3 A Polónia na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)	61
II 1. 4 "República Popular" Polaca (1944-1989)	64
II 1. 5 Terceira República da Polónia (1989-2010)	70
CAPÍTULO II 2 PORTUGAL	73
II 2. 1 Monarquia constitucional (1820-1910)	73
II 2. 2 Primeira República (1910-1926)	75
II 2. 3 Ditadura Militar (1926-1928) e Nacional (1928-1933)	77
II 2. 4 Estado Novo (1933-1974)	79
II 2. 4. 1 Fundamentos ideológicos	79
II 2. 4. 2 Política interna	81
II 2. 4. 3 Política externa	83
II 2. 4. 4 Economia	85
II 2. 4. 5 Plano educacional e cultural	86
II 2. 4. 6 Censura	87
II 2. 4. 6 1 Quando se censura?	87
II 2. 4. 6 2 Para que se censura?	87
II 2. 4. 6 3 Quem censura?	88
II 2. 4. 6 4 Que censura?	89
II 2. 4. 6 5 O que se censura?	90
II 2. 5 Pós-25 de Abril (1974-2010)	92
CAPÍTULO II 3 RELAÇÕES LUSO-POLACAS	97
II 3. 1 Previamente a 1918	98
II 3. 2 1918-1939	102
II 3. 3 1939-1945	104
II 3. 4 1945-1974	105
II 3. 5 1974-1989	106
II 3. 6 1989-2010	109
PARTE III METODOLOGIA	113
CAPÍTULO III 1 COMPILAÇÃO DO CATÁLOGO	115
III 1. 1 Considerações iniciais	115
III 1. 2 Critérios de selecção	116

III 1. 2. 1 Apresentação	116
III 1. 2. 2 Fundamentação	117
III 1. 2. 2 1 Língua de chegada	117
III 1. 2. 2 2 Suporte expressivo	118
III 1. 2. 2 3 Proveniência do autor do TP	118
III 1. 3 Etapas da recolha de dados	118
III 1. 3. 1 Dados relativos a TC	118
III 1. 3. 2 Dados relativos a TP	121
III 1. 3. 3 Fontes bibliográficas consultadas	122
III 1. 4 Organização de dados	140
III 1. 4. 1 Selecção das categorias	140
III 1. 4. 2 Criação e ordenação das entradas	141
III 1. 4. 3 Preenchimento de campos individuais	142
III 1. 4. 4 Dimensão e completude do catálogo	143
III 1. 5 Breve análise de dados quantitativos do catálogo	145
III 1. 5. 1 Primeiras edições versus reedições e outras edições	145
III 1. 5. 2 Publicações em volume versus publicações periódicas	147
III 1. 5. 3 LP	147
III 1. 5. 4 Classes temáticas	149
CAPÍTULO III 2 SELECÇÃO DO <i>CORPUS</i>	153
III 2. 1 Considerações iniciais	153
III 2. 2 Critérios de selecção	154
III 2. 2. 1 Apresentação	154
III 2. 2. 2 Fundamentação	155
III 2. 2. 2 1 Local de publicação dos TC	155
III 2. 2. 2 2 Classificação temática dos TC	156
III 2. 2. 2 3 Tipo de publicação dos TC	156
III 2. 2. 2 4 Data de publicação dos TC	157
III 2. 2. 2 5 LP	157
III 2. 3 Definições operativas	158
III 2. 3. 1 Tradução	158
III 2. 3. 1 1 Definição inicial	158
III 2. 3. 1 2 Problematização	158
III 2. 3. 1 3 Definição estável	161
III 2. 3. 2 Livro	161
III 2. 3. 2 1 Definição inicial	161
III 2. 3. 2 2 Problematização	161
III 2. 3. 2 3 Definição estável	162
III 2. 3. 3 Publicação em Portugal	163
III 2. 3. 3 1 Definição inicial	163
III 2. 3. 3 2 Problematização	163
III 2. 3. 3 3 Definição estável	164

III 2. 3. 4 Literatura	164
III 2. 3. 4 1 Definição inicial	164
III 2. 3. 4 2 Problematização	164
III 2. 3. 4 3 Definição estável	166
III 2. 4 Organização dos dados	167
III 2. 4. 1 Seleção das categorias a compor cada entrada	167
III 2. 4. 2 Criação e ordenação das entradas	168
III 2. 4. 3 Preenchimento de campos individuais	169
III 2. 4. 4 Dimensão do <i>corpus</i>	169
CAPÍTULO III 3 MODELO E MÉTODO DE ANÁLISE	171
III 3. 1 MODELO DE ANÁLISE	171
III 3. 2 MÉTODO DE ANÁLISE	173
 PARTE IV ANÁLISE	 177
CAPÍTULO IV 1 QUANDO SE TRADUZ?	179
IV 1. 1 Análise global dos dados relativos à data de tradução	179
IV 1. 1. 1 Variação por década do número de volumes traduzidos	181
IV 1. 1. 2 Frequência das traduções	182
IV 1. 2 Fonte de informação das datas das traduções	187
CAPÍTULO IV 2 O QUE SE TRADUZ?	189
IV 2. 1 Análise global	189
IV 2. 1. 1 Distribuição sincrónica	190
IV 2. 1. 2 Distribuição diacrónica	191
IV 2. 2 Autores mais traduzidos	192
IV 2. 2. 1 Sienkiewicz	192
IV 2. 2. 1 1 Sienkiewicz na CP	192
IV 2. 2. 1 2 Sienkiewicz no <i>corpus</i>	194
IV 2. 2. 1. 2. 1 TP	195
IV 2. 2. 1. 2. 2 TC	196
IV 2. 2. 1. 2. 3 Razões da predominância	198
IV 2. 2. 2 Lem	199
IV 2. 2. 2 1 Lem na CP	199
IV 2. 2. 2 2 Lem no <i>corpus</i>	201
IV 2. 2. 2. 2. 1 TP	201
IV 2. 2. 2. 2. 2 TC	201
IV 2. 2. 2. 2. 3 Razões da predominância	203
IV 2. 2. 3 Kapuściński	203
IV 2. 2. 3 1 Kapuściński na CP	203
IV 2. 2. 3 2 Kapuściński no <i>corpus</i>	204
IV 2. 2. 3. 2. 1 TP	204

IV 2. 2. 3. 2. 2 TC	205
IV 2. 2. 3. 2. 3 Razões da predominância	206
IV 2. 2. 4 Sójka	206
IV 2. 2. 4 1 Sójka na CP	206
IV 2. 2. 4 2 Sójka no <i>corpus</i>	207
IV 2. 2. 4. 2. 1 TP	207
IV 2. 2. 4. 2. 2 TC	207
IV 2. 2. 4. 2. 3 Razões da predominância	207
IV 2. 2. 5 Szymborska	207
IV 2. 2. 5 1 Szymborska na CP	207
IV 2. 2. 5 2 Szymborska no <i>corpus</i>	208
IV 2. 2. 5. 2. 1 TP	208
IV 2. 2. 5. 2. 2 TC	208
IV 2. 2. 5. 2. 3 Razões da predominância	209
IV 2. 3 Perfil geral dos autores traduzidos	209
IV 2. 3. 1 Identificação do perfil geral dos autores traduzidos	209
IV 2. 3. 2 Evolução cronológica do perfil	210
IV 2. 3. 2 1 Primeiro subperíodo da história das relações luso-polacas (1855-1918)	210
IV 2. 3. 2 2 Segundo subperíodo da história das relações luso-polacas (1919-1939)	211
IV 2. 3. 2 3 Terceiro subperíodo da história das relações luso-polacas (1940-1945)	211
IV 2. 3. 2 4 Quarto subperíodo da história das relações luso-polacas (1946-1974)	213
IV 2. 3. 2 5 Quinto subperíodo da história das relações luso-polacas (1975-1989)	218
IV 2. 3. 2 6 Sexto subperíodo da história das relações luso-polacas (1990-2010)	222
CAPÍTULO IV 3 QUEM TRADUZ?	225
IV 3. 1 Análise global	225
IV 3. 1. 1 Distribuição sincrónica	226
IV 3. 1. 2 Distribuição diacrónica	228
IV 3. 2 Identificação dos tradutores no peritexto	229
IV 3. 2. 1 Distribuição sincrónica	229
IV 3. 2. 2 Distribuição diacrónica	230
IV 3. 3 Perfil dos tradutores	230
IV 3. 3. 1 Variável “Competência linguística	231
IV 3. 3. 1 1 Distribuição sincrónica	231
IV 3. 3. 1 2 Distribuição diacrónica	232
IV 3. 3. 2 Variável “Género do tradutor”	234
IV 3. 3. 2 1 Distribuição sincrónica	234
IV 3. 3. 2 2 Distribuição diacrónica	235
IV 3. 3. 3 Variável “Especialização na tradução de literatura polaca”	235
IV 3. 3. 3 1 Distribuição sincrónica	235
IV 3. 3. 3 2 Distribuição diacrónica	236
IV 3. 3. 4 Variável “Profissão principal dos tradutores”	236
CAPÍTULO IV 4 ONDE SE TRADUZ?	239

IV 4. 1 Editoras	239
IV 4. 1. 1 Análise global	239
IV 4. 1. 1 1 Distribuição sincrónica	240
IV 4. 1. 1 2 Distribuição diacrónica	242
IV 4. 1. 1 3 Distribuição geográfica	244
IV 4. 1. 2 Editoras com maior número de TC	245
IV 4. 1. 2 1 Perfil geral das editoras	245
IV 4. 1. 2. 1. 1 Correlação no eixo editora-tradutor	245
IV 4. 1. 2. 1. 2 Correlação no eixo editora-autor	246
IV 4. 2 Colecções	248
IV 4. 2. 1 Análise global	248
IV 4. 2. 1 1 Distribuição sincrónica	248
IV 4. 2. 1 2 Distribuição diacrónica	250
IV 4. 2. 2 Perfil das colecções	251
IV 4. 2. 2 1 Identificação dos perfis gerais das colecções	251
IV 4. 2. 2 2 Classificação das colecções	251
IV 4. 2. 2. 2. 1 Colecções vocacionadas para um determinado género literário	252
IV 4. 2. 2. 2. 2 Colecções vocacionadas para um determinado tema	252
IV 4. 2. 2. 2. 3 Colecções vocacionadas para o cânone	253
IV 4. 2. 2. 2. 4 Colecções vocacionadas para um determinado público-alvo	253
IV 4. 2. 2. 2. 5 Colecções vocacionadas para a novidade	254
IV 4. 2. 2 3 Colecções indiferenciadas	255
IV 4. 2. 2 4 Distribuição diacrónica das colecções com TC de Sienkiewicz	256
CAPÍTULO IV 5 COMO SE TRADUZ?	259
IV 5. 1 Análise global	259
IV 5. 1. 1 Distribuição sincrónica	259
IV 5. 1. 2 Distribuição diacrónica	260
IV 5. 2 TrD	261
IV 5. 2. 1 Perfil do autor	261
IV 5. 2. 2 Perfil do tradutor	261
IV 5. 2. 3 Perfil da editora	263
IV 5. 2. 4 Género literário	264
IV 5. 3 Trl	264
IV 5. 3. 1 LM	264
IV 5. 3. 2 Perfil do autor	267
IV 5. 3. 3 Perfil do tradutor	267
IV 5. 3. 4 Perfil das editoras	268
IV 5. 3. 5 Género literário	269
IV 5. 4 TrD e Trl marcadas e não marcadas	270
IV 5. 4. 1 Definições operativas	270
IV 5. 4. 2 Distribuição sincrónica	270
IV 5. 4. 3 Distribuição diacrónica	270

CAPÍTULO IV 6 PORQUE SE TRADUZ?	273
IV 6. 1 Décadas de 1850, 1860, 1870, 1880 e 1890	273
IV 6. 2 Década de 1900	275
IV 6. 3 Décadas de 1910, 1920 e 1930	275
IV 6. 4 Década de 1940	276
IV 6. 5 Décadas de 1950 e 1960	277
IV 6. 6 Década de 1970	278
IV 6. 7 Década de 1980	279
IV 6. 8 Década de 1990	280
IV 6. 9 Década de 2000	281
CONCLUSÃO	283
BIBLIOGRAFIA	293
ANEXO A CATÁLOGO	I
ANEXO B CORPUS	XXI

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Hierarquização do sistema mundial de traduções (Heilbron 1999)	23
Figura 2 Contínuo de indirectude	45
Figura 3 Grelha representativa da tradução realizada com recurso a um só TM	46
Figura 4 Grelha representativa da tradução realizada com recurso a vários TM	46
Figura 5 Grelha representativa da tradução realizada com recurso simultâneo ao TP original e a vários TM	46
Figura 6 Grelha representativa da tradução indirecta realizada em duas etapas	46
Figura 7 Grelha representativa da tradução indirecta realizada em mais que duas etapas ...	46
Figura 8 Hierarquia das fontes usadas na identificação da (in)directude dos TC e na identificação dos plausíveis TM/LM	48
Figura 9 Cronograma da história das relações luso-polacas (1855-2010)	97
Figura 10 Distribuição diacrónica do catálogo: primeiras edições vs. edições subsequentes (1751-2010).....	146
Figura 11 Distribuição diacrónica do catálogo: periódicos vs. volumes (1751-2010)	147
Figura 12 Distribuição sincrónica do catálogo: LP	148
Figura 13 Distribuição sincrónica do catálogo: classificação temática.....	150
Figura 14 Esquema de possíveis articulações entre três dimensões da realidade discursiva (tradução e adaptação do modelo de Delabastita 2008)	160
Figura 15 Hierarquia das fontes usadas na verificação da recepção de um TC junto dos leitores.....	166
Figura 16 Modelo de análise	172
Figura 17 Distribuição diacrónica do <i>corpus</i> (1851-2010).....	179
Figura 18 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por década (1851-2010) ...	183
Figura 19 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por seis períodos da história das relações luso-polacas (1855-2010).....	183

Figura 20 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por cinco períodos da história de Portugal (1855-2010)	183
Figura 21 Distribuição diacrónica da fonte de informação relativa às datas das traduções (1851-2010).....	187
Figura 22 Distribuição diacrónica do número de autores versus evolução diacrónica do número volumes (1851-2010).....	192
Figura 23 Distribuição diacrónica da proporção de TC de Sienkiewicz no <i>corpus</i> (1851-2010)	194
Figura 24 Distribuição diacrónica, em períodos de cinco anos, do número de traduções de literatura por cultura de saída, publicadas em Portugal entre 1931-1965 (dados CECC e CEAUL 2009, processados em Março de 2012).....	197
Figura 25 Distribuição diacrónica das traduções polacas de Lem (dados <i>corpus</i>).....	202
Figura 26 Distribuição diacrónica das traduções francesas, alemãs, inglesas e espanholas de Lem publicadas em volume entre 1954 e 2010 (dados de Skibińska e Rzeszotnik 2010)	202
Figura 27 Distribuição diacrónica das traduções polacas de Kapuściński (dados do <i>corpus</i>)	205
Figura 28 Distribuição diacrónica das traduções francesas, alemãs, inglesas e espanholas de Kapuściński publicadas em volume entre 1981 e 2010 (dados de FCBiE-RK 2010)	205
Figura 29 Distribuição diacrónica de traduções de Szymborska para várias línguas entre 1976 e 2006 (dados do <i>Index Translationum</i>)	209
Figura 30 Distribuição diacrónica de TC e de tradutores no <i>corpus</i> (1851-2010).....	228
Figura 31 Distribuição diacrónica da proporção de tradutores de género feminino, masculino e desconhecido no total dos tradutores (1855-2010).....	235
Figura 32 Distribuição diacrónica da proporção no <i>corpus</i> de TC publicados em colecções (1851-2010).....	250
Figura 33 Distribuição diacrónica da classificação atribuída a Sienkiewicz (dados respeitantes a primeiras edições e reedições, 1891-2010)	256
Figura 34 Distribuição diacrónica da proporção das TrD e TrI no <i>corpus</i> (1851-2010)	260
Figura 35 Distribuição sincrónica das LM no <i>corpus</i>	265
Figura 36 Distribuição diacrónica das LM no <i>corpus</i> (1855-2010).....	266
Figura 37 Distribuição diacrónica da proporção de TrD no <i>corpus</i> e da proporção de TrD marcadas no total de TrD.....	272

Figura 38 Distribuição diacrónica da proporção de Trl no <i>corpus</i> e da proporção de Trl marcadas no total de Trl	272
Figura 39 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por década (1851-2010) e da média anual global (1900-2010)	273
Figura 40 Distribuição diacrónica, em períodos de cinco anos, do número global de traduções de literatura a partir de várias línguas publicadas em Portugal entre 1931-1965 (dados CECC e CEAUL 2009, processados em Março de 2013)	277

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Número de ocorrências dos termos “tradução em segunda mão”, “indire(c)tra”, “intermédia”, “intermediada” e “mediada” no <i>Google Scholar</i> (ordem decrescente).....	38
Tabela 2 Restrições impostas ao catálogo	117
Tabela 3 Distribuição de categorias do catálogo	141
Tabela 4 Dimensão do catálogo.....	143
Tabela 5 Completude do catálogo	144
Tabela 6 Classificação temática dos TC	149
Tabela 7 Restrições impostas ao catálogo versus restrições impostas ao <i>corpus</i>	154
Tabela 8 Categorias de dados no catálogo versus categorias de dados no <i>corpus</i>	168
Tabela 9 Dimensão do <i>corpus</i> versus dimensão do catálogo.....	170
Tabela 10 Variação por década do número de volumes publicados (1851-2010).....	181
Tabela 11 Média anual de volumes traduzidos (1855-2010 e 1900-2010).....	184
Tabela 12 Média anual de traduções da literatura polaca e médias anuais de traduções de literatura baseadas em TP em línguas hiper-centrais, centrais e semi-centrais (1930-1965, por ordem decrescente)	185
Tabela 13 Média anual de traduções da literatura polaca e médias anuais de traduções de literatura baseadas em TP em outras línguas (semi)periféricas (1930-1965, por ordem decrescente)	186
Tabela 14 Média anual de traduções da literatura polaca e média de traduções de literatura baseadas em TP em língua checa (1900-2000 e 1943-1992).....	186
Tabela 15 Autores polacos constantes do <i>corpus</i> , por ordem alfabética (1855-2010).....	190
Tabela 16 Autores polacos constantes do <i>corpus</i> , por ordem decrescente do número de vezes em que são traduzidos por autor (1855-2010)	191
Tabela 17 TP que dão origem às (re)traduções de Sienkiewicz presentes no <i>corpus</i> (por ordem decrescente do número de retraduições).....	195

Tabela 18 Traduções dos Prémios Nobel polacos constantes do <i>corpus</i> (por ordem cronológica da atribuição do prémio).....	199
Tabela 19 TP que dão origem às (re)traduções de Sienkiewicz presentes no <i>corpus</i> (por ordem decrescente do número de retraduições).....	204
Tabela 20 Autores traduzidos entre 1855 e 1918	211
Tabela 21 Autores traduzidos entre 1919 e 1939	211
Tabela 22 Autores traduzidos entre 1940 e 1945	211
Tabela 23 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no <i>corpus</i> (1940-1945)	212
Tabela 24 Autores traduzidos entre 1946 e 1974	214
Tabela 25 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no <i>corpus</i> (1946 e 1974)	217
Tabela 26 Autores traduzidos entre 1975 e 1989	219
Tabela 27 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no <i>corpus</i> (1975-1989)	221
Tabela 28 Autores traduzidos entre 1990 e 2010	223
Tabela 29 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no <i>corpus</i> (1990-2000)	224
Tabela 30 Tradutores constantes do <i>corpus</i> , por ordem alfabética (1855-2010)	225
Tabela 31 Tradutores constantes do <i>corpus</i> , por ordem decrescente do número de TC (1855-2010).....	227
Tabela 32 Distribuição sincrónica da proporção de TC anónimos (CECC e CEAUL 2009 versus <i>corpus</i>).....	230
Tabela 33 Distribuição sincrónica da proporção de falantes nativos PL, de falantes nativos PT e de equipas luso-polacas no <i>corpus</i>	232
Tabela 34 Distribuição diacrónica da proporção de falantes nativos PL, de falantes nativos PT e de equipas luso-polacas no <i>corpus</i> (1855-2010)	233
Tabela 35 Distriubuição sincrónica da proporção de tradutores de género feminino, masculino e desconhecido na totalidade dos tradutores versus na totalidade dos tradutores falantes nativos PL.....	234
Tabela 36 Editoras constantes do <i>corpus</i> , por ordem alfabética (1855-2010).....	240
Tabela 37 Média global de volumes por editora (1855-2010).....	240
Tabela 38 Média de volumes por editora, calculada para traduções da literatura em língua polaca e em outras línguas (semi)periféricas (1930-1965, por ordem decrescente).....	241

Tabela 39 Editoras constantes do <i>corpus</i> , por ordem crescente do número de volumes (1855-2010).....	242
Tabela 40 Distribuição diacrónica da média de traduções por editor (1851-2010).....	243
Tabela 41 Distribuição geográfica das editoras (por ordem decrescente da proporção no <i>corpus</i> , 1855-2010)	244
Tabela 42 Coleções portuguesas constantes do <i>corpus</i> , por ordem decrescente do número de TC (1855-2010).....	249
Tabela 43 Seis perfis de coleções constantes do <i>corpus</i> (por ordem decrescente do número de coleções).....	251
Tabela 44 Comparação da classificação genológica de TrD e da totalidade de TC presentes no <i>corpus</i>	264
Tabela 45 Distribuição das TrD e TrI por narrativa, lírica e drama	269
Tabela 46 Propção das TrI e TrD marcadas e não marcadas no <i>corpus</i>	271

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

BEN	bengali	LAT	latim
BUL	búlgaro	LC	língua(s) de chega
CAT	catalão	LM	língua(s) de mediação
CC	cultura(s) de chegada	LP	língua(s) de partida
CDU	Classificação Decimal Universal	MAR	marata
CP	cultura(s) de partida	n/a	não aplicável
CZE	checo	NOR	norueguês
DAN	dinamarquês	PL	polaco/a(s)
DUT	holandês	POL	polaco
EDT	Estudos Descritivos de Tradução	PT	português/portuguesa(s)
ENG	inglês	ROM	romeno
ET	Estudos de Tradução	RUS	russo
FIN	finlandês	s/d	sem dados
FRE	francês	SPA	espanhol
GER	alemão	SWE	sueco
GRE	grego	TC	texto(s) de chegada (final)
HEB	hebraico	TM	texto(s) de mediação
HRV	croata	TP	texto(s) de partida (primário)
ICE	islandês	TrD	tradução directa / traduções directas
ITA	italiano	TrI	tradução indirecta / traduções indirectas
JAP	japonês	TUR	turco

Ao longo da tese, sempre que justificável, os textos registados no catálogo (ANEXO A CATÁLOGO) são referenciados com o acrónimo CAT e o respectivo número atribuído (e.g., CAT 001, CAT 002, etc.). Os textos registados no *corpus* (ANEXO B CORPUS) são referenciados com o acrónimo COR e o respectivo número (e.g., COR 001, COR 002, etc.).

Salvo indicação em contrário, todas as traduções são da responsabilidade da autora.

INTRODUÇÃO

O presente estudo nasce, principalmente, da constatação da escassez de estudos empíricos sistemáticos sobre traduções da literatura polaca publicadas em Portugal, bem como da convicção de que um tal estudo poderá contribuir não só para a melhor compreensão dos mecanismos da importação de textos em versão traduzida pela cultura portuguesa de chegada, mas também para o aprofundamento do conhecimento das relações existentes entre as culturas polaca e portuguesa, em particular, e entre espaços culturais, geográficos e linguísticos com menor capacidade da exportação cultural, em geral (como são os casos da Polónia e de Portugal).

Uma outra motivação que subjaz ao estudo aqui apresentado prende-se com a competência linguística, experiência profissional, formação académica, interesses científicos e vínculo institucional da investigadora (nativa de língua polaca; tradutora; mestre em Estudos Portugueses na variante estudos literários e com pós-graduação na área de Estudos de Tradução; a desenvolver investigação mormente em Portugal no âmbito do grupo de investigação sobre Estudos de Tradução e Estudos de Recepção). Deste modo, o estudo parece cumprir as duas condições identificadas por Pym (1998) como fundamentais para a realização de investigação científica:

any research should be justifiable on at least two grounds. First, it should not have been done before. Second, the people carrying out the research must have an interest in it. Both conditions have to be fulfilled if the work is to make any human sense (Pym 1998: 15).

Para colmatar a lacuna acima referida no mapa mundial das relações culturais operadas através da tradução, o presente estudo foca a história externa da tradução da literatura polaca vertida para português europeu. O facto de o enfoque estar colocado na história externa e não interna da tradução significa que ao invés de centrar a atenção nos textos traduzidos e nas modificações de que eles foram alvo aquando da transferência de uma cultura para outra, o trabalho foca-se, sobretudo, nas circunstâncias e nos agentes envolvidos neste processo. Ao fazê-lo, o trabalho beneficia, fundamentalmente, dos princípios básicos dos Estudos Descritivos de Tradução, completando-os com algumas propostas conceptuais do grupo de Göttingen.

Neste enquadramento teórico, o objectivo da presente investigação reside na exploração da história externa da tradução da literatura polaca publicada em Portugal em volume, sem, no entanto, reclamar a exaustividade no tópico a tratar. Para cumprir estes objectivos, é constituído e analisado um *corpus* de dados contextuais representativo do objecto de estudo, i.e., de traduções de literatura polaca publicadas em Portugal em volume. Relativamente à metodologia da construção do *corpus*, esta consiste no moroso processo de levantamento bibliográfico e filtragem, composto por duas etapas essenciais: compilação de um vasto catálogo de dados contextuais, resultante de uma abordagem holística ao objecto de estudo,

e a subsequente selecção, a partir deste catálogo, de um *corpus* circunscrito conforme as limitações impostas.

No que se refere à análise, o *corpus*, composto por dados contextuais relativos a 113 traduções para português europeu de textos literários escritos originalmente em língua polaca e publicadas em Portugal em forma de livro entre 1855 (data da primeira tradução a cumprir as restrições impostas) e 2010 (data da conclusão da pesquisa bibliográfica), é analisado de acordo com um modelo e um método desenhados propositadamente para o presente estudo. Recuperando várias propostas metodológicas, o modelo permite analisar as correlações entre diversas variáveis contextuais, contribuindo, desta forma, para a identificação de regularidades mais salientes no fluxo de traduções de polaco para português e para a formulação de pistas que futuros trabalhos, baseados noutra direcção de tradução (i.e., de português para polaco), noutros *corpora* e noutras pares de línguas poderão tomar como um ponto de partida.

Tendo em conta o acima exposto, à luz da tipologia proposta por Williams e Chesterman (2002) e Gile (1998) a investigação aqui descrita apresenta-se como: (a) empírica; (b) observacional; (c) exploratória; (d) não-interactiva; (e) quantitativa e (f) indutiva.

Relativamente a (a), a investigação pode ser considerada como empírica uma vez que, ao contrário da investigação teórica (também designada por conceptual e centrada principalmente no processamento intelectual de ideias, cf. Gile 1998: 71; Williams e Chesterman 2002: 58), é focada na recolha e no processamento de dados (Gile 1998: 71; Williams e Chesterman 2002: 58). É de salientar que a colocação da ênfase na recolha e no processamento de dados não significa, de todo, que a investigação ignore fundamentos teóricos ou que não recorra à análise conceptual. Bem pelo contrário, estes elementos são imprescindíveis para a investigação proposta, especialmente aquando da formulação das definições operativas utilizadas na constituição do *corpus*, da explicitação do enquadramento teórico-conceptual e da interpretação dos resultados obtidos. A ênfase significa apenas que o foco é centrado não na (re)interpretação de ideias e conceitos mas, sim, na procura de novas informações obtidas através da análise de dados. No que diz respeito à razão pela qual se optou pela abordagem empírica, esta prende-se com a natureza dos Estudos Descritivos de Tradução, que o presente trabalho reconhece como o enquadramento teórico fundamental.

No que toca a (b), a presente investigação pode ser classificada como observacional (ou naturalista) na medida em que, ao contrário da investigação experimental (que deliberadamente gera fenómenos com o intuito de os estudar, inevitavelmente interferindo no contexto em que se insere o objecto estudado, Gile 1998: 70; Williams e Chesterman 2002: 63), consiste no estudo de fenómenos tal como eles ocorrem na realidade, procurando reduzir ao mínimo a interferência no objecto estudado (Gile 1998: 70; Williams e Chesterman 2002: 62). Dito de outro modo, a investigação pode ser considerada como observacional, uma vez que consiste na observação de dados pré-existentes (apenas processados para fins da presente pesquisa) e não *gerados* intencionalmente e (controlados para isolar factores relevantes) para fins analíticos. Respectivamente à razão atrás do recurso ao método

observacional, este foi imposto pela natureza do objecto a analisar (traduções de literatura polaca publicadas em Portugal em forma de livro, ou seja fenómenos existentes anteriormente ao início da análise e não criados para fins específicos da presente pesquisa).

No que concerne a (c), a investigação pode ser classificada como exploratória na medida em que, ao contrário da investigação analítica com o foco específico (centrada na observação de um objecto muito específico, cf. Gile 1998: 73; Williams e Chesterman 2002: 63) ou da investigação norteada por hipóteses (que visa confirmar ou infirmar uma teoria concreta, cf., Gile 1998: 73; Williams e Chesterman 2002: 63), consiste principalmente na análise de fenómenos sem ter o foco inicial muito restrito e sem a intenção prévia de testar uma hipótese específica (Gile 1998: 72; Williams e Chesterman 2002: 63). Importa salientar, porém, que a inexistência inicial de um foco muito restrito e de hipóteses não significa, de todo, que a exploração seja conduzida aleatoriamente. Bem pelo contrário, desde o começo a investigação é norteada por expectativas preliminares gerais relativas ao resultado do estudo. No caso da presente investigação estas expectativas podem ser formuladas de seguinte maneira:

- é expectável que a análise de dados recolhidos resulte na identificação de regularidades na importação da literatura polaca pelo sistema literário português;
- é expectável que a exploração destas regularidades permita, na medida do possível, explicar alguns dos mecanismos pelos quais se rege esta importação;
- é expectável que as regularidades identificadas, descritas e exploradas no âmbito do presente estudo, baseado no *corpus* relativamente pequeno e limitado a um par de línguas (semi)periféricas e a uma direcção da tradução, sirvam futuramente de ponto de partida para a formulação de hipóteses a serem testadas nos estudos semelhantes mas baseados nos *corpora* de maior dimensão e referentes a pares de línguas (semi)periféricas e direcções de tradução diferentes.

É igualmente de sublinhar que a ausência inicial da hipótese específica significa que a investigação parte necessariamente de uma abordagem preliminar global ao objecto de estudo. Este facto, por seu turno, significa que a tarefa da definição do *corpus* é precedida por uma abordagem inclusiva ao objecto de estudo. No que toca à razão pela qual se optou pelo método exploratório, esta prende-se essencialmente com a quase total inexistência de estudos empíricos sistemáticos sobre a tradução da literatura polaca em Portugal e com a consequente necessidade de, em primeiro lugar, mapear e analisar o panorama geral. Por outras palavras, o recurso ao método exploratório conhece a sua motivação no facto de que, na falta de conhecimento sistemático e aprofundado sobre o tópico a estudar, o mapeamento e a análise do panorama geral se revelam como tarefas mais urgentes do que a análise de um texto, autor ou aspecto específico, ou do que o testar de uma hipótese. Dito ainda de outro modo, a escolha do método exploratório prende-se com o facto de que os dois restantes métodos de investigação alternativos (nomeadamente a investigação analítica com o foco específico ou a investigação norteada por hipóteses) se mostram demasiado limitadoras para a amplitude que o presente estudo visa alcançar. Importa frisar, contudo, que a desistência da aplicação dos métodos alternativos não significa que elas serão

completamente ignoradas. Bem pelo contrário, é de crer que futuramente este estudo exploratório se desdobre em estudos de caso mais restritos que requerem o recurso aos métodos da investigação alternativos supracitados. Contudo, é esperado que futuramente este estudo exploratório se desdobre em estudos de caso mais restritos que requererão o recurso aos métodos da investigação alternativos supracitados.

Relativamente a (d), a presente investigação pode ser considerada como não-interactiva (também designada de interacção baixa) na medida em que, ao contrário da investigação interactiva (também designada de interacção alta, como são os casos de estudos baseados nos questionários ou entrevistas, o objecto de estudo não desempenha um papel *activo* durante a recolha, análise ou avaliação de dados e a interferência do investigador na recolha de dados é reduzida ao mínimo (Gile 1998: 74). Relativamente à razão subjacente ao recurso a este tipo de investigação, este foi imposto pela natureza do objecto a analisar (traduções existentes anteriormente ao início da pesquisa e não criadas para fins específicos da presente análise).

Em relação a (e), a presente investigação pode ser considerada como quantitativa na medida em que, ao contrário da investigação qualitativa (baseada, *grosso modo*, nos dados resultantes principalmente das percepções pessoais e interpretações mais subjectivas dos fenómenos estudados), centra-se nos dados resultantes da quantificação do objecto de análise. É de salientar que o recurso ao método quantitativo não significa que abordagem qualitativa seja completamente abandonada. Bem pelo contrário, as técnicas qualitativas serão empregues, sobretudo, para estabelecer definições operativas e considerar o enquadramento teórico-conceptual. A utilização de uma abordagem quantitativa significa apenas que será privilegiada não a compreensão das percepções individuais/pessoais do objecto de estudo, mas antes a recolha dos factos e a análise das relações entre eles. O privilégio dado à abordagem quantitativa foi motivado não num ideal de objectividade potencialmente ilusório, mas antes na necessidade sentida de descrever e quantificar em certa medida os dados contextuais, de forma a que, no futuro, estes possam ser completados com dados resultantes duma abordagem qualitativa.

Por fim, no que se refere à (f), a presente investigação pode ser vista como indutiva na medida em que, ao contrário da investigação dedutiva (que segue a cadeia de raciocínio em ordem descendente (*top-down*), i.e., de análise do geral para o particular), segue a cadeia de raciocínio em ordem ascendente (*bottom-up*), i.e., de análise do particular para o geral. Por outras palavras, ao contrário da investigação dedutiva, que leva à conclusões específicas com base nas generalizações, a presente investigação parte da observação dos dados específicos, passando pela identificação das regularidades e levando à elaboração das generalizações. Este facto, por sua vez, não significa que não se recorre ao raciocínio dedutivo. Significa apenas que, ao invés de ser guiada por hipóteses, a investigação poderá, eventualmente, a elas conduzir e que, ao invés de partir de generalizações parte da observação de casos de realidade concreta. O recurso ao método indutivo foi determinado pelo carácter exploratório da presente pesquisa.

A exposição dos resultados da presente investigação encontra-se estruturada em quatro partes essenciais:

Parte I Enquadramento teórico-conceptual

Nesta parte são apresentadas as propostas teóricas e conceptuais de que o presente estudo tira partido. No CAPÍTULO I 1 são identificados e discutidos os princípios básicos dos Estudos Descritivos de Tradução, que o presente estudo reconhece como enquadramento teórico fundamental. No CAPÍTULO I 2 são expostas as propostas do Grupo de Göttingen relativamente ao conceito da história externa da tradução. No CAPÍTULO I 3 é abordado conceito de línguas periféricas e a sua relação com tradução. No CAPÍTULO I 4 é apresentado e discutido o fenómeno de tradução indirecta.

Parte II Contexto histórico

Nesta parte é apresentado o contexto histórico que terá influenciado a importação da literatura polaca, em versão traduzida, pela cultura portuguesa de chegada. Como as balizas cronológicas da presente investigação foram definidas pelos anos 1855 e 2010, é neste escopo temporal que se centrarão os capítulos da presente parte. No CAPÍTULO II 1 são expostos os elementos da história da cultura polaca. No CAPÍTULO II 2 são apresentados os elementos da história da cultura portuguesa. No CAPÍTULO II 3 é oferecida uma sinopse da história das relações luso-polacas no período em apreço.

Parte III Metodologia

Nesta parte é apresentada a metodologia utilizada aquando da constituição e análise do *corpus*. Como foi acima referido, a constituição do *corpus* consistiu em duas etapas essenciais: a compilação de um vasto catálogo de dados contextuais e a subsequente selecção, a partir deste catálogo, de um *corpus* em que incide o grosso da análise efectuada na PARTE IV. Enquanto no CAPÍTULO III 1 se descreve em pormenor a primeira etapa (compilação do catálogo), no CAPÍTULO III 2 discutem-se várias decisões tomadas aquando da segunda (selecção do *corpus*). No CAPÍTULO III 3, por seu turno, apresenta-se o modelo e método aplicados na análise do *corpus*. Com isto pretende-se obter a maior transparência e replicabilidade possível, tornando os dados recuperáveis por estudos a desenvolver e criando espaço a uma constatação futura.

Parte IV Análise

Nesta parte são apresentados os resultados da análise dos dados contextuais recolhidos no *corpus*, conduzida de acordo com o modelo e o método expostos na parte anterior. O modelo é composto por seis interrogações (quando se traduz, o que é traduzido, por quem, onde, como e porquê?). São estas questões que estruturam a divisão dos capítulos na PARTE IV.

CD

O CD-rom que acompanha a presente tese disponibiliza, em formato digital, o catálogo e o *corpus* resultantes dos processos de compilação e selecção descritos na PARTE III.

Anexo A

Este anexo contém a versão impressa do catálogo (resultante do processo de compilação descrito no CAPÍTULO III 1) disponibilizado igualmente em suporte digital (CD) que acompanha a presente tese. Devido a limitações de espaço, a versão impressa do catálogo encontra-se substancialmente reduzida em comparação com a versão digital, sendo apenas apresentados dados contextuais relativos aos textos de chegada explicitamente referidos no decorrer da tese.

Anexo B

Este anexo inclui a versão impressa do *corpus* (resultante do processo de selecção descrito no CAPÍTULO III 2) disponibilizado igualmente em suporte digital (CD) que acompanha a presente tese. Devido à mudança de suporte, a versão impressa do *corpus* apresenta algumas alterações face à versão digital.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO- CONCEPTUAL

CAPÍTULO I 1

ESTUDOS DESCRITIVOS DE TRADUÇÃO

No presente capítulo são identificados e discutidos os princípios básicos dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT), também conhecidos por *Polysystem Approach* (nome inspirado no termo “polisistema”, considerado inicialmente um dos conceitos principais desta abordagem), ou *Manipulation School* (inspirado no título da obra programática de Hermans 1985), que o presente estudo reconhece como enquadramento teórico fundamental. Em nome da clareza, será de salientar que, com este capítulo, bem como com os restantes incluídos na PARTE I da tese, se pretende explicitar e problematizar os principais conceitos e as propostas teóricas de que o trabalho agora apresentado tira partido, sem, no entanto, reclamar o tratamento exaustivo dos tópicos a tratar. Procura-se, antes, assinalar e discutir as questões mais salientes que emergem no tratamento destes tópicos.

I 1. 1 Abordagem descritivo-explicativa

Tradicionalmente, estudos focados na tradução eram de pendor eminentemente especulativo, prescritivo e a-históricos. Em contraposição a estas abordagens, Toury (1995) apresenta os EDT como estudos empíricos norteados pelo objectivo de proporcionar uma descrição sistemática “of what it [translation] proves to be *in reality*” (Toury 1995: 32, ênfase no original), i.e., num determinado contexto histórico. Esta descrição poderá, subsequentemente, levar à compreensão e explicação das regularidades identificadas no estudo de tradução, conforme sublinhado em Rosa (2010):

by considering the interdependency of translation as product, process and function, and by relating regularities uncovered by such a description with features of the sociocultural context constraining them, DTS [EDT] also aspires to both understand and explain the described regularities.

Para além disso, através da identificação das relações de sequência, correlação ou causalidade entre diversas variáveis, os EDT contribuem para a formulação das leis teóricas probabilísticas, capazes de predizer que forma a tradução poderá tomar em determinados contextos. Em suma, de acordo com o enquadramento teórico assumido, EDT evitam “value judgments in (...) presenting findings, and/or refuse to draw any conclusions in the form of recommendations” (Toury 1995: 2). Ao invés disso, procuram descrever fenómenos analisados de forma sistemática, explicá-los e, na medida do possível, estabelecer princípios gerais pelos quais os mesmos fenómenos poderão ser previstos..

I 1. 2 Reorientação para a cultura de chegada

No encalço de Hermans (1985: 13), que defende que o estudo descritivo da tradução “should start from the empirical fact, i.e., from the translated text itself”, Toury propõe a definição de tradução como fenómeno da CC. Nesta configuração, as traduções passam a

ser entendidas como “facts of the target culture; on occasion facts of a special status, sometimes even constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any event” (Toury 1995: 29). Por consequência, o fenómeno da tradução enquadra-se e correlata, primordialmente, no e com o contexto sociocultural da CC. Como tal, a tradução deve ser perspectivada com o fruto dos constrangimentos e influências oriundos da cultura receptora.

Esta proposta mostrou-se determinante na mudança do paradigma vigente, predominantemente centrado no TP (considerado como o ponto de referência na análise avaliativa do TC). De facto, a proposta de Toury desencadeou uma reorientação dos ET da tradicional prescrição a-histórica (como uma tradução deve ser) para a descrição da tradução num determinado contexto histórico (como uma tradução é na realidade). No seguimento desta reorientação o foco passa da comparação entre o TP e o TC para o estudo das relações existentes entre vários TC e entre os TC e o CC.

Convirá ressaltar que uma tal reorientação dos ET impõe necessariamente um determinado conjunto de limitações, que têm sido alvo de repetidas críticas. Neste contexto, as apreciações críticas de Pym (1998) e Niranjana (1992) serão de particular interesse para o presente estudo. O primeiro autor critica o pouco destaque atribuído aos tradutores (considerados como agentes que operam num determinado contexto histórico) e o foco excessivo na CC (que desvia a atenção das outras explicações para o comportamento tradutório, já que as causas subjacentes a este comportamento poderão ser igualmente latentes no sistema de partida ou num sistema mais vasto que inclui tanto o sistema receptor como o sistema emissor). A segunda autora aponta para a subalternização, no estudo das trocas interculturais operadas através da tradução, da relevância de questões como a ideologia e as relações de poder.

Com vista a ultrapassar estas limitações, não deixando de seguir a linha de reorientação dos EDT para a CC, no presente estudo serão também tidos em consideração (a) os agentes de tradução (tradutores, editores, etc., cf. Milton e Bandia 2009) e as relações de poder que se estabelecem entre eles na CC; assim como (b) as relações que a CC estabelece com a CP e com outras culturas no âmbito de sistemas mais vastos. Para este efeito, procurando complementar os pressupostos básicos dos EDT, o presente estudo recorrerá às propostas teóricas de Casanova (2002; 2004) e Heilbron (1999; 2010).

I 1. 3 Normas e regularidades

Os EDT abrem o caminho para a perspetivação da tradução como uma actividade regulada por constrangimentos sociais. Neste contexto o lugar central é atribuído às chamadas normas de tradução. Estas surgem definidas por Toury de seguinte maneira:

the translation of general values or ideas shared by a community – as to what is right and wrong, adequate and inadequate – into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations. (Toury 1999: 14)

Segundo Toury, as normas situam-se num espaço intermédio de um contínuo gradativo e dinâmico composto por constrangimentos socioculturais, sendo que o extremo máximo do mesmo contínuo é ocupado por regras (com elevada força normativa) e o extremo mínimo por idiossincrasias (com força normativa pouco elevada). Sendo fruto da CC, as normas, constituindo elas próprias um contínuo gradativo, formam uma categoria histórica e variável. Como ressalva Schäffner (2010), “some norms may be more forceful and closer to rules, whereas others only exert a rather weak influence. Moreover, norms are not fixed once and for all but can change in the course of time”.

Visto que a tradução envolve, por regra, (pelo menos) duas línguas e duas culturas, o tradutor confronta-se com (pelo menos) dois sistemas de normas. Estas normas conhecem uma classificação tripartida: normas iniciais, preliminares e operacionais. O primeiro tipo (normas iniciais) influencia a opção do tradutor pela adesão às normas da CP (que determinam a adequação relativamente ao TP) ou às normas da CC (que determinam a aceitabilidade da tradução na CC, i.e., a sua adequação às circunstâncias do contexto receptor). De sublinhar que a prioridade atribuída às normas iniciais é de cunho semiótico e não cronológico. O segundo tipo (normas preliminares) governa a estratégia de tradução geral relativa à escolha dos textos a traduzir, assim como o grau de tolerância às traduções indirectas. O terceiro tipo (normas operacionais) controla as decisões tomadas no decorrer do acto de tradução. Estas normas conhecem duas vertentes: (a) as normas matriciais, referentes à extensão, distribuição e segmentação do texto a traduzir (e.g., omissões a nível de superestrutura, reestruturação do texto); e (b) as normas linguístico-textuais, que se reportam à selecção das determinadas características linguístico-textuais de chegada (e.g., lexicais, sintácticas).

Para efeitos da presente investigação, que visa estudar as constantes e variações na história externa da tradução da literatura polaca, revela-se de particular relevância a distinção estabelecida por Toury entre o conceito de normas e o conceito de regularidades:

whatever regularities are observed, they themselves are not the norms. They are only external evidence of the latter's activity, from which the norms themselves (that is, the “instructions” which yielded those regularities) are still to be extracted. (Toury 1999: 15)

De facto, enquanto as regularidades são identificáveis nos textos traduzidos, as normas, entendidas como constrangimentos comportamentais interiorizados, não são directamente observáveis. Assim sendo, somente a partir das regularidades identificadas em traduções produzidas por vários tradutores é possível extrair as normas em vigor. Neste sentido, com base nas regularidades apontadas no presente estudo poder-se-ão, eventualmente, apontar as normas vigentes na cultura portuguesa em relação às traduções da literatura polaca.

Convém ressaltar, porém, que a relação de causalidade entre as regularidades e as normas não pode ser tomada como um dado adquirido. De facto, como sublinha Toury (1995: 15),

it is regularities in the observable results of a particular kind of behaviour, assumed to have been governed by norms, which are first noted. Only then does one go on to extract the norms themselves, on the (not all that straightforward) assumption that observed regularities testify to recurrent underlying motives, and in a direct manner, at that. Norms

thus emerge as *explanatory hypotheses* (of observed behaviour) rather than entities in their own right.

Nesta linha de pensamento, Chesterman (2006: 16) avança que

the cause of an observed regularity *may* be the existence of a norm, but it does not have to be. Other possible causes include cognitive constraints, time and task constraints, or factors concerning the translator's background knowledge and proficiency – and of course chance.

I 1. 4 Tradução assumida

Desenvolvendo as propostas teóricas de Holmes (1988: 71), segundo o qual o objectivo dos ET se prende com a descrição das traduções “as they manifest themselves in the world of experience”, Toury opta pela “overall culture-internal notion of assumed translation” e encara a tradução como “all utterances which are presented or regarded as such within the target culture, on no matter what grounds”(Toury 1995: 32).

O estudo destas traduções assumidas assenta em três postulados distintos (Toury 1995: 35):

- o pressuposto de existência de um TP (que, no entanto, não se mostra válido no caso das chamadas pseudotraduções, i.e., “texts which have been presented as translations with no corresponding source texts - Toury 1995: 40”);
- o pressuposto de existência de um processo de transferência de certas características do TP para o TC (cabe ao investigador descobrir quais); e, em resultado deste processo;
- o pressuposto da existência de relações que unem o TP e o TC (a natureza destas relações é variável, mudando de um caso para outro).

Como sublinham vários autores, a noção de tradução assumida é altamente relativista (na medida em que substitui definições apriorísticas pelas autodefinições próprias da CC) e inclusiva (uma vez que permite abarcar não só textos designados como tradução mas também os apresentados como versão livre, adaptação, resumo). Por este motivo, a sua aplicação levanta vários problemas metodológicos. A título de exemplo, Halverson (2004) aponta para a excessiva arbitrariedade deste conceito, enquanto Pym (1998) chama a atenção para a inexistência de uma indicação explícita que permita distinguir a tradução da não-tradução. Para ultrapassar estas limitações, a presente investigação recorre e desenvolve as propostas metodológica de Delabastita (2008) (veja-se III 2. 3. 1 2).

I 1. 5 Metodologia de análise

Segundo Toury, estudos que perspectivam traduções como factos culturais devem partir da observação do TC, sem que isso implique necessariamente a análise do TP e da relação estabelecida entre o primeiro e o segundo. Para tal, propõe-se uma metodologia de investigação tripartida (Toury 1995: 36–39, 102). O primeiro passo consiste na identificação e descrição dos textos que a CC considera como traduções. O segundo assenta na análise comparativa dos TP e TC norteada pelo objectivo de identificar as relações mantidas entre

estes textos e os contextos socioculturais correlatos destes textos. A última, terceira etapa passa pela identificação das regularidades que poderão, eventualmente, conduzir à identificação de normas de tradução vigentes na CC e, em última instância, indicar caminhos para o trabalho futuro (com outros *corpora*). Enquadrando-se o presente estudo nos EDT, a metodologia proposta por Toury será aqui aceite como um fio condutor geral. De facto, a presente investigação inicia-se com a identificação dos TC, passa pela análise de relações estabelecidas através da tradução entre a CP e a CC e conduz à identificação das regularidades que poderão servir de ponto de partida para a formulação de hipóteses a serem testadas futuramente.

Não obstante o acima exposto, as propostas de Toury revelam-se excessivamente genéricas para poder resolver todas as questões metodológicas que surgiram no decorrer do presente estudo. Por esta razão, mostrou-se imprescindível recorrer a uma metodologia e um modelo de análise, criados propositadamente para efeitos da presente investigação, que conciliam as propostas de Toury com as do chamado grupo de Göttingen (veja-se I 2. 2 e III 3. 1).

CAPÍTULO I 2

HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Tendo em conta que o trabalho agora apresentado é essencialmente de teor histórico, este capítulo dedicar-se-á ao conceito de história da tradução, sendo particular relevo atribuído à noção de história externa. Em primeiro lugar, estabelecer-se-ão a definição e o objecto de estudo da história da tradução. Em segundo, problematizar-se-á a noção de história externa. Por fim, apresentar-se-á, sucintamente e sem pretensões de exaustividade, o estado-da-arte da investigação realizada no âmbito dos estudos históricos da tradução.

I 2. 1 Definição e objecto de estudo

Na esteira de D'hulst (2010: 397), para fins da presente investigação o conceito da história será perspectivado como “the proper sequence of facts, events, ideas, discourses, etc.” Por extensão, por história entender-se-á igualmente “written mode of presentation of these facts, events, etc.” (D'hulst 2010: 397). Com este pano de fundo, a história da tradução será encarada como “a specific viewpoint applied to the variety of material objects that share the label ‘translation’” (D'hulst 2010: 397).

Nesta configuração, o objecto de estudo da história da tradução poderá ser formalizado através de uma série de indagações que norteiam a análise diacrónica a conduzir. Diversos são os autores que se propõem, de modo mais ou menos explícito, formular e justapor estas interrogações. Entre estas propostas destacam-se as seguintes combinações:

- “who translated what, when, why and in what way, and why in this particular way” (Kittel 1988 *apud* Hermans 2004: 202);
- “quis? quid? ubi? quibus auxiliis? cur? quomodo? quando? (quem? o quê? onde? com que auxílio? porquê? como? quando?)” (Vindocinensis 1175 *apud* D'hulst 2010);
- “who translated what, how, where, when, for whom and with what effect?” (Pym 1998: 5).

Embora seja possível registar algumas divergências, a sobreposição das propostas acima apresentadas é manifesta. Nesta óptica, parece legítimo propor, seguindo Koster (2002), que

the effort of writing a history of translation (...) actually boils down to answering questions who translated what, when, where, how and why (there may be a few more, but these five are the most basic ones). (Koster 2002: 24)

I 2. 2 Problematização

De acordo com Hermans (2004: 20), estudos histórico-descritivos de tradução são habitualmente associados a dois grupos principais: (1) a, já referida, *Manipulation school* e (2) o *Sonderforschungsbereich 309 “Die literarische Übersetzung”*, correntemente designado por grupo de Göttingen (cf. Bernardo 1999: 604). Com existência formal entre 1985 e 1996 e

permanecendo no presente em moldes menos formais, o segundo grupo visava delinear a história da cultura da tradução literária para alemão (Bernardo 1999: 605).

Apesar das óbvias semelhanças entre os dois grupos, enumeradas por Hermans (2004: 201) de seguinte modo:

concentration on research into translation as part of cultural history; an interest in translations as products rather than in the translation process; a predominant but not exclusive interest in literary translation; the presence of a broadly functionalist framework; a preoccupation with methodological issues which takes its cue from literary studies rather than linguistics; a desire to contextualize translation and to legitimize the study of translation in context both of literary and comparative studies and of the study of individual literatures and cultures,

é possível constatar diversas discrepâncias. Estas surgem explicitadas na seguinte citação:

[the Göttingen group] is more textually oriented and corpus-based, producing detailed philological analyses while the Manipulation group is more interested in case studies as illustrations of theoretical and methodological points. If the Manipulation group is largely target-oriented (...) the Göttingen group describes its own approach as transfer-oriented. (Hermans 2004: 201)

Não obstante as supracitadas divergências, a presente investigação pressupõe que as propostas teórico-metodológicas do grupo de Göttingen se revelam complementares em relação às propostas teóricas da chamada *Manipulation school*, que o presente estudo reconhece como enquadramento fundamental, sendo por isso conciliáveis entre si. A exequibilidade da conciliação destas propostas foi comprovada por Maia (2012) e Rosa (2013), para mencionar apenas os estudos mais recentes sobre traduções em língua portuguesa. É de referir ainda que diversos estudos desenvolvidos no âmbito de EDT recorrem às propostas do grupo de Göttingen, sem as reconhecer explicitamente; outros, por seu turno, utilizam as propostas de forma explícita, recorrendo, no entanto, a uma nomenclatura diferente.¹ No texto que se segue, as propostas do grupo de Göttingen, consideradas relevantes para o presente trabalho, serão alvo de uma problematização mais aprofundada.

O grupo de Göttingen estabelece uma distinção entre a história da teoria e da prática da tradução. Como o próprio nome indica, a primeira vertente centra-se explicitamente na teorização em torno do conceito de tradução, produzida por estudiosos, críticos e tradutores e recuperável através da análise dos prefácios, recensões críticas, etc.. No que toca ao segundo tipo, este conhece uma subdivisão em história externa e interna da tradução.

A história externa da tradução é norteada pelo intuito de identificar as obras traduzidas e analisar o contexto cultural, institucional, político e social em que surgem (Bernardo 1999: 622). Por seu turno, a história interna da tradução visa analisar “as características das próprias traduções, acompanhando cronologicamente as diferentes formulações que as sucessivas traduções de uma mesma obra foram evidenciando, o que permite fazer um historial do estilo e da interpretação da obra traduzida no respectivo contexto” (Bernardo 1999: 622). Efectivamente, enquanto o foco da história externa recai sobre “facts of

¹ Para um bom exemplo do primeiro tipo de estudos veja-se Špirk (2011) que, ao analisar as traduções de checo para português, parte da história institucional de traduções (censura, não tradução, contexto

translational life, in a sense that is akin to literary life” (Frank 2004: 808), a história interna centra-se em “textual facts of literary translation” (Frank 2004: 808). Por outras palavras, enquanto o primeiro tipo estuda “the circumstances, the institutions (...) as well as the agents” (Frank 1990: 9), o segundo debruça-se sobre “the texts themselves (...), the modifications and deviations that the works have undergone in translational transfer” (Frank 1990: 9). Em suma, a história externa poderá ser perspectivada como “the kind of history to be constructed from context” (Koster 2002: 24) e a interna como “the kind of history to be construed from text” (Koster 2002: 24).

Tendo em conta as supracitadas discrepâncias, os dois tipos da história da prática da tradução são guiados por perguntas distintas. De acordo com Kittel (2004: 808), a história externa é guiada por, mas não limitada a, cinco questões principais. Como exemplificado abaixo, estas perguntas principais conduzem a diversas interrogações mais específicas:

- o que se traduz (e, em particular, que géneros? quais autores? em que formato? o que não se traduz?, etc.): esta questão principal conduz a uma reflexão em torno dos critérios de selecção dos textos a traduzir, podendo ser abordada, e.g., através do estudo de norma preliminar da política de tradução (Toury 1995).
- quando se traduz? (e, em particular, com que frequência? quanto tempo medeia entre a publicação do TP e do TC?, etc.): esta interrogação convida a uma reflexão sobre os diferentes modos da categorização temporal (periodização) ou distribuição diacrónica (alterações no fluxo) dos textos traduzidos.
- onde se traduz (e, em particular, onde se publicam, imprimem e distribuem as traduções? em que editoras, antologias, colecções, séries literárias?): as possíveis respostas às indagações assim colocadas contribuem, potencialmente, para a história do livro e da edição.
- quem traduz? (e, em particular, como se podem descrever os tradutores que produzem as obras traduzidas? quais as suas competências linguísticas? qual o grau de profissionalização?): esta interrogação poderá ser abordada de diferentes perspectivas, e.g., “intellectual and social backgrounds (training, gender, socio-economic, ideological and cultural profile), production (translational, critical, authorial etc.), group formation and network relations” (D’hulst 2010).
- como se traduz? (e, em particular, qual o objectivo do tradutor? aderir às normas da cultura de partida (adequação) ou de chegada (aceitabilidade)? traduz-se directamente do original ou por via de uma terceira língua? em cumprimento das normas e expectativas dominantes?): como poderá aferir-se deste elenco de questões específicas, a resposta a esta pergunta principal passa frequentemente pela averiguação das alterações temporais e espaciais das normas que guiam a produção de textos traduzidos (Toury 1995).

Por sua vez, a história interna é, em larga medida, norteadada por uma pergunta geral, formulada de seguinte modo: como é esta tradução em particular (Kittel 2004: 808)? Esta indagação desdobra-se em questões mais específicas, por exemplo:

is the translation equivalent to the original, so-called, in terms of content, style, effect, or

whatever feature a translation scholar thinks important? Is it acceptable on the target side as a literary work – but who is to say? Is it a great translation that marks a step forward in translation history – in whose judgement: the scholars? (Kittel 2004: 808)

Para efeitos da presente investigação mostra-se particularmente significativo salientar que, ao revisitar as propostas do grupo de Göttingen, Pym (1992) depara com a ausência de uma componente explicativa tanto na história externa como interna, argumentando que

neither [external nor internal history] can become properly historical until they project substantial responses to the far more vital questions – peculiarly overlooked in the Göttingen programmes – "why this text? (why not another?)", "why in this way? (why not in another)". (Pym 1992: 224)

Em resposta a esta crítica, Koster (2002: 24) propõe que às interrogações que norteiam os dois tipos da história da prática da tradução se acrescente mais uma, a saber: porque se traduz? A resposta a esta questão conduz recorrentemente à formulação de hipóteses explicativas, formuladas com base na reconstrução da plausível intersecção entre vários factores, como normas da CC, constrangimentos políticos e económicos, procedimentos de tradução, etc..

De igual importância para o presente estudo se afigura a relação sequencial que se estabelece entre a história externa e interna: a primeira necessariamente precede a segunda. Esta sequência é justificada por Koster (2002: 24) com a seguinte argumentação:

it is possible to write a relevant and useful external history without an internal one, but it seems hardly feasible that it is possible to write an internal history of relevance without some kind of contextualization, without paying attention to external factors.

A supracitada convicção é partilhada por vários autores. Como exemplo, Rosa (2013) defende que:

a cartography of translated works is needed in order to obtain a microscopic view. (...) It is important to first get the wider picture (...) before applying a microscopic view and researching their textual-linguistic make-up.

Efectivamente, para que se possa levar a cabo uma micro-análise pertinente das características textuais de uma tradução, mostra-se imprescindível realizar previamente uma macro-análise do contexto em que ela surge.

Este pressuposto, aliado à virtual inexistência de estudos empíricos sistemáticos sobre traduções da literatura polaca, parece justificar a delimitação do escopo do presente trabalho à história externa, em detrimento da história interna da tradução. Assumidamente, para que, no futuro, se possam conduzir estudos sobre as características textuais das traduções portuguesas de literatura polaca (história interna), mostra-se crucial averiguar, em primeira instância, qual a história externa destas traduções. Como anunciado na INTRODUÇÃO, é este o objectivo do presente trabalho. Por conseguinte, são as seis interrogações colocadas no âmbito da história externa (i.e., quem traduz o quê, quando, onde, como e porquê?) que guiam a análise dos dados aqui proposta. Espera-se que o estudo assim desenhado contribua para o mapeamento das traduções do polaco, abrindo horizontes para trabalhos futuros no âmbito da história interna.

I 2. 3 Investigação no âmbito da história da tradução

No notório modelo elaborado por Holmes (1988), estruturador dos ET, os estudos históricos de tradução (*Historical Translation Studies*) encontram-se incorporados no ramo de estudos orientados para o produto. Este posicionamento é indicativo do baixo estatuto concedido à investigação histórica no âmbito dos EDT, em particular no início da década de 1980. Em boa verdade, o modelo de Holmes (1982) parece desvalorizar o facto de que:

historical viewpoints may be applied to the entire set of scholarly activities dealing with translation, thus including process and function oriented activities, as well as translation theories and even applied forms of research such as criticism or training. (D'hulst 2010)

Independentemente deste menor estatuto, a partir da década de 1980 assiste-se, internacionalmente, a um incremento substancial do interesse académico pela história da tradução: organizam-se diversos encontros científicos, lançam-se múltiplos projectos e publicam-se vários artigos, teses, números especiais, monografias e bibliografias com foco especial na abordagem histórica à tradução. O aumento deste interesse é particularmente visível através da contagem (efectuada em Setembro de 2010) da ocorrência dos registos classificados sob a palavra-chave “historical approach=historiography=history” na *Translation Studies Bibliography (TSB)* (Gambier e van Doorslaer 2004), i.e., numa das maiores bases de dados que acumula referências às publicações académicas na área de ET. A consulta desta base de dados permitiu concluir que, enquanto na década de 1980 o número de registos com esta classificação corresponde a cinquenta e quatro entradas, nos anos 1990 sobe para quatrocentos e na primeira década do século XXI para 640.. Embora a listagem exaustiva destes trabalhos seja aqui inexequível, entre as obras consideradas internacionalmente mais influentes contam-se Steiner (1975), Berman (1989), Delisle e Woodsworth ([1995] 2012) e Pym (1998). Apesar de muito diversificada, a investigação histórica conduzida no âmbito de ET poderá ser, segundo Woodsworth (1998: 102-103), estruturada de acordo com seis parâmetros. Mais concretamente, os trabalhos ao abrigo da história da tradução poderão organizar-se em função de (a) espaço e tempo (e.g., Cronin 1996, sobre a história da tradução na Irlanda); (b) tipologia textual (e.g., Nord 2003, sobre a tradução da Bíblia); (c) momentos de grande actividade tradutória (e.g., Pym 1994, sobre a Escola de Toledo); (d) género (Flotow 1997, sobre género e tradução); (e) instituições (e.g., Delisle 1990 sobre a Associação dos Tradutores em Québec); e (f) relações de poder (Niranjana 1992, sobre tradução e pós-colonialismo).

Este recente incremento de interesse pela história da tradução é igualmente patente nos meios académicos portugueses. Apesar de ainda não ter ganho a merecida visibilidade na arena internacional (Seruya 2010: 117), a história da tradução em Portugal tem sido alvo de desenvolvimento e expansão notórios, especialmente na primeira década do século XXI. À semelhança do que se verificou no contexto internacional, têm sido organizados vários congressos, lançados projectos individuais e colectivos e publicados estudos relevantes sobre a vertente teórica e prática da história da tradução em Portugal. A este respeito, face à impossibilidade de proporcionar aqui um elenco exaustivo, a presente investigação limitar-se-á a referir apenas os trabalhos globalmente considerados como mais influentes para a

construção da história da tradução em Portugal. Assim, na linha da investigação da história da teoria da tradução em Portugal (mais especificamente, em língua portuguesa), particular relevo merecem, entre outros, Castilho (1997) e Sabio e Fernández (1998), i.e., as primeiras antologias dedicadas quase na íntegra à reflexão sobre tradução em Portugal. No que toca à história da prática da tradução, no âmbito da história externa, poder-se-á apontar, em primeira instância, para três bibliografias maiores: Rodrigues (1992-1999), TETRA (s.d.) e CECC e CEAUL (2009). Estas três obras de referência que, por vias e com escopos cronológicos diferentes, cartografam a história das obras traduzidas para português, constituem tipicamente o ponto de partida para os demais trabalhos desenvolvidos no âmbito da história interna.

Apesar destes avanços, o domínio da história da tradução, tanto no contexto internacional como no português, continua ainda consideravelmente lacunar e deficitário. Como argumenta D'hulst (2010):

all in all, when one considers the history of translation (...), one cannot but admit that the latter did not yet reach the status of a proper discipline (or subdiscipline). (...) Time has possibly come to develop the long-time neglected branch of history.

Espera-se que o presente estudo, embora reconhecidamente modesto, constitua um passo neste sentido.

CAPÍTULO I 3

TRADUÇÃO ENTRE LÍNGUAS PERIFÉRICAS

Como fica patente logo no título do presente trabalho, o foco central da investigação aqui descrita recai sobre duas línguas: polaca e portuguesa (variante europeia). Embora consideravelmente diferentes (a primeira é uma língua eslava, a segunda românica), ambas pertencem ao conjunto de línguas designadas, para fins do presente trabalho, por (semi)periféricas ou dominadas, i.e., com o saldo de intercâmbio tradutório negativo, já que importam muito mais traduções do que exportam. Reconhecidamente, a tradução entre este tipo de línguas obedece a mecanismos consideravelmente distintos daqueles que regem as trocas entre línguas aqui designadas como dominantes ou centrais (com um saldo de intercâmbio tradutório positivo). No presente capítulo o conceito de línguas (semi)periféricas/dominadas será abordado com mais detalhe. Em primeiro lugar, proporcionar-se-ão possíveis definições destes conceitos para que, em seguida, se proceda à sua problematização. Numa última fase será apresentada uma sucinta revisão bibliográfica de estudos sobre tradução entre línguas periféricas, considerados relevantes para fins do presente trabalho.

I 3. 1 Definição

Tendo em conta que o grupo de línguas com fraca capacidade exportadora se revela consideravelmente mais numeroso do que o grupo com posição inversa (ou seja, o das línguas a partir das quais se produz um elevado número de traduções e para as quais se traduz pouco), chegar a uma designação genérica consensual, capaz de abarcar todas as línguas deste grupo, revela-se um exercício complexo. A inexistência de tal designação genérica resulta na proliferação de termos que nem sempre são sinónimos e nem sempre surgem acompanhados de uma definição explícita. Entre eles encontram-se (por ordem alfabética):

- línguas dominadas (Casanova 2002: 8), i.e., línguas com baixo capital literário, que contrastam com línguas dominantes (com alto capital literário);²
- línguas fracas (Asad 1986 *apud* Wolf 1995), i.e., línguas dos países emergentes (i.e., em desenvolvimento), que diferem das línguas fortes (dos países desenvolvidos);
- línguas menores (Cronin 2009:5), i.e., línguas de difusão limitada ou intermédia, que se diferenciam das línguas maiores (de difusão ilimitada);
- línguas menos traduzidas (Branchadell e West 2005: 1), i.e., “languages that are less often the source of translation in the international exchange of linguistic goods, regardless of the number of people using these languages”. Estas línguas contrastam com línguas mais traduzidas que, por analogia, podem ser definidas como línguas que servem mais frequentemente de LP e menos frequentemente como LC;

² Para uma definição do conceito capital literário, veja-se I 3. 2. 2.

- línguas minoritárias (Venuti 1998: 135-136), i.e., “languages [...] that lack prestige or authority, the non-standard and the non-canonical, (...) not spoken or read much by a hegemonic culture; (...) minority language is that of a politically dominated group, but also language use that is heterogeneous, that deviates from the standards.” Uma definição alternativa à de Venuti é proposta por Branchadell (2011), que entende línguas minoritárias como “languages that are both (i) traditionally used within a given territory of a state by nationals of that state who form a group numerically smaller than the rest of the state’s population and (ii) different from the official language(s) of that state, on the understanding that such definition (iii) do not include either dialects of the official language(s) of the state or the languages of migrants”;
- línguas (semi)periféricas (Heilbron (1999; 2010), i.e., línguas que ocupam uma posição (semi)periférica no sistema mundial de tradução, e que constituem a LP para menos que 3% do total de traduções. As línguas (semi)periféricas podem ser contrastadas com as línguas hipercentrais, centrais ou semicentrais, i.e., as que ocupam uma posição mais perto do centro do sistema;
- *target-language intensive languages* (Cronin 1995: 88), i.e., línguas que servem mais frequentemente como LC e menos frequentemente como LP. Estas contrastam com as chamadas *source-language intensive languages* i.e., “languages where there is intense translation activity from [this language] into other languages but where there is markedly less translation traffic in the opposite direction” (Cronin 1995: 88).

Como referido na parte introdutória, no presente trabalho adoptar-se-ão as designações línguas dominadas/dominantes e línguas (semi)periféricas/(hiper/semi)centrais, propostas em Casanova (2002: 8) e Heilbron (1999; 2010), respectivamente. O recurso a estes termos conhece uma tripla justificação. Em primeiro lugar, a escolha deve-se à aparente predominância destes termos nos trabalhos desenvolvidos em ET. Esta conclusão é baseada na simples contagem (efectuada em Setembro de 2009) da ocorrência das designações supracitadas nas duas maiores bases de dados que acumulam referências às publicações académicas na área de ET, nomeadamente *Bibliography of Interpreting and Translation (BITRA)* (Franco Aixelá 2003) e, a já referida, *Translation Studies Bibliography (TSB)* (Gambier e van Doorslaer 2004). Em segundo lugar, por serem mais comumente empregues do que outros termos, as designações acima citadas têm sido frequentemente revisitadas, sendo alvo de uma problematização mais aprofundada que contribui de modo efectivo para a sua solidificação. Em terceiro lugar, as designações propostas por Casanova (2002: 8) e Heilbron (1999; 2010) afiguram ser de uma aplicabilidade mais alargada do que alguns dos termos acima elencados, podendo abarcar não só os casos de língua polaca e portuguesa, mas também os casos de outras línguas com pouca capacidade de exportação cultural.³ Este facto, por sua vez, contribui para uma melhor replicabilidade do presente estudo.

³ A título exemplificativo, o termo “línguas minoritárias”, na definição atribuída por Branchadell (2011), não é aplicável às línguas polaca e portuguesa.

I 3. 2 Problematização

Tanto Casanova (2002; 2004) como Heilbron (1999; 2010) encaram o intercâmbio cultural operado por via de tradução como um sistema fortemente hierarquizado, em que as relações entre vários elementos se mostram altamente assimétricas. Nesta óptica, as propostas teóricas de ambos os autores - tanto a noção do “sistema mundial de traduções” (*world-system of translation*) de Heilbron (1999) como a do “campo literário internacional” (*champ littéraire mondial*) de Casanova (2002) - partem do conceito do “sistema global linguístico” (*global language system*) desenvolvido por Swaan (1993) para averiguar as relações de poder entre diferentes espaços linguísticos.

I 3. 2. 1 Propostas de Heilbron

De acordo com as propostas teóricas preconizadas por Heilbron (1999), a posição de uma língua no sistema mundial de traduções depende do número de traduções em livro realizadas a partir desta língua. Em traços gerais, quanto maior a proporção de traduções a partir de uma determinada língua no total produzido mundialmente, mais central a posição desta língua. Por outras palavras, a centralidade de uma língua é proporcional ao número de traduções produzidas a partir dela.

Considerando o número de traduções de livros, realizadas a partir de uma determinada língua fonte (dados extraídos do *Index Translationum* (UNESCO)), Heilbron (1999: 434) propõe a estruturação das línguas em quatro níveis principais: (a) línguas hipercenrais, (b) línguas centrais, (c) línguas semiperiféricas e (d) línguas periféricas. Uma apresentação gráfica desta estruturação encontra-se apresentada na Figura 1.

No final da década de 1970 e no início da década de 1980 (mais concretamente entre 1979 e 1985, i.e., no período ao qual os dados processados por Heilbron dizem respeito), o primeiro nível (hipercenral) é ocupado por uma só língua, nomeadamente o inglês. De acordo com os dados apresentados em Heilbron (1999: 434), as traduções a partir desta língua constituem, neste período, mais de 40% das traduções em livro publicadas no mundo.

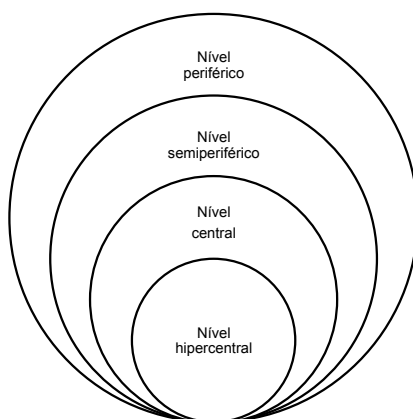


Figura 1 Hierarquização do sistema mundial de traduções (Heilbron 1999)

No segundo nível (central) encontram-se três línguas: alemão, francês e russo, sendo que a proporção de traduções a partir de cada uma destas línguas oscila entre 10% e 12% da produção mundial de traduções. O terceiro nível (semiperiférico) é composto por seis línguas: checo, dinamarquês, espanhol, italiano, sueco e - significativamente para fins do presente trabalho - polaco. De referir que a parcela de traduções realizada a partir de cada uma destas línguas oscila entre 1% e 3%. Consequentemente, torna-se claro que, no modelo desenvolvido por Heilbron, o português pertence, junto com as demais línguas (como, por exemplo, árabe, mandarim e japonês), ao nível das línguas periféricas, i.e., cujo peso na produção internacional de traduções é inferior a 1%. Salienta-se, porém, que enquanto as diferenças entre os três primeiros níveis se afiguram bem visíveis (já que a proporção das traduções destas línguas muda drasticamente de um nível para o outro), a fronteira entre os últimos dois níveis (línguas semiperiféricas e periféricas) é gradual e, por isso, pouco nítida. Com efeito, parece seguro avançar que a diferença entre o grau da centralidade da língua polaca e portuguesa parece pouco significativa, sendo as duas línguas muito afastadas do centro do sistema.

Esta estrutura hierarquizada induz várias constantes nas modalidades de circulação dos textos por via da tradução. No texto que se segue serão destacadas as que se afiguram de maior relevância para a investigação aqui apresentada:

- A migração intercultural dos textos ocorre tipicamente do centro para a periferia, i.e., das línguas mais centrais para as línguas mais periféricas, e não vice-versa. Este facto, por sua vez, significa que se traduz mais, e.g., do inglês para o português do que no sentido inverso.
- É possível registar alterações cronológicas na posição que determinadas línguas ocupam dentro da constelação linguística global. Efectivamente, o modelo proposto por Heilbron baseia-se no pressuposto de que, com o decorrer do tempo, algumas línguas se tornam mais próximas e outras mais distantes do centro do sistema. Estas alterações são provocadas, essencialmente, pelos condicionalismos sócio-económicos e ideológicos. A título exemplificativo, na segunda metade do século XX, devido à reconfiguração ideológica observada no mundo do pós-guerra, assiste-se à destronização da língua francesa (que funcionava como língua franca desde o declínio da hegemonia do latim) pela língua inglesa (Sapiro 2010: 303). Para além disso, na década de 1990, após o desmembramento da União Soviética, a língua russa afasta-se do centro e passa a ser classificada como semicentral (Heilbron 2010). Ao mesmo tempo, as línguas espanhola e italiana tornam-se mais próximas do centro do sistema, ascendendo ao mesmo nível da língua russa. Resumindo, no início do século XXI, o modelo de Heilbron reveste-se da seguinte forma: (a) língua hipercentral (inglês), (b) línguas centrais (alemão e francês), (c) línguas semicentrais (espanhol, italiano e russo) e (d) línguas periféricas (as restantes, incluindo a polaca e a portuguesa).
- Existe uma relação inversa entre o grau de centralidade de uma língua no sistema mundial de traduções e a proporção de traduções na produção doméstica de livros nesta língua. Efectivamente, quanto mais central é uma língua, menor o número de traduções importadas. Dito ainda de outro modo, enquanto os espaços geográficos onde se falam

as línguas centrais exportam largamente os seus produtos culturais por via de tradução e importam pouco, nos países com as línguas periféricas a situação é contrária. Com efeito, no intercâmbio cultural operado por via de tradução existe um forte desequilíbrio entre a importação e exportação. Veja-se, por exemplo, os casos dos Estados Unidos de América e de Portugal: enquanto no primeiro país (língua hipercentral) as traduções constituem entre 2% e 4% da produção nacional livresca, no segundo esta percentagem é na ordem de 40% (Rosa 2006).

- A comunicação entre línguas mais periféricas é frequentemente intermediada por um centro. Dito de outro modo, o que é traduzido de uma língua periférica para outra com estatuto semelhante depende em larga medida do que é traduzido da primeira para a língua central. Com efeito, a existência da respectiva tradução em língua central constitui tipicamente uma pré-condição para um texto em língua periférica ser traduzido para outra periférica. Assim sendo, a probabilidade de um texto em língua polaca ser traduzido para a língua portuguesa mostra-se maior se este texto for previamente traduzido, por exemplo, para inglês ou francês. Como sugere Heilbron (1999: 436), mesmo se uma tradução da língua periférica for feita directamente do original, a decisão sobre a sua publicação em outra língua periférica depende habitualmente da existência da respectiva tradução na língua central. Igualmente importante se mostra a existência de uma correlação entre a centralidade de uma língua e a sua função mediadora. Em linhas gerais, quanto mais central é uma língua, maior a probabilidade de ela desempenhar o papel da língua mediadora. O sistema internacional de tradução integra vários subsistemas, compostos por línguas que demonstram certas afinidades históricas, linguísticas ou geográficas. Esta configuração parece justificar a existência de um intercâmbio mais intensivo, e.g., entre português e espanhol (que pertencem a um subsistema) ou entre polaco e checo (outro subsistema) do que entre português e polaco (que pertencem a subsistemas diferentes). De referir que os diferentes subsistemas se sobrepõem, sendo possível que uma língua pertença a mais que um subsistema. A título exemplificativo, o português pertencerá tanto ao subsistema ibérico (que, como o próprio nome indica, abarca as línguas da península ibérica) como ao subsistema lusófono (que incluirá, para além de português, as línguas crioulas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, etc.). O polaco, por seu turno, pertencerá ao subsistema eslavo (com línguas como checo, russo, etc.) e, entre 1945 e 1989, também ao subsistema soviético (que engloba, para além da maior parte das línguas eslavas, também, e.g., língua húngara, letã ou romena). Os subsistemas são organizados de modo semelhante ao sistema principal: dentro de cada subsistema existem línguas que ocupam uma posição mais central que as outras, sendo inclusive possível identificar uma língua veicular que serve de ligação entre este e outros subsistemas. A título exemplificativo, dentro do subsistema soviético, o papel da língua veicular foi desempenhado pela língua russa (Zaborov 2011: 271). Este facto, por sua vez, significa que, entre 1945 e 1989, para poder circular fora do subsistema soviético, um texto em língua polaca teve que, frequentemente, passar pela mediação da língua russa. De igual modo, para um texto em língua periférica poder circular dentro do subsistema soviético, teve que, amiúde, passar por intermédio da língua russa. Ao que tudo indica, dentro do subsistema ibérico (ao qual pertence a língua

portuguesa) o papel de língua veicular é desempenhado pela língua espanhola (Werner 2009: 43). Consequentemente, é esta língua que ocupa uma posição mais central perante as línguas vizinhas (inclusive portuguesa). Esta posição dominante é corroborada, por exemplo, por Rodrigues (1951: 3) que constata, a propósito dos séculos XVII e XVIII, que a cultura portuguesa é constantemente confrontada com a “hegemonia da literatura espanhola”.

- A centralidade de uma língua é proporcional à variedade temática das traduções realizadas a partir dela. Efectivamente, quanto mais central a posição de uma língua no sistema mundial de traduções, maior a diversificação da classificação temática de obras traduzidas a partir desta língua. O excerto abaixo citado faculta uma excelente ilustração desta constatação:

book statistics in the Netherlands distinguish thirty three categories of books, ranging from 'religion' and 'law' to 'prose' or 'history'. Only the translations from the most central language, English, are represented in all 33 categories. Translations from German are found in 28 categories, translations from French in 22 categories, from Italian in 10 categories, etc. (Heilbron 2010: 5-6)

- De igual modo, as obras traduzidas de línguas periféricas são, tipicamente, concentradas em poucas categorias temáticas, sendo privadas da variedade que aumenta com a centralidade da língua.

I 3. 2. 2 Propostas de Casanova (2004)

Na esteira das propostas teóricas de Casanova, a posição de uma determinada língua no campo literário internacional depende do capital literário que esta língua acumula. O volume do capital literário de uma determinada língua é avaliado com base nos seguintes factores: (i) antiguidade da literatura nesta língua; (ii) riqueza da literatura (medida sobretudo no número de obras clássicas – leia-se intemporais e universais - compostas nesta língua); e (iii) projecção desta língua (medida essencialmente no número de traduções desta literatura e de políglotas/falantes não nativos que a praticam) (Casanova 2004: 14-17). Em suma, “literary capital is both what everyone seeks to acquire and what is universally recognized as the necessary and sufficient condition of taking part in literary competition”. (Casanova 2004: 17)

Em oposição ao sistema mundial de traduções proposto por Heilbron, que prevê quatro níveis hierárquicos distintos, o campo literário mundial descrito em Casanova é caracterizado pela oposição binária entre dois pólos: (a) o pólo das línguas dominantes (detentoras de alto capital literário) e (b) o pólo das línguas dominadas (que possuem baixo capital literário). O alto capital do primeiro grupo decorre do facto de se tratar de línguas de espaços literários com tradições literárias de grande antiguidade, que abundam em textos frequentemente reconhecidos como clássicos (e.g., francês, inglês, alemão, etc.).

No que diz respeito ao segundo grupo, este mostra-se consideravelmente heterogéneo, sendo repartido por quatro subgrupos (Casanova 2002: 9). O primeiro subgrupo integra

línguas que possuem somente a tradição oral (sem escrita estabelecida) ou cuja escrita se encontra apenas em vias de constituição (e.g., amárico, umbundo). O segundo subgrupo é composto por línguas relativamente jovens, que conquistam o estatuto de línguas nacionais há pouco tempo (usualmente no momento da emancipação dos países) e cujo repertório literário ainda não se encontra plenamente consolidado (e.g., catalão, coreano, gaélico). O terceiro contém línguas de países de pequenas dimensões, com relativamente baixo número de falantes nativos e raramente praticadas por políglotas; apesar da rica tradição histórica, estas línguas têm pouco reconhecimento fora das fronteiras nacionais, sendo, com efeito, pouco valorizadas no mercado literário mundial (e.g., dinamarquês, grego, holandês). O quarto e último subgrupo inclui línguas de grande difusão (com alto número de locutores), frequentemente com importante tradição literária, mas pouco (re)conhecidas no mercado internacional (e.g., árabe, hindi, mandarim).

No que toca ao lugar que as línguas agora em foco ocupam na classificação proposta por Casanova, o polaco é tipicamente visto como pertencente ao terceiro subgrupo (veja-se, e.g., Skibińska 2008: 38). A categorização da língua portuguesa afigura-se mais problemática. A título de exemplo, Pinto, Maia e Pinto (no prelo) consideram o português como pertencente ao quarto subgrupo, argumentando que se trata da sétima língua mais falada no mundo. Por seu turno, Seruya (no prelo) integra o português no terceiro subgrupo, reconhecendo, porém, que esta categorização é discutível: trata-se, de facto, de uma língua que ultrapassa fronteiras nacionais, sendo praticada em vários continentes, incluindo países de grandes dimensões (e.g., Brasil). Apesar desta falta de consenso, parece seguro assumir que tanto o polaco como o português pertencem ao grupo de línguas dominadas, i.e., com escasso capital literário e pouca visibilidade no mercado literário mundial.

A organização binária do campo literário mundial nos termos propostos por Casanova induz várias tendências na circulação dos textos por via da tradução. No texto que se segue serão destacadas as constantes que se afiguram particularmente úteis para a investigação aqui apresentada:

- A tradução desempenha um papel preponderante na consagração dos autores, textos e línguas no campo literário mundial. Em boa verdade, é por via de tradução que uma literatura nacional pode afirmar-se na esfera internacional. A tradução apresenta-se, portanto, como um dispositivo através do qual autores dos espaços literários dominados ganham visibilidade e reconhecimento nos espaços literários dominantes. São múltiplos os agentes que intervêm neste processo da consagração. Porém, o papel chave é desempenhado pelo tradutor, cujo nome, em si, poderá deter um valor simbólico, contribuindo para a consagração do autor. Entre outras entidades consagradoras contam-se editores, críticos, agentes literários e, no plano institucional, embaixadas, institutos culturais, revistas, feiras internacionais, etc., i.e., “any entity (a person, an institution, or even a journal) involved in a process of cultural innovation and exchange” (Buzelin 2011). O processo de consagração mostra ser bastante complexo, sendo composto por diversas etapas. A primeira prende-se com a decisão relativa à tradução (ou não) de uma determinada obra. Para esta decisão contribuem vários factores, tanto

literários (i.e., inerentes ao valor estético da obra) como extraliterários (transversais à obra por si só, que se estendem para lá do âmbito puramente literário e se prendem com questões ideológicas, religiosas, económicas, etc.), que poderão estar latentes na cultura de chegada, mas também obedecer aos mecanismos próprios da cultura de partida. A segunda etapa consiste na inserção da tradução em determinados contextos editoriais (e.g., antologias, colecções) e na escolha de elementos peritextuais (ilustrações, dedicatórias, prefácios, posfácios, etc.) que apresentam o texto ao leitor, revelando a intenção (do editor, tradutor, etc.) implícita na tradução. Uma outra etapa, habitualmente posterior à publicação do texto traduzido, relaciona-se com o surgimento dos epitextos (e.g., resenhas) que determinam a recepção do texto traduzido, sendo frequentemente decisivos para a eventual publicação de outros textos de um determinado autor. Um outro mecanismo da consagração passa pela atribuição de prémios literários de renome (Casanova 2004: 146-147). Entre eles, o Prémio Nobel possui o maior prestígio internacional. Desta forma, conforme Casanova (2004: 147), a distinção pela Academia Sueca constitui a melhor prova da consagração de um texto no campo literário internacional.

- Referindo-se ao espaço literário internacional, Casanova cunha a expressão “República mundial das letras”, que representa um agregado aglutinador dos saberes numa comunidade coesa, transcendendo as fronteiras políticas e linguísticas. Neste agregado o lugar central é atribuído a Paris, cidade proclamada capital do mundo literário e, conseqüentemente, dotada do maior prestígio literário. A capital francesa funciona, com efeito, como o banco central dos câmbios e intercâmbios literários, “able to create literary value and extend terms of credit everywhere in the world” (Casanova 2004: 127). A consagração em Paris, e por extensão, em França, torna-se indispensável para autores/textos oriundos dos espaços literários dominados que aspiram obter reconhecimento internacional.
- Como argumenta Casanova, o capital literário não é distribuído equitativamente, sendo possível identificar línguas com maior ou menor capital literário (veja-se a supracitada polarização entre espaços dominados e dominantes) ou que possuem alto capital em determinados domínios. A título exemplificativo, ao que tudo indica, o alemão é particularmente dotado em capital na área de filosofia (Sapiro e Popa 2008: 107).

I 3. 3 Investigação sobre tradução entre línguas periféricas

Apesar de diversos teóricos com um papel fulcral no nascimento e desenvolvimento dos ET provirem de culturas ligadas a línguas periféricas/dominadas (como Israel, Holanda, etc.), que dependem fortemente da tradução, constituindo assim culturas de tradução por excelência, as línguas em posição subalternizada não têm sido objecto central desta disciplina. Em boa verdade, os trabalhos desenvolvidos no âmbito dos ET focam-se essencial e tradicionalmente nas traduções entre línguas centrais/dominantes, sendo as traduções entre línguas periféricas/dominadas em grande medida negligenciadas.

Esta percepção global será facilmente corroborada por uma simples busca na *Translation Studies Bibliography - TSB* (Gambier e van Doorslaer 2004). De facto, a consulta, efectuada em Março de 2011, da listagem “língua como objecto [language as subject]”, disponibilizada nesta fonte, revelou que línguas como o alemão, o inglês e o francês (i.e., as classificadas como dominantes/(hiper)centrais) constituem o objecto de estudo de, respectivamente, 748, 3278 e 1227 artigos referenciados nesta base de dados. Por outras palavras, a selecção da língua alemã no campo pesquisável “língua como objecto” resulta em 748 ocorrências, a da inglesa em 3278 e a da francesa em 1227. Por contraste, à língua polaca e à portuguesa (classificadas como dominadas/(semi)periféricas) correspondem 129 e 293 ocorrências, respectivamente. A escassa atenção reflecte-se, igualmente, na conspícua ausência de entradas dedicadas especificamente às línguas subalternizadas nas primeiras grandes obras de referência nos ET, como são os casos de Shuttleworth e Cowie (1996) ou Baker e Malmkjær (1998).

A tradicional desatenção relativamente às línguas periféricas/dominadas afigura-se lamentável, particularmente tendo em conta que estas, ao constituírem sistemas de chegada fracos (Toury 1985: 7), oferecem

a unique opportunity to detect translational mechanisms in a more or less bare form (...). Regularities thus uncovered may well throw light on basic traits of the process of translating in general and may contribute to the elaboration of the theory of translation itself” (Toury 1985: 7).

Diversos autores partilham a supracitada opinião de Toury. A título de exemplo, Millán-Varela (2004) defende que a análise de traduções em línguas subalternizadas constitui “an ideal arena in which to explore not only translating processes, but also issues of language, ideology and identity in the target context”. Paralelamente, Susam-Sarajeva (2002: 204) argumenta que estudos sistemáticos “on what is being done and what has been done in the peripheral languages and cultures in terms of translation theory”, contribuem para “a reconsideration on everybody’s part of what ‘theory’ means and what it is comprised of”. Esta reconsideração poderá, potencialmente, forçar os ET a adoptar um carácter verdadeiramente global, transformando-os numa disciplina linguística e culturalmente mais equilibrada (e não dominada pela língua inglesa) e, em última instância, catalisar a ocorrência da chamada “viragem internacional” (“international turn”), advogada por autores como Cheung (2005), Tymoczko (2005) ou Delabastita (2011).

A despeito desta tradicional falta de interesse, é possível identificar estudos que contribuem significativamente para a análise das correlações entre tradução e línguas marginalizadas. Para além do pioneiro estudo de Toury (1985) supra-referido, como um outro momento seminal no tratamento deste tópico é possível identificar a publicação do número especial de *The Translator*, com o título *Translation and Minority* (Venuti 1998). Esta publicação constitui um progresso substancial, na medida em que encara a noção de minoria não como uma questão puramente linguística, mas antes política. Um outro passo em frente representa a publicação da monografia *Less Translated Languages* (Branchadell e West 2005). Para além de cartografar o estado de arte no tratamento do tópico das línguas minorizadas no âmbito dos ET, esta publicação defende que a tradução de línguas em posição periférica/dominada

beneficiará da análise na intersecção dos ET e Estudos Pós-coloniais.⁴

Independentemente desta tendência de negligência crónica, após a publicação da obra de Branchadell e West (2005), poder-se-á observar um acréscimo significativo do volume de publicações com o foco em línguas subalternizadas. De facto, quase um terço (62 do total de 198) dos artigos registados em Março de 2013 em *Translation Studies Bibliography - TSB* (Gambier e van Doorslaer 2004) e rotuladas/identificáveis com a palavra-chave “minority language” (no sentido amplo do termo, incluindo línguas como polaca e portuguesa) é posterior ao ano de 2005. Particular relevo entre estas publicações merecem Cronin (2008) e Branchadell (2011), i.e., as entradas em duas das mais recentes obras de referência nos ET, a saber: a versão revista da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (Baker e Saldanha 2008) e a segunda edição da *Handbook of Translation Studies* (Gambier e Van Doorslaer 2011), respectivamente. Um destaque especial merece igualmente a revista *MTM*, com o primeiro número lançado em 2009, cujo enfoque recai sobre traduções de/para/entre línguas com pouca capacidade de exportação.

De salientar que uma boa parte dos estudos publicados após 2005 é desenvolvida nas áreas da tradução automática (*machine translation*) e da audiovisual, o que poderá sugerir que, nestes campos, as línguas periféricas tenham merecido em tempos recentes maior visibilidade no que no campo da tradução literária. Para além disso, é de admitir que, muito provavelmente, o número acima indicado seja na realidade bastante superior. Em boa verdade, diversos autores alertam para o facto de estudos de grande pertinência sobre traduções de/para línguas periféricas passarem despercebidos por serem escritos nestas línguas e não em inglesa (línguas franca dos ET) (Branchadell 2005, Cronin 2008: 172). Como constata Cronin (2008: 172), “almost all languages other than English have now become minor languages in translation studies community”. Espera-se que este estudo, por ser composto quase na íntegra em língua periférica, contribua para a inversão desta tendência, mesmo incorrendo no risco de alcançar um público menos vasto.

No que concerne aos estudos que, tal como o presente, tomam como LC o português (variante europeia) e como LP uma língua periférica, linguística e geograficamente distante, estes parecem seguir as duas tendências acima identificadas. De facto, estes estudos mostram-se (a) relativamente escassos, o que reflecte uma lacuna nos Estudos de Tradução em Portugal, mas (b) têm vindo a intensificar-se a partir da segunda metade da primeira década do século XXI.

A primeira tendência é facilmente verificável, e.g., pela consulta da *Tradbase - Bibliografia Portuguesa de Estudos de Tradução* (Duarte s.d.), um acervo documental que reúne, entre outros, os trabalhos publicados em Portugal no campo dos ET. Embora esta fonte não seja acompanhada de uma análise estatística do seu conteúdo, nem de campo pesquisável que permita organizar as publicações de acordo com as LC e LP em que se centram, para constatar que as publicações sobre traduções de LP dominadas e

⁴ Esta linha de argumentação é posteriormente recuperada por Kuhlczak (2008), que compara as línguas dos países pós-comunistas (como é o caso do polaco) às línguas pós-coloniais (veja-se II 1. 4).

linguística/geograficamente distantes do português se encontram em esmagadora minoria bastará (a) percorrer os registos de modo aleatório (de acordo com qualquer critério disponibilizado, a saber: autor, título, coordenador, natureza de publicação, data de primeira publicação, publicação periódica, localização) e (b) verificar os títulos das publicações que resultam desta busca. A mesma constatação poderá ser feita após a análise dos registos inventariados na, já referida, *TSB*. Em boa verdade, a consulta desta fonte, efectuada em Março de 2011, permitiu concluir que, do total de 36 trabalhos identificados que reconhecem o português europeu como LC, nenhum conta com línguas periféricas distantes do português como LP.⁵ Embora as bases de dados não sejam exaustivas e apesar de os métodos utilizados na sua consulta serem pouco refinados e não sistemáticos, o recurso a estas fontes parece confirmar a percepção geral da desatenção crónica perante estudos como o presente.

Como prova da segunda tendência sirva a constatação de que, ao que tudo indica, a maior parte das publicações com perfil semelhante ao do presente estudo (i.e., que reconhecem como LC a língua portuguesa (variante europeia) e, como LP, uma língua periférica, linguística e geograficamente distante) são posteriores a 2007. Em boa verdade, apesar dos repetidos esforços investidos, a presente investigação não conseguiu detectar um único estudo que coubesse nestes parâmetros e que fosse anterior a esta data. Os estudos que foi possível identificar são (por ordem alfabética):

- Medvedec (2007), que analisa a história das relações luso-croatas através da tradução;
- Pinto (2013), que analisa uma antologia de poesia chinesa traduzida para português europeu;
- Putnik (2010), que analisa a tradução de um poema em língua sérvia para português (variante europeia);
- Seruya (2013), que analisa uma antologia de contos chineses, indianos e japoneses traduzidos para português europeu;
- Špirk (2009 e 2011), que analisa traduções de checo e eslovaco publicadas, em forma de livro, em Portugal no século XX (este estudo apresenta evidentes afinidades com o presente estudo, pelo que os dados nele apresentados servirão frequentemente para fins comparativos);
- Štěpánková (2009), que analisa a tradução para português europeu de um romance em língua checa.

Será de reter que o elenco supracitado não é exaustivo. Contudo, parece razoável assumir que seja representativo.

Estudos empíricos sistemáticos sobre traduções da literatura polaca publicadas em Portugal, que também pertencem a este grupo, obedecem igualmente aos padrões acima delineados: são extremamente raros e muito recentes. Em boa verdade, trabalhos que se dedicam ao

⁵ A consulta desta fonte consistiu na (a) identificação dos estudos que reconhecem português como LC (através da selecção do português no campo pesquisável "source language"); (b) circunscrição desta lista às publicações que se centram exclusivamente na variante europeia do português (através da selecção manual); e (c) verificação dos títulos e resumos destes estudos,

estudo das relações culturais luso-polacas (Almeida 1967; Campos 1934; Danilewicz-Zielińska 2005; Danilewicz-Zielińska e Mucznik 1992; GALP 1938; Milewska 1991, 1984; Siewierski 2000; Ziejka 2009) mostram-se bastante deficitários no que toca ao tópico da tradução da literatura polaca em Portugal, abordando a questão de modo sucinto, e limitando-se, na maioria dos casos, a constatar a escassez e a (parca) qualidade dos TC.⁶ Como exemplos desta abordagem, sirvam as seguintes citações:

são poucos os livros polacos traduzidos para português, e ainda menos conhecidos, pois editados em tiragens muito limitadas. As traduções são geralmente fracas ou mesmo recorre-se às adaptações; (Swiatkiewicz 1995: 58)

a versão portuguesa de *Widok z ziarnkiem w piasku* incorre em frequentes erros, incorrecções e negligências. (Swiatkiewicz 2000: 4)

Pelo que foi possível apurar aquando da revisão bibliográfica, até à data do começo da presente investigação (2008) terão sido publicados apenas três estudos-de-caso cujo enfoque central recai, de modo mais ou menos explícito, sobre tradução da literatura polaca em Portugal, a saber: Kalewska (2002), Miszalski (2006) e Zurbach (2008). Os dois primeiros consistem em análises comparativas das traduções portuguesa e brasileira de uma selecção de poemas (no caso de Kalewska 2002) e de um romance (no caso de Miszalski 2006) polacos, visando identificar desvios micro e macro textuais face aos respectivos TP. O terceiro discute a interacção entre os fenómenos da tradução e da censura observados no contexto português de chegada, focando os diversos factores que levaram à proibição da encenação de um texto dramático polaco em versão portuguesa no Estado Novo.

Apesar de constituírem uma notável excepção ao geral desinteresse pelo estudo da tradução da literatura polaca para português europeu, estes estudos-de-caso, ao se centrarem apenas num autor (Miłosz no caso de Kalewska 2002; Gombrowicz no caso de Miszalski 2006; Witkiewicz no caso de Zurbach 2008); numa obra (*versos* de Miłosz; *Pornografia* no caso de Miszalski 2006; *Matka* no caso de Zurbach 2008) e num momento histórico (1994-2004 no caso de Kalewska; 1970-1988 no caso de Miszalski 2006; 1971-1972 no caso de Zurbach 2008) afiguram-se, necessariamente, bastante limitados, não podendo oferecer uma visão global sobre o fluxo de traduções portuguesas da literatura polaca, visada no presente estudo. O presente trabalho vem, com efeito, colmatar a lacuna existente nos ET em Portugal, inscrevendo-se simultaneamente na tendência do gradual aumento de interesse pelas traduções de línguas periféricas, observado nos ET, tanto no contexto português como internacional.

Do trabalho desenvolvido no âmbito desta investigação resultaram estudos parciais, leia-se, com foco e/ou escopo temporal mais restrito. Mais concretamente, este trabalhos incidiram sobre:

- a recepção de traduções de Sienkiewicz em Portugal (Pięta 2009);
- as fontes bibliográficas utilizadas na história de tradução em Portugal (Pięta 2010a e 2013a);

⁶ Para uma discussão aprofundada destes estudos veja-se III 1. 3. 3.

- as questões metodológicas na selecção do *corpus* (Pięta 2010b);
- a tradução de textos polacos de ciências sociais (Pięta 2010c);
- os autores polacos traduzidos em Portugal (Pięta 2011a);
- o fenómeno da não-tradução de literatura polaca durante a Primeira República Portuguesa (2012a);
- o fenómeno da tradução indirecta na tradução do polaco para português (Pięta 2012b);
- as colecções portuguesas com traduções de literatura polaca (Pięta 2013);
- a imagem da Polónia comunista no Portugal de cunho fascista (Pięta, aceite).

Acresce ainda que, no decorrer deste trabalho, foi publicado um estudo (Kalewska 2011) sobre cinco autores polacos em tradução portuguesa (Lem, Kapuściński, Miłosz, Sienkiewicz, Szymborska), que tira partido dos resultados, até então publicados, da presente investigação, completando-os com uma análise histórico-literária do contexto polaco de partida.

CAPÍTULO I 4

TRADUÇÃO INDIRECTA

Toury, cujas propostas o presente estudo reconhece como enquadramento teórico fundamental (conforme demonstrado CAPÍTULO I 1), defende que “no historically oriented study of a culture where indirect translation was practiced with any regularity can afford to ignore this phenomenon” (1995: 130). Tendo em conta que (1) o presente estudo é de teor histórico (como o próprio título deixa antever) e (2) a tradução indirecta (Trl) constitui(u) uma prática recorrente no contexto português de chegada (conforme salientado em, e.g., Seruya 2005: 37), torna-se imperativo focar, nesta etapa, o fenómeno da tradução indirecta. Será este o objectivo do presente capítulo. Em primeiro lugar, dar-se-á conta da diversificação da metalinguagem em torno da Trl e discutir-se-ão algumas das possíveis definições deste conceito. Seguidamente, proceder-se-á à problematização do fenómeno em causa. Por último, proporcionar-se-á uma sucinta revisão bibliográfica de estudos focados em Trl pertinentes no âmbito do presente trabalho.

I 4. 1 Definição

I 4. 1. 1 Metalinguagem

I 4. 1. 1 1 Metalinguagem em língua inglesa

No que toca à metalinguagem relativa ao fenómeno agora em foco, diversos estudos alertam para a ambiguidade, parca transparência e lamentável falta de consenso. Como resume Pym (2011: 80): “we have created a mess”. Esta desordem é particularmente visível nos estudos compostos em inglês que, como referido no I 3. 3, assume o papel da língua franca dos ET. Sirva de prova este elenco, em ordem alfabética, considerado não exaustivo mas representativo da variedade dos termos utilizados para denominar o fenómeno em causa:

- compilative translation (Popovič1983: 224)
- eclectic translation (Stackelberg 1987)
- chain translation (e.g., Ingo 1991 *apud* Ringmar 2007: 2)
- double translation (e.g., Edström 1999)
- indirect translation (e.g., Dollerup 2000, 2009; Pym 2011; Radó 1975; Sin-Wai 2004; Toury 1995)
- indirect retranslation (e.g., Jianzhong 2003)
- intermediate translation (e.g., Kittel 1991; Toury 1995)
- intermediary translation (e.g., Proshina 2005)
- mediated translation (e.g., Toury 1995)
- meta-translation (Špirk 2011: 45)
- pivot translation (e.g., Babych, Hartley e Serge Sharoff 2007)
- retranslation (e.g., Bauer 1999)

- relay translation (e.g., Dollerup 2000; Ringmar 2012)
- relayed translation (e.g., Dollerup 2009)
- second (third, fourth, n)-hand translation (e.g., Kittel e Frank)
- secondary translation (e.g., Bauer 1999; Ringmar 2007: 3)

Convém explicitar que os termos acima indicados, embora frequentemente usados de modo indiferenciado, na maioria dos casos não são sinónimos. A título de exemplo,

- o termo “retranslation (retradução)” é maioritariamente empregue para designar “a second or later translation of a single source text into the same target language” (Koskinen e Paloposki 2010), ou seja, “a translation for which the same ST has been rendered into the same target language at least once before (Pym 2011: 90);
- Kittel (1991: 26) distingue entre “intermediate” e “mediated translation” (tradução intermédia e mediada), sendo o primeiro termo reservado às traduções em primeira mão e o segundo termo destinado às traduções em segunda mão. Nesta linha de argumentação, no cenário $T_1 \rightarrow T_2 \rightarrow T_3$, em que T_1 representa, e.g., o texto em língua polaca, o T_2 em língua francesa e T_3 em língua portuguesa, por tradução intermédia entender-se-á o T_2 e por tradução mediada o T_3 ;
- Dollerup (2000: 19-24) diferencia entre (a) “indirect translation”, i.e., a situação “where two parties must communicate by means of a third intermediary realisation which has no legitimate audience”; (b) “relay translation”, i.e., “a mediation from source to target language in which the translational product has been realised in another language than that of the original; the defining feature is that the intermediary translation has an audience, that is consumers of its own”; e (c) “support translation”, i.e., “strategy in which, translating a given source text, translators check translations into languages other than their own target language in order to see whether colleagues have found satisfactory solutions to certain problems”.

Um outro exemplo que ilustra a ausência de consenso na metalinguagem em torno do fenómeno agora em análise relaciona-se com a variedade de modificadores e expressões utilizados para designar, em inglês, a língua que medeia entre a LP e a LC. Entre eles encontram-se (por ordem alfabética):

- -bridge language (Schafer e Yarovsky 2002)
- -hub language (Werner 2009: 45)
- -interlingua (Gambier 2003: 53, Pym 2002: 87)
- -intermediary language (e.g., Sin-Wai 2004: 104)
- -mediating language (Toury 1995)
- -pivot language (Pym 2002: 87)
- -transmitter language (Edström 1991)
- -vehicular language (Heilbron 2010: 5).

I 4. 1. 1 2 Metalinguagem em língua portuguesa

Comparativamente com o que sucede nos trabalhos em língua inglesa, a metalinguagem utilizada nos estudos em língua portuguesa revela-se consideravelmente menos diversificada. Em boa verdade, o elenco de termos usados em português (de Portugal e do Brasil) para designar o fenómeno parece incluir, sobretudo, as seguintes expressões:

- tradução em segunda (terceira, *n*-ésima) mão (Cardozo 2011)
- tradução indirecta (e.g., Maia 2012)
- tradução intermédia (e.g., Zurbach)
- tradução intermediada (e.g., Silveira 2004)
- tradução mediada (e.g., Maia 2012)

Será de reter que a lista não reclama exaustividade. Contudo, através do levantamento e da revisão bibliográficos, realizados em Janeiro de 2013, foi possível apurar que são estes os termos mais recorrentes. No tocante às designações em português atribuídas à língua que medeia entre a LP e a LC, o elenco revela-se igualmente limitado:

- -língua de mediação (CECC e CEAUL 2009)
- -língua intermediadora (Accácio 2010)
- -língua intermediária (Zurbach 2001)
- -língua mediadora (Fernandes e Sousa 2011: 58)
- -língua veicular (Almeida 2001).

Esta fraca variedade é, na realidade, reveladora do carácter deficitário da linguagem científica desenvolvida em português na área dos ET. A este propósito, afigura-se particularmente relevante reiterar que, ao contrário do que se verifica em língua inglesa, em língua portuguesa parece não existir uma forma consolidada e recorrente do substantivo derivado do adjectivo “(in)directa/o”. Assim, enquanto em língua inglesa parecem coexistir duas formas lexicais, nomeadamente “(in)directedness” (e.g., Ringmar 2007: 1) e “(in)directness” (e.g., Kittel e Frank 1991:3; Špirk 2011: 233, 239; Toury 1995) (sendo a segunda aparentemente mais comum do que a primeira), ao que tudo indica o português não dispõe de um termo equivalente. No caso do presente trabalho, que se propõe problematizar o conceito de tradução indirecta e analisar diversas modalidades deste fenómeno, um tal termo seria particularmente útil e operativo. Por conseguinte, para colmatar esta lacuna lexical na linguagem científica em português, a presente investigação recorre à formulação do substantivo “indirectude”, cunhada especialmente para os presentes fins. Será de salientar que a decisão de optar por este recurso é amplamente fundamentada, baseando-se na ponderação de várias opções (e.g., através da verificação de possíveis alternativas do vocábulo em línguas próximas do português) e na consulta de peritos na área da lexicologia.⁷

Ainda em relação às designações usadas em português para denominar o fenómeno agora

⁷ A este respeito, um agradecimento especial é devido à terminóloga Professora Doutora Margarita Correia, de quem partiu a sugestão para o termo.

em foco, como o título deste capítulo deixa antever no presente trabalho adoptar-se-á o termo “tradução indirecta” e não “tradução em segunda mão”, “tradução intermédia”, “tradução intermediada” ou “tradução mediada”.⁸ Esta opção prende-se com a convicção de este termo ser empregue com maior frequência que os termos alternativos acima inventariados. Esta convicção é baseada:

- na leitura atenta de estudos em língua portuguesa, focados no fenómeno agora em análise, orientada para a identificação do termo mais recorrente;
- na contagem das ocorrências destes termos no *Google Scholar* (motor de busca que indexa páginas da Internet com conteúdos académicos, i.e., artigos, teses, livros, resumos etc.), efectuada em Março de 2011 (veja-se Tabela 1).

De facto, como se poderá observar na Tabela 1, a designação “tradução indire(c)ta” revela-se mais recorrente que as restantes designações elencadas. Evidentemente, atendendo (a) ao carácter não exaustivo do *Google Scholar*⁹ e (b) ao fraco refinamento do método aplicado na pesquisa dos termos,¹⁰ os resultados assim obtidos devem ser vistos com cautela e servir apenas para fins indicativos. Salienta-se ainda que o termo equivalente em língua inglesa (“indirect translation”) também parece ser o mais comumente usado nos trabalhos compostos em língua inglesa, conforme adiantado, e.g., em Ringmar (2007: 3) e Pięta (2012: 313). Também Pym (2011: 80) recomenda o recurso a este termo: “in the absence of any really happy solution, stick with indirect translation”.

1.4.1.2 Definição

A diversidade terminológica em torno do fenómeno da tradução indirecta repercute-se igualmente na variedade de definições descritivas do fenómeno em causa.

Tabela 1 Número de ocorrências dos termos “tradução em segunda mão”, “indire(c)tra”, “intermédia”, “intermediada” e “mediada” no *Google Scholar* (ordem decrescente)

Termo	Nº de ocorrências no <i>Google Scholar</i>
tradução indire(c)ta	141
tradução mediada	18
tradução intermédia	6
tradução intermediada	3
tradução em segunda mão	1

⁸ Contudo, convém frisar que, como a língua portuguesa mostra pouca tolerância para repetições, sempre que se justifique, recorre-se ao termo “tradução mediada”. Este termo não representa aqui a primeira escolha uma vez que, como argumenta Pym (2011: 80), “translators themselves are mediators, so all translations could be mediated”.

⁹ A maior parte dos estudos citados na presente investigação não se encontra indexada no *Google Scholar*.

¹⁰ O método aplicado consistiu na inserção dos respectivos termos, entre aspas curvas, no campo pesquisável. O recurso às aspas curvas foi utilizado para garantir que as palavras procuradas surgissem adjacentes e na ordem pretendida, fornecendo assim resultados mais específicos. De referir ainda que a ocorrência destes termos em português foi igualmente testada na *Translation Studies Bibliography* e na *TradBase*. Todavia, esta consulta não se mostrou produtiva, já que não foi encontrada nem uma ocorrência para estes termos.

Assim, nos trabalhos consultados aquando da revisão bibliográfica este fenómeno surge definido como: (por ordem alfabética dos autores)

- “a chain of (at least) three texts, ending with a translation made from another translation: (original) ST > intermediate text (IT) > (end) TT (Ringmar 2012: 141)”;
- “translation based on a source (or sources) which is itself a translation into a language other than the language of the original, or the target language” (Kittel and Frank 1991, 3);
- “historical process of translation from an intermediary version (Pym 2011: 80)”;
- “translation done via an intermediary translation in a third language, not directly from the original” (MonAKO Glossary 1997);
- “translation into Language C based on a translation into Language B of a source text in Language A” (Landers 2001: 130);
- “a mediation from source to target language in which the translational product has been realised in another language than that of the original” (Dollerup 2000: 19);
- “translation of a translated text (...) into a third language” (St. André 2008: 230);
- “translation of literary works, based on a translated version of the original text (Gambier 2003: 57)”;
- “translation process in which the translator does not translate directly from the original, but indirectly from a translated version of the original” (Sin-Wai 2004: 104).

Por um lado, a leitura das formulações apresentadas permite identificar a complementaridade entre as propostas de alguns autores e reconhecer pontos de sobreposição que se mostram particularmente relevantes para o presente estudo. (por exemplo, a preexistência de uma tradução). Por outro, porém, da leitura sobressaem várias discrepâncias, em particular no tocante ao número de línguas envolvidas e ao público alvo do TM. Tendo em conta estas divergências e em prol da exequibilidade da investigação em tempo útil, para fins do presente estudo estabelecer-se-á uma definição estrita de tradução indirecta. Esta definição assenta em três postulados distintos:

- preexistência de uma tradução: a tradução indirecta constitui tradução de uma tradução já existente;
- recurso a (pelo menos) três línguas diferentes: o TP (i.e., o “original”), o TM (o texto de mediação) e o TC (a tradução final) são compostos em línguas diferentes. Este processo poderá ser representado pela expressão $L_1 \rightarrow L_2 \rightarrow L_3$ em que $L_1 \neq L_2 \neq L_3$. Esta condição inviabilizará a consideração como tradução indirecta os casos de (i) retroversão (*back-translation*, i.e., “reverse translation process where a translation is retranslated back into the source language, e.g., to check the adequacy of the translation” – cf. MonAKO 1997), representados pela grelha $L_1 \rightarrow L_2 \rightarrow L_1$; e de (ii) tradução intralinguística (i.e., form of translation or rephrasing that takes place within the same language – cf. MonAKO 1997), representados pela grelha $L_1 \rightarrow L_2 \rightarrow L_2$;
- TM possui um público próprio: o TM é orientado para a publicação, e não serve somente como um texto de partida para a posterior tradução para a língua de chegada final (ou seja, apenas para facilitar a tradução para uma outra língua). Esta condição inviabilizará a consideração como tradução indirecta os casos de: (i) tradução interlinear (i.e., “kind of

very literal translation in which the target-text words appear line by line above or below the source text, in the appropriate place, to be read together with the original as an aid to understanding” cf. - MonAKO 1997); (ii) *rough* ou *raw* translation, i.e.,” translation just to indicate the contents of a text (...); could be done by a machine” – cf. MonAKO 1997).

A explicitação destas condições conduz à formulação da seguinte definição operativa: para fins do presente trabalho, como tradução indirecta considerar-se-á uma tradução em língua diferente da do TP (primário) e do TM, feita a partir de um TM que constitui uma tradução orientada para a publicação. Embora consideravelmente limitada, já que contempla indirectude no sentido estrito do termo, a definição aqui proposta é de aplicação alargada, podendo ser recuperada por estudos futuros.

I 4. 2 Problematização

I 4. 2. 1 Tradução indirecta e hierarquização das línguas

O fenómeno da Trl constitui uma das manifestações mais evidentes da marginalidade de uma língua no campo literário mundial e um dos sintomas mais salientes das relações assimétricas de poder entre culturas periféricas e centrais. Neste sentido, a prática da Trl mostra-se intimamente ligada à questão da hierarquização das línguas no sistema mundial de traduções, na medida em que o TP (original), e possivelmente o TC (a tradução final), são por norma compostos em línguas dominadas/mais periféricas e o TM em língua dominante/mais central. Da análise de estudos dedicados à Trl é possível constatar que na comunicação intercultural entre literaturas europeias o papel das línguas de mediação é, em diferentes momentos históricos, desempenhado pelas línguas que ocupam a posição central na estrutura hierárquica proposta em Heilbron (1999), nomeadamente, alemão, francês, inglês e russo (ordem alfabética). Salienta-se igualmente que até ao século XVIII esta função foi desempenhada pelo latim. À luz do acima exposto, o fenómeno da tradução indirecta poderá ser apresentado através da seguinte grelha de sucessão: $L_1 \rightarrow L_2 \rightarrow L_3$, em que L_1 e L_3 representam as línguas periféricas e L_2 a língua central.

Este padrão não se verifica apenas à escala global (e.g., no sistema mundial de traduções), sendo replicado também à escala local (dentro dos respectivos subsistemas linguísticos - veja-se I 3. 2. 1). A título exemplificativo, atendendo ao papel veicular (mais central) da língua espanhola no subsistema ibérico, parece legítimo assumir que as literaturas (semi)periféricas pertencentes a outros subsistemas (como é o caso da literatura polaca) sejam importadas pela cultura portuguesa também por intermédio desta língua. De igual modo, parece admissível propor que, durante a vigência do regime comunista na Polónia (1945-1989), para serem exportadas para fora do subsistema soviético as obras literárias em língua polaca tinham que, frequentemente, passar por intermédio da língua russa, i.e., língua veicular deste subsistema. A replicação deste padrão à escala local poderá resultar na existência das chamadas traduções em terceira, quarta ou n^a mão, conforme representado na expressão $L_1 \rightarrow L_2 \rightarrow L_3 \rightarrow L_4 \rightarrow L_5$, em que L_1 e L_2 representam, respectivamente a língua periférica e a veicular do subsistema 1 (no caso do presente trabalho polaca e, e.g., russa),

L₃ a língua central do sistema principal (neste caso, e.g., francês ou inglês) e L₄ e L₅ a veicular e a periférica do subsistema 2, respectivamente (língua espanhola e portuguesa, no caso do presente trabalho).

I 4. 2. 2 Motivos subjacentes a tradução indirecta

Múltiplas poderão ser as causas do fenómeno da TrI. Dos diversos estudos consultados, foi possível aferir os seguintes factores:

- défice/inexistência dos tradutores com competência linguística tanto em LP como em LC: no caso de traduções entre línguas periféricas distantes (ou seja, pertencentes a subsistemas linguísticos diferentes) o leque de tradutores com competência bilingue em língua emissora e receptora é tipicamente muito limitado. Como salienta Ringmar (2007: 6), a ausência da competência linguística destas línguas poderá ser absoluta (casos em que TrD não constitui uma opção, dado que se desconhecem tradutores com esta competência) ou relativa (casos em que TrD constitui uma opção possível, uma vez que existem tradutores com estas competências, mas recorre-se a tradução indirecta, já que os tradutores com competência bilingue não se encontram disponíveis para efectuar a tradução);
- TP indisponível para consulta: é possível conceber casos em que, devido a factores como distanciamento geográfico ou censura (que proíbe a circulação do TP nos circuitos de distribuição oficiais), se revela impossível consultar o TP original (Špirk 2001: 53). Nestes casos o recurso à versão traduzida noutra língua constitui a única alternativa viável;
- economização dos recursos: os honorários dos tradutores com competência em línguas centrais (mais divulgadas) são tipicamente inferiores aos honorários dos tradutores com competência em línguas periféricas (exóticas e menos conhecidas). Por esta razão, a contratação dos tradutores com competência somente na língua central mediadora (que implica necessariamente o recurso à tradução indirecta) revela ser uma opção menos dispendiosa e, conseqüentemente, mais favorável para as editoras;
- minimização dos riscos: a colaboração com um tradutor experiente, mas sem conhecimento da LP original periférica constitui, na óptica dos editores, uma opção mais conservadora e segura, no sentido de assegurar a qualidade e pontualidade da tradução, do que a contratação de um tradutor com conhecimento da língua, mas com experiência reduzida (Lacarta 2012: 95);
- preferências/gostos dos leitores: uma tradução filtrada pela língua mediadora, com as adaptações e desvios impostos pela cultura central, poderá ir mais ao encontro dos gostos e expectativas dos leitores da CC do que a TrD, que não passa por essa filtragem. Sendo filtrada pela tradução central, a tradução indirecta de uma língua periférica mostra-se, portanto, menos exótica, logo, mais aceitável para a CC (Ringmar no prelo);
- prestígio da CM: o recurso à tradução poderá ser motivado pelo prestígio da cultura mediadora. Nestes casos trata-se não só de tolerância em relação à TrI mas antes à sua preferência perante TrD (Boulogne 2008: 14; Graeber e Roche 1988: 55);

- direitos autorais: o recurso a determinadas versões intermediárias (especialmente nos casos em que o TP é de elevada complexidade) pode ser imposto às editoras pelos próprios autores aquando da negociação dos direitos autorais (Frank 2004: 8006). Frequentemente, nestes casos usam-se como textos de mediação as versões sancionadas pelo autor, como traduções autorizadas (aprovadas pelo autor) ou auto-traduições (efectuadas pelo próprio autor);
- controlo de conteúdo: o recurso à língua de mediação poderá visar a filtragem do conteúdo (religioso, político ou religioso) da obra a ser traduzida. Por exemplo, como já referido, para poderem circular dentro e fora da União Soviética, traduções de obras literárias, originárias dos países do Bloco Leste, tiveram, frequentemente, que ser traduzidas, em primeira instância, para o russo, transformando esta língua num instrumento de censura (Gambier 2003: 59; Kuhiwczak 2008: 14; Zaborov 2011: 2071).

1 4. 2. 3 Percepções gerais relacionadas com tradução indirecta

Diversos estudos demonstram a existência de uma atitude negativa, perante a tradução indirecta (e.g., Radó 1964: 91; Toury 1995: 129-130). De facto, o fenómeno em causa é habitualmente encarado como um estigma, um mal necessário, uma taxa alfandegária ou um alto preço que literaturas periféricas são obrigadas a pagar para ganhar visibilidade na República Mundial das Letras (Qvale 2003; Casanova 2002: 20).

As conotações negativas em torno da tradução indirecta decorrem, sobretudo, da alegada inferioridade do fenómeno em estudo perante a tradução directa. Como constata Ringmar (2007: 9-10), “according to ‘naive’ – i.e. unreflecting – opinions, indirect translation will automatically lead to inferior results in comparison with direct translation”. Para além disso, este baixo estatuto resulta igualmente de uma visão pós-romântica ocidental, baseada no pressuposto de que a tradução está sempre condenada a ser inferior ao original; partindo deste pressuposto, a tradução indirecta, i.e., a tradução de uma tradução, duplica o estigma atribuído ao próprio fenómeno de tradução (St André 2010: 71). A desvalorização da Trl tem uma longa tradição (sendo possível identificar testemunhos de conotações negativas datados já do século XVIII, cf. Stackelberg 1984) e prevalece também nos tempos de hoje.¹¹

Não obstante o desprestígio e a imagem prejudicial de Trl, diversos estudos demonstram que o recurso a esta modalidade poderá trazer resultados deveras positivos. Como defende Ringmar (2007: 9), “there is (...) ample evidence (...) of successful and highly esteemed indirect translations, as well as of – and that goes without saying – failed and inadequate direct translations” (veja-se, a este respeito, He 2001: 212).

Uma outra percepção generalizada, que carece de uma reflexão mais aprofundada, prende-se com a convicção de que a prática da Trl constitui um fenómeno pertencente ao passado (e.g., Heilbron 1999: 436; Sapiro 2012: 34). Esta presunção parece reforçada pelo facto de uma boa parte dos estudos que se debruçam sobre o fenómeno em causa ser de teor

¹¹ Veja-se, a título de exemplo, as recomendações constantes da declaração de Nairobi (UNESCO 1976), em conformidade com as quais o recurso à Trl deve ser reduzido ao mínimo e efectuado “only where absolutely necessary”)

histórico. Assumidamente, vários estudos salientam que, devido à crescente globalização, se assiste à gradual aproximação entre as culturas periféricas, tradicionalmente distantes. Esta (re)aproximação cria condições propícias ao recrudescimento de comunicação intercultural directa. Por outro lado, contudo, a globalização também provoca situações como, por exemplo, vogas repentinas de popularidade dos autores de uma determinada cultura periférica, sem existirem tradutores com competências em LP e LC. Nestes casos, o recurso a Trl prova ser uma boa solução para satisfazer esta procura.

I 4. 2. 4 Normas e relações sistémicas correlatas da tradução indirecta

Toury (1995: 130) perspectiva Trl como “junction where systematic relationships and historically determined norms intersect and correlate”. Com base neste pressuposto, vários estudos consultados identificam normas e relações sistémicas correlatas da Trl. Entre as correlações com particular relevância para a presente investigação encontram-se:

- correlação entre indirectude e distância linguística e/ou geográfica: de acordo com Ringmar (no prelo), “there is clear, irrevocable tendency to move from indirect to direct translation when contacts between peripheries intensify”. A esta luz, parece seguro propor que quanto maior a aproximação entre culturas, maior a probabilidade de ocorrência de traduções directas. De facto, diversos estudos indicam que a aproximação intercultural entre sistemas periféricos promove o aumento das TrD. De salientar ainda que o incremento do número de traduções directas poderá reflectir o aumento do prestígio da língua e cultura de partida periférica (cf. Toury 1995: 135–43);
- correlação entre indirectude e normas iniciais: a Trl tende a ocorrer quando a aceitabilidade é a norma dominante na CC; nos casos de maior valorização da adequação, o carácter indirecto tende a ser camuflado (não é expressamente anunciado) (Ringmar 2007: 5);
- correlação entre indirectude e média de volumes por tradutor: a Trl tem tendência para coincidir com baixa média de volumes por tradutor (Ringmar 2007: 6). Esta correlação decorre do seguinte pressuposto: “if a ‘special author-translator relationship’ is to be established – i.e. when someone translates the quasi totality of one particular author (and does it well) – this presupposes direct translation” (Ringmar 2007: 6).

I 4. 2. 5 Identificação do grau de indirectude

I 4. 2. 5 1 Constrangimentos

Como constata Toury (1995: 134), “establishing the fact that it [a translation] is mediated, let alone the positive identification of mediating language and text, is (...) problematic”. A convicção expressa por Toury é partilhada por diversos autores (e.g., Ringmar 2007:56; Špirk 2011: 7). Múltiplos são os factores que dificultam as tarefas da (i) diferenciação entre TrD e Trl e (ii) identificação dos respectivos LM e TM. Dos diversos estudos consultados, foi possível aferir os seguintes constrangimentos:

- ausência da identificação explícita no peritexto: a TrI tem propensão para camuflar o seu carácter indirecto. De igual modo, o carácter directo de uma tradução nem sempre é explicitamente anunciado no peritexto (Boulogne 2009; Ringmar 2007);
- reduzida fiabilidade dos epitextos (Boulogne 2009: 10; Pięta 2010b: 12; Ringmar 2007: 7): os epitextos tendem a basear-se nos respectivos peritextos. Este facto, por sua vez, significa que, na prática, a informação extraída do primeiro texto é tão fiável e tão reveladora como a extraída do segundo. Deste modo, a simulação do carácter directo patente no peritexto de uma tradução é perpetuada para o epitexto (crítica literária, bibliografias), em que o carácter directo de uma tradução é tomado como um dado adquirido;
- TM não identificados ou indisponíveis para consulta: como avança Toury (1995: 134), “the more significant the role of intermediate translation, the more severe the problems involved in establishing the body of texts that should be taken into account.”
- vários graus de indirectude: a fronteira entre TrD e TrI é pouco nítida, visto que a indirectude de uma tradução não constitui uma oposição binária, mas sim um contínuo que alinha vários graus. De acordo com Frank (2004: 806),

there is a spectrum of ternary situations that can be demarcated: (...) [a]t one end, there is [...] indirect translation pure and simple, with a translator using only a translation into a third language as the source text for a translation purportedly of some writer's work originating in the titular source literature. The other extreme is marked by the use of such an intermediate [...] translation merely as a control. Between these two poles, there is room for various combinations.

O reconhecimento da existência de uma escala gradativa de indirectude, estabelecida com base na dependência em relação a traduções anteriores, i.e., em relação ao(s) respectivo(s) TM, é também saliente em Dollerup (2000). De acordo com este autor:

the relation between support and relay is connected with the degree of dependence on other realizations: in pure relay the translator uses the totality of another translator's text, whereas in regular cases of support translation we meet isolated fragments within these wholes. However, there is obviously an enormous area in between and one which contains all sorts of fascinating combinations. (Dollerup (2000: 24)

Na esteira de Frank (2004) e Dollerup (2000), a proposta do presente estudo é de que o contínuo gradativo relativo à indirectude poderá tomar a forma representada na Figura 2. Como se poderá reter da leitura da figura, o contínuo estende-se do grau máximo de indirectude ao grau mínimo. No extremo da maior indirectude encontra-se posicionada a tradução com uso permanente de TM, que se poderá designar por tradução totalmente indirecta e que Frank (2004) apelida provisoriamente de “indirect translation pure and simple” e Dollerup 2000 de “pure relay”.

Tradução
totalmente
indirecta

Tradução
parcialmente
indirecta



Indirectude máxima

Indirectude mínima

Figura 2 Contínuo de indirectude

Por seu turno, o extremo da indirectude mínima é ocupado pela tradução produzida maioritariamente com base no TP primário (original) mas em que se encontram ocasionalmente fragmentos traduzidos com base nos TM. Este tipo de tradução poder-se-á apelar de tradução parcialmente indirecta.

Entre estes extremos será possível reconhecer diversos níveis de indirectude. Estes níveis poderão ser avaliados com base em pelo menos dois critérios: (1) número de TM e (2) número de etapas de mediação. No que se refere ao critério do número de TM, para fins do presente trabalho são reconhecidos dois cenários possíveis, nomeadamente:

- tradução realizada com recurso a um só TM, podendo ser expressa através da grelha representada na Figura 3;
- tradução realizada com recurso simultâneo a vários TM, podendo ser expressa através da grelha representada na Figura 4. Este tipo de Trl poderá ser denominado por tradução ecléctica (Stackelberg 1987) ou compilativa (Popovič 1983). Salienta-se que neste cenário não se exclui a possibilidade de um dos textos utilizados constituir, de facto, o TP primário, em língua original. Este subtipo da tradução ecléctica / compilativa poderá ser representado através da grelha da Figura 5 e considerado tradução apoiada. De referir que, em traços gerais, quanto maior o número de TM, mais a tradução final se aproxima ao extremo da indirectude máxima.

Relativamente ao critério do número de etapas, torna-se possível conceber a existência de dois cenários:

- o processo de tradução realizado em duas etapas que se sucedem, podendo ser representado pela grelha representada na Figura 6; a primeira etapa (TP->TM) consiste na tradução da LP original para a LM e a segunda (TM->TC) na tradução da LM para a LC. Resumindo, nesta configuração, a tradução final é baseada na tradução realizada directamente do TP original. A Trl assim concebida poderá ser designada por tradução em segunda mão;
- o processo de tradução realizado em mais que duas etapas, podendo ser expresso pela grelha representada na Figura 7. Neste cenário a tradução final é baseada na tradução que constitui a tradução indirecta do TP original. Assim, o TC poderá ser designado por tradução em terceira, quarta, *n*-ésima mão. Salienta-se que quanto maior o número de etapas, mais a tradução final se aproxima ao extremo da indirectude máxima.



Figura 3 Grelha representativa da tradução realizada com recurso a um só TM

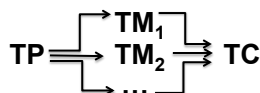


Figura 4 Grelha representativa da tradução realizada com recurso a vários TM

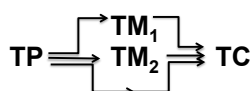


Figura 5 Grelha representativa da tradução realizada com recurso simultâneo ao TP original e a vários TM



Figura 6 Grelha representativa da tradução indirecta realizada em duas etapas

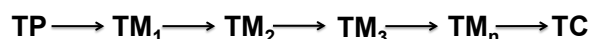


Figura 7 Grelha representativa da tradução indirecta realizada em mais que duas etapas

I 4. 2. 5 2 Proposta de uma metodologia para a identificação de indirectude

São escassos os estudos que proporcionam uma descrição explícita do método utilizado para distinguir a TrI da TrD, e identificar a LM e o TM mais prováveis. Em boa verdade, dos estudos consultados aquando da revisão bibliográfica apenas dois procedem a uma elaboração mais aprofundada deste método. Trata-se de Toury (1995) e Ringmar (2007). O primeiro propõe um método que permite distinguir a TrI da TrD, sem, no entanto, oferecer soluções para a identificação dos textos e línguas de mediação, limitando-se apenas à constatação de que esta identificação terá sempre carácter meramente probabilístico. O carácter limitador do método utilizado em Toury fica patente no seguinte excerto:

the only practicable way out would be to contextualize the individual figures involved in the act – translators, writers, editors, and the like: where they lived, what kind of education they had, which languages can be ruled out for such persons under such circumstances, how likely they were to encounter certain texts rather than others in their immediate vicinity, and so on. On the basis of information of this kind, texts which in all likelihood could not have been translated from the ultimate original would be tentatively marked as ‘mediated translations’. The next step, establishing their immediate sources, will often be only probabilistic. (Toury 1995: 134)

O método proposto pelo segundo autor referido afigura-se algo mais operacional. Mais concretamente, Ringmar (2007: 7-9) sustenta que a identificação do carácter (in)directo de uma tradução e dos respectivos LM e TM terá que se basear na informação extraída: (a) da consulta dos catálogos e bibliografias; (b) dos títulos do TC; (c) dos dados biográficos relativos ao tradutor; e (d) do cotejo entre TC, TM e TP, orientado para a identificação de desvios e da sua natureza.

A luz do acima exposto, e a despeito da inegável relevância das recomendações metodológicas dos dois autores acima mencionados, verifica-se um grave défice de métodos explicitamente formulados, referentes à identificação do carácter (in)directo da tradução e dos LM e TM. Para colmatar esta lacuna metodológica, a presente investigação recorreu a uma metodologia tripartida, desenhada propositadamente para este efeito e baseada nas propostas de Toury (1995) e Ringmar (2007), que visa ultrapassar alguns dos constrangimentos elencados no I 4. 2. 5 1.

A metodologia consistiu na triangulação de três abordagens: análise peritextual, análise epitextual e análise comparativa no eixo TP-TM-TC. A primeira implicou um exame dos elementos peritextuais dos TC (tais como capas, contracapas, introduções, prefácios, notas de tradutor, etc.), norteadas pela preocupação de identificar pistas que denunciassem o carácter (in)directo das traduções. Entre as pistas indicadoras do estatuto directo de uma tradução contam-se, sobre tudo, expressões como “tradução directa” ou “tradução do polaco”. Entre as pistas indicadoras do estatuto indirecto de uma tradução encontram-se, essencialmente, expressões como “tradução baseada na versão francesa”, “traduzido do alemão”, etc.. As pistas foram codificadas e armazenadas no *corpus* do campo “designação do texto” (veja-se ANEXO B CORPUS d). Embora se mostrasse útil para um possível estudo de auto-entendimento/auto-designação de tradução, esta abordagem não trouxe resultados pretendidos, uma vez que muitos TC não se encontram explicitamente marcados como traduções ou, quanto mais, traduções (in)directas.

Com vista a completar a informação obtida a partir do estudo do peritexto, a segunda abordagem consistiu na análise dos respectivos epitextos, guiada pelo intuito de recuperar dados bio e bibliográficos referentes aos tradutores constantes do *corpus*. Este passo, por seu turno, implicou o recurso a documentos arquivísticos (disponibilizados por editoras ainda em actividade), (auto)biografias, bibliografias, catálogos, entrevistas com alguns tradutores e editores, obras de referência (dicionários, enciclopédias) e de crítica literária. Esta abordagem, para além de exigir um considerável investimento de tempo, não trouxe um acréscimo significativo de dados, como se pretendia, principalmente devido à escassez de informação respeitante às competências linguísticas dos tradutores, bem como à relutância das casas editoriais em partilhar informação sobre o processo de tradução. Uma outra limitação, decorrente da implementação desta abordagem, prendeu-se com a constatação (corroborada por estudos como Boulogne 2009: 10; Pięta 2010b: 12; Ringmar 2007: 7) de que os epitextos são frequentemente baseados nos respectivos peritextos, o que, na prática, significa que a informação extraída do segundo é tão reveladora e fiável como a extraída do primeiro.

A fim de providenciar os dados em falta, a terceira abordagem passou pela (1) identificação dos possíveis TM e (2) comparação macroestrutural e micro-textual destes textos com os correspondentes TP polacos e TC portugueses. No que se refere à identificação probabilista dos TM, no seguimento da informação recuperada das primeiras duas abordagens (análise peri e epitextual), bem como dos estudos qualitativos e quantitativos do contexto histórico da cultura portuguesa receptora (sobretudo Duarte 2000; Flor 1999; Rosa 2012; Seruya 2010, Soler 1999) e do intercâmbio cultural ibero-eslavo (Cieszyńska e Pięta 2011; Franco 2010), foi elaborada uma listagem circunscrita de possíveis LM. As LM assim seleccionadas foram: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e russo (por ordem alfabética). Para estabelecer a plausível genealogia de um determinado TC português, foi preparada, com o auxílio de diversos catálogos de bibliotecas e bases de dados bibliográficas, uma lista sistemática de TM hipotéticos em cada uma das seis línguas acima elencadas. Relativamente ao cotejo dos TM com os possíveis TP e TC, a nível macroestrutural foi prestada atenção especial aos seguintes componentes: título, transliteração do nome do autor, notas do tradutor, prefácios, organização dos capítulos e ilustrações. A nível micro-textual um foco particular recaiu sobretudo na transliteração dos nomes de personagens, empréstimos, fenómenos culturais (e.g., medidas), acréscimos, omissões, substituições e erros de interpretação. Atendendo ao elevado número de textos em análise, a comparação micro-textual abrangeu apenas amostras escolhidas através de uma selecção aleatória (excertos considerados representativos e correspondentes a aproximadamente 20% do total do texto). A triangulação das três abordagens acima expostas (análise peritextual, análise epitextual e análise comparativa no eixo TP-TM-TC) foi realizada recorrendo ao *modus operandi* apresentado na Figura 8.

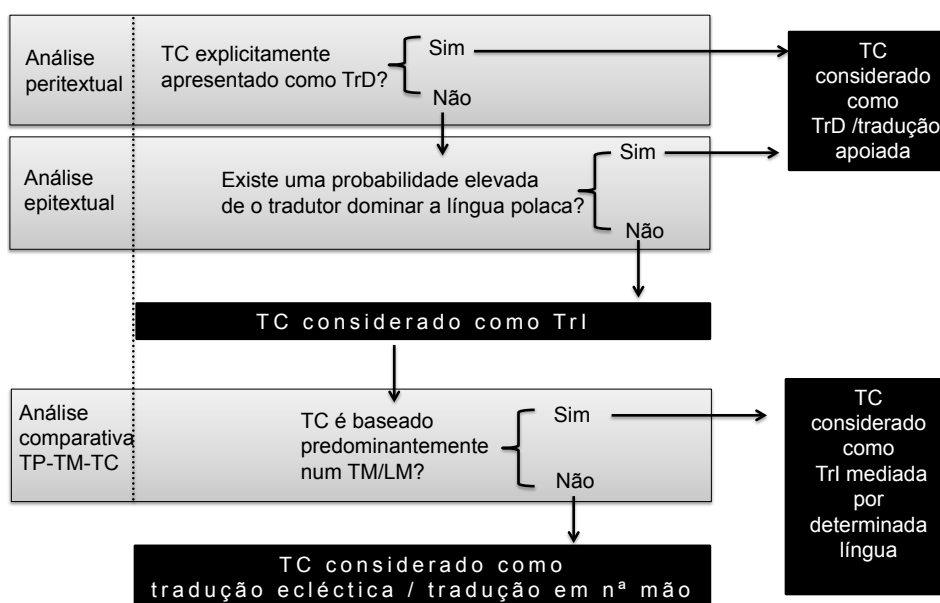


Figura 8 Hierarquia das fontes usadas na identificação da (in)directude dos TC e na identificação dos plausíveis TM/LM

Como se torna patente, no esquema hierárquico proposto a primazia é dada à informação extraída do peritexto, sendo o epitexto e o cotejo entre TP, possíveis TM e TC considerados como fontes de informação secundárias. No seguimento desta hierarquia, nos casos em que o peritexto indica explicitamente o carácter directo do TC, este é considerado como TrD (ou apoiada) para fins do presente projecto. Contudo, nos casos em que a informação oriunda do peritexto é ambígua, torna-se imprescindível recorrer ao epitexto. Se a informação extraída do epitexto indica que existe uma probabilidade elevada de o tradutor dominar a língua polaca, o TC é entendido como TrD para fins da presente investigação. No caso da indicação contrária, o texto é considerado como TrI. Nestas situações torna-se necessário recorrer à análise comparativa entre o TP, os possíveis TM e o TC para averiguar qual a LM dominante. Se esta análise indica que o TC é baseado predominantemente num TM ou numa LM, assume-se que o TC é mediado por esta língua. Caso contrário, o TC é considerado como tradução ecléctica/em *n*-ésima mão.

A triangulação das abordagens acima explicada revelou-se significativamente produtiva, permitindo não só distinguir TrD de TrI, mas também identificar a LM e, frequentemente, o TM mais plausível para um determinado TC. Posto isto, será de reter que o método utilizado não é isento de limitações, sendo que a maioria residirá na ausência de distinção entre traduções em *n*-ésima mão e traduções eclécticas ou entre traduções directas e traduções apoiadas. É expectável que tal constrangimento, que decorre, sobretudo, das limitações de tempo impostas ao estudo, seja superado num projecto futuro. Um outro constrangimento, desta vez decorrente da concepção da metodologia, prende-se como o facto de a triangulação só ser aplicável nos casos em que (a) é possível consultar os TC; (b) é possível identificar o TP polaco; (c) os TC não constituem adaptações, resumos etc., (neste contexto, por adaptações e resumos entendem-se textos que sofreram alterações tão drásticas que, embora seja possível identificar o TP polaco, é impossível identificar com algum grau de probabilidade TM). Com efeito, da análise serão excluídos:

- TC indisponíveis para a consulta (COR 006, COR 019, COR 024, COR 060, COR 084, COR 091) e/ou
- TC para os quais não foi possível identificar TP polacos (COR 006, COR 029, COR 060) e/ou
- TC marcados como adaptações, resumos etc. (COR 010, COR 022).

I 4. 3 Investigação sobre tradução indirecta

Publicações académicas na área de história da tradução abundam em referências breves à tradução indirecta. Em boa verdade, como argumenta Ringmar (2007: 4), “it is almost impossible to examine literary exchange, especially historically, without coming across this phenomenon”. Todavia, a despeito da frequência e importância histórica, este fenómeno têm ocupado, pelo menos até há relativamente pouco tempo, uma posição marginal no âmbito

dos ET.¹² Efectivamente, estudos que focam a Trl são frequentemente iniciados com a constatação da desatenção académica perante este fenómeno (e.g., Dollerup 2000: 19; Edström 1991: 3; He 2001: 197; Stackelberg 1988: 7).

Nesta linha de argumentação, St. André (2008: 232) defende que a tradução indirecta “remains one of the most understudied phenomena in translation studies today”. De facto, anteriormente ao começo da presente investigação (2008), estudos dedicados à temática da tradução indirecta foram raros (e.g., uma das maiores obras de referência em ET na altura, a *Routledge encyclopedia of Translation Studies* (Baker e Malmkjær 1998), não dispunha da respectiva entrada sobre este fenómeno). Os estudos publicados foram, salvo casos excepcionais de relevo (e.g., Dollerup 2000; Graeber 1994 e 2004; Honeyman 2005; Jianzhong 2003; Ringmar 2007; Stackelberg 1988: 7; Toury 1995), tipicamente desenvolvidos na área de interpretação. Este facto, por seu turno, sugere que “relay translation is one of the few research areas in translation studies where interpreting has probably enjoyed more visibility than translation” (St. André 2008: 232).

Não obstante esta habitual negligência, recentemente tem se registado um notável aumento de interesse no fenómeno em causa: entre o início da presente investigação (2008) e a data da revisão bibliográfica (2011) a *Translation Studies Bibliography* registou treze novas publicações cujo foco explícito recai sobre tradução indirecta. São elas: Boulogne (2009), Dollerup (2009), Hyun (2009), Jiménez Carra (2008), Ku (2010), López Guix (2009), Mac Síomóin and Branchadell (2008), Marín Lacarta (2008), Martens (2009), Ringmar (2008), St. André (2010) e Wang (2008).¹³ Uma outra manifestação de maior interesse constitui a publicação de uma entrada com foco específico em Trl na segunda edição da *Routledge encyclopedia of Translation Studies* (Baker e Saldanha 2008) e na terceira edição da mais recente obra de referência nos ET, nomeadamente a *Handbook of Translation Studies* (Ringmar 2012).

De salientar que em quase todos estes exemplos a indirectude é perspectivada do ponto de vista das culturas de chegada e/ou de partida e não da cultura mediadora (Ringmar 2012: 141). Esta tendência é observável também no caso de estudos anteriores a 2008. Sirva de prova a existência de um megaprojecto desenvolvido por estudiosos, sitos na Alemanha (Grupo de Göttingen), sobre a mediação francesa na importação da literatura inglesa pela cultura alemã do século XVIII (Graeber 1994 e 2004), que contrasta com a ausência de um estudo equivalente sobre o papel mediador da língua alemã, e.g., na tradução de/para línguas da Europa de leste (e.g., Polónia) e do norte (e.g., Suécia).

¹² Para ilustrar a frequência e importância histórica da tradução indirecta, bastará evocar o exemplo na tradução da *Bíblia*: “the most importante book in Christianity, the New Testament, is known by bible translators in its Greek version. Yet the words uttered by Jesus Christ were in Aramaic. In many childrens’ books with pictures produced internationally, the texts may have been realised in many different languages before the purchasers acquire it”. (Dollerup 1999: 9)

¹³ A obtenção destas referências bibliográficas resultou da pesquisa simples por termos ‘indirect translation’, ‘relay translation’, ‘mediated translation’, ‘intermediary translation’, ‘second-hand translation’ e termos afins, conduzida em Maio de 2011 em *Bibliography of Interpreting and Translation (BITRA)* e *Translation Studies Bibliography (TSB)* (Gambier e van Doorslaer 2004). Embora a lista não seja tida como exaustiva, corrobora nitidamente o aparente aumento de interesse académico pela tradução indirecta.

Das três observações acima apresentadas, no mínimo duas, i.e., (a) escassez de estudos anteriormente a 2008, (b) posterior aumento de interesse, (c) perspectivação da indirectude principalmente do ponto de vista da cultura receptora e não mediadora, aplicam-se, em traços gerais, aos estudos em Trl que tomam como a CC a cultura portuguesa.

Primeiro, os ET em Portugal parecem ter ignorado, quase por completo, a indirectude como objecto de estudo: embora diversos trabalhos refiram, de passagem, a predominância da Trl na cultura portuguesa (e.g., Flor 1999, Seruya 2010), anteriormente a 2008 estudos dedicados a este fenómeno revelaram ser extremamente raros. Apesar dos esforços sistemáticos investidos, a presente investigação conseguiu identificar apenas uma publicação com estes parâmetros. Trata-se de Zurbach (2001), que se debruça sobre o papel da cultura francesa na mediação da tradução portuguesa de uma comédia de Ben Jonson.

Segundo, recentemente tem-se assistido ao gradual incremento de publicações com foco mais ou menos explicitamente centrado na Trl. De facto, no decorrer da presente investigação (2008-2013) foram concluídos pelo menos dois que se dedicam a este tópico. São eles: Maia 2012 (que estuda o papel da cultura francesa na recepção portuguesa do género picaresco originado em Espanha) e Špirk 2011 (que se debruça sobre Trl e TrD de línguas checa e eslovaca para língua portuguesa).

PARTE II

CONTEXTO HISTÓRICO

CAPÍTULO II 1

POLÓNIA

Tratando-se de um estudo retrospectivo centrado na tradução da literatura polaca publicada em Portugal entre 1855 e 2010, torna-se necessário delinear o contexto histórico que terá influenciado a importação da literatura polaca pela cultura portuguesa. Como as balizas cronológicas da presente investigação foram definidas pelos anos 1855 e 2010, é neste âmbito temporal que se centrarão os três capítulos incluídos na presente parte da tese. No capítulo agora iniciado esboçam-se os elementos da história da cultura polaca.

A periodização que estrutura o presente capítulo baseia-se, com alterações pontuais, em Davies ([1981] 2005). Na maioria dos casos, a tradução para português dos nomes de instituições, cargos, movimentos políticos ou literários polacos referidos neste capítulo é baseada em Siewierski (2000) e Zamoyski (2010). De referir ainda que com estes capítulos não se pretende esgotar o assunto mas, antes, destacar os elementos considerados como potencialmente mais determinantes para o fluxo de traduções da Polónia para Portugal.

II 1. 1 Polónia sob partilhas (1795-1918)

Em 1855, ano em que em Portugal foi publicada a primeira tradução para português europeu da literatura polaca em volume (CAT 001), a Polónia não existia como Estado autónomo. A ausência do Estado soberano polaco no mapa político europeu verificava-se desde 1795 (data da terceira partilha do vasto território da Primeira República da Polónia entre as três potências vizinhas, i.e., Áustria, Prússia e Rússia) e só terminou em 1918 (finda a Primeira Guerra Mundial).¹⁴

Desde o início das partilhas as três potências opressoras tiveram um objectivo comum: “abolir tudo o que possa evocar a existência de um reino polaco face ao aniquilamento consumado deste corpo político” (Zamoyski 2010: 11). Contudo, apesar de repressões draconianas, a “questão polaca” (Zamoyski 2010: 231) nunca foi completamente abafada, uma vez que “um mundo polaco imaterial mas real continuou a existir durante todo o período da partilha” (Zamoyski 2010: 241). De certa forma as repressões infligidas na nação polaca revelaram-se contraproducentes, moldando a chamada “polonidade” (Zamoyski 2010: 233) e fortificando inequivocamente a sua identificação com o catolicismo: “ser polaco torna-se sinónimo de ser católico” (Zamoyski 2010: 244).

¹⁴ As primeira e segunda partilha tiveram lugar em 1772 e 1793, respectivamente. A “Primeira República da Polónia (Pierwsza Rzeczpospolita Polska)” é um termo convencional usado retrospectivamente para designar a Comunidade das Duas Nações (Rzeczpospolita Obojga Narodów), i.e., o Estado multicultural composto pelo Reino da Polónia (Królestwo Polskie) e pelo Grão-Ducado da Lituânia (Wielkie Księstwo Litewskie) desde meados do séc. XVI. No seu auge, a Comunidade abrangia os territórios hoje pertencentes a Bielorrússia, Letónia, Lituânia e Polónia e, parcialmente, à Eslováquia, Estónia, Moldávia, Rússia e Ucrânia.

Com efeito, a luta em prol da recuperação da independência nunca cessou: nos 123 anos em que a Polónia foi por completo eliminada do mapa político da Europa houve várias revoltas armadas contra o poder opressor. Na década de 1850, nos territórios previamente pertencentes à Primeira República da Polónia sentiam-se ainda as severas repercussões das malogradas Insurreição de Novembro (Powstanie Listopadowe) (1830-1831), a Insurreição de Cracóvia (Powstanie Krakowskie) (1846), Insurreição de Poznań (Powstanie Poznańskie) e “Primavera das Nações” (Wiosna Ludów) (1848). Uma das consequências mais significativas destes levantamentos populares foi a Grande Emigração (Wielka Emigracja, aprox. 1830-1860), tendo a França como destino principal, que abrangeu principalmente a elite intelectual e política da nação. Embora não alheia a disputas internas, a elite no exílio exercia influência significativa sobre a nação polaca, contribuindo para a formação do pensamento filosófico (e.g., Józef Maria Hoëne Wroński; CAT 020-022) e o desenvolvimento da cena musical (e.g., Fryderyk Chopin), bem como das correntes literárias (e.g., o romantismo nacionalista polaco, cujos principais representantes foram os chamados Três Profetas (Trzej Wieszcz): Adam Mickiewicz (CAT 006-019), Juliusz Słowacki e Zygmunt Krasiński).

Após estes levantamentos populares fracassados, em 1963 eclodiu a Insurreição de Janeiro (Powstanie Styczniowe), também ela malograda. Com os sucessivos fracasso das revoltas, intensificaram-se as repressões. Estas tomaram diferentes formas em cada território ocupado, tornando as discrepâncias entre a ocupação austro-húngara (parte meridional, com Cracóvia), russa (terras orientais, com Varsóvia) e prussiana (terras ocidentais, com Poznań e Grańsk) cada vez mais patentes. Os territórios sob a administração do Império Austro-Húngaro (predominantemente católico) receberam gradualmente alguns indícios de autonomia administrativa e cultural (e.g., o ensino da língua polaca foi proibido apenas durante curtos períodos, não houve perseguições aos católicos e Cracóvia tornou-se o centro artístico polaco, cf. Davies (1981) 2005: 247), mas sofreram um subdesenvolvimento económico (Zamoyski 210: 249). As terras sob o domínio russo (ortodoxo) foram alvo de intensa russificação (em 1860 o uso da língua polaca sob forma impressa e manuscrita foi proibido e o russo tornou-se a língua oficial no sistema educativo; a Igreja católica foi colocada sob o controle de um órgão secular), mas também de uma industrialização a grande escala (Zamoyski 2010: 251-255). Por sua vez, os territórios ocupados pela Prússia (protestante), foram alvo da germanização exigente, consubstanciada pela *Kulturkampf* (guerra às tendências católicas e regionalistas do Império de Bismarck): os Polacos foram rotulados de “uma nação de conteúdo cultural menor” (Zamoyski 2010: 243); o uso da língua polaca no sistema educativo foi abolido; e a Igreja católica foi colocada debaixo da supervisão do Estado alemão. Porém, apesar das repressões, observou-se um considerável crescimento económico e industrial nestes territórios.

Também na sequência do fracasso das revoltas, em meados do século XIX instalou-se a convicção de que o caminho para a independência deve passar não pela luta armada, associada a “grandes gestos românticos e sacrifícios inúteis” (Zamoyski 2010: 257), mas sim pelo auto-melhoramento e progresso social. Este pensamento foi promovido pelos representantes do movimento positivista (Pozytywizm) e tomou a forma da ideologia

designada de “Trabalho Orgânico” (Praca Organiczna). A ideologia partia do conceito de nação-organismo e do pressuposto que a queda do Estado polaco

não fora um martírio de gente inocente mas sim o colapso merecido de um Estado que deixara de funcionar por causa da cegueira dos seus cidadãos e da ineficiência das suas instituições políticas (Zamoyski 2010: 258)

Neste sentido, o “Trabalho Orgânico” visava a educação das massas, o incremento do potencial económico da nação polaca, a aceleração da integração das minorias nacionais e a emancipação das mulheres (Zamoyski 2010: 259). A ideologia esteve presente em todos os campos, exercendo um impacto significativo também a nível cultural e, sobretudo, literário: encorajava-se uma tradição dramática mais realista; rompeu-se com a tradição do romance histórico romântico, transformando-o num instrumento de investigação social e de polémica ética, e intensificou-se a escrita que visava levantar o moral da nação (“literatura ku pokrzepieniu serc”, i.e., “literatura para confortar corações”). Entre os escritores formativos do movimento positivista polaco encontram-se Bolesław Prus, Maria Konopnicka, Eliza Orzeszkowa e Henryk Sienkiewicz.

A esta geração de escritores seguiu-se uma nova vaga, apelidada de “Jovem Polónia” (“Młoda Polska”), que aderiu a diferentes cânones literários, abarcando os movimentos artísticos e filosóficos heterogéneos da época, como o decadentismo, expressionismo, impressionismo, modernismo, naturalismo ou simbolismo. Entre os autores tipicamente associados à geração de “Jovem Polónia” e presentes no *corpus* a analisar destacam-se Władysław Reymont (COR 028; COR 033; COR 061), Stefan Grabiński (COR 099) e Stefan Żeromski (COR 036; COR 061).

Por vias diferentes, o positivismo e o “Trabalho Orgânico”, bem como o modernismo e a “Jovem Polónia” contribuíram para um processo sustentado de construção nacional, resistindo à germanização e à russificação. Nos últimos decénios do século XIX e nos primeiros do século XX surgiram os primeiros partidos políticos da Polónia moderna e começou a desenhar-se a luta entre os socialistas e os nacionais-democratas (Zamoyski 2010: 276). No mesmo período, assistiu-se à ascensão no poder de Józef Piłsudski, líder do Partido Socialista Polaco (Polska Partia Socjalistyczna, PPS). Militar e conspirador dotado, Piłsudski promovia a subversão activa e a sabotagem, sendo uma das forças inspiradoras da Revolução de 1905 nos terrenos polacos sob ocupação russa. Todavia, apesar de introduzir algumas melhorias (e.g., a restituição da língua polaco no ensino sob a ocupação czarista), esta revolta não trouxe igualmente a desejada soberania do Estado polaco.

A hipótese real de recuperação da independência surgiu apenas com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em que, pela primeira vez desde havia mais de um século, a Prússia e a Rússia estiveram em lados opostos do conflito. Como constata Davies:

the Polish lands were not merely the theatre of operations. They were the areas where Russia and Central Powers were forced to compete for the minds and bodies of their Polish subjects (Davies [1981] 2005: 279)

Como, entre 1914 e 1918, milhões de polacos foram recrutados pelos exércitos austríaco, prussiano e russo, as três potências ocupantes procuravam garantir a lealdade dos seus

súbditos. Com este fim faziam promessas de autonomia aos territórios polacos. Em 1917 formaram-se, em solo francês, um governo e um exército polaco, reconhecidos como co-beligerantes pela Entente. Com a iminente aproximação do armistício, em Novembro de 1918, o socialista Ignacy Daszyński proclamou um governo polaco provisório, sendo substituído posteriormente por Ignacy Paderewski, compositor e defensor da causa nacionalista polaca. No dia do armistício (11 de Novembro), Józef Piłsudski assumiu comando do exército polaco. Esta data assinala a recuperação da independência e o início da chamada Segunda República Polaca (Druga Rzeczpospolita).

II 1. 2 Segunda República Polaca (1918-1939)

O escopo temporal da Segunda República Polaca abrange os anos entre guerras, i.e., 1918-1939. No plano da política interna os primeiros anos após a restauração da independência foram marcados pelas vicissitudes associadas à criação das estruturas do novo Estado: nos vinte e um anos desse período a Polónia conheceu 3 presidentes, viu formados 32 governos e proclamadas três constituições (em 1919, 1921 e 1926). Os sucessivos governantes foram confrontados com constrangimentos de vária ordem, principalmente provenientes das discrepâncias resultantes de mais de um século de coabitação com três culturas ocupantes diferentes:

os Polacos criados segundo um molde prussiano tinham dificuldade em cooperar com os Polacos de hábitos habsburgos, mais urbanos, já para não falar nos formados na ineficiência bizantina da burocracia czarista. (Zamoyski 2010: 275)

Em 1919 o parlamento provisório, dominado pelos partidos da direita, proclamou a Pequena Constituição (Mała Konstytucja), que conferia amplos poderes executivos a Piłsudski. Em 1921, esta foi substituída pela Constituição de Março (Konstytucja Marcowa), que definia o regime como democracia parlamentar. As primeiras eleições realizadas sob a nova constituição colocaram no parlamento trinta e um partidos, reflectindo a fragmentação da sociedade polaca e contribuindo deste modo para a inoperância do sistema político. O sentimento de instabilidade tornou-se ainda mais evidente em 1922 quando o primeiro presidente da República, Gabriel Narutowicz, foi assassinado.

Face a estas vicissitudes, tornaram-se mais frequentes os apelos a um governo forte. Como constata Zamoyski (2010: 277), só Piłsudski, que contava com o apoio das forças armadas e da maioria dos partidos direitistas e esquerdistas, gozava da autoridade necessária para dar resposta a estes apelos. Com efeito, em Maio de 1926, Piłsudski executou um golpe de estado, dando início a um movimento político apelidado de “Sanacja” (“Saneamento”), norteado pelo objectivo de sarar a situação política do país. Para este fim, foram introduzidas alterações à carta constitucional que marginalizaram o parlamento e reforçaram o papel do presidente, dando início a uma relativa calma política. Como os interesses de Piłsudski se centravam principalmente em torno do exército e não no quotidiano da governação, por sua sugestão o cargo de presidente foi ocupado por Ignacy Mościcki, cientista e membro do partido socialista. Em 1935 foi proclamada a Constituição de Abril (Konstytucja Kwietniowa), dando-se por concluída a conversão do sistema político num sistema autoritário-presidencial.

Todavia, convém frisar que, como argumenta Zamoyski (2010: 280), “a Polónia poderia não parecer uma democracia mas não era uma ditadura; não obstante o regime Sanacja, a dissidência florescia”. Embora, com a morte de Piłsudski em 1935, a oposição se tenha tornado particularmente notável, os governos da Sanacja mantiveram-se no poder até ao deflagrar da Segunda Guerra Mundial.

Em relação ao plano económico, apesar dos inúmeros problemas de crescimento e das condições extremamente desfavoráveis (devidas, e.g., à grande depressão económica americana com a irradiação pan-europeia, às discrepâncias entre várias zonas do país, aos elevados custos da construção das infraestruturas estatais e à “desindustrialização da Polónia” executada pelo exército alemão em retirada, cf. Zamoyski 2010: 284), a Polónia conseguiu assegurar vários êxitos. Atendendo a que a maioria da população (64%) vivia da agricultura, não lucrativa, implementou-se uma industrialização em grande escala. Como a Cidade Livre de Danzing (imediatamente antes das partilhas pertencente à Polónia), dominada pelos alemães, ansiava pela incorporação na Alemanha, a Segunda República Polaca viu-se obrigada a construir, em Gdynia, o seu próprio porto de acesso ao Báltico. Estes passos contribuíram para o incremento da produção nacional, do comércio e das exportações.

A nível social, existiam várias tensões. Embora antes das partilhas a nação polaca, com a sua longa tradição de tolerância religiosa e cultural (Zamoyski 2010: 282), albergasse uma multiplicidade de nacionalidades (incluindo não só os Polacos mas também Alemães, Bielorrussos, Judeus, Letónios, Lituanos, Russos, Tártaros, etc.), após a restauração da independência pôde-se basear somente nas tradições linguísticas, culturais e religiosas do grupo dominante. Esta tarefa revelou-se bastante complicada, uma vez que na década de 1920 apenas 67% dos habitantes da Segunda República Polaca eram Polacos, sendo 17% Bielorrussos e Ucrânianos, 10% judeus e 2,5% Alemães. Nunca foi implementada uma política de discriminação activa contra estas minorias, mas o seu acesso aos cargos estatais era limitado. Os Ucrânianos e Bielorrussos eram alvo de desconfiança por parte da comunidade polaca, principalmente devido à actividade dos extremistas nacionais ucrânianos que pretendiam a separação do recém-criado Estado polaco. As relações com a minoria alemã também estavam repletas de hostilidades: os alemães sentiam-se deslocados no meio dos polacos e, com a ascensão do Nazismo, exigiam a anexação ao Reich dos terrenos anteriormente sob ocupação prussiana. Quanto aos judeus, não obstante nunca ter vingado o anti-semitismo biológico da variedade nazi na sociedade polaca, nalguns sectores da comunidade existia um sentimento anti-semita, reduzido mas profundamente entranhado (Zamoyski 2010: 284). Embora os distúrbios que visavam a comunidade judaica não fossem invulgares, a maior parte tinha a sua génese em factores económicos e não num ódio racial.¹⁵

¹⁵ Até à data da primeira partilha (1772), a Primeira República Polaca abrigara aproximadamente 80% dos judeus do mundo, que viviam em relativa harmonia com as restantes nacionalidades do reino (Zamoyski 2010: 282). Esta simbiose foi abalada durante as partilhas, período em que, devido às novas circunstâncias, os judeus se viram obrigados a concorrer no campo do comércio contra várias classes sociais polacas. Dado que a comunidade judaica, como todo, não partilhava as aspirações polacas de

A nível educacional, a restauração da independência trouxe consigo várias melhorias. Como refere Zamoyski (2010: 286), as reformas alcançadas no sistema educativo da década de 1930 comparavam-se muito favoravelmente com as de outros países europeus. Até essa data a taxa de iliteracia reduziu-se para metade (Siewierski 2000: 143; Zamoyski 2010: 296); enquanto em 1914 o índice de analfabetismo atingia 57% nos territórios sob a administração russa, 40% sob a austro-húngara e 5% sob a prussiana, em 1931 diminuiu para 23% do total da população da Segunda República Polaca.

No campo cultural, a independência e a consequente libertação da necessidade de servir a causa nacional, bem como o abrandamento da censura (pelo menos no início dos anos 1920), proporcionaram condições favoráveis ao desenvolvimento de novas correntes artísticas. Em 1920 foi estabelecida a União Profissional dos Escritores Polacos (Związek Zawodowy Literatów Polskich) e em 1924 a secção polaca da PEN Club, que representava a literatura polaca na arena internacional. Relativamente às correntes literárias, estas eram muito diversificadas. Nos anos 1920 predominava o grupo poético chamado “o Escamandro” (“Skamander”), cujos escritos foram caracterizados, grosso modo, pela euforia causada pelo fim da guerra, pela visão optimista do futuro e pelo fascínio com o quotidiano. Entre os principais representantes deste movimento encontram-se Jarosław Iwaszkiewicz, Antoni Słomiński, Leopold Staff e Julian Tuwim. Nos anos 1930 instalou-se um pessimismo geral provocado, principalmente, pelos acontecimentos sociopolíticos da época (a grande depressão económica, a ascensão do totalitarismo), do qual resultou a literatura catastrofista, bem representada nos escritos de Stanisław Witkiewicz (COR 056) e dos poetas da Vanguarda Cracoviense (Awangarda Krakowska). Entre outros autores desta época presentes no *corpus* aqui analisado destacam-se Michał Choromański (COR 030), Witold Gombrowicz (COR 054; COR 061; COR 081), Zofia Nałkowska (COR 061) e Bruno Schulz (COR 061; COR 070; COR 078). Também neste período estrearam-se Jerzy Andrzejewski (COR 049; COR 061) e Czesław Miłosz (COR 075; COR 077; COR 100), embora a maior parte das suas obras tenha sido publicada em décadas subsequentes. Em traços gerais, importa sublinhar que, como argumenta Zamoyski (2010: 331), apesar dos avanços culturais observados após a recuperação da independência “o Estado polaco anterior à [Segunda] Guerra [Mundial] tinha sido geralmente considerado atrasado” em relação ao ocidente europeu.¹⁶

Quanto à política externa da Segunda República, também ela sofreu grandes perturbações nos primeiros anos da soberania à semelhança da política interna. A independência do novo Estado polaco, com aproximadamente metade do território anterior às partilhas, viu-se

independência, os judeus começaram a ser vistos como conspiradores das potências ocupantes. Após a restauração da independência a maior parte da comunidade judaica vivia de comércio e exercia cargos considerados como proveitosos. Num clima de considerável instabilidade económica, este posicionamento da comunidade judaica provocara a inveja de outras nacionalidades, contribuindo desta forma para a intensificação das hostilidades.

¹⁶ Também Baer (2011: 4) e Franco, Pinheiro e Cieszyńska (2010: 14) sugerem que a Polónia, junto com os outros países de Leste Europeu, foi vista pelos países ocidentais como atrasada. Como avança Davies (2007), no seu artigo com o sugestivo título “West-Best, East-Beast”, a representação da Europa de Leste como retrógrada tem a sua origem no Iluminismo, quando o Ocidente se tornou sinónimo de luz, progresso e cultura e o Oriente passou a ser conotado com terras semibárbaras vivendo nas trevas.

ameaçada deste a sua implementação. O Tratado de Versalhes (1919) criou na Europa Central e Leste uma situação de descontentamento para todas as partes. Como resume Zamoyiski (2010: 287):

a Alemanha sentia um ressentimento óbvio face à Polónia, os Polacos sentiam o mesmo em relação a todos os seus vizinhos e estes, por sua vez, sentiam o mesmo em relação aos Polacos.

Em consequência desta configuração, nos primeiros três anos após a restituição da independência, a Polónia conheceu vários levantamentos regionalistas e foi envolvida em disputas territoriais armadas em várias frentes. Após o temporário apaziguamento destes conflitos, foram estabelecidas relações diplomáticas com quase todos os países do globo (exceptuando a Alemanha). Em 1932 foi assinado um pacto de não-agressão com a União Soviética e, depois de um período de grande tensão, também com o Terceiro Reich. Após a anexação da Áustria em 1938, pela Alemanha de Hitler, a Polónia procurou obter uma promessa de apoio militar da Grã Bretanha e França para a eventualidade de uma ofensiva alemã. Em Março de 1939 Hitler apresentou um ultimato à Polónia, exigindo Danzing (hoje Gdańsk) e o chamado “Corredor Polaco” (Korytarz Polski) (i.e., a faixa do território polaco que separava a Prússia Oriental do resto da Alemanha). O ultimato foi rejeitado. Perante a iminente ameaça, em Abril de 1939 a Polónia, a França e a Grã Bretanha assinaram um acordo que incondicionalmente garantia a integridade territorial da Polónia. Passados alguns meses de elevada tensão, em que os ministros de negócios estrangeiros alemão e russo assinaram um protocolo secreto detalhando uma nova partilha da Polónia (o chamado pacto Ribbentrop-Molotov), na noite de 31 de Agosto as tropas da Alemanha Nazi simularam um ataque polaco na estação de rádio alemã em Gleiwitz (hoje Gliwice, na altura pertencente ao Reich). Este alegado ataque foi utilizado para justificar a invasão da Polónia no dia 1 de Setembro, dando assim início à Segunda Guerra Mundial e, subsequentemente, pondo o fim à independência da Segunda República da Polónia.

II 1. 3 A Polónia na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Na tentativa de sintetizar a situação da Polónia durante a Segunda Guerra Mundial, Davies (2001: 56) afirma o seguinte:

during all this long agony, Polish predicament was principally determined by the state of relations between her two mighty neighbours. When Germany held the upper hand over Russia, Poland fell under Nazi sway. When Russia held the upper hand over Germany, Poland fell under Soviet sway. When Germany and Russia agreed to collaborate, as happened during the first two years of the war, Poland fell under a double tyranny.

Assim, após o lançamento da *Blitzkrieg* por Hitler (1 de Setembro de 1939) e a subsequente invasão pelas tropas de Estaline (17 de Setembro do mesmo ano), a Polónia, desprevenida e sem a prometida assistência directa dos franceses e britânicos, foi dividida após aproximadamente um mês de resistência. Assistiu-se, portanto, ao que vários historiadores designam como a quarta partilha da Polónia. As elites governantes exilaram-se em Paris e, posteriormente, em Londres, e o novo governo, liderado por General Władysław Sikorski foi reconhecido pelos Aliados, começando a reorganizar as forças armadas polacas. Os

territórios a oeste dos rios Bug e San caíram sob o domínio Nazi: uma parte foi directamente incorporada no território do Terceiro Reich e a outra convertida num Governo-Geral (Generalne Gubernatorstwo). Os terrenos a leste foram ocupados pelos Soviéticos, passando a ser parte integrante da União Soviética.

Durante a fase da colaboração Nazi-Soviética (1939-1941), as duas forças invasoras implementaram uma política semelhante perante a Polónia, visando não só a aniquilação do Estado polaco, mas também a conversão da sociedade polaca numa nação submissa e sem liderança (Davies 2001: 57-59; Zamoyski 2010: 289, 293). As medidas implementadas para este fim, tanto pelos Nazis como pelos Soviéticos, incluíram: massacre de civis (e.g. os Alemães destruíram sinagogas e assassinaram duzentos mil reféns em Bydgoszcz, enquanto os Russos foram responsáveis pelo massacre dos camponeses em Winnica), prisões políticas, terror policial, e segregação (a Gestapo pretendia uma limpeza étnica e levou a cabo uma segregação racial, isolando, e.g., judeus em guetos ou abatendo-os em campos de concentração; a NKVD prosseguia com a segregação por classes, conforme as profissões, deportando, e.g., os funcionários do estado polaco pré-guerra). Os crimes de guerra cometidos pelos Soviéticos são habitualmente simbolizados pelo massacre nas flores de Katyń, onde foram descobertos em 1943 os cadáveres de mais de quatro mil oficiais, polícias, sacerdotes, intelectuais, advogados e médicos polacos. Os massacres cometidos pelos Nazis são frequentemente associados ao campo de concentração de Auschwitz, onde foram exterminados pelo menos um milhão de prisioneiros, maioritariamente judeus oriundos de toda a Europa, polacos e de etnia cigana.¹⁷ Contudo, como argumenta Davies (2001: 58), pelo menos nos primeiros anos de guerra,

the Soviet terror exceeded that of the Nazi. The Stalinist regime had the head start over the Nazis in the techniques and logistics of terror (...). At the time when the Germans were still refining their preparations for Auschwitz (...), the Soviets could accommodate a few million Polish (...) additions to the population of their "Gulag archipelago". (...) Although they preferred to condemn their victims to a long slow death from cold and starvation, in contrast to the Nazi methods of summary murder, (...) the effect was much of the same.

Também a nível cultural, apesar de o ensino da língua e literatura polacas ter sido proibido tanto pelos Alemães como pelos Russos, as repressões infligidas por estes últimos revelaram-se mais profundas. De acordo com Bates ([1999] 2001),

the Nazis' universal contempt for Polish things, which disqualified the Poles as potential collaborators, saved the populace from indoctrination, and, unlike the Soviets, the Nazis did not move to nationalize all commercial activity, which allowed a certain space to public life. (...) The Russian authorities' contempt for Poles (...) initially rivalled the Nazis': their policy instrumentalized Polish culture, determining that only those elements which could be adapted for the dissemination of socialist values would survive.

Por outras palavras, a Sovietização pretendia penetrar a identidade cultural polaca muito mais profundamente do que o Nazismo. Uma das medidas para este fim passava pela extinção da classe intelectual polaca.

¹⁷ Embora o número preciso de vítimas seja impossível de estimar, parece seguro confirmar que a esmagadora maioria da comunidade judaica da Polónia foi exterminada (Davies 2001: 62) neste e noutros campos de concentração nazis.

Apesar das repressões, a resistência aos ocupantes aumentava, embora lentamente, com cada mês de ocupação. Do ponto de vista militar, foram criadas forças armadas e de guerrilha que activa e sistematicamente confrontavam os ocupantes. Para além disso, as brigadas polacas juntaram-se aos exércitos dos aliados, participando em praticamente todas as operações estratégicas. Do ponto de vista civil, a plenipotenciária Delegatura representava o governo exilado, controlando os tribunais clandestinos e as universidades itinerantes. Embora isolada dos Aliados, “the Polish resistance could fairly claim to be the largest and most elaborate movement of its kind in Europe” (Davies 2010: 64). A imprensa clandestina florescia graças aos esforços da resistência. Durante a guerra circulavam clandestinamente os escritos da chamada “Geração dos Colombos” (“Kolumbowie”), i.e., jovens literatos nascidos no início da década de 1920, cuja juventude e obras foram marcadas pela brutalidade da guerra (e.g., Tadeusz Borowski, COR 061). Em termos etários, a esta geração pertencem igualmente Zbigniew Herbert (COR 075; COR 111), Tadeusz Hołuj (COR 061), Tadeusz Różewicz (COR 061; COR 075) e Wisława Szymborska (COR 075; COR 090; COR 100; COR 105).

Em 1941 Hitler lançou a operação *Barbarossa*, preparando a invasão da União Soviética. Este passo provocou uma alteração na política de Estaline face à Polónia: visando construir uma frente contra a Wehrmacht, permitiu a formação na Rússia de um exército polaco sob a liderança do General Władysław Anders. Foram retomadas as relações entre o governo polaco no exílio e a União Soviética, mas, apesar de agora se encontrarem do mesmo lado do conflito (i.e., dos Aliados) as relações entre eles eram extremamente tensas. Em 1943, após a derrota alemã em Estalinegrado, a posição de Estaline entre os Aliados tornou-se mais forte. Em 1944, no âmbito da ofensiva Soviética, o Exército Vermelho atravessou a fronteira polaco-russa de 1939. A expectativa do fim iminente das hostilidades espalhava-se pela Europa, mas os Polacos viram a perspectiva da libertação pelos Soviéticos com muito menos entusiasmo:

for one thing, the Russians were old enemies, and knowledge of their methods (...) was bound to raise suspicions. (...) For another, Stalin took the first opportunity presented by his new-gained strength (...) to sever his relations with the Polish Government. (...) [H]e was breathing new life into the Polish communist movement which refused to harmonize its activities with the main Resistance organizations (Davies 2001: 64).

Desde o início a libertação da Polónia foi conduzida nos termos impostos pela União Soviética. Em Julho de 1944 foi instalado em Lublin o Comité Polaco de Libertação Nacional (Polski Komitet Wyzwolenia Narodowego - PKWN), de orientação pró-comunista e em estreita colaboração com Estaline. No dia 22 de Julho, o comité anunciou o seu manifesto político e começou a agir como um governo provisório nas zonas libertadas, sem a autorização do governo polaco no exílio.¹⁸ Nos meses que se seguiram, durante os quais se observou a retirada das tropas nazis e o avanço das soviéticas, tornou-se claro que o governo polaco no exílio não tinha força suficiente para contestar o crescente controle de Estaline no território polaco. A única esperança da instalação de uma administração independente residia em Varsóvia, onde o governo polaco no exílio teve ao seu dispor um forte contingente de militantes clandestinos. A 1 de Agosto de 1944 eclodiu a chamada

¹⁸ Este evento marca o início simbólico da chamada “República Popular” Polaca (Polska Ludowa).

Insurreição de Varsóvia (Powstanie Warszawskie), cujo objectivo era expulsar os Nazis da capital antes da chegada das tropas Soviéticas. Contudo, sem o auxílio dos Aliados, e com as tropas de Estaline a observarem a luta sangrenta do outro lado do Vístula durante semanas sem intervir, a insurreição não trouxe os resultados pretendidos. A devastação de Varsóvia foi tal que, quando em Janeiro de 1945, o Exército Vermelho entrou na cidade, “não havia nada nem ninguém para libertar” (Zamoyski 2010: 306). As consequências políticas da insurreição foram igualmente desastrosas. Após a conferência de Ialta (1945), o governo no exílio perdeu o apoio dos Aliados. A Polónia passou a encontrar-se inequivocamente dentro da órbita da influência da URSS.

II 1. 4 “República Popular” Polaca (1944-1989)¹⁹

Apesar da Polónia ter integrado a aliança vitoriosa, as perdas por ela sofridas excederam os ganhos (Davies 2001: 88): 20% da população total anterior à guerra foi assassinada (no caso das elites esta proporção foi muito mais elevada, atingindo entre 30% a 50%, cf. Zamoyski 2010: 313); meio milhão de polacos, incluindo uma boa percentagem de intelectuais, encontrava-se dispersa pelo mundo; a maior parte das infraestruturas foi arrasada. Nesta configuração, como resume Davies ([1981] 2005: 430), “the communists were handed Poland on a platter and sucessfully obstructed all attempts to share power thereafter”.

Em 1947, após um breve período de aparente pluralidade política (Davies [1981] 2005: 430), os comunistas venceram as eleições legislativas. Os resultados do sufrágio foram falsificados e pouco reflectiam as preferências políticas da população: na década de 1950 só um em cada cinco trabalhadores aderiu ao movimento comunista. Em contraste, mais de 90% pertencia à Igreja Católica (cf. Zamoyski 2010: 320), tornando-a, por consequência, alvo de uma campanha de perseguição. Em 1948 foi criado o Partido Operário Unificado Polaco (Polska Zjednoczona Partia Robotnicza, PZPR), que passou a ser o partido do Estado. Quatro anos depois, em 1952, foi proclamada a constituição de estilo soviético (Zamoyski 2010: 311). Estes acontecimentos podem ser considerados como sinais da integração política, económica, militar e cultural da Polónia no chamado Bloco de Leste, em conjunto com a criação do Cominform (1947) (órgão intergovernamental através do qual Estaline poderia exercer pressão sobre os partidos comunistas centro-europeus, cf. Marcou 1977), a rejeição do Plano do Marshall (1947) e a criação do Pacto de Varsóvia (1955), que marcam o início da chamada Cortina de Ferro (Feitö 1971).

Significativamente, esta integração assinala igualmente o começo da sobrepolitização do campo literário (Popa 2006: 209). Entre os factores que mais contribuíram para este fenómeno destacam-se: (a) a monopolização de todos os canais de publicação pelos órgãos estatais; (b) a transformação da União Profissional dos Escritores Polacos numa associação corporativa controlada pelo Estado; (c) a imposição, em 1949, do Realismo Socialista como

¹⁹ “República Popular” Polaca (Polska Ludowa) é um termo convencional usado retrospectivamente para designar o regime polaco entre 1944 e 1989. Entre 1944 e 1952 o nome oficial do regime foi Rzeczpospolita Polska (República da Polónia). Entre 1952 e 1989 este foi rebaptizado para Polska Rzeczpospolita Ludowa (República Popular da Polónia).

um método criativo obrigatório; e (d) a implementação, em 1945, da censura institucionalizada.

Relativamente a (a), as medidas da monopolização passaram pela nacionalização do mercado editorial, pelo encerramento da maioria das editoras e revistas privadas e católicas, pela centralização da rede de distribuição de livros e periódicos (com a criação da “Casa do Livro” (Dom Książki) e do “Ruch” (Movimento) e pela planificação das actividades editoriais nacionais (da qual ficou encarregue o Ministério da Cultura). Relativamente a (b), a União dos Escritores foi principalmente responsável pelo controle do estatuto profissional dos escritores, editores, tradutores, etc., pela monopolização do acesso à actividade literária e pela definição das regras da consagração: “one could not proclaim oneself a writer if one was not a member of the Writers’ Union” (Popa 2006: 225). Como relata Popa, o papel da União dependia largamente da conjuntura política: “it could act solely as a ‘transmission belt’ for the political power, but it could also protect its members, and it could even take the forefront of political protests for liberalisation” (Popa 2006: 225, aspas no original). No que toca a (c), as linhas orientadoras da nova doutrina artística defendiam a glorificação da classe operária. No que se refere a (d), a censura foi institucionalizada em 1945, com a criação do Comité Central do Controle de Imprensa, Publicações e Espectáculos (Centralne Biuro Kontroli Prasy, Publikacji i Widowisk), convertido, em 1946, na Agência Principal do Controle de Imprensa, Publicações e Espectáculos (Główny Urząd Kontroli Prasy, Publikacji i Widowisk, GUKP). No que toca ao *modus operandi*, conforme Bates ([1999] 2001: online),

the GUKP operated at a three-stage procedure in relation to newspapers: *de facto*, the submission of the edition on which the censor indicated any necessary changes; *ex post*, immediately prior to publication (...); and *secondary*, when a committee would assess the correctness of the decision in hindsight (...). [N]ewspapers were freed from a fourth stage of *preliminary* censorship which books underwent, that is, the complete manuscript was submitted to the GUKP before printing.

De acordo com a legislação em vigor, os censores intervinham no processo editorial para prevenir “attacks on the political system, disclosure of state secrets, ‘activity harmful to the Polish state’s international relations’ (...) and ‘misleading public opinion with false information’”(Bates [1999] 2001: *online*, aspas no original). De referir que os critérios para a supressão eram principalmente ideológicos, embora “the Marxist puritanism led also to the disqualification of books which were considered as ‘immoral’” (Kuhiwczak 2008: 9-10, aspas no original).

A falta de especificidade dos critérios censórios contribuiu para a onipotência da GUKP, afectando igualmente a esfera das traduções. Como avança Baer (2011: 9), “translation under Communism was largely shaped by the tension between xenophobia and internationalisation”. Por um lado, o número de traduções de “livros escritos nas ‘línguas imperialistas’, tais como o inglês”, diminuiu drasticamente e “o mercado foi inundado com traduções da literatura socialista russa”, considerada como segura (Zamoyski 2010: 324, aspas no original). Por outro lado, foi implementado um extenso programa de tradução tutelado pelo governo e, na prática, por Moscovo, que visava, entre outros objectivos a

divulgação da literatura dos países sob a tutela soviética a nível mundial (Baer 2011: 9).²⁰ As traduções para as línguas ocidentais produzidas no âmbito deste programa foram publicadas no terreno da União Soviética e disseminadas nos respectivos países destinatários. Significativamente, para ser traduzido no âmbito deste programa o original tinha de veicular os valores que a propaganda soviética visava promover (Popa 2006: 215) e ser vertido primeiro para o russo, dificultando deste modo o intercâmbio directo com o estrangeiro e transformando a língua russa num instrumento de controle (Kuhiwczak 2008: 14; Ringmar 2012: 141; Zaborov 2011: 2071). Para além disso, para ser traduzido por vias oficiais um original tinha de passar por uma dupla filtragem:

first, to be allowed to exist as an original edition, the text had to pass the different stages of internal censorship, which did not exclude other forms of adjustment of the manuscript, including periods of time when it was put on hold or even banned. Secondly, an official permission concerning the process of translation as such had to be obtained from a state-controlled organisation [ZAIKS - *Związek Autorów i Kompozytorów Scenicznych* (União dos Autores e Compositores Teatrais)] which held the monopoly over translation rights and, as a consequence, over the circulation of texts over the national borders. (Popa 2006: 217)

Naturalmente, um texto publicado ou traduzido fora do circuito oficial não passava por esta filtragem.

Em suma, em resultado da sobrepolitização do campo editorial, a produção e a exportação oficial da literatura polaca não foram moldadas pelas preferências do público mas sim subordinada ao programa ideológico soviético, imposto pela URSS (cf. Baer 2011: 6; Popa 2006: 215; Skibińska 2008: 85-86). Para além disso, como constata Bates a propósito dos finais dos anos 1940 e início dos 1950, “Poland was cut off from Western cultural, scientific and political influence as the Soviet model dominated in all spheres” ([1999] 2001: *online*). Como argumenta Kuhiwczak (2008), esta dominação pode sugerir que a Polónia, juntamente com outros países “satélites” ou membros da União Soviética, foi alvo de colonização, em certos aspectos similar àquela de que foram alvo os territórios colonizados pelos Impérios Britânico, Espanhol, etc.:

perhaps the Soviet Union, with its hundred nations speaking over a hundred languages, yet ruled by one political party, may also have deserved the name of empire. (...) Although the Soviet Union presented itself as the antithesis of Zarist Russia, its colonial expansion was a clear continuation of zarist policy. (Kuhiwczak 2008: 3)

A esta luz, nessa altura o único verdadeiro escape à dominação soviética e à sobrepolitização do campo literário era constituído pelos círculos emigrantes: em 1945 foi

²⁰ De acordo com Witt (2011), este programa, que abrangia quase todas as línguas do chamado Bloco de Leste, “may well be the largest more or less coherent project of translation the world has seen to date – largest in terms of geographical range, number of languages (and directions) involved and timespan; coherent in the sense of ideological framework (given its fluctuation over time) and centralized planning (Witt 2011: 167). Embora a história do programa continue ainda por escrever (Witt 2011: 167), existem indícios que podem sugerir que a literatura polaca não constituía a literatura prioritária deste programa, possivelmente devido à actividade dissidente polaca, relativamente forte quando comparada com a verificada noutros países da tutela soviética (Popa 2006: 219, 222). Por outras palavras, parece provável que outras literaturas do bloco soviético, com menor actividade dissidente, fossem alvo de promoção e exportação mais intensiva. Esta sugestão parece ser corroborada em Popa, de acordo com a qual no período 1945-1991 foram exportadas apenas cinco traduções polacas no âmbito deste programa, contrastando com dezassete checas, cinquenta e três húngaras e trinta e uma romenas (Popa 2006: 215-218).

criada em Londres a Associação dos Escritores Polacos no Exílio (Związek Pisarzy Polskich na Obczyźnie) e a editora Gryf Publications; em 1946 foi fundando, por Jerzy Giedroyc em Roma, o Instytut Literacki (Instituto Literário), que, um ano depois foi transferido para Paris. Estes círculos revelar-se-iam de importância vital nos anos seguintes, contribuindo para o desenvolvimento de um pensamento e cultura polacos livres de opressões soviéticas (Popa 2010: 135-136). É nestes círculos que se publicaram as obras de Witold Gombrowicz, Stanisław Mackiewicz, Czesław Miłosz ou Zbigniew Stykułowski, presentes no *corpus*. Visando desacreditar os escritores exilados, a propaganda estatal dividia os autores polacos em dois grupos: “those living and writing in Poland (the ‘right’) and those living and writing abroad (the ‘wrong’)” (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005: XIII).

Em meados da década de 1950 foi iniciado um breve período de desestalinização após a morte de Estaline (Março de 1953), o Relatório de Khrushchev (Fevereiro de 1956), as manifestações de operários de Poznań brutalmente esmagadas (Junho de 1956) e a ascensão de Władysław Gomułka ao cargo de secretário-geral do Partido (Outubro de 1956). Renunciou-se o culto de personalidade e foram anunciados uma amnistia parcial para os presos políticos, as reformas económicas, a intensificação dos contactos com o mundo exterior por via de comércio, turismo e transmissões da Rádio Europa Livre (até agora proibidas), a libertação do Cardeal Wyszyński e a autorização das actividades da Igreja (em troca da promessa de fidelidade ao regime). Em suma, as classes dirigentes e intelectuais (Popa 2006: 208) tomaram medidas para “criar uma nova via para (...) um socialismo de rosto humano e ‘polaco’” (Zamoyski 2010: 329, aspas no original).

No campo literário este período tomou a forma de “degelo” (“odwilż”), traduzindo-se na diminuição do controle do Estado no mercado editorial (Popa 2006: 208). A censura abrandou, o Realismo Socialista como doutrina obrigatória foi revogado (Bates [1999] 2001: *online*), os contactos com os círculos culturais emigrados foram intensificados (Zamoyski 2010: 331). Significativamente, as publicações católicas (e.g., a revista *Tygodnik Powszechny*) e as obras dos escritores até então marginalizados ou banidos (e.g., dos poetas Zbigniew Herbert e Tadeusz Różewicz, do romancista Leopold Tyrmand ou do clássico Bruno Schulz) começam a ser toleradas pelo regime e a circular nos circuitos editoriais oficiais (cf. Popa 2006: 218; Zamoyski 2010: 327,), contribuindo para o crescimento de uma zona cinzenta onde coexistiram livros “‘not really banned’ but ‘not really authorised’ either” (Darnton 1991 *apud* Popa 2006: 218, aspas no original). Tornaram-se igualmente possíveis estreias literárias até então pouco prováveis (e.g., do dramaturgo Sławomir Mrożek, do romancista Marek Hłasko, ou do poeta Ryszard Krynicki). Paralelamente, a renovação e oficialização de contactos directos com alguns países do Ocidente (e.g., França), contribuiu para o incremento do número de traduções de e para as línguas ocidentais, apesar da interferência da censura (Popa 2006: 218; 2010: 165). Contudo, esta abertura trouxe também desapontamento, uma vez que revelou

que o mundo exterior via a Polónia em termos negativos. (...) O romance do Ocidente com o comunismo (...) significou que os Polacos passaram também a ser considerados ideologicamente suspeitos. (...) O catolicismo não estava na moda nos círculos oficiais ocidentais, nem o tipo de valores pelos quais os Polacos tinham lutado. (Zamoyski 2010: 330-331)

Apesar destas alterações, a Polónia não se libertou das fortes influências de Moscovo. Como resume Davies (2001: 9) “the Polish People’s Republic ceased to be a puppet state and became a client state”, economicamente, politicamente e militarmente subordinado à URSS. Consequentemente, após um breve período de relativa liberalização, voltaram as repressões. A Igreja voltou a ser perseguida, especialmente após 1965 quando, na altura dos preparativos para as comemorações dos mil anos do cristianismo na Polónia, os bispos polacos enviaram uma carta aberta aos seus homólogos alemães apelando, sem a autorização do Partido, à reconciliação entre as duas nações (Zamoyski 2010: 333). No mesmo ano dois jovens activistas do Partido (Jacek Kuroń e Karol Modzelewski) escreveram uma carta aberta (CAT 145) exigindo renovação do aparelho político e foram imediatamente detidos. Em 1968 iniciaram-se purgas no Partido, provocadas pela onda de antissemitismo resultante das agitações após a Guerra dos Seis Dias (1967) entre Israel e os Estados Árabes. Para acalmar a situação, Gomułka pediu auxílio soviético que garantiu apenas concedendo a participação dos soldados polacos na invasão à Checoslováquia. Este passo só agravou o descontentamento da população polaca, já insatisfeita com a deterioração da conjuntura económica.

A nível cultural, as repressões tornaram-se ainda mais intensas. A censura tornou-se mais implacável, “com o censor a decidir quantos exemplares se podiam imprimir de cada livro e quantas vezes uma peça podia ser representada” (Zamoyski 2010: 332). Os contactos com os circuitos emigrados foram altamente desencorajados. Alguns dos autores que não aderiam às linhas orientadoras do regime foram presos ou emigraram, vendo as suas obras banidas da circulação oficial. Outros recorreram a diversos subterfúgios para evitar a censura (no caso de Stanisław Lem este subterfúgio tomou a forma de ficção-científica, i.e., o género literário que permite transportar para um mundo imaginário dados históricos inconvenientes para o regime vigente). Em 1964 um grupo de intelectuais escreveu uma carta aberta contra a crescente censura. Contudo, este protesto não trouxe os resultados pretendidos (Bates [1999] 2001: *online*): vários signatários (incluindo Jerzy Andrzejewski, Stanisław Dygat, Jan Kott, Stanisław Mackiewicz e Adolf Rudnicki, autores presentes no *corpus*) foram alvo de repressões intensificadas e as divergências entre a classe dirigente e os intelectuais agravaram-se, contribuindo para o aumento da actividade dissidente.

Em 1970, após fervorosos protestos dos trabalhadores do estaleiro de Gdańsk, esmagados por soldados equipados com tanques, Gomułka foi substituído por Edward Gierek. Este último implementou a inicialmente bem sucedida política de abertura aos países do Ocidente, de modernização e de relativa liberalização económica (concretizada através de colossais empréstimos contraídos no Ocidente, maximização da extracção de matérias primas e acolhimento do capital estrangeiro). Contudo, o subsequente apaziguamento social e a aparente prosperidade não duraram muito. Já em meados da década de 1970 tornaram-se patentes as fissuras no sistema económico concebido por Gierek (Davies [1981] 2005: 471), que provocaram uma onda de protestos, dos quais o mais marcantes foram os ocorridos em Junho de 1976. Não obstante os protestos terem sido esmagados, graças à relativa liberalização dos anos anteriores foram reunidas condições para a consolidação de uma oposição forte, cujo primeiro sinal foi a fundação, maioritariamente por jovens dissidentes e

escritores, do Comité de Defesa dos Trabalhadores (Komitet Obrony Robotników). Um outro elemento catalisador do crescimento da oposição foi a eleição, em 1978, do cardeal-arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła, para a Santa Sé. Um ano depois do início do pontificado, em 1979, João Paulo II visitou a sua terra natal, reafirmando a crença dos Polacos nos seus valores espirituais e culturais e, ainda mais significativamente, tornando patente a força da oposição (Davies 2001: 15).

No campo cultural, apesar da aparente liberalização dos inícios da década de 1970 e da relativa abertura às influências do Ocidente, a censura foi intensificada e os órgãos censórios centralizados: “the Press Secretary of the Central Committee was supposed to serve as the conduit for all requests for censorship services, be they from the Russian ambassador, industrial interests, or other departments” Bates ([1999] 2001: online). Porém, as repressões não atingiram todos da mesma maneira. Como constata Bates ([1999] 2001: *online*),

limited freedom to criticize depended on the individual's status in the official hierarchy: (...) some highly placed party writers, such as Jerzy Putrament, received permission to tackle controversial issues such as Stalinism, which was otherwise taboo (...). Prestige also played a part as in 1973 when, after 5 years of official proscription, Sławomir Mrożek, the most renowned Polish playwright, premiered and published his new play *A Happy Event* in People's Poland - a work which had already been published in emigration.

Gradualmente, apesar da centralização e intensificação do aparelho censório, o monopólio do Partido na divulgação da informação foi quebrado e a oposição começou a produzir um discurso alternativo em grande escala. Após a criação da KOR foram criadas as estruturas da chamada “segunda circulação” (*drugi obieg*), que permitia a divulgação, por vias não oficiais, das obras banidas (Kuhiewicz 2008: 16; Popa 2006: 208). A literatura da segunda circulação foi disseminada através dos chamados *samizdat*, i.e., edições clandestinas, tipicamente policopiadas ou manuscritas, com distribuição limitada, passadas de mão em mão pelos leitores (Popa 2010: 394). Foi desta forma que circularam os escritos dos autores banidos e exilados, como Witold Gombrowicz, Stanisław Mackiewicz, Czesław Miłosz ou Zbigniew Stypułkowski, presentes no *corpus*.

As actividades da oposição culminaram em 1980, tomando a forma de uma série de protestos iniciados em Agosto nos estaleiros de Gdańsk, que levaram à legalização do primeiro movimento sindical não-comunista num país comunista, i.e., do Sindicato Autónomo Independente “Solidariedade” (*Niezależny Samorządny Związek Zawodowy “Solidarność”*), liderado pelo electricista Lech Wałęsa. Após esta oficialização, e com o crescente apoio das massas, o *Solidarność* continuou a lutar pelo aumento de salários, diminuição de preços, direito à greve e redução da censura. Significativamente, algumas destas reivindicações foram ouvidas: a título exemplificativo, certos tipos de publicações (e.g., textos aprovados pelo Ministério de Educação ou pela Igreja, bem como livros anteriores a 1918 ou boletins) deixaram de ser abrangidos pelos aparelhos censórios. Após a atribuição do Prémio Nobel a Czesław Miłosz, o regime viu-se igualmente obrigado a rever a sua política perante os escritores polacos no exílio, até então maioritariamente ignorados ou banidos (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005: XIII).

Após uma série de agitações sociais e perante a deterioração da situação económica, em 1981 Gierek foi substituído por Stanisław Kania e, passado um mês, pelo General Wojciech Jaruzelski. Este último, visando controlar a crescente agitação social e evitar a iminente invasão militar soviética, anunciou em 1981 a lei marcial: o Solidarność foi dislegalizado e os seus membros detidos, a censura intensificada e manifestações contra o regime esmagadas (como foi o caso dos protestos na mina Wujek). Em 1983 o Papa voltou a visitar a Polónia, apoiando quase abertamente os movimentos sindicalistas na sua luta pela liberdade. Prontamente, o Partido respondeu com uma campanha de perseguição à Igreja. Em 1983 a lei marcial foi levantada, mas a crise económica e política estava longe de terminada. A partir de 1985, quando surgiram os primeiros sinais da *perestroika*, a posição do Partido começou a ser minada e a amnistia aos membros do Solidarność foi inevitável. Apesar de ilegal, o movimento continuava a ser uma força. Em 1989, ciente da sua posição fragilizada, o Partido viu-se obrigado a iniciar o diálogo com a oposição. Após a chamada "mesa redonda" ("okrągły stół"), o Solidarność e a Igreja recuperaram o estatuto legal, foram dados os primeiros passos para a abolição da censura e anunciadas as eleições legislativas, que permitiram ao Solidarność a entrada no parlamento. Após as eleições, Tadeusz Mazowiecki, uma das mais importantes vozes da oposição, foi nomeado primeiro ministro. Estes eventos marcam o colapso do regime comunista e o início da chamada Terceira República da Polónia.

II 1. 5 Terceira República da Polónia (1989-2010) ²¹

O governo de Mazowiecki depressa tomou medidas radicais que visavam a descomunização do país e a introdução do pluralismo político, tornando claro que o passado seria "riscado", que os ex-comunistas não seriam alvo de perseguições e que a Polónia seguiria o rumo democrático a qualquer o custo (Zamoyski 2010: 357).

A nível da política interna, os primeiros anos da Terceira República da Polónia foram caracterizados pela forte fragmentação política dos antigos opositores ao regime e pela forte consolidação dos herdeiros do Partido comunista, dissolvido em 1991. A desintegração da frente unida composta por todos os que antes de 1989 lutaram contra a hegemonia comunista foi bem visível já aquando das eleições presidenciais de 1990 (em que o candidato vencedor, Wałęsa, enfrentou, entre outros, Mazowiecki, também ele membro do Solidarność) e legislativas de 1991 (em que o partido vencedor, Unia Demokratyczna (União Democrática) com 12% dos votos, foi um dos trinta que conseguiram o assento no parlamento). Relativamente às eleições presidenciais, em 1995, Wałęsa cedeu lugar a Aleksander Kwaśniewski, um ex-ideólogo do partido comunista que permaneceu no cargo até 2005, ano em que foi substituído por Lech Kaczyński, tal como Wałęsa um ex-membro do Solidarność. No que toca às eleições legislativas, os primeiros anos da Polónia democrática testemunharam uma alternância entre os partidos pós-Solidarność e pós-comunistas no poder. Entre 1991 e 2007 a Terceira República Polaca viu formados doze governos, dos

²¹ A designação "Terceira República da Polónia" é um termo usado na Constituição de 1997. O nome oficial do Estado é Rzeczpospolita Polska (República da Polónia).

quais apenas um, (liderado por Jerzy Buzek), durou até ao fim do mandato.²² Todavia, de acordo com Zamoyski (2010: 346) as eleições legislativas de 2007 (que deram início ao governo de coligação presidido por Donald Tusk) constituem um marco distintivo na história recente polaca, uma vez que trouxeram a relativa consolidação e estabilização da cena política:

os mais de cem partidos que disputaram as eleições de 1991 tinham-se reduzido, nos anos intermédios, a uma meia dúzia, e as dezenas de partidos representados no *Sejm* [parlamento] passaram a ser quatro. Os demagogos, os representantes de interesses únicos e os pós-comunistas que se tinham alimentado de um eleitorado inexperiente foram finalmente afastados de cena. (...) A democracia parlamentar estabeleceu-se firmemente no centro da vida polaca.²³ (Zamoyski 2010: 364)

Esta estabilização foi posta à prova em 2010, quando numa catástrofe de aviação morreu o Presidente da República, alguns dos principais representantes da classe governante, chefes do exército e outras personalidades da elite política, religiosa e cultural. Apesar do choque geral, as estruturas do estado mantiveram-se intactas. Em 2010, em resultado de eleições antecipadas, o cargo do Presidente foi ocupado por Bronisław Komorowski, candidato da Plataforma Cívica.

A nível da política externa, nos primeiros anos a Terceira República da Polónia enfrentou vários desafios. Ciente destes constrangimentos, a diplomacia polaca revelou-se altamente cautelosa. Apesar de algumas pressões da parte das minorias, as fronteiras existentes foram confirmadas. Até 1991, ano da fragmentação da URSS, as relações com a União Soviética foram tensas, especialmente após o estabelecimento pela Polónia das relações diplomáticas com as repúblicas soviéticas (e.g., Bielorrússia, Lituânia e Ucrânia). Contudo, após 1991, as tensões no eixo Varsóvia-Moscovo atenuaram-se e as tropas soviéticas retiraram definitivamente do país em 1993. Para assegurar a segurança na região, a Polónia, a Checoslováquia e a Hungria assinaram em 1990 um acordo tripartido. Ao mesmo tempo foram intensificadas as relações com a Alemanha que, apesar da inicial relutância, ratificou a fronteira com a Polónia. Em 1991 Wałęsa pediu publicamente desculpa à comunidade judaica, dando início aos debates que obrigaram a sociedade polaca a rever criticamente a sua história e suscitaram interesse pelo lugar ocupado pela cultura judaica no passado da Polónia. Após a dissolução do pacto de Varsóvia em 1991 o país entrou na órbita das influências americanas, evidentes após a entrada da Polónia na OTAN (NATO), em 1997. Para além disso, em 1994 foram feitos os primeiros esforços no sentido da adesão à União Europeia (na altura Comunidade Europeia), concretizada em 2004. Porém, apesar da sólida

²² Os sucessivos governos foram liderados pelos seguintes primeiros ministros: Jan Olszewski (1991-1992), Waldemar Pawlak (1992-1992), Hanna Suchocka (1992-1993), Waldemar Pawlak (1993-1995), Józef Oleksy (1995-1996), Włodzimierz Cimoszewicz (1996-1997), Jerzy Buzek (1997-2001), Marek Belka (2004-2004 e 2004-2005), Kazimierz Marcinkiewicz (2005-2006), Jarosław Kaczyński (2006-2007).

²³ As eleições trouxeram uma vitória estrondosa (41%) ao partido do centro, Platforma Obywatelska (Plataforma Cívica), deixando o partido de centro-direita, "Prawo i Sprawiedliwość" ("Lei e Ordem"), formado pelos irmãos Jarosław e Lech Kaczyński, no segundo lugar (32%). A esquerda pós-comunista (a Aliança da Esquerda Democrática – Sojusz Lewicy Demokratycznej, SLD) e o Polskie Stronictwo Ludowe (PSL, Partido Popular Polaco) ficaram muito enfraquecidos, assegurando apenas 13% e 9% dos votos, respetivamente. Os partidos considerados como populistas, i.e., Samoobrona (a Autodefesa) e a Liga Polskich Rodzin (Liga de Famílias Polacas), fazendo parte da coligação governante entre 2005 e 2007, não conseguiram obter o mínimo para assegurar assento parlamentar.

integração nas estruturas internacionais, as tensões no eixo Varsóvia-Moscovo e Varsóvia-Berlim fazem-se sentir ocasionalmente, reverberando pela região os ecos de um passado negro (Zamoyski 2010: 639).²⁴

Também no plano económico o país enfrentou vários desafios, decorrentes principalmente da transformação de uma economia de Estado planeada centralmente numa economia de mercado livre. Gradualmente, através de privatização das empresas públicas, diminuição da dívida externa, incentivos ao investimento externo, reestruturação da indústria, entrada de fundos europeus e as demais reformas, começaram a verificar-se melhorias. Apesar de ainda existirem graves problemas estruturais e embora grande parte da população (especialmente nos meios rurais) não disfrutar das melhorias, em 2010 a economia polaca acusou um dos mais elevados índices de crescimento na União Europeia.

A nível cultural, a queda do regime comunista trouxe várias alterações. A censura institucionalizada foi abolida em 1990 (Skibińska 2008: 87) e o monopólio estatal da informação foi totalmente ultrapassado com o surgimento das diversas editoras privadas (Kuhiwczak 2008: 18), pondo assim o termo à sobrepolitização do campo literário (Popa 2006: 209). Assistiu-se à abertura total às influências oriundas do estrangeiro (especialmente do Ocidente), à implementação de novos direitos de autor (1994), ao lançamento de novos prémios literários (e.g., Nike, em 1997) e à gradual profissionalização dos autores (aumento do número de autores que se dedicam exclusivamente à escrita, cf. Skibińska 2008: 90). Relativamente à tradução, por um lado o mercado nacional polaco foi inundado pelas traduções, maioritariamente de língua inglesa, remetendo para um plano secundário as versões em russo (tão frequentes durante o período 1945-1989) (Skibińska 2010: 28). Por outro lado, foram feitos esforços sistemáticos para disseminar a literatura polaca no mundo: e.g., em 2000 a literatura polaca foi o tema central da Feira do Livro de Frankfurt e em 2003, i.e. um ano antes da adesão à União Europeia, foi criado o *Program Translatorski© Poland* [*Programa de Tradução © Poland*] que subsidia as publicações estrangeiras das traduções do polaco. Em traços gerais, todos estes esforços trouxeram efeitos notáveis, contribuindo para um aumento drástico de traduções de literatura polaca em geral (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005: XII). A atribuição em 1996, do prémio Nobel à poetisa Wisława Szymborska, cuja escrita original é apenas em língua polaca e conhecida internacionalmente graças às versões para as línguas centrais, também pode ser vista como uma consequência indirecta destes esforços.

²⁴ Como aconteceu, ex., em 2005 (quando a Alemanha e Rússia assinaram o acordo sobre a reorientação de um gasoduto, que inicialmente deveria atravessar a Polónia, sob o Mar Báltico) ou em 2010 (após a queda do avião presidencial no caminho às celebrações perto de Katyń).

CAPÍTULO II 2

PORTUGAL

Neste capítulo apresentam-se os elementos da história da cultura portuguesa considerados pertinentes para o tópico estudado..A periodização aqui utilizada baseia-se, com alterações pontuais, em Marques (1998). De referir que apesar de ser fulcral para a compreensão da história de Portugal, a questão das colónias portuguesas não cabe no âmbito da presente investigação e, por isso, será abordada apenas pontualmente.

II 2. 1 Monarquia constitucional (1820-1910)

Em 1855, ano em que foi publicada a primeira tradução de literatura polaca em volume (CAT 001) para português europeu, vigorava em Portugal uma monarquia constitucional. Proclamada com a aprovação da constituição de 1822, fruto da revolução liberal de 1820, a monarquia constitucional portuguesa foi marcada por uma crónica instabilidade política, social e económica. Desde a sua fundação até a queda em 1910, a monarquia viu aprovadas mais duas constituições (em 1826 e em 1836), viveu quarenta e três eleições gerais para o parlamento, conheceu mais de cinquenta chefes de governo e passou por repetidas revoltas, insurreições, golpes de estado e outros pronunciamentos populares e militares.

Contudo, em meados do séc. XIX, altura em que a acima referida tradução da literatura polaca saiu dos prelos, o Portugal monárquico-constitucional tinha entrado no período designado por Regeneração, marcado por relativa e temporária acalmia política. Este período assinalou o início da implementação de uma política do fomento das obras públicas, visando modernizar a infraestrutura do país através do desenvolvimento dos transportes (estradas, vias ferroviárias, pontes, etc.) e meios de comunicação (correios, telefone, telégrafo, etc.). Embora relativamente tardios e lentos em comparação com os avanços observados nos restantes países da Europa ocidental (na altura em plena Revolução Industrial), estes desenvolvimentos abriram caminho ao progresso tecnológico e industrial. Posteriormente a esta política de fomento tecnológico e industrial apelidou-se de Fontismo, designação derivada do apelido da sua figura central, i.e., António Maria de Fontes Pereira de Melo.

A temporária estabilidade política durante o período de Regeneração, aliada à conjuntura financeira internacional, contribuiu igualmente para uma breve expansão económica que o país conheceu principalmente no início da década de 1860. As reformas infraestruturais, bem como as crescentes importações dos materiais devido ao esforço da industrialização, depressa levaram a um aumento das despesas que o país, enfraquecido com as recentes perda do Brasil como colónia (em 1822) e a abolição de muitos direitos feudais (sobretudo na década de 1820), não conseguiu compensar com escassas receitas providas principalmente da agricultura. Em consequência, apesar de vários ajustes do sistema financeiro, já nos finais dos anos 1860 os problemas económicos do país voltaram a agravar-

se. A subsequente contracção económica desencadeou uma série de crises financeiras e comerciais, a mais intensa nos anos 1873-1878 (Marques 1998: 114).

A relativa e temporária acalmia política e económica dos anos 1850 e dos inícios dos anos 1860, bem como os avanços industriais, reflectiram-se igualmente no plano social. A mudança talvez mais notória disse respeito à burguesia: embora tenha ganho expressão económica com a Dinastia de Avis (1385-1582) e tenha tido um peso considerável no governo de Pombal (1750-1777), esta classe social só se afirmou em meados do séc. XIX, com o reforço dos comerciantes e industriais. Como relata Marques (1998: 137-138), enquanto na década de 1820 os grupos burgueses abrangiam 8% da população total, até à década de 1860 duplicaram a sua percentagem. A ascensão da classe burguesa foi acompanhada pelo declínio gradual da parte da população ligada à agricultura (cuja percentagem na população total caiu de 71% em 1864 para 57% em 1911, veja-se Marques 1998: 138) e pelo aumento progressivo, embora lento, da classe operária (de 36 000 no início do século XIX para 100 000 no início do século XX, veja-se Marques 1998: 183).

As modificações no plano político, económico e social influenciaram igualmente o plano cultural. Com o crescimento da classe burguesa, cujas preferências culturais recaíram principalmente sobre o romance histórico e teatro (Marques 1998: 151), aumentou o público leitor e com ele a produção nacional de livros e periódicos. O número de publicações nacionais multiplicou igualmente graças à introdução de uma considerável liberdade de palavra que vigorava, com algumas interrupções provocadas pelos interlúdios reaccionários (1823-1826, 1828-1833 e 1840-1851), desde a abolição da censura a livros e periódicos em 1821. Por sua vez, graças ao progresso tecnológico e, sobretudo, ao desenvolvimento de meios de transportes e de comunicação com a Europa, Portugal aproximou-se dos grandes centros culturais, como Paris ou Londres. A importação crescente de livros e periódicos por via ferroviária não só contribuiu para o decréscimo significativo do preço da venda das publicações estrangeiras no mercado português mas também para a aceleração da sua disseminação. Por consequência, assistiu-se a uma maior abertura às influências oriundas do estrangeiro, especialmente às providas de França.

Quanto ao plano educacional, apesar do acima referido aumento do público leitor e das várias reformas do sistema escolar (entre os quais merecem particular relevo as do ensino secundário e superior promovidas de acordo com o modelo francês por Passos Manuel, ministro do reino entre 1836 e 1837, entre outros), a taxa de analfabetismo foi consideravelmente alta, especialmente quando comparada com o resto da Europa. De acordo com as estatísticas citadas por Marques (1998: 143) em 1890 a taxa de iliteracia entre os indivíduos com mais de sete anos atingiu 76%.

O período de relativa acalmia, iniciado nos anos 1850 e que se estendeu ainda, com algumas interrupções, pelas décadas de 1870 e 1880 (graças à vigência do sistema de rotativismo parlamentar, caracterizado pela alternância no poder dos dois grandes partidos políticos de centro-direita e centro-esquerda), foi seguido por mais um período de instabilidade. Esta profunda crise da monarquia dos inícios da década de 1890 teve origem nos planos político, económico e social. No que toca às causas políticas, a crise foi

provocada principalmente pela indignação geral contra o rei e as instituições vigentes após a cedência ao ultimato britânico de 31 de Janeiro de 1890 (segundo cujos termos se Portugal viu obrigado a renunciar a um vasto território africano entre Angola e Moçambique). Relativamente ao plano social, a crise foi desencadeada pelo descontentamento geral da nova classe média, composta por pequenos e médios burgueses urbanos, que se sentia oprimida pela grande burguesia e aristocracia dirigentes. No que se refere às causas económicas, o movimento geral contra a monarquia foi provocado pela crise económica e financeira à escala europeia, que, em Portugal, se sentiu através da depreciação da moeda, da subida dos preços, da falência de alguns bancos e do aumento da dívida pública.

A crise da monarquia do início dos anos 1890, que culminou com a revolta de 31 de Janeiro de 1891 com pronunciamentos republicanos, foi temporariamente ultrapassada com a implementação de severas medidas económicas e o desanuviamiento internacional. Contudo, após a viragem do século, a monarquia enfrentou mais uma crise. Num clima de elevada tensão social e política vivida nos anos 1900, as discordâncias no seio dos partidos progressista e regenerador conduziram à sua dissolução. O rei designou João Franco, chefe do recém-criado partido regenerado-liberal, para formar o ministério. Este, em 1906, após mal sucedidas tentativas de consolidação do governo e com pleno apoio do monarca, implementou uma ditadura.

Este passo desencadeou uma escalada de violência e uma série de acontecimentos desastrosos para o regime monárquico, entre eles o regicídio ocorrido a 1 de Fevereiro de 1908, do qual resultou a morte do Rei D. Carlos e do seu filho herdeiro Príncipe D. Luís Filipe. Após o atentado, o governo de João Franco pediu a demissão e o novo rei, D. Manuel II, nomeou o governo de acalmação. Contudo, os esforços que visavam salvar o regime revelaram-se inúteis. O monarca foi expulso do país pela revolução que eclodiu em Outubro de 1910, acontecimento que assinalou a queda da monarquia constitucional e o subsequente começo do regime republicano.

II 2. 2 Primeira República (1910-1926)

Apesar das promessas de estabilidade, a Primeira República, proclamada a 5 de Outubro de 1910, não trouxe o desejado apaziguamento. No plano político, observou-se um desequilíbrio crónico: em dezasseis anos passados entre a implementação do regime republicano e o seu termo em 1926 houve sete eleições gerais para o parlamento, oito para a presidência da República, e quarenta e cinco ministérios, durando cada um em média quatro meses (Marques (1998: 302).

Uma vez proclamada, a Primeira República Portuguesa identificou-se com a luta contra a Igreja, sendo a separação entre o Estado e a Igreja oficializada em 1911, com a implementação de um decreto do Governo Provisório de Afonso Costa. As medidas anticlericais passaram, entre outras, pela expulsão de todas as ordens religiosas, pelo encerramento dos centros de caridade dirigidos pelas congregações, pela nacionalização da propriedade da Igreja e pela proibição do ensino do Cristianismo nas escolas.

Adicionalmente, “livros, jornais, revistas, panfletos, discursos e outros meios difundiam o ateísmo, ou pelo menos um Cristianismo não-clerical” (Marques 1998: 352). Contudo, as medidas anticlericais, que levaram ao corte das relações diplomáticas com o Vaticano em 1913, foram recebidas com desagrado pela maior parte da população. Progressivamente, e em particular após as chamadas aparições de Fátima (entre Maio e Outubro de 1917), a Igreja voltou a exercer uma influência considerável sobre as massas, preparando um renascimento da devoção popular.

No plano económico, a Primeira República não só herdou os problemas do regime monárquico-constitucional como também conheceu novos problemas. Entre 1913 e 1914 sentiram-se em Portugal os efeitos da crise económica internacional, tais como a falência de vários bancos e o aumento do desemprego. Esta primeira crise económica do regime republicano foi vencida com a expansão do comércio e da indústria suscitada pela Grande Guerra, à qual Portugal se juntou, ao lado dos Aliados, em 1916. Todavia, a participação na guerra causou igualmente perturbações económicas, motivadas pela escassez de géneros alimentares, inflação e tentativas inábeis de dirigismo económico estatal. Finda a guerra, registou-se mais um *boom* da economia nacional. Quando este chegou ao fim, uma nova crise internacional, a de 1920-1922, afectou o Portugal republicano. Esta crise, que em Portugal se foi arrastando e persistiu até 1925, foi caracterizada por uma inflação incontrolável e especulação desmedida.

As vicissitudes políticas e económicas sentiram-se igualmente no plano social. O descontentamento geral com as classes dirigentes e a severa depressão económica estiveram por trás das inquietações sociais. Com vista à atenuação das convulsões, os sucessivos governos implementaram uma série de medidas de alcance social. Contudo, os esforços revelaram-se pouco produtivos, já que as agitações sociais não cessaram. Acresce-se que enquanto em 1911 a esmagadora maioria da população (aprox. 80%, veja-se Marques 1998: 305) residia no campo, nos dezasseis anos em que vigorou o regime republicano verificou-se a intensificação do movimento migratório para dois centros urbanos (Lisboa e Porto) e o gradual, embora vagaroso despovoamento dos espaços rurais. Em consequência, como constata Marques,

Portugal podia, pois, dividir-se com singular nitidez em dois grandes grupos que (...) correspondiam, *grosso modo* à clivagem cidades-campo, mas principalmente, Lisboa e Porto – campo. (1998: 307)

No plano educacional, apesar dos esforços de uma plêiade notável de pedagogos (entre os quais se destacou João de Barros) e do estabelecimento de instrução obrigatória entre as idades de sete a dez anos, os efeitos práticos no que respeitou à educação das massas foram escassos. Em consequência, a taxa de analfabetismo para os maiores de sete anos diminuiu relativamente pouco: de 69,7% em 1911 para 61,89% em 1930 (Marques 1998: 359). Por outras palavras,

em quase vinte anos [a taxa de iliteracia] diminuiu 7,9%, número por certo maior do que em qualquer período da Monarquia (...) mas bem menor do que aquele que a opinião pública esperava da nova ordem. Quando a República Democrática chegou ao seu termo, mais de metade da população portuguesa compunha-se ainda de analfabetos.

(Marques 1998: 359)

No plano cultural, assistiu-se a crescente interesse, especialmente marcado na difusão da cultura junto da população. Cumulativamente, vários editores e associações particulares dedicaram-se à tarefa de

espalhar cultura entre as massas urbanas, mediante a publicação de livrinhos baratos com obras portuguesas e internacionais (traduzidas) do reconhecido mérito, científicas, históricas, literárias. Publicavam-se textos integrais, selecções e resumos. (Marques 1998: 362)

Contudo, apesar destes esforços de disseminação, “os portugueses de então sentiam o seu atraso cultural ante uma França, uma Bélgica ou uma Suíça” (Marques 1998: 356). Para além disso, entre os factores que moldaram o panorama cultural da Primeira República destacam-se períodos em que a liberdade de expressão se viu limitada. Embora com a instalação do novo regime tenha sido implementada a lei de imprensa que visava restituir a liberdade da palavra, perante as dificuldades enfrentadas o governo republicano viu-se obrigado a impor, em 1912, um conjunto de medidas que justificava a apreensão de publicações pelas autoridades. Proibiram-se, sobretudo, publicações periódicas de índole monárquica e católica. Em 1916, com a participação de Portugal na Grande Guerra, foi instaurada a censura, levantada apenas com o fim das hostilidades (1918). Desta vez foram apreendidos todos os documentos cuja publicação pudesse prejudicar a defesa nacional ou que fossem constituídos por propaganda contra a guerra. Em traços gerais, as medidas censórias mostraram ser contraproducentes, contribuindo para o incremento da inquietação social.

As perturbações no plano político, económico e social acima descritas depressa se revelaram difíceis de minimizar, provocando um surto de pronunciamentos de cariz nacionalista e antiparlamentar. Um destes pronunciamentos, ocorrido a 28 de Maio de 1926 e liderado pelo General Gomes da Costa, pôs termo à Primeira República Portuguesa e levou à implementação da Ditadura Militar.

II 2. 3 Ditadura Militar (1926-1928) e Nacional (1928-1933)

Os primeiros meses da Ditadura Militar foram caracterizados pela forte agitação política e inquietação económica. A 17 de Junho de 1926, passadas menos de três semanas após a revolta de 28 de Maio, o primeiro governo do regime ditatorial, presidido por Mendes Cabeçadas, foi derrubado por um novo golpe de estado. Este golpe conduziu à constituição de um novo governo chefiado por Gomes da Costa. A 9 de Julho de 1926, i.e., passadas um pouco mais de duas semanas, também este governo foi destituído por um golpe militar, dirigido pelo General Sinel de Cordes. Cordes, que deteve a pasta das Finanças, colocou o General Óscar Carmona no cargo do presidente interino e, até 1928, os dois passaram a governar o país como uma típica ditadura militar.

O novo regime assumiu-se como antiparlamentar, atribuindo à política partidária as culpas do caos que se instalara no país. Desde o início a Ditadura Militar foi caracterizada pela forte

repressão política. Entre os instrumentos desta repressão destacam-se a polícia política e a censura à imprensa. Esta última foi instituída a 24 de Julho de 1926 e endurecida após os movimentos revolucionários ocorridos em 1927 e 1928.

No plano económico, a política financeira de Cordes trouxe resultados desastrosos. Em consequência, o governo teve de dirigir-se à Sociedade das Nações para solicitar o seu patrocínio na negociação de um empréstimo externo. Quando foi apresentado com condições rigorosas no caso da efetivação do empréstimo, Cordes, pressionado pela opinião pública, viu-se obrigado a rejeitar a proposta. Esta recusa contribuiu para a total descreditação da sua política financeira. Neste sentido, não é de estranhar que quando em Março de 1928 foram organizadas eleições gerais Carmona tenha sido eleito presidente da República, mas Cordes viu-se substituído por José Vicente de Freitas.

Segundo vários historiadores (e.g., Quintas 1996), a eleição de Carmona para o cargo de presidente marca o fim da Ditadura Militar e o início da Ditadura Nacional, período em que se observa a gradual ascensão de António de Oliveira Salazar (na altura professor de Economia na Universidade de Coimbra) ao poder. O novo governo, formado em Abril de 1928, contou com a participação de Salazar à frente da pasta das Finanças. De referir que este tinha já sido chamado para participar no ministério em Junho de 1926, mas passadas duas semanas viu-se obrigado a rejeitar a oferta por não terem sido satisfeitas as condições que considerava indispensáveis para o exercício do cargo. Desta vez, porém, Salazar aceitou a nomeação, com a condição de supervisionar os orçamentos de todos os ministérios.

A nível económico, a chefia de Salazar no ministério das Finanças trouxe resultados aparentemente positivos (embora contestadas pela Sociedade das Nações). O orçamento para 1928-1929 previa um saldo positivo que pôde ser efectivado, algo que não acontecia há quase duas décadas. Embora em 1929 a grande depressão económica americana com a radiação pan-europeia tenha afectado Portugal, as suas consequências foram moderadas comparativamente com as sentidas noutros países.

O êxito da política financeira implementada por Salazar depressa lhe trouxe prestígio e popularidade, convertendo-o no “salvador da nação” (veja-se Marques 1998: 384). Gradualmente, e com o apoio da banca, da Igreja, da maior parte do exército e dos monárquicos, Salazar começou a controlar não só as questões financeiras, mas também políticas e militares do governo, dando-se assim os primeiros passos para a modelação de um Estado autoritário e corporativo. Em 1930 foi fundada a União Nacional, concebida como um “antipartido, congregando os portugueses num objectivo comum (...) e tornando-se, para todos os efeitos, no partido do governo” (Marques 1998: 463). Em 1932 Salazar tomou posse como primeiro-ministro. Passado um ano, em 1933, foi referendada a nova Constituição, acontecimento que marca o fim da ditadura nacional e o começo do regime designado por Estado Novo.

II 2. 4 Estado Novo (1933-1974)

O chamado Estado Novo, em vigor durante quarenta e um anos, é considerado o mais duradouro regime autoritário da Europa ocidental do século XX. Paralelamente, a chefia de Salazar no ministério (que durou desde 1932 a 1968) revelou ser o mais longo período de governo quase absoluto na história de Portugal desde o reinado de D. João V, entre 1689 e 1750 (Marques 1998: 417). Entre a aprovação da Constituição de 1933 (entendida como documento fundador do Estado Novo) e a queda do regime em 1974, o Estado Novo conheceu apenas dois presidentes do conselho de ministros (Salazar e Marcelo Caetano) e quatro presidentes da república, a saber, Óscar Carmona, Salazar (interinamente), Craveiro Lopes e Américo Tomás.

A designação atribuída ao regime, cunhada sobretudo por razões ideológicas e propagandistas, anunciava o início da nova ordem e o fim da “desordem [que] definia em todos os domínios a situação portuguesa” (Salazar 1935: 47). Esta nova ordem foi formalizada com a constituição de 1933, que definia o rumo do regime. Embora oficialmente o novo texto constitucional concedesse extensas atribuições ao presidente, na realidade os seus poderes foram deslocados para o governo. Deste modo, gradualmente, Salazar conseguiu centralizar as funções principais do estado. Assistiu-se, portanto, à progressiva conversão do primeiro-ministro em ditador (Marques 1998: 393).

II 2. 4. 1 Fundamentos ideológicos

Ao abordar, mesmo sucintamente, os fundamentos ideológicos do Estado Novo torna-se imperativo levantar a polémica questão da classificação do regime como fascista. Neste sentido, urge reconhecer que embora (1) o fascismo italiano e, sobretudo, o nacional socialismo alemão, tenham tido em Portugal vários simpatizantes (especialmente entre os agrupamentos designados como Integralismo Lusitano ou os nacionais-sindicalistas, bem como entre jovens activistas); (2) vários elementos que moldaram a mentalidade popular do regime salazarista (e.g., a constituição de 1933, a Mocidade Portuguesa e Fundação Nacional para Alegria no Trabalho, cf. Marques 1998: 458; Seruya 2010: 134) tenham sido inspirados nos criados na Alemanha Nazi; (3) após a queda do regime de Salazar os seus oponentes o apelidassem de fascista, vários investigadores defendem que o Estado Novo foi uma ditadura que não possuiu todas as características do fascismo europeu (Griffin 1991: 121; Payne 1995: 266; Seruya 2010: 118).

Entre os aspectos que distinguem a ideologia do Estado Novo do nazismo alemão ou fascismo italiano encontram-se, e.g., a ausência de antissemitismo organizado (Pinto 1992; Seruya 2010: 118), de anti-intelectualismo programático (Špirk 2010: 160), ou a relativa inexistência de hostilidade à ideia de intercâmbio intercultural (e por isso também de tradução) (Rundle e Sturge 2010: 5), proveniente da xenofobia e da necessidade de preservar “the supposed organic, ethnically defined unity of ‘true literature’” (Rundle e Sturge 2010: 9, aspas no original). Para além disso, a União Nacional não constituía um partido fascista (Seruya 2010: 118). Tão pouco se verificou a necessidade da regeneração nacional e cultural “based on an imagined glorious past” (Rundle e Sturge 2010: 5). Ainda mais

significativo afigura-se o facto de que próprio Salazar se distanciava dos regimes totalitários, criticando quer o fascismo italiano quer o nazismo alemão, pretendendo distingui-los do autoritarismo (Marques 1998: 431). Como sinal desta atitude de Salazar pode servir o facto de que o movimento nacionalista-sindicalista, abertamente fascista, foi banido em 1934 e passou a fazer parte da oposição ao regime (Seruya 2010: 140-141).

À luz destes argumentos, vários investigadores propõem uma terminologia alternativa para definir a ideologia de Estado Novo. Entre eles, particular relevo merece as designações “semi-fascismo” (semi-fascism), “corporativismo autoritário” (authoritarian corporatism) e “liberalismo autoritário e corporativo” (authoritarian corporative liberalism) promovidas por Payne (1995: 266, 313), bem como “para-fascismo”, termo cunhado por Griffin (1991: 121). Em favor do rigor científico, serão estes os termos usados daqui em diante.

No que toca a outras características do salazarismo, a constituição de 1933 definia o Estado como unitário (i.e., em que qualquer unidade subgovernamental pode ser criada ou extinta pelo governo central) e corporativo (i.e., em que o poder legislativo é atribuído a corporações representativas dos interesses económicos, industriais, profissionais, etc.). Para além disso, Salazar, nos seus discursos, definia o regime como anti-parlamentar, anti-democrático, anti-liberal e assente no nacionalismo direitista, este último bem explícito no lema “Nada contra a nação, tudo pela nação” (Marques: 431).

Segundo Pinto (2007: iv-v), o novo regime foi igualmente inspirado no catolicismo social, bem notável na divisa “Deus, Pátria, Família”. Esta inspiração estava patente nos escritos e discursos de Salazar desde a década de 1930 (Marques 1998: 470). Na década de 1950 a religião católica foi constitucionalmente definida como religião da nação portuguesa (Marques 1998: 470). Foi assim que, em 1958, Salazar fundamentou esta alteração introduzida à constituição de 1933:

Portugal nasceu à sombra da Igreja e a religião católica foi desde o começo elemento formativo da alma da nação e traço dominante do carácter do povo português. Nas suas andanças pelo mundo [...] impôs-se sem hesitações a conclusão: Português, logo Católico. (*apud* Torgal e Homem 1983: 1446)

Contudo, apesar de várias aproximações à Igreja Católica (entre as quais merecem destaque a assinatura de concordata em 1940, a proibição de qualquer propaganda contra a religião católica ou a amizade entre Salazar e o Cardeal Cerejeira, que remontava aos tempos estudantis, cf. Marques 1998: 468), o Estado e a Igreja não foram reunificados. A título de exemplo, não se registaram perseguições por motivos religiosos, não se pôs o fim ao divórcio civil e não foi restituído o património eclesiástico confiscado a partir de 1910. Por outras palavras:

se a concordata significou um compromisso entre a situação anterior a 1910 e o laicismo da 1ª República, inclinou-se porventura mais para o último do que para a primeira. (...) Mais do que qualquer atitude clerical, Salazar insistiu antes na sua convicção de defender a civilização cristã (Marques 1998: 469- 470).

Nesta configuração, apesar da divisão entre o regime de Salazar e a Igreja, laicismo, maçonaria, anti-clericalismo e, sobretudo, comunismo apresentavam-se como inimigos do

Estado Novo (Pinto 2007: iv-v). O comunismo em particular tornou-se numa obsessão de Salazar e do seu regime:

as referências públicas ao comunismo e as suas ameaças de subversão tornaram-se cada vez mais frequentes a partir de 1936 (devido à Guerra Civil Espanhola) e tópico predilecto desde o final da Segunda Guerra Mundial. (...) Os ataques estrangeiros à política ultramarina portuguesa, nas décadas de 1950 e 1960, deram a Salazar e ao regime novo argumento para acentuar a sua posição anticomunista e para defender a existência de uma conspiração contra o Ocidente. (Marques 1998: 470)

Para implementar os fundamentos ideológicos em que se baseava o regime, Salazar recorria a vários mecanismos repressivos, tais como a polícia política, a propaganda e a censura. No que toca à polícia política, esta foi apelidada de/designada Polícia de Vigilância e Defesa de Estado (PVDE), passando a ser conhecida, a partir de 1945, por Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Embora oficialmente o seu objectivo principal fosse a manutenção da “ordem nas ruas” (Marques 1998:448), a PVDE/PIDE depressa alcançou em todas as esferas da vida nacional tais limites de penetração que gradualmente constituiu um estado dentro do estado. As medidas implementadas pelos agentes da polícia política incluíram irrupções violentas em residências particulares, confisco de livros de toda a ordem, violação de correspondência privada, torturas, prisões civis, etc. No que toca à propaganda, esta estava sob tutela do Secretariado da Propaganda Nacional, convertido posteriormente em Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) e, subsequentemente, em Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT). A função do SPN/SNI/SEIT consistiu no levantamento do espírito do povo português e no fortalecimento do conhecimento da identidade nacional (SPN *apud* Ó 1996: 894). Ao desempenhar este papel, estas entidades empreenderam esforços múltiplos em todos os campos artísticos, incluindo literatura. Relativamente à censura, como constata Marques (1998: 440), “de todos os mecanismos repressivos a censura foi sem dúvida o mais eficiente, aquele que conseguiu manter o regime sem alterações estruturais durante quatro décadas”. A esta luz, torna-se imperativo descrever este fenómeno com mais pormenor (veja-se II 2. 4. 6).

II 2. 4. 2 Política interna

No plano da política interna, apesar das promessas da nova ordem e de alguns períodos de aparente estabilidade, o Estado Novo não foi privado de crises e dificuldades. O período contido entre 1933 e 1949, designado por “Anos de Ferro” (Ó 1999: 57), por alusão a uma das figuras centrais do regime na altura (António Ferro, director da SPN/SNI), revelou-se particularmente turbulento. Já nos primeiros anos da governação de Salazar, especialmente entre 1935-1937, observaram-se repetidas tentativas de derrubar o regime por via não pacífica. Entre elas destacaram-se as tentativas golpistas conduzidas por nacionais-sindicalistas (grupo abertamente fascista) e por anarco-sindicalistas.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939), assistiu-se a alguns anos de trégua interna. Embora a primeira frente unida de oposicionistas do regime (MUNAF - Movimento de Unidade Nacional Antifascista) tenha sido constituída já em 1943, os problemas internos intensificaram-se apenas com a conclusão da guerra (1945). A vitória dos Aliados desencadeou um surto de manifestações pró-democráticas e pró-socialistas em todo o

território nacional, tornando inegável a existência da oposição. Esta exprimia-se de maneiras diversificadas, geralmente pouco eficientes no plano prático. Como se constata em Marques (1998: 402),

o principal reflexo de oposição ao regime (...) verificou-se de quatro em quatro anos, sempre que se realizavam eleições legislativas, ou nos períodos de escolha do chefe do Estado. Durante o mês da campanha, o governo reduzia a censura ao mínimo e autorizava a oposição a exhibir as suas forças. Como, porém, (...) não se garantia a liberdade de voto, os candidatos oposicionistas ou desistiam nas vésperas do acto, ou (...) perdiam.

Foi precisamente o que aconteceu em 1949 com a campanha eleitoral do General Norton de Matos à presidência da República. Norton de Matos conduziu uma campanha vigorosa contra o candidato do regime, General Óscar Carmona, denunciando os fracassos do Salazarismo. Contudo, sem quaisquer garantias de que houvesse liberdade de votar, o candidato da oposição retirou-se da corrida pouco antes do acto eleitoral e Carmona foi reeleito como Chefe do Estado. A desistência de Norton de Matos da campanha eleitoral marca o fim da primeira crise do Estado Novo, iniciada no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Com ele terminam também os chamados “Anos de Ferro”.

Aos “Anos de Ferro” seguiram-se os chamados “Anos de Chumbo” (Rosas 1994: 408), período de aparente acalmia política que se estendeu até aos finais dos anos 1950 (Seruya 2010: 134-135), e em que o regime conseguiu estabelecer a ordem nas ruas e a “acalmiação dos espíritos” após repressões policiais. Em 1951, após a morte do Presidente Carmona, organizaram-se eleições presidenciais, cujos resultados acabaram por ser inconsequentes para o regime. À semelhança do que aconteceu na campanha eleitoral de 1949, o candidato da oposição (Quintão Meireles) retirou-se da campanha na vésperas do acto eleitoral e o candidato do governo, (General Craveiro Lopes) foi eleito presidente. Nesta configuração, tornou-se claro que as eleições serviram principalmente de arma propagandista para convencer os inimigos do regime que a política interna contava com o apoio popular. Para além disso, as eleições contribuíram para o enfraquecimento da combatividade revolucionária da oposição, dividida em relação à melhor maneira de pôr fim ao regime. Destas dissensões beneficiou o Partido Comunista (fundado ainda durante a Primeira República), o único partido oposicionista que ao longo do Estado Novo conheceu renovação programática e aumento significativo no número dos seus filiados (Marques 1998: 467).

Em 1958, depois de quase uma década de aparente estabilidade, o regime de Salazar sofreu a segunda crise interna. À semelhança do que aconteceu em 1949, também desta vez a crise foi desencadeada no contexto das eleições presidenciais. Aquando da campanha eleitoral tornaram-se bem visíveis as divergências dentro do regime: uma ala mais liberal, à qual pertencia, entre outros, o Presidente Craveiro Lopes, mostrava-se crítica à política externa e interna do governo. Em consequência, a candidatura do então presidente foi vetada pela União Nacional, a favor do Almirante Américo Tomás. Este último concorreu contra o candidato da oposição, General Humberto Delgado, que, captando a simpatia das massas, se tornou numa ameaça real para a continuidade do regime. Contrariamente ao que aconteceu nas campanhas presidenciais anteriores, desta vez o candidato da oposição não renunciou à sua candidatura. Contudo, sem garantias da liberdade de voto, Delgado perdeu

as eleições. O insucesso do candidato da oposição no acto eleitoral despertou uma onda de agitação política que prosseguiu durante algum tempo. Entre os momentos mais marcantes deste período salientam-se (a) o sequestro em 1961 do transatlântico português “Santa Maria”, que visou chamar a atenção internacional à repressão da ditadura de Salazar; (b) o fracassado golpe de estado liderado em 1961 pelo ministro da defesa General Botelho Moniz; (c) a rebelião militar em Beja em 1962 e (d) os protestos estudantis acentuados a partir de 1962. Em resposta a estas convulsões, o Estado intensificou a repressão política. Salazar emergiu vitorioso também desta crise.

Os finais da década de 1960 foram marcados por uma aparente estabilidade interna. Contudo,

mau-grado todas as aparências de ordem e tranquilidade, ninguém podia negar que o regime já não era o que antes fora. A divisão minava-lhe as fileiras, ao passo que a óbvia senilidade de Salazar prejudicava gravemente a administração e a política em geral. A situação era praticamente controlada pela censura e pela PIDE. (Marques 1998: 417)

Em 1968, na sequência de um acidente, Salazar ficou fisicamente incapacitado para governar e foi substituído no cargo de primeiro-ministro por Marcelo Caetano (professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa).

Este acontecimento marca o início do período apelidado de Primavera Marcelista, que durou, aproximadamente, de 1968 a 1970. Apesar de todas as esperanças depositadas, este período não trouxe as esperadas alterações. A política do novo governo revelou-se extremamente cautelosa: ciente da gravidade da conjuntura nacional, Caetano “tentou, de uma maneira geral, manter as coisas tal como estavam, com apenas ligeiras e quase imperceptíveis modificações” (Marques 1998: 417). Neste sentido, os ministros nomeados por Salazar foram conservados no novo governo, partidos políticos não foram permitidos, a política externa não sofreu alterações e, depois das eleições de 1969, a oposição perdeu em todos os distritos. Como constata Marques (1998: 419), nada de essencial mudara dois anos após a queda de Salazar. Durante os anos seguintes a situação do país agravou-se. O Estado Novo mostrava-se incapaz de renovação e de abertura, o que se tornou claro com as eleições de 1973. Neste mesmo ano foi criado o Movimento dos Capitães, posteriormente convertido em Movimento das Forças Armadas. Foi este grupo que concebeu e executou o golpe militar ocorrido a 25 de Abril de 1974, conhecido por “Revolução dos Cravos”. Sem resistência e quase sem derramamento de sangue o governo rendeu-se. Este acontecimento marca o fim do Estado Novo.

II 2. 4. 3 Política externa

No que toca à política externa, de acordo com Rollo (1994: 868), esta girava em torno de “quatro pilares fundamentais: atlantismo, manutenção das relações privilegiadas com a Espanha, cooperação com a Europa ocidental (...) e, obviamente, a defesa e o reforço dos laços com as colónias”. Contudo, segundo Teixeira (2004), as dimensões atlântica e africana eram dominantes para a estratégia internacional de Portugal, traduzindo-se, por um lado, na aliança com os Estados Unidos e na defesa intransigente do império colonial, por outro, no isolamento perante a Europa continental.

Relativamente aos primeiros anos do regime, vários historiadores destacam o hábil jogo diplomático de Salazar nas relações internacionais. Como se refere em Marques (1998: 390), a propósito dos anos 1930 e 1940,

o que se deve (...) salientar – e com o crédito do regime salazarista - é que se achava em forja uma nova política externa portuguesa. Sem jamais pôr em causa a aliança com a Inglaterra, antes a corroborando e valorizando, o Estado Novo tentou uma via mais independente e nacional, que, aliás, se coadunava com as afinidades ideológicas.

Assim, durante quase toda a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), por obrigação diplomática para com a velha aliada (Grã-Bretanha), Salazar procurou prosseguir a política de não-intervenção. Contudo, por simpatizar com os insurrectos nacionalistas espanhóis, acabou por os apoiar por via indirecta, e.g., enviando forças militares. Subsequentemente, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, apesar da manifesta proximidade à ideologia fascista, o Estado Novo assumiu uma posição designada por “neutralidade geométrica” face às potências beligerantes (Torgal 2009: 344). Esta posição consistia num esforço de apaziguamento de ambos os lados em beligerância. Todavia, com o fim da guerra, especialmente após a cedência da base dos Açores à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos (1943), a “neutralidade geométrica” foi substituída por “neutralidade colaborante”, favorável aos Aliados (Torgal 2009: 344), apesar de entre eles se encontrar a União Soviética, o inimigo de sempre do Estado Novo (Marques 1998: 394).

No pós-guerra, esta atitude garantiu a Portugal um lugar no seio das alianças dos países capitalistas e marcou o início de um período de maior abertura às relações internacionais com o Ocidente (Torgal 2009: 344). Em 1948, após várias hesitações, Salazar aceitou o Plano do Marshall, i.e., a ambiciosa proposta americana, fundamentalmente destinada à reconstrução europeia do pós-guerra. Em 1949, apesar de ser manifestamente anti-democrático, graças à sua privilegiada localização geopolítica (especialmente dos Açores, veja-se Andrade 1992: 230-231) o Estado Novo encontrou-se, entre os países fundadores da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento). Em 1955, após duas tentativas falhadas devido ao veto da União Soviética (em 1945 e 1947), o Portugal salazarista foi admitido na ONU (Organização das Nações Unidas). Como se constata em Rollo, embora o pensamento político dos principais responsáveis do regime se caracterizasse por

um mal-disfarçado antiamericanismo, (...) a prazo a evolução dos acontecimentos viria a impor um crescente estreitamento ou uma aproximação pelo menos formal nas relações de Portugal com os Estados Unidos da América. (Rollo 1994: 857)

Por contraste, devido ao anticomunismo visceral, durante a vigência do Estado Novo não foram estabelecidas relações diplomáticas nem com a União Soviética nem com qualquer outro país comunista (com a excepção de Cuba).

A posição relativamente estável de Portugal na cena internacional sofreu maiores dificuldades a partir dos anos 1960, por causa da questão colonial. Enquanto a ONU exigia que Portugal considerasse as colónias como territórios não-autónomos e as comesse a preparar para a independência, o Estado Novo insistia que estes não eram territórios não-

autónomos, mas sim partes integrantes de Portugal. Esta discórdia pairou sobre as relações internacionais portuguesas até à década de 1970, i.e., até ao fim do Estado Novo.

II 2. 4. 4 Economia

No plano económico, nos primeiros anos do regime as contas públicas apresentaram-se oficialmente equilibradas, embora ainda ligeiramente afectadas pela Grande Depressão. Este equilíbrio foi considerado como uma das bases da administração, símbolo de boa governação e de progresso contínuo. Até à década de 1940 as receitas mantiveram-se estacionárias, embora ainda sob alguma influência da Grande Depressão que vingou até ao fim dos anos 1930. Contudo, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, assistiu-se a um surto económico. Sendo neutro, Portugal pôde vender os seus produtos favoravelmente, sem necessidade de despesas excessivas com armamento ou com defesa do território. Por este motivo, durante quase todo o conflito a balança comercial portuguesa manteve-se positiva. Esta situação económica conseguiu também atenuar os constrangimentos provocados pela Segunda Guerra Mundial, que trouxe consigo o racionamento dos alimentos e um disparo temporário da inflação. Significativamente, a evolução da conjuntura internacional durante os primeiros anos da década de 1940 permitiu a Portugal sair gradualmente da órbita económica inglesa e aprofundar laços com outras nações, dependendo, estreitamente, do património colonial (Marques 1998: 392). Nesta configuração, segundo as estatísticas citadas em Marques (1998: 475), em 1946 as receitas haviam quase duplicado em relação a 1939.

A conjuntura económica positiva dos anos 1940 levou à intensificação da política de obras públicas. Em muitos aspectos, o fomento de infraestruturas foi comparável com o Fontismo (veja-se II 2. 1). Contudo, como avança Marques (1998: 478), em oposição ao Fontismo, que assentara na iniciativa privada, as amplas obras públicas do Estado Novo foram, acima de tudo, um empreendimento do Estado. Deste modo, para além de servir para fins propagandísticos, este fomento permitiu evitar o aumento do desemprego em épocas de depressão ou estagnação económica. A política de obras públicas, aliada à expansão económica geral europeia, à entrada regulada dos capitais estrangeiros (especialmente após a adesão ao Plano Marshall) e aos crescentes proventos do turismo, contribuiu igualmente para o rápido desenvolvimento económico de Portugal nos anos 1950 e 1960.

Todavia, apesar das notáveis realizações na maior parte dos aspectos económicos, Salazar não conseguiu transformar Portugal num país economicamente desenvolvido em termos europeus. Continuava a haver um forte desequilíbrio entre os centros urbanos (principalmente os do litoral) e as zonas rurais. O atraso no desenvolvimento das zonas rurais, aliado ao súbito aumento da população (resultante da melhoria das condições de saúde e da diminuição da mortalidade infantil), provocou vários surtos de emigração, com a França como destino europeu principal. Além disso, com o decorrer da Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974), devido a crescentes despesas militares, o desenvolvimento de Portugal a nível económico-financeiro abrandou. Em traços gerais, o Estado Novo continuava a ser atrasado em relação às grandes economias da Europa. Como se argumenta em Marques (1998: 487),

a principal razão esteve em que, em quase todos os outros países subdesenvolvidos da Europa, a taxa de crescimento económico se mostrou muito mais elevada do que a portuguesa, ao mesmo tempo que se fazia acompanhar de uma política coerente e inteligente de desenvolvimento cultural, que em Portugal escasseava.

II 2. 4. 5 Plano educacional e cultural

Como referido no II 2. 2, no início da década de 1930 a taxa de analfabetismo para os portugueses com mais de sete anos de idade ascendia a 61,89%. Não obstante estas percentagens ensombrarem as estatísticas do Estado Novo, até aos anos de 1950 a taxa de iliteracia baixou muito lentamente. Assim, em meados do século XX, 40,3% da população portuguesa com mais de sete anos de idade compunha-se ainda de analfabetos (Marques 1998: 505). O governo intensificou a política da extinção da iliteracia somente dos anos 1950 em diante (Marques 1998: 506). Para tal, a partir de 1950 foram sendo efetuadas reformas escolares do ensino primário, secundário e, sobre tudo, técnico. Em 1952 foi lançada a Campanha Nacional de Educação de Adultos e com ela o Plano de Educação Popular. Este constituiu um plano de publicações composto por várias séries temáticas (desde “Doutrina” até aos “Livros Recreativos”, passando, por exemplo, pelas séries de “Literatura e Pensamento Portugueses” ou “Educação Familiar”, cf. Torgal e Homem 1983: 1441). Como se constata em Torgal e Homem, “a simples enumeração dos temas permite concluir que o Estado salazarista pretendeu expandir a todos os sectores da vida a marca do seu selo e o pensamento do seu chefe” (1983: 1441). Paralelamente, desde 1958, decorriam os serviços das bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian (fundada em 1957) que visavam promover o gosto dos cidadãos pela leitura. Cumulativamente, estes esforços contribuíram para a descida da taxa de iliteracia que, em 1968, foi inferior a 30% (Marques 1998: 506). Com o aumento dos cidadãos letrados aumentou também o público leitor. Todavia, apesar da descida da taxa de analfabetismo, os resultados atingidos continuavam a situar Portugal na cauda da Europa em termos dos níveis de literacia (Marques 1998: 506).

Fora dos aspectos da instrução regular, o desenvolvimento geral da cultura foi prejudicado pelas repressões censórias II 2. 4. 6 e pela constante intervenção do governo (Marques 1998: 517), que abrangia não só a imprensa mas também a rádio, o cinema ou a televisão (lançada em 1957). Em traços gerais, a política cultural do Estado Novo

obedecia a um plano de aculturação previamente gizado e a um pragmatismo mais atento aos imperativos sociais da coexistência e da acomodação que às solicitações da criatividade e da independência crítica. (Torgal e Homem 1983: 1454)

Razões políticas desempenharam, portanto, o papel principal de desencorajamento, travando surto de desenvolvimento de novos temas. Com efeito, assistiu-se à extinção de vários jornais e falência de numerosas editoras. Para ultrapassar a estagnação, autores e intelectuais viram-se obrigados a deslocar-se ao estrangeiro ou depender das publicações daí oriundas (Marques 1998: 518). Com o passar de tempo, devido às repressões, a elite cultural tendeu a contrair-se, “tornando-se numa espécie de aristocracia fechada, cujos contactos com a massa da população foram diminuindo mais e mais” (Marques 1998: 519).

II 2. 4. 6 Censura

Tendo em conta a complexidade do fenómeno de censura, na descrição da sua história durante o Estado Novo utilizar-se-á, com algumas adaptações, a estrutura proposta em Rosa (2009), organizada de acordo com cinco perguntas julgadas relevantes. Todavia, importa salientar que ao passo que Rosa (2009) analisa vários meios de comunicação sujeitos à censura (imprensa, rádio, teatro, cinema, televisão, etc.) e vários tipos de discurso (original e traduzido), tendo em conta as limitações impostas ao *corpus* (CAPÍTULO III 2), o presente sub centrar-se-á, maioritariamente, na censura de traduções publicadas em livro.

II 2. 4. 6 1 Quando se censura?

Radicada na censura imposta à imprensa pela Ditadura Militar, a censura imposta pelo Estado Novo foi institucionalizada em 1933, com o Decreto-lei nº 22469 (Azevedo 1997: 61). Apesar de ser inicialmente dirigida à imprensa periódica, rapidamente se estendeu aos outros meios de comunicação. Já em 1933, respondendo a uma solicitação de Salazar, António Salvação Barreto (chefe da DGSCI - Direcção-Geral dos Serviços de Censura à Imprensa) apresentou no seu relatório (intitulado *Leituras imorais: propaganda política e social contrária ao Estado Novo – sua repressão*) o enquadramento para a censura de imprensa não periódica, incluindo livros (Gomes 2006b: 181). Este enquadramento previa a criação, junto da DGSCI, da Secção de Livros.

Durante os quarenta e um anos do Estado Novo observaram-se vários períodos de abrandamento censório. Como referido no II 2. 4. 2, para legitimar o regime aos olhos das instituições estrangeiras, no decorrer das campanhas eleitorais o governo reduzia a censura ao mínimo e autorizava a oposição a exhibir as suas forças. Foi precisamente o que aconteceu em 1945 (Marques 1998: 397; Torre Gómez 2010: 60) e, a menor escala, em 1949, 1951, 1953, 1957, 1958, 1961 e 1965 (Marques 1998: 402). Durante a Primavera Marcelista, iniciada em 1968, apesar das expectativas de liberalização, o abrandamento censório foi muito moderado e diluído no final de regime. As alterações efetuadas foram essencialmente superficiais (e.g., a designação “censura prévia” foi substituída pela designação “exame prévio”, veja-se Barreto e Mónica 1999: 282). Embora o órgão principal da censura (Direção Geral dos Serviços de Censura) tenha sido abolido com o Decreto-lei 150/72 de 1968 (Seruya 2010: 130), a Primavera Marcelista manteve essencialmente a filosofia da função social da censura, concebida em 1933 (Azevedo 1999: 463). A abolição da censura prévia foi anunciada a 26 de Abril de 1974 (Rosa 2009: 126) e consagrada com a constituição de 1976.

II 2. 4. 6 2 Para que se censura?

A censura desempenhou um papel fundamental no controle da opinião pública. Como afirmam várias fontes, a existência dos aparelhos censórios tornou-se condição *sine qua non* da sobrevivência do regime. A título exemplificativo, no entendimento de Mário Soares, “sem a censura, o salazarismo não duraria um mês” (Barreto e Mónica 1999: 278).

Todavia, como seria de esperar, o próprio regime justificava a existência da censura de uma maneira muito diferente. De acordo com a famosa expressão de Salvação Barreto, a censura visava a “acalmção dos espíritos” (*apud* Gomes 2006b: 40). Salazar, por seu turno, fundamentava a pertinência dos mecanismos censórios apontando para a genuinidade cívica e moral dos portugueses, que considerava “povo sentimental, emotivo [e] crédulo” (*apud* Gomes 2006b: 281). Também Marcelo Caetano, ao destacar a irracionalidade e a corruptibilidade da opinião pública (cf. Barreto e Mónica 1999: 280), apontava para a falta de preparação do povo português para usufruir da liberdade de expressão. Finalmente, na Constituição de 1933, o recurso à censura foi justificado com a necessidade de defender a opinião pública “de todos os factores que a desorientam contra a verdade, a justiça, a boa administração e o bem comum” (*apud* Barreto e Mónica 1999: 279).

II 2. 4. 6 3 Quem censura?

Foram vários os agentes da censura durante o Estado Novo. O principal órgão, Direcção-Geral dos Serviços de Censura à Imprensa (DGSCI), foi criado ainda em 1928, sendo subordinado ao Ministro do Interior. O cargo de diretor foi ocupado pelo Coronel Joaquim Augusto Prata Dias. Em 1931, este foi substituído pelo Coronel João da Conceição Tomás Rodrigues ao qual se seguiu, em 1932, o Major Álvaro Salvação Barreto. Este último é considerado como responsável pela montagem do aparelho censório do Estado Novo (Gomes 2006b: 179-183). A reorganização da DGSCI promovida por Salvação Barreto visava obter total subordinação da máquina censória a uma única directriz. Para este fim foram criadas comissões de censura em várias localidades no país. Em 1934, junto da Comissão de Censura de Lisboa, foi criada a Secção de Livros, destinada à censura prévia e repressão de livros e outras publicações não periódicas, (Gomes 2006b: 69). Antes de 1934, a censura de livros estava a cargo da Polícia Internacional (Gomes 2006b: 83). Como se refere em (Gomes 2006b: 53), para além das comissões locais, a DGSCI contava com a estreita colaboração “das empresas dos jornais, todo o comércio de publicações nacionais e estrangeiras, indústria de tipografia, agências noticiosas, a Administração Geral dos Correios e Telégrafos, PVDE [Polícia de Vigilância e Defesa do Estado] e outros organismos e autoridades”.

Apesar dos esforços de Salvação Barreto para preservar a autonomia funcional da censura face ao SPN de António Ferro (Gomes 2006a), as duas entidades foram fundidas em 1944 no Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI, posteriormente convertido em SEIT, Secretaria de Estado da Informação e Turismo). Foi deste modo que culminou o processo de subordinação da propaganda e da censura a Salazar, circunstância que ditou o afastamento de Salvação Barreto da censura e a nomeação do Coronel Armando das Neves Larcher. Aproximadamente a partir desta altura tornaram-se notórias as influências de António Ferro no aparelho de censura e propaganda, progressivamente contrariadas por Salazar (Gomes 2006b: 129). Relativamente à composição da DGSCI e, posteriormente, das comissões de censura do SNI/SEIT, eram constituídas principalmente pelos militares “da confiança do governo, passados à reserva como maiores ou coronéis” (Barreto e Mónica 1999: 282). A entrada dos civis verifica-se apenas a partir de 1945, após a

fusão entre o DGSCI e SPN (Gomes 2006b: 12). Neste sentido, como se refere em Seruya e Moniz (2008) a propósito dos quadros de censores dos anos 1950:

we cannot say that 100% of them were Army officers because some reports do not mention any rank or name. Only five can be considered as members of the permanent body of censors throughout the decade. Other members, however, had a regular activity for several years, while others had a reduced or occasional participation. In general terms, we can say that there was a regular group of about twenty censors. (Seruya e Moniz 2008: 9-10)

Para além disso, coube à Igreja Católica e à Inspeção Geral dos Espectáculos, a quem, desde 1933, foi entregue a censura teatral e cinematográfica (Gomes 2006b: 54) um papel importante no mecanismo censório. Segundo Barreto e Mónica (1999: 282), esta última exerceu “uma influência perceptível no campo da censura dos livros e espectáculos, ainda que não conseguindo nestes campos tudo quanto pretendia”.

II 2. 4. 6 4 Que censura?

Livros, tanto originais como traduções, foram sujeitos principalmente à censura repressiva (Seruya 2010: 129), i.e., *a posteriori*, que incidiu sobre exemplares de publicação requisitados a livrarias, distribuidores ou determinados destinatários (Gomes 2006b: 70). Como acrescenta Seruya (2010: 129), “sometimes publishers and authors themselves would present their work, more or less willingly, to the commission”. Segundo Gomes (Gomes 2006b: 70), no caso de livros também se verifica a existência da censura preventiva (i.e., *a priori*, que incidiu sobre os originais ou traduções dactilografados, apresentados em duplicado pelos autores, editores ou tradutores), mas numa escala muito menor quando comparada com a verificada no caso da censura à imprensa periódica (Barreto e Mónica 1999: 276; Gomes 2006b: 100). Ao interrogar-se sobre as possíveis razões para a coexistência de dois modos de censura, Špírk (2011: 181) propõe o seguinte:

the rationale for maintaining both modes of censorship was twofold. First, it would have drastically increased the number of censors if they had been mandated to ‘read’ everything before publication. Second, the two-edged sword of preventive and repressive censorship had the advantage, at least for the regime, of constantly keeping publishers alert and on their guard.

Para além disso, em oposição à imprensa periódica, a censura a livros, tanto preventiva como repressiva, foi selectiva. Desta forma, verifica-se a existência de publicações não periódicas que recebiam um despacho provisório, podendo ser colocadas à venda, “sob responsabilidade do declarante, desde que este entenda pelo conhecimento que delas tenha não conterem as mesmas matérias inconvenientes” (Gomes 2006b: 70). O facto de os livros, ao contrário da imprensa periódica, rádio ou televisão, terem sido censurados principalmente *a posteriori* e selectivamente pode apontar para a sua relativa insignificância (Seruya 2010:140). Como explica Seruya,

the two reading publics differ both numerically - newspapers, radio and television obviously had a much greater impact on public opinion, which was one of Salazar’s great concerns - and in terms of high illiteracy rate, unfavourable to book consumption. (Seruya 2010: 140)

De referir ainda que, a relativamente baixa percentagem de obras literárias entre os livros estrangeiros submetidos à censura (Seruya 2010: 131), comparando com a de obras de índole sociopolítica, histórica ou filosófica, parece sugerir que a literatura traduzida não constituiu o campo prioritário dos mecanismos censórios do Estado Novo.

Relativamente aos critérios da selecção dos livros sujeitos à censura, após a análise de fichas de censura, Seruya (2010) sugere o seguinte:

it seems that the police and customs focused on books displayed in advertisements and bookshops [...], where the title, topic and cover of the book were decisive. The role of the Post Office in bringing books to the censors attention must lead us to assume that private mail was regularly violated on the basis of “suspicious” signs: either the recipient or the source of the book (publishing houses, like the French Éditions Sociales or countries like the Communist countries of Eastern Europe). (Seruya 2010: 131-132, aspas no original).

No tocante à eficácia da censura, era consideravelmente limitada. Como os quadros de censores variavam significativamente, “tanto em rigor como em cultura, sem falar de inteligência, aconteceu muitas vezes que a sua acção atingiu limites absurdos ou deixou passar matéria importante e perigosa” (Marques 1998: 440). Também Seruya sugere a relativamente fraca eficácia dos aparelhos censórios no caso de livros, embora com várias ressalvas devido à incompletude dos dados:

book confiscation was such a complex procedure that, years after a particular book was banned, the police could still be looking for copies in bookshops. Booksellers would, additionally, always find a way to hide and keep banned or suspect books for special clients, so that private libraries were likely to evade censorship to a significant extent. (Seruya 2010: 138)

Para além da censura *strictu sensu*, não se pode deixar de mencionar a existência de autocensura, definida em Barreto e Mónica (1999: 278) como “censura espontânea, expressando o elevado grau de interiorização do sistema provisório por parte das redacções, [...] muitas vezes uma medida de antecipação”. Não obstante a citação dizer respeito à imprensa periódica nacional, parece seguro deduzir que o fenómeno de autocensura seja recorrente também no caso da imprensa não periódica e, mais concretamente, no caso de traduções.

II 2. 4. 6 5 O que se censura?

Os diversos tópicos potencialmente mais sujeitos a serem censurados podem ser inferidos, a título de exemplo, da legislação referente aos órgãos repressivos do Estado ou dos discursos de Salazar. Como se constata em Gomes (2006b: 70) a propósito da censura de escritos nacionais, nenhum autor ou tema foi rejeitado *a priori* ou categoricamente. De acordo com Seruya (2010), esta constatação é também válida no caso da censura de traduções:

each case was specific. Examples are D.H. Lawrence, Jean-Paul Sartre and Bertolt Brecht, or even the more “harmless” Paul de Kock in the 1930s – these were banned or approved according to the work in question. (Seruya 2010:132, aspas no original)

Contudo, segundo Seruya (2010: 132), é possível demarcar três áreas temáticas mais sujeitas à intervenção censória: (a) política/ideologia, (b) moralidade/sexo e (c) religião.²⁵ Significativamente,

throughout the decades the three main areas attracting the censors' attention never really changed, apart from shifts in emphasis according to the political moment (for example Spanish Civil War, the Second World War, the beginning of the colonial war, Salazar's death and the subsequent changes in power). (Seruya 2010: 132)

Assim, nos finais do decénio de 1930 e no decorrer do de 1940, no que toca à segunda área temática (moralidade/sexo), proibiam-se livros apologistas da homossexualidade, aborto ou contraceção, ou os que tratavam de doenças venéreas ou sadismo (Seruya 2010: 133-134). No que toca à primeira área temática (política/ideologia), na altura da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foram banidos escritos pró-republicanos, enquanto os que elogiavam a política de Franco podiam circular livremente (Seruya 2010: 1933). Durante a Segunda Guerra Mundial, permitiam-se comentários tanto a favor da Alemanha Nazi e Hitler como da Grã-Bretanha e Churchill, mas proibiram-se insultos a cada um deles. Como resume Seruya (2010:134): "Hitler must not be offended (...), but neither must the Germans offend Britains of Churchill". Para além disso, baniram-se livros sobre a temática marxista ou textos de propaganda comunista.

Nos anos 1950 as suspeitas dos censores foram suscitadas, entre outros, pelos textos considerados como especulativos. Significativamente, a atribuição da designação "especulação" nem sempre resultava na rejeição do livro pelos censores:

Kierkegaard's *The banquet*, being "harmless" speculation, was allowed, whereas *L'univers concentrationnaire* about Nazi concentration camps by David Rousset was banned as a "speculation of a communist theoretician". (Seruya e Moniz 2008: 16, aspas no original)

Uma boa parte das traduções foi proibida com base na sua classificação como propaganda comunista. Esta designação foi atribuída

to a very large number of books, mainly of French origin and dealing with any topic concerning the USSR (in a few cases concerning China), regardless of its content: historical, biographical (Stalin, Trotsky) or philosophical and doctrinal. (Seruya e Moniz 2008: 11)

Para além disso, foram proibidos escritos considerados como sendo a favor do realismo (associado com a imoralidade) (Seruya 2010: 136), bem como literatura considerada como moralmente questionável. No que diz respeito a esta última, trata-se não somente da literatura vista como pornográfica, mas também a vista como ofensiva à luz da moralidade Cristã, especialmente no que toca à questão da homossexualidade, adultério, divórcio, satisfação sexual, métodos contraceptivos, etc. (Seruya e Moniz 2008: 11-12).

²⁵ Seruya baseia a sua argumentação na análise de fichas de censura das traduções em livro consultadas no Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo. Embora não tenha sido consultada a totalidade das fichas, os resultados e as conclusões retiradas são considerados representativos (Seruya 2010: 131). Para uma breve análise crítica do inventário de fichas de censura criado por Seruya e Moniz para fins analíticos, bem como das próprias fichas, veja-se III 1. 3. 3.

Segundo Seruya (2010: 137), na década de 1960 o número dos livros de ficção submetidos à censura diminuiu consideravelmente. Para além dos temas sujeitos às intervenções censórias nas décadas anteriores, com o deflagrar da guerra colonial (1961-1974) a atenção dos censores virou-se adicionalmente para pacifismo, anti-militarismo e anti-colonialismo (este último visto como um dos efeitos da propaganda comunista, cf. Seruya 2010: 136). Um outro tópico que levantava as suspeitas dos censores era o sexualismo (Seruya 2010: 137).

Em soma, na tentativa de sintetizar os tópicos mais sujeitos à censura, Rosa (2009: 118-119) conclui o seguinte “de facto, é quase mais fácil identificar o que não era censurado”. O reparo feito em Azevedo parece corroborar esta constatação:

para escrever conforme os cânones da censura, o romancista devia fingir ignorar todas as grandes inquietações do homem do nosso tempo e escrever uns romances convencionais, deslocados da sua época, uns romances sujeitos a tantas restrições, que seria fastidioso enumerá-las todas aqui, tanto mais que elas são bem conhecidas.” (Eleições Legislativas 1973: 30-38 *apud* Azevedo 1997: 12).

Não obstante, existiam factores que podiam contribuir para a autorização da circulação dos livros considerados pela censura como suspeitos. Entre estes factores Seruya (2010: 132-133) destaca: (1) a preocupação de não prejudicar a imagem do Estado Novo no estrangeiro, (2) o conhecimento pelo público geral dos tópicos abordados através da imprensa periódica, (3) a exibição prévia nas salas de cinema portuguesas de um filme baseado no livro submetido à censura, (4) o estatuto clássico ou a fama internacional do autor. De referir que se verificam casos em que foi autorizada a circulação do livro em original mas proibida a sua tradução para português (Seruya e Moniz 2008: 14). Deste modo, era possível assegurar que os conteúdos perigosos para a estabilidade do regime chegassem apenas às elites (conhecedoras de línguas estrangeiras e consideradas resistentes às influências negativas oriundas do estrangeiro) e não às massas (frequentemente iletradas e consideradas susceptíveis a influências alheias) (cf. Seruya 2010: 132-133).

II 2. 5 Pós-25 de Abril (1974-2010)

No que toca à política interna, o movimento militar de 25 de Abril de 1974 foi seguido por vários anos de instabilidade e inoperância, marcados pelas disputas entre forças de esquerda e de direita. Até 2 de Abril de 1976, data da proclamação da nova constituição, Portugal viu formados uma Junta de Salvação Nacional (substituída posteriormente pelo Conselho da Revolução) e seis governos provisórios. O primeiro, liderado por Palma Carlos, congregava social-democratas, democratas liberais, monárquicos e comunistas. Estes últimos mostraram-se particularmente activos, “tentando apoderar-se das alavancas do poder (...) e desencadeando vasta ofensiva com vista à introdução de um regime socialista popular” (Marques 1998: 604). Os governos provisórios seguintes foram presididos por Vasco Gonçalves. Na sua agenda encontravam-se a iniciação do processo da descolonização dos territórios ultramarinos (que se estendeu até finais de 1975) e a introdução das reformas de inclinação socialista. A estas últimas opôs-se António de Spínola, nomeado presidente ainda após o golpe de 25 de Abril, tentando, em Março de 1975, uma revolta aberta. Depois do fracasso, viu-se obrigado a exilar-se.

Um ano após a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1975, foram realizadas as primeiras eleições parlamentares desde havia cinco décadas. Com a participação eleitoral maciça (perto de 90%), o sufrágio deu vitória clara ao Partido Socialista (PS) (38%), a qual se seguiu o Partido Popular Democrático (PPD) (26%). O Partido Comunista Português (PCP) angariou apenas 12% dos votos, no entendimento de Marques (1998: 607), uma “reação natural de um país onde predominavam os pequenos proprietários”. Às eleições seguiu-se um período de acentuadas agitações, chamado “verão quente”, verificando-se, por um lado, uma escalada do PCP com acusações de reacionismo fascista dirigidas a todos os outros grupos e, por outro, uma intensa campanha anticomunista. Estes pronunciamentos levaram à passagem para a oposição dos social-democratas e socialistas e à subsequente formação de um governo de transição presidido por Vasco Gonçalves que, em 1975, foi substituído no cargo de primeiro ministro por Pinheiro de Azevedo.

Após a aprovação da nova constituição (a 2 de Abril de 1976), foram convocadas novas eleições legislativas que deram o primeiro lugar ao PS (35%), seguido pelo PPD (24%), pelo Centro Democrático Social (CDS) (16%) e pelo PCP (15%). Estas foram seguidas por eleições presidenciais, ganhas pelo General Ramalho Eanes (que permaneceu no cargo até 1986). Em 1977 foi formado o primeiro governo constitucional, integralmente socialista, liderado por Mário Soares, uma das figuras mais importantes da oposição ao regime de Salazar. Confrontado com dificuldades de ordem diversa, Soares viu-se obrigado a entrar em negociações com outros partidos, sucessivamente fracassadas. Assim começou a fase dos chamados governos de iniciativa presidencial (liderados por Alfredo Nobre da Costa, Carlos Mota Pinto e Maria de Lurdes Pintasilgo, cf. Marques 1998: 611) que só terminou com a dissolução do parlamento e a convocação de novas eleições, em 1979.

As eleições parlamentares de 1979 trouxeram, pela primeira vez desde o 25 de Abril, vitória à coligação de centro-direita (chamada Aliança Democrática, composta pelo PSD, CDS e Partido Popular Monárquico), tornando possível a formação do governo de Francisco Sá Carneiro. Após a sua morte trágica, o novo governo foi liderado por Francisco Pinto Balsemão. Em 1983 também este governo caiu e foi estabelecido novo governo, presidido por Mário Soares, que durou até 1985.

As eleições de 1985 de novo deram vitória aos social-democratas e levaram à formação do governo de Aníbal Cavaco Silva que permaneceu no poder até 1995. Em 1986 foram organizadas eleições presidenciais que trouxeram vitória a Mário Soares, que permaneceu no cargo até 1995. Estes acontecimentos marcam o início de uma relativa estabilidade política.

Após uma década de Cavaquismo, observou-se uma “viragem à esquerda” (Marques 1998: 614): as eleições parlamentares de 1995 deram vitória aos socialistas, conduzindo à formação do governo de António Guterres e as eleições presidenciais de 1996 levaram à nomeação de Jorge Sampaio para o cargo de Presidente da República.

A dominância dos socialistas na política interna durou até 2001, altura em que Guterres abandonou o governo. Em resultado das eleições antecipadas o PSD voltou a obter a

maioria. Foi formado o governo presidido por José Manuel Durão Barroso, substituído, em 2004 (após a nomeação para presidente da Comissão Europeia) por Pedro Santana Lopes. Este último ocupou o cargo de primeiro ministro até à dissolução do parlamento em 2005. Após novas eleições, os socialistas voltaram ao poder. O PS conseguiu maioria absoluta e o cargo de primeiro-ministro foi ocupado por José Sócrates.

No que diz respeito à política externa, a mudança de regime marcou uma viragem decisiva. Enquanto durante o Estado Novo as dimensões atlântica e africana eram dominantes em termos de postura internacional de Portugal, para a democracia portuguesa, com a descolonização e, sobretudo, a adesão à Comunidade Europeia, a dimensão europeia tornou-se a mais significativa, política, económica e estrategicamente (Teixeira 2004).

Após o golpe de 25 de Abril, a República Portuguesa estabeleceu relações diplomáticas com praticamente todos os países do globo, incluindo os estados satélites ou membros da União Soviética. Em 1976 Portugal ingressou no Conselho da Europa, iniciando o processo que levou à adesão à Comunidade Económica Europeia, em 1985. Na sequência da sua integração nas estruturas europeias, Portugal aderiu em 1991 ao Espaço Schengen (convenção sobre livre circulação de pessoas e bens entre os países signatários) e à moeda única (Euro) em 2002.

A nível económico, apesar dos esforços dos sucessivos governos provisórios no sentido de introduzir o controle financeiro, nos primeiros anos da democracia assistiu-se a uma deterioração geral. Para remediar a situação, o segundo governo provisório tomou medidas económicas socialistas, decretando a nacionalização da banca, indústria e meios de comunicação, bem como uma extensa reforma agrária. Contudo, estas medidas não trouxeram os resultados desejados. No final de 1975, a situação económica do país era extremamente grave: a inflação acelerou e o desemprego atingiu 5% (excluindo os retornados das ex-colónias, cf. Marques 1998: 608).

Apenas a partir de 1976 se assistiu a uma lenta estabilização financeira, que conheceu o auge na década de 1980, com o início do Cavaquismo. No entendimento de Marquês (1998: 613) este período de fomento económico, saneamento financeiro e modernização geral é comparável ao Fontismo. Com uma política de liberalização, sistemáticas privatizações e aplicação dos fundos estruturais da CEE assistiu-se a uma notável progresso: a economia cresceu com uma média superior à europeia, as exportações aumentaram, o influxo de turismo cresceu, o poder de compra da maioria dos portugueses subiu (embora não tanto como seria de esperar, devido a uma política de contenção de salários, cf. Marques 615).

Todavia, apesar destes progressos, a adesão à CEE e o Cavaquismo não trouxeram os resultados esperados: dos anos 1990 em diante observaram-se crescente endividamento e alto *deficit* público. Em 2008 Portugal, em conjunto com a Irlanda, Itália, Grécia e Espanha, foi rotulado como uma economia extremamente vulnerável. Arrastado pela crise financeira internacional, em 2010 o país encontrava-se à beira da falência. Em resposta a estes constrangimentos, um ano depois foi iniciada uma política de austeridade tutelada pela Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional.

As alterações no plano político e económico reflectiram-se também no nível cultural e educacional. Com a abolição da censura em 1974 foi devolvida a liberdade de expressão. Contudo, como se constata em Rosa (2009), a questão da identificação do fim da censura continua ainda por resolver uma vez que “a preocupação com ‘abusos de poder’ foi o motivo invocado para a criação de um Conselho de Informação (Dezembro de 1974), de um Conselho da Imprensa (1975), e de um Conselho para os Média (1983). (Rosa 2009: 126)

Significativamente, a mudança ideológica vivida no Portugal do pós-25 de Abril permitiu uma abertura a novas correntes literárias e movimentos migratórios oriundos, entre outros, dos países do chamado Bloco de Leste. A subsequente globalização, avanços tecnológicos e intensificados movimentos migratórios tornaram esta abertura ainda mais notável. Para além disso, no plano educacional, observou-se a diminuição do analfabetismo devida, essencialmente, à escolarização progressiva dos jovens, bem como ao falecimento das pessoas idosas, que contribuíram para a relativamente elevada taxa de iliteracia nos finais do Estado Novo. Não obstante estes progressos, a evolução no plano económico e político não foi acompanhada

por um sentido humanista de governo nem por uma política cultural digna de nome. Tentou-se uma ampla reforma do ensino com premissas reaccionárias e resultados dúbios, onde o tecnicismo e cientismo predominaram (...) sobre as disciplinas de carácter social e humano. (Marques 1998: 614)

CAPÍTULO II 3

RELAÇÕES LUSO-POLACAS

O presente visa esboçar sucintamente a história das relações luso-polacas até ao ano de 2010 (data em que foi concluída a pesquisa bibliográfica no âmbito da presente investigação), tanto do ponto de vista cultural, como comercial, diplomático, ideológico, militar, político e religioso. Contudo, urge clarificar previamente quatro questões. Em primeiro lugar, convém frisar que com este não se pretende esgotar as fontes mas, antes, traçar o contexto geral e proporcionar informações tidas como relevantes para a análise do *corpus*. Em segundo lugar, importa esclarecer que, não obstante constituir parte integrante da história das relações culturais, a história da tradução do polaco para o português não será aqui contemplada, pois será abordada nos s subsequentes. Em terceiro lugar, cabe salientar que, tendo em conta que se trata de um estudo centrado na história da tradução do polaco para o português, a história da tradução no sentido inverso (i.e., e português para polaco), por fugir ao objectivo central, será abordada apenas pontualmente.²⁶ Em quarto lugar, urge sublinhar que, pela mesma razão, no texto que se segue será apresentada principalmente a perspectiva portuguesa do historial do relacionamento luso-polaco o que, na prática, significará que as marcas impressas pela cultura portuguesa na cultura polaca serão remetidas para segundo plano. Por último, resta clarificar que, por fugir ao foco central da presente investigação, a história das relações luso-polacas não será aqui tratada.²⁷

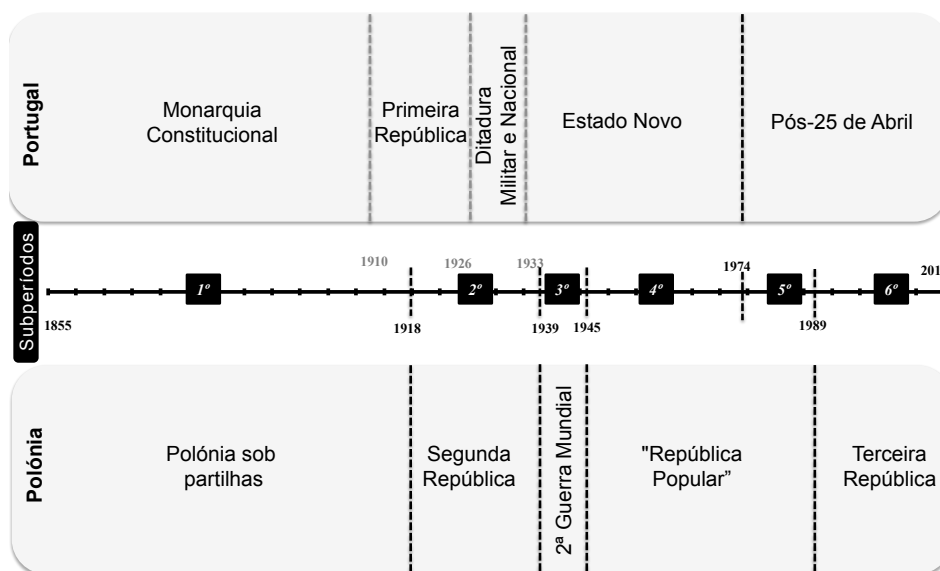


Figura 9 Cronograma da história das relações luso-polacas (1855-2010)

²⁶ Embora um estudo sistemático da história da tradução da literatura portuguesa na Polónia fique ainda por fazer, existem vários estudos de caso. A este respeito veja-se, a título exemplificativo, Borkowska (2009), Gąsiorowska (2010), Kalewska (2010), Łukaszyk (2002), Matluch (2009), Milewska (1989a).

²⁷ Contudo, veja-se, a este respeito, Siewierski (2009).

Quanto à periodização, para fins da presente investigação a história do relacionamento entre os dois países dividir-se-á em seis subperíodos. Como se pode observar na Figura 9, os limites cronológicos destes subperíodos encontram-se definidas pelos eventos julgados relevantes ora para a cultura polaca de partida, ora para a cultura portuguesa de chegada. No texto que se segue estes subperíodos encontram-se descritos de modo mais pormenorizado.

II 3. 1 Previamente a 1918

O presente subperíodo pode ser dividido em três etapas: a primeira termina no último quartel do século XVII (com o fim da guerra polaco-turca, em 1676), a segunda nos finais do século XVIII (com a terceira partilha da Polónia, em 1795) e a terceira em 1918 (com o fim da Primeira Guerra Mundial e a consequente restituição de um Estado polaco independente). De modo genérico, a primeira etapa distingue-se (a) pela virtual inexistência de relações políticas, (b) pela escassez de intercâmbio cultural, e, simultaneamente, (c) pelo crescimento de trocas comerciais e (d) pela progressiva aproximação no plano religioso.

Relativamente a (a), até ao último quartel do século XVII, a inexistência de relações diplomáticas deveu-se, principalmente, à política externa dos dois países, fortemente condicionada pelas alianças conjunturais que se reconfiguravam conforme os interesses dos coligados, resultando frequentemente na inclusão da Polónia e de Portugal em blocos de influências opostos. Neste contexto, até aos anos 1670 os contactos políticos parecem ter sido limitados a esporádicas missões diplomáticas, ocasional correspondência entre os soberanos e malogradas tentativas de casamentos reais.²⁸

No que toca a (b), a escassez de contactos culturais nesta etapa foi provocada, maioritariamente, pelo afastamento geográfico e, até certo ponto, pela sombra de Espanha que, nas margens do Vístula, ofuscava tradicionalmente a imagem de Portugal, confundido política e culturalmente com o país vizinho. Como relata Milewska (1984; 1991), até ao último quartel do séc. XVII foram poucos os polacos a passar por Portugal e os que o fizeram terão sido, na maioria dos casos, cavaleiros e peregrinos humanistas (1989a: 136). Um outro constrangimento prendia-se com o distanciamento linguístico, embora este tenha sido parcialmente ultrapassado por intermédio do latim que, até ao século XVIII, se assumia como a língua franca da cultura europeia (Casanova 2004: 11; Flor 1999: 9). Deste modo, enquanto os escritos em latim (principalmente literatura sacra mas também de teor leigo, como a prosa histórica e a de viagens) de autores portugueses faziam parte integrante das bibliotecas de elites letradas da Polónia,²⁹ em Portugal circulavam obras latinas de cientistas,

²⁸ A título exemplificativo, em 1529 e 1531, a pedido de D. João III, Damião de Góis fez missões diplomáticas à Polónia. Um dos intuitos destas viagens consistiu na ventilação da (não concretizada) possibilidade de matrimónio entre o Infante D. Luís e a filha do rei Zygmunt I Stary (Sigismundo I o Velho) (Ziejka 2008: 355-368).

²⁹ Por exemplo, da autoria de Fernão Álvares, Manuel Alvares, Agostinho Barbosa, Damião da Fonseca, Damião de Góis, Fernão Mendes Pinto, Cipriano Soares ou Manuel da Veiga (Milewska 1984: 37; 1989a).

filósofos, teólogos e poetas de proveniência polaca.³⁰ A esta luz, como constata Milewska (1984: 82-84), enquanto as obras do Renascimento e Barroco polaco compostas em latim foram conhecidas no Portugal quinhentista e seiscentista, o mesmo não se verificou no caso de textos polacos em língua vernácula, que, naquela época, ficaram fora do alcance dos leitores portugueses devido à barreira linguística que dificultava a migração textual.

No que diz respeito a (c), as relações comerciais foram promovidas, em larga medida, pelos mercadores de Gdańsk (na altura empório oriental da Liga Hanseática), interessados, por um lado, na importação de especiarias provindas das colónias portuguesas e, por outro, na exportação dos cereais e da madeira oriundos da Polónia.

Relativamente a (d), a aproximação no plano eclesiástico foi operada essencialmente por intermédio das ordens religiosas (Milewska 1989a: 136): por um lado, os Jesuítas e Carmelitas polacos participaram nas missões portuguesas no Oriente; por outro, os Jesuítas e Dominicanos portugueses visitaram as ordens homólogas na Polónia, publicando aí obras em língua latina de literatura sacra. Ainda no plano religioso, convém evocar a correspondência epistolar mantida em latim entre Stanisław Hozjusz e Jerónimo Osório, eminentes eclesiásticos e contrarreformistas polaco e português.

Significativamente, a proximidade da doutrina religiosa e, mais concretamente, a ideia da cristandade como um baluarte, fortemente enraizada na mentalidade tanto de polacos como de portugueses (Cieszyńska e Franco 2008: 74), esteve na origem da intensificação dos contactos políticos a partir do último quartel do século XVII, marcando, deste modo, o início da segunda etapa das relações. Foi precisamente na altura do iminente ataque do Império Otomano na década de 1670 que a diplomacia polaca procurou auxílio junto ao rei português. Portugal, a despeito da sua posição geográfica que o colocava fora do perigo turco, mostrou-se altamente interessado na quebra do poder do Império Otomano:

primeiro, os Turcos causavam grandes danos à coroa, visto que assaltavam permanentemente os navios na sua carreira para a Índia. Segundo, a guerra contra eles tinha carácter religioso, o que não deixava de ter certa importância no país que se vangloriava de velhas tradições na defesa e divulgação da fé. (Milewska 1984: 11)

Para conseguir o apoio monetário de Portugal, o monarca polaco (Jan III Sobieski) enviou, nas décadas de 1670 e 1680, dois padres emissários. A despeito do malogro das negociações, a causa polaca granjeou simpatia entre os portugueses, sendo frequentes vozes que destacavam analogias entre o papel de Portugal e da Polónia na luta contra os infiéis.³¹ Para além disso, apesar de não ter acedido ao pedido de auxílio monetário, o monarca português contribuiu com apoio militar, fazendo um donativo de milhares de cruzados para socorrer as tropas polacas aquando do cerco de Viena (1683).

³⁰ Por exemplo, da pena de Philippus Callimachus [Filip Kallimach], Gregorius Cnapius [Grzegorz Knapjusz], Nicolaus Copernicus [Mikołaj Kopernik], Martin Cromer [Marcin Kromer], Joannins Dantiscus [Jan Danyszek], Laurentius Grimaldus Goslicius [Wawrzyniec Grzymała Goślicki], Stanislaus Hosius [Stanisław Hozjusz], Johannes Longinus [Jan Długosz], *Casimirus Sarbievius* [Kazimierz Sarbiewski], Simon Starovolscius [Szymon Starowolski] (cf. Milewska 1991: 82).

³¹ A este respeito bastará evocar os sermões de Padre António Vieira, de onde emerge a imagem da Polónia enquanto muralha da Cristandade (cf. Cieszyńska e Franco 2008; Milewska 1984: 11-12).

Este gesto não foi esquecido e levou à criação de laços de cordialidade entre as cortes reais polaca e portuguesa. O relacionamento amistoso ficou manifesto, por exemplo, através (a) da ligação que, em 1691, se fez entre as famílias reais de Portugal e da Polónia (por meio do casamento real entre Jakub Sobieski, filho primogénito do soberano polaco, e Hedwig von Pfalz-Neuburg, irmã da Rainha portuguesa), (b) da candidatura do infante D. Manuel na campanha eleitoral ao trono polaco ou (c) da abundante correspondência epistolar entre as altas figuras da cena política dos dois países.

Embora a dinamização dos contactos entre cortes reais, observada de modo genérico no decorrer de todo o séc. XVIII, não tivesse resultado na assinatura de nenhum acordo político ou, tão pouco, no estabelecimento de relações diplomáticas sistemáticas (Milewska 1991: 37), contribuiu para o gradual incremento de trocas comerciais e de visitas recíprocas. Estas últimas revelaram-se consideravelmente frutuosas e não cessaram com a queda da Primeira República da Polónia em 1795, o evento que marcou o advento da terceira etapa das relações luso-polacas no subperíodo agora descrito.³²

Esta terceira etapa, que teve o seu fim apenas com a restituição de um Estado autónomo polaco em 1918, foi marcada, por um lado, pela cessação de contactos políticos oficiais estabelecidos ao longo do século XVIII (devida à inexistência de um Estado polaco autónomo) e, por outro, pelo acelerado desenvolvimento das relações militares e de contactos culturais, (promovido, a princípio, sobretudo pelos exilados polacos e portugueses em França, um dos principais destinos dos movimentos migratórios provindos destes países). Como se poderá depreender do acima exposto, foi precisamente nesta terceira etapa, que se estendeu por quase todo o século XIX, que o latim perdeu o seu primado na mediação das relações entre as culturas polaca e portuguesa, cedendo lugar à língua e cultura francesas. Dito de outro modo, foi neste período que, devido ao eclipse da importância internacional do latim, o epicentro dos contactos luso-polacos passou do Vaticano para Paris, apelidado por Casanova como “Capital da República Mundial das Letras” (Casanova 2004: 24).

Relativamente às relações militares, os laços foram estabelecidos já aquando da invasão napoleónica da Rússia (1812), altura em que os Portugueses e os Polacos foram companheiros de armas. Estes laços foram reforçados após a ocupação do Porto pelas tropas liberais (1832), quando se iniciaram as negociações entre os chefes da emigração polaca e portuguesa em França no sentido de organizar uma legião comandada pelo general Józef Bem e destinada a combater o exército de D. Miguel (Zieliński 1948a; 1948b). A despeito do insucesso desta operação, dezenas de emigrantes polacos alistaram-se no exército de D. Maria II, fixando-se, em anos sucessivos, em Portugal.³³

³² Entre os viajantes polacos que passaram por Portugal ao longo do séc. XVIII, particular relevo merece Frei Kazimierz Wyszynski (fundador, em 1754, da ordem dos Marianos em Balsemão). Entre os portugueses de visita oficial na Polónia destacam-se infante D. Manuel (1730) e Ribeiro Sanches (1733).

³³ Para não alongar demasiado esta sùmula, bastará, a este respeito, recordar os nomes de Józef Chelmicki (general de divisão, agraciado com a Ordem de Cristo; director no Ministério das Obras Públicas; co-fundador da Revista Militar) ou Norbert Rudzki (general do exército português em Angola).

A respeito da aproximação cultural, esta resultou sobretudo de um certo paralelismo de atitudes e da solidariedade entre os dois povos, que não só perderam a sua antiga grandeza mas experimentaram também o peso do jugo estrangeiro. Assim, a queda do Estado polaco e a luta pela restituição da independência encontraram vasto eco na cultura portuguesa oitocentista, originando escritos, peças teatrais, intervenções diplomáticas junto às potências opressoras, manifestações (e.g., da juventude académica de Coimbra) e festas de beneficência a favor da causa polaca.³⁴ A crescente “polonofilia” traduziu-se igualmente no recrudescimento do interesse pela história polaca, assistindo-se, a partir da década de 1860, à proliferação de esboços historiográficos sobre a construção e o declínio da Primeira República da Polónia (e.g., Corrêa 1863; Desterro 1864; Lavradio 1864; Noronha 1915).³⁵

Contudo, este interesse não suscitou curiosidade pela literatura provinda da Polónia, assistindo-se, portanto, a uma negligência crónica dos textos inscritos no cânone do Romantismo polaco. Como avança Milewska (1991: 82), mesmo os maiores escritores polacos oitocentistas eram, no séc. XIX, conhecidos em Portugal somente em círculos intelectuais muito restritos e, ainda assim, apenas de nome e não pela sua obra. Seguramente, este conhecimento deficitário terá sido provocado, essencialmente, pelo distanciamento linguístico, cultural e geográfico. Contudo, terão sido também outros condicionalismos a levar a este desinteresse, dado que o mesmo não se verificou no caso do conhecimento da literatura portuguesa na Polónia, onde, a título exemplificativo, os *Lusíadas* de Camões se tornaram “um elemento indispensável na educação literária, entrando no programa dos liceus e das universidades (Milewska 1984: 38).

A aproximação cultural operou-se igualmente por intermédio de viajantes polacos, em larga maioria exilados políticos, que passaram por Portugal no século XIX. Entre as figuras polacas que imprimiram uma marca alteradora indelével na cultura portuguesa destaca-se, sobretudo, o Conde Atanazy Raczyński (entre 1842 e 1847 ministro plenipotenciário do rei da Prússia em Portugal e autor dos estudos pioneiros da história da arte portuguesa).³⁶ Além disso, entre dezenas de viajantes que passaram pelo Portugal oitocentista vale a pena recordar os nomes de Jan Niepomucen Lewicki (artista gráfico refugiado em França), Władysław Mickiewicz (filho de Adam Mickiewicz e um dos chefes da emigração polaca), Ksawery Chodziewicz (arqueólogo e professor da Universidade de Varsóvia), Napoleon Orda (pintor e exilado político) e Teodor Triplin (emigrante polaco formado em medicina),

³⁴ Entre os escritores portugueses que, no decorrer do séc. XIX, abordaram a questão da luta polaca pela independência Milewska (1984: 45-48; 1989b; 1991: 106-110), GALP (1938) e Ziejka (2008: 369-384) evocam, ex., José Joaquim Rodrigues Bastos (e, mais concretamente, o romance *A virgem da Polónia*), Eduardo Coelho (*Episódio da emigração polaca*), António de Campos Júnior (*A filha do Polaco*), Eça de Queirós (“Um Génio que era um Santo”), Antero de Quental (“Odes Modernas”) e José Maria da Cunha Seixas (“Emília Plater”). Entre as peças teatrais sob a mesma temática contam-se, a título de exemplo, “O episódio da insurreição polaca” de J.A. Oliveira, “Polacos e Russos na Mouraria” de José Romano ou “Os mártires da Polónia” de P. C. Alcântara Chaves, todas elas encenadas nos palcos lisboetas no primeiro semestre de 1864 (cf. Milewska 1984: 49). De referir ainda que a mesma temática foi veiculada pelas traduções portuguesas de autores franceses e espanhóis que se debruçavam, sobre a matéria, ex. *A aventura d’um polaco* de Victor Cherbuliez, traduzido por Amália Vaz de Carvalho em 1900, ou *Um noivado em Varsóvia*, tradução anónima de 1865 da obra de Emilio Castelar Ripoll.

³⁵ Relativamente ao termo “polonofilia”, segue-se a proposta de Milewska (1984).

³⁶ Para mais informações sobre o mérito de Raczyński na história das belas-artes em Portugal veja-se, por exemplo, Danilewicz-Zielińska (1981); França (1981); GALP (1938: 39-42); Milewska (1991: 47-50).

cujos relatos de viagem contribuíram para um maior conhecimento dos costumes portugueses na Polónia. Em contrapartida, ao que tudo indica, foram poucos os Portugueses que visitaram os territórios polacos sob a ocupação prussiana, austríaca ou russa, tendo sido registados apenas dois nomes: o de Joaquim Manuel (cantor de ópera) e João Castelo Branco (voluntário na revolução polaca de 1863) (GALP 1938: 42).

Um dos efeitos colaterais destas aproximações no plano militar e cultural consistiu na ampliação, embora modesta, do círculo de polacos com domínio da língua portuguesa, até aos finais do século XVIII restrito essencialmente aos padres missionários. Como se constata em GALP (1938: 14-17), até ao termo da Primeira Guerra Mundial (1918), para além dos já mencionados Józef Chelmicki e Ksawery Chodziewicz, os seguintes polacos publicaram igualmente escritos da sua autoria em língua portuguesa: Eugeniusz Frankowski (etnógrafo da Universidade de Varsóvia, de visita a Portugal em 1916), Selda Potocka (autora de livros de auto-ajuda e tradutora de literatura polaca; veja-se COR 007, COR 011, COR 018), G.R. Salvini (professor de música), Samuel Schwarz (estudioso responsável pela divulgação da história da comunidade cripto-judaica de Belmonte) e Rita Silberman (correspondente da imprensa polaca em Portugal). Em contrapartida, de acordo com as fontes consultadas (Milewska 1984: 43), apenas um português teve conhecimento aprofundado da língua polaca, a saber Zózimo Consiglieri Pedroso (político, escritor, membro da Academia de Ciências de Lisboa e professor do Curso Superior de Letras).

II 3. 2 1918-1939

O alcance cronológico deste subperíodo é demarcado, por um lado, pelo fim da Primeira Guerra Mundial e início da Segunda República Polaca (1918) e, por outro, pelo deflagrar da Segunda Guerra Mundial (1939). Nesta configuração, do ponto de vista da Polónia, o presente subperíodo abrange os vinte e um anos da independência polaca entre guerras (1918-1939). Do ponto de vista de Portugal, o subperíodo abarca os últimos oito anos (1918-1926) da Primeira República Portuguesa, toda a vigência da Ditadura Militar (1926-1928) e Nacional (1928-1933), bem como os primeiros seis anos do Estado Novo (1933-1939).

Um dos mais importantes marcos no plano das relações luso-polacas neste subperíodo é o reconhecimento oficial por parte de Portugal, em Junho de 1919, da recém-restaurada independência polaca. Este reconhecimento constituiu um ponto de partida para o estabelecimento, em Maio de 1922, de relações diplomáticas que, por sua vez, impulsionaram as trocas comerciais e o intercâmbio cultural.

No que toca às trocas comerciais, Portugal exportava para a Polónia principalmente cortiça, madeira, vinhos e conservas, importando, ao mesmo tempo, peles, aduelas, alcatrão, hulha, ferro e produtos químicos (Milewska 1984: 52). Dado que os dois Estados tinham à sua disposição frotas navais mercantes bem desenvolvidas, o transporte de mercadorias foi efetuado por via marítima. Para simplificar o processo alfandegário, foram celebrados a convenção do comércio e da navegação (1929), bem como o acordo sobre o reconhecimento mútuo dos certificados marítimos (1930). Estes passos revelaram ser muito

benéficos, contribuindo para o aumento drástico no volume de trocas mercantis. Como constata Almeida (1991: 15-16),

enquanto em 1921 Portugal importava da Polónia mercadorias no valor de 900\$, sendo nula a exportação, já em 1938 o total das importações se elevava a 24402 t, no valor de 19 540 520\$, e o das exportações a 4003 t, com o valor de 8 802 407\$.

No que concerne às relações culturais, enquanto no primeiro subperíodo (anterior a 1918) estas ficaram a dever-se mormente aos esforços de agentes individuais, no segundo subperíodo elas foram devidas principalmente às actividades de entidades colectivas polacas e portuguesas. Dito de outro modo, foi neste segundo subperíodo que se presenciou a proliferação, principalmente na Polónia mas também em Portugal, de instituições privadas e públicas que visavam a aproximação cultural entre os dois países em questão.

De entre as entidades polacas destacam-se a Sociedade Polaco-Portuguesa (Towarzystwo Polsko-Portugalskie, fundada nos anos 1930, cf. Milewska 1984) e duas instituições de ensino superior, nomeadamente o centro de estudos portugueses da Universidade de Varsóvia e o centro de estudos portugueses da Universidade de Lviv (hoje Львів, na Ucrânia).³⁷ No lado português, o Grupo de Amizade Luso-Polaca (GALP) desempenhava um papel homólogo. O GALP foi fundado em meados dos anos 1930 por Henrique de Campos Ferreira Lima, historiador distinguido com uma das mais altas condecorações polacas (Order Odrodzenia Polski), diretor do Arquivo Histórico Militar da Academia das Ciências de Lisboa e autor prolífico de diversos estudos sobre o relacionamento de Portugal com o estrangeiro, incluindo a Polónia (Lima 1932, 1934). Entre as iniciativas deste grupo realçam-se (1) a publicação de um pioneiro esboço bibliográfico que cartografa as relações seculares no eixo Portugal-Polónia (Lima 1934, veja-se III 1. 3. 3 ii) e (2) a organização, em 1938, na Associação Comercial de Lisboa, de uma exposição sobre a mesma temática, da qual resultou um catálogo selectivo (GALP 1938, III 1. 3. 3 i). Presume-se que em particular a segunda iniciativa terá despertado algum interesse, já que a ela se seguiram mais duas exposições, desta vez de gravura (1936) e pintura polacas (1937), possivelmente patrocinadas pelo grupo em questão. A despeito destes avanços, e ao contrário do que se verificou no caso do ensino da língua portuguesa na Polónia, no subperíodo agora em análise não se praticou a didáctica da língua polaca em Portugal, pelo menos a nível institucional.

Ainda no plano cultural, o estabelecimento de contactos oficiais entre os dois países tornou possível a passagem por Portugal de várias figuras de destaque na cena musical polaca do entre guerras.³⁸ Para além disso, na imprensa portuguesa registam-se várias notícias da visita não oficial à Madeira, em 1934, do então ex-chefe do estado polaco Józef Piłsudski (veja-se II 1. 2). No que se refere à passagem pela Polónia de figuras públicas portuguesas,

³⁷ Enquanto que, apesar de vários esforços, não tenha sido possível recuperar informação sobre as primeiras duas entidades, ao que tudo indica a terceira foi dirigida por Łucja Paula Marlińska (professora de língua e cultura portuguesas). Foi também possível estabelecer que a esta unidade pertencia igualmente Edward Porębowicz (romanista e tradutor, entre outros, de uma antologia hispânico-portuguesa, cf. GALP 38: 66).

³⁸ Trata-se, entre outros, da cravista Wanda Landowska (1931), da cantora Maria Modrakowska (1933) e do pianista Artur Rubinstein (de visita em 1934).

existem registos da visita não oficial de António Ferro (no início dos anos 1930, i.e., anteriormente à tomada de posse como director do SPN, veja-se II 2. 4. 6 3) e da sua esposa, a escritora Fernanda de Castro, bem como de um recital em Cracóvia da cantora Augusta Cruz (1936).

II 3. 3 1939-1945

O âmbito temporal deste subperíodo é definido, pelo início e fim da Segunda Guerra Mundial. Do ponto de vista da Polónia, este subperíodo abrange os seis anos da ocupação Nazi e/ou Soviética. Do ponto de vista de Portugal, o subperíodo coincide com o auge dos “Anos de Ferro”.

As cada vez mais intensivas iniciativas catalisadoras de uma aproximação cultural entre os dois países foram interrompidas com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial e com a invasão da Polónia pelas tropas Nazi e soviéticas em 1939. A geometria neutral (inicialmente favorável aos Nazis) proclamada por Salazar e a luta ao lado dos Aliados promovida pelo governo polaco no exílio colocava-os, nos primeiros anos da guerra, em lados praticamente opostos do conflito. Porém, apesar de simpatizar com a Alemanha Nazi (i.e., o invasor da Polónia), em Outubro de 1939 Salazar proferiu perante a Assembleia Nacional uma “romântica elegia à queda da Polónia” (Marques 1998: 394), em que dirigiu “uma palavra de funda simpatia à nação polaca”, prestando-lhe “homenagem devida ao seu heróico sacrifício e ao seu patriotismo” (Salazar 1939 *apud* Ferrand 1991: 16).

O atentado à soberania polaca tornou praticamente impossível a continuação das relações diplomáticas e comerciais com Portugal, mas em compensação intensificaram-se movimentos migratórios de polacos, maioritariamente de origem judaica, para Lisboa.³⁹ Deste modo, especialmente após a queda de França em 1940, a capital portuguesa tornou-se um importante centro de refúgio, acolhendo mais de um milhar de cidadãos polacos (Milewska 1984: 54), entre eles diplomatas, representantes das autoridades estatais, eclesiásticas e militares. A maioria dos expatriados polacos refugiados em Portugal (incluindo, por exemplo, o compositor e estadista Jan Ignacy Paderewski) seguiu para outros destinos (principalmente para os Estados Unidos da América). Porém, alguns dos exilados (e.g., o casal de historiadores e estudiosos das relações luso-polacas, Maria Danilewicz-Zielińska e Adam Zieliński) instalaram-se em Portugal definitivamente.

³⁹ De referir que as primeiras vagas significativas para Portugal de imigrantes judeus de proveniência polaca surgiram já no primeiro quartel do século XX e, especialmente, por altura das perseguições antisemitas durante os primeiros anos da chamada Segunda República Polaca. Foi precisamente nesta altura que, a título exemplificativo, se fixou em Portugal Samuel Schwartz. De acordo com Esther Mucznik (1999: 36), vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e descendente de Judeus oriundos da Polónia, os imigrantes polacos de origem judaica vieram a integrar-se na sociedade portuguesa com relativo sucesso.

II 3. 4 1945-1974

As balizas temporais deste subperíodo são definidas, por um lado, pelo final da Segunda Guerra Mundial (1945) e pela aurora da “República Popular” Polaca (Polska Ludowa) e, por outro, pelo termo do Estado Novo português (1974). Nesta configuração, do ponto de vista da Polónia, o presente subperíodo engloba as três primeiras décadas da consolidação e perturbada vigência do regime comunista (1945-1974). Do ponto de vista de Portugal, este subperíodo abarca os últimos “Anos de Ferro” (até, aprox. 1949), os “Anos de Chumbo” (década de 1950), e o declínio e colapso do Estado Novo (e.g., Guerra Colonial, Primavera Marcelista, Revolução de 25 de Abril).

A característica mais saliente deste subperíodo é a virtual inexistência de contactos oficiais entre os dois países (Ferrand 1991: 16, Milewska 1984: 54). Em oposição do que sucedeu no primeiro subperíodo (que se estendeu até 1918), em que a escassez de relações diplomáticas se deveu, inicialmente, à falta de interesses políticos comuns e, posteriormente, à inexistência de um Estado polaco autónomo, a ausência de relações diplomáticas observada neste subperíodo é explicável, sobretudo, pelo antagonismo ideológico existente entre a República Popular da Polónia (tutelada pela ideologia comunista) e o Estado Novo (de cunho para-fascista). Durante a Guerra Fria, o alinhamento militar da Polónia no Pacto de Varsóvia (em aliança com a União Soviética, arqui-inimiga de Salazar) e de Portugal na OTAN (na órbita da influência dos Estados Unidos da América), posicionou os dois estados em lados opostos.

Na ausência de contactos oficiais entre os dois Estados, as (pontuais) tentativas de aproximação foram feitas, em larga medida, pelas figuras eclesiásticas da Polónia e pelos dissidentes políticos exilados, ou, em soma, pelos opositores ao regime comunista. No que toca às figuras eclesiásticas polacas que contribuíram para a dinamização do relacionamento luso-polaco, destacou-se principalmente o Padre Mirosław Drzewicki, correspondente da revista *Brotéria* (dirigida pelos jesuítas portugueses). Relativamente aos dissidentes exilados, revelaram ser particularmente activos os já referidos, Maria Danilewicz Zielińska e Adam Zieliński.⁴⁰ Do lado português, as tentativas de estreitamento das relações foram efetuadas de modo ainda mais esporádico: entre as figuras da vida pública portuguesa que, pontualmente, se ocuparam do estudo do intercâmbio cultural luso-polaco destacaram-se, essencialmente, os historiadores António Henrique de Oliveira Marques (uma publicação de 1958) e Luís Ferrand de Alemeida (uma publicação de 1967).

Como vários estudos indicam (Franco e Carreira 2010; Franco, Pinheiro e Cieszyńska 2010; Pięta, aceite), atendendo a que, no subperíodo em estudo, o discurso que chegava da Polónia a Portugal era principalmente o da oposição ao regime comunista, a imagem da República Popular Polaca que circulava nos meios de comunicação social no Estado Novo era diferente da dos restantes países do Bloco de Leste. Mais concretamente, enquanto a União Soviética e, por extensão, a maioria dos restantes estados da Europa ocidental, foi

⁴⁰ Este último publicou, no subperíodo em análise, dois estudos parciais sobre episódios da história das relações luso-polacas oitocentista (Zieliński 1948 a e b).

rotulada no discurso oficial do Estado Novo de “inimigo ideológico de cuja influência era preciso precaver e cujo modelo era necessário exorcizar, como negativo de todo o ideal político” (Franco, Pinheiro e Cieszyńska 2010: 12), a República Popular Polaca, sendo um país católico e mariano a despeito da opressão soviética, foi vista como “uma espécie de *alter portucalis*, ou irmão gémeo de Portugal, (...) um país mártir do comunismo e imperialismo russo” (Franco e Carreira 2010: 12). Para além disso, os opositores de Salazar oriundos dos círculos comunistas olhavam para a Polónia e os restantes membros do Bloco de Leste “como regimes modelares, construindo, portanto, uma visão luminosa e hiperpositiva do Outro percebido (...) como aquele que comunga do Nós ideológico desses movimentos marxistas actantes na Europa não comunista” (Franco, Pinheiro e Cieszyńska 2010: 12).

De salientar ainda que o abrandamento, neste subperíodo, dos contactos no eixo Portugal-Polónia criou condições desfavoráveis a movimentos migratórios e visitas oficiais, bastante abundantes no subperíodo antecedente. No que diz respeito a figuras públicas polacas que visitaram Portugal neste subperíodo, existem apenas registos da passagem por Lisboa, no início da década de 1950, de Zbigniew Stypułkowski, membro do governo polaco no exílio e autor do relato das opressões soviéticas durante e após a Segunda Guerra Mundial (COR 038). Não foram encontrados nenhuns indícios relativamente a figuras públicas portuguesas em visita oficial à Polónia. Adicionalmente, pelo que foi possível apurar, o distanciamento ideológico observável nos anos 1945-1974 não criou condições favoráveis para ultrapassar a barreira linguística, já que o ensino (em particular o institucionalizado) da língua portuguesa na Polónia e da polaca em Portugal não era ministrado. O facto de o português ser fácil de compreender para conhecedores de outras línguas românicas, conforme o testemunho de letrados em variadas épocas (Milewska 1989a: 134), em nada aliviou o obstáculo linguístico entre as duas culturas.

Importa acrescentar, porém, que apesar da inexistência de relações diplomáticas, as relações comerciais entre a República Popular da Polónia e o Estado Novo não foram interrompidas. Como constata Milewska (1984: 54-55), o balanço de trocas comerciais bilaterais foi favorável à Polónia que, a título exemplificativo, em 1970 exportou para Portugal mercadorias no valor de 9 milhões de dólares e importou bens no valor de 3,9 milhões de dólares.

II 3. 5 1974-1989

Cronologicamente, este subperíodo é demarcado pelo termo do Estado Novo (1974), e da República Popular Polaca (1989). Nesta configuração, do ponto de vista de Portugal, este subperíodo abarca os primeiros quinze anos do pós-25 de Abril, em que se iniciaram os processos de democratização e de descolonização, e se intensificou o processo de integração europeia. Do ponto de vista da Polónia, estes quinze anos correspondem a um período marcado pela multiplicidade de circunstâncias que, cumulativamente, desencadearam a queda do regime comunista (tais como: o início do pontificado de João Paulo II, o surgimento de movimentos sindicalistas (*Solidarność*), o incremento de

actividades dissidentes organizadas, as repressões provocadas pela implementação da lei marcial e os primeiros sinais da *perestroika*).

A característica mais saliente deste subperíodo é o aprofundamento das relações em todos os domínios, que se tornou possível, sobretudo, graças à queda do regime de Salazar (oficialmente anticomunista e manifestamente oposto às influências oriundas dos países sob a tutela ideológica e política da URSS), mas também, até certo ponto, graças à progressiva abertura ao Ocidente defendida pelo Primeiro Secretário do partido comunista polaco, Edward Gierek. Um ambiente altamente propício para o estreitamento do relacionamento entre os dois povos foi criado sobretudo nos primeiros anos após a mudança ideológica observada em Portugal, altura em que se assistiu à escalada ao poder do Partido Comunista Português.⁴¹ Um outro momento benéfico surgiu no início dos anos 1980, quando as notícias dos acontecimentos sucedidos na Polónia foram seguidas com atenção nos meios de comunicação em massa em Portugal (Swiatkiewicz 1995).

O primeiro passo para a intensificação dos contactos no eixo Portugal-Polónia foi dado com a assinatura, a 11 de Julho de 1974, de um acordo que anunciava o restabelecimento de relações diplomáticas. A este seguiram-se outros acordos, celebrados entre 1974 e 1976, que visavam fomentar a cooperação nos sectores da economia, tecnologia, comunicação aérea, indústria naval, navegação comercial, ciência e cultura (Milewska 1984: 54). No que se refere aos últimos dois sectores, o acordo celebrado a 30 de Setembro de 1975 previa, entre outros, (a) o estabelecimento de leitorados e cursos para estudo da língua, literatura e história das duas nações; (b) a promoção de exposições artísticas e representações teatrais; (c) a difusão de programas televisivos; e (d) visitas recíprocas de investigadores. Ao que tudo indica, todas estas iniciativas foram concretizadas, embora a diferente escala.

No que toca a (a) em 1976 foi inaugurado, junto à Cátedra de Estudos Ibéricos da Universidade de Varsóvia, o Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, dirigido, entre 1981 e 1984 por Janina Klawe (lusófila, autora de várias publicações sobre a história de Portugal, tradutora prolífica de literatura portuguesa e brasileira e uma das figuras centrais dos Estudos Portugueses na Polónia). Em contrapartida, no ano lectivo de 1978/1979, foi inaugurado, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o primeiro leitorado de língua e cultura polacas, dirigido inicialmente por Franciszek Ziejka e, posteriormente, por Henryk Siewierski e Elżbieta Milewska, entre outros.⁴²

Relativamente a (b), a partir de 1976 a Fundação Calouste Gulbenkian organizou exposições de arte popular, escultura, gravura, pintura e tapeçaria polacas (Danilewicz-Zielińska e

⁴¹ Entre as diversas manifestações desta aproximação destacam-se frequentes visitas oficiais, nos anos 1975-1976, de representantes dos respetivos governos e a condecoração com a Ordem do Infante D. Henrique, em 1976, de três membros do Partido Comunista polaco (a saber, Edward Gierek, Henryk Jabłoński e Piotr Jaroszewicz).

⁴² Franciszek Ziejka é historiador da literatura polaca, autor de esboços histórico-literários sobre os episódios das relações luso-polacas (Ziejka 2008) e, entre 1999 e 2005, reitor da Universidade Jagiellónica de Cracóvia. Henryk Siewierski é tradutor, autor da edição brasileira da história da literatura polaca (Siewierski 2000) e desde, os finais dos anos 1980, professor de literatura polaca na Universidade de Brasília. Elżbieta Milewska, por sua vez, é estudiosa de literatura, tradutora de polaco [COR 104; COR 105] e de português, bem como autora de uns dos mais abrangentes estudos sobre o intercâmbio cultural entre os dois países (Milewska 1984, 1991).

Mucznik 1992: 45-46). Por seu turno, o Ministério da Cultura polaco patrocinou exposições na Biblioteca Nacional de Varsóvia da gravura, do cartaz e dos azulejos portugueses. Para além disso, nos teatros de Portugal foram encenadas peças de dramaturgos (principalmente Sławomir Mrożek e Witold Gombrowicz) e concertos de músicos polacos (e.g., Fryderyk Chopin, Witold Lutosławski e Krzysztof Penderecki).

No que se refere a (c), a celebração do acordo cultural deu um vigoroso impulso à exportação para Portugal de filmes de produção polaca. Como relata Milewska (1984: 55), só em 1975 a Radiotelevisão Portuguesa (RTP) adquiriu direitos de autor de três longas-metragens, três telenovelas e setenta curtas-metragens.⁴³ Apesar de repetidas buscas, não foi possível encontrar registos da importação, pela televisão polaca, de filmes ou programas televisivos de produção portuguesa.

Quanto a (d), as cada vez mais frequentes visitas recíprocas de estudiosos e leitores de línguas polaca e portuguesa foram financiadas, na maioria dos casos, através de um programa de bolsas de estudo atribuídas pelos governos polaco e português, assim como pela Fundação Calouste Gulbenkian. É deste programa de intercâmbio académico que foi emergindo a primeira geração de estudiosos, com formação científica tipicamente no âmbito da filologia românica, que inauguraram e asseguraram um percurso gradual para a consolidação dos Estudos Portugueses na Polónia.

Acresce igualmente que o recrudescimento das transferências culturais e científicas acima expostas foi acompanhado pela aceleração de trocas comerciais, que se repercutiu no gradual crescimento de exportações e importações bilaterais. Importa igualmente evocar vários estudiosos de relações luso-polacas (Cieszyńska e Franco 2008; Franco 2010:143; Pinto 2010: 245) que apontam para uma maior aproximação no plano da doutrina religiosa nesta etapa. Desta vez a aproximação terá as suas origens no protagonismo internacional do Papa polaco. A este respeito, num artigo intitulado “João Paulo II: Um mediador religioso entre a Polónia e Portugal”, Pinto (2010: 245) sugere o seguinte:

entre Portugal e a Polónia havia o mediador cultural, simbólico e mental, que era a imagem papal; havia muito mais em comum do que havia de esperar; pela via do desenvolvimento do culto mariano, na ligação umbilical de Wojtyła a Jasna Góra e na ligação posterior a Fátima, muito mais essa visão se viria a desenvolver.

Por fim, para completar a súmula deste subperíodo, resta sublinhar que, independentemente dos avanços acima expostos, até aos inícios da década de 1990 as relações entre Portugal e a Polónia afiguravam-se subdesenvolvidas (Almeida 1992: 16; Milewska 1991: 154; Swiatkiewicz 1995: 48). Como constatou Swiatkiewicz em 1993:

pode-se dizer que as relações entre os dois países nunca foram significativas, tanto no passado, quando a escassez era a marca mais visível, como no presente, porque, se comparamos as relações que cada um dos países tem com o exterior, as existentes

⁴³ As longas-metragens acima referidas são da autoria de Andrzej Munk, Andrzej Wajda e Krzysztof Zanussi, representantes da aclamada Escola Polaca de Filme (Polska Szkoła Filmowa). Embora não tenha sido possível recuperar os títulos das três telenovelas mencionadas, apurou-se que as curtas-metragens emitidas pela RTP incluíram maioritariamente desenhos animados produzidos no estúdios SE-MA-FOR de Łódź, ex. Ursinho Teddy (Miś Uszatek), Ursinho Coralgol (Miś Coralgol) e o Lápis Mágico (Zaczarowany Ołówek).

entre Portugal e a Polónia são mínimas. (Swiatkiewicz 1993 *apud* Swiatkiewicz 1995: 48)

II 3. 6 1989-2010

O âmbito temporal deste subperíodo é definido, por um lado, pelo fim da República Popular da Polónia (1989) e, por outro, pela data de conclusão da pesquisa bibliográfica no âmbito da presente investigação (2010). Em cômputo geral, do ponto de vista da Polónia, o presente subperíodo engloba as primeiras duas décadas após a queda do regime comunista, em que se assistiu à troca de alianças geopolíticas (a saída da órbita de influências soviéticas e a progressiva integração nas estruturas europeias e transatlânticas), ao lento processo de democratização e ao gradual crescimento económico. Do ponto de vista de Portugal, este subperíodo abarca vinte e um anos em que se registou o reforço da integração na comunidade europeia, a consolidação do processo de democratização, a relativa estabilização política e a progressiva deterioração da conjuntura financeira estatal.

Entre os traços mais salientes deste subperíodo podem mencionar-se (a) o aprofundamento dos contactos culturais, (b) o desenvolvimento (assimétrico) de Estudos Portugueses na Polónia e de Filologia Polaca em Portugal, (c) o progressivo estreitamento das relações económicas e (d) a intensificação dos movimentos migratórios que se tornou possível no quadro da crescente globalização e integração europeia.

Relativamente a (a), o intercâmbio cultural, especialmente após a adesão da Polónia à União Europeia (2004), ficou a dever-se, em larga medida, a uma política sustentada de apoio à cooperação bilateral, formalizada através de novos acordos científicos e culturais (celebrados em 2006 e 2009) e financiada maioritariamente pelos fundos europeus. Entre os agentes que, cumulativamente, contribuíram para a dinamização das transferências culturais neste subperíodo destacam-se (i) as secções culturais das missões diplomáticas (a quem coube a organização e promoção de exposições, debates, palestras, recitais, etc.), (ii) os estabelecimentos de ensino e investigação (veja-se o parágrafo *infra*), e (iii) as demais entidades culturais que suportam programas de difusão e exportação das culturas polaca e portuguesa no estrangeiro.⁴⁴ Com efeito, graças ao intenso labor destas instituições públicas e privadas o diálogo intercultural luso-polaco encontra-se, actualmente, em acelerado desenvolvimento em diversos campos. Contudo, ocorre inevitavelmente a um nível muito mais reduzido quando comparado com o ritmo em que se desenvolvem os relacionamentos das culturas polaca e portuguesa com espaços geográficos e linguísticos com maior capacidade de exportação cultural (e.g., anglo-saxónicos).

⁴⁴ Entre as entidades polacas convém realçar o papel do Intytut Adama Mickiewicza [Instituto de Adam Mickiewicz] e do Instytut Książki [Instituto do Livro]. Este último assegura a manutenção do programa de apoio à tradução, tendo, deste modo, algum peso na exportação da literatura polaca, também para Portugal. Para mais informação a respeito das traduções produzidas no âmbito deste programa veja-se III 1. 3. 3 x. De entre as entidades portuguesas importa destacar a Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, a Fundação Gulbenkian, o Instituto Camões, etc., que entre o largo espectro de apoios à cultura, proporcionam subsídios à tradução de língua portuguesa, exercendo, deste modo, alguma influência na exportação da literatura lusa para a Polónia.

Relativamente a (b), o estabelecimento, no subperíodo anterior, e funcionamento ininterrupto do Departamento de Língua e Cultura Luso-Brasileira da Universidade de Varsóvia contribuiu para o aumento do estatuto da língua portuguesa nos meios académicos polacos, bem como para a progressiva expansão e autonomização dos Estudos Portugueses no contexto universitário deste país, até aos finais dos anos 1990 tipicamente subalternizados ou até absorvidos pelos Estudos Ibéricos (Kalewska 2011). Assim, na transição do milénio, assistiu-se na Polónia a um notável reforço da investigação e do ensino/aprendizagem da língua portuguesa, assegurados por uma nova geração de estudiosos que desenvolveu com a geração anterior uma relação de discipulado intelectual e que beneficiou da experiência já acumulada. Este recrudescimento ficou patente através da inauguração, entre 2003 e 2008 e sob o patrocínio do Instituto Camões, de mais três polos académicos autónomos e de dois leitorados, onde o ensino do português é ministrado tanto a nível de licenciatura como de pós-graduação.⁴⁵ O incremento das actividades docentes centradas na língua portuguesa foi também notável, embora a uma escala mais reduzida, a nível do ensino secundário e no contexto da educação privada.⁴⁶ Entre os efeitos colaterais destes avanços poder-se-á mencionar uma proliferação de dicionários polaco-portugueses e de manuais de língua portuguesa que saíram dos prelos polacos no subperíodo agora em apreciação.⁴⁷

Em Portugal, por seu turno, a docência e a investigação centradas na língua e cultura polacas também se intensificaram, embora em menor escala comparando com o tratamento recebido pelos Estudos Portugueses na Polónia. Pelo que foi possível apurar, no que toca ao ensino da língua polaca, em 2010 a docência foi desenvolvida apenas a nível de licenciatura e ministrada em três pólos académicos: nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa (FLUL) e do Porto (FLUP), e no Instituto de Línguas da Universidade Nova de Lisboa (ILNova).⁴⁸ Ainda a propósito da didáctica da língua polaca, importa sublinhar que, ao contrário do que se verificou na Polónia, não se assistiu em Portugal a um surto significativo

⁴⁵ Trata-se dos polos académicos sedeados em Cracóvia (Cátedra Vergílio Ferreira, junto do Departamento de Filologia Portuguesa da Universidade Jagellónica), Lublin (Centro de Língua Portuguesa da Universidade Marie Curie Skłodowska) e Poznań (Secção de Estudos Portugueses na Universidade de Adam Mickiewicz), bem como de leitorados oferecidos pelas Universidades de Wrocław e de Gdańsk.

⁴⁶ A nível da educação secundária, o ensino de língua portuguesa é praticado, a título exemplificativo, nas Escolas Secundárias “Ruy Barbosa” em Varsóvia ou “im. Unii Lubelskiej [União de Lublin]” em Lublin. Entre diversas escolas privadas de línguas onde se pratica a didáctica do português encontram-se, por exemplo, o Centro de Línguas Mediterrânicas [Centrum Języków Śródziemnomorskich] “Sensapolis” ou a Escola de Línguas Ibéricas [Szkoła Języków Iberyjskich] “Porto Alegre”.

⁴⁷ A propósito dos dicionários, de acordo com os resultados da busca nos catálogos da Biblioteca Nacional de Varsóvia (realizada em Dezembro 2010), existem nove dicionários de polaco-português publicados na Polónia. A maioria (5) foi publicada entre 1998 e 2010, sendo que o primeiro dicionário impresso neste país data de 1938. De acordo com os registos consultados, o primeiro dicionário de polaco-português de sempre foi publicado no Brasil, em 1927, na altura da emigração maciça da Polónia para este país (Milewska 1989a: 133). No tocante a manuais de língua portuguesa, foram identificados cinco registos, sendo o exemplar mais antigo datado de 1998.

⁴⁸ Agradeço à Doutora Izabela Stapor a disponibilização desta informação. Urge clarificar que na FLUL para além do leitorado de língua polaca (estabelecido no subperíodo anterior) encontra-se em funcionamento, desde 2008, a Licenciatura em Estudos Eslavos, cujo plano curricular abrange as disciplinas da língua e da cultura polacas. O ensino da língua polaca na FLUP e ILNova é organizado ao abrigo de cursos livres. No primeiro decénio do século XXI foi igualmente programada a abertura de um curso livre no Instituto Politécnico de Bragança e de uma Licenciatura em Línguas Eslavas (englobando polaca) na Universidade de Minho. Contudo, por falta de inscrições no primeiro caso, e devido a constrangimentos internos no segundo, estas iniciativas não chegaram a concretizar-se.

de dicionários de português-polaco, nem de manuais escolares de língua polaca.⁴⁹ No que concerne à investigação conduzida em Portugal no âmbito da língua, literatura e cultura polacas, no primeiro decénio do séc. XXI esta foi desenvolvida, na maioria dos casos, pelos investigadores associados a três entidades integradas na Universidade de Lisboa: Associação Internacional de Estudos-Ibero Eslavos (CompaRes), Centro de Estudos Eslavos, e Grupo 5 (Interculturalidade Ibero-Eslava) do Centro de Literaturas e Culturas Lusófona e Europeias (CLEPUL). Significativamente, contrariamente ao que sucedeu no caso de centros de Estudos Portugueses na Polónia, até à data (2013) não foi criada em Portugal nenhuma unidade científica cujo foco específico incida na literatura e cultura polacas. Deste enquadramento institucional é possível depreender que, embora a filologia polaca tenha obtido reconhecimento como objecto disciplinar nos meios académicos portugueses, não se emancipou dos chamados Estudos Eslavos e não reivindicou tratamento análogo ao que lhe está reservado em universidades internacionais de referência.

No que concerne a (c), nos primeiros anos após a mudança ideológica vivida na Polónia e a consequente liberalização do mercado polaco tem-se assistido a um gradual influxo do capital português. De acordo com estatísticas do Departamento de Promoção de Comércio e do Investimento da Embaixada da República da Polónia em Portugal, em 2010 a Polónia ocupava a quinta posição no ranking dos mercados internacionais com maior investimento português (liderado por Holanda, Espanha, Brasil e Angola) e o primeiro lugar na lista dos principais destinos de investimento português na Europa Central e de Leste. Para além disso, conforme os dados disponibilizados pela Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) em Varsóvia, em finais de 2010 foram instaladas na Polónia 104 empresas com capital português.⁵⁰ Importa frisar, porém, que, não obstante a atuação da Câmara de Comércio Bilateral Polónia-Portugal (Polish-Portuguese Chamber of Commerce) inaugurada em 2007 em Varsóvia, as trocas comerciais têm sido altamente assimétricas. Dito de outro modo, durante todo o subperíodo aqui em análise a exportação e o investimento polacos não cresceram ao ritmo da exportação e do investimento português. De acordo com estatísticas facultadas pela AICEP, o investimento directo da Polónia em Portugal tem sido residual, atingindo em 2008 o valor de um milhão de euros. A título comparativo, em período análogo, o investimento directo português na Polónia atingiu 179 milhões de euros.

Relativamente a (d), a queda do Muro de Berlim e, especialmente, a integração da Polónia no espaço Schengen criou condições propícias ao drástico incremento de movimentos migratórios em ambas as direcções. Neste cenário, merecem particular relevo programas de mobilidade estudantil e profissional, financiados por fundos europeus e incentivados ao abrigo de novos acordos bilaterais de cooperação assinados em 2006 e 2008, que têm

⁴⁹ De acordo com os resultados da busca nos catálogos da Biblioteca Nacional de Portugal (realizada em Dezembro de 2010), o primeiro e, ao que parece até à data único, dicionário de português-polaco publicado em Portugal data de 2000. Relativamente a manuais de língua polaca, não foram identificados nenhuns registos.

⁵⁰ As principais áreas de actuação destas empresas são: comércio de produtos alimentares, farmacêuticos e têxteis; construção; energias renováveis; e banca.

estado na base do acentuado aumento da presença de trabalhadores qualificados da Polónia em Portugal e vice-versa.

PARTE III

METODOLOGIA

CAPÍTULO III 1

COMPILAÇÃO DO CATÁLOGO

A preocupação central do presente reside na descrição pormenorizada da primeira etapa da constituição do *corpus*, i.e., da compilação de um vasto catálogo que serviu de base à posterior selecção de textos a serem estudados. Mais concretamente, expõem-se as considerações prévias tidas em conta aquando da concepção do catálogo, destacam-se as subseqüentes etapas que levaram à sua compilação, descrevem-se os conteúdos e a utilidade das fontes bibliográficas usadas, e equacionam-se as suas limitações e os métodos utilizados para as ultrapassar. Por fim, expõem-se os princípios seguidos na apresentação dos dados recolhidos, apresentam-se as dimensões e a completude do catálogo e procede-se a uma análise sucinta dos dados quantitativos recolhidos.

Com a descrição pormenorizada desta primeira etapa da constituição do *corpus* pretende-se tornar este estudo o mais claro e replicável possível. De referir que o catálogo resultante do processo de compilação abaixo descrito encontra-se disponibilizado em formato digital no CD-ROM que acompanha a presente tese. A versão impressa do catálogo, mais reduzida devido a limitações de espaço e com alterações sofridas devido à mudança de suporte, encontra-se no ANEXO A CATÁLOGO.

III 1. 1 Considerações iniciais

Como referido na INTRODUÇÃO, desde o início o objecto de estudo foi definido como traduções de literatura polaca publicadas em Portugal em forma de livro. Concomitantemente, tornou-se claro que este objecto seria representado pelo *corpus*, que integraria dados respeitantes aos textos em que incidirá a maior parte da análise a realizar. Contudo, já mencionado, devido ao carácter exploratório da pesquisa, a definição do *corpus* foi precedida por uma abordagem inclusiva ao objecto de estudo. Esta abordagem teve como intuito obter uma visão global do objecto de estudo ou, nas palavras de Pym, “approach maximum completeness so as to enable any particular piece of information to be found” (1998: 42). Por outras palavras, em prol da optimização dos resultados seguiu-se o princípio de abertura quase total a novos dados na fase anterior à definição do *corpus*, princípio este que Jorge Pelayo, citando Henri Langlois a propósito da *Bibliografia Portuguesa de Cinema*, resumiu da seguinte forma: “tudo tem interesse” (Langlois *apud* Pelayo s.d.: 7).

Na prática a abordagem resultou na compilação de uma lista preliminar de dados tão exhaustiva quanto possível, que serviu de matriz para a posterior extracção do *corpus*. Seguindo de perto a tipologia estabelecida em Pym, este abrangente conjunto de referências bibliográficas apelidou-se de catálogo, definido como “a list of translations within a specific field for which the ideal is to have data on *all* the translations” (1998: 42, *itálicos no original*). Embora com o progredir do trabalho de levantamento o ideal da exaustividade tenha sido abandonado em prol do imperativo da exequibilidade, a recolha de dados não deixou de ser

norteada pelo objectivo de criar um catálogo suficientemente vasto e completo para poder servir de base sólida para a extracção do *corpus*. Por outras palavras, aceitaram-se as palavras de Pym:

there is no relative completeness. (...) [It] is always relative and conditioned by interests that extend well beyond that of the individual researcher. Our task must be to work with incomplete sources in such a way that catalogues can be converted into useful corpora. (...) [T]he art lies in knowing when to call it a day. (Pym 1998: 53)

III 1. 2 Critérios de selecção

III 1. 2. 1 Apresentação

De acordo com Pym (1998: 47-48), “if a catalogue is to be a catalogue and nothing but a catalogue, coverage should be as complete as possible, without criteria of quality or quantity and within the widest possible boundaries.” Seguindo este conselho, para garantir a maior abrangência possível, aquando da compilação do catálogo procurou-se aplicar critérios de selecção qualitativos e quantitativos tão abrangentes quanto possível dentro dos limites de estudo previstos. Neste sentido, procurando maximizar o número de potenciais entradas e obter uma perspectiva global do objecto, inventariaram-se no catálogo os dados respeitantes a traduções para português europeu de textos da autoria de escritores considerados (de acordo com um qualquer critério) polacos independentemente da classificação temática, da data, do local ou do tipo de publicação, e sem entrar em linha de conta com a classificação temática, a língua, o local, a data, e o tipo de publicação dos respectivos TP.

Por outras palavras, no que concerne aos TC o catálogo não foi confinado a limites relativos a

- local de publicação (i.e., incluíram-se tanto traduções publicadas em Portugal como as publicadas no estrangeiro, e.g., na Polónia, França, etc.);
- data da publicação (i.e., incluíram-se todas as traduções publicadas desde a invenção da imprensa até à data em que foi terminado o levantamento de dados - 2010);
- classificação temática (i.e., incluíram-se traduções classificadas pela CC como textos literários bem como os textos considerados como não-literários, e.g., filosóficos, científicos, religiosos, etc.);
- tipo de publicação (i.e., incluíram-se tanto traduções publicadas em volume ou periódico como as publicadas em manuscrito, policopiados, etc.),

sendo as únicas restrições relativas a

- LC (i.e., incluíram-se apenas traduções para português europeu e excluíram-se traduções para português extra-europeu, e.g., do Brasil, de Angola, etc.) e
- suporte expressivo (i.e., incluíram-se apenas traduções orientadas para publicação [página] e excluíram-se as orientadas para teatro [palco] ou legendagem [ecrã]).

Em relação aos TP, o catálogo foi circunscrito a apenas um critério – o da proveniência do autor (i.e., incluíram-se traduções de todos os TP bastando que fossem da autoria de

escritores considerados, por qualquer motivo, polacos). Consequentemente, no que diz respeito aos TP não foram considerados limites relativos a:

- local de publicação (i.e., incluíram-se traduções tanto dos TP publicados na Polónia, como dos publicados no estrangeiro, e.g., em França, Inglaterra, ou na Polónia quando deixou de existir como Estado soberano e desapareceu do mapa da Europa, veja-se CAPÍTULO II 1);
- data da publicação (i.e., incluíram-se traduções de todos os TP publicados desde a invenção da imprensa até à data em que foi terminado o levantamento de dados, i.e., 2010);
- classificação temática (i.e., incluíram-se traduções dos TP considerados pela CP tanto como literários como não literários, e.g., textos filosóficos, científicos, religiosos, etc.);
- tipo de publicação (i.e., incluíram-se traduções de TP em manuscrito, em formato de *samizdat*, publicados em volume ou em periódico, etc.);
- LP (i.e., incluíram-se tanto traduções de TP originalmente compostos em língua polaca como em outras línguas, e.g., francês, inglês, latim, etc.).

Para tornar mais explícitas as restrições aplicadas aquando catálogo, estas surgem sistematizadas na Tabela 2.

III 1. 2. 2 Fundamentação

No que concerne às razões subjacentes às restrições impostas ao catálogo, estas encontram-se fundamentadas nos subs que se seguem.

III 1. 2. 2 1 Língua de chegada

A limitação da LC à variedade europeia da língua portuguesa foi motivada por questões teóricas. Mais concretamente, partiu-se do pressuposto de que muito dificilmente se pode falar de uma cultura lusófona homogénea:

Tabela 2 Restrições impostas ao catálogo

	Critério	Existência de restrições
TC	Local de publicação	Não
	Data de publicação	Não
	Classificação temática	Não
	Tipo de publicação	Não
	LC	Sim
	Suporte expressivo	Sim
TP	Proveniência do autor	Sim
	Local de publicação	Não
	Data de publicação	Não
	Classificação temática	Não
	Tipo de publicação	Não
	LP	Não

ainda que os países de língua portuguesa exibam afinidades linguísticas, históricas e políticas, o intercâmbio literário e cultural entre eles é consideravelmente escasso, em particular quando comparado com o que se verifica entre Portugal e França ou Portugal e Inglaterra. Neste sentido a inclusão de outras variedades de língua portuguesa (e.g.: português do Brasil) conduziria, necessariamente, à introdução de novas variáveis tidas como não pertinentes para o estudo pretendido. Para além disso, esta inclusão implicaria uma grande dispersão do estudo preparatório para contextualizar cultural, histórica, linguística e literariamente a análise dos dados.

III 1. 2. 2 2 Suporte expressivo

A limitação do suporte da tradução à página e não, por exemplo, ao palco ou ecrã foi motivada principalmente por questões metodológicas. Mais concretamente, decidiu-se incluir unicamente traduções orientadas para publicação e não para teatro ou TV, uma vez que a ponderação dos últimos dois suportes expressivos suscitaria inevitavelmente um acréscimo de problemas teóricos e metodológicos inerentes à polémica questão da tradução intersemiótica.

III 1. 2. 2 3 Proveniência do autor do TP

A opção de incluir unicamente TP compostos por autores de proveniência polaca foi motivada por questões metodológicas. Embora a consideração de autores oriundos de outras culturas eslavas ou de outros países do antigo Bloco de Leste permitisse alargar o escopo da análise, esta opção teve que ser abandonada uma vez que conduziria, necessariamente, à introdução de novas variáveis tidas como não pertinentes para o estudo pretendido. Para além disso, a abrangência necessária para a validação das conclusões seria inversamente proporcional à profundidade do estudo a realizar como consequência do limitado tempo disponível para a pesquisa.

III 1. 3 Etapas da recolha de dados

Perante a impossibilidade de identificar estudos fiáveis e sistemáticos da tradução de textos polacos para o português europeu, optou-se por efectuar um levantamento de dados inventariados nas diversas fontes bibliográficas.

III 1. 3. 1 Dados relativos a TC

A recolha de dados relativos a TC foi efectuada progressivamente, em seis etapas, entre Outubro de 2007 e Setembro de 2009, abrangendo vinte e nove fontes activas. No que respeita à ordem cronológica da recolha dos dados, na primeira fase foram consultadas as seguintes 9 fontes:

- i. Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca (GALP 1938)
- ii. Relações entre Portugal e a Polónia (Lima 1934)
- iii. Portugal e Polónia (Almeida 1967)

- iv. Związki kulturowe i literackie polsko-portugalskie w XVI–XIX wieku [Relações culturais e literárias luso-polacas nos séculos XVI-XIX] (Milewska 1991)
- v. A Polónia e Portugal: relações ao longo dos séculos (Milewska 1984)
- vi. Polonica portugalskie (Danilewicz- Zielińska 2005)
- vii. Imagem da Polónia (Danilewicz-Zielińska e Mucznik 1992)
- viii. Moja Portugalia [Meu Portugal] (Ziejka 2009)
- ix. *História da literatura polonesa* (Siewierski 2000).

A escolha destes trabalhos deveu-se ao facto de se apresentarem, numa primeira abordagem, como fontes potencialmente mais abrangentes de informação sobre as relações entre os dois países, e de constituírem fontes activas para a maioria dos estudos bibliográficos que se ocupam desta temática. Contudo, apesar de servirem como um excelente ponto de partida, as fontes em questão não forneceram toda a informação que se procurou obter, por se encontrarem bastante desactualizadas e/ou incompletas (como é o caso de Almeida 1967; Campos 1934; GALP 1938; Siewierski 2000), por se limitarem a fazer uma breve referência à recepção da literatura polaca no contexto de chegada português, sem indicarem as datas das traduções (Danilewicz-Zielińska 2005; Milewska 1991, 1984; Ziejka 2009) ou por serem demasiado selectivas (Danilewicz-Zielińska e Mucznik 1992). Para além disso, na maioria dos casos, o alcance cronológico em que se centram estas obras (desde a invenção da imprensa até aos inícios do século XX) é demasiado limitado para poder incluir o surto significativo de traduções de autores polacos que, como posteriormente se apurou na presente investigação, decorreu ao longo de todo o século XX e na primeira década do século XXI (CAPÍTULO IV 1).

Com o intuito de ultrapassar estas limitações, na segunda etapa recorreu-se aos repertórios polacos mais abrangentes e mais actualizados que inventariam várias traduções dos textos polacos no mundo. Assim, na segunda etapa, foram consultadas as seguintes fontes:

- x. Lista książek na które zostały przyznane dotacje Programu Translatorskiego© Poland [Lista de livros que receberam o subsídio do Programa de Tradução© Poland] (IK 2003)
- xi. Przekłady literatury polskiej [Traduções da literatura polaca]: (PBN 2002) [PLP], Polska literatura w przekładach 1945-1970 (Ryll e Wilgat 1972) [Literatura polaca em tradução 1945-1970], Literatura polska w przekładach 1971-1980 (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005) [Literatura polaca em tradução 1971-1980] e Literatura polska w przekładach 1981-2004 (Bilikiewicz-Blanc et al. 2008) [Literatura polaca em tradução 1981-2004]
- xii. *Promocja i recepcja polskiej literatury za granicą* [Promoção e recepção da literatura polaca no estrangeiro] (Gmurek 1985).

Embora a consulta destas fontes tenha permitido identificar algumas traduções mais recentes publicadas entre os anos 1945 e 2010, não contribuiu com um acréscimo de dados sobre as traduções anteriores a este período, nem confirmou a correcção dos dados de outras fontes até então consultadas. Assim, as questões levantadas aquando da recolha de dados nas fontes acima citadas obrigaram a um alargamento da pesquisa de molde a obter

novas informações e a completar as já coligidas. Com este fim, na fase seguinte (terceira etapa) foram consultadas as seguintes oito fontes:

- xiii. Dicionario bibliographico portuguez, estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil (Silva 1858-1923; Belo 2001)
- xiv. Portugal e os estrangeiros (Branco 1879 – 1895)
- xv. Boletim de bibliografia portuguesa (BNP 1937-1987)
- xvi. A tradução em Portugal (Rodrigues 1992-1999)
- xvii. Novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico (Rodrigues 1951)
- xviii. Catálogos de livros disponíveis (APEL 1985-1999)
- xix. Tabela inicial do projecto Intercultural literature in Portugal 1930-2000: a critical bibliography
- xx. Index translationum (UNESCO 1948-1992, 1999, s.d.)
- xxi. Tetra-base (TETRA s.d.).

A escolha das oito fontes acima citadas deveu-se ao facto de inicialmente se apresentarem como potencialmente mais produtivas em termos da recolha de dados sobre traduções publicadas em Portugal, como veio a comprovar-se nalguns casos. A morosa consulta destas fontes trouxe um acréscimo considerável de informação, levando à acumulação de um conjunto de dados considerados relevantes para a pesquisa. Porém, a recolha de dados não pôde ser considerada definitiva devido ao carácter incompleto de várias referências bibliográficas ou, mesmo de incorrecções nos dados disponibilizados. De molde a corrigir as eventuais discrepâncias, procedeu-se, na quarta etapa, à consulta das seguintes duas fontes:

- xxii. a Porbase (BNP s.d. b)
- xxiii. o Ficheiro manual da Biblioteca Nacional de Portugal.

A escolha destas fontes deveu-se ao facto de constituírem, como conjunto, a maior base de dados bibliográficos em Portugal com actualização permanente, sem restrições cronológicas nem temáticas. Aquando da consulta destas fontes, a presente investigação deparou com a existência de numerosos volumes de traduções de autores polacos para português não referenciadas nas fontes até então consultadas. Por este motivo, foi tomada a decisão de realizar um levantamento sistemático, tão exaustivo quanto possível, a partir destas duas fontes. Com a intenção de maximizar os resultados obtidos, a procura de dados nestas fontes consistiu na aplicação de um único filtro de pesquisa, a saber o do apelido do autor.⁵¹ Aquando da obtenção destes dados foi utilizado um longo inventário de autores polacos, coligido de diversas fontes exclusivamente para este efeito.

⁵¹ A decisão sobre a aplicação deste filtro de pesquisa inspirou-se na metodologia utilizada pelo projecto *Intercultural Literature in Portugal: a Critical Bibliography* (veja-se Rosa 2012: 214-15). Embora se afigure como o filtro mais produtivo e adequado para o tipo de pesquisa aqui conduzido, a sua aplicação possui uma desvantagem uma vez que exclui automaticamente traduções de textos de autores polacos publicadas como textos anónimos.

Numa fase posterior (quinta etapa), houve interesse em obter dados respeitantes a preço, fortuna literária e eventuais intervenções censórias sofridas por TC recolhidos, dados estes que não constavam das fontes até agora citadas. Em favor da obtenção destas informações, a presente investigação recorreu à consulta das seguintes fontes:

- xxiv. Catálogo online da livraria FNAC (FNAC s.d.)
- xxv. Catálogo online da livraria Bulhosa (Bulhosa s.d.)
- xxvi. *Rol de livros* (FCG s.d.)
- xxvii. Inventário de fichas de censura
- xxviii. Fichas de censura
- xxix. *Índice geral da revista Brotéria* (Simões 1953-1954)

A escolha destas fontes foi igualmente motivada pela intenção de completar eventuais lacunas das fontes xxii e xxiii. Na fase mais avançada deste projecto, quando se tornou nítida a predominância de um autor polaco (Henryk Sienkiewicz) na lista de traduções até então compilada, procedeu-se à consulta da bibliografia polaca que abarca diversas referências aos textos deste escritor em versão estrangeira. Assim, na sexta etapa, consultou-se:

- xxx. *Dzieła sienkiewicza w przekładach* [Obras de Sienkiewicz em tradução] (Krzyżanowski 1953)

Uma vez finalizada a recolha de dados e coligida uma lista preliminar de TC, procedeu-se à consulta física de textos nas instalações de bibliotecas portuguesas. Esta consulta teve por finalidade corrigir eventuais inexactidões e lacunas dos dados bibliográficos recolhidos e foi efectuada: na Biblioteca Nacional de Portugal, nos Arquivos da Embaixada da Polónia em Lisboa, no Arquivo da Torre do Tombo, na Cinemateca Portuguesa e no Museu do Teatro.

III 1. 3. 2 Dados relativos a TP

A recolha de dados relativos a TP compostos por autores considerados (de acordo com um qualquer critério) polacos, foi efectuada em 2 etapas, entre Outubro de 2009 e Janeiro de 2010, abrangendo 3 fontes activas.

Na primeira etapa recorreu-se aos catálogos da Polska Biblioteka Narodowa [Biblioteca Nacional da Polónia] disponíveis *online* (PBN s.d.), com o intuito de identificar e completar dados referentes aos TP em língua polaca. Adicionalmente, com o objectivo de obter informações relevantes sobre TP da autoria de Henryk Sienkiewicz consultou-se o trabalho *Dzieła Sienkiewicza: Bibliografia* (Krzyżanowski 1953). Para preencher eventuais lacunas nos dados assim obtidos, foi também efectuada a consulta física dos espécimes bibliográficos em: Polska Biblioteka Narodowa [Biblioteca Nacional da Polónia em Varsóvia], Biblioteka Jagiellońska [Biblioteca Jagiellónica de Cracóvia] e Muzeum Henryka Sienkiewicza [Museu Henryk Sienkiewicz em Wola Okrzejska].

Atendendo à inexistência de limites linguísticos respeitantes aos TP, considerou-se igualmente pertinente identificar os originais da autoria de escritores considerados, de acordo com um qualquer critério, polacos, mas compostos em língua que não a polaca. Com este

objectivo, na segunda etapa foram visitadas as bibliotecas estrangeiras pertinentes incluídas no elenco disponibilizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP s.d. a). Não se procedeu à consulta física dos textos em questão tendo em conta o reduzido tempo disponível para esta etapa, bem como a posterior definição final do objecto de estudo (descrita em CAPÍTULO III 2) que levou à exclusão de traduções baseadas nos TP compostos em língua que não a polaca.

III 1. 3. 3 Fontes bibliográficas consultadas

Como se constata em Poupad, Pym e Torres Símon (2009: 265) a propósito do uso de bases de dados bibliográficos na história da tradução, “what you find, and especially where you find it, can condition not just your object of study but also, very significantly, the kinds of results you come up with”. Neste sentido, atendendo às condicionantes das fontes usadas na recolha de dados impostas sobre a definição do objecto e a obtenção dos resultados finais de estudo, tornou-se necessário não só listar as diversas fontes que serviram de base para a compilação do catálogo, mas também problematizá-las. Ao fazê-lo descreve-se o conteúdo e a utilidade de cada uma das fontes utilizadas, tornando explícitas as suas limitações e os métodos usados para as ultrapassar. Para facilitar a leitura, no texto que segue as fontes surgem organizadas por ordem cronológica de consulta, de acordo com o discutido no III 1. 3.

De referir que no texto que se segue as fontes que trouxeram um acréscimo relevante de informação são identificadas com siglas que surgem antes do respectivo título da fonte. As mesmas siglas são utilizadas na identificação das fontes correspondentes na coluna “Referências” (veja-se ANEXO A CATÁLOGO m / ANEXO B CORPUS t).

i. [CE] Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca (GALP 1938)

Esta obra constitui o catálogo representativo da exposição de 1938 na Associação Comercial de Lisboa. A sua organização e investigação deveu-se a Henrique de Campos Ferreira Lima.

No que diz respeito ao conteúdo do catálogo, as espécimes bibliográficos, inventariadas por ordem alfabética e cronológica, encontram-se agrupadas em dezoito categorias temáticas: a) história da Polónia em português; b) autores polacos traduzidos ou imitados copiados em português; c) críticas portuguesas de autores polacos; d) autores polacos que escreveram em português; e) belas artes da Polónia em Portugal (pintura, gravura, desenho e música); f) obras literárias portuguesas com tema polaco; g) viajantes polacos em Portugal; h) autores portugueses traduzidos em polaco; i) príncipes portugueses candidatos ao trono da Polónia; j) biografias portuguesas de figuras polacas; k) belas artes em Portugal e o Conde de Raczyński; l) viajantes portugueses na Polónia; m) legião polaca ou legião da Rainha Dona Maria Segunda; n) escritos com origem na revolução polaca de 1863 (prosa, poesia); o) homenagens ao Marechal Piłsudski em Portugal; p) várias; q) iconografia; r) espécimes bibliográficos brasileiros. A compilação do catálogo resulta da consulta de fontes dispersas, desde o anúncio de um jornal contemporâneo a uma das mais abrangentes bibliografias de então.

Quanto à sua utilidade para a presente investigação, ao inventariar referências textuais e iconográficas oriundas de vários campos da cultura, esta pioneira bibliografia sinalética serviu para mapear o vasto território de relações luso-polacas que é possível desbravar, constituindo assim um excelente ponto de partida na procura de traduções do polaco para o português. Contudo, o uso desta fonte revelou alguns problemas. O primeiro diz respeito ao seu pormenor: apesar de incluir dados sobre a maioria das traduções do polaco para o português publicadas até 1938, o levantamento efectuado não é isento de lacunas. A maior deficiência desta fonte consiste, porém, na inexistência de quaisquer índices remissivos ou de cotas que tornem possível a localização e a consulta directa dos exemplares registados.

ii. [RPP] *Relações entre Portugal e a Polónia* (Lima 1934)

Esta fonte, também da autoria de Henrique de Campos Ferreira Lima, constitui uma versão impressa da comunicação lida na sessão de 22 de Fevereiro de 1934 da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa. Este esboço biblio e historiográfico faz parte de um estudo mais vasto, mas fragmentário, não sistemático e limitado a apenas alguns autores e países, que constituiu “um ponto de partida apreciável” (Rodrigues 1992a: 11) para o autor da obra referida em i). Sendo anterior ao catálogo referido em i), mais completo e mais abrangente, esta fonte não trouxe um acréscimo de informação relevante.

iii. *Portugal e Polónia* (Almeida 1967)

Esta entrada enciclopédica, por muito completa que seja no que toca à descrição dos contactos políticos, militares e económicos entre os dois países, não se revelou produtiva quanto à recolha de dados sobre traduções de autores polacos.

iv. [ZK] *Zwiazki kulturowe i literackie polsko-portugalskie w XVI – XIX wieku*
[*Relações culturais e literárias luso-polacas nos séculos XVI-XIX*] (Milewska: 1991)

Este livro, da autoria de Elżbieta Milewska (veja-se CAPÍTULO II 3), representa, de certo modo, a continuação da obra de Henrique Campos Ferreira Lima, que consiste nos estudos mencionados em (i) e (ii). Partindo do pressuposto de que “o material factográfico [sic], por mais rico que seja, não deve constituir um objectivo em si”, a autora tenta “dar o máximo de informações acerca das relações seculares luso-polacas” (Milewska 1991: 155), procurando, ao mesmo tempo, apresentar e comentar o contexto histórico, social e cultural que as condicionou.

Este estudo comparativista é composto por duas partes distintas. A primeira é dedicada às relações culturais e contém três s intitulados, respectivamente, “Primeiros contactos religiosos e leigos”, “Alianças malogradas” e “Portugal perante ‘a questão polaca’”. Na segunda parte estudam-se as relações literárias, apresentadas em modelo bilateral. Em concreto, os s quarto e quinto contêm dados sobre a recepção da literatura polaca em Portugal e tratam, respectivamente, da divulgação das letras polacas no meio literário português e dos temas polacos na literatura portuguesa. Os s sexto e sétimo, por seu turno,

são consagrados ao conhecimento das letras portuguesas na Polónia e aos temas portugueses na literatura polaca.

No que se refere à sua utilidade para a presente investigação, para além de servir como apoio na confirmação ou refutação de dados tirados de outras fontes, esta obra permitiu identificar várias traduções de autoria considerada até então como incerta e contextualizar outras versões já identificadas. Adicionalmente, o esboço fornece informação e analisa meticulosamente a divulgação em Portugal de textos latinos de autores polacos e de traduções oitocentistas de poesia e prosa polacas. Por muito útil que seja, esta obra não fornece, contudo, dados sobre traduções de textos de escritores polacos publicadas em Portugal no século XX, limitando-se apenas ao comentário que se passa a citar:

(...) wiek XX przyniósł w Portugalii znaczny wzrost tłumaczeń naszej prozy, poczynając od Sienkiewicza a kończąc na Lemie i Mrożku. (Milewska 1991: 93)

[O século XX trouxe um surto significativo de traduções da nossa [polaca] prosa, desde Sienkiewicz até Lem e Mrozek].

v. *A Polónia e Portugal: relações ao longo dos séculos* (Milewska 1984)

Embora com um âmbito mais abrangente (até ao ano de 1984), esta fonte afigura-se como um ponto de partida para o estudo indicado em 4 (que termina no século XIX). Constitui igualmente uma fonte rica em informação sobre o intercâmbio cultural, académico e económico entre Portugal e a Polónia. Contudo, sendo anterior, menos completa e, em parte, coincidente com o estudo referido em iv), esta fonte não trouxe um acréscimo de informação relevante sobre as traduções portuguesas de textos compostos por autores polacos.

vi. *Polonica portugalskie* (Danilewicz-Zielińska 2005)

Este volume da autoria de Maria Danilewicz-Zielińska (veja-se CAPÍTULO II 3) inclui pequenos esboços históricos sobre relações culturais, militares e diplomáticas entre Portugal e a Polónia, colocando particular ênfase nas impressões dos viajantes polacos que passaram por Lisboa e arredores. Relativamente à sua utilidade, este livro revelou-se uma fonte rica em informação referente à recepção crítica de Henryk Sienkiewicz em Portugal e aos contactos culturais luso-polacos até aos anos 1980. Contudo, no que toca à identificação de traduções de polaco para português, não acrescentou nova informação à já recolhida.

vii. [IP] *Imagem da Polónia* (Danilewicz-Zielińska e Mucznik 1992)

Esta fonte constitui um catálogo selectivo da exposição onde se representaram as relações culturais luso-polacas, co-organizada, no ano de 1992, pela Biblioteca Nacional e pela Embaixada da República da Polónia em Lisboa, com o intuito de homenagear Adam Zieliński (1902-1991), historiador e coleccionador polaco radicado em Portugal. No que toca ao seu conteúdo, o acervo bibliográfico constante do catálogo é constituído pelos fundos da Biblioteca Nacional de Portugal e completado por uma doação feita por Maria Danilewicz-Zielińska. Contém referências a cento e dez obras representativas de várias áreas da cultura polaca e portuguesa (Bibliografia; Língua e Literatura; História e Sociedade; Arte, Ciência e Técnica; Religião), excluindo as registadas no trabalho referido em i).

Relativamente à sua utilidade para a corrente investigação, por incluir obras publicadas até ao ano de 1992, este catálogo disponibiliza dados sobre traduções publicadas durante o século XX, em décadas sobre as quais não foram disponibilizados os dados dos repertórios acima referidos. Apesar das críticas que podem ser efectuadas devido à escassez de registos e à falta de clareza quanto aos critérios de selecção e de classificação das obras referidas neste volume, o carácter generalista desta fonte e a sua abrangência temática e cronológica, transformam-na num ponto de partida essencial para o mapeamento da história das relações culturais entre os dois países em análise. Os problemas que surgiram aquando da consulta desta fonte resultaram da impossibilidade de localizar algumas das traduções do polaco para o português incluídas na biblioteca de Adam Zieliński, e do carácter incompleto dos dados referentes aos exemplares aí inventariados.

viii. *Moja Portugalia [Meu Portugal]* (Ziejka 2008)

Este estudo da autoria de Franciszek Ziejka (fundador, em 1979, do primeiro curso de língua polaca em Portugal e, posteriormente, reitor da Universidade Jagiellónica de Cracóvia) é composto por quatro partes. A primeira destas/parte inclui um diário da estadia do autor em Portugal, a segunda breves relatos de viagens em Portugal, a terceira um esboço de estudo dedicado à história de Dom Pedro e Inês de Castro e a quarta, intitulada “*Moje naukowe przygody z Portugalią [As minhas aventuras científicas com Portugal]*”, uma miscelânea de estudos sobre relações luso-polacos até ao século XIX. Este volume não se mostrou produtivo na recolha de dados sobre traduções de textos polacos publicados em Portugal, embora incluía excertos de cariz histórico-literário, para além de trechos autobiográficos.

ix. “Obras da literatura polonesa traduzidas em português” (Siewierski 2000)

Esta lista, disponibilizada como apêndice no volume intitulado *História da literatura polonesa*, constitui um breve e incompleto elenco de traduções da literatura polaca para português, sem distinção entre português de Portugal e do Brasil. Quanto à sua utilidade, embora não tenha contribuído com nova informação, esta fonte abre a possibilidade de um futuro estudo comparativo sobre o fluxo de textos literários da Polónia para Portugal e da Polónia para o Brasil.

x. [LK] *Lista książek na które zostały przyznane dotacje Programu Translatorskiego © Poland [Lista de livros subsidiados no âmbito do © Programa de Tradução Poland]* (IK 2003)

Esta lista, actualizada anualmente, inventaria textos polacos traduzidos para várias línguas com o apoio financeiro do Instytut Książki [Instituto do Livro], com sede em Cracóvia, Polónia. É de notar que são catalogados não só textos que podem ser designados como Belas Letras mas também os que cabem nas categorias designadas como ensaística, literatura infanto-juvenil e os dedicados à história da literatura polaca.

Relativamente à sua utilidade, o trabalho com esta lista revelou-se produtivo, na medida em que facilitou a hierarquização dos actuais destinos prioritários na exportação subsidiada da cultura polaca contemporânea. Para além disso, a fonte em questão serviu como indicativo

da fraca posição que Portugal ocupa nesta hierarquia, tendo-se apurado em concreto que até 2008 (data da consulta desta fonte) foram traduzidas para português europeu, no âmbito do referido programa, apenas 3 obras literárias (nomeadamente CAT 408, CAT 409 e CAT 411). Todas as traduções constantes da lista são posteriores ao ano de 2000. A maior desvantagem desta fonte prende-se com a escassez de informação disponibilizada: embora se refira o título do TP e a editora estrangeira da respectiva tradução, não se disponibiliza a informação sobre o ano de publicação, o tradutor, o título da tradução, etc. Para além disso, não permite verificar se as traduções nela referidas chegaram, de facto, a ser publicadas. Para ultrapassar esta limitação tornou-se necessário contactar as editoras identificadas, que nem sempre disponibilizaram a informação requerida.

- xi. a. [PLP] *Przekłady Literatury Polskiej [Traduções da Literatura Polaca]* (PBN 2002)

Esta base de dados informatizada e de consulta *online*, criada pelo Instytut Bibliograficzny Polskiej Biblioteki Narodowej [Instituto Bibliográfico da Biblioteca Nacional da Polónia], contém registos de traduções de literatura polaca (no sentido lato do termo) publicadas a partir de 1971 em vários países. A concepção do motor de busca permite a pesquisa segundo os seguintes parâmetros: nome (do autor, do tradutor, do responsável pela edição ou do responsável pela ilustração, etc.), título, texto original (TP polaco), LC, país de edição (do TC), editora, ano, coleção, número ISSN e número ISBN. Segundo a informação constante na apresentação deste catálogo (PBN 2002, <http://mak.bn.org.pl/info/info29.htm>), esta base de dados tem o intuito de facilitar aos leitores, tradutores e editores o acesso ao livro polaco. Para além disso, procura promover a literatura polaca no mundo, razão pela qual a maioria dos dados surge simultaneamente em versão inglesa. Em 2008, ano em que foi realizada a consulta da fonte, a base registou perto de 11000 entradas, sendo 63 referentes a traduções de literatura polaca publicadas em Portugal. Os dados são recolhidos anualmente a partir dos catálogos da Biblioteca Nacional da Polónia, das bibliografias nacionais estrangeiras, dos catálogos especializados estrangeiros e dos catálogos das maiores bibliotecas europeias disponíveis *online*.

Relativamente à sua utilidade, embora inclua informações relevantes (como, por exemplo, o nome do tradutor, o número de tiragens, ISBN, etc.), constatou-se que a base não contempla muitas traduções editadas em Portugal nas últimas quatro décadas. Para além disso, a presente investigação deparou com vários erros na apresentação dos dados (maioritariamente no que toca ao ano de publicação e à (in)directude da tradução) resultantes, principalmente, da inexistência de uma consulta física dos volumes inventariados. Contudo, serve como indicativo da importância dada pelo sistema cultural polaco à divulgação do seu património literário no estrangeiro.

- b. [PLPa] *Polska literatura w przekładach 1945-1970* (Ryll e Wilgat 1972) [Literatura polaca em tradução 1945-1970], [PLPb] *Literatura polska w przekładach 1971-1980* (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005) [Literatura polaca em tradução 1971-1980] e [PLPc] *Literatura polska w przekładach 1981-2004* (Bilikiewicz-Blanc et al. 2008) [Literatura polaca em tradução 1981-2004]

No que se refere ao seu conteúdo, estes três trabalhos regem-se pelos mesmos princípios de inventariação de dados que os utilizados em xi-a), representando, em conjunto, o maior repertório de traduções de polaco em termos cronológicos, uma vez que abrangem o período entre 1945 e 2004. Quanto à utilidade desta fonte, a consulta de Bilikiewicz-Blanc et al. (2005, 2008) não trouxe um acréscimo de informação, uma vez que os dados disponibilizados coincidem com os incluídos em xi-a). Porém, o trabalho com Ryll e Wilgat (1972) permitiu identificar e completar dados sobre o período entre 1945 e 1971 que não se encontram inventariados nem na fonte mencionada no ponto anterior, nem em outras fontes até então consultadas.

- xii. *Promocja i recepcja polskiej literatury za granicą [Promoção e recepção da literatura polaca no estrangeiro]* (Gmurek 1985)

Esta monografia inclui estudos que recaem sobre traduções de polaco para checo, espanhol, inglês, russo e sérvio. Esta fonte não se mostrou pertinente para a investigação aqui descrita, por não incluir informação sobre versões de literatura polaca em língua portuguesa..

- xiii. *Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil* (Silva 1858-1923) e (Belo 2001)

O dicionário, em forma impressa, foi lançado, em 1858, por Inocência Francisco da Silva e continuado por Pedro Wenceslau de Brito Aranha, sendo considerado como uma das mais importantes obras de referência ao dispor dos estudiosos em Portugal. A sua redacção e publicação ficaram suspensas em 1914 devido ao falecimento de Brito Aranha, no início do segundo e último suplemento. O referido suplemento e os respectivos índices foram concluídos, posteriormente, por Álvaro Neves.

Quanto ao conteúdo, apesar da sua inegável qualidade e relevância, a volumosa obra em suporte de papel é relativamente confusa e pouco transparente (cf. Rodrigues 1992a: 11). Por esta razão, em prol da optimização dos resultados e da economização do tempo dedicado à consulta desta fonte, foi tomada a decisão de recorrer à edição em suporte electrónico de CD-ROM (Belo 2001). Quanto ao conteúdo do CD-ROM, este preserva a organização do dicionário na sua versão impressa, tendo, porém, a preocupação de apresentar a informação de forma mais clara. O CD-ROM pode ser consultado através de uma dupla indexação, por volumes ou por ordem alfabética do nome do autor. O segundo índice, organizado por autores, é coincidente com o “Guia” do Dicionário em suporte de papel (o 23º volume da obra impressa). Para além destes índices, o CD-ROM dispõe de uma interface que permite efectuar uma pesquisa livre (leia-se global, ou seja incluindo todo o conteúdo da obra) ou temática (ou seja, restrita a secções específicas), o que certamente facilita a recolha dos dados. Uma das vantagens do dicionário em formato digital é a introdução de correcções meticolosas, de erratas e de acrescentos. A maior desvantagem encontrada, contudo, está relacionada com a falta de actualização da grafia e de correcção de gralhas aquando da passagem da versão em papel para formato digital. Isto dificulta o aproveitamento dos recursos de pesquisa (a título exemplificativo, a entrada “Polónia” pode ser encontrada na pesquisa com a grafia oitocentista “Polonia” e a entrada “Quo Vadis”

apenas pode ser localizada com a grafia errada, “Quod Vadis”). Para minimizar estes impedimentos, e com vista a um melhor aproveitamento dos recursos de pesquisa, procedeu-se à progressiva familiarização com a ortografia da obra (como aconselhado em Belo 2001: s.p.).

Relativamente à sua utilidade, embora a obra tenha trazido um acréscimo considerável de informação sobre (a) temas polacos na literatura portuguesa, (b) polacos que viveram em Portugal e no Brasil, (c) traduções oitocentistas a partir do polaco publicadas no Brasil, (d) versões polacas de autores portugueses, bem como (e) portugueses que dominavam a língua polaca, poucos dados foram extraídos sobre traduções publicadas em Portugal de autores polacos para português.

xiv. *Portugal e os estrangeiros* (Branco 1879–1895)

Esta obra encontra-se dividida em quatro partes, cada uma contendo as seguintes secções: a. “Dicionário de escritores estrangeiros que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assuntos portugueses, com a tradução dos trechos mais notáveis dessas obras”; b. “Dicionário das obras portuguesas disponibilizadas em línguas estrangeiras”; c. “Notícia sobre os portugueses que se distinguiram nas letras no estrangeiro e resenha das obras portuguesas reimpressas noutros países”; d. “Notícia das recordações e monumentos existentes em diversas partes do mundo, construídos por portugueses ou erguidos em honra deles”. Em termos da sua organização, vários estudiosos afirmam que a obra é confusa e, por vezes, incorrecta e incompleta (Rodrigues 1992a: 11). Em boa verdade, o próprio autor declara não ter conseguido obter várias informações, particularmente as que dizem respeito a versões de escritores portugueses para idiomas estrangeiros (Branco 1879: XXI). Porém, no caso da presente pesquisa, a maior desvantagem da fonte consistiu na caótica inventariação das entradas no índice remissivo, o que tornou a consulta extremamente morosa e pouco produtiva.

Quanto à sua utilidade, por muito abrangente que seja, esta obra pioneira não trouxe um acréscimo considerável de informação, uma vez que a entrada “escritores estrangeiros cujos escritos aparecem em português” não contempla autores polacos. A consulta da obra revelou apenas dados sobre traduções de português para polaco, sobre romances polacos com temas portugueses e sobre polacos residentes em Portugal (e.g.: Conde de Racyński, veja-se Branco 1893: 100-125), abrindo deste modo a possibilidade de futuras investigações sobre estes temas.

xv. [BB] *Boletim de bibliografia portuguesa* (BNP 1937-1987)

Esta obra de referência propõe-se acumular toda a produção literária em Portugal nos anos 1935-1987. Contudo, à semelhança do que se observa no caso das fontes mencionadas em xxii) e xxiii), a ambição de “registar toda a produção bibliográfica dos prelos portugueses” não é atingida, pois

umas vezes por má compreensão das disposições que regulam o Serviço de Depósito Legal, outras por desleixo, algumas oficinas, confiando nas dificuldades da fiscalização, deixaram de remeter certas obras (Simões 1937: s.p.).

O trabalho com esta obra revelou-se produtivo, uma vez que permitiu localizar alguns textos não registados noutras fontes. Uma das vantagens desta fonte reside na sua abrangência temática: para além de contemplar obras designadas como literatura, regista também exemplares bibliográficos designados, por exemplo, como religião ou ciências sociais. Adicionalmente, em alguns casos, a composição de cada registo permite a identificação dos dados respeitantes a tiragens e preço de venda de traduções. Porém, aquando da consulta desta fontes surgiram também vários problemas. O primeiro constrangimento decorre da inexistência de volumes respeitantes aos anos 1952-1957, 1965-1970 e 1983-1986. Detectaram-se também múltiplos erros na classificação e distribuição das entradas referentes a obras traduzidas (e.g.: no volume respeitante ao ano de 1978 uma tradução de um autor polaco encontra-se registada sob a categoria “Literatura Russa”, veja-se CAT 189). Para além disso, verificou-se um atraso no registo de algumas obras traduzidas (e.g.: uma tradução publicada no ano 1945 só se encontra registada no volume que inventaria obras de 1947). Com frequência, em particular nos volumes posteriores a 1948, não se mencionam os editores ou tradutores dos livros repertoriados (lacuna explicável, em parte, por, frequentemente, esta indicação não constar dos livros). Paralelamente, a falta de índices remissivos (nos volumes anteriores a 1940) e a incoerência na ordenação de dados, torna mais morosa a consulta da fonte mais morosa.

xvi. [TP] *A tradução em Portugal* (Rodrigues 1992-1999)

Esta fonte constitui um ponto de partida muito pertinente para qualquer trabalho de investigação dedicado ao estudo da história da tradução em Portugal, dada a sua abrangência cronológica e bibliográfica. Os cinco volumes reúnem referências a traduções para português (literárias, científicas, técnicas etc.), efectuadas entre os anos 1495 e 1930, apresentadas de acordo com uma classificação cronológica e genológica. Atendendo à função principal da obra, que, no dizer do autor, deve servir “não como uma bibliografia de tipo clássico, mas sim como um guia do investigador” (Rodrigues 1992a: 31), para além das respectivas referências às obras traduzidas, cada volume inclui um prefácio genérico do qual muitas vezes consta uma resumida contextualização histórico-literária.

A consulta desta obra de referência constituiu uma mais-valia para a investigação aqui descrita, no sentido de acusar a existência de algumas traduções setecentistas e oitocentistas do latim da autoria de escritores polacos (maioritariamente textos de cariz religioso ou didáctico) e que não se encontram registadas noutras fontes. Embora constitua um elemento precioso, a fonte apresenta alguns defeitos e limitações. A primeira dificuldade prende-se com o tipo de informação facultada: não dispondo a obra em questão de indicação da língua ou do país de publicação do TP, a investigação teve de ser efectuada por tentativas, obrigando à consulta física de múltiplas obras nela assinaladas que, numa primeira abordagem, pareciam ser da autoria de autores polacos. Também a classificação genológica levanta vários problemas, uma vez que o autor não expõe os critérios que presidem à definição das diferentes categorias nem as razões que levaram à inclusão das obras em cada uma delas. Para além disso, algumas das obras inventariadas não são detectáveis uma vez que as colecções referidas nos cinco volumes da obra sob escrutínio,

assim como a própria colecção de Gonçalves Rodrigues, se encontram desmembradas. Uma outra limitação prende-se com as metas cronológicas da obra, já que esta não fornece (e não poderia fornecer, pelo facto de não ir além do ano de 1930 e pela forma como se encontra organizada) alguns dados que seriam imprescindíveis para esta investigação. Por último, o presente estudo deparou com defeitos pontuais na inventariação e na apresentação dos dados constantes dos cinco volumes: erros gráficos, gralhas, numerações incorrectas, falta de índices remissivos (vols. 3º e 4º) e confusão gráfica. Contudo estes lapsos seriam difíceis de evitar, dada a magnitude do empreendimento e tendo em conta o facto de que a quase totalidade do trabalho foi efectuada por um investigador individual e reúne em cinco volumes a totalidade das traduções para a língua portuguesa nos seis últimos séculos.

xvii. *Novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*
(Rodrigues 1951)

Esta monografia pode ser considerada como uma contribuição para uma posterior inventariação global (Rodrigues 1951: 2) que resultou na publicação dos cinco volumes referidos em xvi). Em termos de conteúdo, o campo de investigação conducente à compilação deste repertório bibliográfico foi restringido às obras literárias que se publicaram até ao ano de 1843 e que podiam ser incluídas dentro dos termos de “novela” ou “ficção e prosa”. Particular relevo merecem o volume de material recolhido (563 obras registadas) e a identificação de novelas de autoria duvidosa

Quanto à sua utilidade, embora deficiente nalguns aspectos (ocasional incumprimento de regras bibliográficas, inexistência de um critério rigoroso na catalogação das obras, variação a nível da descrição pormenorizada de entradas), a obra é de evidente interesse para um conhecimento mais vasto do movimento que levou à transformação do gosto literário em Portugal no período de transição para o Romantismo. Porém, a sua consulta não trouxe um acréscimo de informação relativa às traduções de textos polacos: tendo percorrido o conjunto de aproximadamente seiscentas entradas registadas nesta fonte, a presente investigação não encontrou nenhuma indicação da presença polaca, o que pode ser indicativo do desconhecimento da novelística provinda da Polónia no panorama literário lusitano do período pré-romântico.

xviii. [CLD] *Catálogos de livros disponíveis* (APEL 1985-1999)

Estes volumes, da responsabilidade da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, permitem a identificação das publicações em livro que circulam no mercado editorial português desde 1985. Os volumes respeitantes aos anos anteriores a 2000 foram editados em suporte de papel e os posteriores em suporte electrónico (CD-ROM). A presente investigação teve apenas acesso aos catálogos em suporte de papel.

No que diz respeito ao seu conteúdo, os catálogos encontram-se estruturados em três grandes secções: títulos, autores e assuntos. Graças ao tipo de dados contemplados, os catálogos não só permitem identificar a data de publicação de diferentes edições da mesma obra, mas incluem também dados sobre a disponibilidade de uma determinada tradução no

mercado, proporcionando assim uma imagem do panorama editorial distinta da proporcionada por outras fontes aqui descritas. Assim, à laia de exemplo, a identificação de uma tradução do ano de 1901 que, passado um século, ainda se encontra à venda, desperta curiosidade e, necessariamente, suscita interrogações para possíveis pesquisas: porque não foi a obra retraduzida ou, caso o tenha sido, porque não foi reeditada, etc.? Porém, a maior vantagem desta obra de referência prende-se com o facto de recolher informações sobre os volumes publicados, no início da cadeia de distribuição, isto é, nas casas editoriais. Paradoxalmente, este facto está também na origem de algumas desvantagens: sendo concebida como uma base comercial (leia-se, sem obrigação, por parte das editoras, de lhe serem comunicados os dados referentes à publicação), esta fonte não regista muitas obras que se encontram fora dos grandes circuitos de distribuição. Consequentemente, as traduções editadas pelas pequenas editoras ou pelos próprios tradutores não se encontram nela inventariadas. De realçar que, devido ao facto de se encontrarem disponíveis apenas volumes respeitantes às últimas duas décadas, não é possível efectuar um levantamento de dados de acordo com o mesmo critério para os anos anteriores a 1985.

No que toca à sua utilidade, apesar dos constrangimentos acima listados, os catálogos revelaram-se uma fonte muito produtiva em termos de recolha de dados, contribuindo com um acréscimo considerável de entradas bibliográficas respeitantes às traduções dos textos de autoria dos escritores polacos em Portugal.

- xix. [IL] Tabela inicial do projecto *Intercultural literature in Portugal 1930-2000: A critical bibliography*.⁵²

A tabela resulta do levantamento preliminar de dados do projecto *Intercultural literature in Portugal 1930-2000: A critical bibliography*. Iniciado em 2007, o projecto em questão propõe-se dar continuidade à obra referida em xvi), adoptando, necessariamente, uma abordagem mais complexa e balizas cronológicas mais abrangentes, i.e., 1930-2000 (veja-se Rosa 2012; Seruya 2009).

Na altura em que foi efectuada a recolha de dados para a presente investigação (Outubro de 2007 e Setembro de 2009), o trabalho de recolha, cruzamento, informatização e organização dos dados finais para a inventariação global ao abrigo deste projecto estava ainda em curso. Como desde o início foi claro que a data prevista para a disponibilização dos dados recolhidos no âmbito deste megaprojecto (a primeira tranche foi publicada apenas em Dezembro de 2010, sendo a última tranche prevista para o ano de 2013) seria muito posterior à data da conclusão do levantamento de dados referentes a TC para a presente dissertação (Setembro de 2009), decidiu-se recorrer à tabela inicial-matriz, tendo plena consciência de que esta pode ser apenas considerada provisória e que irá sofrer alterações no futuro próximo.

⁵² A fonte não se encontra disponível ao público. A autora teve acesso aos dados por ser, desde 2007, um dos investigadores envolvidos no projecto.

A tabela inicial recolhe 16.687 referências de traduções publicadas em Portugal durante o Estado Novo (1935-1974) e considera como fontes primárias fundamentais o *Index Translationum* (UNESCO 1948-1992) em formato de papel, o *Boletim de Bibliografia Portuguesa* (BNP 1937-1987), o ficheiro manual da Biblioteca Nacional de Portugal e diversos catálogos de alfarrabistas e de bibliotecas particulares, entre outras. Quanto à sua organização, o ficheiro em *Excel* contempla sete campos referentes a nome de autor (com a sinalização adequada no caso de este ser um pseudónimo), nacionalidade do autor, título do TC, editora e eventual título de colecção, data de publicação do TC e tradutor.

Relativamente à utilidade desta fonte, a maior vantagem prende-se com a concepção da base, criada com a finalidade específica de constituir no futuro o maior repertório de traduções de literatura em Portugal. De realçar a coerência na apresentação e uniformização dos dados (ficheiro em *Excel*), bem como a multiplicidade e diversidade de fontes primárias utilizadas. Acresce que a apresentação das referências em ficheiro *Excel* permite maior flexibilidade aquando da análise dos dados. Uma outra vantagem decorre da transparência dos critérios adoptados, uma vez que se identificam, problematizam e justificam os meticulosos pressupostos para a delimitação do objecto a estudar, bem como para a exclusão ou inclusão dos textos no *corpus* a bibliografar (veja-se Rosa 2012, Seruya 2009, no prelo). Adoptando esta base de dados a definição touriana de tradução (veja-se III 2. 3. 1) e um conceito funcional de literatura que compreende géneros tradicionalmente designados como paraliteratura, o trabalho permitiu identificar muitas obras previamente não registadas noutras obras de referência, trazendo assim um acréscimo valioso de informação.

Porém, a fonte apresenta também algumas limitações. No caso da presente investigação, a primeira deve-se ao estatuto provisório da tabela: a revisão da tabela nas fases posteriores do projecto resultou no aumento substancial das entradas (veja-se Rosa 2012), comprovando o seu carácter lacunar. Para além disso, sendo concebido como um levantamento preliminar, este vasto elenco de traduções não contém informações referentes, por exemplo, ao título do TP, nem a eventuais línguas intermediárias, que muito úteis seriam para a presente pesquisa. Uma outra limitação está relacionada com o alcance temporal da fonte, que se concentra apenas nas traduções em Portugal durante as quatro décadas que separam 1935 e 1974. Contudo, é de crer que, finda a recolha dos dados em falta e a actualização dos dados já recolhidos, esta tabela transformar-se-á numa base de dados que irá constituir uma ferramenta indispensável não só para o estudo diacrónico de traduções em Portugal e da presença estrangeira no contexto cultural lusitano, mas também para um vasto leque de investigações sobre sociologia de leitura, relações editoriais no panorama ibérico, história do livro, etc.

xx. [IT] *Index translationum* (UNESCO 1948-1992; UNESCO 1999; UNESCO s/d)

É uma base bibliográfica que começou a ser publicada sob o auspício da Liga das Nações, em forma de um boletim trimestral, a partir do ano de 1932. Quanto ao seu conteúdo, até 1941, data da suspensão da publicação, a fonte abrangeu referências a traduções publicadas em catorze países. A nova série apareceu sob os auspícios da UNESCO e passou a ser publicada anualmente, em volumes. O primeiro destes, datado de 1948,

contempla 8.570 traduções publicadas em vinte e seis países. Em 1979, ano em que a base bibliográfica foi informatizada, o número de entradas subiu para 54447 e o número de países para cinquenta e quatro. No ano de 2009, altura em que foi terminado o trabalho de levantamento dos dados constantes desta base, o *Index translationum* (já em suporte electrónico de consulta em linha) continha informações sobre traduções publicadas em quase 130 países e contemplava mais de 800 línguas. As entradas estão distribuídas por áreas temáticas, de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU), abrangendo um leque variado de áreas do conhecimento humano. Presentemente a fonte constitui o maior e o mais antigo repertório de traduções a nível mundial, sofrendo um processo de revisão e actualização contínua. Apesar dessa abrangência, o trabalho com a fonte em apreciação deparou imediatamente com várias limitações. A primeira resultou da ausência de referências a traduções publicadas em Portugal no número significativo dos volumes consultados. Assim sendo, da totalidade de trinta e nove volumes publicados entre 1948 e 1992, os de 1948, 1949, 1951, 1969, 1971 a 1975, 1978 e 1979 não incluem dados respeitantes a Portugal. Esta lacuna deve-se, muito provavelmente, ao facto de a Biblioteca Nacional Portuguesa, responsável pela inventariação e fornecimento dos dados bibliográficos, não os ter comunicado à Secretaria da UNESCO nos anos atrás referidos. Para além disso, após o confronto com os dados resultantes da pesquisa das fontes supracitadas apurou-se que o *Index translationum* não contempla várias traduções registadas pelos ficheiros das bibliotecas portuguesas.

Com o intuito de alargar o campo de pesquisa, foi também efectuado um levantamento das traduções registadas no catálogo electrónico de consulta em linha do *Index translationum* (UNESCO s.d.), o qual se propõe dar continuidade à versão impressa. Relativamente aos parâmetros de pesquisa disponibilizados neste suporte, a versão em linha contém os seguintes campos: autor, título original, título traduzido, país de publicação (de TC), ano de publicação (de TC), língua de tradução (i.e., LC - sem distinção entre português de Portugal e português do Brasil), língua original (ver *supra*), tradutor, editor, editor comercial (*publisher*), local de publicação e disciplinas (a. história, geografia, biografia; b. literatura, literatura infanto-juvenil; c. ciências naturais e exactas; d. filosofia, psicologia; e. religião, teologia). Em termos de abrangência cronológica, este catálogo inventaria volumes publicados desde 1979, e é continuamente actualizado. A maior vantagem desta fonte é a sua acessibilidade (*online*) e a rapidez de busca (dependente meramente da rapidez da ligação). A primeira desvantagem consiste na falta de fiabilidade, detectada igualmente em Heilbron (1999: 433), Poupaud, Pym e Torres Simón (2009), Rosa (2004: 429), Sajkevic (1992: 67) e Torres (2003: 501), reflectida na flutuação no número de entradas, devida à inconsistência no fornecimento dos dados pelas instituições bibliográficas nacionais. Para além disso, observa-se a inexistência de uma uniformização das categorias básicas: a definição do termo “livro/volume” ou “tradução” varia conforme o país de publicação. Outros problemas estão relacionados com a construção da interface, a distribuição e a organização dos dados, bem como a concepção do motor de busca, que, na altura em que se efectuou o levantamento dos dados (2009), não incluía como campo de pesquisa o país de publicação do TP. A inexistência deste filtro de pesquisa constituiu uma dificuldade menor aquando do levantamento de traduções de polaco para português, mas tornaria muito mais problemático

o levantamento de traduções de português para polaco. Para distinguir as traduções de volumes publicados em Portugal dos publicados noutros países de língua oficial portuguesa foi necessária uma morosa selecção manual dos dados.

Em prol da optimização dos resultados, foi igualmente consultado o índice cumulativo do *Index translationum* editado em CD-ROM (UNESCO 1999). Relativamente ao conteúdo desta versão, o CD inclui cerca de 80.000 referências, registadas pela UNESCO desde 1979. Os parâmetros de pesquisa disponíveis ao utilizador são idênticos aos incluídos na versão *online*, com a excepção do campo referente ao local de publicação. Sendo anterior à versão electrónica de consulta em linha (mais elaborada e mais completa), o trabalho com esta base não trouxe um acréscimo de informação.

Tendo em conta o exposto, o *Index translationum*, tanto em suporte de papel, como em suporte electrónico (CD-ROM e de consulta em linha), afigura-se como uma fonte adequada para um estudo que se ocupe com a análise de relações quantitativas a grande escala ou de tendências gerais, em que os aspectos referentes a diferentes conceitos culturais de “tradução” são de menor importância. Contudo, como se afirma em Poupaud, Pym e Torres Simón (2008), para um estudo que exija maior grau de precisão, esta base de dados é insuficiente e outras fontes de pesquisa tornam-se indispensáveis. No caso desta investigação, a consulta do *Index translationum*, revelou-se uma tarefa morosa e pouco produtiva, permitindo apenas corroborar a correcção dos dados até então coligidos.

xxi. Tetra-base (TETRA s.d.)

Esta fonte constitui o maior banco de dados sobre teatro traduzido em Portugal, acumulando perto de cinco mil registos na altura da consulta (Março de 2009). Esta base de dados, gerida pelo Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e disponível online, regista informação sobre traduções de peças de teatro existentes em diversos formatos (e.g., radiofónico, filme, impresso, publicado ou não) e com datas entre 1800 e 2009. Na medida do possível disponibilizam-se informações relativas à descrição das traduções, ao tipo de tradução, e à sua circulação e recepção. Os campos de pesquisa ao dispor dos utilizadores são os seguintes: título original, título traduzido, título da publicação, autor, local de consulta (categoria pré-definida que inclui diversas bibliotecas públicas e privadas), tradutor, data de publicação, tipo de suporte (categoria pré-definida que inclui palco, TV, rádio, edição), colecção, editora, encenador, realizador, género, formato (categoria pré-definida que inclui CD, policopiado, registo radiofónico, manuscrito, DCD, folheto, película, impresso, dactilografado, digital, não disponível), tipo de edição (categoria pré-definida que inclui edição de bolso, de autor, especial, anotada, escolar, popular, crítica, libreto, periódico), LP (categoria pré-definida que não inclui a língua polaca), companhia de teatro e observações.

Relativamente à sua utilidade, a consulta desta fonte provou ser muito produtiva na medida em que permitiu identificar várias traduções de textos dramáticos não registadas noutras fontes. No caso da presente pesquisa, a maior vantagem da Tetra-base prende-se com a quase total inexistência de limitações relativas ao suporte de publicação dos exemplares

bibliografados. Ao contrário da maioria das fontes utilizadas na presente pesquisa, que se limitam a registar volumes impressos identificados com o número ISBN, esta fonte inclui igualmente materiais que não dispõem deste número (i.e., publicações em folheto, materiais dactilografados, publicados em periódicos, etc.). Uma outra vantagem prende-se com a interface desta base de dados: sendo concebida propositadamente como uma ferramenta a utilizar no âmbito dos estudos de tradução, a Tetra-base dispõe de filtro de pesquisa respeitante ao nome do tradutor, título original e LP, ou seja categorias que potencialmente facilitam a identificação dos volumes. Contudo, a base de dados em questão não é privada de constrangimentos. O maior prende-se com a inexistência da opção “língua polaca” no campo de pesquisa pré-definido respeitante à “LP”. A falta desta opção impede a obtenção imediata de uma lista selectiva dos dados sobre traduções da língua polaca, que poderia ser muito útil para a presente investigação. A solução adoptada para ultrapassar esta limitação consistiu no moroso trabalho manual de selecção de dados. Um outro problema está relacionado com o modo de apresentação dos dados. Uma vez que a informação disponibilizada é baseada na que consta dos exemplares consultados, os registos e a grafia dos títulos originais e dos nomes próprios surgem muitas vezes incompletos ou até errados, dificultando deste modo o aproveitamento dos recursos de pesquisa.

- xxii. [PB] Porbase: Catálogo Colectivo em Linha das Bibliotecas Portuguesas (BNP s.d. a)

Esta fonte, coordenada pela Biblioteca Nacional de Portugal, constitui a maior base de dados bibliográficos no país. Contando com a colaboração de perto de duzentas bibliotecas, tanto privadas como públicas, distribuídas por todo o território nacional, esta base permite uma apreciação global do panorama literário português. Os registos bibliográficos inventariados nesta fonte referenciam espécies bibliográficas diversas, sem restrições de carácter cronológico, geográfico ou temático.

Relativamente ao conteúdo na altura em que foi efectuada a pesquisa conducente ao presente trabalho (desde Fevereiro de 2008 até Abril de 2009), a dimensão desta base de dados foi estimada em 1.500.000 registos. A fonte encontra-se em permanente actualização retrospectiva, sendo o crescimento médio anual estimado em 100.000 registos bibliográficos. Os resultados da busca bibliográfica são proporcionados por um motor de pesquisa avançada que disponibiliza aos utilizadores os seguintes campos: autor, título, assunto, editor, palavra (incluindo palavra no autor, no título, no título de colecção, no assunto, no editor e no local de publicação), CDU, cotas, título de série, título de colecção, ISBN e ISSNA. Com vista a um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis, estes parâmetros podem ser conjugados com os filtros de pesquisa opcionais, respeitantes a ano, país, língua e tipo de publicação (do TC), região, tipo ou nome da biblioteca (em que o volume foi registado).

Dada a abrangência temática e cronológica desta base de dados, a Porbase revelou-se como a fonte mais produtiva em termos da recolha de informação sobre traduções de textos polacos publicadas em Portugal. Contudo, o trabalho com esta base depressa revelou alguns problemas. O primeiro, menor, resultou da verificação do carácter incompleto de várias

referências bibliográficas ou, até, de incorrecções nos dados disponibilizados. Tudo aponta no sentido destas incorrecções resultarem do facto desta fonte ter sido construída com base na simples dactilografia das fichas manuais (veja-se xxiii), sem verificação prévia de eventuais erros. As incorrecções não constituíram, porém, limitações de vulto, pois a consulta directa dos volumes identificados e o seu posterior confronto com os dados extraídos de outras fontes, permitiram corrigir as eventuais discrepâncias. Um segundo problema afecta a exaustividade desta fonte: sendo constituída com base nos dados respeitantes a volumes recebidos por depósito legal, a Porbase encontra-se incompleta devido ao facto de várias editoras não terem procedido à entrega das respectivas publicações, apesar das obrigações legais. A terceira limitação deve-se à eficiência e à concepção do motor de pesquisa bibliográfica que, na altura em que se realizou o levantamento dos dados, não proporcionava como critério de pesquisa, por exemplo, a língua ou, muito menos, o país de publicação do TP. Para além disso, não sendo criada propositadamente como uma ferramenta a utilizar no âmbito dos estudos de tradução, a Porbase não dispõe de filtro de pesquisa respeitante ao nome do tradutor. Este surge com frequência como um dos autores do livro, encontrando-se portanto incluído no campo de pesquisa referente ao autor. A falta destes parâmetros de busca impede a obtenção imediata de algumas listas selectivas dos dados existentes que poderiam ser muito úteis para este tipo de investigação. A solução adoptada para ultrapassar algumas destas limitações consistiu num moroso trabalho de selecção manual que ocupou várias semanas. Um último impedimento decorre da actualização automática diária dos conteúdos da Porbase. Por forma a evitar discrepâncias entre levantamentos efectuados em diferentes fases da investigação tornou-se necessário referir, sempre que considerado pertinente, o momento da conclusão da pesquisa de dados bibliográficos em relação a cada conjunto de dados extraídos.

xxiii. [FM] O ficheiro manual da Biblioteca Nacional de Portugal

Quanto ao seu conteúdo, este manual é composto por milhares de fichas em suporte de papel consultáveis *in loco* na Biblioteca Nacional de Portugal. O ficheiro constituiu uma fonte essencial para a pesquisa aqui descrita, na medida em que permitiu completar e corrigir os dados resultantes do levantamento realizado anteriormente na Porbase (xxii). O trabalho com este catálogo levantou, contudo, certas dificuldades. A primeira diz respeito à impossibilidade de localizar vários volumes registados, uma vez que algumas cotas referidas no ficheiro manual foram alteradas ou não foram actualizadas. A segunda restrição prende-se com o facto de o catálogo manual conter apenas registos dos volumes que deram entrada no depósito legal antes do ano de 1986, altura em que se procedeu à informatização do sistema de referências da Biblioteca Nacional. As últimas desvantagens, menores, desta fonte prendem-se com a falta de rigor na transcrição dos nomes polacos, e com a falta de uniformização dos dados.

xxiv. [COLF] Catálogo *online* da livraria Fnac (FNAC s.d.)

Esta base de dados informatizada e de consulta *online* inventaria dados respeitantes aos milhares de volumes comercializados pela Fnac – uma das maiores cadeias de venda de livros no mercado Português da actualidade. Este catálogo permitiu identificar várias obras

disponíveis no mercado português que, na altura da consulta (2010), não se encontravam ainda registadas noutras fontes. Sendo uma base de cariz comercial, i.e., construída com o objectivo primordial de comercializar diversas publicações, esta fonte permitiu igualmente extrair dados referentes à disponibilidade e aos preços dos livros editados. Contudo, não sendo concebida como uma base exaustiva da produção literária portuguesa, a presente fonte é muito lacunar. Quanto ao motor de pesquisa, este revelou-se pouco eficaz: embora exista uma categoria designada como “literatura traduzida” (que contém registos de perto de mil espécimes bibliográficos) esta não contempla várias versões portuguesas de obras escritas originalmente em língua polaca. De molde a identificar as respectivas traduções, o trabalho de pesquisa com o presente catálogo teve de ser efectuado por várias tentativas aleatórias. Uma vez que, para além dos livros publicados em Portugal, o catálogo inventaria também volumes editados noutros países, foi necessário efectuar um moroso trabalho de selecção manual.

xxv. [COLB] Catálogo *online* da livraria Bulhosa (Bulhosa)

No que diz respeito ao seu conteúdo, esta base de dados informatizada e de consulta *online* inventaria dados respeitantes aos milhares de volumes comercializados pela livraria Bulhosa. Relativamente à sua utilidade, à semelhança do catálogo referido em xxiii, esta fonte facilitou a inventariação das obras que circulam no panorama editorial português e a identificação dos preços vigentes das respectivas traduções dos textos polacos. As desvantagens desta fonte são semelhantes às do catálogo acima referido.

xxvi. [RL] *Rol de livros* (FCG s.d.)

Relativamente ao seu conteúdo, esta base informatizada de consulta *online* contém um vasto conjunto de fichas de leitura digitalizadas no site da Fundação Calouste Gulbenkian e catalogadas no arquivo das bibliotecas itinerantes desta fundação. A rubrica inclui apreciações feitas por 46 personalidades, sendo composta pelas resenhas de originais portugueses e traduções julgadas relevantes e publicados em Portugal a partir da década de sessenta do século passado. De referir a actualização mensal e a abrangência da fonte em questão. O motor de busca inclui os seguintes campos de pesquisa: termo ou expressão (na ficha de resenha); título (do livro resenhado); autor da obra; editora; autor resenhador; ano da obra; categoria (do livro resenhado) e idade (do público alvo).

No que concerne à sua utilidade, a consulta desta fonte trouxe informação pertinente referente à recepção em Portugal de traduções da literatura polaca. Para além disso, permitiu extrair dados referentes ao preço e/ou eventual texto intermediário que serviu de base para a versão portuguesa. Aquando das repetidas buscas nos catálogos da *Rol de livros* dois pontos ressaltaram. Por um lado, verifica-se uma falta de atenção às traduções de obras de autores polacos, sendo registadas apenas vinte e cinco apreciações de textos de autores polacos numo total de 30.019 obras analisadas. Por outro lado, o facto de vezes que hoje se sabem influentes se terem pronunciado sobre o mérito e, muitas vezes, sobre a qualidade das traduções destas obras aponta para a visibilidade destas enquanto fenómeno na vida literária portuguesa.

xxvii. Inventário de fichas de censura⁵³

No que toca ao conteúdo, este inventário em formato *Excel* reúne dados extraídos das fichas de censura arquivadas no Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo. O levantamento dos dados inventariados nesta fonte foi realizado por Teresa Seruya e Maria Lin Moniz e consistiu na morosa consulta e organização de um vasto conjunto de fichas de censura até então nunca revistas sistematicamente (Seruya 2010: 131). Na altura da consulta (2009), este pioneiro inventário continha 10011 registos referentes às fichas censórias emitidas no período 1934-1974. A informação relativa a cada registo encontra-se agrupada em 5 colunas, respeitantes à data do relatório, ao número da caixa em que o relatório foi arquivado, ao número do relatório, ao título da obra censurada, ao autor da obra censurada, ao censor e ao estado da obra (proibido, autorizado, autorizado com cortes).

Relativamente à sua utilidade, o inventário revelou ser extremamente útil na medida em que facilitou a localização de fichas de censura arquivadas na Torre do Tombo, tornando todo o processo muito mais célere e eficaz. De salientar que sem a consulta deste inventário a identificação das fichas teria que, necessariamente, passar por uma debilitante consulta física de milhares de fichas, tarefa que desde o início foi considerada como impossível no tempo disponível para esta etapa da investigação. Adicionalmente, a apresentação das referências em ficheiro *Excel* resultou em maior transparência e permitiu maior flexibilidade aquando da análise dos dados.

Contudo, apesar da sua inquestionável utilidade, o inventário apresenta também algumas limitações. A maior decorre da sua incompletude: como se atesta em Seruya (2010: 274), não foi possível localizar 22.4% das fichas censórias. Porém, esta não constitui uma limitação de vulto, já que,

the corpus can be considered representative: the percentage of missing reports is not high [...] and the continuity of procedures and criteria across the four decades [i.e., from 1930s to 1970s] indicates that what is missing should not significantly change the conclusions. (Seruya 2010: 131)

Uma vez que, na altura em que foi consultada esta fonte, decorriam tentativas de recuperação das fichas não localizadas até à data, espera-se que num futuro próximo esta limitação seja ultrapassada. Uma outra desvantagem do inventário prende-se com alguns erros na grafia dos nomes e títulos estrangeiros. Ao que tudo indica, estes resultam do facto de esta fonte ter sido construída com base na simples dactilografia das fichas censórias preenchidas manualmente (veja-se xxviii), sem a possibilidade da correcção prévia dos eventuais erros. Contudo, no caso da presente pesquisa estas incorrecções não constituíram uma limitação de vulto, pois a consulta directa dos volumes identificados e o posterior confronto com os dados extraídos de outras fontes permitiram corrigir eventuais discrepâncias. A última desvantagem desta fonte é a sua actual inacessibilidade ao público em geral.

⁵³ Esta fonte não se encontra disponível ao público geral. A autora teve acesso ao inventário graças à cortesia das investigadoras responsáveis pela compilação do inventário (Professoras Doutoras Teresa Seruya e Maria Lin Moniz).

xxviii. Fichas de censura

As fichas de censura encontram-se armazenadas nas caixas de cartão identificadas como “Caixas da Censura” do SNI (Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo) e arquivadas no Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo. Estão dispersas por várias caixas e, na maior parte, ordenadas apenas por data de entrega da emissão do relatório da censura. Na ausência de outros critérios e índices de catalogação, a localização das fichas censórias foi possível apenas graças à consulta do inventário mencionado em (xxvii).

Relativamente ao conteúdo das fichas, estas são preenchidas manualmente e, na maioria dos casos, contêm, para além do nome do autor e o título da obra censurada, a indicação da data em que o relatório censório foi entregue (período que se estende entre 1934-1975), do nome do censor, do estatuto da obra (que pode ser proibida, autorizada ou autorizada com cortes) e observações (em que, frequentemente, é esboçado o perfil da obra censurada, são feitos juízos de avaliação referentes a autor/obra e são expostas as razões subjacentes à decisão censória sobre a sua autorização/proibição).

Relativamente à sua utilidade, apesar de vários constrangimentos (in correcções e incompletude na apresentação de dados, bem como a desorganização e falta de índices remissivos, destacadas por Seruya 2010: 131), a fonte mostrou-se extremamente importante para a presente investigação, uma vez que revelou dados não contidos noutras fontes sobre a censura dos textos polacos em versão traduzida em Portugal. Atendendo ao tipo da informação que inclui, a consulta desta fonte permitiu completar a informação até então obtida com os dados sobre o número de tiragens da tradução, sobre possíveis línguas de mediação que serviram de base para a tradução portuguesa ou sobre a identidade do tradutor.

xxix. *Índice geral da revista Brotéria* (Simões 1953-1954)

Este índice contém um elenco, que se pretende exaustivo, de referências a obras portuguesas e estrangeiras publicadas ou recenseadas na *Brotéria – Revista de Cultura Geral*, entre os anos 1907 e 1946. O índice é organizado por ordem alfabética do apelido do autor do artigo, permitindo obter informação valiosa sobre a fortuna literária de algumas traduções de textos literários e identificar várias traduções de textos religiosos até então não registados no catálogo. Porém, a fonte não trouxe um acréscimo de informação relativamente às traduções de autores polacos publicadas em imprensa periódica.

xxx. *Dzieła Sienkiewicza w przekładach* [Obras de Sienkiewicz em tradução] (Krzyżanowski 1953)

Esta obra monumental da pena de um dos mais importantes historiadores da literatura polaca agrega perto de 1.800 referências às traduções para 42 línguas dos textos de Henryk Sienkiewicz que, na altura da publicação desta obra de referência, foi considerado o autor polaco mais traduzido (Krzyżanowski 1953: 1). Os dados são apresentados de um modo

muito transparente, sendo ordenados de acordo com a LC e, dentro desta categoria, de acordo com o ano de publicação.

No que se refere à utilidade na identificação de traduções portuguesas do autor, a fonte não se mostrou muito produtiva uma vez que não acrescenta registos aos já recolhidos. Contudo, por reunir informação sobre traduções para as línguas espanhola, francesa, inglesa, italiana etc., a fonte em apreciação mostrou-se muito útil na identificação das possíveis versões intermediárias que serviram de base para as traduções portuguesas. Para além disso, graças ao tipo de informação contida, a fonte revelou ser uma ferramenta excelente para esboçar o mapa e a genealogia da disseminação faseada pela Europa da obra de Sienkiewicz. Esta obra mostrou, ainda, ser muito útil para fins comparativos, permitindo, graças aos variados índices, recuperar dados estatísticos referentes às obras mais traduzidas de Sienkiewicz, às LC para as quais mais se traduziu este autor, etc.

III 1. 4 Organização de dados

O armazenamento de dados recolhidos foi possível graças ao recurso ao programa Microsoft® Excel® for Mac 2008. A escolha deste programa deveu-se à transparência e à flexibilidade na apresentação e ordenação dos dados, bem como à familiaridade da investigadora. A compilação do catálogo neste programa implicou a execução das seguintes tarefas: (i) selecção das categorias de dados a compor cada entrada, (ii) criação de entradas, (iii) preenchimento de campos individuais com a informação recolhida.

Estas tarefas revelaram ser consideravelmente demoradas, uma vez que implicaram uma fatigante repetição de alguns passos já realizados e o penoso recurso ao material já recolhido com vista ao preenchimento de informações em falta.

III 1. 4. 1 Selecção das categorias

A selecção das categorias de dados a compor cada entrada do catálogo foi determinada (i) pelo intuito de possibilitar a extracção do *corpus*, e (ii) pelo objectivo principal de estudo, i.e., a exploração da história externa da tradução da literatura polaca publicada em Portugal em volume (veja-se INTRODUÇÃO). Tendo estes factores em conta, foram estabelecidas as seguintes categorias apresentadas na Tabela 3. Como se pode observar na Tabela 3, o número de categorias relativas aos TC (14) é superior ao número de categorias relativas aos TP (3). O foco especial colocado nos dados referentes aos TC teve dois motivos principais. O primeiro está relacionado com os pressupostos teóricos da presente investigação: sendo a tradução considerada como o fenómeno da CC (veja-se I 1. 4), importou, antes de mais, detalhar os parâmetros pertencentes à cultura receptora, deixando a pormenorização de parâmetros pertencentes à cultura emissora para etapas posteriores.

Tabela 3 Distribuição de categorias do catálogo

	Categoria
TC	Número
	Classificação temática CDU ⁵⁴
	Ano
	Título
	Nome do tradutor
	Tipo de publicação
	Local de publicação
	Editora / Periódico
	Colecção
	Número de edição
	Fortuna crítica
	Cota
	Referências
	Observações
TP	Autor
	Título
	Língua

O segundo motivo é de cariz pragmático: por ser conduzida, quase na íntegra, em entidades portuguesas, a investigação para esta etapa teve facilidade em consultar a maioria dos TC disponíveis nas bibliotecas em Portugal, mas não se encontrava em condições de consultar a maior parte dos TP, disponíveis quase exclusivamente nas respectivas bibliotecas estrangeiras.

III 1. 4. 2 Criação e ordenação das entradas

Tratando-se de um catálogo de dados bibliográficos, desde o início foi claro que cada entrada corresponderia a um TC. O princípio que presidiu à criação das entradas do catálogo assenta nas propostas teóricas de Toury. Mais concretamente, partiu-se do pressuposto que a introdução de um texto numa cultura por via da tradução provoca sempre alguma mudança na cultura receptora:

[e]very individual text is of course unique; it may be more or less in tune with prevailing models but in itself it is a novelty. As such, its introduction into target culture always entails change, however slight, of the latter (Toury 1995: 27).

Neste sentido, para os efeitos do presente catálogo, sempre que se verificou existir uma mudança no contexto peritextual do TC, este foi considerado como uma nova entidade. Na prática, esta abordagem significou que sempre que se verificou existir uma mudança nos critérios baseados na informação extraída do peritexto respectivos ao TC (a saber: ano, título, nome do tradutor, tipo de publicação, local de publicação, editora/periódico, colecção e número de edição), entendeu-se justificado criar uma nova entrada.

⁵⁴ Aquando da classificação temática dos TC inventariados seguiram-se as tabelas da CDU (Classificação Decimal Universal). Para mais informações sobre esta classificação, veja-se ANEXO A CATÁLOGO b.

Com base no acima exposto, novas edições deram sempre origem a novas entradas. Como novas edições entendem-se, para fins do presente catálogo, traduções do mesmo TP produzidas pelo mesmo tradutor, publicadas no mesmo tipo de publicação, na mesma editora ou periódico, **mas com número de edição diferente**, independentemente do ano, local de publicação, da colecção e do facto de serem (ou não) textualmente distintas. Nesta configuração, o termo novas edições abrange tanto edições textualmente distintas (ou seja edições revistas e emendadas, e.g., CAT 99) como edições com características linguístico-textuais muito semelhantes (ou seja reimpressões, e.g., CAT 114).

O mesmo foi válido para outras edições e retraduições. Como outras edições entendem-se, para fins do presente catálogo, traduções do mesmo TP vertidas pelo mesmo tradutor, **mas publicadas num periódico diferente, ou noutra editora**, independentemente do ano, local, tipo de publicação, colecção, número de edição e do facto de serem (ou não) textualmente distintas. Sempre que for considerado pertinente, novas edições e outras edições serão agrupadas sob a designação única de reedições.

Como retraduições entendem-se, para fins do presente catálogo, traduções do mesmo TP **mas apresentadas como vertidas por um tradutor diferente**, independentemente do ano, local e tipo de publicação, da editora, da colecção, do número da edição e do facto de serem (ou não) textualmente distintas. Neste sentido, para fins do presente catálogo, o termo retradição abrange tanto novas traduções (i.e., versões diferentes em termos linguístico-textuais das versões do mesmo TP já existentes e.g., CAT 028) como plágios (ou seja versões apresentadas como novas traduções mas que são, de facto, textualmente idênticas às traduções já existentes, e.g., CAT 168) e traduções revistas (ou seja produzidas por um tradutor e, posteriormente, revistas por outro, e.g., CAT 389). As antologias (contidas num volume), são, para fins do presente estudo, rotuladas de retraduições se pelo menos metade dos textos nelas publicados podem ser considerados, a luz da definição proposta, como retraduições.

No que toca à ordenação de entradas do catálogo, esta foi guiada pela preocupação em reflectir o cariz histórico-descritivo da investigação (veja-se INTRODUÇÃO) e em facilitar a posterior extracção do *corpus*. Por esta razão, decidiu-se aplicar, como primeiro critério, a ordenação cronológica (de acordo com o ano da publicação do TC) e, como segundo critério, a ordenação alfabética (de acordo com o título do TC). Por outras palavras, seguiu-se o conselho de Pym, de acordo com o qual

a catalogue should serve as a data base and no more than a data base. Since corpora can be extracted from such a base, period and genre divisions are not required. (1998: 47)

III 1. 4. 3 Preenchimento de campos individuais

A apresentação dos dados dentro de cada campo foi baseada na informação extraída do peri e epitexto. Para tornar a informação o mais clara e uniformizada possível, seguiu-se, com alterações pontuais, as regras de catalogação preconizadas em *Descrição bibliográfica normalizada para as publicações monográficas* (IFLA 2002).

Tabela 4 Dimensão do catálogo

Nº de entradas (TC)	Nº de colunas (categorias)	Nº de campos
416	17	7072

Para a descrição pormenorizada das regras aplicadas na apresentação de dados em cada campo veja-se ANEXO A CATÁLOGO.

III 1. 4. 4 Dimensão e completude do catálogo

No que toca à sua dimensão, com base no anteriormente exposto, o catálogo apresenta os valores referidos na Tabela 4.

Como se pode observar, o catálogo contempla um total de 7.072 campos pertencentes a 416 entradas dispersas por 17 colunas distintas. Importa clarificar que enquanto o número de colunas corresponde ao número de categorias de informação seleccionadas *a priori* para a presente investigação (veja-se Tabela 3), o número de entradas representa o número de TC registados no catálogo. Em consequência, o número de campos resulta da multiplicação do número de entradas pelo número de colunas.

No que toca à completude do catálogo, como se torna patente dos cálculos apresentados na Tabela 4, do total de 7072 campos previstos, foi possível preencher 6035 (85,3%), ficando ainda por completar 1037 (14,7%). Dito de outro modo, a taxa de sucesso na obtenção dos dados pretendidos atingiu 85,3%.

Como se torna patente da leitura da Tabela 5, para a maioria das categorias (10 de 17) foi possível recuperar praticamente a totalidade dos dados pretendidos. Mais concretamente, para cinco categorias (a saber: “Número”, “Classificação temática”, “Título do TC”, “Ano”, “Edição”, “Referência”) foi possível recuperar 100% dos dados e para três categorias (a saber: “Tipo de publicação”, “Colecção”, “Autor”) 99%. Para além disso, constata-se que para outras cinco categorias (a saber: “Língua”, “Local”, “Título do TP”, “Nome do tradutor” e “Cotas”) foi possível recolher mais do que metade da informação desejada. Duas categorias, concretamente “Observações” e “Fortuna crítica”, apresentam uma taxa de êxito aquém dos 50% (37,8% e 11,6%, respectivamente). A propósito das possíveis causas da distribuição da informação por categorias, importa esclarecer que o (não)preenchimento de campos pertencentes a certas categorias (a saber: “Número”, “Fortuna crítica”, “Observações”, “Classificação temática”, “Referência” e “Autor”) prende-se principalmente com questões inerentes à metodologia da recolha de dados e à concepção do próprio catálogo. Como exemplo, a baixa taxa de êxito na obtenção dos dados no caso da categoria “Fortuna crítica” (11,5%) parece resultar do facto de o foco da investigação estar centrado não na recepção crítica dos textos analisados propriamente dita, mas sim no modo como estes textos foram apresentados no contexto português de chegada. Por seu turno, a alta taxa de êxito na obtenção dos dados no caso da categoria “Autor” parece justificada pelo método utilizado na recolha de dados que consistiu, a partir de certa altura, na aplicação de um só filtro de pesquisa, a saber o apelido do autor (veja-se III 1. 3. 1).

Tabela 5 Completude do catálogo

Categoria	Campos		Total
	Preenchidos	Não preenchidos	
Número	415 (100%)	0 (0%)	416
Classificação temática CDU	415 (100%)	0 (0%)	416
Título do TC	415 (100%)	0 (0%)	416
Ano	415 (100%)	0 (0%)	416
Edição	415 (100%)	0 (0%)	416
Referência	415 (100%)	0 (0%)	416
Tipo de publicação	414 (99,8%)	1 (0,2%)	416
Colecção	414 (99,8%)	1 (0,2%)	416
Autor	414 (99,8%)	1 (0,2%)	416
Editora / Periódico	413 (99,5%)	2 (0,5%)	416
Língua	400 (96,4%)	15 (3,6%)	416
Local	364 (87,7%)	51 (12,3%)	416
Título do TP	325 (78,4%)	90 (21,6%)	416
Nome do tradutor	292 (70,4%)	123 (29,6%)	416
Cotas	271 (65,1%)	144 (34,9%)	416
Observações	158 (38,8%)	257 (61,2%)	416
Fortuna crítica	47 (11,5%)	368 (88,5%)	416
Total	6035 (85,3%)	1037 (14,7%)	7072

Porém o (não)preenchimento de campos pertencentes a outras categorias (nomeadamente “Título do TC”, “Ano”, “Tipo de publicação”, “Edição”, “Editora/ Periódico”, “Colecção” “Língua”, “Local”, “Título do TP”, “Nome do tradutor” e “Cotas”) é condicionado por factores exteriores, relacionados com a cultura portuguesa receptora. A título exemplificativo, a elevada taxa de insucesso na recuperação de dados no caso da categoria “Cotas” (35%) pode ser indicativa do precário estado de conservação do património bibliográfico em Portugal.

Por sua vez, a reduzida taxa de sucesso na obtenção da informação sobre a categoria “Nome do tradutor” (70,4%) pode ser considerada como um dos indícios da obliteração da figura do tradutor na cultura portuguesa de chegada (veja-se, e.g., Seruya no prelo; Valdez 2009: 109).

Ainda em relação à completude, é imperativo reconhecer que, apesar de todo o esforço investido na recolha de dados, não se pode excluir a possibilidade de existirem textos que cabem dentro dos critérios estabelecidos para o catálogo mas não foram nele registados. Esta constatação é particularmente válida para traduções publicadas em imprensa periódica e as publicadas como textos anónimos. No primeiro caso, a incompletude do catálogo deve-se à escassez das referências a elas nas fontes activas consultadas. Para preencher esta lacuna, seria necessário efectuar uma consulta sistemática de dezenas de revistas publicadas em Portugal, tarefa que, devido à sua morosidade, não se mostrou exequível no tempo previsto para a presente investigação. No caso de traduções publicadas como textos anónimos, o carácter lacunar do catálogo prende-se com o método usado na recolha de

dados que, a partir de certa altura, foi limitado à aplicação de um filtro de pesquisa – o do apelido do autor .

Tendo todos estes factores em conta, considera-se que, embora não possa ser visto como exaustivo (quer por conter campos de dados para os quais não foi possível obter a informação pretendida, quer por possivelmente não conter a totalidade dos textos que cabem dentro dos critérios estabelecidos) o catálogo é suficientemente completo para poder servir de matriz para a subsequente extracção do *corpus*.

III 1. 5 Breve análise de dados quantitativos do catálogo

Após a recolha e a organização do catálogo, o passo seguinte consistiu no seu processamento. Deste resultaram dados quantitativos que foram sujeitos a uma sucinta análise preliminar. Com esta análise não se pretendeu esgotar a informação disponível sobre os conteúdos do catálogo mas sim identificar as regularidades mais evidentes. Os resultados desta análise dos dados quantitativos do catálogo servirão pontualmente para completar a análise do *corpus* na PARTE IV.

III 1. 5. 1 Primeiras edições versus reedições e outras edições

O catálogo contém dados respeitantes a 416 TC. 77% (320) destes TC são primeiras edições, enquanto 23% (96) são reedições ou outras edições. Relativamente à distribuição diacrónica, o TC mais antigo inventariado no presente catálogo (ou seja a primeira tradução para português europeu de um texto composto por um autor considerado polaco) data da década de 1750. Trata-se de um TC de cariz religioso publicado em 1758 e baseado no TP escrito originalmente em latim por Kazimierz Wyszynski, fundador da ordem dos Marianos em Balsemão (CAT 001). O cunho religioso e a LP desta primeira tradução para português de um autor polaco não deverão causar admiração: por um lado, como referido no CAPÍTULO II 3, a doutrina religiosa constituiu, ao longo dos séculos, um dos principais planos da aproximação entre as duas culturas; por outro lado, até ao século XVIII o latim assumia o papel de língua franca da Europa e, por consequência, funcionava como o principal canal de comunicação entre Portugal e a Polónia.

A Figura 10 demonstra que durante quase dois séculos, entre a data desta primeira tradução e os anos 1940, as versões portuguesas dos textos compostos por autores considerados polacos foram produzidas muito esporadicamente e em números muito reduzidos. Verifica-se efectivamente um período contínuo de sessenta anos (entre a década de 1760 e de 1820) em que não se registou a publicação de tradução alguma. Os únicos períodos que destoam desta tendência são as décadas de 1860 e de 1900, em que se assiste a um surto significativo do número de traduções (15 e 35, respectivamente).

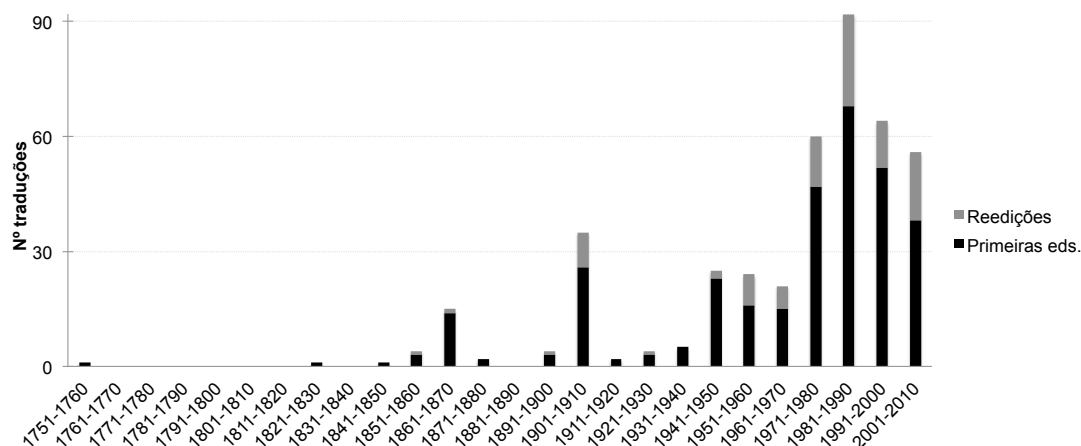


Figura 10 Distribuição diacrónica do catálogo: primeiras edições vs. edições subsequentes (1751-2010)

As causas subjacentes a estes dois picos prendem-se com o acentuado incremento das traduções de literatura, mais concretamente das versões de obras de dois autores polacos: Adam Mickiewicz, um dos mais importantes representantes do romantismo polaco (no caso do pico dos anos 1860) e Henryk Sienkiewicz, considerado um dos mais importantes romancistas do positivismo polaco (no caso do pico dos anos 1900).

Nos anos 1940 assiste-se a mais um incremento notório: o volume de traduções quase quintuplica, passando de 5 nos anos 1930 para 25 nos anos 1940. Contrariamente ao que acontece no caso dos picos de 1860 e 1900, o incremento dos anos 1940 deve-se ao aumento significativo de traduções de literatura, mas desta vez da autoria de vários escritores. O mesmo se passa com os surtos dos anos 1860 e 1900, sendo que desta feita o incremento é seguido de relativa estabilidade no fluxo de obras produzidas que dura até aos anos 1960 (os registos oscilam entre 25 na década de 1940 e 21 na década de 1960).

Nos anos 1970 verifica-se mais um acréscimo considerável: o volume de traduções praticamente triplica, passando de 21 nos anos 1960 para 60 nos anos 1970. O que diferencia este acréscimo dos anteriores é o facto de este ser causado pelo incremento não só de traduções de literatura mas, sobretudo, de textos classificados como “Ciências Sociais”.

A tendência da importação acelerada iniciada nos anos 1970 culmina na década de 1980, altura em que se verifica o pico mais acentuado no fluxo de traduções inventariadas no catálogo, com um registo máximo de 92 obras produzidas (incluindo tanto primeiras como as subsequentes edições). Como se comprovará em X, este pico deve-se maioritariamente ao considerável aumento de textos religiosos, quase na íntegra da autoria de João Paulo II (Karol Wojtyła).

Este último pico é seguido por uma queda significativa no número de traduções. Como é possível inferir da figura, na última década abrangida pelo catálogo (2001-2010), o número de obras desce para 55, atingindo um nível inferior ao da década de 1970 (60 obras vertidas). Subjacente a este acentuado declínio no número de volumes está, principalmente, o decréscimo no número de obras de cariz religioso.

III 1. 5. 2 Publicações em volume versus publicações periódicas

A esmagadora maioria (380, i.e., 91%) dos TC referenciados no catálogo foi publicada em volume. De referir que no caso de um TC (CAT 019) tornou-se impossível apurar o tipo de publicação. No que diz respeito à distribuição cronológica, a Figura 11 demonstra que embora o primeiro TC (CAT 001) tenha sido publicado em volume, a maior parte dos TC que saíram dos prelos até a década de 1890 foi publicada em imprensa periódica. Depois de 1900 os TC em publicações periódica surgem esporadicamente, sendo o último datado dos anos 1950 (CAT 121). Desta década em diante todos os TC que saíram dos prelos foram publicados em volume.

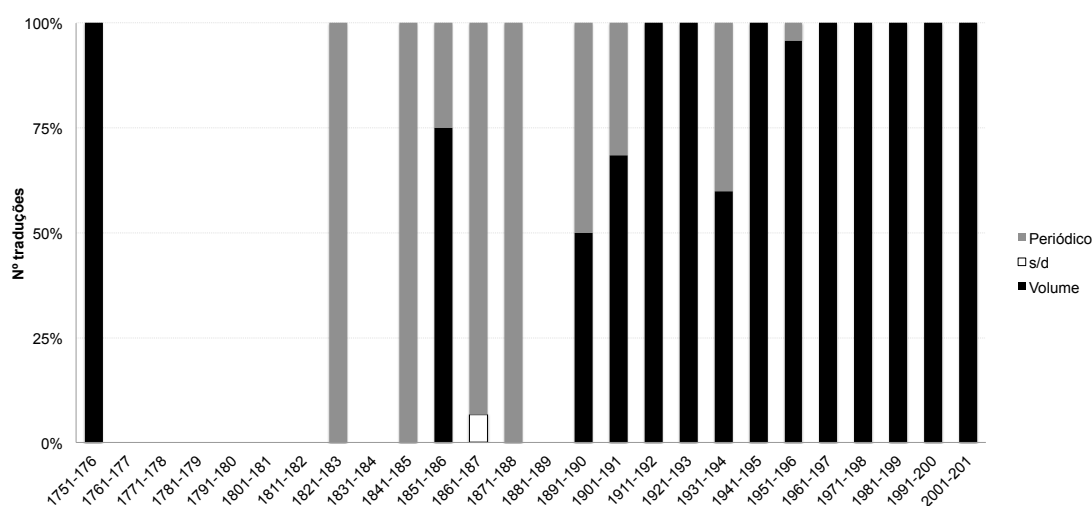


Figura 11 Distribuição diacrónica do catálogo: periódicos vs. volumes (1751-2010)

Este facto parece significativo, uma vez que permite confirmar a percepção generalizada (referente sobretudo à narrativa publicada em Portugal) de que, pelo menos, até ao fim do século XIX a maior parte das traduções foi publicada em imprensa periódica, sendo que a predominância de publicações em volume se verificou apenas nas décadas posteriores.

III 1. 5. 3 LP

Relativamente às LP, o catálogo inclui traduções de textos originalmente escritos em sete línguas diferentes, a saber: alemão, francês, inglês, italiano, latim, polaco e iídiche. A distribuição quantitativa destas LP por catálogo surge representada na Figura 12. A figura torna claro que a maioria (54%) dos TC provém dos TP compostos originalmente em língua polaca. Em segundo lugar surge o latim (16%), em terceiro o inglês (15%), em quarto o italiano (10%), e em quinto o francês (6%), mas a proporção destas línguas no catálogo é muito inferior comparativamente à do polaco.

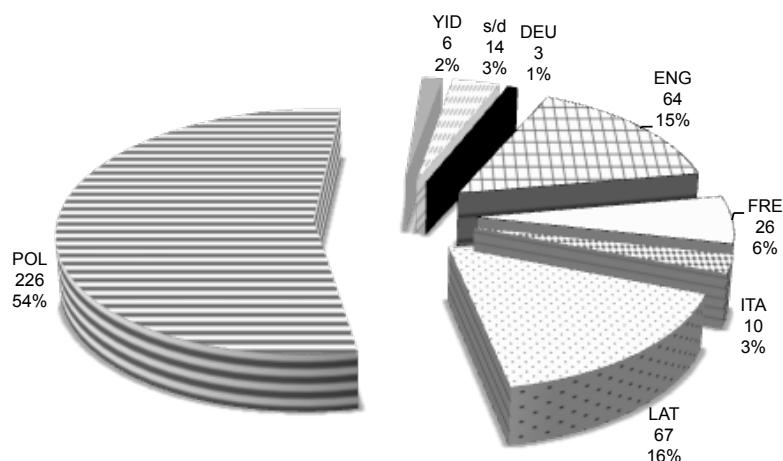


Figura 12 Distribuição sincrónica do catálogo: LP

A proporção dos TC baseados nos TP originalmente escritos em iídiche e alemão, na ordem de 2% e 1%, respectivamente, é ainda menos significativa. Acresce que no caso de 14 (3%) TC foi impossível identificar a LP.

Relativamente aos factores que contribuem para esta distribuição das LP, enquanto os TC baseados nos TP escritos originalmente em língua polaca constituem um conjunto muito diferenciado, tanto no que toca aos respectivos autores como às classes temáticas, os TC baseados nos TP escritos originalmente nas restantes línguas seguem um padrão comum: cada LP prende-se maioritariamente com uma classificação temática e um só autor. A esta luz:

- todos os TP do catálogo escritos originalmente em iídiche são textos literários da autoria de Isaac Bashevis Singer;
- todos os TP do catálogo escritos originalmente em alemão são textos filosóficos da autoria de Roman Ingarden;
- a maioria (60%) dos TP do catálogo escritos originalmente em inglês são textos literários da autoria de Joseph Conrad (Józef Teodor Konrad Korzeniowski).
- a maioria dos TP do catálogo escritos originalmente em latim e em italiano (97% e 60%, respectivamente) é de carácter religioso e da autoria de João Paulo II (Karol Wojtyła).

Esta regularidade permite corroborar a hipótese avançada por Casanova (2004), de acordo com a qual o capital literário não se encontra distribuído equitativamente, sendo possível identificar línguas que possuem alto capital em determinados domínios.

No que se refere à distribuição cronológica das LP, a análise permite identificar o polaco como a língua dominante. Mais concretamente, verifica-se que a língua polaca não só está presente em quase todas as décadas que registam traduções inventariadas no catálogo (exceptuando os anos 1751-1760, 1821-1830, 1841-1850 e 1871-1880) como também prevalece em quase todas as décadas em que surge (salvo os anos 1981-1990 e 1991-2000, em que é ultrapassada pelo latim). Apesar da dominância cronológica do polaco, a primeira tradução desta língua (CAT 004) surge em 1843, ou seja, noventa e sete anos depois da

tradução mais antiga constante do catálogo (1758). A primeira tradução de língua polaca é ainda precedida pela tradução de um libreto escrito originalmente em língua italiana (veja-se CAT 002), bem como pela tradução de um conto histórico sobre a rainha polaca Jadwiga escrito originalmente em língua francesa (veja-se CAT 003).

III 1. 5. 4 Classes temáticas

Os TC constantes do catálogo são divididos em oito classes, em conformidade com a Classificação Decimal Universal (CDU). Como se pode observar na Tabela 6, não foram contempladas as classes nº 0 e 4 da CDU (correspondentes às áreas designadas como “Generalidades” e “Classe Vaga”, respectivamente). Esta decisão prende-se com a ausência no presente catálogo de exemplares bibliográficos classificados nestas categorias pelas fontes consultadas.

Tabela 6 Classificação temática dos TC

Número	Classe principal
1	Filosofia. Psicologia
2	Religião. Teologia
3	Ciências Sociais
5	Matemática e Ciências Naturais
6	Ciências Aplicadas. Medicina.
7	Arte. Belas-artes. Lazer. Música. Jogos. Desporto
8	Linguagem. Linguística. Literatura
9	Geografia. Biografia. História

A distribuição quantitativa das classes contempladas no catálogo está representada na Figura 13. Como é possível observar, a maior parte dos TC (253, i.e., 61% do total das entradas) pertence à classe designada como “Linguagem. Linguística. Literatura”. A segunda classe com o maior número de TC é a designada “Religião. Teologia” (89, 21%), seguida por “Ciências Sociais” (38, 9%). O número de TC inventariados nas cinco restantes classes é consideravelmente mais reduzido, sendo o peso de cada classe igual ou inferior a 3 %. Em suma, os TC inventariados nestas cinco classes não ultrapassam 9% do catálogo. A classe “Linguagem. Linguística. Literatura” predomina também em termos diacrónicos: os TC de cariz literário não só estão presentes em virtualmente todas as décadas que registam traduções inventariadas no catálogo (à excepção dos anos 1751-1760) mas também prevalecem em quase todas as décadas em que estão presentes.

O único período em que não se assiste à supremacia desta classe são as décadas de 1980 e 1990, em que os TC de cariz literário são superados pelos catalogados como “Religião. Teologia”. A esmagadora maioria dos TC pertencentes a esta última classe foi publicada nestas duas décadas, apesar de o primeiro TC de cariz religioso (que, simultaneamente constitui o TC mais antigo do catálogo) surgir já em meados do século XVIII.

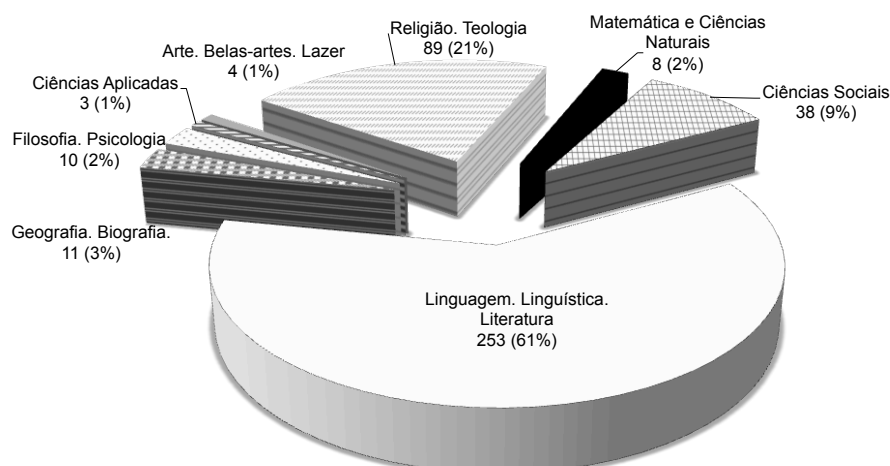


Figura 13 Distribuição sincrónica do catálogo: classificação temática

O aparecimento prematuro de um TC sobre a temática religiosa poderá ser explicado, em parte, pela proximidade da doutrina religiosa, que constitui um denominador comum das duas culturas em análise (Cieszyńska e Franco 2008: 74, veja-se também CAPÍTULO II 3). Por sua vez, a abundância dos TC de temática religiosa nas duas últimas décadas do século XX estará relacionada com o pontificado de Karol Wojtyła, iniciado em 1978.

No que concerne à classe “Ciências Sociais”, o primeiro TC com esta classificação surgiu na década de 1850. Trata-se da tradução publicada em 1855 de uma obra originalmente composta em língua francesa por Jan Czyński, activista político polaco de origem judaica exilado em França. Contudo, esta publicação não resultou numa importação acelerada de textos com classificação temática análoga. Bem pelo contrário, o único período em que se verifica um incremento significativo dos TC catalogados nesta classe ocorre mais do que um século depois, i.e., na década de 1970. Ao que tudo indica, este aumento terá as suas origens no plano ideológico tanto em Portugal como na Polónia. Por um lado, a queda do regime de Salazar e a subsequente mudança ideológica vivida no Portugal do pós 25 de Abril permitiu uma abertura a correntes ideológicas oriundas dos países do chamado Bloco de Leste. Por outro, este interesse pela Polónia - na década de 1970 ainda satélite da USSR - despertado em Portugal foi reforçado pelo gradual aparecimento de fortes movimentos de oposição ao comunismo que, por seu turno, contribuiu para o surgimento de notáveis movimentos sindicalistas polacos na década de 1980 (veja-se II 1. 4).

De referir que as explicações dos padrões observados na importação de textos pertencentes às classes “Religião. Teologia” e “Ciências Sociais” coadunam-se com as propostas teóricas de Pym (1998), que defende que as causas subjacentes à ocorrência de traduções poderão ser latentes não só no sistema de chegada, mas também no sistema de partida ou num sistema mais vasto que inclua tanto o sistema receptor como o sistema emissor.

No que diz respeito às restantes cinco classes, estas encontram-se consideravelmente dispersas em termos diacrónicos, tornando impossível a identificação de uma regularidade na distribuição cronológica de cada classe individual. Contudo, é possível apurar a existência de um padrão comum: a maioria dos TC pertencentes a estas classes foi publicada dos anos

1940 em diante. Este facto, por sua vez, significa que a partir da década de 1940 assiste-se à maior diversificação temática dos TC referenciados nos catálogos. No enalço de Heilbron (1999) (de acordo com o qual a variedade temática das traduções realizadas a partir de uma língua aumenta na medida em que a sua centralidade no sistema mundial de traduções cresce), o padrão acima descrito permite propor que, a partir da década de 1940, a língua polaca passa a ocupar uma posição mais central (i.e., torna-se menos periférica).

CAPÍTULO III 2

SELECÇÃO DO CORPUS

Este tem por objectivo dar conta de várias decisões tomadas aquando da segunda etapa de constituição do *corpus*, que consistiu na selecção, a partir do catálogo compilado na etapa anterior, dos textos em que incidirá a maior parte da análise a realizar. Mais concretamente, explica-se o raciocínio que precedeu a concepção do *corpus*, expõem-se e fundamentam-se os critérios subjacentes à sua selecção, bem como se apresentam e se problematizam as definições operativas aplicadas durante a selecção dos textos. Por fim, apresentam-se as dimensões do *corpus*. Com isto pretende-se, mais uma vez, obter a maior transparência e replicabilidade possível, tornando os dados recuperáveis por estudos futuros e criando espaço a uma validação futura. De referir que o *corpus* resultante do processo da selecção abaixo descrito encontra-se disponível em formato digital no CD-ROM que acompanha a presente tese. A versão impressa, mais resumida e com alterações resultantes da alteração do suporte, encontra-se no ANEXO B CORPUS.

III 2. 1 Considerações iniciais

Como avança Pym, “the movement from catalogues to corpora (...) recognizes that although archeological data are found, history has to be molded. Catalogues alone do not produce good historical knowledge” (1998:42). A luz desta constatação, procurando contribuir para a história da prática da tradução da literatura polaca publicada em Portugal, torna-se necessário criar um *corpus* sobre o qual incidirá a maior parte da análise a efectuar. Retomando as propostas de Pym, o *corpus* será definido como “a list of translations drawn up according to strictly controlled criteria” (1998: 42).

No que diz respeito à composição do *corpus*, impõe-se clarificar que, contrariamente ao que acontece nos estudos que recuperam as propostas da linguística moderna, o *corpus* aqui apresentado não é composto por “a collection of authentic texts held in electronic form” (Laviosa 2010: 80). Antes, o *corpus* é constituído por um conjunto de dados contextuais descritivos dos textos seleccionados. Trata-se, portanto, não de um conjunto de *textos* mas sim de um conjunto de *dados* que a eles dizem respeito. A opção por este tipo de *corpus* prende-se com o tipo de investigação realizada, focada não na história interna da tradução, i.e., “the kind of history to be construed from text”, mas sim na história externa da tradução, i.e., “the kind of history to be constructed from context” (Koster 2002: 24). Como referido no CAPÍTULO III 1, o *corpus*, ao integrar os dados respeitantes a TC em que incidirá a maior parte da análise a realizar, representa o objecto de estudo propriamente dito.

Uma vez que, desde o início, o objecto de estudo foi definido como “traduções de literatura polaca produzidas em português europeu e publicadas em Portugal em volume”, foi tomada a decisão de circunscrever o *corpus* a dados referentes a traduções para português europeu a partir de textos literários escritos originalmente em língua polaca e publicados em Portugal

em forma de livro entre 1855 e 2010. Para tornar mais claro o processo da delimitação do *corpus*, no texto que se segue serão expostos e fundamentados os critérios de selecção aplicados.

III 2. 2 Critérios de selecção

III 2. 2. 1 Apresentação

Como se torna óbvio pela formulação acima referida, com vista à delimitação do *corpus*, às restrições aplicadas aquando da compilação do catálogo acrescentaram-se novas, expostas na Tabela 7.

Da tabela torna-se explícito que, relativamente aos TC, o *corpus* foi confinado não só a limites aplicados anteriormente aquando da compilação do catálogo e relativos a:

- LC (i.e., incluíram-se apenas traduções para português europeu e excluíram-se as traduções para português extra-europeu, e.g., o do Brasil, de Angola, etc.) e
- meio (i.e., incluíram-se apenas traduções orientadas para publicação e não para teatro ou TV),

mas também aos relativos a:

- local de publicação (i.e., incluíram-se apenas traduções publicadas em Portugal, e excluíram as publicadas no estrangeiro, e.g., na Polónia, França, etc.);
- data de publicação (i.e., incluíram-se apenas traduções publicadas entre 1855 e 2010, ou seja, entre a data da primeira publicação que preenche os critérios estabelecidos e a data em que foi terminado o levantamento de dados);

Tabela 7 Restrições impostas ao catálogo versus restrições impostas ao *corpus*

		Existência de restrições	
Critério		Catálogo	<i>Corpus</i>
TC	Local de publicação	Não	Sim
	Data de publicação	Não	Sim
	Classificação temática	Não	Sim
	Tipo de publicação	Não	Sim
	LC	Sim	Sim
	Suporte expressivo	Sim	Sim
TP	Proveniência do autor	Sim	Sim
	Local de publicação	Não	Não
	Data de publicação	Não	Não
	Classificação temática	Não	Não
	Tipo de publicação	Não	Não
	LP	Não	Sim

- classificação temática (i.e., incluíram-se apenas traduções classificadas como textos literários e excluíram-se os não literários, e.g., textos filosóficos, científicos, técnicos) e
- tipo de publicação (i.e., incluíram-se apenas traduções publicadas em volume e excluíram-se as publicadas em periódicos).

No que toca aos TP, o *corpus* foi circunscrito não só ao limite relativo a

- proveniência do autor (i.e., incluíram-se traduções de TP da autoria de escritores considerados polacos, de acordo com qualquer critério),

mas também ao relativo a

- LP (i.e., incluíram-se apenas traduções de TP originalmente compostos em língua polaca).

Contudo, à semelhança do que aconteceu durante a compilação do catálogo, aquando da selecção do *corpus*, no que diz respeito a TP não foram considerados limites relativos a:

- local de publicação (i.e., incluíram-se traduções tanto de TP publicados na Polónia, como dos publicados fora dela, e.g., em França, Inglaterra ou quando a Polónia deixou de existir como Estado soberano e desapareceu do mapa da Europa; isto permitiu contemplar os movimentos migratórios e as complexidades fronteiriças indissociáveis da história da literatura polaca – veja-se CAPÍTULO II 1;
- data da publicação (i.e., incluíram-se traduções de todos os TP publicados desde a invenção da imprensa até à data em que foi terminado o levantamento de dados, em 2010);
- classificação temática (i.e., incluíram-se tanto traduções de TP literários como não literários, e.g., textos filosóficos, científicos, técnicos, etc.);
- tipo de publicação (i.e., incluíram-se traduções de TP em manuscrito, em formato de *samizdat*, publicados em volume ou em periódico, entre outros).

III 2. 2. 2 Fundamentação

Após a apresentação dos critérios aplicados na selecção do *corpus*, torna-se necessário proceder à sua fundamentação. Enquanto as restrições aplicadas também aquando da compilação do catálogo (i.e., as relativas à LC, ao meio da tradução e à proveniência do autor do TP) se encontram fundamentadas no X, as restantes encontram-se justificadas nos subsequentes subcapítulos.

III 2. 2. 2 1 Local de publicação dos TC

A limitação do *corpus* aos TC publicados somente em Portugal deveu-se a dois factores. O primeiro assenta na presunção de que, embora sejam fortemente interligados, os mercados editoriais nacionais de vários países regem-se por dinâmicas próprias e estão sujeitos a influências económicas, históricas, políticas, ideológicas e culturais distintas. A esta luz, a inclusão de TC publicados noutros países conduziria à introdução de novas variáveis consideradas, para efeitos da presente investigação, como não pertinentes. A segunda razão

prende-se com a impossibilidade de realizar uma pesquisa aprofundada fora de Portugal, que se mostrava indispensável para a consulta física dos textos e a obtenção dos dados relativos aos mesmos.

III 2. 2. 2 2 Classificação temática dos TC

A limitação do *corpus* aos TC classificados como literatura foi motivada por duas razões. A primeira, de carácter metodológico, parte do pressuposto de que as traduções de literatura obedecem a mecanismos de importação e a estratégias de publicação diferentes daqueles a que são sujeitas traduções de textos com outra classificação temática. A inclusão dos TC não literários resultaria, portanto, no aumento do número de parâmetros a ter em conta, o que se mostrou inexequível considerando os limites temporais deste estudo.

A segunda razão é de carácter teórico. Como avança Delabastita, graças à complexidade da linguagem literária, a tradução de literatura apresenta-se como

an ultimate testing ground for the validity and relevance of any translation theory or set of descriptive parameters. According to this argument, if a theory about (say) metaphor translation is equal to dealing with Shakespeare and Shakespearean translations, one may assume it can be applied successfully to any other kind of text as well. (Delabastita 2010: 201)

Por analogia, se um conjunto de parâmetros descritivos se mostrar aplicável aquando da análise de traduções de literatura, parece legítimo assumir que este mesmo conjunto será igualmente aplicável aquando da análise da tradução de outro tipo de textos.

III 2. 2. 2 3 Tipo de publicação dos TC

A limitação do *corpus* aos TC publicados em forma de livro (e não em periódico) justifica-se por duas razões. A primeira prende-se com questões práticas. Atendendo às dificuldades na identificação e localização das traduções de língua polaca publicadas em periódico (que raramente surgem referenciadas nas fontes activas consultadas), parece altamente provável que existam vários TC publicados na imprensa periódica mas não inventariados no catálogo compilado. Atendendo a este facto, para assegurar a maior representatividade possível, optou-se pela limitação do *corpus* unicamente a TC publicados em volume.

A segunda razão, de ordem teórica, é baseada na argumentação de Edgerton, de acordo com o qual: “the popular reception of an author can be judged more accurately by the publication of his works in book form than by their single appearance in periodicals” (Edgerton 1963:62, *apud* Boulogne 2008: 7). Por outras palavras, considerou-se, para efeitos da presente investigação que a publicação em volume tem maior capacidade de reflectir a presença de um autor traduzido no panorama editorial da cultura receptora do que a sua publicação isolada em periódico.⁵⁵

⁵⁵ Contudo, existem contra-argumentos: se considerarmos como índice de êxito de um autor o número de leitores que o lêem, a publicação em folhetim tem quase sempre mais leitores que a em livro.

III 2. 2. 2 4 Data de publicação dos TC

Os limites cronológicos impostos aos TC do *corpus* foram definidos, por um lado, pela data da publicação da tradução mais antiga que preenche os requisitos estabelecidos (1855) e, por outro, pela data da conclusão da recolha de dados bibliográficos (2010). Deste modo, o limite temporal passou a abranger um período de 155 anos, marcado pelas profundas mudanças ideológicas e culturais ocorridas tanto na cultura portuguesa de chegada como na cultura polaca de partida (veja-se PARTE II).

III 2. 2. 2 5 LP

A limitação do *corpus* aos TP em língua polaca significa que, para fins da presente investigação, é considerada como literatura polaca unicamente a escrita originariamente em língua polaca. Esta abordagem pode ser encarada como altamente redutora e excessivamente simplista, já que pressupõe monolinguismo das culturas e associa uma nação exclusivamente a uma língua. Isto é especialmente verdade à luz da proposta de Lambert (1991), que sugere que, em vez de falar da literatura *de* um país se fale da literatura *num* país⁵⁶, mas no caso da presente investigação esta abordagem justifica-se plenamente pelas razões que a seguir se apresentam.

A primeira razão, de carácter teórico, é baseada na presunção de que a língua original em que determinada obra é escrita pode ser indicadora do sistema literário ao qual ela pertence. Esta presunção é inspirada na seguinte argumentação:

to write in a language which belongs to the country of exile not only indicates that the author could no longer preserve his/her position in the original literary field because of his/her exile, but mostly reveals his/her aspiration to build a new position for him-/herself in a foreign literary field, that is, the new system of aesthetic positions which will define him/her from now on. (Popa 2006: 211)

Importa sublinhar que a mesma presunção é preconizada, embora com algumas reservas, pelas principais correntes da crítica literária polaca actual. Sirvam de exemplo duas citações abaixo apresentadas:

Wybór języka jest w tym przypadku decydujący (...). Oznacza przynależność do [...] danej kultury. [Z]a pisarzy polskich trzeba uznać wszystkich, którzy ten język wybrali i w nim się wypowiadali. (Dąbrowski 2006: 9, *aspas no original*);⁵⁷

Writers as well as critics (...) postulated the congenital unity of Polish literature: a national literature is formed by a people's language and cultural heritage, regardless of the territory where a writer lives (Filipowicz 1989: 160).

A segunda razão, de carácter metodológico, baseia-se no pressuposto de que a importação, por uma CC, de um texto escrito em dada LP depende grandemente do lugar que esta LP ocupa no sistema mundial de tradução (Heilbron 1999, veja-se I 3. 2. 1). De acordo com este

⁵⁶ Lambert (1991: 141) promove, a título exemplificativo, o uso da designação “literatura *em* França”, “literatura *na* Alemanha”, etc., por oposição à expressão “literatura francesa”, “literatura alemã”, etc. Por analogia, seguindo os conselhos de Lambert, ao invés de falar de literatura *polaca*, dever-se-á falar de literatura *na* Polónia.

⁵⁷ “[a] escolha da língua é neste caso decisiva (...). Significa a pertença à [...] dada cultura. (...) Como escritores polacos deve-se considerar todos os que escolheram esta língua e nela se exprimem”.

princípio, considera-se que TP escritos por autores polacos em línguas centrais (e.g.: francês, inglês) regem-se por critérios de inclusão diferentes daqueles pelos quais se regem os TP escritos por autores polacos mas em língua polaca (i.e., língua periférica). A inclusão dos TP escritos em língua diferente do polaco exigiria, portanto, a introdução de novos parâmetros a ter em conta, considerados irrelevantes para o presente estudo.

A terceira razão, de carácter prático, está relacionada com a competência linguística da investigadora (nativa da língua polaca) e com a impossibilidade de recolher e processar, em tempo útil, dados mais específicos referentes aos TP em outras línguas. Embora se reconheça a fragilidade deste argumento, ele revelou-se decisivo para assegurar a exequibilidade do projecto.

III 2. 3 Definições operativas

A selecção do *corpus* a partir do catálogo implicou a formulação de uma série de definições operativas referentes aos termos “tradução”, “literatura”, “livro” e “publicação em Portugal”. Para este fim, partiu-se da aplicação das chamadas definições iniciais (“starting definitions”, veja-se Pym 1998: 55) que foram sujeitas a contínuas reformulações conforme os casos-limite surgidos aquando da selecção dos textos a analisar. Estas reformulações deram origem às chamadas definições estáveis (“stable definitions”, Pym 1998: 55). Por outras palavras, aceitaram-se as consequências da afirmação abaixo citada:

common sense might suggest that problems involving definitions should be solved prior to the actual compiling of lists (...). In practice, though, most of the serious problems with definitions crop up in the course of actual empirical work (...). We cannot foresee all the borderline cases that will have to be decided one way or the other, and the very nature of the material often alters the terms of any starting definition. Stable definitions, thus, tend to be formulated toward the end of work on corpora (Pym 1998: 55).

As definições iniciais e as respectivas definições estáveis aplicadas durante a selecção do *corpus* são clarificadas nos subcapítulos III 2. 3. 1, III 2. 3. 2, III 2. 3. 3 e III 2. 3. 4.

III 2. 3. 1 Tradução

III 2. 3. 1 1 Definição inicial

Uma vez que a presente investigação adere de perto ao paradigma de EDT (veja-se CAPÍTULO I 1), inicialmente recorreu-se à definição de “alegada tradução” (“assumed translation”) proposta por Toury (1995). Mais concretamente, considerou-se como tradução “all utterances which are presented or regarded as such within the target culture, on no matter what grounds”(Toury 1995: 32). Dito de outro modo, considerou-se como tradução qualquer texto apresentado ou recebido como tal pela CC.

III 2. 3. 1 2 Problematização

A supracitada definição touriana apresenta várias vantagens para a presente investigação. Por um lado, por ser eminentemente relativista, substitui definições apriorísticas pelas autodefinições próprias da CC. Por outro, por ser excepcionalmente inclusiva, permite

abarcam não só textos designados como tradução mas também os apresentados como versão livre, adaptação, resumo, etc..

Todavia, a definição em questão suscita também alguns problemas, nomeadamente a sua arbitrariedade. Como argumenta Halverson (2004: 347), “not every person in the culture is in a position to make identifying claims about translations that will be immediately or non-controversially accepted by the other members of that culture”. Para além disso, como avança Halverson (347), afirmações que identificam (ou não) um texto como tradução estão sempre sujeitas a futuras contestações. O segundo problema deve-se à inexistência de uma indicação explícita que permitisse distinguir a tradução da não-tradução. Dito de outro modo, como constata Pym, “Toury doesn’t really tell us how to prove a text is *not* a translation” (1998: 61, *itálicos no original*).

Devido a estes problemas, a aplicação da definição inicial resultou na proliferação de vários casos-limite que, seguindo a tipologia estabelecida em Pym (1998: 60-61), podem ser agrupados em duas categorias. A primeira categoria abrange os chamados pseudo-originais (“pseudo-originals”, também designados por “unmarked translations”), ou seja “translated texts falsely presented and received as originals” (Pym 1998: 60). A segunda inclui “traduções não explicitamente marcadas” (“weakly marked translations”, veja-se Pym 1998: 60) ou seja textos que sofreram “so many transformations that they can hardly be considered translations of antecedent texts” (Rizzi 2008: 155).

No que toca a casos-limite acolhidos na categoria de pseudo-originais, sirva de exemplo o texto *Hedwiges, Rainha da Polónia*, datado de 1843 e publicado anonimamente no periódico *Universo Pittoresco* (CAT 003). A ausência (no *peri* e *epitexto*), da designação “tradução” (ou de qualquer outra palavra pertencente ao mesmo campo semântico), bem como de qualquer referência a autor ou potencial TP permite concluir que o texto foi apresentado à (e recebido praticamente unanimemente pela) cultura portuguesa de chegada como acto discursivo original. A pretensão de originalidade foi contestada por Milewska (1991: 92) (através de uma análise comparativa com o texto *Jadwiga* publicado em 1836 por Olimpia Chodźko) somente 148 anos após a data da publicação do texto português i.e., quando este já não se encontrava em circulação. Por conseguinte, tornou-se imperativo indagar: será que um texto que durante a sua circulação na CC foi apresentado e recebido como discurso original pode ser considerado como tradução apenas por demonstrar semelhanças interculturais com um texto já existente em língua diferente da LC?

No que concerne a casos-limite agrupados na categoria de traduções não explicitamente marcadas, sirva de exemplo o texto intitulado *Argumento “Quo Vadis?”. O mais brilhante sucesso cinematográfico da actualidade*, datado de 1913 e publicado anonimamente pela Empresa da Biblioteca d'Educação Nacional (CAT 065). Trata-se do argumento de uma adaptação cinematográfica baseada no romance *Quo Vadis?* de Sienkiewicz, realizada pelo italiano Enrico Guazzoni em 1912 e exibida em Portugal um ano depois. A análise comparativa entre o texto em discussão e o romance polaco original revelou que o primeiro sofreu alterações drásticas de elementos narrativos (enredo, personagens, lugar e tempo de acção).

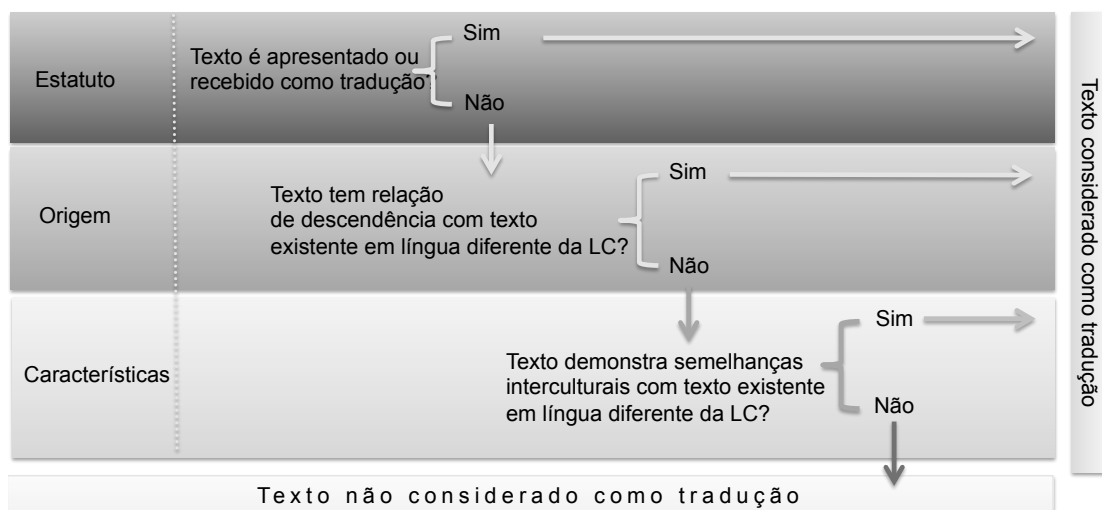


Figura 14 Esquema de possíveis articulações entre três dimensões da realidade discursiva (tradução e adaptação do modelo de Delabastita 2008)

Para além disso, a ausência no peri e epitexto da designação “tradução”, bem como de qualquer referência explícita ao autor ou ao romance polacos sugerem que o texto em discussão foi, de facto, apresentado à (e recebido pela) cultura portuguesa de chegada como discurso original. Por conseguinte, impôs-se inquirir: será que um texto apresentado e recebido pela CC como discurso original pode ser considerado como tradução só por ter uma relação de descendência remota com um texto existente em língua diferente da LC?

Visto que a definição proposta por Toury (1995), por muito relativista e inclusiva que seja, se mostrou inadequada para lidar com os casos-limite acima expostos, tornou-se necessário reformulá-la. Para este fim, recorreu-se ao modelo triádico desenvolvido por Delabastita (2008). Ao revisitar o conceito touriano (1995) de “tradução alegada” (“*assumed translation*”), Delabastita procura atribuir-lhe uns contornos ainda mais absolutos e torná-lo ainda mais inclusivo. Com este intuito, propõe o seguinte:

[s]cholars have to make a radical analytical distinction between three dimensions of discursive reality: the *status* of discursive phenomena (what they are claimed or believed to be in a given cultural community), their *origin* (the real history of their genesis, as revealed by a chronologically oriented reconstruction) and their *features* (as revealed by a synchronic analysis, probably involving comparisons). (Delabastita 2008: 235, *itálicos no original*)

Importa esclarecer que a proposta é aplicável a todos os fenómenos discursivos, englobando tanto o discurso original como a tradução. A supracitada disjunção analítica das três dimensões de um fenómeno discursivo (estatuto, génese, características) permite conceber todo o tipo de relações que se podem estabelecer entre elas. Por outras palavras, à luz da proposta de Delabastita (2008), para cada TP é possível projectar um leque variado de traduções. A Figura 14 esquematiza estas diferentes possibilidades de articulação.

Como se torna evidente, à luz do modelo de Delabastita, para ser considerado como tradução, um texto necessita preencher apenas um dos três critérios: (i) ser apresentado ou recebido como tradução na CC (Delabastita designa este critério por estatuto), (ii) possuir uma relação de descendência com um texto existente em língua diferente da LC (génese),

ou (iii) demonstrar semelhanças interculturais com um texto já existente em língua diferente da LC, por exemplo no que toca a técnicas narrativas, densidade e variedade lexical, complexidade gramatical, pontuação, uso de estrangeirismos e figuras retóricas, extensão, organização e segmentação do texto (Delabastita 2008: 241) (características). Paralelamente, se nenhum dos critérios é cumprido, o texto não deve ser considerado como tradução.

III 2. 3. 1 3 Definição estável

A reformulação da definição inicial de tradução conforme o modelo de Delabastita (2008) conduziu à seguinte definição estável: para fins do presente estudo, um texto será considerado como tradução se pelo menos um dos três elementos – o seu estatuto, a sua génese ou as suas características – aponta para uma possível relação com um texto antecedente existente em língua diferente da LC.

A aplicação da definição estável permitiu considerar os casos-limite acima expostos como tradução. Mais concretamente, apesar de não serem apresentados como tradução e de não tornarem explícita a sua descendência de texto existente em língua diferente da LC, os pseudo-originais foram considerados, para efeitos da presente investigação, como traduções, por partilharem manifestas semelhanças interculturais com os respectivos TP. De igual modo, apesar de não serem apresentados e recebidos como tradução e de não demonstrarem manifestas semelhanças interculturais com os respectivos TP, as traduções não explicitamente marcadas são, para efeitos da presente investigação, consideradas como traduções, porque têm uma relação de descendência com os textos existente em língua diferente da LC.

III 2. 3. 2 Livro

III 2. 3. 2 1 Definição inicial

Seguindo o exemplo do projecto *Intercultural literature 1930-2000: A critical bibliography*, com o qual o presente estudo demonstra afinidades metodológicas, inicialmente considerou-se como livro todas as publicações não periódicas (CECC e CEAUL 2009: “Projecto”). Por outras palavras, a abordagem utilizada na identificação do livro consistiu no confronto com outro tipo de publicação e teve em conta a frequência da publicação. De referir que esta abordagem parece recorrente nos ET, sendo utilizada, mais ou menos explicitamente, e.g., por Sapiro (2008); Van Bragt, D'hulst e Lambert (1995), entre outros.

III 2. 3. 2 2 Problematização

Embora se tenha mostrado útil na análise da maior parte dos casos considerados, esta definição depressa se revelou inadequada para considerar os casos-limite que não se enquadravam na distinção binária estabelecida (publicação em livro *versus* publicação em periódico). Estes casos podem ser agrupados em duas categorias distintas: textos dactilografados ou policopiados (e.g.: CAT 244) e publicações em *braille* (e.g.: CAT 209).

Para superar os problemas surgidos aquando do emprego da definição inicial do livro, considerou-se necessário recorrer a outras definições vigentes na cultura portuguesa de chegada, resultantes da utilização de um leque variado de abordagens.

No que diz respeito à abordagem jurídica, esta parece colocar o foco central na comercialização do livro no mercado editorial. Sirva de exemplo uma definição constante do *Diário da República*, que identifica o livro da seguinte maneira:

toda a obra impressa em vários exemplares, destinada a ser comercializada, contendo letras, textos ou ilustrações visíveis, constituída por páginas, formando um volume unitário, autónomo e devidamente encapado, destinada a ser efectivamente posta à disposição do público e comercializada e que não se confunda com uma revista. (Decreto-Lei nº 176/9 1996: cap. 1, art.º. 1)

Relativamente à abordagem estatística e bibliométrica, esta pode ser exemplificada através das definições propostas pela Agência Portuguesa ISBN (veja-se Furtado 1995) e pela UNESCO (1985). De acordo com estas duas definições, para ser classificada como livro, uma publicação deve conter um número mínimo de páginas. Todavia, ao que tudo indica, não foi atingido um consenso relativamente a este número: enquanto a primeira entidade considera como livro uma publicação com mais de cinco páginas,⁵⁸ para a segunda o limite mínimo será de 49, excluindo as capas e contracapas.⁵⁹

No que toca à abordagem académica, esta, em traços gerais, tende a definir o livro com base na sua finalidade e materialidade. Sirva de exemplo a definição constante do *Dicionário de livro*:

conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, cosidos ordenadamente e formando um bloco; obra científica ou literária que forma ou pode formar um volume; (...); documento impresso ou não impresso; transcrição do pensamento por uso de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição; o livro supõe um suporte, signos, um processo de inscrição, um significado; (...) integra-se num processo de criação, de reprodução, de distribuição, de conservação e de comunicação; (...) dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e a cultura. (Faria e Pericão 2008: 763)

Como se torna perceptível do confronto entre as abordagens acima expostas, apesar de não ser possível identificar uma definição consensual de livro, verifica-se certa complementaridade das definições acima citadas, sendo inclusive possível reconhecer vários pontos de sobreposição, especialmente no que toca à materialidade do livro e à sua disponibilização ao público geral.

III 2. 3. 2 3 Definição estável

Na ausência de uma definição consensual de livro, afigurou-se legítimo propor, para efeitos da presente investigação, uma definição estável que resultasse da ponderação dos elementos mais salientes nas abordagens referidas. A reformulação da definição inicial conduziu, conseqüentemente, à seguinte definição estável: para efeitos do presente estudo,

⁵⁸ A Agência Portuguesa ISBN identifica o livro como “toda a publicação não periódica, com um mínimo de 5 páginas e que esteja sujeita ao depósito legal” (Furtado 1995: 26).

⁵⁹ A UNESCO (1985: cap. 2, art.º 11a) identifica o livro como “a non-periodical publication of at least 49 pages exclusive of the cover pages, published in the country and made available to the public”.

considerar-se-á como livro qualquer tipo de publicação impressa não periódica disponível ao público geral, independentemente do número de páginas. Importa esclarecer que, seguindo as recomendações da UNESCO (1985), a presente investigação considera a publicação

- como não periódica se esta é publicada de uma só vez, ou com intervalos de tempo, em volumes, cujo número é determinado antecipadamente (UNESCO 1985: cap.1, art.º 3);
- como disponível ao público em geral se é possível obtê-la quer por aquisição que por distribuição sem pagamento (UNESCO 1985: cap.1, art.º 7);
- como impressa se esta resulta da reprodução por método da impressão mecânica através de papel e tinta (UNESCO 1985: cap.1, art.º 5);.

A aplicação desta definição estável resultou na exclusão não só de publicações periódicas, mas também na resolução dos casos-limite acima referidos. Mais concretamente, por serem considerados, para fins da presente investigação, como disponíveis ao público, textos dactilografados ou policopiados foram incluídos no *corpus*. Por seu turno, por não serem consideradas, para fins da presente investigação, como impressas, as publicações em braille não foram incluídas.

III 2. 3. 3 Publicação em Portugal

III 2. 3. 3 1 Definição inicial

De novo seguindo de perto o exemplo do projecto *Intercultural literature 1930-200: A critical bibliography*, inicialmente considerou-se como publicadas em Portugal todas as publicações que, no peri ou epitexto, indicam Portugal como local de publicação (CECC e CEAUL 2009: s.p.).

III 2. 3. 3 2 Problematização

A definição inicial depressa se revelou pouco adequada para lidar com vários casos analisados, principalmente porque, como demonstrado no III 1. 4. 4, no caso de uma parte significativa dos textos catalogados (12,3%) dados referentes ao local de publicação foram impossíveis de obter. Para superar os problemas levantados aquando da aplicação da definição inicial recorreu-se à definição preconizada pela UNESCO:

[a] publication is considered to be published in a particular country if the publisher has his registered office in the country (...), the place of printing or place of circulation here being irrelevant. (UNESCO 1985: cap.1, art.º 6)

A maior vantagem do recurso a esta definição prende-se com o facto de a atenção ser centrada no domicílio da casa editora, pelo que a falta de dados sobre o local de publicação deixou de constituir um obstáculo de vulto. Uma vez que, como demonstrado no III 1. 4. 4, dados referentes à identidade da editora foram obtidos para virtualmente todos (99,5%) os textos inventariados no catálogo, a distinção entre publicações publicadas em Portugal e no estrangeiro tornou-se possível também no caso das publicações para as quais os dados sobre local de publicação não estavam disponíveis.

III 2. 3. 3 3 Definição estável

A reformulação da definição inicial conforme as recomendações da UNESCO (1985) conduziu à seguinte definição estável: para efeitos da presente investigação considerar-se-á como publicada em Portugal qualquer publicação da responsabilidade de um editor domiciliado em Portugal, independentemente do local da impressão ou circulação.⁶⁰

A aplicação desta definição estável permitiu considerar como publicados em Portugal não só (a) textos em que o local de publicação é desconhecido, desde que a editora seja domiciliada em Portugal (CAT 170); mas também (b) textos em que a editora é domiciliada em Portugal mas a publicação é impressa no estrangeiro (CAT 321). Paralelamente, não foram consideradas como publicadas em Portugal publicações da responsabilidade de editoras não domiciliadas em Portugal, independentemente do seu local de circulação ou impressão (CAT 183, CAT 194).

III 2. 3. 4 Literatura

III 2. 3. 4 1 Definição inicial

De novo tendo como base a metodologia utilizada aquando da recolha de dados para o projecto *Intercultural literature 1930-200: A critical bibliography*, inicialmente recorreu-se à definição funcional de literatura proposta por Patterson, de acordo com o qual

a piece of writing is 'literature' not because it possesses certain characteristics that other pieces lack, but because its readers regard it – for a variety of reasons – as literature. (Patterson [1990] 1995: 26, itálico e aspas no original)

Por outras palavras, inicialmente adoptou-se o conceito de “alegada literatura”, definido, por analogia ao conceito de “tradução alegada” (“*assumed translation*”, veja-se Toury 2005), da seguinte forma: “literatura é tudo aquilo que os seus leitores consideraram como tal” (CECC e CEAUL 2009: “Projecto”).

III 2. 3. 4 2 Problematização

A definição inicial adoptada mostrou-se muito oportuna por várias razões. Em primeiro lugar, porque substitui as definições apriorísticas pelas auto-definições, próprias da CC. Em segundo, porque, sendo excepcionalmente inclusiva, permite abarcar não só textos tradicionalmente classificados como belas letras mas também os que cabem sob a designação genérica da literatura dita secundária ou, para utilizar a terminologia proposta em Aguiar e Silva (1993: 113-114), literatura menor, paraliteratura, infraliteratura, subliteratura, literatura de consumo, literatura de massa, literatura popular, literatura marginal, literatura *kitch*, etc. Finalmente, porque, aliada ao conceito de “tradução alegada” (“*assumed*

⁶⁰ A verificação da domiciliação das editoras foi possível graças ao recurso ao inventário de casas editoras em funcionamento em Portugal disponibilizado pela Associação Portuguesa de Editoras e Livreiros (APEL s.d.).

translation”), permite evitar a problemática distinção entre “tradução literária” e “tradução de textos literários.”⁶¹

Contudo, a definição funcional de literatura suscitou alguns problemas. O maior deve-se à sua arbitrariedade: enquanto a supracitada definição deixa claro que são os leitores quem decide se um texto deve (ou não) ser classificado como literatura, deixa em aberto qual o método de averiguação dos resultados desta classificação.

Para superar o problema surgido aquando da aplicação da definição inicial de literatura revelou-se pertinente recorrer, em primeiro lugar, aos conceitos de *peri* e *epitexto* propostos por Genette (1991) e, em segundo lugar, à CDU.

No que toca ao *peri* e *epitexto*, enquanto o primeiro fornece informação sobre o modo como um dado texto é apresentado aos leitores, é o segundo que revela informação sobre a forma como este texto é, na realidade, por eles recebido. Consequentemente, parece legítimo assumir que é o *epitexto* que serve de melhor indicador da recepção propriamente dita de um texto. Todavia, como argumentado em Špírk (2011: 92), “[i]n a *corpus* of texts which seems to be devoid of epitexts (...) one can still study the reception of the (translated) texts through their peritexts”. Por outras palavras, na ausência do *epitexto* (ou nos casos em que o *epitexto* fornece informação ambígua), é o *peritexto* que parece afigurar-se como segundo melhor indicador da recepção.

Relativamente à CDU, o recurso a esta classificação torna-se útil nos casos em que nem o *epitexto* nem o *peritexto* indicam explicitamente qual a recepção de um texto na CC. Mais concretamente, através do recurso à CDU é possível estabelecer se um dado subgénero pertence, ou não, a uma das subcategorias da classe designada “82 - Literatura”. De salientar que, enquanto textos identificados como crítica literária e ensaio pertencem a esta subcategoria, os identificados como biografia são inventariadas numa categoria diferente (a saber 929).

A hierarquia das fontes utilizadas para averiguar se o texto é (ou não) considerado pelos leitores como literário encontra-se apresentada na Figura 15. Como se torna patente, no esquema hierárquico proposto a primazia é dada à informação extraída do *epitexto*, sendo o *peritexto* e a CDU considerados como fontes de informação secundárias. No seguimento desta hierarquia, o texto é considerado como literário se é explicitamente identificado como tal no *epitexto*. Nos casos em que o *epitexto* identifica o texto como não literário, este não é considerado como literatura para fins do presente projecto. Contudo, se o *epitexto* não está disponível ou se a informação oriunda do *epitexto* é ambígua, torna-se imprescindível recorrer ao *peritexto*.

⁶¹ Toury distingue entre (a) tradução de texto literário, entendida como “translation of texts which are regarded as literary in the *source culture*”, e (b) tradução literária, definida como “translation of a text – in principle, any text, of any type whatsoever, in such a way that the product is acceptable as literary text in the *recipient culture*” ([1995] 2012: 199, *italics* no original). À luz desta distinção, a designação “tradução de texto literário” poderá incluir, e.g., tradução literal, para fins pedagógicos ou filológicos, de um poema. A designação “tradução literária” poderá englobar, por sua vez, uma tradução de um texto entendido pela CP como religioso ou científico mas aceite pela CC como literário.

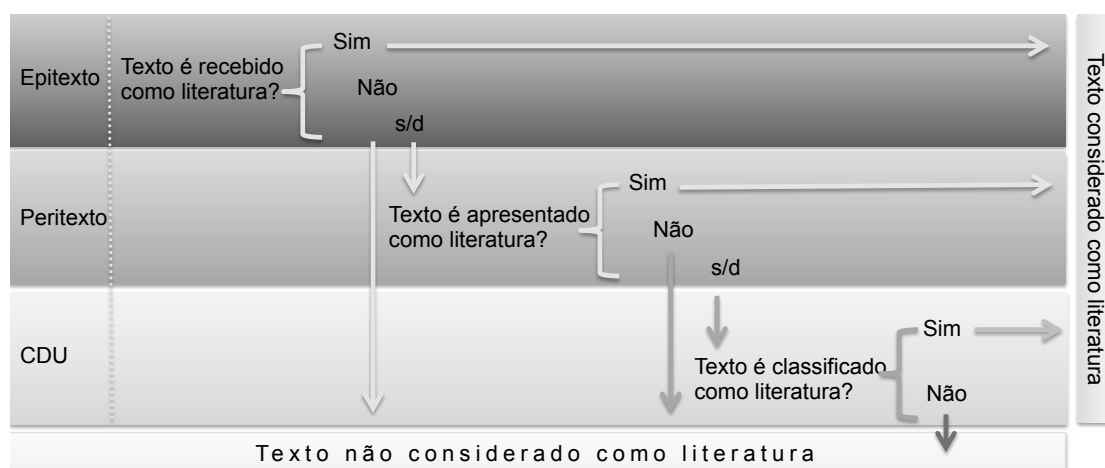


Figura 15 Hierarquia das fontes usadas na verificação da recepção de um TC junto dos leitores

Se, por sua vez, o peritexto explicitamente identifica o texto como literário, este é entendido como tal para fins da presente investigação. No caso da indicação contrária, o texto é considerado como não literário. Todavia, no caso de ambiguidade (em que a informação peritextual não é conclusiva), torna-se necessário recorrer à classificação da CDU. Se, nas tabelas da CDU, o texto cabe dentro de uma das subcategorias da classe “82-literatura”, é considerado como literário para efeitos do presente estudo. Se nenhum destes requisitos for cumprido, o texto é considerado como não literatura.

III 2. 3. 4 3 Definição estável

A reformulação da definição inicial de literatura através do recurso aos conceitos de peri e epitexto, bem como à classificação da CDU conduziu à seguinte definição estável: para fins do presente estudo, um texto é considerado como literário se é explicitamente identificado como tal no epitexto; na ausência de (informação explícita no) epitexto, o texto é considerado como literário se é explicitamente apresentado como tal no respectivo peritexto; na ausência de informação explícita no peritexto, o texto é considerado como literário se é categorizado como tal na CDU.

A aplicação desta definição estável permitiu considerar como literatura

- textos explicitamente identificados como tal nos epitextos (e.g.: CAT 141);
- textos para os quais não foi possível identificar os epitextos, ou cujos epitextos fornecem informação ambígua, desde que explicitamente identificados como tal nos peritextos (e.g.: CAT 295);
- textos para os quais não foi possível identificar os epitextos, ou cujos epitextos fornecem informação ambígua, e cujos peritextos fornecem informação ambígua, desde que classificados como tal na CDU (e.g.: CAT 108).

III 2. 4 Organização dos dados

Tal como no caso do catálogo, os dados que constituem o *corpus* foram armazenados com o recurso ao programa Microsoft® Excel® for Mac 2008. A compilação do *corpus* em formato Excel implicou, portanto, a execução das mesmas tarefas que a compilação do catálogo, nomeadamente: (i) selecção das categorias de dados a compor cada entrada, (ii) criação de entradas e (iii) preenchimento de campos individuais com a informação recolhida. Nos capítulos que se seguem estas tarefas serão abordadas com mais pormenor.

III 2. 4. 1 Selecção das categorias a compor cada entrada

As categorias de dados a compor cada entrada do *corpus* foram seleccionadas em função das variáveis tidas como pertinentes para a análise que se seguirá na PARTE IV e escolhidas com base na relevância demonstrada em estudos anteriores. A Tabela 8 expõe as categorias de dados seleccionadas para o *corpus*, comparando-as com as seleccionadas para o catálogo.

A Tabela 8 demonstra que às categorias já existentes no catálogo foram acrescentadas outras quinze tidas como pertinentes para fins da análise. Mais concretamente no que toca ao TC, foram acrescentadas as seguintes categorias: fonte de informação referente ao ano, publicação do nome do tradutor, reedições, outras edições, designação do texto, (in)directude, língua de mediação, publicação do nome do autor, modo literário e género literário.⁶² No que diz respeito ao TP, foram acrescentadas as categorias que dizem respeito a ano, local de publicação, editora, modo literário e observações.

Adicionalmente, a tabela mostra que o *corpus* deixou de contemplar quatro categorias previstas no catálogo, concretamente classificação temática, tipo de publicação, LP e número de edição. A razão da eliminação destas categorias prende-se com o facto que estas se mostrarem redundantes face à delimitação imposta ao *corpus*. Contudo, apesar destes acréscimos e reduções, tal como se verifica no caso do catálogo, o número de categorias referentes a TC (21) é claramente superior ao referente a TP (7). À semelhança do que acontece no caso no catálogo, a supremacia no *corpus* das categorias referentes ao TC decorre do enquadramento teórico do presente estudo e reflecte à reorientação dos EDT a para a CC (veja-se CAPÍTULO I 1).

⁶² Relativamente ao termo (in)directude, veja-se I 4. 1. 1 2.

Tabela 8 Categorias de dados no catálogo versus categorias de dados no *corpus*

Categoria	
Catálogo	<i>Corpus</i>
Número	Número
Classificação temática CDU	---
Ano	Ano
---	Fonte de informação referente ao ano
Título	Título
Nome do tradutor	Nome do tradutor
Tipo de publicação (volume, periódico, manuscrito)	---
---	Publicação do nome do tradutor
Local de publicação	Local de publicação
Editora / Periódico	Editora
Colecção	Colecção
Número de edição	---
TC	---
	Novas edições
	Outras edições
	Designação do texto
	(In)directude
	Língua de mediação
	Publicação do nome do autor
	Modo literário
	Género literário
	Fortuna crítica
Fortuna crítica	Fortuna crítica
Cotas	Cotas
Referências	Referências
Observações	Observações
Autor	Autor
Título	Título
Língua	---
---	Ano
TP	Local
	Editora
	Modo literário
	Observações

III 2. 4. 2 Criação e ordenação das entradas

A criação das entradas do *corpus* foi guiada pelos mesmos princípios que a criação das entradas do catálogo, com uma excepção: para facilitar a quantificação dos dados, as primeiras edições e as respectivas novas edições ou outras edições (veja-se III 1. 4) foram agrupadas dentro da mesma entrada. Por outras palavras, contrariamente ao que acontece no caso do catálogo, em que as novas edições e outras edições dão origem a novas entradas, no *corpus* as novas edições e outras edições integram a entrada da respectiva primeira edição.

No que se refere à ordenação das entradas no *corpus*, esta foi guiada pelos mesmos critérios que a ordenação de entradas no catálogo. Por outras palavras, como primeiro

critério seguiu-se a ordenação cronológica (de acordo com o ano da publicação do TC) e como segundo a ordenação alfabética (de acordo com o título do TC, em primeiro lugar e de acordo com o nome do tradutor, em segundo lugar).

III 2. 4. 3 Preenchimento de campos individuais

À semelhança do que acontece no caso do catálogo, a apresentação dos dados dentro de cada campo do *corpus* foi baseada na informação extraída do peri e epitexto, seguindo, com alterações pontuais, as regras de catalogação preconizadas em *Descrição bibliográfica normalizada para as publicações monográficas* (IFLA 2002). Para a descrição pormenorizada das regras aplicadas na apresentação de dados em cada campo veja-se ANEXO B CORPUS.

III 2. 4. 4 Dimensão do *corpus*

No que toca à sua dimensão, após a aplicação das definições estáveis e da ponderação das variáveis a ter em conta, o *corpus* passou a contemplar um total de 3.192 campos pertencentes a 113 entradas dispersas por 28 colunas distintas. Convém clarificar que

- o número de campos resulta da multiplicação do número de entradas pelo número de colunas;
- o número de entradas representa o número de TC referenciados no *corpus*;
- o número de colunas corresponde ao número de categorias de informação concebidas (veja-se Tabela 8).

A Tabela 9 sumariza a dimensão do *corpus*, contrastando-a com a do catálogo. Como é possível notar, o número de entradas do *corpus* (113) é nitidamente inferior ao do catálogo (416). Por sua vez, o número de colunas aumentou de modo significativo comparativamente com o catálogo (de 17 para 28). Relativamente às razões para estas alterações, o decréscimo no número de entradas constitui uma consequência directa da delimitação do *corpus* e prende-se com a aplicação de critérios de selecção de textos mais restritivos do que os usados aquando da compilação do catálogo.

O aumento no número de colunas, por sua vez, prende-se com a aspiração a um aprofundamento da análise a realizar, que implicou a introdução de novas variáveis não contempladas no catálogo mas tidas como relevantes para o estudo do *corpus*. Este *corpus*, contendo dados respectivos a 113 TC (ou 151 se contar com as subseqüentes reedições e outras edições), pode ser apontado como reduzido face a *corpora* de dados contextuais analisados no âmbito de estudos focados em LC centrais e várias direcções de tradução (e.g.: Sapiro 2008; Torres 2004).⁶³

⁶³ O *corpus* analisado em Torres (2004) inclui referências a 193 traduções de romances brasileiros publicados em França entre 1896 e 1998. O *corpus* recolhido por Bokobza (2008) inclui 7.367 traduções de italiano publicadas em França entre 1980 e 2002.

Tabela 9 Dimensão do *corpus* versus dimensão do catálogo

	Número de entradas (TC)	Número de colunas (categorias)	Número de campos
<i>Corpus</i>	113	28	3164
Catálogo	416	17	7072

Ainda assim, mostra-se bastante abrangente quando comparado com *corpora* de dados analisados no âmbito de estudos semelhantes, i.e., centrados num par de línguas (semi)periféricas e numa só direcção de tradução (e.g.: Guenova 2008; Linn 2005; Soler 1999; Špirk 2011)⁶⁴. À luz deste segundo grupo de estudos, o *corpus* aqui apresentado mostra-se suficientemente extenso para que seja possível a identificação de regularidades partilhadas por diversos textos, mas não de dimensão tal que pudesse vir a comprometer a profundidade da análise. De referir que, por ser restringido a um só par de línguas e a uma só direcção de tradução, o *corpus* não permitirá retirar conclusões universais. Todavia, considera-se que o *corpus* permitirá extrair conclusões válidas para o objecto de estudo, que poderão ser testadas futuramente em *corpora* mais vastos referentes a outras direcções de tradução e a outros pares de línguas (semi)periféricas.

⁶⁴ O *corpus* analisado em Linn (2005) contém referências a 210 traduções do espanhol para neerlandês publicadas em livro entre 1950 e 2000. O *corpus* recolhido em Soler contém referências a 120 traduções de literatura espanhola publicadas em Portugal em volume entre 1940 e 1990. Por seu turno, o *corpus* recolhido em Špirk (2011) contém referências a 47 TC, incluindo (a) 20 traduções para português europeu de textos de ficção escritos originalmente em língua checa e publicadas em Portugal em forma de livro no século XX, (b) 9 casos especiais (i.e., traduções dos livros de Jorge Listopad e as traduções dos livros escritos em checo por Milan Kundera), (c) 2 traduções de ficção originalmente escrita em eslovaco e (d) 7 traduções de não-ficção originalmente escrita em checo, e (e) 9 traduções de não-ficção referentes à Checoslováquia de alguma outra forma (veja-se Špirk 2011: 296).

CAPÍTULO III 3

MODELO E MÉTODO DE ANÁLISE

Uma vez seleccionado o *corpus*, torna-se necessário elucidar o modelo e o método que norteiam a sua análise. Será este o intuito do presente capítulo. Em particular, em primeira instância apresentam-se a tipologia e a representação gráfica do modelo, problematizando o seu conteúdo. Em seguida expõem-se os métodos de análise especificamente desenhados para o presente estudo. Espera-se que com esta descrição tanto o modelo como o método se tornem de aplicação alargada, podendo ser potencialmente recuperáveis e aperfeiçoáveis em estudos futuros baseados noutros tipos de textos, outra direcção de tradução ou outros pares de línguas.

III 3. 1 MODELO DE ANÁLISE

Na esteira de Chesterman (2012, online), por modelo de análise considerar-se-á uma representação simplificada das características mais significantes do objecto de estudo. Seguindo as recomendações metodológicas deste autor, o modelo foi desenhado de molde a (1) servir de mapa do objecto de estudo, (2) incorporar as possíveis explicações subjacentes aos fenómenos identificados e (3) gerar as possíveis pistas de investigação que poderão ser prosseguidas futuramente (Chesterman 2012, online). Consequentemente, o modelo desenhado pode ser descrito como:

- retrospectivo, na medida em que procura reconstruir e explicar as possíveis causas por trás dos fenómenos em causa (Chesterman 2012, online);
- de estruturação descendente (*top-down*), na medida em que parte da observação dos elementos exteriores à tradução (i.e., da história externa), passa pela descrição do modo como esta tradução é apresentada ao público (recorrendo à análise peritextual) e poderá, futuramente, conduzir à observação dos elementos interiores i.e., das modificações de que os textos traduzidos são alvo (i.e., da história interna da tradução) (Hermans 2004);
- exploratório, uma vez que, não parte de mas, antes, conduz a hipóteses concretas (Gile 1998);
- eclético, uma vez que tira partido de vários modelos apresentados de modo mais ou menos explícito nos estudos anteriores (e.g., Chesterman 2012, Gile 1998, Hermans 2004, Lambert e van Gorp 1985).

Apresenta-se sumariamente este modelo na Figura 16. Convém elucidar que o modelo deve ser lido de cima para baixo tendo em conta que a escolha de uma determinada interrogação limita a escolha das indagações imediatamente dependentes dessa primeira e assim sucessivamente.

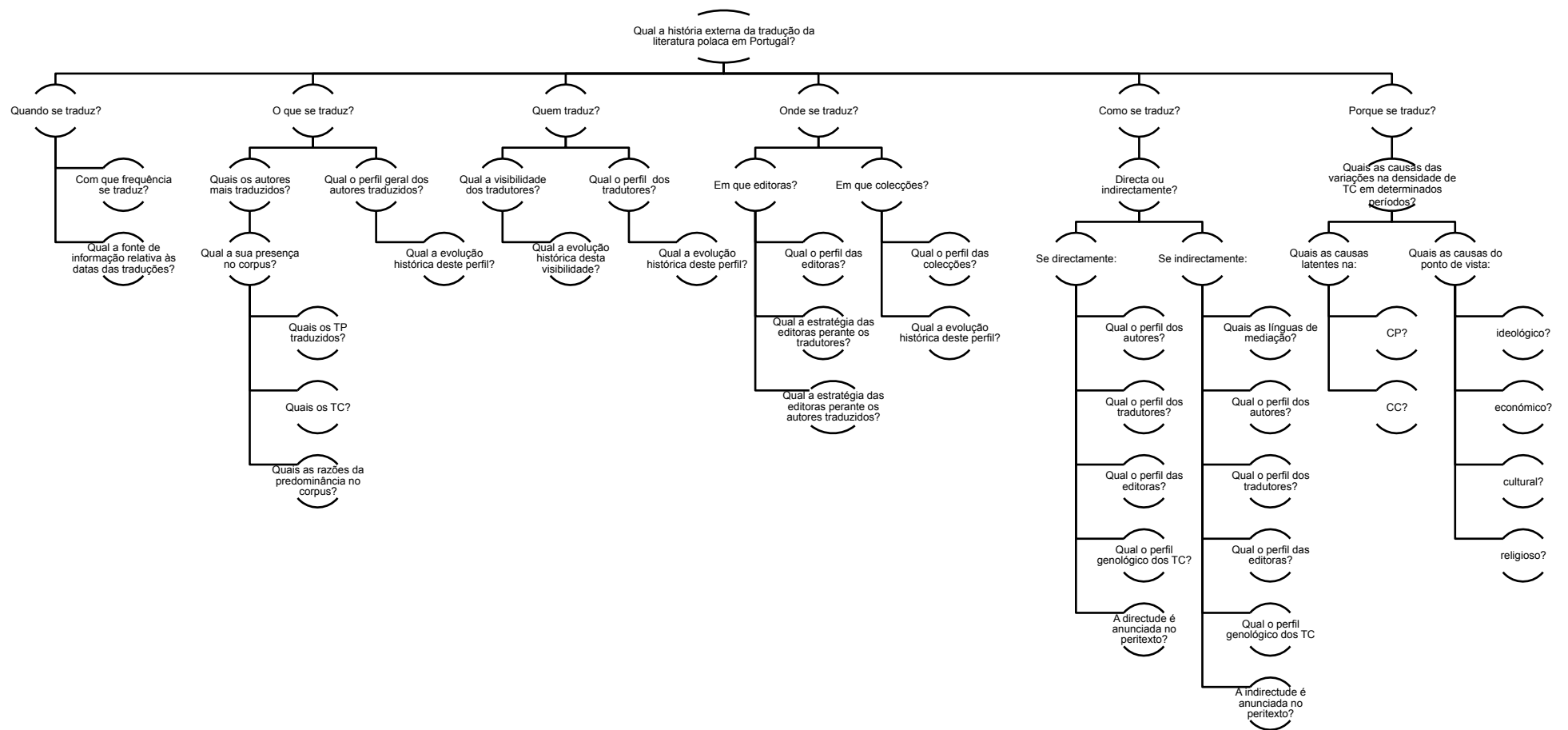


Figura 16 Modelo de análise

Como se perceberá da leitura do gráfico, o modelo abre com uma pergunta geral (“qual a história externa da tradução de literatura polaca?”) que gera perguntas mais específicas, tipicamente colocadas na história externa da tradução (veja-se CAPÍTULO I 2), em particular: o que é traduzido, quando, por quem, onde, como e porque? Estas indagações, por seu turno, desdobram-se em perguntas com um foco ainda mais restrito, e assim sucessivamente, revelando, em última análise, pistas que futuros trabalhos, baseados noutros *corpora*, poderão tomar como um ponto de partida.

Como se poderá inferir do gráfico, as interrogações são distribuídas por vários níveis, cujo número varia de uma pergunta para outra. Será de salientar, porém, que o modelo não reclama a exaustividade do tópico a tratar, uma vez que não abarca todas as ramificações possíveis. De facto, com este modelo não se pretende esgotar as perguntas que potencialmente se podem fazer a respeito da história externa da tradução da literatura polaca em Portugal. Pelo contrário, tendo em conta o carácter exploratório da pesquisa, assume-se desde o início que existem indagações que, por motivos de vária ordem, não foi possível responder no âmbito do presente projecto (ou que foram respondidas apenas parcialmente) e que constituirão linhas de investigação futura. A título de exemplo, o modelo não contempla a questão relativa ao público que as traduções de literatura polaca visam alcançar, visto que se partiu do pressuposto de que este problema seria mais eficazmente resolvido no âmbito da história interna.

III 3. 2 MÉTODO DE ANÁLISE

Uma vez desenvolvido o modelo e identificadas as perguntas específicas norteadoras da análise, foi estabelecido um método adequado para perseguir os objectivos impostos. Neste método, podem ser reconhecidas nove etapas:

- i. Identificação de dados contextuais constantes do *corpus* considerados pertinentes para responder a cada pergunta colocada.

A título de exemplo, no caso da primeira interrogação do segundo nível (“quando se traduz?”) foram tidos como relevantes os dados constantes das categorias “b” (ano) e “c” (fonte de informação referente ao ano) do ANEXO B CORPUS. No caso da quinta pergunta do segundo nível (como se traduz?) consideraram-se como mais pertinentes os dados inventariados nas categorias “m” ((in)directude da tradução) e “n” (língua de mediação).

- ii. Codificação semiautomática dos dados contextuais seleccionados.

A codificação foi realizada recorrendo ao programa Microsoft® Excel® for Mac 2008 e consistiu na atribuição de um código específico a um determinado conjunto de dados seleccionadas. A título de exemplo, dentro da categoria “v” (nome do autor) (veja-se ANEXO B CORPUS), às referências a Kapuściński foi atribuído o acrónimo KAP, a Sienkiewicz o acrónimo SIE, a Wasilewska o acrónimo WAS e assim por diante. Por outro lado, dentro da categoria “h” (editora) (veja-se ANEXO B CORPUS), as obras publicadas sob a chancela da

Europa-América foram codificadas com o acrónimo EUR, as sob a chancela da Avante! com o acrónimo AVA, etc..

iii. Quantificação dos dados seleccionados.

Esta tarefa consistiu na ordenação e contagem dos dados seleccionados. Por exemplo, a cada menção de um determinado autor na categoria “v” (nome do autor) (veja-se ANEXO B CORPUS) atribui-se um número. Sendo possível contabilizar quarenta e sete menções a Sienkiewicz, este autor foi etiquetado com o número 47.

iv. Análise global dos dados em termos diacrónicos (distribuição diacrónica) e sincrónicos (distribuição sincrónica).

Em nome da clareza, convém explicar que por distribuição diacrónica entende-se a evolução cronológica dos dados por determinados períodos históricos, e.g., décadas, subperíodos da história de Portugal definidos no CAPÍTULO II 2 ou subperíodos da história das relações luso-polacas definidos no CAPÍTULO II 3. Por sua vez, pela distribuição sincrónica entende-se a distribuição de dados em todo o período em análise ou em períodos parciais, sem levar em conta a linearidade, a evolução ou a sucessão dos dados. A análise global dos dados implicou o cálculo dos valores absolutos ou médios e a sua conversão em figuras e/ou apresentação em tabelas. De referir que estas foram desenhadas com o recurso ao programa Microsoft® Excel® for Mac 2008 de acordo com o tipo de análise comparativa a que se pretendia submeter os dados.

v. Apreciação comparativa dos dados.

Esta tarefa consistiu no cotejo dos resultados da análise global dos dados do *corpus* com os dados extraídos doutras fontes e processados para fins da análise pretendida. Atendendo à escassez generalizada de dados comparativos utilizaram-se, na maioria dos casos, os extraídos de:

- CECC e CEAUL (2009), coligidos no âmbito do projecto *Intercultural literature in Portugal 1930-2000: A critical bibliography* (veja-se III 1. 3. 3 xix); na altura do processamento (Março de 2013) estes dados diziam respeito a traduções de literatura publicadas no período 1930-1965 em livro em Portugal e baseadas em TP escritos em diversas línguas; embora seja imperativo reconhecer que se trata de um período mais curto (trinta e cinco anos) do que o abrangido pelo presente estudo e ideologicamente muito marcado (coincidente, quase na íntegra, com o Estado Novo), e que os dados disponibilizados não podem ser tomados como definitivos, já que são alvo de actualização contínua, a comparação é considerada válida em termos de ordem de grandeza, embora (nalguns casos) com algum prejuízo no que toca ao absoluto rigor.
- Špirk (2011), respectivos a traduções para português europeu de textos de ficção escritos originalmente em língua checa e publicadas em Portugal em forma de livro no século XX.

A comparação com os dados disponibilizados nestas fontes é considerada válida atendendo ao facto de que tanto a presente investigação como as investigações conduzidas por CECC e CEAUL (2009) e por Špirk (2011) se baseiam em fontes activas semelhantes e em critérios de selecção coincidentes.

vi. Selecção de variáveis e atributos.

A escolha das variáveis resultou do facto de elas se mostrarem relevantes nos estudos prévios. Sendo o *corpus* constituído por um conjunto de dados contextuais descritivos dos textos seleccionados, e sendo o foco do presente estudo a história externa da tradução, a investigação considerou variáveis que, no seguimento da tipologia preconizada em Chesterman (2000), podem ser classificadas como contextuais e não de perfil. Como os próprios nomes indicam, enquanto o primeiro tipo abarca variáveis relacionadas com o contexto em que ocorrem o acto e/ou o evento de tradução (Toury 1995: 249; 1999: 18), o segundo tipo abrange variáveis que se prendem com o perfil linguístico das traduções. Para além disso, a maior parte das variáveis seleccionadas poderão ser classificadas como qualitativas. Efectivamente, ao contrário das variáveis quantitativas, que apresentam valores numéricos e podem ser medidas numa escala, as variáveis qualitativas não possuem valores numéricos, sendo definidas por categorias.

Uma vez seleccionadas as variáveis, prosseguiu-se à identificação dos atributos. A título de exemplo, para a variável “Língua de mediação” foram identificados os seguintes atributos: ENG (inglês), FRE (francês), GER (alemão), ITA (italiano), RUS (russo), SPA (espanhol) e ECL (tradução eclética).

vii. Conversão dos atributos das variáveis qualitativas para escala numérica.

Esta etapa teve por objectivo facilitar a elaboração das figuras e tabelas. Por exemplo, no caso da variável “Língua de mediação” acima mencionada, foi necessário contabilizar a ocorrência de determinados atributos. A título de exemplo, se o atributo ENG (inglês) surgia dezoito vezes foi convertido no valor 18 na escala numérica.

viii. Identificação de perfis gerais.

Esta etapa consistiu numa apreciação comparativa dos dados, norteadas pelo intuito de identificar um denominador comum. A título exemplificativo, para desenhar os perfis gerais dos tradutores inventariados no *corpus* foram tidas em conta três variáveis contextuais: género, competência linguística e currículo do tradutor.

ix. Verificação e exploração de possíveis relações entre as variáveis contextuais seleccionadas.

Esta etapa foi norteadas pelo intuito de estabelecer as constantes e as variações na história externa da tradução da literatura polaca em Portugal. Para este efeito foi efectuado o moroso trabalho de exame das possíveis relações que se estabelecem entre as variáveis seleccionadas. Salienta-se que, das diversas relações analisadas, apenas se apresentam as consideradas mais pertinentes.

PARTE IV

ANÁLISE

CAPÍTULO IV 1

QUANDO SE TRADUZ?

O presente capítulo pretende responder à primeira questão levantada aquando da descrição do modelo no III 3. 1, nomeadamente “quando se traduz?”. Esta questão refere-se às datas das traduções inventariadas no *corpus*. Em primeiro lugar, será realizada uma análise dos dados quantitativos seleccionados, que consistirá, em primeira instância, no estudo da flutuação, por década, do número de volumes traduzidos e, em seguida, na análise da frequência das traduções. Em segundo lugar, serão averiguadas as fontes de informação respectivas às datas das traduções em análise.

IV 1. 1 Análise global dos dados relativos à data de tradução

Como se poderá depreender da Figura 17 que cartografa a distribuição diacrónica do *corpus* por décadas, a primeira tradução da literatura em língua polaca vertida para português europeu e publicada em volume em Portugal sai dos prelos nos anos 1850. Trata-se da tradução (intitulada *O Czarewicz Constantino e Joaninha Grudzinska ou os Jacobinos polacos*, veja-se COR 001) de um romance histórico (*Cesarzewicz Konstanty i Joanna Grudzinska czyli jakubini polscy*) de Jan Czyński, activista político polaco de origem judaica, pertencente à Sociedade Carbonária, exilado em França após a revolução de 1830-1831 (Frejlich 1970) e, presentemente, caído no esquecimento (Milewska 1991: 92). O romance polaco, cuja acção se desenrola em Varsóvia durante a revolução acima citada, é publicado em Paris em 1833 e traduzido para francês e inglês um ano depois. Pelo que foi possível apurar da análise do peritexto, é a versão francesa que serve de base para a tradução portuguesa, publicada em Lisboa, em 1855, pela Tipografia de Gaudencio [sic] Maria Martins.

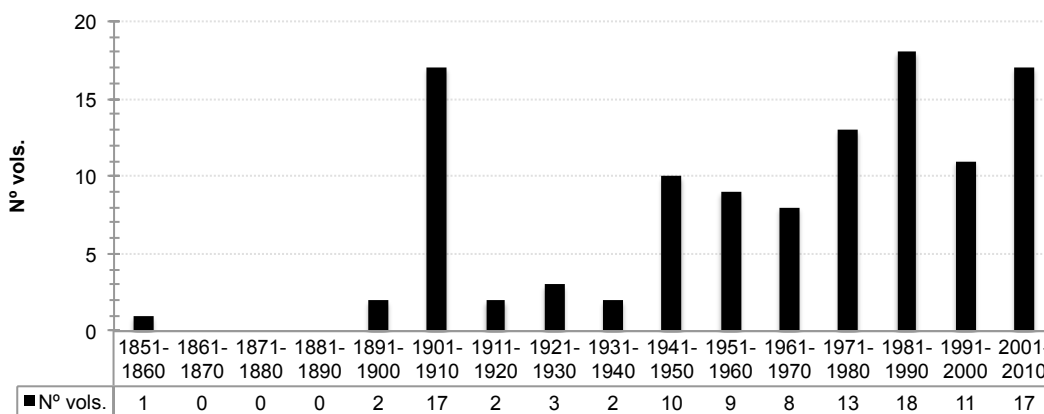


Figura 17 Distribuição diacrónica do *corpus* (1851-2010)

Embora a tradução portuguesa tenha sido produzida anonimamente, tendo em conta a temática da obra e a filiação política do autor polaco, parece plausível que o tradutor tenha estado ligado à ala portuguesa da Sociedade Carbonária ou pelo menos partilhado as convicções sociopolíticas radicais de Czyński (Milewska 1991: 92).

Relativamente à fortuna crítica da tradução, apesar de não ter sido possível identificar recensões críticas ou dados respeitantes às tiragens, a subsequente reedição (em 1858), bem como a existência de mais uma tradução portuguesa de Czyński (desta vez de um tratado político com postulados de socialismo utópico, composto originalmente em língua francesa e vertido para português em 1855, CAT 005) podem indicar que tanto a obra como o autor polaco despertaram algum interesse junto aos leitores portugueses do século XIX.

Contudo, a presença deste autor polaco em versão traduzida no panorama editorial português oitocentista não contribui para o aumento do número de traduções de autores polacos nos anos imediatamente a seguir. Ao que tudo indica, salvo (a) pouco numerosos versos avulsos de Adam Mickiewicz publicados em periódicos; e (b) três tratados filosóficos (CAT 020-22) e um relato de viagem (CAT 023) compostos originalmente por escritores polacos em língua francesa, nenhuma obra de proveniência polaca é traduzida para português europeu entre a data da publicação da tradução de Czyński e os finais do século XIX.

Como fica patente da Figura 17, a segunda tradução da literatura em língua polaca publicada em Portugal em volume (COR 002) surge apenas em 1900, i.e., passados quarenta e cinco anos sobre a publicação da primeira tradução acima citada. À semelhança do que sucede no caso da primeira tradução, também neste caso trata-se da versão mediada por língua francesa de um romance histórico polaco publicado na altura em que a Polónia não constava do mapa da Europa. Porém, desta vez, trata-se não da (a) tradução anónima de (b) uma obra pouco conhecida e de (c) um autor hoje caído no esquecimento mas sim, (a) de uma versão realizada por um dos tradutores mais prolíferos de literatura polaca (i.e., Eduardo de Noronha, veja-se CAPÍTULO IV 1), (b) de um *bestseller* (cf. Kosko 1960; Woźniak et al. 2001) à escala mundial (i.e., *Quo vadis?*), e (c) do segundo autor polaco mais traduzido de todos os tempos (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*).

A supracitada tradução de *Quo vadis?* é retraduzida ainda no mesmo ano (CAT 003), dando, desta forma, início a uma presença contínua da literatura polaca traduzida no panorama editorial português: como evidencia a figura, desde 1900 até 2010 (a data da conclusão da pesquisa bibliográfica realizada no âmbito do presente estudo), não existe uma só década em que se tenham deixado de publicar em Portugal traduções desta literatura. Todavia, como se poderá observar, apesar de ser contínua, a presença da literatura polaca em versão traduzida na CC portuguesa mostra-se altamente variável em termos quantitativos, assistindo-se a diversos aumentos e decréscimos no número de volumes traduzidos.

IV 1. 1. 1 Variação por década do número de volumes traduzidos

As flutuações no fluxo de traduções tornam-se particularmente evidentes na Tabela 10, que revela a variação no número de volumes traduzidos à medida que as décadas avançam. Como se torna bem explícito na tabela, o primeiro aumento significativo no fluxo de traduções ocorre na primeira década do século XX, registando-se neste período dezassete volumes traduzidos. Este surto constitui o maior aumento observado em todo o período em análise, tanto em termos absolutos (mais quinze traduções do que na década de 1890) como relativos (taxa de variação na ordem de 750% em relação à década anterior). Para além disso, o registo de dezassete volumes traduzidos nesta década constitui o segundo maior pico de traduções em todo o período em causa, sendo superado apenas oito décadas depois, pelo pico dos anos 1980 (dezoito volumes traduzidos).

Como revela a Tabela 10, o pico da década de 1900 é seguido por uma queda drástica do número de volumes notada nos anos 1910, que, por seu turno, constitui o maior declínio em termos absolutos observado em todo o período cronológico em apreciação (menos quinze volumes do que na década de 1900) e o segundo maior em termos relativos (diminuição de 88,24%, superada apenas pela diminuição de 100% registada na década de 1860). Em resultado desta diminuição o número de volumes traduzidos publicados nos anos 1910 regressa aos níveis da década de 1890 (duas traduções). Concomitantemente, esta redução marca o início da estagnação no fluxo de traduções que se estende até 1940. Durante este período o número de volumes traduzidos é praticamente negligenciável e oscila apenas ligeiramente (entre três na década de 1920 e um nas décadas de 1910 e 1930). Após a estagnação observável nas décadas de 1910, 1920 e 1930, o número de volumes traduzidos sobe significativamente, registando-se dez publicações na década de 1940.

Tabela 10 Variação por década do número de volumes publicados (1851-2010)

Década	Nº vols.	Variação absoluta (nº)	Variação	
			Taxa de variação (%)	
1851-1860	1	---	---	---
1861-1870	0	-1	-100%	
1871-1880	0	0	0%	
1881-1890	0	0	0%	
1891-1900	2	2	0%	
1901-1910	17	15	750%	
1911-1920	2	-15	-88,23%	
1921-1930	3	1	50%	
1931-1940	2	-1	-33,33%	
1941-1950	10	8	400%	
1951-1960	9	-1	-10%	
1961-1970	8	-1	-11,11%	
1971-1980	13	5	62,5%	
1981-1990	18	5	38,46%	
1991-2000	11	-7	-38,88%	
2001-2010	17	6	54,54%	

Esta subida acentuada constitui o segundo maior incremento de todo o período em estudo, tanto em termos absolutos (mais de oito volumes em relação à década anterior) como relativos (taxa de variação de 400%).

A seguir ao incremento dos anos 1940 observa-se uma descida gradual nas décadas 1950 e 1960, com taxas de variação muito moderadas (-10% e -11,11% respectivamente) comparativamente às as taxas de outras décadas, com nove e oito volumes traduzidos, respectivamente.

A tendência para a desaceleração que se verifica nos anos 1950 e 1960 é invertida nos anos 1970, altura em que se registam treze volumes publicados, o quarto maior recrudescimento em termos absolutos (mais cinco volumes do que na década anterior) e o terceiro maior em termos relativos (taxa de variação 62,5%). A década de 1970 marca, assim, o começo da tendência para um aumento que culmina na década de 1980, quando se assiste ao máximo registo de traduções em todo o período em análise (dezoito volumes). Este pico resulta de um aumento de 38,46% e é seguido por um declínio de 38,89 %. Em consequência deste retrocesso o número de volumes traduzidos nos anos 1990 (onze) desce para um nível inferior ao observado nos anos 1970, i.e., altura em que se inicia a acima citada tendência para o aumento (treze volumes).

Após um decréscimo nos anos 1990, na primeira década do século XXI assiste-se a mais uma subida, com uma taxa de variação de 54,54%, em resultado da qual o número de volumes passa para dezassete, igualando-se desta forma ao nível atingido durante o pico dos anos 1900 e sendo apenas ligeiramente inferior ao do pico de 1980 (dezoito volumes).

IV 1. 1. 2 Frequência das traduções

Relativamente à frequência com a qual a literatura polaca é traduzida para português, a Figura 18 demonstra que, nas décadas em que efectivamente existem traduções, os valores médios oscilam entre 0,1 (década de 1850) e 1,8 (década de 1980) volumes por ano. É possível inferir algo mais se forem considerados os valores médios não por década mas sim por seis subperíodos com duração variável, demarcados, por serem relevantes no contexto da história das relações luso-polacas, de acordo com o discutido no CAPÍTULO II 3. Nesta configuração, como se poderá inferir da Figura 19, o registo mínimo da média de traduções (0,2 volumes por ano) ocorre no período 1919-1939, coincidente com o entre-guerras, altura em que são estabelecidos contactos diplomáticos oficiais e intensificada a aproximação cultural entre os dois países. O registo máximo (1,8 volumes por ano), por seu turno, incide sobre o período 1940-1945, coincidente com o decorrer da Segunda Guerra Mundial, altura em que as relações diplomáticas são praticamente inexistentes devido, principalmente, à ocupação Nazi e/ou Soviética da Polónia. A justaposição das duas observações sugere, portanto, que a existência de contactos diplomáticos não constitui condição *sine qua non* para a ocorrência de traduções.

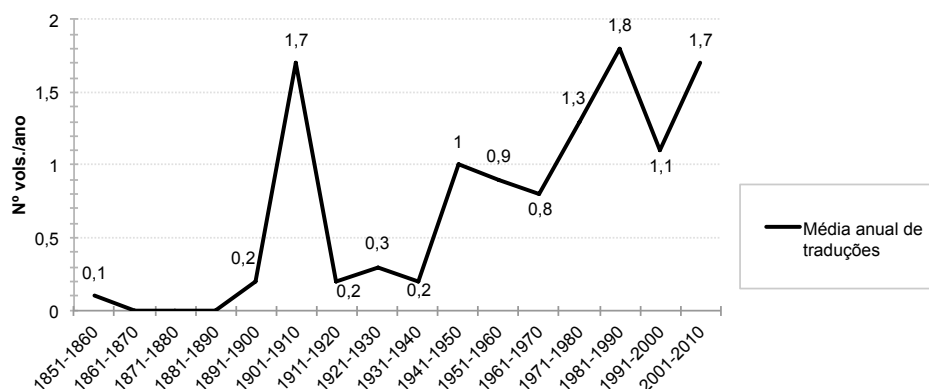


Figura 18 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por década (1851-2010)

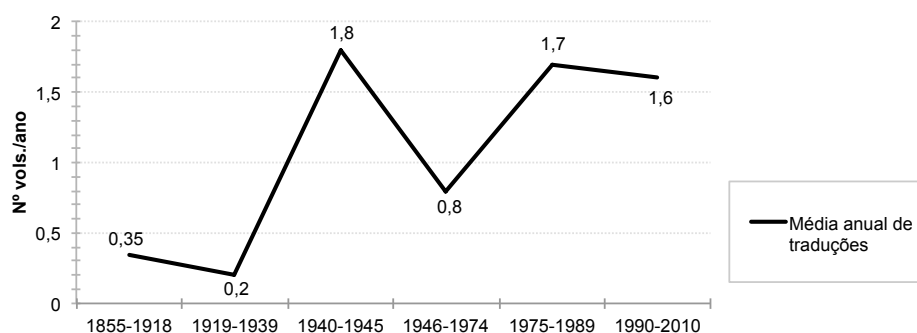


Figura 19 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por seis períodos da história das relações luso-polacas (1855-2010)

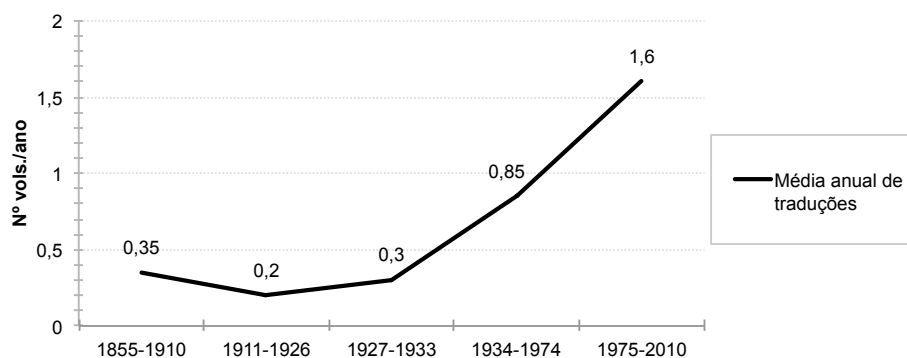


Figura 20 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por cinco períodos da história de Portugal (1855-2010)

A leitura dos dados em termos do contexto histórico português permite uma interpretação alternativa. A Figura 20 representa a distribuição do valor médio de traduções por cinco períodos, com duração variável, declaradamente distintos na história de Portugal, segundo o estabelecido no CAPÍTULO II 2. É possível constatar que, em média, é durante a vigência da Primeira República (1911-1926) que se verifica o menor número de traduções (0,2 volumes por ano).

Tabela 11 Média anual de volumes traduzidos (1855-2010 e 1900-2010)

Período	Nº anos	Nº vols.	Média anual (nº vols./ano)
1855-2010	155	113	0,73
1900-2010	110	112	1,02

Como se poderá observar, a partir deste período a frequência de traduções aumenta progressivamente em cada período, registando-se o máximo (1,6 volumes por ano) no último período considerado, ou seja, no pós-25 de Abril (1975-2010).

No cômputo geral, a média anual para todo o período em análise, que abrange 155 anos compreendidos entre 1855 e 2010, é de 0,73 volumes. Dito de outro modo, se durante este período de tempo o total de traduções se tivesse repartido de forma igual de ano para ano, em cada década seriam publicadas cerca de sete traduções. O valor médio anual afigurar-se-á um pouco mais elevado se o cálculo abranger não todo o período em estudo mas apenas os 110 anos compreendidos entre 1900 e 2010, em que a presença da literatura polaca em versão traduzida no panorama editorial português é contínua, ou seja, em que não existe uma só década em que se tenha deixado de publicar em Portugal traduções desta literatura (veja-se acima). Neste segundo cenário a média anual é de 1,02 volumes o que, por sua vez, significa que entre 1900 e 2010 são produzidas em média em cada década cerca de dez traduções. Os valores em que se baseiam estes cálculos para os dois períodos considerados são apresentados na Tabela 11.

Como é óbvio, independentemente do âmbito temporal considerado, as médias anuais acima calculadas podem ser vistas como negligenciáveis, ou pelo menos pouco significativas, face à média anual de traduções de literatura publicadas em livro em Portugal e baseadas em TP escritos em línguas consideradas presentemente como hiper-centrais (inglês), centrais (alemão e francês) ou semi-centrais (espanhol, italiano e russo) (Heilbron 2010: 2). Atendendo a que o cálculo destas médias para todo o período em análise (1855-2010) se revela inexequível tendo em conta a inexistência de estudos quantitativos que disponibilizem a informação numérica pretendida, apenas é considerado um período parcial (1930-1965). Os valores médios referentes a esse período resultam do processamento rigoroso dos dados disponibilizados em Março de 2012 em CECC e CEAUL (2009).⁶⁵ As médias calculadas com base nos resultados deste processamento estão expostas na Tabela 12 e são contrastadas com a média anual de traduções de literatura polaca, calculada para o mesmo período.

⁶⁵ Para obter dados comparativos mais definitivos e incidentes sobre um período mais vasto, ponderou-se o recurso a Rodrigues (1992-1999), onde são compiladas referências às traduções de várias LP publicadas entre 1495 e 1930 (veja-se III 1. 3. 3 xvi). Porém, não dispondo a obra em questão de indicação da LP e não fazendo a distinção clara entre as traduções publicadas em volume e as publicadas em periódico, seria necessário verificar um total de 19.186 referências constantes da categoria A (literatura) a fim de seleccionar os dados pretendidos (i.e., relativos às traduções de inglês, alemão, francês, espanhol, russo e italiano publicadas em volume). Tendo em conta a morosidade deste procedimento, e visto não ser este o objectivo fundamental do presente estudo, esta opção foi abandonada.

Tabela 12 Média anual de traduções da literatura polaca e médias anuais de traduções de literatura baseadas em TP em línguas hiper-centrais, centrais e semi-centrais (1930-1965, por ordem decrescente)

LP	Fonte de dados	Período	Nº anos	Nº vols. (1as eds.)	Média (vols./ano)
SPA	CECC e CEAUL (2009)	1930-1965	35	2777	79,34
FRE				1835	61,83
ENG				2145	61,29
ITA				286	8,17
GER				209	5,97
RUS				188	5,37
POL	<i>Corpus</i>			27	0,77

Como se torna visível na tabela, enquanto a média anual de traduções de literatura publicadas em livro entre 1930 e 1965 e baseadas em TP escritos em espanhol é estimada em praticamente oito dezenas de volumes (mais concretamente, 79,34), em francês e em inglês em seis dezenas de volumes (61,83 e 61,29, respectivamente), em italiano em oito volumes (8,17) e em alemão e em russo em cinco (5,97 e 5,37 respectivamente), a média de traduções da literatura polaca calculada para o mesmo período é inferior a um volume por ano (0,77).

Não obstante o acima exposto, a média de traduções de literatura polaca mostra-se bastante significativa quando comparada com as médias anuais estimadas para traduções de literatura baseadas em TP escritos em línguas consideradas presentemente como (semi)periféricas (i.e., com capacidade de exportação cultural semelhante à do polaco) (Heilbron 2010: 2). À semelhança do que se verifica no caso das línguas hiper-centrais, centrais e semi-centrais, também no caso de línguas (semi)periféricas apenas foi possível obter dados para períodos parciais.

A este respeito, o processamento de dados disponibilizados em CECC e CEAUL (2009) permite apurar que, no período 1930-1965, tanto a média de traduções de literatura polaca como as médias anuais de traduções de literatura baseadas em TP noutras línguas (semi)periféricas inventariadas (nomeadamente bengali, búlgara, catalã, checa, croata, dinamarquesa, finlandesa, grega, hebraica, holandesa, húngara, islandesa, japonesa, latina, marata, norueguesa, romena, sueca e turca) são inferiores a um volume por ano (veja-se Tabela 13).⁶⁶

⁶⁶ A razão pela qual a média de traduções de literatura polaca se afigura ligeiramente mais elevada que as outras médias apresentadas na Tabela 13 poderá, eventualmente, estar relacionada com o número de fontes utilizadas aquando da recolha de dados, muito superior no caso do *corpus* aqui estudado. A presente investigação (da qual resulta o *corpus* em análise) recorreu a vinte e nove fontes activas (veja-se III 1. 3). O projecto *Intercultural literature in Portugal 1930-2000: A critical bibliography* (do qual resultam os dados disponibilizados em CECC e CEAUL 2009) recorre, essencialmente, a três fontes activas fundamentais (*Porbase*, *Boletim da Bibliografia Portuguesa* e *Index Translationum*), completadas em alguns anos com dados extraídos de jornais, revistas e catálogos de alfarrabistas e bibliotecas particulares (veja-se, e.g., Rosa 2012: 210). Uma outra razão prender-se-á com o facto de o *corpus* incluir tanto os TC consultados como os indisponíveis à consulta, enquanto o CECC e CEAUL 2009 só inclui TC verificados *in loco*. A despeito destas discrepâncias, os dados inventariados no *corpus* e no CECC e CEAUL (2009) são considerados comparáveis tendo em conta as afinidades dos recursos metodológicos utilizados na sua recolha.

Tabela 13 Média anual de traduções da literatura polaca e médias anuais de traduções de literatura baseadas em TP em outras línguas (semi)periféricas (1930-1965, por ordem decrescente)

LP	Fonte de dados	Período	Nº anos	Nº vols. (1as eds.)	Média (vols./ano)
POL	<i>Corpus</i>			27	0,77
SWE				23	0,66
NOR				18	0,51
ROM				18	0,51
GRE				16	0,46
DAN				14	0,4
DUT				13	0,37
HUN				11	0,31
BEN				6	0,17
CZE				4	0,11
FIN	CECC e CEAUL (2009)	1930-1965	35	2	0,06
CAT				2	0,06
JAP				2	0,06
HRV				2	0,06
HEB				2	0,06
YUG				2	0,06
LAT				1	0,03
MAR				1	0,03
BUL				1	0,03
ICE				1	0,03
TUR				1	0,03

Para além disso, o processamento de dados disponibilizados em Špírk (2011) permite constatar que, como demonstrado na Tabela 14, no período 1900-2000 a média anual de traduções de literatura polaca (0,95 volumes) revela-se praticamente cinco vezes superior à média de traduções de literatura baseadas em TP escritos em língua checa (0,2 volumes).⁶⁷ Este processamento permite igualmente concluir que, mesmo considerando apenas o período entre 1943 e 1992, i.e., os anos compreendidos entre a data da primeira e da última tradução de literatura checa para português publicada no século XX, a média de traduções da literatura polaca (1,22) é consideravelmente mais elevada que a calculada para as traduções de literatura em checo (0,41).

Tabela 14 Média anual de traduções da literatura polaca e média de traduções de literatura baseadas em TP em língua checa (1900-2000 e 1943-1992)

LP	Fonte de dados	Período	Nº anos	Nº vols.	Média (vols./ano)
CZE	Špírk (2011)	1900-2000	100	20	0,2
POL	<i>Corpus</i>			95	0,95
CZE	Špírk (2011)	1943-1992	49	20	0,41
POL	<i>Corpus</i>			60	1,22

⁶⁷ A comparação com os dados disponibilizados em Špírk (2011) é considerada válida atendendo ao facto de que tanto a presente investigação como a investigação conduzida por Špírk (2011) se baseiam em fontes activas semelhantes e em critérios de seleção coincidentes.

IV 1. 2 Fonte de informação das datas das traduções

Relativamente à fonte de informação das datas das traduções, em aproximadamente três quartos (75) dos volumes disponíveis para consulta, o ano de publicação surge referido no peritexto (tipicamente na página de rosto).⁶⁸ Porém, no caso de quase um quarto (28) dos volumes consultados esta informação é omissa, razão pela qual a presente investigação se viu obrigada a recorrer às datas do Depósito Legal ou às datas indicadas nas fontes activas usadas (tipicamente Porbase ou Rodrigues 1992-1999). Conforme Seruya (no prelo), a ausência, no peritexto, de referência à data de publicação revela-se bastante significativa, uma vez que, frequentemente, resulta não de um casual descuido das editoras mas antes de uma estratégia comercial deliberada que tem como intuito evitar problemas fiscais.

Ao tentar averiguar com que frequência essa prática de omissão se verifica no caso do presente *corpus*, constatou-se que se trata de uma tendência muito comum. Mais concretamente, como fica patente pela leitura da Figura 21, a omissão da data de publicação no peritexto é observável em quase todas as décadas consideradas, chegando a verificar-se em (mais de) metade das traduções publicadas nos períodos 1911-1940 e 1951-1970 e em aproximadamente um quarto das traduções publicadas nas décadas de 1900, 1940, e no período 1970-2000. As únicas décadas para as quais foi possível extrair a informação exclusivamente do peritexto, ou seja, em que as editoras não recorrem à tática da omissão da data de publicação das traduções, são as de 1850, 1890 e 2000.

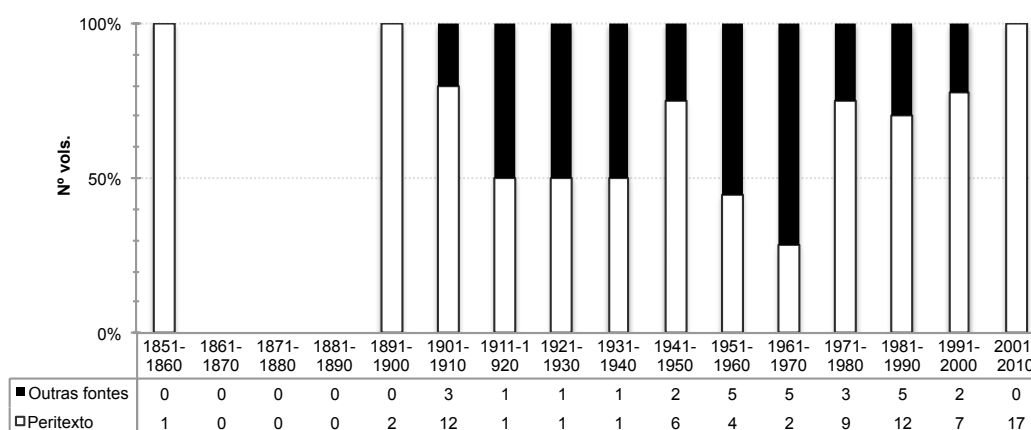


Figura 21 Distribuição diacrónica da fonte de informação relativa às datas das traduções (1851-2010)

⁶⁸ Neste cálculo consideram-se apenas traduções disponíveis à consulta. Mais concretamente, não foram consideradas neste cômputo as seguintes dez traduções: COR 006, 019, 024, 033, 034, 049, 060, 084, 091, 092.

CAPÍTULO IV 2

O QUE SE TRADUZ?

O presente capítulo visa responder à segunda interrogação recuperada do modelo de análise apresentado no III 3. 1, a saber: “o que se traduz?”. Mais concretamente centrar-se-á nos autores traduzidos listados no *corpus*. Em primeiro lugar, será realizada a análise global de dados, que compreenderá o estudo da distribuição sincrónica e cronológica dos autores no *corpus*. Em segundo lugar, o foco do presente capítulo recairá sobre os cinco autores melhor representados em termos do número de TC: será apresentada uma breve resenha da presença destes autores na CP e explorada a sua presença no *corpus*. Por fim, será identificado o perfil geral dos autores polacos traduzidos, bem como analisada e explicada a sua evolução de acordo com os seis subperíodos da história das relações luso-polacas discutidos no CAPÍTULO II 3.

IV 2. 1 Análise global

Os 113 TC que constituem o *corpus* em análise baseiam-se nos TP escritos originalmente por cinquenta e cinco autores polacos. Estes últimos estão inventariados na Tabela 15. Como se poderá inferir da análise do conteúdo desta tabela, trata-se de um grupo muito heterogéneo em vários aspectos, constituído

- tanto por autores de grande projecção mundial, i.e., constantes da lista de autores polacos mais traduzidos (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*) (e.g., por ordem alfabética: Gombrowicz, Kapuściński, Lem, Miłosz, Mrożek, Sienkiewicz, Szymborska, Wojtyła), como os relativamente pouco conhecidos (e.g., Barska, Głogowski, Kościan);
- tanto por autores exilados (e.g., Kott, Miłosz, Stypułkowski), como sediados na Polónia (e.g., Dąbrowska, Iwaszkiewicz, Pagaczewski), associados a diversos movimentos literários e pertencentes a épocas históricas e gerações diferentes.

Em termos etários, o autor mais antigo presente no *corpus* (para o qual foi possível recuperar a data de nascimento) nasceu no início do século XIX (Czyński) e o mais recente na década de 1960 (Sójka).

Tabela 15 Autores polacos constantes do *corpus*, por ordem alfabética (1855-2010)

Andrzejewski, Jerzy (1909-1983)	Laskier, Rutka (1929-1943)
Barska, Ewa (?-)	Lem, Stanisław (1921-2006)
Borowski, Tadeusz (1922-1951)	Libera, Antoni (1949-)
Brandys, Kazimierz (1916-2000)	Mackiewicz, Stanisław (1896-1966)
Choromański, Michał (1904-1972)	Miłosz, Czesław (1911-2004)
Czeszko, Bohdan (1923-1988)	Mrozek, Sławomir (1930-)
Czyński, Jan (1801-1867)	Nałkowska, Zofia (1884-1954)
Dąbrowska, Maria (1889-1965)	Nowak, Tadeusz (1930-1991)
Dobraczyński, Jan (1910-1994)	Pagaczewski, Stanisław (1916-1984)
Dygat, Stanisław (1914-1978)	Parandowski, Jan (1895-1978)
Fiałkowski, Konrad (1939-)	Przymanowski, Janusz (1922-1998)
Filipowicz, Kornel (1913-1990)	Reymont, Władysław (1867-1925)
Głogowski, Marek (?-)	Różewicz, Tadeusz (1921-)
Gombrowicz, Witold (1904-1969)	Rudnicki, Adolf (1909-1990)
Grabiński, Stefan (1887-1936)	Schulz, Bruno (1892-1942)
Gross, Jan Tomasz (1947-)	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
Herbert, Zbigniew (1924-1998)	Sójka, Anna (1968-)
Hołuj, Tadeusz (1916-1985)	Strykowski, Julian (1905-1996)
Huelle, Paweł (1957-)	Stypułkowski, Zbigniew (1904-1979)
Iwaszkiewicz, Jarosław (1894-1980)	Szczypiorski, Andrzej (1924-2000)
Jawień, Andrzej [Wojtyła, Karol] (1920-2005)	Szpilman, Władysław (1911-2000)
Kapuściński, Ryszard (1932-2007)	Szyborska, Wisława (1923-2012)
Kawalec, Julian (1916-)	Tyrmand, Leopold (1920-1985)
Kościan, Władysław (?-?)	Wasilewska, Wanda (1905-1964)
Kott, Jan (1914-2001)	Witkiewicz, Stanisław (1885-1939)
Kraszewski, Józef Ignacy (1812-1887)	Żeromski, Stefan (1864-1925)
Krynicky, Ryszard (1943-)	Żukrowski, Wojciech (1916-2000)
Kuczyński, Bogusław (1907-1974)	

IV 2. 1. 1 Distribuição sincrónica

No cômputo geral, a média por autor é de 2,05 volumes. Dito de outro modo, se o total de traduções verificadas se tivesse repartido de forma igual entre autores, cada escritor polaco presente no *corpus* teria sido traduzido cerca de duas vezes. Contudo, na realidade os TC são distribuídos de forma muito menos equitativa. De acordo com a informação contida na Tabela 16, que hierarquiza e agrupa os autores de acordo com o número de vezes em que são traduzidos, trinta e oito autores são vertidos uma só vez, seis duas vezes, seis três vezes, dois quatro vezes, um seis vezes, um doze vezes e um quarenta e sete vezes. Nesta configuração torna-se evidente que:

- a esmagadora maioria (cinquenta, i.e., 90,9% do total) dos autores presentes no *corpus* é traduzida muito esporadicamente (menos que quatro vezes);
- apenas um número muito restrito (cinco, i.e., 9,1% do total) dos autores é traduzido com alguma regularidade (quatro vezes ou mais). Trata-se de Kapuściński, Lem, Sienkiewicz, Sójka e Szyborska (por ordem alfabética). Apesar de pouco numeroso, este grupo

produz no total setenta e três traduções que, cumulativamente, constituem 64,6% do *corpus*;

- em termos quantitativos o *corpus* é dominado por um só autor (a saber, Sienkiewicz), cujas traduções constituem 41,6% da totalidade de obras traduzidas (quarenta e sete traduções do total de 113 TC presentes no *corpus*).

Tabela 16 Autores polacos constantes do *corpus*, por ordem decrescente do número de vezes em que são traduzidos por autor (1855-2010)

Nº traduções/autor	Nome de autor			Nº autores
47	Sienkiewicz, H.			1
12	Lem, S.			1
6	Kapuściński, R.			1
4	Sójka, A.	Szymborska, W.		2
3	Gombrowicz, W.	Miłosz, C.	Mrożek, S.	6
	Reymont, W.	Schulz, B.	Wasilewska, W.	
2	Andrzejewski, J.	Herbert, Z.	Huelle, P.	6
	Iwaszkiewicz, J.	Różewicz, T.	Żeromski, S.	
1	Barska, E.	Borowski, T.	Brandys, K.	38
	Choromański, M.	Czeszko, B.	Czyński, J.	
	Dąbrowska, M.	Dobraczyński, J.	Dygał, S.	
	Fiałkowski, K.	Filipowicz, K.	Głogowski, M.	
	Grabiński, S.	Gross, J. T.	Hołuj, T.	
	Jawień, A. (Wojtyła, K.)	Kawalec, J.	Kościński, W.	
	Kott, J.	Kraszewski, J.	Krynicky, R.	
	Kuczyński, B.	Laskier, R.	Libera, A.	
	Mackiewicz, S.	Nałkowska, Z.	Nowak, T.	
	Pagaczewski, S.	Parandowski, J.	Przymanowski, J.	
	Rudnicki, A.	Strykowski, J.	Stypułkowski, Z.	
	Szczypiorski, A.	Szpilman, W.	Tyrmand, L.	
	Witkiewicz, S.	Żukrowski, W.		

IV 2. 1. 2 Distribuição diacrónica

No que se refere à distribuição cronológica dos autores presentes no *corpus*, no cômputo geral, a média de autores por década é de 3,54. Dito de outro modo, se durante os 155 anos em análise o total de autores traduzidos se tivesse repartido de igual forma de ano para ano, em cada década teriam sido traduzidos cerca de três autores diferentes. Contudo, como foi possível antever da informação proporcionada, a distribuição de autores no eixo temporal é muito menos equilibrada. Como evidencia a Figura 22, na realidade, em décadas em que de facto existem traduções, o número de autores oscila entre um (nos anos 1850, 1890, 1910 e 1920) e vinte e seis (na década de 1970). Como é possível observar, anteriormente à década de 1940 o número de autores mantém-se relativamente baixo e estável, oscilando, nas décadas em que existem traduções, entre um e dois. De facto, um escrutínio mais detalhado do *corpus* revela que nos oitenta e cinco anos decorridos entre a data da primeira tradução (1855) e o final da década de 1930 são traduzidos e publicados em volume apenas quatro autores polacos: Czyński, Sienkiewicz, Kraszewski e Kuczyński (nesta ordem de chegada).

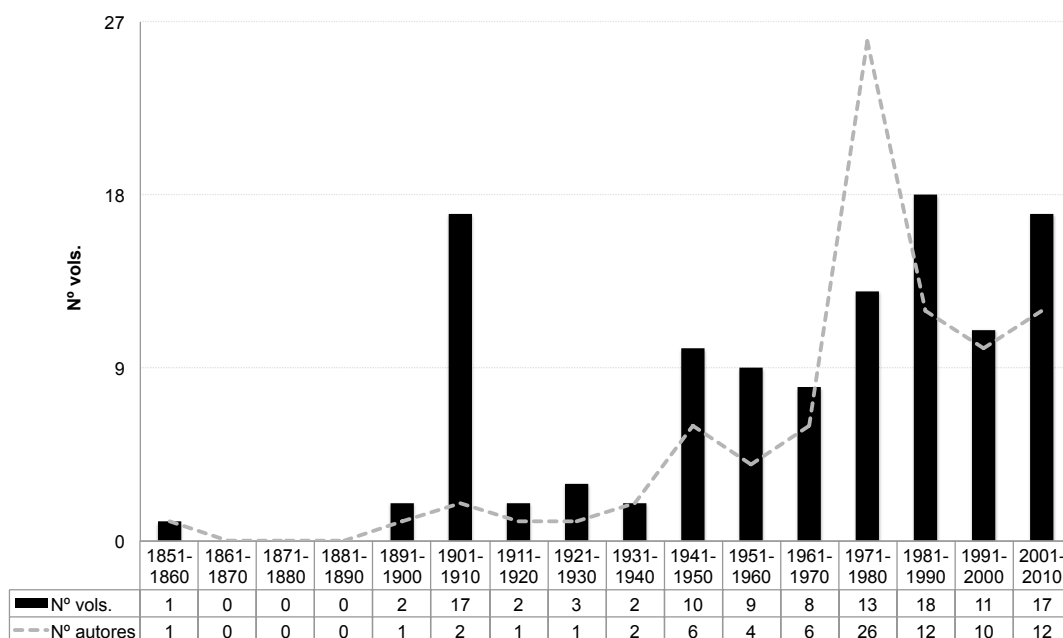


Figura 22 Distribuição diacrónica do número de autores versus evolução diacrónica do número volumes (1851-2010)

Apenas da década de 1940 em diante se assiste a uma maior diversificação da oferta de escritores polacos traduzidos.

Adicionalmente, a figura ilustra que a evolução do número de autores nem sempre acompanha a do número de traduções, podendo-se inclusivamente destacar duas décadas (1910 e 1970) em que existem elevadas discrepâncias (dois autores versus dezassete volumes e vinte e seis autores versus treze volumes, respectivamente). Estas discrepâncias têm origens muito distintas: enquanto a primeira se deve à proliferação de traduções de um só escritor (Sienkiewicz), a segunda é motivada, essencialmente, pela condensação de um elevado número de autores polacos (vinte e dois) num só volume, mais concretamente numa antologia de contos (COR 061).

IV 2. 2 Autores mais traduzidos

Como mencionado em IV 3. 1. 1, apenas cinco autores são traduzidos com alguma regularidade (i.e., registam quatro ou mais traduções no *corpus*), a saber: Sienkiewicz, Lem, Kapuściński, Sójka e Szymborska (nesta ordem de representatividade em termos do número de volumes publicados). No texto que se segue estes autores serão abordados com mais detalhe.

IV 2. 2. 1 Sienkiewicz

IV 2. 2. 1 1 Sienkiewicz na CP

Henryk Sienkiewicz (1846-1916) é um dos mais aclamados romancistas históricos polacos, galardoado em 1905 com o Prémio Nobel da Literatura pelos seus méritos para a prosa

histórica. Mais conhecido no estrangeiro após o lançamento em 1895 do romance *Quo Vadis*, que oferece uma visão panorâmica da Roma decadente dos tempos de Nero (em contraste com a força espiritual dos cristãos martirizados, cf. Siewierski 2000: 126), no mercado do livro polaco Sienkiewicz atinge o auge de popularidade já nos finais dos anos 1880 (Markiewicz 1996-1997: 214), especialmente após a publicação da *Trylogia* [*Trilogia*]. As três partes desta obra monumental narram a história das guerras vitoriosas que a Primeira República da Polónia (na altura da publicação destes romances já desaparecida das cartas da Europa) trava no século XVII: contra os Cossacos da Ucrânia (*Ogniem i Mieczem* [*A ferro e fogo*]), a invasão sueca (*Potop* [*O dilúvio*]) e o Império Otomano (Pan Wołodyjowski [*O Senhor Wołodyjowski*]). Por confortar os corações atormentados e reforçar a identidade nacional ameaçada pelo jugo estrangeiro, a obra é imediatamente aclamada pelos leitores como “epopeia nacional e o maior romance de toda a literatura polaca” (Siewierski 2000: 126-127). Todavia, a reputação de Sienkiewicz é assegurada não só pelos romances históricos (dos quais convém destacar ainda o intitulado *Krzyżacy* [*Os cavaleiros da Cruz*], que narra a história da luta polaca contra a expansão da ordem teutónica na Europa ocidental, i.e., do domínio germânico), mas também romances contemporâneos (e.g., *Bez dogmatu* [*Sem dogma*] ou *Rodzina Połanieckich* [*A família Połaniecki*]), ambos ambientados nos finais do século XIX), romances de aventura (e.g., *W pustyni i w puszczy* [*No deserto e na selva*]), contos e dramas (estes últimos menos numerosos).

Após a Primeira Guerra Mundial e a restituição da independência polaca (1918) a popularidade de Sienkiewicz no mercado do livro polaco mantém-se quase intacta, sendo as suas obras alvo de produção maciça e integradas nas listas das leituras obrigatórias em todos os níveis do ensino escolar. Com a mudança ideológica vivida na Polónia após a Segunda Guerra Mundial (1945) Sienkiewicz mantém o estatuto de clássico, mas as suas obras não escapam à sobrepolitização do campo literário. A título exemplificativo, nos primeiros anos após a instalação do regime comunista, em que decorre a agressiva campanha de estalinização, obras como *Ogniem i Mieczem* [*A ferro e fogo*] ou *Quo Vadis* são reavaliadas à luz da ideologia marxista, acusadas de propaganda anti-Soviética (a primeira obra por veicular uma imagem negativa do povo ucraniano; a segunda por passar mensagens pró-católicas) e abrangidas por restrições censórias (Markiewicz 1996-1997: 214, Siewierski 2007: 269). Em simultâneo, as obras com conotações antigermânicas, como *Krzyżacy* e *Potop*, acima mencionadas, são constantemente reeditadas e adaptadas para o cinema, uma vez que se coadunam com as linhas principais da política externa de Moscovo (que tira proveito da hostilidade secular existente entre os polacos e os alemães, intensificada no pós-guerra). Em suma, segundo as estatísticas apresentadas por Siewierski (2007: 269), Sienkiewicz afigura-se como o autor com maior número de reedições aquando da vigência da República Popular da Polónia (1945-1989). Ao mesmo tempo, lidera a lista de escritores polacos mais traduzidos entre 1945 e 1970 (Rusinek 1972: 10) e ocupa, nos anos 1971-1980, o segundo (Bilikiewicz-Blanc 2005: XVI-XVII) lugar nesta plateia.

Ao que tudo indica, a queda do regime comunista em nada altera a constante popularidade de Sienkiewicz no mercado do livro polaco. Sirvam de prova os resultados de um estudo de hábitos da leitura conduzido pela Biblioteca Nacional da Polónia em 2000 (Straus e Wolff 2002). Já do título - *Sienkiewicz, Mickiewicz, Biblia i harlequiny* [*Sienkiewicz, Mickiewicz, Bíblia e literatura cor-de-rosa*] - é possível concluir que o autor agora em análise é um dos mais lidos na Polónia na viragem do milénio. Alvo de várias críticas respeitantes à qualidade da sua escrita,⁶⁹ Sienkiewicz é, tipicamente, considerado um dos autores canónicos da literatura polaca (Wilczek 2006), fazendo parte integrante das listas escolares de leitura obrigatória. Para além disso, continua a ser um dos autores polacos com maior projecção mundial: de acordo com as estatísticas de Bilikiewicz-Blanc et al. 2008: XIII) continua a ocupar, entre 1981 e 2000, o segundo lugar no *ranking* dos autores polacos mais traduzidos.

IV 2. 2. 1 2 Sienkiewicz no *corpus*

Como foi reforçado várias vezes no decorrer deste trabalho, Sienkiewicz domina o *corpus* em termos sincrónicos: 41,6% da totalidade de obras traduzidas (47 traduções de um total de 113 TC presentes no *corpus*) são da sua autoria. Para além disso, o autor agora em análise prevalece também em termos cronológicos: de acordo com a Figura 23, desde a década de 1890 (em que é lançada a sua primeira tradução portuguesa em volume) as obras deste ícone polaco são constantemente (re)traduzidas, não existindo uma só década em que não sejam publicadas. Deverá ser ainda tido em consideração que, na maioria dos decénios em que surgem (7 em 12), os TC deste romancista correspondem a uma percentagem igual ou superior a 50% do *corpus*. Da figura é também possível apurar que a presença de Sienkiewicz no *corpus* ocorre em três fases distintas.

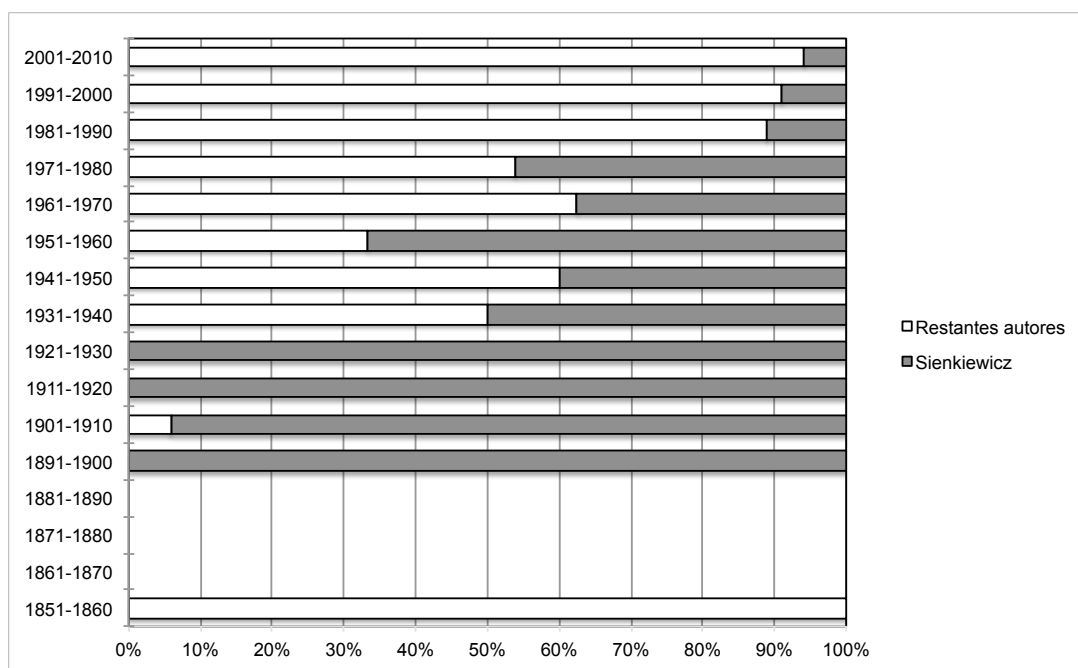


Figura 23 Distribuição diacrónica da proporção de TC de Sienkiewicz no *corpus* (1851-2010)

⁶⁹ A título de exemplo, Gombrowicz (1957: 327-337) rotula Sienkiewicz de “geniusz łatwej urody [génio de beleza fácil]”.

Na primeira, contida entre os anos 1890-1920 (i.e., anterior à instalação do Estado Novo), o *corpus* é esmagadoramente dominado pelas traduções deste escritor, sendo que a sua proporção varia entre 94,11% e 100% dos volumes publicados em cada década. Na segunda fase, contida entre as décadas de 1930 e 1970 (i.e., durante a vigência do Estado Novo), o peso de Sienkiewicz no *corpus* sofre uma redução significativa mas continua a prevalecer, oscilando entre 37,5% na década de 1930 e 66,6% na de 1950. Na terceira e última fase, entre 1980 e 2010 (i.e., no pós-25 de Abril) a predominância deste autor cessa. Assim, dos anos 1980 em diante a proporção das traduções sienkiewiczianas no total de volumes publicados desce gradualmente, atingindo, na primeira década do século XXI, os níveis anteriormente nunca verificados (5,88%).

IV 2. 2. 1. 2. 1 TP

As quarenta e sete traduções de Sienkiewicz correspondem a vinte e três TP polacos. Este facto significa que existem em média duas traduções de cada TP deste autor. Contudo, como se pode retirar da lista proporcionada na Tabela 17, a distribuição de TC por TP é feita de modo significativamente menos equilibrado: nove TP são traduzidos uma só vez, oito duas vezes, quatro três vezes, um quatro vezes e um vinte e cinco vezes. Neste pano de fundo torna-se evidente que mais de metade (25 em 47, i.e., 53,19%) das traduções deste escritor são baseadas num só TP polaco, nomeadamente *Quo Vadis*. O predomínio deste romance não causa surpresa, atendendo a que se trata da obra sienkiewicziana com maior projecção mundial, conforme se apura do levantamento de dados do Index Translationum (UNESCO s.d.), efetuado em Março de 2012. De facto, de entre as 458 traduções deste autor registadas nesta fonte, 123 são de *Quo Vadis*; o segundo lugar é ocupado pelas traduções de *Krzyżacy*, mas a projecção deste romance mostra ser muito mais modesta (quarenta e sete registos). Naturalmente, tendo em conta o carácter lacunar do *Index Translationum* (discutido no III 1. 3. 3), bem como o reduzido refinamento do processamento de dados (que consistiu numa simples contagem de títulos traduzidos) os resultados assim obtidos têm carácter meramente indicativo, podendo ser facilmente contestados. Todavia, são corroborados por diversos estudos qualitativos (e.g., Kosko 1935, Markiewicz 2009, Woźniak et al. 2001) que sugerem uma elevada projecção mundial de *Quo Vadis* comparativamente com outros romances do autor em questão.

Tabela 17 TP que dão origem às (re)traduções de Sienkiewicz presentes no *corpus* (por ordem decrescente do número de retraduições)

N ° TC	Título TP	Nº TP
25	<i>Quo Vadis</i>	1
4	<i>Potop</i>	1
3	<i>Janko Muzykant</i> ; <i>Latarnik</i> ; <i>Organista z Ponikły</i> ; <i>Pójdźmy za Nim</i>	4
2	<i>Bądź błogosławiona</i> ; <i>Hania</i> ; <i>Komedia z pomyłek</i> ; <i>Krzyżacy</i> ; <i>Ogniem i Mieczem</i> ; <i>Przez stepy</i> ; <i>Szkice Węgłem</i> ; <i>Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela</i>	8
1	<i>Bartek zwycięzca</i> ; <i>Bez dogmatu</i> ; <i>Na jedną kartę</i> ; <i>Rodzina Połanieckich</i> ; s.d.; <i>Stary sługa</i> ; <i>W pustyni i w puszczy</i> ; <i>Walka byków w Hiszpanii</i> ; <i>Za chlebem</i>	9

IV 2. 2. 1. 2. 2 TC

A primeira das quarenta e sete traduções de Sienkiewicz surge em 1900 e a última em 2004, o que resulta numa média de 4,51 vols. por década. Este facto, por sua vez, significa que entre a data da primeira e da última tradução Sienkiewicz é (re)traduzido, em média, quase de dois em dois anos. Todavia, as traduções deste autor distribuem-se muito menos equitativamente.

Como a análise realizada nos capítulos anteriores permitia prever, uma parte significativa das traduções é publicada no primeiro decénio do século XX, i.e., é no decorrer dos primeiros dez anos após a publicação do primeiro TC. De facto, os dezasseis TC lançados à estampa entre 1901 e 1910 constituem aproximadamente um terço (34,04%) de um total de quarenta e sete traduções de Sienkiewicz constantes do *corpus*. De salientar que a esmagadora maioria (12 em 16, i.e., 75%) dos TC datados deste decénio é publicada num só ano: 1901.

A alta concentração dos TC neste ano pode ser facilmente explicada pelo fluxo de traduções sienkiewiczianas no sistema literário francês que, naquela altura, desempenha o papel da cultura dominante/central (conforme discutido no I 3. 2. 1), impondo-se como um modelo para as culturas dominadas/periféricas (como é o caso da cultura portuguesa). De facto, a simples contagem de registos inventariados em Krzyżanowski (1935: 60-81) - um estudo bibliográfico que recolhe dados sobre traduções de Sienkiewicz publicadas em vários países entre 1888 e 1939 (veja-se III 1. 3. 3 xxx) - evidencia que o maior surto de obras deste romancista polaco em França ocorre precisamente em 1901. Enquanto durante este ano se publicam trinta traduções francesas do autor agora em análise, noutros anos este valor oscila entre zero e vinte. O *boom* sienkiewicziano de 1901 é igualmente corroborado por outros trabalhos focados na receção do autor na cultura francesa: Por exemplo, Kosko (1935) sugere, não sem algum exagero, que em 1901 saem dos prelos franceses traduções de todas as obras deste escritor polaco.

No seguimento do pico dos anos 1900 assiste-se a um decréscimo drástico do número de traduções sienkiewiczianas. Assim sendo, no período 1911-1940, conturbado pelas instabilidades inerentes à consolidação fruste da Primeira República Portuguesa, pela participação na Grande Guerra, pelo agravamento da depressão económica, pelos condicionalismos conducentes à proclamação do chamado Estado Novo e pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, o número de traduções de Sienkiewicz oscila entre duas (décadas de 1910 e 1930) e três (década de 1920). Há que frisar, igualmente, que até ao fim do alcance temporal em análise (2010), o registo máximo do primeiro decénio do século XX não volta a ser ultrapassado.

À semelhança do que sucede no caso da concentração dos volumes traduzidos no ano de 1901, a desaceleração no fluxo de traduções observada nos três decénios acima mencionados parece expectável à luz da tendência observada no mercado do livro francês. De facto, também a importação de traduções sienkiewiczianas em França se torna, nestas décadas, marcadamente vagarosa: de acordo com os dados facultados em Krzyżanowski

(1953: 60-89), enquanto na década de 1900 são publicadas em França oitenta traduções, nos decénios de 1910, 1920 e 1930 saem dos prelos franceses apenas sete, doze e dez, respectivamente.

O decréscimo do interesse pelas obras de Sienkiewicz notado no período entre-guerras em França e na Europa ocidental em geral é igualmente corroborado por Markiewicz (1996-1997: 214). Segundo este autor a única obra de Sienkiewicz que destoa desta tendência de desinteresse é *Quo Vadis*, que se mantém viva mormente graças às diversas adaptações cinematográficas.⁷⁰ Esta constatação parece particularmente válida no caso do *corpus* aqui estudado: de facto, todas as versões portuguesas de Sienkiewicz publicadas no período entre-guerras constituem retraduições deste romance histórico.

Em relação aos decénios de 1910 e 1920, há que sublinhar ainda que *Quo Vadis* mostra ser o único texto literário polaco (re)traduzido em Portugal no decorrer da Primeira República Portuguesa (1910-1926). As constantes retraduições, durante a vigência deste regime anticlerical, duma obra histórico-religiosa rotulada por alguns estudiosos de “epopeia cristã” (Kowalkiewicz 2007: 234) (e que narra a história do martírio dos primeiros Cristãos) causam alguma admiração. Porém, parecem compreensíveis devido ao estatuto canónico alcançado por Sienkiewicz antes da instalação da Primeira República, estatuto este que terá contribuído para que o regime anticlerical português abrisse uma excepção à importação do romance da temática religiosa oriundo da Polónia. Como sinais da canonização deste autor polaco sirvam, por exemplo, os títulos de colecções em que é incluído (veja-se IV 4. 2. 2 4).

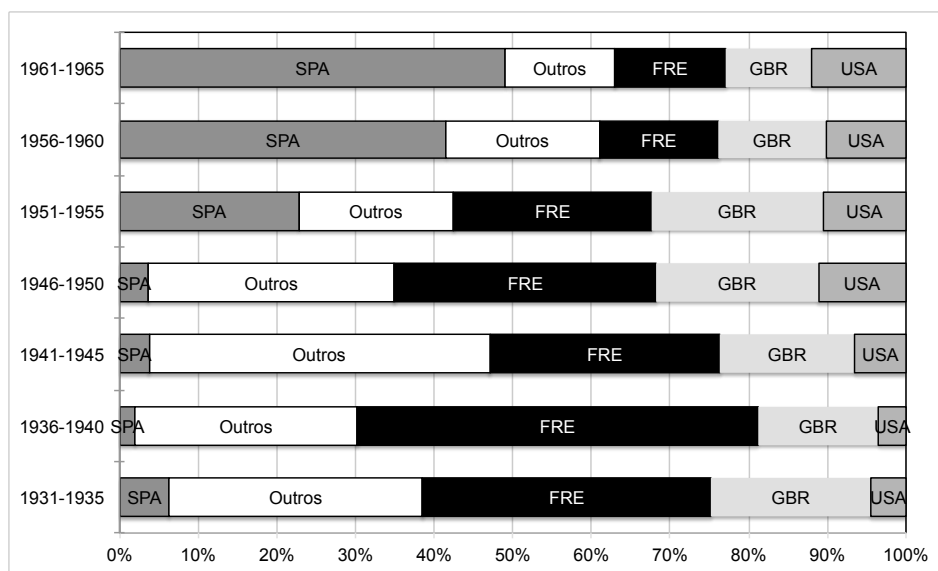


Figura 24 Distribuição diacrónica, em períodos de cinco anos, do número de traduções de literatura por cultura de saída, publicadas em Portugal entre 1931-1965 (dados CECC e CEAUL 2009, processados em Março de 2012)

⁷⁰ Ao que tudo indica, existem no mínimo cinco adaptações para filme de *Quo Vadis*: 1902 – produção francesa realizada por Lucien Nonguet e Ferdinand Zecca; 1910 – produção francesa de Film d’Art realizada por André Calmettes; 1924 – co-produção italiano-alemã de U.C.I. realizada por Gabrielino d’Annunzio e Georg Jacoby; 1951 - uma superprodução da Metro Goldwyn Mayer realizada por Mervyn LeRoy; 2001 – uma produção polaca de Jerzy Kawalerowicz.

Nas décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970, que coincidem, quase na íntegra, com o Estado Novo, o número de traduções das obras de Sienkiewicz sobe consideravelmente, oscilando entre três (na década de 1960) e seis volumes (nas décadas de 1950 e 1970). Esta tendência de aceleração na importação de obras sienkiewiczianas coaduna-se com a observada nos mesmos anos em Espanha. De facto, como é apurado por Węgrzyn (2001: 406), que analisa a recepção de Sienkiewicz na cultura espanhola durante a ditadura franquista, após uma estagnação observada nos anos 1930, as traduções de Sienkiewicz sobem consideravelmente, atingindo o auge nos anos 1960. A correlação existente entre a recepção de Sienkiewicz no Portugal salazarista e na Espanha franquista mostra-se fácil de explicar, uma vez que se trata da cultura de onde Portugal importa uma parte significativa das traduções desde a década de 1950 até pelo menos meados da década de 1960, conforme demonstrado na Figura 24 (que resulta do processamento de dados obtidos de CECC e CEAUL (2009), realizado em Março de 2013). Efectivamente, o gráfico, que ilustra a distribuição, por cultura de partida, de traduções de literatura publicadas entre 1931 e 1965 em Portugal em forma de livro, deixa claro que a proporção das traduções de literatura espanhola cresce significativamente a partir dos anos 1950, constituindo 22,75% entre 1951-1955, 41,54% entre 1956-1960 e 49,07% entre 1961-1965.

A partir dos anos 1980, i.e., no pós-25 de Abril, assiste-se a uma nítida desaceleração do influxo de traduções portuguesas de Sienkiewicz: o número de TC desce de seis na década de 1970 para dois nos anos 1980. Nas duas décadas seguintes este número diminui para níveis ainda menos significativos, registando-se um volume traduzido no último decénio do século XX e um no primeiro decénio do século XXI. Como demonstra a figura, em oposição ao que sucede nos anos 1930, desta vez a desaceleração da importação das obras sienkiewiczianas coincide com o aumento significativo das traduções de outros autores polacos. Esta constatação permite concluir que a reduzida presença de Sienkiewicz no Portugal do pós-25 de Abril terá sido motivada pela saturação do mercado de traduções de literatura polaca em Portugal com as obras deste escritor e pela intenção de renovação do cânone literário vigente.

IV 2. 2. 1. 2. 3 Razões da predominância

Quanto às razões subjacentes à predominância de Sienkiewicz no *corpus*, parece legítimo assumir que estas estarão relacionadas tanto com factores literários (i.e., inerentes ao valor estético da obra) como extraliterários (transversais à obra por si só, i.e. que se estendem para lá do âmbito puramente literário). Para a primeira categoria terá contribuído certamente a universalidade do conteúdo temático das suas obras, que alimentam o fascínio dos leitores pela história dos seus antepassados e das suas raízes.

No contexto dos factores extraliterários, por sua vez, será seguramente de salientar o prestígio inerente à atribuição de prémios literários de grande renome, como é o caso do Prémio Nobel (Casanova 2004: 147). Porém, a análise dos dados apresentados na Tabela 18, que contém informação referente a traduções portuguesas dos autores polacos constantes do *corpus* e galardoados com este prémio, sugere que a distinção pela Academia Sueca terá certamente constituído um factor relevante mas não determinante na

importação massiva das obras de Sienkiewicz pelo sistema português. A esta conclusão permitem chegar duas observações. Primeiro, como se retira da tabela, dezoito (38,29%) das quarenta e sete (re)traduções de Sienkiewicz são publicadas anteriormente à data da atribuição do prémio (1905). Segundo, o número de TC de Sienkiewicz (47) é significativamente superior ao de outros prémios Nobel polacos (três no caso de Reymont e Miłosz; quatro no caso de Szymborska). Nesta óptica, torna-se bastante evidente a existência de outras condicionantes extraliterárias que terão contribuído para o predomínio das obras de Sienkiewicz no panorama editorial português. Entre estas, particular relevo merecerá o baixo custo da produção de traduções, resultante do desrespeito pelos direitos autorais no mercado de livro internacional da viragem do século XIX para o século XX. De facto, como as obras de Sienkiewicz não são abrangidas pelo acordo referente à protecção de direitos de autor (uma vez que a Rússia dos Czares, potência sob cujo jugo se encontra uma parte significativa dos territórios polacos no século XIX, não ratifica a convenção de Berna de 1886), as editoras estrangeiras que publicam as traduções deste escritor não têm obrigação legal de proceder ao pagamento de honorários. Por tornar o processo de tradução menos dispendioso, este factor permite às editoras praticar uma política de moderação dos preços, tornando os livros acessíveis a todas as classes de leitores.

Tabela 18 Traduções dos Prémios Nobel polacos constantes do *corpus* (por ordem cronológica da atribuição do prémio).

Autor	Sienkiewicz	Reymont	Miłosz	Szymborska
Ano de atribuição do prémio	1905	1924	1980	1996
Nº de TC publicados anteriormente à atribuição do prémio	18	0	1	1
Nº de TC publicados posteriormente à atribuição do prémio	29	3	2	3
Nº total de TC	47	3	3	4

Um outro factor extraliterário estará relacionado com o êxito comercial das múltiplas adaptações cinematográficas, musicais e teatrais que, de certo modo, mantém as obras de Sienkiewicz vivas na memória dos leitores, incentivando ao mesmo tempo a disseminação dos textos polacos e das respectivas traduções.

IV 2. 2. 2 Lem

IV 2. 2. 2 1 Lem na CP

Por muitos rotulado de clássico de ficção científica, Stanisław Lem (1921-2006) é, indiscutivelmente, o mais eminente representante deste género na literatura polaca. Pertencente, em termos cronológicos, à “Geração dos Colombos” (“Kolumbowie”) (veja-se II 1. 3), Lem estreia-se em 1946 com a publicação de poesia. Graças à publicação nos anos imediatamente subsequentes de contos e romances de ficção científica ganha reconhecimento no mercado do livro polaco na década de 1950, sendo considerado uma das figuras mais significativas da vida literária na Polónia de então (Bereś 2010: 16-17). Dos anos 1960 em diante o autor agora em análise ganha também reconhecimento à escala mundial. Um dos sinais mais evidentes deste reconhecimento é a atribuição, em 1973, do

estatuto de membro honorário da associação elitista Science Fiction Writers of America, não obstante este autor ser proveniente de um país comunista.⁷¹

A fama mundial, bem como o temporário desanuviamiento político observado na Polónia comunista, resulta em vários privilégios (e.g., contactos com o agente literário na Europa ocidental, acesso aos trabalhos científicos publicados na Europa Ocidental, i.e., do outro lado da Cortina de Ferro, de circulação expressamente proibida durante a maior parte da vigência do comunismo) e na relativa autonomia de que Lem desfruta até ao início da década de 1980. É também neste período (mais concretamente entre 1971 e 1980) que Lem ultrapassa Sienkiewicz no *ranking* dos autores polacos com mais alto número de títulos traduzidos, tornando-se no escritor de língua polaca com maior projecção mundial (Bilikiewicz-Blanc et al. 2005), posição que, de acordo com quadros estatísticos da UNESCO, ocupa até à actualidade (UNESCO. s.d., seção TOP 10 *Authors translated for a given language*).

Na sequência da proclamação da lei marcial (1981) após o agravamento da situação sócio-política, da conjuntura económica e das repressões censórias na Polónia, Lem fixa-se em Berlim e posteriormente em Viena, onde permanece até 1988. Neste período algumas das suas obras são banidas da circulação oficial na Polónia comunista e nos restantes países do Bloco de Leste (Bednarczyk 2010: 104). A sua produção literária desacelera, centrando-se sobretudo na publicação de ensaios políticos nas editoras polacas no exílio (e.g., em Paris). É a este género que Lem se dedica quase em exclusividade no pós-1989, sobretudo durante o processo da transformação sócio-económica da Polónia. Presentemente Lem continua a ser um dos autores polacos mais lidos na Polónia (Skibińska e Rzeszutnik 2010: 7), sendo as suas obras incluídas na lista escolar de leitura obrigatória e, frequentemente, consideradas o cânone da literatura polaca (Hajduk-Gawron 2006: 30).

De acordo com a tipologia estabelecida em Bereś (2010), a produção literária de Lem, que abrange aproximadamente sessenta posições (sobretudo ensaios, contos e romances, mas também versos e parábolas), poderá ser dividida em três períodos cronológicos distintos. O primeiro, essencialmente nos finais dos anos 1940 e inícios dos anos 1950, abrangendo obras como *Szpital przemienienia* (1947), *Astronauta* (1951), *Jacht "Paradise"* (1951), *Obłok Magellana* (1955), *Czas nieutracony* (1955), (até à data - 2012- não traduzidos para português europeu), é marcado pela complacência com os cânones do realismo socialista (Bereś 2010: 17, 20). Os textos de Lem deste período são dominados pela visão cósmica da expansão tecnológica e ideológica do comunismo (Bereś 2010: 21).

O segundo período, que se estende pelas décadas de 1960 e 1970, terminando, grosso modo, em meados dos anos 1980, é marcado pela ruptura com o servilismo perante a doutrina marxista da literatura. É neste escopo temporal que Lem explora as visões da grandeza do génio humano que visa dominar galáxias, bem como do contraste existente entre o poder tecnológico da humanidade e os segredos do cosmos e da natureza (e.g., *Eden* 1959 [COR 088]; *Solaris* 1961 [COR 069]; *Niezwyciężony* 1964 [COR 066], *Ze wspomnień Ijona Tichego* 1961 [COR 061 e COR 080], *Powrót z gwiazd* 1961 [COR 068],

⁷¹ Anteriormente a 1973 o único autor não-americano premiado com esta distinção é John Ronald Reuel Tolkien.

Kongres futurologiczny 1971 [COR 076]), abordando a questão da complexidade do universo (*Głos Pana* 1968 [COR 072]), dos perigos dos avanços tecnológicos (e.g., *Pamiętnik znaleziony w wannie* 1961 [COR 074]) e exprimindo a sua desilusão com a evolução da humanidade (e.g., *Fiasko* 1987 [COR 082], *Biblioteka XXI wieku* 1986 [COR 087]).

A terceira e última fase, grandemente no período após 1989, é marcada pela preocupação com o presente e o futuro do património civilizacional e espiritual da humanidade, expressa sobretudo através das formas ensaísticas.

IV 2. 2. 2 2 Lem no *corpus*

IV 2. 2. 2. 2. 1 TP

As doze traduções de Lem correspondem a onze TP polacos. Este facto, por sua vez, significa que, à excepção de um texto (*Ze wspomnień Iioja Tichego*), que conta com duas versões portuguesas distintas (COR 061 e COR 080), todos os TP de Lem inventariados no *corpus* são traduzidos uma única vez. Como é possível antever pelo acima exposto, todos os TP presentes no *corpus* são baseados nos TP pertencentes ao segundo período da produção literária de Lem. Deste modo, torna-se claro que no mercado do livro português Lem é representado exclusivamente pelas traduções de contos e romances de ficção científica (e não versos ou ensaios) produzidos depois da ruptura do autor com a doutrina de realismo social na literatura.

IV 2. 2. 2. 2. 2 TC

A primeira das doze traduções de Lem surge em 1977 (numa antologia de contos polacos COR 061) e a última em 1991, o que leva a uma média de 8,57 vols. por década. Este facto, por sua vez, significa que entre a data da primeira e a última tradução, Lem é (re)traduzido em média quase uma vez por ano. Este ritmo de tradução sugere que a recepção deste autor polaco é consideravelmente mais contida no tempo quando comparada com a de Sienkiewicz, mas bastante mais intensiva. Como se constata da Figura 25, a maior parte das traduções de Lem (8 de um total de 12, i.e., 66,67%) é publicada na década de 1980. A alta concentração dos volumes de Lem neste decénio faz sentido à luz da tendência observada na recepção deste autor em algumas das culturas que hoje são reconhecidas como (hiper- ou semi-) centrais (Heilbron 2010).

Esta tendência está patente nos gráficos da Figura 26 que apresentam o resultado do processamento de dados recolhidos em Skibińska e Rzeszutnik (2010), respeitantes às traduções do autor polaco agora em estudo para as línguas alemã, espanhola, francesa, inglesa e russa, publicadas em volume entre 1954 (data da primeira tradução registada nesta fonte) e 2010 (data da última tradução registada nesta fonte).

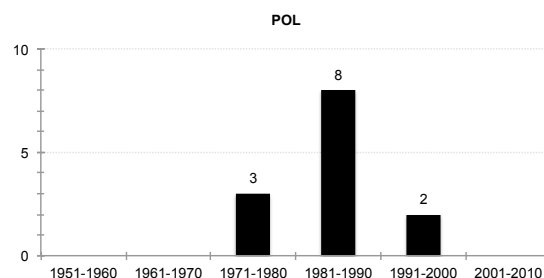


Figura 25 Distribuição diacrónica das traduções polacas de Lem (dados *corpus*)

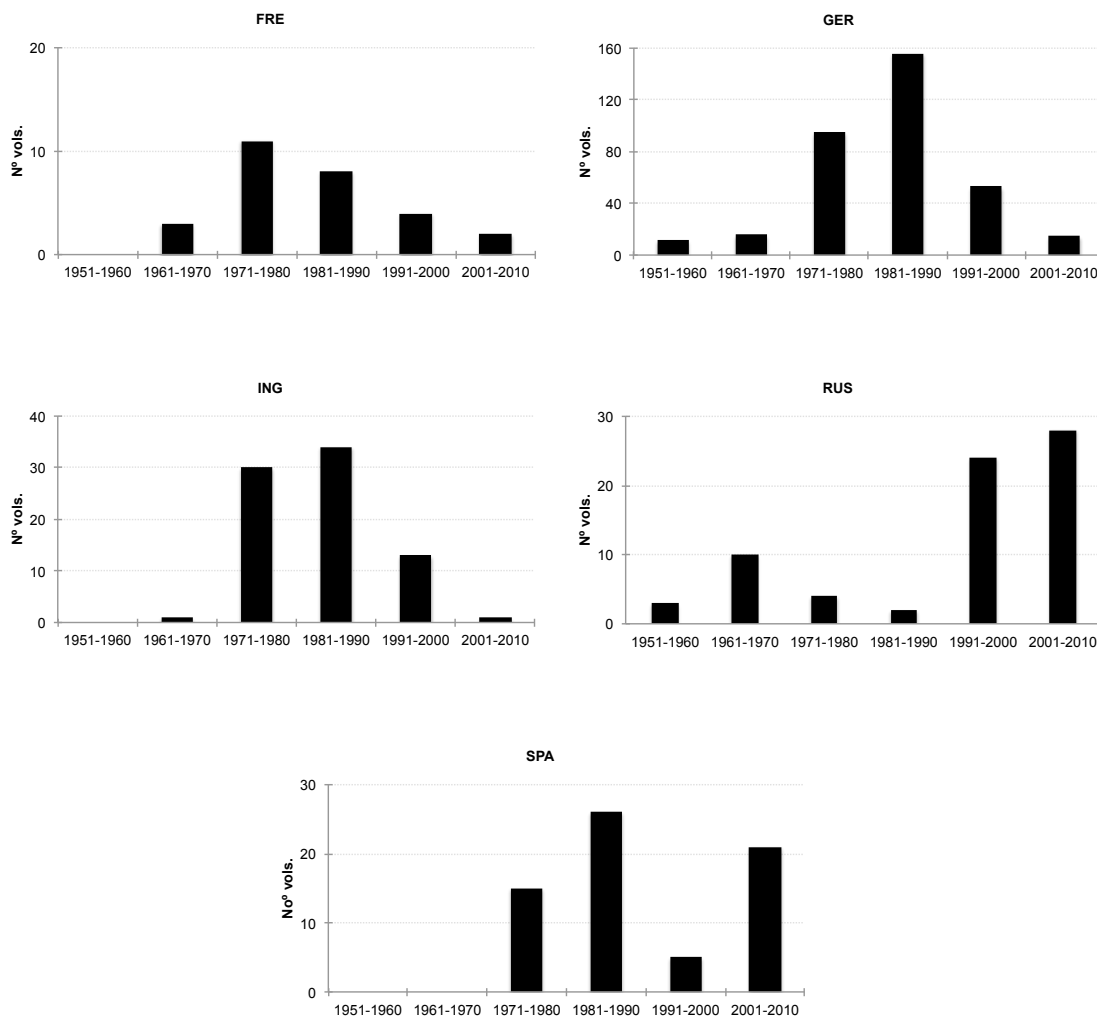


Figura 26 Distribuição diacrónica das traduções francesas, alemãs, inglesas e espanholas de Lem publicadas em volume entre 1954 e 2010 (dados de Skibińska e Rzeszotnik 2010)

Efectivamente, da leitura dos gráficos é possível inferir que os registos máximos de traduções para todas estas línguas, exceptuando a francesa e a russa, são observados precisamente na década de 1980. Para além disso, a concentração das traduções portuguesas de Lem nos anos 1980 parece igualmente justificada pelo plausível aumento de interesse pela ficção científica na cultura portuguesa no mesmo período, essencialmente em virtude de novos desenvolvimentos na exploração do espaço.

Como sinais deste aumento de interesse pode servir a proliferação de colecções de ficção científica lançadas ou continuadas pelas editoras portuguesas nesta década (entre os quais se encontram, e.g., a colecção *Nébula* da Europa-América ou *Caminho de bolso: Ficção Científica* da editora Caminho) ou de séries televisivas (tipicamente de origem norte-americana) emitidas pela RTP (e.g., *Buck Rogers no século XXV*, *Capitão Powers e os soldados do futuro*, *Galáctica*, *Espaço 1999*, V, etc.).

IV 2. 2. 2. 3 Razões da predominância

Tal como no caso de Sienkiewicz, quanto às razões subjacentes à proliferação das traduções de Lem em Portugal, deve apontar-se para a existência de dois tipos de factores: literários e extraliterários. À semelhança do que se verifica no caso de Sienkiewicz, entre os factores literários destaca-se a universalidade do conteúdo temático das obras agora em questão. Justamente, ao penetrar um leque variado de campos de saber (tais como antropologia, astronomia, etnologia, filosofia, genética, lógica, matemática, teoria da literatura, etc.), as obras de Lem apresentam uma perspectiva essencialmente ahistórica e ageográfica,⁷² sem fortes marcos da chamada “polonidade”.

Entre os factores extraliterários destaca-se a questão dos direitos de autor. Contudo, em oposição ao que acontece no caso de Sienkiewicz (em que a vasta disseminação parece ter sido provocada pelas irregularidades observáveis no mercado do livro internacional), no caso de Lem o êxito comercial deve-se, sobretudo, à gestão diligente da divulgação e comercialização dos livros fora dos países do chamado Bloco de Leste, realizada pelo agente literário austríaco Franzem Rottensteiner aquando da vigência do regime comunista na Polónia.

À semelhança do que se verifica no caso da recepção portuguesa de Sienkiewicz, poder-se-á igualmente apontar para a importância das adaptações para filme, tais como a produção soviética por Andrei Tarkovsky em 1972 (nomeada para a Palma de Ouro no Festival de Cannes) ou a produção norte-americana do aclamado realizador Steven Soderbergh em 2002. Sirva de prova a publicação da tradução do livro *Solaris* [COR 069], cuja reedição surge um ano após a estreia em Portugal do filme de Soderbergh, com imagens deste *blockbuster* norte-americano na capa do volume.

IV 2. 2. 3 Kapuściński

IV 2. 2. 3 1 Kapuściński na CP

Ryszard Kapuściński (1932-2007) é tipicamente tido como mestre do jornalismo moderno (Kalewska 2011a: 175). Repórter, fotógrafo, romancista, poeta e ensaísta, Kapuściński é célebre principalmente pelos textos que se adscvem num género híbrido, misturando as narrativas jornalística e literária, e situando-se na fronteira entre jornalismo e literatura factual (*non-fiction literature*). Segundo Szymański (2006), as narrativas deste repórter polaco

⁷² Não obstante esta universalidade, é possível identificar na escrita de Lem diversos marcos e conotações étnico-nacionais, que constituem um desafio para o tradutor. Veja-se, sobre este assunto, Blumczyński (2010).

podem ser classificadas, por um lado, como literatura de viagem e, por outro, como parte da corrente surgida nos Estados Unidos da América nos anos 1960, designada por Novo Jornalismo (*New Journalism*) (que promove a desmistificação do princípio da objectividade e defende a independência do trabalho jornalístico).

A sua estreia literária ocorre no início dos anos 1960, altura em que é correspondente estrangeiro da Polska Agencja Prassowa [A Agência de Notícias Polaca], posto que ocupa até ao começo da década de 1980. Sendo a sua especialização a cobertura de guerras civis, golpes de estado e revoltas sociais, Kapuściński é frequentemente enviado para países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, sobretudo a América Latina, a África e o Médio Oriente. Nesta capacidade desfruta de relativa autonomia face às autoridades comunistas (e.g., a deslocação facilitada aos países do ocidente europeu).

Dos anos 1980 em diante, altura em que abandona o cargo de repórter da imprensa polaca, Kapuściński ganha reconhecimento não só no mercado nacional mas também no mercado internacional. Entre os sinais mais evidentes deste reconhecimento destaca-se a colaboração com jornais e revistas estrangeiras de renome (e.g., *New York Times* ou *Frankfurter Allgemeine Zeitung*) ou a atribuição em 2003 do prestigiado Prémio Príncipe das Astúrias. É também neste período (mais concretamente entre 1981 e 2000) que Kapuściński entra no *ranking* dos autor polacos com maior número de títulos traduzidos, ocupando a quarta posição nos quadros estatísticos apresentados em Bilikiewicz-Blanc et al. (2005), posição esta que, de acordo com os dados da UNESCO, ocupa até à data -2013 (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*).

IV 2. 2. 3 2 Kapuściński no corpus

IV 2. 2. 3. 2. 1 TP

As seis traduções de Kapuściński correspondem a seis TP polacos. Por outras palavras, no *corpus* em análise não existem retraduições das obras deste escritor. Os TP deste escritor referenciados no *corpus* surgem elencados na Tabela 19. Convém frisar que, por questões metodológicas expostas no III 2. 2, o *corpus* não contempla a tradução portuguesa de Kapuściński intitulada *Os cínicos não servem para este ofício (Conversas sobre o bom jornalismo)*, baseada num TP escrito originalmente em língua italiana (referenciado no catálogo como CAT 412).

Tabela 19 TP que dão origem às (re)traduções de Sienkiewicz presentes no corpus (por ordem decrescente do número de retraduições)

Ano	TP
1997	Jeszcze dzień życia
2001	Heban
2004	Cesarz czytelnik
2005	Imperium
2007	Podróże z Herodotem
2009	Ten inny

IV 2. 2. 3. 2. 2 TC

A primeira das seis traduções de Kapuściński surge em 1997. A escolha do TP a traduzir está longe de casual, tratando-se da obra que narra a história da guerra civil em Angola, tema bem conhecido do público leitor português. A última tradução é datada de 2009, o que leva, no cômputo geral, a uma média de cinco volumes por década. Desta forma, torna-se claro que a recepção deste autor em Portugal é mais contida no tempo e menos intensiva comparativamente com a de Sienkiewicz ou Lem. Como demonstra a Figura 27, que apresenta distribuição diacrónica dos TC de Kapuściński no *corpus*, a maior parte das traduções (5 do total de 6, i.e., 83,33%) surge na primeira década do século XXI.

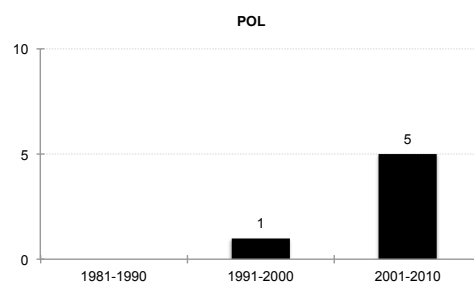


Figura 27 Distribuição diacrónica das traduções polacas de Kapuściński (dados do *corpus*)

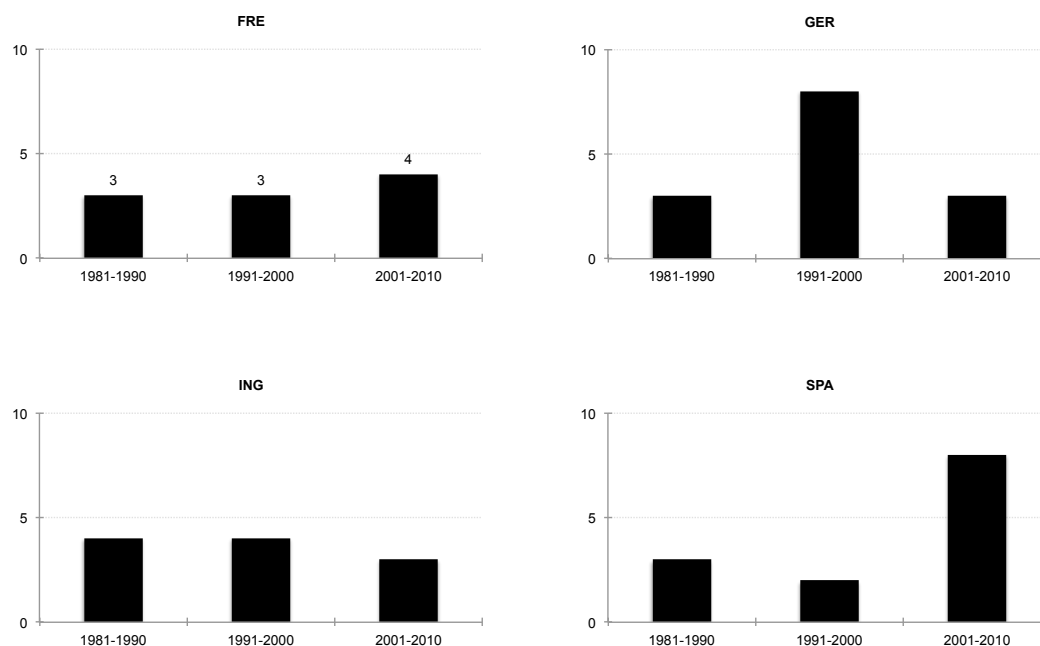


Figura 28 Distribuição diacrónica das traduções francesas, alemãs, inglesas e espanholas de Kapuściński publicadas em volume entre 1981 e 2010 (dados de FCBIE-RK 2010)

Para além disso, a comparação da Figura 27 com a Figura 28, que apresenta o resultado do processamento de dados recolhidos por FCBiE-RK (2010) e respeitantes às traduções para as línguas alemã, espanhola, francesa e inglesa do autor polaco agora em estudo e publicadas em volume entre 1981 (data da primeira tradução) e 2010 (data da consulta da fonte), permite concluir que a recepção de Kapuściński em Portugal se afigura algo tardia comparativamente com a observada noutras culturas. Efectivamente, da leitura dos gráficos é possível inferir que, enquanto a primeira tradução portuguesa surge no final da década de 1990 (mais precisamente em 1997), as traduções para as línguas acima mencionadas saem dos prelos no início da década de 1980 (com as primeiras versões a serem publicadas em 1981, i.e., dezassete anos previamente à importação portuguesa de Kapuściński).

IV 2. 2. 3. 2. 3 Razões da predominância

Tal como nos casos anteriores (de Sienkiewicz e Lem), de molde a explicar os motivos que suportam a proliferação de traduções de Kapuściński no *corpus* parece razoável apontar para factores literários e extraliterários. Entre os primeiros, à semelhança do que sucede no caso dos autores acima mencionados, convém frisar a universalidade do conteúdo temático, que toca questões como alteridade, desigualdade social, decadência civilizacional, ética profissional, abuso do poder, volatilidade da memória, etc.

Entre o segundo tipo de factores convém ressaltar, tal como no caso de Lem, a gestão diligente da divulgação e comercialização dos livros no estrangeiro, desta vez realizada pelo agente literário norte-americano. Conforme argumentado por Skibińska (2008: 60), o facto de os direitos de autor serem geridos pelo agente sediado nos Estados Unidos da América constitui uma das principais razões pelas quais as suas traduções francesas são, por regra, vertidas por intermédio da língua inglesa. Entre os factores extraliterários merece destaque particular a atribuição de prémios de renome, como é o caso, e.g., do Prémio de Príncipe de Astúrias, com o qual o autor é galardoado em 2003. A importância desta distinção na disseminação das obras de Kapuściński no mercado do livro português é patente através da análise do peritexto. De facto, a informação referente à atribuição deste prémio consta da contracapa de uma das traduções agora em estudo (COR 101).

IV 2. 2. 4 Sójka

IV 2. 2. 4 1 Sójka na CP

Anna Sójka (?-) é tradutora, compositora, poeta e autora de literatura infanto-juvenil, bem como de manuais escolares, com vasta obra publicada nestes campos. A sua estreia literária ocorre no início dos anos 1990, i.e., após o colapso do regime comunista polaco. A despeito da considerável disseminação no mercado do livro polaco (que se manifesta, a título de exemplo, através do elevado número de reedições registadas na Biblioteca Nacional da Polónia), a sua obra mostra ser praticamente desconhecida no panorama literário internacional. A esta constatação permite chegar a consulta dos catálogos de várias bibliotecas estrangeiras pertinentes incluídas no elenco disponibilizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (BNP s.d. a), efectuada em Janeiro de 2012. De facto, apenas nas

bibliotecas portuguesas foi possível apurar registos das traduções da autora agora em consideração.

IV 2. 2. 4 2 Sójka no *corpus*

IV 2. 2. 4. 2. 1 TP

Sójka é representada no *corpus* por quatro traduções de livros de aventuras destinados ao público infantil, baseados numa série televisiva lançada pela televisão polaca nos anos 1980 (*Reksio*). Ao que tudo indica, esta série não foi transmitida pela televisão portuguesa.

IV 2. 2. 4. 2. 2 TC

Todas as traduções de Sójka datam do ano de 2000, constituindo, desta forma, uma presença efémera no contexto português de chegada. Apesar de repetidos esforços neste sentido, não foi possível detectar razões plausíveis para a elevada concentração de volumes neste ano.

IV 2. 2. 4. 2. 3 Razões da predominância

A relativamente forte presença da autora agora em estudo causa perplexidade, uma vez que se trata de uma escritora cuja obra não conhece divulgação fora do mercado do livro polaco (exceptuando o caso do mercado português). Parece, contudo, razoável assumir que, no que toca aos factores literários, a proliferação das traduções de Sójka no *corpus* se terá devido à universalidade do conteúdo temático das suas obras (luta entre o Bem e o Mal, valor da amizade, etc.). Relativamente aos factores extraliterários, parece razoável sugerir, embora com alguma cautela, que a importação das obras de Sójka foi promovida, sobretudo, pelos tradutores Maria José e Wojciech Charchalis, responsáveis pela totalidade das traduções desta autora (veja-se CAPÍTULO IV 3).

IV 2. 2. 5 Szymborska

IV 2. 2. 5 1 Szymborska na CP

Wisława Szymborska (1923-2012), poetisa, tradutora e ensaísta, premiada em 1996 com o Nobel da Literatura, é presentemente tida como uma das mais ilustres vozes da literatura polaca contemporânea. Pertencente, em termos etários, à “Geração dos Colombos” (“Kolumbowie”), Szymborska estreia-se em 1952 com uma antologia de versos intitulada *Dłatego żyjemy*, que obedece às conformidades da poética do então obrigatório realismo socialista. Na altura do chamado “degelo”, observado na Polónia em meados da década de 1950, rompe com esta doutrina literária enveredando pelo caminho da poesia filosófica e existencial. Esta alteração está patente na antologia de versos intitulada *Wołanie do Yeti* (*Chamada para Yeti*), lançada em 1957.

A produção literária da autora em análise é relativamente pouco extensa: durante mais de sessenta anos de carreira literária Szymborska lança, no total, menos de vinte breves colectâneas de poesia (Kalewska 2011a: 178). Apesar de muito condensada, a obra desta

poetisa conhece uma elevada projecção mundial. Como relata Swiatkiewicz (2000: 130), até 1996, quando é laureada com o Prémio Nobel, Szymborska produziu um total inferior a duzentos poemas, mas já se encontrava traduzida para mais de três dezenas de línguas. Presentemente, em conformidade com os quadros de estatística da UNESCO (UNESCO. s.d., seção TOP 10 *Authors translated for a given language*), Szymborska ocupa o décimo lugar na lista dos autores polacos com maior número de títulos traduzidos.

IV 2. 2. 5 2 Szymborska no corpus

IV 2. 2. 5. 2. 1 TP

A análise do *corpus* permite concluir que uma boa parte de versos de Szymborska já se encontra traduzida para português e publicada em volume. Para além disso, uma parte significativa dos seus versos conta com mais que uma tradução. Ao que tudo indica, somente a antologia mantida dentro dos conformes do realismo soviético (publicada na Polónia nos anos 1950) não foi vertida para português. A inexistência da tal tradução afigura-se perceptível à luz das diferenças ideológicas entre o Portugal de Salazar e a Polónia comunista.

IV 2. 2. 5. 2. 2 TC

A primeira tradução de Szymborska vem a lume em 1977, numa colectânea de poesia que inclui igualmente versos de outros poetas polacos (a saber: Herbert, Krynicki, Miłosz e Różewicz). A publicação seguinte surge praticamente duas décadas depois, aproveitando, de certa forma, a notoriedade da poesia de Szymborska impulsionada pela atribuição do prémio Nobel (1996).

Desta forma fica patente que o mercado do livro em Portugal segue de perto a tendência verificada no mercado do livro internacional. Conforme ilustrado na Figura 29, que apresenta o resultado do processamento de dados (Janeiro de 2012) recuperados do *Index Translationum* (UNESCO s.d.) e respeitantes às várias traduções de Szymborska publicadas entre 1976 (data da primeira tradução registada nesta fonte) e 2006 (data da última tradução registada), observa-se um nítido aumento do número global de traduções de obras desta poetisa dos anos 1996 em diante. A segunda tradução de Szymborska constante do *corpus* data de 2004 e a terceira, última, de 2008.

Em suma, no decorrer dos 29 anos entre a publicação da primeira e da última tradução, Szymborska foi traduzida quatro vezes, o que resulta numa média de 1,37 vols. por década. Assim, torna-se claro que embora a recepção de Szymborska seja temporalmente mais abrangente do que a de Lem ou de Kapuściński, é, contudo, muito menos intensiva.

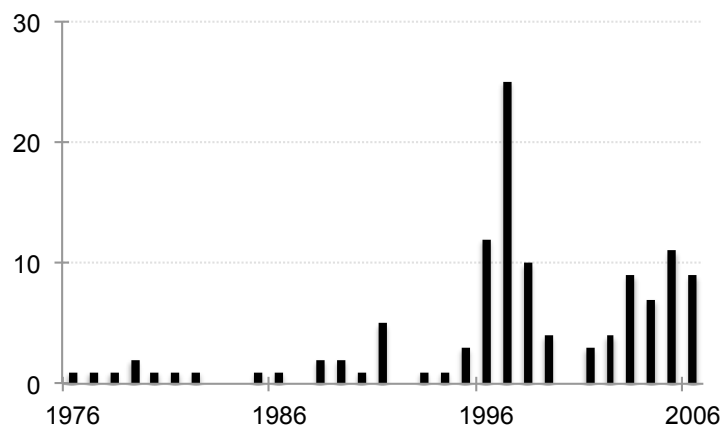


Figura 29 Distribuição diacrónica de traduções de Szyborska para várias línguas entre 1976 e 2006 (dados do *Index Translationum*)

IV 2. 2. 5. 2. 3 Razões da predominância

À semelhança do que acontece no caso dos outros autores com maior número de traduções no presente *corpus*, os motivos subjacentes a proliferação de Szyborska no contexto português de chegada podem ser agrupados em duas categorias: factores literários e extraliterários. Tal como nos casos anteriores, aos factores literários pertence, segura e essencialmente, a universalidade do conteúdo temático, bem como a simplicidade da linguagem (herança do realismo social) e a ironia que, conforme defende Swiatkiewicz (2011a: 3), constitui um traço distintivo desta poetisa. Aos factores extraliterários pertence certamente a atribuição do Prémio Nobel de Literatura em 1996. Ao contrário do que se verifica no caso de Sienkiewicz, em que a atribuição deste prémio se mostra significativa mas não determinante na importação de textos para Portugal, no caso de Szyborska esta distinção parece constituir um factor decisivo. Esta conclusão é baseada no facto de a maior parte das traduções desta poetisa (3 de um total de 4) ter sido publicada após esta distinção.

IV 2. 3 Perfil geral dos autores traduzidos

Proceder-se-á, agora, à identificação do perfil geral dos autores traduzidos constantes do *corpus* e à análise da sua evolução ao longo dos seis subperíodos da história das relações luso-polacas delineados no CAPÍTULO II 3.

IV 2. 3. 1 Identificação do perfil geral dos autores traduzidos

Após a ponderação de vários modos de classificação propostos por estudos que, tal como o presente, contam com um elevado número de textos traduzidos (e.g., Popa 2006, Špirk 2011, Torres 2004), foi tomada a decisão de agrupar os autores de acordo com o período em que recai a maior parte da sua produção literária em língua polaca. Salienta-se que sempre que considerado justificado procede-se, nalguns subperíodos, a uma subdivisão mais refinada de acordo com outras variáveis (por exemplo, o lugar da residência do autor polaco na altura da publicação das respectivas traduções portuguesas). De referir ainda que, devido ao reduzido número de autores/textos traduzidos no primeiro (1855-1918) e segundo

(1919-1939) subperíodo, a identificação do perfil geral obedecerá a critérios diferentes nestes casos.

IV 2. 3. 2 Evolução cronológica do perfil

IV 2. 3. 2 1 Primeiro subperíodo da história das relações luso-polacas (1855-1918)

Como mencionado anteriormente, a primeira tradução constante do *corpus* (COR 001) data de 1855 e é da lavra de Jan Czyński, activista político exilado em França. Aos olhos de hoje a tradução deste autor poderá causar admiração atendendo a que se trata de um escritor desconhecido na actualidade. Todavia, a sua publicação no Portugal oitocentista parece perfeitamente justificada considerando que se trata de uma tradução baseada num TP polaco (a) publicado em Paris (i.e., capital da chamada República Universal das Letras [cf. Casanova 2004: 24], terra de asilo para os refugiados políticos de vários cantos do globo e, com efeito, o principal palco de encontro entre os emigrados polacos e portugueses); e (b) passado durante a revolta de 1830-1831 pela restituição de independência da Polónia (coadunando-se, deste modo, com a “polonofilia” que a causa polaca desperta em Portugal em meados do século XIX - veja-se CAPÍTULO II 3).

Como se poderá inferir da Tabela 20, entre a publicação de Czyński (1855) e o termo da Primeira Guerra Mundial (1918) (que marca o fim do primeiro subperíodo da história das relações luso-polacas) são traduzidos apenas mais dois autores constantes do *corpus*. Ao contrário do caso da tradução acima descrita, trata-se de escritores que, na altura da publicação dos respectivos TC portugueses, tinham já ganho renome internacional e ascendido ao estatuto de clássicos. Trata-se de:

- Sienkiewicz (apresentado no IV 2. 2. 1; no subperíodo em análise representado no *corpus* por duas traduções diferentes de *Quo Vadis* [COR 002 e 003]); e
- Kraszewski (prolífico romancista, historiador, músico e crítico literário, um dos responsáveis pela assimilação das obras de realistas europeus pela cultura polaca (Balzac, Dickens, Gogol), considerado um dos precursores do romance histórico na Polónia, servindo de modelo para futuras gerações de romancistas polacos, incluindo Sienkiewicz; no presente *corpus* surge representado pela tradução de um romance histórico ambientado em Roma nos tempos de Nero [COR 017]).

Também em oposição ao que se verifica no caso de Czyński, a proliferação neste subperíodo de traduções de Sienkiewicz no mercado literário português parece pouco surpreendente, uma vez que, como atesta Krzyżanowski (1953: 1), na viragem do século XIX para o século XX este escritor afigura-se como o mais traduzido autor polaco de então. A presença de Kraszewski, marginal em comparação com a de Sienkiewicz (um volume do primeiro *versus* vinte volumes do segundo publicados neste subperíodo), será explicável, pelo menos em parte, por táticas comerciais de aproveitamento de oportunidade empregues pelas editoras portuguesas, que terão publicado um texto de um compatriota de Sienkiewicz com o intuito de aproveitar a crescente procura do romance histórico oriundo da Polónia.

Tabela 20 Autores traduzidos entre 1855 e 1918

Nome	Nº vols.	Data TC
Czyński	1	1855
Kraszewski	1	1902
Sienkiewicz	20	1900 (2), 1901 (12), 1902 (3), 1903, 1912, 1913

IV 2. 3. 2 2 Segundo subperíodo da história das relações luso-polacas (1919-1939)

Conforme fica patente da Tabela 21, no período entre-guerras foi traduzido e publicado em volume apenas um autor, a saber Sienkiewicz. Todos os TC datados deste período constituem (re)traduções de um dos seus romances, nomeadamente *Quo Vadis* [COR 023-26]. Deste modo, torna-se claro que entre 1919 e 1939 (data da eclosão da Segunda Guerra Mundial), i.e., período em que se assiste a uma aproximação entre duas culturas (conforme discutido no II 3. 2), não são importados para Portugal, por via de tradução, nenhuns novos autores ou obras, sendo a literatura polaca representada por um escritor e um texto, cuja primeira tradução no *corpus* data já de 1900.

Tabela 21 Autores traduzidos entre 1919 e 1939

Nome	Nº vols.	Data TC
Sienkiewicz	4	1923, 1927 (2), 1935

IV 2. 3. 2 3 Terceiro subperíodo da história das relações luso-polacas (1940-1945)

Os autores polacos constantes do *corpus* e traduzidos no terceiro subperíodo da história das relações luso-polacas podem ser divididos em dois grupos:

- os falecidos antes do final da Segunda Guerra Mundial (1945), i.e., cuja produção literária é anterior à instalação do regime comunista na Polónia;
- os vivos depois desta data, i.e., cuja produção literária é, maioritariamente, posterior à instalação do regime comunista na Polónia (ou em casos pontuais, recai no decorrer da Segunda Guerra Mundial).

Por questão de conveniência, o primeiro grupo será rotulado de “pré-1945” e o segundo de “pós-1945”. Para efeitos de clareza, a classificação acima anunciada surge exposta na Tabela 22.

Tabela 22 Autores traduzidos entre 1940 e 1945

Grupo	Autor	Nº vols.	Ano (TC)
Pré-1945	Sienkiewicz	3	1943 (2), 1944
	Reymont	2	1942, 1944
Pós-1945	Choromański	1	1943
	Kościan	1	1943
	Kuczyński	1	1940
	Wasilewska	1	1945
Total		9	

Como se torna claro da leitura da tabela, o grupo de autores pré-1945 é composto por:

- Sienkiewicz (representado neste subperíodo por uma retradução do romance *Quo Vadis* [COR 034] e duas novas traduções de contos [COR 031-32]) e
- Reymont (proeminente romancista da Jovem Polónia; representado no *corpus* por duas traduções no subperíodo em apreciação: uma novela e um romance, que traz a este autor a distinção com o prémio Nobel da Literatura de 1924).

Por sua vez, o grupo de autores pós-1945 inclui:

- Choromański (romancista e dramaturgo polaco de ascendência judaica, representado no *corpus* pela tradução de um romance psicológico [COR 030] que se transforma instantaneamente num dos maiores êxitos comerciais do mercado do livro polaco dos anos 1930);
- Kościan (autor presentemente olvidado, sobre o qual não foi possível recuperar nenhuma informação fidedigna, representado no *corpus* pela tradução de um texto literário [COR 029] cuja acção se desenrola na Polónia durante a Segunda Guerra Mundial);
- Kuczyński (hoje caído no esquecimento, no período entre-guerras envolvido romântica e profissionalmente com uma das mais influentes figuras da vida literária de então (Zofia Nałkowska), representado no *corpus* pela tradução de um romance decorrido na Polónia sob a ocupação Nazi [COR 027]);
- Wasilewska (activista política comunista, ícone da literatura soviética e prémio Estaline de 1943, representada no *corpus* no período em causa pela tradução [COR 045] de um romance sobre a invasão Nazi da União Soviética).

Como se poderá inferir da informação contida na Tabela 23, que apresenta a proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus* no subperíodo em estudo, o primeiro grupo é, no cômputo geral, menos numeroso do que o segundo (dois autores *versus* quatro), constituindo apenas um terço (33,33%) da totalidade dos autores traduzidos. Todavia, a despeito desta desvantagem numérica, no que diz respeito ao número de volumes traduzidos, o peso do primeiro grupo no *corpus* é consideravelmente mais significativo (66,67% de um total de TC). A predominância dos TC compostos por autores pré-1945 deve-se, maioritariamente, a Sienkiewicz, cujas obras constituem 60% da totalidade das traduções deste grupo.

A importação neste subperíodo de autores considerados pré-1945 não causa admiração, tratando-se de escritores que, na altura da publicação dos respectivos TC, tinham já sido consagrados (e.g., com o Prémio Nobel) e ascendido ao estatuto de clássicos de literatura.

Tabela 23 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus* (1940-1945)

Grupo	Nº autores	%	Nº vols.	%
Pré-1945	2	33,33	5	55,56
Pós-1945	4	66,67	4	44,44
Total	6	100	9	100

A publicação das (re)traduções de Sienkiewicz é igualmente fácil de interpretar tendo em linha de consideração que se trata de um autor apropriado pela cultura portuguesa pelo menos desde 1900 (data da primeira tradução deste autor constante do *corpus*). Contudo, a importação neste subperíodo dos autores classificados como pós-1945 requer uma explicação mais elaborada, considerando que se trata de escritores relativamente pouco conhecidos mesmo no contexto da cultura polaca de partida (Kościan, Kuczyński) ou na altura apenas em ascensão (Wasilewska, Choromański).

A tradução destes escritores parece justificada pela actualidade da temática das suas obras: psicanalítica no caso de Choromański, bélica nos casos de Kościan, Kuczyński e Wasilewska. Mais concretamente, a importação na altura da Segunda Guerra Mundial de um romance psicológico de Choromański parece coadunar-se com a intensa inquietação intelectual humanista provocada em toda a Europa pelos horrores da guerra, bem como com o interesse pelas (na altura ainda relativamente recentes) inovações nos campos da psicologia e psiquiatria do início do século XX (protagonizadas por Sigmund Freud, Alfred Adler e Carl Gustav Jung, entre outros).

Por sua vez, a tradução de textos de Kościan, Kuczyński e Wasilewska, decorridos durante a Segunda Guerra Mundial, terá resultado do interesse que a invasão Nazi e Soviética da Polónia suscita em Portugal (e restante Europa).

Não obstante a explicação acima oferecida, a publicação em 1945 (i.e., durante a vigência do Estado Novo, regime militantemente anti-comunista) de uma tradução de Wasilewska (como já mencionado, ícone de literatura soviética e encarnação da propaganda estalinista), suscita algum interesse, especialmente tendo em conta que as afinidades políticas da autora não são escondidas mas sim anunciadas explicitamente na capa do romance (de onde consta a informação sobre a atribuição à escritora do Prémio Estaline). Todavia, poderá ser explicada pelo abrandamento censório que se observou em Portugal neste ano (Marques 1998: 397; Torre Gómez 2010: 60), relacionado com o decorrer da campanha eleitoral ou, mais especificamente, com a vontade governamental de legitimar o regime aos olhos das instituições estrangeiras. De facto, como se apura da consulta de fichas de censura (veja-se III 1. 3. 3 xxviii), imediatamente depois das eleições de 1945 (nos anos 1946 e 1947) o romance de Wasilewska (em versão portuguesa, francesa e inglesa) é avaliado pelos agentes da censura, rotulado de “livro comunizante” e, como tal, retirado da circulação no Estado Novo (veja-se COR 035, campo “Observações”).

IV 2. 3. 2 4 Quarto subperíodo da história das relações luso-polacas (1946-1974)

À semelhança do que se verifica no subperíodo anterior, os autores polacos constantes do *corpus* e traduzidos entre 1946 e 1975 podem ser divididos em dois grupos:

- pré-1945 (i.e., os falecidos antes da conclusão da Segunda Guerra Mundial (1945), ou seja, cuja produção literária é anterior à instalação do regime comunista na Polónia);
- pós-1945 (i.e., os vivos após esta data, ou seja, cuja produção literária é, maioritariamente, posterior à instalação do regime comunista na Polónia).

O segundo grupo poderá ser ainda subdividido em:

- exilados (i.e., os que na altura da publicação dos respectivos TC portugueses se encontram refugiados nos países ocidentais, sobretudo em França e Inglaterra);
- sediados na Polónia (i.e., os que, na altura em que surgem os respectivos TC portugueses se encontram radicados na República Popular Polaca).

Por questões de clareza, a classificação acima anunciada encontra-se sistematizada na Tabela 24. De acordo com a tabela, o grupo de autores pré-1945 é composto por:

- Sienkiewicz (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* por onze retraduições [COR 037, 039, 040, 043-45, 047, 050, 057] (das quais oito de *Quo Vadis*, uma de *Krzyżacy*, uma de *Potop* e uma de *Organista z Ponikły*) e por uma nova tradução de um romance de aventuras (*W pustyni i w puszczy* – COR 042);
- Witkiewicz (pintor, dramaturgo e filósofo, representante da vanguarda europeia do entre-guerras (Siewierski 2000: 160); representado no *corpus* pela tradução [COR 056] de um drama com características de sátira e com notas de grotesco). De referir que a tradução portuguesa é elaborada com vista a ser encenada em Março de 1972 nos palcos do Teatro Municipal São Luís em Lisboa. Contudo, a peça é cancelada pela censura, em virtude do “problema da droga e das implicações de ordem ideológica nela existentes” (Rebello 1972 *apud* Zurbach 2008: 76). A publicação, no mesmo ano, desta tradução, acompanhada de documentação sobre o processo censório que leva à anulação da peça teatral, torna manifestas as contradições e incongruências da censura em Portugal durante a chamada Primavera Marcelista (Zurbach 2008: 72).
- Żeromski (romancista, em termos etários praticamente contemporâneo a Sienkiewicz, considerado uma das figuras centrais da Jovem Polónia; representado, no subperíodo agora em estudo, pela tradução do romance histórico *Wierna Rzeka*, centrado na revolta de 1863 pela restituição de independência da Polónia [COR 036]).

Tabela 24 Autores traduzidos entre 1946 e 1974

Grupo	Subgrupo	Nome	Nº vols.	Ano (TC)
Pré-1945	-	Sienkiewicz	12	1947, 1952 (2), 1957, 1958, 1959 (2), 1962, 1964, 1965, 1973, 1974
		Witkiewicz	1	1972
		Żeromski	1	1947
Pós-1945	Sediados na Polónia	Dobraczyński	1	1960
		Iwaskiewicz	1	1962
		Andrzejewski	1	1962
		Tyrmand	1	1964
	Exilados	Gombrowicz	1	1969
		Kott	1	1968
		Mackiewicz	1	1955
		Mrożek	1	1971
		Stypułkowski	1	1952
	Total		23	

O subgrupo de autores pós-1945 exilados, por seu turno, contempla:

- Gombrowicz (um dos autores polacos com maior projecção mundial - quinto lugar na lista dos autores polacos mais traduzidos (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*) - no período agora em análise representado no *corpus* pela tradução do romance *Kosmos*, publicado em 1965 no Instytut Literacki Kultura em Paris e galardoado em 1967 com o prestigiado prémio internacional Formentor [COR 054]. A data de publicação da dita tradução portuguesa (1969) é longe de casual, recaindo dois anos após a atribuição deste prémio. Na altura em que surge esta tradução Gombrowicz encontra-se exilado em Paris).
- Kott (crítico e teórico de teatro, representado no *corpus* pela tradução de um ensaio literário sobre o drama shakespeariano [COR 053]. Na altura em que surge a dita tradução (1968), Kott encontra-se exilado nos Estados Unidos da América).
- Mackiewicz (escritor, jornalista e activista político, entre 1941-1945 primeiro ministro do governo polaco no exílio, representado no presente *corpus* pela tradução da biografia romanceada de Dostoievski. Na altura da publicação desta tradução (1955), Mackiewicz reside em Londres [COR 041]).
- Mrożek (dramaturgo e novelista, o oitavo autor polaco mais traduzido no mundo de acordo com os quadros estatísticos do *Index Translationum* (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*), consagrado como “o rei do teatro moderno na Polónia” (Siewierski 2000: 194), no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de contos grotescos que têm carácter de sátira política [COR 055]. A tradução portuguesa é submetida à Comissão de Censura de Lisboa e avaliada como apropriada para a venda no Estado Novo. Na altura em que surge esta tradução (1971), Mrożek tinha obtido asilo político em França e encontrava-se abrangido pela censura na Polónia, onde não foi permitida a circulação das suas obras nos circuitos oficiais editoriais).
- Stypułkowski (advogado e activista político, sobrevivente da Insurreição de Varsóvia (1944) e vítima de estalinismo, julgado na farsa jurídica organizada em Moscovo em 1945 para desacreditar os opositores do regime comunista polaco; no *corpus* em análise representado pela tradução das suas memórias da Segunda Guerra Mundial [COR 038], publicadas originalmente na editora polaca em Londres (Gryf publications), em que se desvendam os crimes e métodos soviéticos de investigação política. No ano em que se publica a tradução portuguesa (1952), Stypułkowski encontra-se radicado em Londres, onde recebe asilo político. A publicação desta tradução ocorre um ano após a visita do autor polaco a Portugal, coadunando-se com a política abertamente anticomunista promovida por Salazar.

Por fim, o grupo de autores pós-1945 sediados na Polónia inclui:

- Andrzejewski (escritor e político, no subperíodo em questão representado no *corpus* pela tradução de um romance passado nos tempos da Inquisição espanhola [COR 049], que, por via alegórica, demonstra a desilusão com o regime comunista. Inicialmente próximo da ideologia marxista, Andrzejewski abandona o partido comunista no período de

desestalinização, tornando-se, na altura em que surge a tradução portuguesa (1962), num dos representantes da vanguarda do “degelo” na cultura polaca (Bikont e Szczęsna 2006: 407).

- Dobraczyński (escritor e activista católico pró-comunista, distinguido com um leque variado de prémios literários nacionais e detentor de cargos políticos de destaque, representado no presente *corpus* pela tradução [COR 046] de um romance epistolar de índole místico-religiosa).
- Iwaszkiewicz (dramaturgo e romancista, já consagrado no período entre-guerras mas também altamente prezado durante a vigência da República Popular da Polónia (prémio Lenine de 1970), simpatizante do regime comunista e detentor de cargos de destaque oficiais, no subperíodo agora em consideração representado no *corpus* pela tradução de um conto de cunho místico-espiritual [COR 048], cuja acção se desenrola num convento nos tempos medievais. De referir que, embora não existam vestígios de a tradução ter sido avaliada pela Comissão de Censura de Lisboa, a versão portuguesa do conto em questão é considerada inaceitável para circular nas bibliotecas ambulantes da Gulbenkian, em virtude do risco de “perturbar o espírito de leitores” (Mendes 1966: s.p.).
- Tyrmand (jornalista e escritor, representado no *corpus* pela tradução [COR 051] de um romance policial passado em Varsóvia nos primeiros anos do pós-guerra. O romance, ao oferecer uma crítica à ordem sociopolítica instalada nos primeiros anos do domínio comunista na Polónia, é tido como um dos prenúncios do “degelo” no campo literário polaco, transformando-se rapidamente num êxito de vendas no mercado de livro nacional e, imediatamente depois, num sucesso comercial à escala mundial (com traduções para dezenas de línguas). Na altura em que surge a dita tradução portuguesa (1964), as obras de Tyrmand são alvo de repressões censórias e banidas da circulação oficial nas cadeias de distribuição oficial na Polónia).

Como se poderá retirar da Tabela 25, (que apresenta a proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus*), no subperíodo em consideração o grupo de escritores pré-1945 constitui, à semelhança do que se verifica no subperíodo anterior, um conjunto menos numeroso em termos do número de autores (três, i.e., 25% do total de autores traduzidos neste subperíodo) mas melhor representado em termos de volumes traduzidos (14, o que corresponde a 60,87% da totalidade de volumes traduzidos neste subperíodo). Tal como no subperíodo 1940-1945, a predominância dos TC compostos por autores pré-1945 deve-se, maioritariamente, a Sienkiewicz, cujas obras constituem 60% da totalidade das traduções deste grupo.

Para além disso, no que se refere ao grupo de autores contemporâneos, a tabela evidencia a predominância do subgrupo de escritores exilados, tanto em termos de autores (5 autores, i.e., 41,67% de um total de 12) como volumes traduzidos (5, i.e., 21,74% de um total de 23). Nesta configuração, torna-se claro que o grupo mais reduzido, quer no que toca aos autores (4, i.e., 33,33%) quer volumes (4, i.e., 17,39%), é constituído pelos autores sediados na Polónia.

Tabela 25 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no corpus (1946 e 1974)

Grupo	Subgrupo	Nº autores	%	Nº vols.	%
Pré-1945		3	25	14	60,87
Pós-1945	Sediados na Polónia	4	33,33	4	17,39
	Exilados	5	41,67	5	21,74
Total		12	100	23	100

A predominância, entre 1946 e 1974, de autores pré-1945 e pós-1945 exilados não causa admiração, considerando o antagonismo ideológico existente entre o Estado Novo (de cunho fascista) e a República Popular da Polónia (sob tutela comunista). Por outras palavras, a importação destes escritores no decorrer do Estado Novo (militantemente anticomunista) parece pouco surpreendente visto que se trata de autores que, por motivos diferentes, estavam fora do alcance do controle do regime comunista polaco, estando, deste modo, fora de suspeita de veicularem mensagens de propaganda pró-comunista. No caso de escritores classificados como pré-1945, a ausência de controle prendeu-se com o facto de se tratar de autores já falecidos, consagrados anteriormente à instalação da nova ordem sociopolítica, que não requerem autorização do estado para serem traduzidos, uma vez que os direitos autorais das suas obras não pertencem ao estado mas constituem um bem público. Por sua vez, no caso de escritores pós-1945 exilados, a ausência do controle estatal prende-se com o facto de se tratar de autores dissidentes, não abrangidos pelas leis do regime comunista, considerados (na altura da publicação dos respectivos TC portugueses) como *personae non gratae* na República Popular da Polónia. As suas obras, na maioria dos casos, são publicadas não nos circuitos editoriais oficiais na Polónia mas nas editoras polacas sediadas nos países da Europa ocidental, razão pela qual não precisam da autorização do estado polaco para serem traduzidas. Para as obras destes escritores, a tradução representa uma segunda vida, conferindo-lhes a visibilidade que lhes foi negada no mercado oficial do livro na Polónia.

Contudo, a presença (em versão traduzida) no Estado Novo de autores polacos sediados na República Popular da Polónia desperta alguma curiosidade visto que se trata de escritores que, por publicarem as suas obras nos circuitos editoriais oficiais do Estado polaco, se encontram sob o controle do regime soviético, podendo ser, deste modo, suspeitos de veicularem mensagens de propaganda pró-comunista, expressamente proibida pelo Estado Novo português. A importação destes escritores terá múltiplas causas. A primeira prender-se-á com o interesse que o breve período de liberalização da vida na Polónia comunista (observada em meados da década de 1950) desperta em Portugal e no resto da Europa. Esta sugestão parece corroborada pelas datas de todas as traduções dos autores deste grupo (concentradas na primeira metade da década de 1960) e pelo facto de duas das quatro obras traduzidas por autores deste grupo [COR 049 e 051] serem geralmente consideradas como prenúncios da vanguarda do “degelo” (desestalinização) na literatura polaca. A segunda razão estará relacionada com o facto de todas estas traduções serem filtradas e aceites pelas culturas centrais dominantes, que servem de modelo para as culturas dominadas/periféricas (como é o caso da cultura portuguesa). A esta conclusão

permite chegar o carácter indirecto destas traduções (vertidas por intermédio do inglês e francês) que, no caso de COR 051 e COR 053, surge anunciado explicitamente no peritexto. A terceira razão terá estado ligada à proximidade da doutrina religiosa entre as duas culturas, ideia corroborada pela temática místico-espiritual de duas traduções produzidas no subperíodo em questão. Por fim, a quarta razão prender-se-á com o interesse pelo romance policial observada em Portugal nos anos sessenta, motivo que explicará a importação do romance de Tyrmand (COR 051).

IV 2. 3. 2 5 Quinto subperíodo da história das relações luso-polacas (1975-1989)

À semelhança do que se verifica no subperíodo anterior, os autores polacos constantes do *corpus* e traduzidos entre 1975 e 1989 podem ser divididos em:

- pré-1945 (i.e., falecidos previamente à instalação do regime comunista);
- pós-1945 exilados (i.e., vivos posteriormente a 1945, cuja produção literária é, maioritariamente, posterior à instalação do regime comunista na Polónia e que na altura da publicação dos respectivos TC portugueses se encontram refugiados em países ocidentais);
- pós-1945 sediados na Polónia (vivos posteriormente a 1945, cuja produção literária é, maioritariamente, posterior à instalação do regime comunista na Polónia e que na altura da publicação dos respectivos TC portugueses se encontram radicados na República Popular Polaca).

Para efeitos de transparência, esta classificação encontra-se sistematizada na Tabela 26. Conforme evidenciado na tabela, o grupo de autores pré-1945 é composto por:

- Reymont (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pelas tradução de um conto [COR 061]);
- Schulz (escritor e pintor polaco de origem judaica, considerado uma das principais figuras da literatura polaca do entre-guerras; no *corpus* representado por três traduções de contos [COR 061, 070 e 078]);
- Sienkiewicz (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* por cinco retraduições: três de *Quo Vadis*, uma de *Krzyżacy*, e uma de *Potop* [COR 059, 062, 065, 067, 079]);
- Żeromski (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de um excerto do romance *Popioły*, cuja acção decorre em Espanha durante a época napoleónica [COR 061]).

Por seu turno, o subgrupo de autores pós-1945 exilados contempla:

- Gombrowicz (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de um conto e de um romance [COR 061 e 081]);
- Lem (entre 1980 e 1987, i.e., na altura da publicação da maior parte das suas traduções portuguesas, Lem encontra-se exilado na Alemanha e Áustria; no subperíodo em estudo representado no *corpus* por nove traduções de contos e romances [COR 061, 066, 068, 069, 072, 074, 076, 080, 082]);

- Miłosz (terceiro autor polaco mais traduzido no mundo (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*), prémio Nobel de Literatura, na altura da tradução exilado nos Estados Unidos da América; no subperíodo em consideração representado no *corpus* por duas traduções, uma de poesia e outra de um ensaio que explora as atitudes tomadas pelos intelectuais polacos perante as autoridades no período estalinista [COR 075 e 077]);
- Mrozek (no subperíodo agora em análise representado por duas traduções: uma de um conto e outra de uma peça teatral [COR 061 e 063];
- Rudnicki (prosador e ensaísta polaco de origem judaica, na altura da publicação do respectivo TC (1977) exilado em França, representado no *corpus* pela tradução de um conto [COR 061] que narra a história das vítimas da ocupação Nazi e dos campos de concentração).

Tabela 26 Autores traduzidos entre 1975 e 1989

Tipo	Subtipo	Nome	Nº títulos.	Ano (TC)
Pré-1945		Reymont	1	1977 (A)
		Schulz	3	1977 (A), 1983, 1987
		Sienkiewicz	5	1976, 1977, 1978, 1979, 1987
		Żeromski	1	1977 (A)
Pós-1945	Exilados	Gombrowicz	2	1977 (A), 1988
		Lem	9	1977 (A), 1979, 1983 (2), 1985 (2), 1986, 1987, 1989
		Miłosz	2	1985 (A), 1987
		Mrożek	2	1977 (A), 1978
		Rudnicki	1	1977 (A)
			Andrzejewski	1
	Sediados na Polónia	Borowski	1	1977 (A)
		Brandys	1	1977 (A)
		Czeszko	1	1977 (A)
		Dąbrowska	1	1977 (A)
		Dygat	1	1977 (A)
		Fiałkowski	1	1985
		Filipowicz	1	1977 (A)
		Herbert	1	1985 (A)
		Hołuj	1	1977 (A)
		Iwaszkiewicz	1	1977 (A)
		Jawień (Wojtyła)	1	1984
		Kawalec	1	1977 (A)
		Krynicky	1	1985 (A)
		Nałkowska	1	1977 (A)
		Nowak	1	1977 (A)
		Parandowski	1	1977 (A)
		Przymanowski	1	1978
		Różewicz	2	1977 (A), 1985 (A)
		Szyborska	1	1985 (A)
		Wasilewska	1	1976
		Żukrowski	1	1977 (A)
Total			49 (27 em antologia)	

Por fim, ao grupo de autores pós-1945 sediados na Polónia pertencem:

- Andrzejewski (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de um conto grotesco [COR 061]);
- Borowski (prosador, poeta e publicista, sobrevivente de campos de extermínio nazis, representado no *corpus* pela tradução de um conto sobre a ocupação hitleriana da Polónia [COR 061]);
- Brandys (prosador, ensaísta e dramaturgo, representado no *corpus* pela tradução de um conto baseado nas recordações da Segunda Guerra Mundial [COR 061]);
- Czeszko (prosador e publicista, ligado à esquerda política na Polónia, representado no *corpus* pela tradução de um excerto do romance decorrido na Segunda Guerra Mundial que descreve o processo de amadurecimento da juventude operária para a luta [COR 061]);
- Dąbrowska (prosadora, dramaturga e publicista, representada no *corpus* pela tradução de um conto [COR 061]);
- Dygat (prosador e argumentista cinematográfico, representada no *corpus* pela tradução de um conto [COR 061]);
- Fiałkowski (cientista e autor de ficção científica, representado no *corpus* pela tradução de um romance de ficção científica datada de 1985, i.e., em pleno auge da popularidade de Lem no mercado do livro português (veja-se IV 2. 2. 2. 2). Este facto, por sua vez, sugere que a importação do texto de Fiałkowski se deve, pelo menos em parte, às táticas mercantis empregues pelas editoras portuguesas, que terão publicado um texto de um compatriota de Lem com o intuito de aproveitar a crescente procura da literatura de ficção científica oriunda da Polónia);
- Filipowicz (prosador e argumentista, militante dos movimentos esquerdistas durante a Segunda Guerra Mundial, representado no *corpus* pela tradução de um trecho de um romance [COR 061]);
- Herbert (poeta, uma das mais destacadas figuras da poesia polaca da segunda metade do século XX, representado no *corpus* pela tradução de versos [COR 075]);
- Hołuj (poeta, prosador e dramaturgo, sobrevivente de Auschwitz, activista do partido comunista no pós guerra), representado no *corpus* pela tradução de um conto cuja acção decorre nos tempos comunistas;
- Iwaszkiewicz (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de um conto sobre o fascínio com a beleza física [COR 061]);
- Wojtyła (na altura em que surge o TC [COR 073] - em 1984 - já eleito Sumo Pontífice; no *corpus* em análise surge representado pela tradução de um drama de cunho religioso; a data da publicação deste TC ocorre dois anos após a primeira visita papal a Portugal, conjugando-se com a tendência de aumento de traduções de outros textos deste autor (classificados dentro da categoria “Religião. Teologia”) observada na década de 1980 (conforme demonstrado no III 1. 5. 4);
- Kawalec (prosador e repórter representado no *corpus* pela tradução de um excerto de um romance que aborda a questão da nova realidade sociopolítica da Polónia no pós-guerra [COR 061]);

- Krynicki (poeta, representante da geração literária designada Nowa Fala [Nova Onda], i.e., grupo de poetas debutantes na década de 1960, cuja obra é marcada pelos acontecimentos políticos vividos na Polónia em Março de 1968; representado no *corpus* pela tradução de versos [COR 075]);
- Nałkowska (prosadora e ensaísta, uma das mais influentes figuras da vida literária do período entre-guerras, representada no *corpus* pela tradução de um conto sobre a degeneração da psique humana nos tempos de guerra [COR 061]);
- Nowak (poeta e prosador, representado no *corpus* pela tradução de um conto que retrata as vicissitudes da vida rural nos tempos de guerra e após a transformação sociopolítica observada na Polónia [COR 061]);
- Parandowski (prosador e tradutor, mais conhecido pelas obras que evocam o motivo de antiguidade; representado no *corpus* pela tradução de um conto que exprime o fascínio com o mundo antigo, contrastando-o com os apocalipses do século XX [COR 061]);
- Przymanowski (prosador, argumentista e militar, representado no *corpus* pela tradução de um romance ambientado na Segunda Guerra Mundial, romance este que serve de base para uma série televisiva de culto emitida nos países do Bloco de Leste [064]);
- Różewicz (poeta e prosador, um dos representantes da “Geração dos Colónos” (“Kolumbowie”); representado no *corpus* pela tradução de versos e de um conto [COR 061 e 075]);
- Szymborska (representada no *corpus* pela tradução de versos [COR 075]);
- Wasilewska (já mencionada em X, representada no *corpus* no período em causa pela tradução de contos passados na Segunda Guerra Mundial [COR 060]);
- Żukrowski (prosador e ensaísta, autor de livros para crianças e jovens; representado no *corpus* pelo conto ambientado durante a invasão Nazi à Polónia em Setembro de 1939 [COR 061]).

No cômputo global, no subperíodo em análise observam-se duas alterações significativas face aos subperíodos antecedentes. Por um lado, conforme demonstrado na Tabela 27 (que apresenta a proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus* no subperíodo em estudo), ao contrário do que se verifica nos subperíodos anteriores, o grupo de autores pré-1945 constitui o grupo com menor peso no *corpus* (correspondendo apenas a 20,41% das traduções). Por outro lado, em oposição ao que se verifica no subperíodo imediatamente anterior (1946-1976), o grupo de autores pós-1945 sediados no país mostra ser o melhor representado, tanto em termos do número de autores (22, i.e., 70,97%) como em termos do número de obras traduzidas (23; 46,94%).

Tabela 27 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus* (1975-1989)

Grupo	Subgrupo	Nº autores	%	Nº vols.	%
Pré-1945		4	12,9	10	20,41
Pós-1945	País	22	70,97	23	46,94
	Exilados	5	16,13	16	32,65
Total		31	100	49	100

A predominância, entre 1974 e 1989, de autores sediados na Polónia terá sido causada pela abertura à influência dos países sob a tutela comunista observada em Portugal após a mudança ideológica provocada pela queda do Estado Novo (particularmente manifesta nos primeiros anos do pós-25 de Abril, em que se assiste à ascensão ao poder de organizações de orientação pró-comunista). Esta abertura cria condições propícias à importação acelerada de autores que, durante o Estado Novo, são suspeitos de veicularem mensagens de propaganda marxista. Neste contexto parece particularmente significativo que entre os primeiros autores polacos traduzidos após a queda do Estado Novo se encontra Wasilewska (como já mencionado, ícone da literatura de propaganda comunista) e Przymanowski (autor do romance cuja adaptação televisiva glorifica o exército soviético).

IV 2. 3. 2 6 Sexto subperíodo da história das relações luso-polacas (1990-2010)

À semelhança do que sucede nos subperíodos anteriores, os autores polacos constantes do *corpus* e traduzidos entre 1990 e 2010 podem ser divididos em:

- pré-1945 (i.e., falecidos antes da conclusão da Segunda Guerra Mundial (1945);
- pós-1945 (i.e., vivos após esta data).

Para além disso, os autores do segundo grupo poderão ser ainda divididos em:

- pré-1989 (i.e., cuja produção literária ocorreu maioritariamente durante a vigência do regime comunista na Polónia);
- pós-1989 (cuja produção literária ocorreu maioritariamente após a queda do regime comunista na Polónia).

A classificação e informação referente a estes autores surge exposta na Tabela 28. De acordo com a tabela, o grupo de autores pré-1945 é composto por:

- Grabiński (tipicamente alcunhado de “Poe polaco”, um dos representantes na literatura polaca entre-guerras da novela gótica que se alimenta da psicologia do terror; representado no *corpus* pela tradução de contos ferroviários [COR 099]);
- Laskier (adolescente polaca de origem judaica, vítima do holocausto, tipicamente rotulada de “Anne Frank polaca”; representada no *corpus* pela tradução de um diário publicado postumamente que constitui um testemunho da perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial [COR 108]);
- Sienkiewicz (no subperíodo agora em análise representado no *corpus* pela tradução de uma antologia de contos e duas retraduições do romance *Quo Vadis* [COR 084, 091, 102]).

O subgrupo de autores pós-1989, por sua vez, inclui:

- Barska (autora de literatura infanto-juvenil, representada no *corpus* pela tradução de um livro para crianças, escrito originalmente em co-autoria com Głogowski e Sójka [COR 095]);

Tabela 28 Autores traduzidos entre 1990 e 2010

Grupo	Subgrupo	Nome	Nº títulos	Ano (TC)
Pré-1945	-	Grabiński	1	2003
		Laskier	1	2007
		Sienkiewicz	3	1990, 1994, 2007
Pós-1945	Pós-1989	Barska	2	2000 (2)
		Głogowski	2	2000 (2)
		Gross	1	2010
		Huelle	2	2008 (2)
		Libera	1	2006
		Sójka	4	2000 (4)
	Pré-1989	Lem	3	1990, 1991 (2)
		Miłosz	1	2004 (A)
		Pagaczewski	1	1999
		Strykowski	1	1990
		Szczypiorski	1	1991
		Szpilman	1	2002
		Szyborska	3	1998, 2004 (A), 2006
		Wasilewska	1	2005 (A)
		Herbert	1	2009
		Kapuściński	6	1997, 2001, 2004, 2005, 2007, 2009

- Głogowski (poeta e prosador, autor de literatura infanto-juvenil; representado no *corpus* pela tradução de um livro para crianças, escrito originalmente em co-autoria com Barska e Sójka [COR 095]);
- Gross (historiador polaco de origem judaica, radicado desde a década de 1960 nos Estados Unidos da América; representado no *corpus* pela tradução de um livro que constitui um testemunho do *pogrom* contra judeus polacos [COR 113]);
- Huelle (prosador, representado no *corpus* pela tradução de dois romances que, por vias diferentes, abordam a questão da transição da Polónia para a democracia capitalista, oferecendo uma retrospectiva para o passado comunista polaco [COR 109 e 110]);
- Libera (tradutor e prosador; representado no *corpus* pela tradução de um romance cujo enredo se situa na Polónia comunista [COR 106]);
- Sójka (representada no *corpus* por quatro traduções de livros infanto-juvenis, uma das quais em co-autoria com Głogowski e Barska [COR 093-096]).

Por fim, ao subgrupo pré-1989 pertencem:

- Lem (no subperíodo em análise representado no *corpus* pela tradução de três romances de ficção científica [COR 083, 087, 088]);
- Miłosz (no subperíodo em análise representado pela tradução de versos contidos na antologia COR 100). De acordo com a informação constante do peritexto, esta tradução tem por objectivo solenizar a adesão da Polónia à União Europeia);
- Pagaczewski (geógrafo e escritor; representado no *corpus* pela tradução de um livro infanto-juvenil [COR 092]);

- Strykowski (prosador polaco de origem judaica; representado no *corpus* pela tradução de um romance alegórico que constitui uma reflexão sobre as diversidades do estalinismo na Polónia [COR 085]. A tradução é lançada à estampa em 1990, i.e. um anos após o colapso do comunismo na Polónia, tirando, portanto, proveito do interesse que a transformação ideológica nos países do Bloco de Leste desperta em Portugal);
- Szczypiorski (prosador, representado no *corpus* pela tradução de um romance que evoca a temática das relações polaco-judaicas durante a Segunda Guerra Mundial e o regime comunista);
- Szpilman (compositor polaco de origem judaica; representado no *corpus* pela tradução do relato da sobrevivência no Gueto de Varsóvia [COR 098]. A data da tradução é imediatamente posterior à adaptação cinematográfica do romance polaco (realizado por Roman Polański), que estreia em Portugal em 2001);
- Wasilewska (no subperíodo em análise representada pela tradução de contos decorridos na Segunda Guerra Mundial [COR 103]);
- Herbert (no subperíodo em análise representado no *corpus* pela tradução de versos [COR 111]);
- Kapuściński (representado no *corpus* pela tradução de cinco romances e um conjunto de ensaios [COR 089, 097, 101, 104, 107, 112]).

Como se poderá concluir da informação contida na Tabela 29, o grupo de autores pós-1945 cuja produção teve lugar durante o período comunista (i.e., pré-1989) é o que se encontra melhor representado, tanto em termos de autores (10 autores, 52,63%) como de traduções (19; 52,78%). O segundo grupo com mais expressão em termos de autores (5 autores, i.e., 31,58%) e de volumes (12, i.e., 33,33%) é constituído pelos autores pós-1945, cuja produção ocorre durante e após a queda do regime comunista. Nesta configuração, o grupo mais reduzido, quer no que toca aos autores (3, i.e., 15,79%) quer no que respeita aos volumes (5, i.e., 13,89%), é constituído pelos autores pré-1945.

Embora a presente investigação tenha dificuldades em apurar as razões subjacentes ao predomínio do primeiro grupo acima citado, torna-se possível detectar um padrão temático na distribuição diacrónica da traduções publicadas no subperíodo agora em estudo. De facto, quase metade dos TC (5 dos 11) publicados na década de 1990 pode ser classificada como literatura infanto-juvenil. Ao mesmo tempo, mais que um terço das traduções (7 das 17) publicadas na década de 2000 aborda os temas relacionados com o Holocausto, ocupação Nazi e sovietação da Polónia.

Tabela 29 Proporção dos autores pré-1945 e pós-1945 no *corpus* (1990-2000)

Grupo	Subgrupo	Nº autores	%	Nº vols.	%
Pós-1945		3	15,79	5	13,89
Pré-1945	pré-1989	10	52,63	19	52,78
	pós-1989	6	31,58	12	33,33
Total		19	100	36	100

CAPÍTULO IV 3

QUEM TRADUZ?

Com este capítulo pretende-se responder à terceira indagação colocada no modelo de análise, a saber: “quem traduz?”. Ao fazê-lo, o capítulo focará os tradutores inventariados no *corpus*. Numa secção inicial, será efectuada a análise global dos dados, que compreenderá o estudo da distribuição sincrónica e diacrónica dos tradutores no *corpus*. Numa segunda secção, o foco recairá sobre a (in)visibilidade dos tradutores no peritexto. Por fim, serão identificados três perfis dos tradutores e analisada a sua evolução ao longo das décadas.

IV 3. 1 Análise global

A análise global dos dados agrupados no campo “tradutor” (veja-se ANEXO B CORPUS) permite concluir que se encontram referenciados no *corpus* TC traduzidos por oitenta e seis tradutores diferentes. Os tradutores cuja identidade foi possível estabelecer com base na análise peri e/ou epitextual surgem inventariados por ordem alfabética na Tabela 30. Apesar dos esforços investidos no apuramento da identidade real do tradutor, será de admitir que alguns dos nomes são, de facto, pseudónimos.

Tabela 30 Tradutores constantes do *corpus*, por ordem alfabética (1855-2010)

Alberty, Ricardo (1919-1992)	Margarido, Alfredo (1928-?)
Alves, Manuela (?-?)	Marques, Gentil (1918-1991)
Artiaga, Yolanda (?-?)	Mas, Jaime (?-?)
Ávila, Norberto (1936-)	Matos, Maria Leonor Correia de (?-?)
Bagagem, Conceição Cordeiro (?-?)	Menezes, Filipa (?-?)
Barão, José (1904-1966)	Mesquita, Marcelino (1856-1919)
Bentes, José António (?-?)	Milewska, Elżbieta (?-)
Braga, Jorge Sousa (1957-)	Miranda, Nuno (?-?)
Brito, Teresa (?-?)	Monteiro, Domingos (1903-1980)
Brochado, António (1918-1977)	Monteiro, Olympio (ca 18-- -?)
Busse, Inês (?-?)	Motrena, Edmundo Nery (?-?)
Caramalho, Isolino (?-?)	Nápoles, Lemos de (1866-1932)
Cardoso, A. César (?-?)	Neves, P. Moreira das (1906-1992)
Carmo, José Palla e (?-?)	Neves, Sérgio das (?-)
Charchalis, Maria José (?-?)	Nicolau, Alice (?-?)
Charchalis, Wojciech (?-?)	Noronha, Eduardo de (1859-1948)
Correia, Maria Clara (?-?)	Passos, Aníbal (ca 18-- -?)
Costa, Carlos Gomes da (?-?)	Pereira, Carlos Santos (?-?)
Costa, L. (?-?)	Pereira, José Jacinto da Silva (?-?)
Dias, Carlos Malheiro (1875-1941)	Pereira, José Marques (?-?)
Eduarda, Maria (?-?)	Pescada, António (1938-)
Fernandes, Aníbal (1944-)	Pinheiro, Eduardo (1892-?)
Ferreira, L. Pinto (?-?)	Potocka, Selda (?-?)

Ferreira, Leyguarda (1897-?)	Quadros, Domingos Cabral de (?-?)
Figueiredo, Cândido de (1846-1925)	Rebelo, Alexandra (?-?)
Figueirinhas, António (1865-1945)	Reis, Pedro (?-?)
Fonseca, Eurico (1921-2000)	Rodrigues, Fernanda Pinto (?-?)
Fonseca, Maria da Graça Simeão da (?-?)	Rodrigues, Maria Milewska (1970-)
Frias, César de (1894-?)	S.N. (?-?)
Gabinete de Traduções P.A.R.	Sabler, António (?-?)
Garção, Mayer (1872-1930)	Saldanha, Ana (1959-)
Gaspar, José da Natividade (1904-?)	Santos, José Francisco dos (?-?)
Gomes, Júlio Sousa (?-?)	Saramago, José (1922-2010)
Gonçalves, Daniel Augusto (1921-?)	Siewierski, Henryk (1951-)
Guerreiro, Ana Cristina (?-?)	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes (1960-?)
Guimarães, Maria Joana (1969-)	Szymaniak, Włodzimierz Józef (?-?)
Jorge, Luiza Neto (1939-1989)	Tavares, Lia (?-?)
Leão, Isabel Vaz Ponce de (?-?)	Tojal, Altino do (1939-?)
Loureiro, José (?-?)	Tomás, Maria de Fátima (?-?)
Lourenço, João (?-?)	Veiga, Adalberto (1875-1951)
Machado, José António (1915-?)	Vieira, José Carlos Alves (Rev.)(1880-?)
Machado, Raul de Sousa (1921-)	Wódkowski, Zbigniew (?-?)

IV 3. 1. 1 Distribuição sincrónica

Conforme avançado anteriormente, os 113 TC presentes no *corpus* são traduzidos por um total de oitenta e seis tradutores, incluindo:

- i. nove equipas de tradutores, em particular:
 - um quinteto (Correia, Fernandes, Menezes, C. Pereira e Siewierski);
 - um trio (Bagagem, Caramalho e Guerreiro);
 - cinco duplas (Bentes e Veiga; Charchalis e Charchalis; Leão e Szymaniak; Neves e Milewska; Noronha e Potocka);
- ii. três tradutores individuais que traduzem também colectivamente; (Noronha, Swiatkiewicz, Veiga);
- iii. onze tradutores não identificados;
- iv. sessenta e cinco tradutores individuais.

A média de TC por tradutor é de 1,31 volumes.⁷³ Deste valor médio torna-se possível concluir a existência de uma alta dispersão de volumes por tradutor. Todavia, a dispersão afigurar-se-á menos elevada à luz da informação numérica relativa, por exemplo, a traduções portuguesas de literatura em checo produzidas no decorrer do século XX. Efectivamente, conforme consta em Špírk (2009: 350-351), estas vinte e três traduções de checo publicadas em Portugal estão distribuídas por vinte e um tradutores, resultando numa média de 1,09 volumes por tradutor. Embora a diferença entre os dois valores médios supracitados - 1,31 no caso da literatura polaca e 1,09 no caso da literatura checa - pareça residual, não deixa

⁷³ Para efeitos desta equação, cada equipa de tradutores conta como uma unidade. Nos casos em que não é possível apurar a identidade do tradutor, este é contado separadamente. No caso de tradutores individuais que traduzem também em colaboração, contam-se apenas as traduções individuais.

de ser significativa, sugerindo uma maior concentração no caso das traduções de polaco. Lamentavelmente, não se encontram disponíveis dados comparativos para outros pares de línguas periféricas para o escopo temporal agora em análise. Adicionalmente, a média de 1,31 volumes por tradutor estimada para as traduções de literatura polaca para o período 1855-2010 sugere que, se o total de TC se tivesse repartido de forma igual entre tradutores, caberia a cada um pouco mais do que um volume traduzido. Efectivamente, na prática o *corpus* é distribuído de forma consideravelmente equilibrada: a esmagadora maioria (81,53%) dos tradutores produz apenas um volume de literatura polaca e os tradutores com mais do que uma tradução constituem um grupo muito restrito (18,47%). Em particular, de acordo com a informação contida na Tabela 31, que hierarquiza e agrupa os tradutores de acordo com o número de TC produzidos, 11,95% dos tradutores produz dois volumes e 6,52% entre três e cinco.

Tabela 31 Tradutores constantes do *corpus*, por ordem decrescente do número de TC (1855-2010).

Nº TC/tradutor	Nome de tradutor			Proporção no total dos tradutores
5	Charchalis e Charchalis	Noronha	Swiatkiewicz	3,26%
4	Szymaniak e Leão			1,08%
3	Fernandes, A.	Nápoles, Lemos de		2,18%
2	Alves	Caramalho	Ferreira, L. P.	11,95%
	Figueirinhas	Gomes, J.	Milewska e Neves	
	Monteiro, D.	Potocka, S.	Rodrigues, F.	
	S.N.	Veiga, A.		
1	Alberty, R.	Artiaga, Y.	Ávila, N.	81,53%
	Bagagem, C.	Barão, J.		
	Braga, J.	Brito, T.	Brochado, A.	
	Busse, I.	Cardoso, A.	Carmo, J.	
	Correia, M.	Costa, C.	Costa, L.	
	Dias, C.	Eduarda, M.	Ferreira, L.	
	Figueiredo, C.	Fonseca, E.	Fonseca, M.	
	Frias, C.	Gabinete de Traduções P.A.R.	Garção, M.	
	Gaspar, J.	Gonçalves, D.	Guerreiro, A.	
	Guimarães, M.	Jorge, L.	Loureiro, J.	
	Lourenço, J.	Machado, J.	Machado, R.	
	Margarido, A.	Marques, G.	Mas, J.	
	Matos, M.	Menezes, F.	Mesquita, M.	
	Miranda, N.	Monteiro, O.	Motrena, E.	
	Neves, P.	Nicolau, A.	Passos, A.	
	Pereira, C.	Pereira, J.	Pereira, J.	
	Pescada, A.	Pinheiro, E.	Quadros, D.	
	Rebelo, A.	Reis, P.	Rodrigues, M.	
	Sabler, A.	Saldanha, A.	Santos, J.	
	Saramago, J.	Siewierski, H.	Tavares, L.	
	Tojal, A.	Tomás, M.	Vieira, J.	
	Wódkowski, Z.	11 tradutores não identificados		

IV 3. 1. 2 Distribuição diacrónica

Da apreciação da Figura 30 (que contrasta a flutuação do número de volumes traduzidos com a do número de tradutores por década) torna-se evidente que até à década de 1980 em quase todos os decénios o número de tradutores se equipara ao de volumes traduzidos. De facto, em quase todas as décadas contidas entre 1851 e 1980 os valores máximos da linha contínua (expressiva da evolução no número de tradutores) revelam-se idênticos aos valores máximos das barras (expressivas da evolução no número de volumes traduzidos). Este facto, por sua vez, significa que neste período a média estimada é de um volume por tradutor. Com efeito, esta alta dispersão é inversamente proporcional à especialização.

O únicos casos que, anteriormente aos anos 1980, destoam desta tendência de dispersão são as décadas de 1900 e de 1940, i.e., aquelas em que os valores máximos da linha contínua são inferiores aos valores máximos das barras cinzentas, registando-se nestes períodos médias de 1,4 e 1,1 volumes por tradutor, respectivamente. O elevado valor médio verificado na primeira década do século XX deve-se quase exclusivamente à actividade de Eduardo de Noronha que, neste período, publica quatro volumes de traduções de Sienkiewicz (dois dos quais traduzidos em cooperação com Selda Potocka). Por seu turno, a ligeira subida da média registada nos anos 1940 fica a dever-se a Domingos Monteiro, que assina nesta década duas traduções de literatura polaca.

Ao examinar as flutuações no número de TC e de tradutores referenciados no *corpus*, poder-se-á igualmente identificar a década de 1980 como um marco de alteração na distribuição de volumes por tradutor, assistindo-se, a partir desta década, a uma progressiva concentração de volumes por tradutor, expressiva da crescente especialização. Em boa verdade, embora continuem a existir tradutores ocasionais (i.e., que publicam apenas uma tradução de literatura polaca) tornam-se cada vez mais frequentes tradutores que traduzem esta literatura com alguma regularidade.

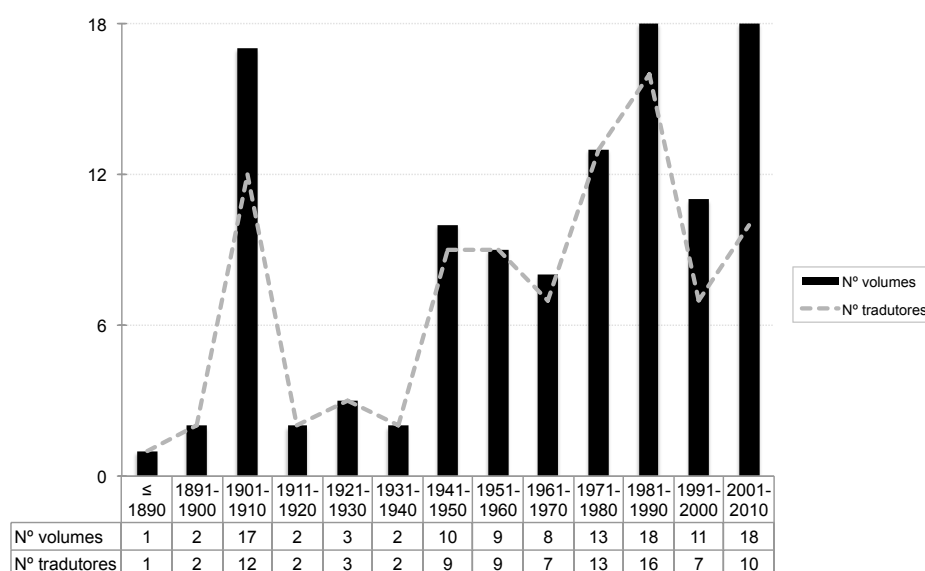


Figura 30 Distribuição diacrónica de TC e de tradutores no *corpus* (1851-2010)

No que toca às razões subjacentes a esta concentração, na década de 1980 estará relacionada com a actividade de Aníbal Fernandes (três volumes publicados nesta década, correspondentes a 16,6% da totalidade de traduções da literatura polaca publicadas entre 1981-1990). A concentração dos anos 1990 fica a dever-se (a) à proliferação de traduções assinadas pela dupla Charchalis e Charchalis (4 volumes publicados nesta década, correspondendo a 35,6% da totalidade de traduções da literatura polaca publicadas entre 1991-2000) e (b) à actividade de Júlio Sousa Gomes (dois volumes publicados nesta década; 18%). A concentração registada na primeira década do século XXI poderá ser explicada, predominantemente, pelo surgimento de traduções de Teresa Fernandes Swiatkiewicz (5 volumes publicados nesta década; 27% da totalidade de traduções da literatura polaca publicadas entre 2001 e 2010) e de duas duplas: Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves, e Włodzimierz Józef Szymaniak e Isabel Vaz Ponce de Leão, com dois e quatro volumes publicados nesta década, respectivamente (que representam 11% e 22% no *corpus* nesta década).

IV 3. 2 Identificação dos tradutores no peritexto

A análise dos elementos peritextuais apresentados do campo “f” (Publicação do nome do tradutor) do ANEXO B CORPUS permite concluir que os volumes onde consta o nome do tradutor predominam no *corpus*, tanto em termos quantitativos como em termos diacrónicos.

IV 3. 2. 1 Distribuição sincrónica

No que toca à perspectiva sincrónica, as 101 traduções cujo peritexto revela a identidade do tradutor representam 94% dos TC referenciados no *corpus* e disponíveis para a consulta. Com efeito, o peso das traduções anónimas na população dos textos em análise é reduzido, totalizando 6% do *corpus*. Evidentemente, é imprescindível admitir que a eventual verificação dos TC correntemente (Março 2013) indisponíveis para a consulta (COR 006, COR 019, COR 024, COR 060, COR 084, COR 091) possa contribuir para o aumento do número de traduções anónimas no *corpus*. Contudo, mesmo tendo em consideração este cenário, a proporção destes textos não ultrapassaria 11% do *corpus*.

A existência de traduções anónimas não é surpreendente, tendo em conta o tradicional anonimato dos tradutores no mercado português de livro. Embora seja impossível obter dados comparativos para todo o período histórico analisado pelo presente estudo, os resultados do processamento dos dados disponíveis em CECC e CEAUL (2009) e respeitantes ao período 1930-1965 revelam que a proporção de traduções de literatura anónimas no total de traduções portuguesas é praticamente da mesma ordem de grandeza (7,63%) que a proporção de traduções anónimas de literatura polaca no *corpus* publicadas nos trinta e cinco anos acima referidos (11,11%) (veja-se, a este propósito, Tabela 32, que apresenta a comparação destes dados).

Tabela 32 Distribuição sincrónica da proporção de TC anónimos (CECC e CEAUL 2009 versus corpus)

LP	Fonte de dados	Período	Total vols.	TC anónimos	
				Vols.	%
Várias	CECC e CEAUL (2009)	1935-1965	9315	711	7,63
POL	<i>Corpus</i>		27	3	11,11

Será de salientar que as traduções anónimas constantes do *corpus* constituem, esmagadoramente, retraduições de um TP polaco, nomeadamente *Quo Vadis* de Sienkiewicz. Para além disso, a análise macro-estrutural e micro-textual destas retraduições permitiu apurar que nalguns casos trata-se de plágios de traduções já existentes (e.g., a tradução COR 059 constitui um plágio da tradução COR 009).

IV 3. 2. 2 Distribuição diacrónica

Como foi já mencionado, as traduções cujo peritexto inclui uma indicação do nome do tradutor predominam no *corpus* também em termos históricos. Em boa verdade, em quase todas as décadas em que existem traduções de literatura polaca as traduções com esta informação representam mais que metade do *corpus*. Somente nas décadas de 1850, 1910, 1920 e 1930 esta tendência não se verifica: nestes anos o número de traduções anónimas é igual ou superior ao de traduções que incluem a identificação do tradutor.

É particularmente relevante a observação de que a tradução anónima mais recente constante do *corpus* surge nos anos 1970, mais concretamente em 1972. Posteriormente a esta data todas as traduções que foi possível consultar incluem informação sobre a identidade do tradutor. Esta observação poderá sugerir que os anos 1980 constituem um marco de alteração no que toca à indicação de identidade do tradutor no peritexto. Todavia, tratando-se de um *corpus* de dados muito restrito, a validação desta hipótese terá que passar por estudos mais abrangentes que englobem outras LP.

IV 3. 3 Perfil dos tradutores

Como se poderá perceber da leitura do elenco de tradutores apresentado na Tabela 31, trata-se de um grupo muito heterogéneo em vários aspectos, constituído por:

- tradutores que quase não deixaram rasto nos registos biobibliográficos disponíveis (e.g., L. Costa, S.N., Lia Tavares) e tradutores considerados figuras notáveis da cultura portuguesa (e.g., Lúcia Jorge, Domingos Monteiro, Ricardo Alberty, José Saramago, José de Sousa Braga, Norberto Ávila, Ana Saldanha);
- falantes nativos de língua portuguesa e falantes nativos de língua polaca;
- tradutores profissionais (i.e., cuja ocupação exclusiva ou principal é a tradução, e.g., Leyguarda Ferreira) e representantes de outras profissões que traduzem apenas ocasionalmente (e.g., Pe. José Carlos Alves Vieira).

Tendo em conta a diversidade e o elevado número de tradutores referenciados no *corpus*, ao invés de analisar cada tradutor separadamente serão agora propostos quatro perfis gerais

para os tradutores e analisada a sua evolução ao longo das décadas. No processo de desenho dos perfis serão tidas em conta quatro variáveis contextuais: (a) género, (b) competência linguística, (c) especialização na tradução de literatura polaca e (d) profissão principal do tradutor. A escolha destes três parâmetros prende-se com o facto de se terem revelado significativos em estudos anteriores centrados na análise de tradutores (e.g., Sapiro 2008, Skibinska 2008 e 2010, Torres 2004).

IV 3. 3. 1 Variável “Competência linguística

Relativamente à variável “Competência linguística”, foram estabelecidos, para fins do presente trabalho, dois atributos, a saber: (a) competência nativa em língua polaca (quando o tradutor é falante nativo do polaco) e (b) competência nativa em língua portuguesa (quando o tradutor é falante nativo do português). Embora esta distinção binária pareça muito redutora, revelou ter considerável utilidade para o caso do presente *corpus*.

A identificação da língua materna dos tradutores passou, em primeira instância, pela averiguação do(s) nome(s) e apelido(s) dos tradutores. Apesar de pouco sofisticado, este método mostrou-se muito produtivo, permitindo estabelecer a língua materna da maioria dos tradutores constantes do *corpus*. Nos casos de dúvida (principalmente quando só se conhecem as iniciais do nome do tradutor) recorreu-se a diversos registos biobibliográficos (e.g., Andrade 1999; Lapa e Vidigal 1980).

Porém, na maioria dos casos esta estratégia não trouxe os resultados pretendidos. Por esta razão, foi tomada a decisão de, sempre que se mostra impossível identificar a língua materna do tradutor (porque a tradução é publicada anonimamente ou porque apenas se conhecem as iniciais), assumir que ele/ela tem competência nativa em língua portuguesa e não polaca. Esta presunção afigura-se legítima, tendo em conta que quase todos os casos de dúvida dizem respeito a tradutores que publicam as traduções na primeira metade do século XX, i.e., na altura em que o círculo de falantes nativos de língua polaca a publicar obras em Portugal é muito pouco numeroso (veja-se CAPÍTULO II 3).

IV 3. 3. 1 1 Distribuição sincrónica

Entre 1855 e 2010 as traduções portuguesas de literatura polaca são realizadas por setenta e nove falantes nativos de língua portuguesa e sete falantes nativos de língua polaca (são eles, por ordem alfabética do último apelido: Wojciech Charchalis, Elżbieta Milewska, Selda Potocka, Maria Milewska Rodrigues; Henryk Siewierski, Włodzimierz Józef Szymaniak e Zbigniew Wódkowski). Dos sete falantes da língua polaca dois produzem traduções individualmente (Rodrigues e Wódkowski) e cinco em colaboração com falantes nativos de língua portuguesa (as duplas Charchalis e Charchalis; Leão e Szymaniak; Neves e Milewska; Noronha e Potocka; e um quinteto Correia, Fernandes, Menezes, C. Pereira e Siewierski). Desta informação numérica é possível concluir que os falantes nativos de língua portuguesa que traduzem individualmente (ou em equipas compostas somente por falantes nativos de

Tabela 33 Distribuição sincrónica da proporção de falantes nativos PL, de falantes nativos PT e de equipas luso-polacas no *corpus*

	Tradutores		TC		Média
	Nº	%	Nº	%	vols./tradutor
Nativos PL	2	2,33	2	1,77	1
Nativos PT	79	91,86	97	85,84	1,22
Equipas luso-polacas	5	5,81	14	12,39	2,8
Total	86	100	113	100	-

língua portuguesa) representam 91,86%, os falantes nativos de língua polaca que traduzem individualmente 2,33% e as equipas luso-polacas 5,81% do total de tradutores constantes do *corpus*.⁷⁴ Esta informação encontra-se sistematizada na Tabela 33.

Da leitura desta tabela é igualmente possível inferir que, embora a proporção de falantes nativos de língua polaca no total de tradutores seja residual (igualando-se a 2,33% ou, se incluirmos também a sua participação em equipas luso-polacas, a 8,14%), o seu peso no *corpus*, medido em termos de volumes traduzidos, mostra-se consideravelmente mais significativo. De facto, cumulativamente estes tradutores são responsáveis pela (co)tradução de dezoito (14,16%) traduções.

Para além disso, a tabela evidencia que a média de volumes traduzidos no caso de equipas luso-polacas (2,8) constitui mais que o dobro da estimada para os casos de falantes nativos do polaco (1) ou do português (1,22) que traduzem individualmente. A consequente justaposição destas observações permite admitir que as equipas de tradutores com competência linguística a nível de língua materna tanto em LP como em LC demonstram maior propensão para a especialização em traduções portuguesas de literatura polaca do que os tradutores individuais, tanto falantes nativos da LP como da LC. Para averiguar se este padrão se verifica no caso de outras línguas (semi)periféricas, a ocorrência desta tendência terá que ser testada no contexto de novos projectos de investigação, baseados em *corpora* distintos e/ou mais latos.

IV 3. 3. 1 2 Distribuição diacrónica

Relativamente à distribuição diacrónica, a correlação das variáveis “competência linguística” e “data de publicação do TC” revela a importância histórica dos falantes nativos de língua portuguesa nas traduções de literatura polaca publicadas em Portugal. Efectivamente, da observação das colunas centrais da Tabela 34 é possível inferir que estes tradutores predominam esmagadoramente em todas as décadas abrangidas pelo presente estudo: não existe uma só década em que representem menos do que 60% do total de tradutores (os valores percentuais registados na coluna “Falantes nativos PT-tradutores” são sempre iguais ou superiores a 60%) ou em que as suas obras não excedam 52,94% do *corpus* (os valores percentuais registados na coluna “Falantes nativos PT-TC” são sempre iguais ou superiores a 52,94%).

⁷⁴ Para fins do presente cálculo assume-se que as traduções anónimas são compostas por falantes nativos de língua portuguesa.

Tabela 34 Distribuição diacrónica da proporção de falantes nativos PL, de falantes nativos PT e de equipas luso-polacas no *corpus* (1855-2010)

Língua materna	Falantes nativos PL				Falantes nativos PT				Equipas PL-PT			
	Tradutores		TC		Tradutores		TC		Tradutores		TC	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
antes de 1890	0	0,00%	0	0,00%	1	100,00%	1	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1891-1900	0	0,00%	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1901-1910	0	0,00%	0	0,00%	11	91,67%	15	88,24%	1	8,33%	2	11,76%
1911-1920	0	0,00%	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1921-1930	0	0,00%	0	0,00%	3	100,00%	3	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1931-1940	0	0,00%	0	0,00%	2	100,00%	2	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1941-1950	0	0,00%	0	0,00%	9	100,00%	10	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1951-1960	0	0,00%	0	0,00%	9	100,00%	9	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1961-1970	0	0,00%	0	0,00%	7	100,00%	8	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1971-1980	0	0,00%	0	0,00%	13	100,00%	13	100,00%	0	0,00%	0	0,00%
1981-1990	1	6,25%	1	9,09%	14	87,50%	16	88,89%	1	6,25%	1	5,56%
1991-2000	0	0,00%	0	0,00%	6	85,71%	7	63,64%	1	14,29%	4	36,36%
2001-2010	1	10,00%	1	5,88%	6	60,00%	9	52,94%	3	30,00%	7	41,18%
Total	2				97				14			

Não obstante esta preponderância, a coluna mais à direita da tabela evidencia igualmente que a partir da década de 1980 se tem assistido ao gradual incremento do número de equipas luso-polacas no *corpus*.

De facto, do período 1981-1990 para o período 2000-2010 a proporção de tradutores pertencentes a estas equipas sobe de 6,25% para 41,18%. O aumento da proporção das traduções compostas por estas equipas é ainda mais acentuado: enquanto nos anos 1980 estas traduções representam 5,56% do total de TC publicados neste decénio, nos anos 2000 constituem 41,18% desse total.

Tendo em conta todos estes factores, torna-se aceitável concluir que embora sejam muito menos numerosos do que os falantes nativos de língua portuguesa, os falantes nativos da língua polaca têm presentemente (na primeira década do século XXI) um peso muito significativo no mercado de traduções de literatura polaca em Portugal. A crescente valorização de um domínio nativo da língua polaca dos anos 1980 em diante (manifesta pela crescente proporção destes tradutores no *corpus*) poderá igualmente sugerir que, no caso de traduções portuguesas de literatura polaca, a partir dos anos 1980 a tendência geral é de aderência à norma inicial de adequação. Contudo, a corroboração desta hipótese terá que passar, necessariamente, por uma análise comparativa sistemática a nível micro-textual, não contemplada no presente estudo.

IV 3. 3. 2 Variável “Género do tradutor”

No que concerne à variável “Género do tradutor”, inicialmente foram criados dois valores, a saber: (a) género feminino e (b) género masculino. Tal como no caso da variável “Competência linguística”, a identificação do género do tradutor passou, em primeira instância, pela averiguação do(s) nome(s) e apelido(s) dos tradutores e, seguidamente, em casos ambíguos, pela consulta de obras de referência norteadas pelo intuito de encontrar dados biobibliográficos fidedignos. Todavia, após a proliferação de casos em que a identidade do tradutor é desconhecida (porque a tradução é publicada anonimamente ou porque só se conhecem as iniciais) foi tomada a decisão de estabelecer mais um valor, nomeadamente (c) género desconhecido.

IV 3. 3. 2 1 Distribuição sincrónica

A maior parte (67,5%) dos tradutores de literatura polaca cuja identidade foi possível apurar através da análise dos dados disponibilizados nos respectivos peri e epitextos é constituída por tradutores do género masculino. Tomando esta observação como pano de fundo, revela-se importante assinalar a acentuada discrepância entre a proporção dos tradutores do género masculino no total de textos do *corpus* e a sua proporção na população de tradutores com domínio nativo de língua polaca. De facto, conforme evidencia a Tabela 35 (que apresenta a classificação do género dos tradutores nativos de língua polaca, contrastando-a com a classificação do género da totalidade dos tradutores constantes do *corpus*), a esmagadora maioria (71,43%) dos falantes nativos da língua polaca referenciados no *corpus* é de género feminino. Enquanto parece difícil justificar a predominância das mulheres neste grupo de tradutores, é possível sugerir que esta tendência se verifica não só no mercado de traduções de *literatura* polaca mas também, presumivelmente, no mercado da tradução científica, técnica etc. do polaco. A esta sugestão permite chegar a consulta da listagem de tradutores de língua polaca activos no mercado português, elaborada pela Embaixada da Polónia em Lisboa no ano de 2004 e em constante actualização (ERP s.d.). A consulta deste elenco, efectuada em Julho de 2011, revelou que de entre vinte e cinco tradutores nativos de língua polaca referidos nesta fonte vinte e dois (88%) são do género feminino. Embora este pequeno elenco de tradutores não possa ser tomado como representativo (até porque se desconhecem os principais critérios da sua compilação), este estudo não pode deixar de notar a aparente feminização da classe de tradutores nativos de língua polaca que presentemente actua no mercado português.

Tabela 35 Distribuição sincrónica da proporção de tradutores de género feminino, masculino e desconhecido na totalidade dos tradutores versus na totalidade dos tradutores falantes nativos PL

Género	Masculino		Feminino		Desconhecido		Nº total
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	
Tradutores							
Falantes nativos PL	2	28,57%	5	71,43%			7
Total de tradutores identificados	54	64,29%	26	30,95%	4	4,76%	84

IV 3. 3. 2 2 Distribuição diacrónica

A Figura 31, que cartografa a evolução histórica da distribuição da proporção de tradutores de género masculino e feminino no *corpus*, revela que os homens predominam no *corpus* também em termos diacrónicos, representando em quase todas as décadas em análise (excepto as de 1920, 1960 e 1990) mais de metade do total dos tradutores. Não obstante, o gráfico evidencia igualmente uma tendência para o aumento da proporção de tradutores de género feminino no *corpus* que se observa dos anos 1940 em diante, embora com alguns retrocessos. Este recrudescimento é expressivo da crescente feminização do mercado de traduções de literatura polaca. A leitura do gráfico permite igualmente reconhecer a década de 1980 como um marco na evolução do perfil dos tradutores: nesta década a proporção de tradutores do género feminino iguala-se à de tradutores do género masculino. Depois deste período o género feminino passa a constituir o grupo com maior representatividade no *corpus*.

IV 3. 3. 3 Variável “Especialização na tradução de literatura polaca”

No que se refere à variável “Especialização na tradução de literatura polaca”, foram estabelecidos, para efeitos do presente trabalho, dois atributos, a saber: (a) tradutor não especializado na tradução de literatura polaca (com uma ou duas traduções no *corpus*) e (b) tradutor especializado na tradução de literatura polaca (com mais do que duas traduções no *corpus*).

IV 3. 3. 3 1 Distribuição sincrónica

Como se podia antever da informação já proporcionada, o *corpus* é constituído, em larga medida, por tradutores não especializados na tradução de literatura polaca. Em boa verdade, a esmagadora maioria dos tradutores inventariados no *corpus* traduz literatura polaca apenas ocasionalmente (uma ou duas vezes no decorrer do todo o período em análise).

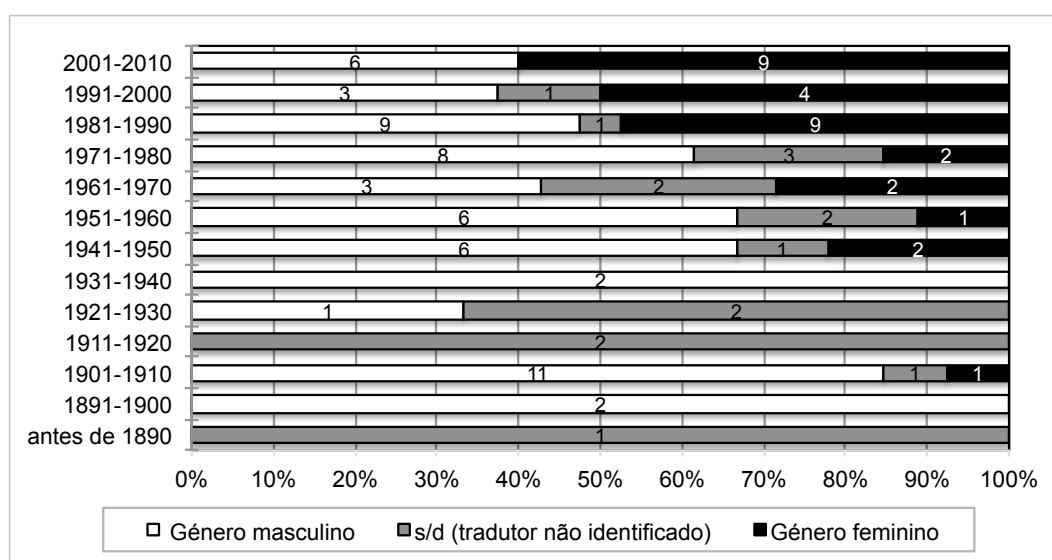


Figura 31 Distribuição diacrónica da proporção de tradutores de género feminino, masculino e desconhecido no total dos tradutores (1855-2010)

Desta forma, os tradutores que traduzem esta literatura com alguma regularidade são muito escassos (6, incluindo duas duplas) e a sua proporção no total de tradutores presentes no corpus é residual (6, 52%). São eles: (ordem alfabética) a dupla Charchalis e Charchalis; Aníbal Fernandes; a dupla Leão e Szymaniak; Lemos de Nápoles; Eduardo de Noronha e Teresa Fernandes Swiatkiewicz.

A despeito de se tratar de um grupo bastante diversificado, composto por (a) tradutores de género feminino e masculino; (b) falantes nativos da língua polaca e falantes nativos da língua portuguesa; (c) tradutores individuais e equipas de tradutores; (d) tradutores profissionais como representantes de outras profissões que se ocupam de tradução apenas esporadicamente, é possível reconhecer uma regularidade específica deste grupo. Mais especificamente, o cruzamento dos dados do campo H (“tradutor”) e do campo A (“autor”) permitiu constatar que, à excepção de Swiatkiewicz, todos os tradutores com mais do que duas traduções no *corpus* traduzem exclusiva ou maioritariamente textos de um só autor polaco. De facto:

- quatro das cinco traduções da dupla Charchalis e Charchalis são baseadas nos textos de Sójka;
- duas das três traduções de Aníbal Fernandes são baseadas nos textos de Schulz;
- todas as quatro traduções da dupla Leão e Szymaniak são baseadas nos textos de Kapuściński;
- todas as três traduções de Nápoles e todas as cinco de Noronha são baseadas nos textos de Sienkiewicz.

Neste pano de fundo torna-se claro que somente um tradutor (Swiatkiewicz) traduz um número mais elevado de autores polacos.

IV 3. 3. 3 2 Distribuição diacrónica

Durante a maior parte do período em estudo o *corpus* é dominado por tradutores dos não-especializados nas traduções de literatura polaca. Não obstante o acima exposto, torna-se imprescindível reconhecer a existência de dois tradutores especializados nesta literatura (Nápoles e Noronha) já na primeira década do século XX. Igualmente relevante torna-se a observação de que a partir dos anos 1980 se assiste ao gradual incremento do número de tradutores especializados, expressivo da crescente profissionalização dos tradutores no mercado da literatura polaca em Portugal. De facto, 70% dos tradutores de literatura polaca que publicam traduções na primeira década do século XXI podem ser rotulados de especializados. Significativamente, nesta década o peso deste grupo, medido em termos do número de volumes publicados, é ainda mais elevado, totalizando 80%.

IV 3. 3. 4 Variável “Profissão principal dos tradutores”

Devido à escassez de informação biográfica sobre os tradutores presentes no *corpus* foi impossível realizar um levantamento sistemático de dados que pudessem ser úteis na codificação da variável “Profissão principal dos tradutores”. Não obstante este constrangimento, o presente estudo não pode deixar de notar a possível existência,

independentemente do período histórico, de uma correlação entre a profissão principal dos tradutores para os quais foi possível obter essa informação, e a classificação genológica/temática dos TC que assinam. A título de exemplo, traduções realizadas por encenadores, dramaturgos e/ou autores (e.g., João Lourenço e Marcelino Mesquita) são tipicamente classificadas como textos dramáticos (e.g., COR 063 e COR 010, respectivamente). De igual modo, as produzidas por padres católicos (e.g., José Carlos Alves Vieira e Moreira das Neves) poderão ser categorizadas como obras de índole místico-religioso (COR 025 e COR 071, respectivamente); as da pena de cientistas (e.g., Eurico da Fonseca) podem ser classificadas como ficção científica (COR 066); e por fim, as da autoria de docentes/investigadores universitários na área de estudos de comunicação (a dupla Isabel Vaz Ponce de Leão e Włodzimierz Szymaniak) podem ser caracterizadas como exemplos de literatura factual ou novo jornalismo (COR 101, COR 104, COR 107, COR 112).

CAPÍTULO IV 4

ONDE SE TRADUZ?

IV 4. 1 Editoras

O presente capítulo procurará responder à quarta interrogação levantada aquando da descrição do modelo no III 3. 1, nomeadamente: “onde se traduz?”. O capítulo centrar-se-á nas editoras e nas colecções inventariadas no *corpus*. No que toca às editoras, em primeiro lugar será efectuada uma análise global dos dados que vislumbrará a distribuição sincrónica, diacrónica e geográfica destas editoras. Em seguida, a análise concentrar-se-á nas editoras com maior representatividade no *corpus*: definir-se-á um perfil geral destas editoras e explorar-se-ão as possíveis correlações observáveis no eixo editoras-tradutores e editoras-autores. Relativamente às colecções, após a averiguação da sua distribuição sincrónica e diacrónica no *corpus*, serão estabelecidos diferentes perfis em função da concentração de traduções da literatura polaca.

IV 4. 1. 1 Análise global

As primeiras e as novas edições dos TC constantes do *corpus* são publicadas por sessenta e uma editoras diferentes⁷⁵. Para além disso, mais seis editoras são responsáveis pela publicação das chamadas “outras edições”⁷⁶. A justaposição desta informação numérica permite concluir que, em suma, no período abrangido pelo presente estudo (1855-2010) os TC inventariados no *corpus* são publicados por um total de sessenta e sete editoras. Estas surgem elencadas, por ordem alfabética, na Tabela 36. De referir que, atendendo a limitações de espaço, sempre que justificado os nomes oficiais das editoras surgem na sua forma abreviada.

Como se poderá inferir da análise da informação sistematizada na tabela, trata-se de um grupo consideravelmente diversificado em vários aspectos, constituído por:

- grandes editoras com elevado capital financeiro e simbólico (e.g., João Romano Torres & C^a. Editores, Publicações Europa-América Lda.) e pequenas/médias empresas com reduzido capital financeiro e (frequentemente) simbólico (e.g., Ediclube, Livraria Moreira Editora);
- editoras com antiguidade no mercado do livro português (e.g., Lello Editores) e editoras recém-estabelecidas (e.g., Sopa das Letras);
- editoras especializadas (e.g., Cavalo de Ferro Editores, Gailivro) e editoras com um catálogo muito variado em termos temáticos (e.g., Livros do Brasil, Porto Editora Lda.).

⁷⁵ Conforme discutido no III 1. 4. 2, para fins do presente trabalho como “novas edições” entendem-se traduções do mesmo TP produzidas pelo mesmo tradutor, publicadas na mesma editora, mas com número de edição diferente.

⁷⁶ Conforme discutido no III 2. 4. 2, para fins do presente trabalho como “outras edições” entendem-se traduções do mesmo TP vertidas pelo mesmo tradutor, mas publicadas numa editora diferente.

Tabela 36 Editoras constantes do *corpus*, por ordem alfabética (1855-2010)

& Etc	Editorial Novaera	Mediasat Portugal
A editora	Editorial Presença	Parceira António Maria Pereira
Afrontamento	Empresa Editora de Romances Ilustrados	Pedra da Lua
Amigos do Livro	Empresa Literária Fluminense	Porto Editora, Lda.
APTA	Empresa Literária Universal	Portugal Press
Assírio & Alvim	Empresa Editora de Publicações Ilustradas	Portugália Editora
Bibliotheca Popular	Fomento de Publicações, Lda.	Prelo Editora
Campo das Letras	Gailivro	Publicações Dom Quixote
Castro e Silva	Henrique Torres Editor	Publicações Europa-América
Cavalo de Ferro	João Romano Torres	Rei dos Livros
Círculo de Leitores	Lello Editores	Relógio d'Água Editores
Diabril Editora	Livraria Barateira	Sec. Ed. Cª Nacional Editorial
Ediclube	Livraria Bertrand	Secção Editorial de "O Século"
Edições "Avante!"	Livraria Civilização Editora	Sextante
Edições Cotovia	Livraria Editora de António Figueirinhas	Sopa das Letras
Edições Paulistas	Livraria Editora Tavares Cardoso	Tipografia Beleza
Editora Ulisseia	Livraria Estúdios Cor	Tipografia da Casa Nun'Álvares
Editorial Caminho	Livraria Latina Editora	Tip. de Francisco Gonçalves
Editorial Crisos	Livraria Moreira Editora	Tip. de Gaudencio Martins
Editorial Estampa	Livraria Tavares Martins	UL, Faculdade de Letras
Editorial Gleba	Livros do Brasil	Vega
Editorial Inquérito	Luso	
Editorial Minerva	M. Gomes, Editor de Suas Majestades e Altezas	

IV 4. 1. 1 1 Distribuição sincrónica

Como avançado IV 4. 1. 1, nos 155 anos abrangidos pelo presente estudo as primeiras edições dos 113 TC registados no *corpus* têm a chancela de sessenta e uma editoras diferentes, representando uma média de 1,85 volumes por editora. Mesmo entrando em consideração com as seis editoras responsáveis pela publicação das nove “outras edições”, ou até com as trinta “novas edições”, a média global de volumes por editora afigurar-se-ia igualmente reduzida (1,81 e 2,25, respectivamente – veja-se Tabela 37).

As médias acima calculadas sugerem, portanto, uma elevada dispersão do *corpus* no que toca à distribuição dos TC por editoras. Esta fragmentação parece ainda mais acentuada na análise das médias de volumes por editora calculadas para traduções de línguas semi-periféricas inventariadas em Março de 2013 no CECC e CEAUL (2009) (Tabela 38). Como se torna claro a partir da observação da, entre 1935 e 1965 (o único período para o qual foi possível obter dados comparáveis), a média de traduções de língua polaca por editora mostra ser mais reduzida do que a calculada para a maior parte das línguas consideradas.

Tabela 37 Média global de volumes por editora (1855-2010)

TC	Nº vols.	Nº editoras	Média vols./editora
Primeiras edições	113	61	1,85
Primeiras edições + outras edições	121	67	1,81
Primeiras eds. + outras eds. + novas eds.	151	67	2,25

Tabela 38 Média de volumes por editora, calculada para traduções da literatura em língua polaca e em outras línguas (semi)periféricas (1930-1965, por ordem decrescente)

LP	Fonte de dados	Período	Nº vols. (1as ed.)	Nº editoras	Média vols./editora
DUT	CECC e CEAUL (2009)	1930-1965	13	2	6,5
SWE			23	11	2,09
GRE			16	8	2
FIN			2	1	2
JAP			2	1	2
CRO			2	1	2
ROM			18	11	1,63
HUN			11	7	1,57
NOR			18	12	1,5
BEN			6	4	1,5
DAN			14	10	1,4
CZE			4	3	1,33
POL	<i>Corpus</i>		27	22	1,23
CAT	CECC e CEAUL (2009)		2	2	1
LAT			1	1	1
MAR			1	1	1
BUL			1	1	1
HEB			2	2	1
ICE			1	1	1
TUR			1	1	1

A título exemplificativo, enquanto o valor médio obtido para a língua polaca é de 1,23, o calculado para as línguas holandesa e sueca é de cerca de seis e dois volumes por editora, respectivamente. Será, no entanto, de salientar que apesar de se referirem a um período ideologicamente muito marcado na história de Portugal (coincidente na íntegra com o Estado Novo), os valores aqui apresentados assumem-se representativos de um período temporal mais alargado, hipótese que deverá ser sujeita a um futuro trabalho de validação.

A elevada dispersão das traduções está igualmente patente na Tabela 39, que hierarquiza e agrupa as editoras de acordo com o número de TC publicados no período abrangido pelo presente estudo. De facto, apenas uma tradução de literatura polaca saiu dos prelos da esmagadora maioria das editoras (45, i.e., 67,16% do total) no decorrer dos 155 anos em análise. Acrescenta-se que mais de metade destas editoras publica textos de um só autor polaco, nomeadamente Sienkiewicz. De acordo com a tabela, dezassete editoras (que, cumulativamente, representam 25,37% do total) publicam entre duas e quatro traduções. Nesta configuração torna-se claro que apenas um grupo muito restrito das editoras (cinco, i.e., 8,94% do total) publica um número mais significativo de traduções (entre cinco e oito volumes).

Tabela 39 Editoras constantes do *corpus*, por ordem crescente do número de volumes (1855-2010)

	Nº vols./ editora	%	Nome de editora		
Editoras com 1 TC	45	67,16	& Etc	A editora	Afrontamento
			Amigos do Livro	APTA	Bibl. Popular
			Castro e Silva	Círculo de Leitores	Diabril
			Ediclube	Edições "Avante!"	Edições Cotovia
			Editora Ulisseia	Ed. Crisos	Ed. Gleba
			Editorial Novaera	Emp. Ed. Romances Ilustrados	Empresa Literária Fluminense
			Empresa Literária Universal	Empresa Editora de Publicações Ilustradas	Fomento de Publicações
			Henrique Torres Editor	Livraria Barateira	Livraria Bertrand
			Livraria Estúdios Cor	Livraria Latina Editora	Livraria Moreira
			Livraria Tavares Martins	Luso	M.G. Editor de Suas Maestades
			Pª António M. Pereira	Pedra da Lua	Porto Editora
			Portugal Press	Prelo Editora, S.A.R.L.	Public. D. Quixote
			Rei dos Livros	Sec. Ed. de "O Século"	Sextante
			Tip. da Casa Nun'Álvares	Tip. de Fr. L. Gonçalves	Tip. de Gaudencio Martins
			Tipografia Beleza	UL, Faculdade de Letras	Vega
Editoras com 2 TC	8	11,94	Assírio & Alvim	Edições Paulistas	Editorial Inquérito
			Lello Editores	Liv. Ed. A. Figueirinhas	Livros do Brasil
			Mediasat Portugal	Sopa das Letras	
Editoras com 3 TC	8	11,94	Cavalo de Ferro Editores, Lda.	Editorial Estampa, Lda.	Editorial Minerva
			Editorial Presença	João Romano Torres	Livr. Civilização
			Portugália Editora	Relógio d'Água Editores	
Editoras com 4 TC	1	1,49	Gailivro		
Editoras com 5 TC	2	2,98	Editorial Caminho	Sec. Ed. Cª Nacional	
Editoras com 7 TC	2	2,98	Campo das Letras	Tavares Cardoso	
Editoras com 8 TC	1	1,49	Europa-América		

IV 4. 1. 1 2 Distribuição diacrónica

Da observação da Tabela 40, que cartografa a evolução decenal do número de traduções por editora, é possível verificar que embora os números de TC e de casas editoriais variem significativamente em termos absolutos, mantêm-se proporcionalmente estáveis, sendo que a média de volumes por editora oscila, nos decénios em que se verificam traduções, entre um e dois. Não obstante o acima exposto, os valores relativamente elevados desta média que se observam nas primeiras décadas dos séculos XX e XXI (2 e 1,8 vols./editora,

respectivamente) sugerem um ligeiro, mas não completamente insignificativo, aumento da concentração de volumes por editora nestes decénios. O aumento afigurar-se-ia ainda mais acentuado se no cálculo fossem consideradas as respectivas novas edições.

O primeiro pico de concentração, observado na primeira década do século XX (média de dois volumes por editora), afigura-se consideravelmente homogéneo no que toca a editores e autores, devendo-se, essencialmente, à emulação entre duas casas editoras na publicação das obras sienkiewiczianas. São elas a Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão e a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, sob cujas chancelas são publicadas, neste decénio, cinco e sete volumes, respectivamente. Desta forma, parece plausível avançar que no primeiro decénio do século XX o mercado português de traduções de literatura polaca funciona como um típico oligopólio, i.e., uma forma de monopólio em que um grupo muito restrito de agentes promove o domínio da oferta de determinados bens no mercado. Efectivamente, entre 1901-1910 duas casas editoras prevalecem na oferta de traduções, tendo, todavia, diversos concorrentes, presumidamente em virtude do reduzido custo da entrada no mercado (como mencionado em IV 2. 2. 1, os custos de aquisição dos direitos de autor das obras de Sienkiewicz são mínimos devido às irregularidades no mercado do livro internacional). O segundo pico, observado na primeira década do século XXI (média de 1,8 vols. por editora), afigura-se consideravelmente mais heterogéneo: durante este decénio os dezoito TC (primeiras e outras edições), baseados nos TP escritos originalmente por doze autores (veja-se CAPÍTULO IV 2), são lançados à estampa por dez editoras distintas. A alta concentração constitui, pelo menos em parte, uma consequência indirecta do virtual monopólio de uma editora (a Campo das Letras Editores, S.A.) sobre as traduções de Kapuściński.

Tabela 40 Distribuição diacrónica da média de traduções por editor (1851-2010)

Década	Nº TC		Nº editoras	Média TC/editora
	Primeiras eds.	Outras eds.		
1851-1860	1	0	1	1
1861-1870	0	0	0	0
1871-1880	0	0	0	0
1881-1890	0	0	0	0
1891-1900	2	0	2	1
1901-1910	17	1	9	2
1911-1920	2	0	2	1
1921-1930	3	1	4	1
1931-1940	2	0	2	1
1941-1950	10	1	9	1,22
1951-1960	9	0	9	1
1961-1970	8	1	8	1,13
1971-1980	13	0	12	1,08
1981-1990	18	1	11	1,73
1991-2000	11	2	8	1,63
2001-2010	17	1	10	1,8
Total	113	8		1,81

Globalmente parece razoável assumir que quanto maior a concentração dos TC, mais notável se torna o foco, interesse ou, melhor dizendo, a especialização da editora em traduções de literatura polaca. No seguimento desta lógica, a dispersão de volumes é inversamente proporcional à especialização. Tomando este pressuposto como pano de fundo, a partir da tabela é possível observar dos anos 1980 em diante uma crescente, embora vagarosa e pouco regular, especialização das editoras portuguesas em traduções de língua polaca (o valor médio sobe de 1,73 na década de 1980 para 1,8 na década de 2000).

IV 4. 1. 1 3 Distribuição geográfica

No que se refere ao local da publicação dos TC em estudo, a análise do *corpus* revela que as traduções de literatura polaca constantes do *corpus* são publicadas em onze lugares diferentes, a saber (em ordem alfabética): Alfragide, Barcelona, Coimbra, Colares, Lisboa, Luanda, Mem Martins, Porto, Queluz de Baixo, São João do Estoril e Vila Nova de Gaia. Estas localidades poder-se-ão agrupar em quatro grupos principais, conforme demonstrado na Tabela 41. À luz da tabela torna-se evidente que a esmagadora maioria (77,61%) das casas editoras que lançam à estampa traduções do polaco estão concentradas na zona da Grande Lisboa. O segundo lugar na lista é ocupado pelas editoras da região do Grande Porto, mas a sua proporção no *corpus* é consideravelmente mais reduzida (17,91%). Por fim, o peso das editoras sediadas no estrangeiro e em Coimbra mostra-se praticamente negligenciável (2,99% e 1,49%, respectivamente). A centralização da actividade editorial em Lisboa e arredores não causa surpresa. Pelo contrário, era de esperar à luz dos resultados apresentados em Seruya (no prelo) que, ao analisar os dados contidos em CECC e CEAUL (2009) respeitantes a traduções portuguesas de literatura em várias línguas publicadas em volume, constata que entre 1930 e 1955 a esmagadora maioria das casas editoras portuguesas que publicam traduções concentra-se em Lisboa, seguida do Porto e de Coimbra.

Para além disso, é possível constatar que, enquanto as traduções com chancela de editoras sediadas em grandes centros urbanos (Lisboa e Porto) são distribuídas bastante equitativamente ao longo do todo o período em análise, as produzidas por editoras com sede em espaços suburbanos (Alfragide, Colares, Mem Martins, Queluz de Baixo, São João do Estoril, Vila Nova de Gaia) encontram-se centradas apenas nas três últimas décadas (1980, 1990 e 2000).⁷⁷

Tabela 41 Distribuição geográfica das editoras (por ordem decrescente da proporção no *corpus*, 1855-2010)

Local de publicação		Editoras	
Grupo	Localidade	Nº	%
Grande Lisboa	Alfragide, Colares, Lisboa, Mem Martins, Queluz de Baixo, São João do Estoril	52	77,61
Grande Porto	Porto e Vila Nova de Gaia	12	17,91
Estrangeiro	Barcelona e Luanda	2	2,99
Coimbra	Coimbra	1	1,49
Total		67	100

⁷⁷ O número de editoras conimbricenses é demasiado reduzido para que se possa extrair qualquer conclusão relativa à sua distribuição no *corpus*.

Esta concentração será devida, essencialmente, aos fenómenos de expansão urbanística e de migração dos centros empresariais para espaços suburbanos que se verifica, em linhas gerais, a partir do último quartel do século XX.

Também a presença, embora modesta, das editoras que publicam traduções para português no estrangeiro e as distribuem em Portugal (como é o caso da Mediasat Group S.A., com sede em Barcelona, e do Instituto Nacional do Livro e do Disco, sediado em Luanda e comprado, posteriormente, pela Editorial Caminho) é contida nas últimas décadas do período em análise (mais concretamente nos decénios de 1980 e de 2000). Esta centralização, por seu turno, será devida à crescente globalização e à consequente internacionalização do mercado livresco.

IV 4. 1. 2 Editoras com maior número de TC

IV 4. 1. 2 1 Perfil geral das editoras

As casas editoriais portuguesas que mais investem em traduções de literatura polaca, i.e., as que registam mais do que quatro traduções no *corpus* (nomeadamente a Publicações Europa-América, a Campo das Letras Editores, a Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, a Editorial Caminho e a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, nesta ordem de representatividade em termos do número de TC), poderão ser rotuladas como prestigiadas no panorama editorial nacional, com considerável capital financeiro e simbólico. Para avaliar o capital financeiro e simbólico das casas editoras em questão, a presente investigação ponderou dois critérios considerados por Bourdieu ([1999] 2008: 124) como indicativos do estatuto das editoras no mercado. São eles: (a) a quantidade e a qualidade dos recursos editoriais, estimadas com base no número de autores consagrados (especialmente os Prémios Nobel) constantes dos catálogos destas editoras, (b) a antiguidade das editoras no mercado.

De facto, no que toca ao primeiro critério, a consulta da Porbase efectuada em 2011 permitiu apurar que anteriormente à publicação das traduções de língua polaca, todas as editoras acima atrás referidas tinham trazido a lume diversos textos de autores distinguidos pela Academia Sueca. Relativamente ao segundo critério, a consulta (que consistiu na aplicação de um filtro no campo pesquisável respeitante à editora e na subsequente ordenação cronológica das entradas assim obtidas) permitiu apurar que na altura da publicação destas traduções as respectivas casas editoras estavam activas no mercado do livro português desde havia várias décadas.

IV 4. 1. 2. 1. 1 Correlação no eixo editora-tradutor

A justaposição dos dados relativos às editoras e aos tradutores constantes no *corpus* mostra que quase metade (10, i.e., 45,45%) das vinte e duas casas editoriais com mais que um TC recorrem a um novo tradutor para cada tradução. Todavia, a despeito desta fragmentação, é possível observar que, independentemente do escopo temporal em que publicam as traduções e da posição que ocupam no mercado do livro em Portugal, algumas editoras demonstram certa lealdade perante os tradutores de literatura polaca que contratam.

Definindo-se como lealdade a situação em que pelo menos metade das traduções de literatura polaca lançadas por uma editora é produzida por um só tradutor (ou um só grupo de tradutores), torna-se evidente que cerca de um terço das editoras com mais que um TC no *corpus* (8 das 22, i.e., 36,36%) mantém duradouros, e frequentemente exclusivos, laços profissionais com os tradutores com quem colaboram.⁷⁸ São elas (por ordem alfabética):

- Campo das Letras Editores, S.A., que para 57,14% das traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração da dupla luso-portuguesa Włodzimierz Józef Szymaniak e Isabel Vaz Ponce de Leão;
- Edições Paulistas, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração de Eduardo de Noronha;
- Editorial Inquérito, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração de Domingos Monteiro;
- Editorial Minerva, que para 66,66% das traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração de L. Pinto Ferreira;
- Gailivro, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração da dupla luso-portuguesa Wojciech e Maria José Charchalis;
- Livraria Editora A. Figueirinhas, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração de António Figueirinhas;
- Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração da dupla luso-portuguesa Selda Potocka e Eduardo Noronha;
- Sopa das Letras, que para todas as traduções de literatura polaca que publica conta com a colaboração de Teresa Fernandes Swiatkiewicz.

Adicionalmente, é possível detectar a existência de uma correlação entre a lealdade da editora e a directude das traduções. De facto, metade dos tradutores acima elencados traduz directamente da língua polaca. Conforme demonstrado no CAPÍTULO IV 3, trata-se de Swiatkiewicz e das duplas Charchalis e Charchalis, Potocka e Noronha, Szymaniak e Leão.

IV 4. 1. 2. 1. 2 Correlação no eixo editora-autor

O cruzamento dos dados relativos às editoras e aos autores mostra que as traduções de literatura polaca publicadas pelas dez (de vinte e duas) editoras com mais de um TC no *corpus* dizem respeito a autores distintos. Todavia, apesar desta dispersão é possível identificar um padrão na atitude que as editoras assumem perante os autores polacos que trazem a público. Mais especificamente, apura-se que independentemente do escopo temporal em que publicam as respectivas traduções e da posição que ocupam no mercado do livro português, algumas editoras mantêm um foco específico num só autor polaco.

⁷⁸ Para efeitos de clareza, convém frisar que a definição do conceito de lealdade aqui proposta difere da preconizada por Nord (2006). No dizer desta autora, a lealdade constitui “an interpersonal category referring to a social relationship between people who expect not to be cheated in the process of translation, (...) a foundation for a trusting relationship between the partners in the translational interaction” (2006: 33-34). Por seu turno, a definição proposta no presente trabalho não possui a dimensão ética da preconizada por Nord, sendo apenas utilizada para enfatizar a consistência dos editores na selecção dos tradutores.

Considerando como “foco específico” quando os TP de um só autor correspondem a pelo menos metade das traduções de literatura polaca lançadas por uma editora, é possível concluir que 68,18% das casas editoriais (15 das 22) assumem esta atitude perante os escritores polacos que publicam. Trata-se da (por ordem alfabética):

- Campos das Letras Editores S.A. que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Kapuściński;
- Edições Paulistas que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Editorial Caminho que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica maioritariamente textos de Lem (80% dos TC desta editora constantes dos *corpus*);
- Editorial Inquérito que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Reymont;
- Editorial Minerva que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Gailivro que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sójka;
- João Romano Torres & C^a Editores que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Lello Editores que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Livraria Editora A. Figueirinhas que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Mediasat Portugal que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Publicações Europa-América, Lda. que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica maioritariamente textos de Lem (62,5% dos TC desta editora constantes dos *corpus*);
- Relógio d'Água Editores, Lda. que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica maioritariamente textos de Szymborska (66,67% dos TC desta editora constantes dos *corpus*);
- Secção Editorial da Companhia Nacional Editora que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Sienkiewicz;
- Sopa das Letras que, no que concerne a traduções de literatura polaca, publica somente textos de Huelle.

Para além disso, é possível detectar a existência de uma correlação entre a atitude destas editoras e o perfil dos autores que trazem a lume: a maioria (três dos cinco) dos autores lançados por editoras com foco específico (nomeadamente Lem, Kapuściński e Sienkiewicz) consta da lista dos escritores polacos com maior projecção mundial (UNESCO. s.d., secção TOP 10 *Authors translated for a given language*), representando deste modo um investimento seguro para as editoras que os publicam no mercado do livro português.

IV 4. 2 Colecções

IV 4. 2. 1 Análise global

Convém clarificar que no presente trabalho por “colecção” entende-se uma série de volumes, lançada por uma determinada editora, que integra textos seleccionados e estruturados de acordo com um critério específico. No seguimento da terminologia proposta por Baubeta (2007: 76), a colecção constitui-se portanto como uma forma de “macro-antologia”, i.e., agrupamento de textos individuais que podem ser lidos autonomamente, mas em conjunto oferecem uma visão muito mais completa de um determinado estilo, período, autor, etc..

IV 4. 2. 1 1 Distribuição sincrónica

A análise global dos dados permite identificar várias regularidades na distribuição sincrónica das colecções no *corpus*. O padrão que mais sobressai é a elevada dispersão de volumes por séries literárias. Aliás, mais de metade dos volumes traduzidos e referenciados no *corpus* (oitenta e quatro TC, i.e., 55,62 % de um total de 151, incluindo reedições) são publicados no âmbito de colecções. Estes textos são inseridos em sessenta e cinco colecções diferentes, resultando numa média de 1,29 volumes por colecção. As colecções acima enunciadas estão agrupadas e hierarquizadas na Tabela 42. Uma consulta sistemática dos títulos integrados nestas colecções leva à conclusão de que se trata de séries literárias que incluem, para além das traduções da literatura polaca, também as de outras literaturas e, frequentemente, textos compostos originalmente em língua portuguesa. Dito de outro modo, torna-se evidente que no período abrangido por este trabalho (1855-2010), não existe uma colecção que englobe predominantemente, ou mesmo exclusivamente, traduções de língua polaca. A esta luz, recuperando a tipologia proposta em Seruya et al. (no prelo), todas as colecções elencadas na Tabela 42 podem ser apelidadas de multilaterais, na medida em que incluem traduções não de uma, mas de uma multiplicidade de línguas e culturas de partida.

Uma segunda constante apurada através da análise global dos dados prende-se com a ausência de colecções com um número significativo de traduções de literatura polaca. De facto, de acordo com a tabela, as colecções portuguesas com o maior número de traduções são a *Caminho de bolso* (lançada pela Editorial Caminho, que contém cinco traduções de Lem) e a *Campo da História* (lançada pela Campo das Letras Editores, que contém cinco traduções de Kapuściński). De igual modo, nenhuma colecção acima elencada inclui textos escritos por mais do que dois autores polacos. Com efeito, parece seguro assumir que, durante os 155 anos em análise, nenhuma colecção conseguiu revelar ao público leitor português uma visão panorâmica da literatura polaca.⁷⁹ Mesmo subséries literárias com um foco aparentemente mais centrado na Polónia e/ou literatura polaca (nomeadamente a *Clássicos Civilização: Autores Polacos*, lançada pela Livraria Civilização Editora, e a *Nova Europa: Polónia*, lançada pela Cavalo de Ferro Editores, Lda.) limitam-se a publicar uma tradução cada, baseadas nas obras de um só autor (Sienkiewicz).

⁷⁹ A este propósito convém frisar que nem as antologias que se propõem oferecer uma panorâmica mais completa da literatura polaca (intituladas *Versos polacos* [COR 085] e *Contos polacos* [COR 077]) alcançam este objectivo, tratando-se antes da recolha de uma mão cheia de poemas (no caso da primeira) e contos (no caso da segunda) seleccionados sem um critério explícito.

Tabela 42 Colecções portuguesas constantes do *corpus*, por ordem decrescente do número de TC (1855-2010)

Nº traduções / col.	Título da colecção		Nº col.
5	Caminho de bolso. Ficção científica	Campo da história	2
4	Rex		1
3	Ficção científica	Livro B. Novelas fantásticas	2
2	Livro B	Obras escolhidas de autores escolhidos	4
	Os romances sensacionais	Poesia	
	Argonauta	Autores notáveis	Bibl. popular minerva. Eds. de bolso
	Bibl. verbo da juventude	Bibl. de o grito do povoBibl. de bons romances	Bibl. horas românticas
	Bibl. Moderna	Campo da actualidade	Clássicos da aventura
	Clássicos civilização. Série autores polacos	Clássicos de romance de emoção	Col. as melhores obras de todos os tempos
	Col. Contemporânea	Col. de Ouro	Col. escola de Letras
	Col. Caminhos de Ferro Portugueses	Colecção Grandes Clássicos do Séc. XX	Col. Histórias: Selecção
	Col. Meridiana	Col. obras imortais	Col. os grandes génios da literatura universal
	Col. resistência	Col. Romances Históricos	Col. Romances Históricos. Público
1	Col. de obras celebres	Contos	Contos e novelas
	Documenta poética	Ficções	Gigante
	Grandes génios da literatura universal	Grandes narrativas	Histórias. Histórias para raparigas
	Instantes de leitura	Latitude	Lu-san
	Mosaico. Pequena antol. de obras primas	Nébula	Nova Europa. Polónia
	Novas direcções	Novos continentes	O imaginário
	Os grandes romances históricos	Os melhores romances dos melhores romancistas	Para que conste
	Pré-textos	Presença	Presença do homem
	Repertório para um teatro actual	Romance para todos	Romances ilustrados
	Século XX	Série K	Série literária
	Terremar	Tretas e letras. Série jovem	
Total TC			84

Por fim, da análise global é possível verificar que sessenta e sete traduções (44,38%) são publicadas autonomamente (i.e., fora das colecções). Ao tentar identificar o perfil geral destas colecções, apura-se que, na maior parte dos casos, se trata:

- ora de TC de autores com escassa projecção mundial, com apenas uma tradução constante do *corpus* (como são os casos, por exemplo, de Czyński, Kościan ou Kuczyński);

- ora das primeiras traduções de uma série de retraduições de autores polacos que atingiram elevada projecção mundial, contando com vários TC constantes do *corpus* (e.g. Herbert, Miłosz, Sienkiewicz ou Szymborska). As subseqüentes retraduições e reedições destas primeiras traduções são frequentemente lançadas ao abrigo de colecções.

IV 4. 2. 1 2 Distribuição diacrónica

Como se poderá concluir da observação da Figura 32, que cartografa a distribuição cronológica das colecções por decénios, em quase todas as décadas abrangidas por este estudo (com excepção das de 1850, 1900, 1930 e 1950), a proporção de TC inseridos em colecções é igual ou superior a 50% do *corpus*. Deste modo, a apreciação da figura permite corroborar a conclusão tirada por Seruya (no prelo) que, ao analisar dados recolhidos em CECC e CEAUL (2009) respeitantes ao período 1930-1955, sugere que a inclusão das traduções de literatura em colecções constitui uma prática muito popular entre os editores. Embora a observação feita por Seruya se refira a um período de tempo consideravelmente limitado (vinte e cinco anos) e correspondente, quase na íntegra, ao período do Estado Novo), o gráfico X sugere que o padrão poderá ser extrapolado para outras décadas compreendidas entre 1851 e 2010. Contudo, será importante reter que, sendo o gráfico aqui discutido baseado num *corpus* muito restrito (limitado a traduções de uma só LP), a confirmação desta extrapolação deverá passar pela realização de estudos mais abrangentes.

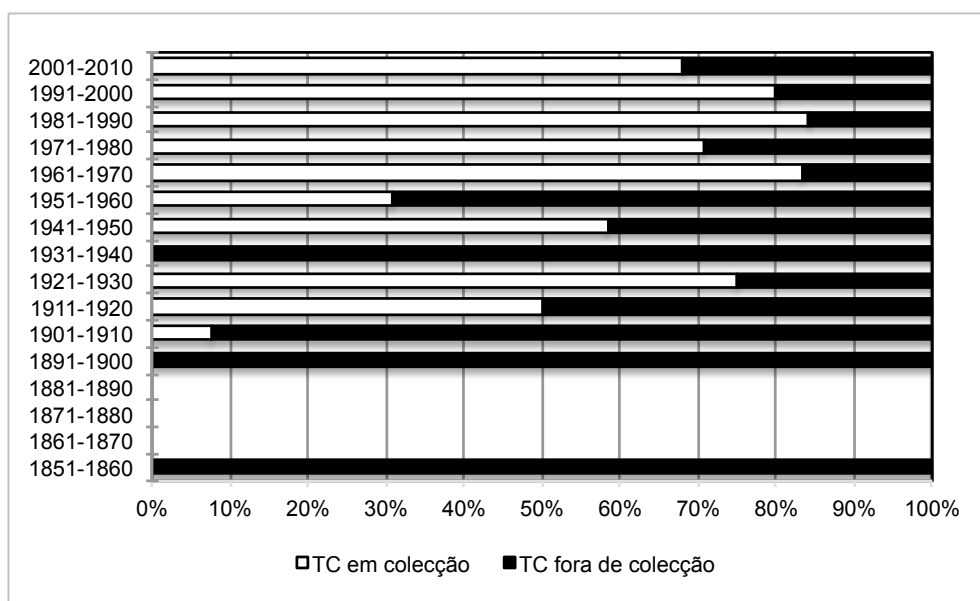


Figura 32 Distribuição diacrónica da proporção no *corpus* de TC publicados em colecções (1851-2010)

IV 4. 2. 2 Perfil das colecções

IV 4. 2. 2 1 Identificação dos perfis gerais das colecções

Tendo em atenção o elevado número de colecções (65) e TC nelas incluídos (151, incluindo reedições), ao invés de examinar cada colecção individualmente proceder-se-á agora à descrição dos perfis gerais destas colecções. Contudo, antes de avançar, urge explicitar o método empregue na definição dos perfis acima citados, resultante da ponderação de vários métodos utilizados em estudos que, tal como o presente, problematizam e/ou contam com um número elevado de colecções (e.g., Baubeta 2007; Frank 2008; Rosa 2004: 555-557; Sapiro 2008; Seruya et al., no prelo). Após esta ponderação, foi tomada a decisão de basear a obtenção destes perfis nos resultados da codificação de elementos peritextuais referenciados no *corpus*. A codificação consistiu na etiquetagem e no subsequente agrupamento de colecções com base na informação extraída, primordialmente, dos títulos de colecções. Nos casos de ambiguidade, em que os títulos se mostraram demasiado enigmáticos para que fosse possível deduzir o princípio norteador da colecção), recorreu-se à consulta das capas, ilustrações, prefácios e perfis dos textos contidos nas respectivas colecções.

A título de exemplo, as colecções cujos títulos integram palavras ou expressões que sugerem o estatuto canónico dos autores nelas compreendidos, na medida em que os associam à ideia de serem clássicos (e.g., colecção *Clássicos Civilização*), universais (colecção *Romances para todos*), de grande qualidade e intemporais (colecção *As melhores obras de todos os tempos*), são rotuladas como “vocacionadas para o estatuto” e classificadas como tal. De igual modo, as colecções cujos títulos e outros elementos peritextuais indicam que os textos nelas incluídos são destinados a um determinado público-leitor (e.g. a colecção *Histórias para raparigas* ou *Tretas e Letras: Série jovem*) são categorizadas como “vocacionadas para um público-alvo”. Em casos de sobreposição de categorias, optou-se por classificar colecções segundo o elemento peritextual mais proeminente.

IV 4. 2. 2 2 Classificação das colecções

Globalmente, o método acima descrito mostrou ser consideravelmente produtivo, permitindo obter seis perfis gerais das colecções inventariadas no *corpus*. Estes perfis estão sistematizados na Tabela 43.

Tabela 43 Seis perfis de colecções constantes do *corpus* (por ordem decrescente do número de colecções).

Perfil de colecções	Nº de colecções	Nº de vols.	Nº de autores
Vocacionadas para um determinado género literário	18	27	12
Vocacionadas para o cânone	16	17	4
Indiferenciadas	16	21	7
Vocacionadas para um determinado tópico	7	8	5
Vocacionadas para um determinado público-alvo	4	4	2
Vocacionadas para a novidade	3	3	13
Total	65	84	

A tabela acrescenta igualmente informação pertinente respectiva ao número de colecções, TC e autores compreendidos em cada grupo.

IV 4. 2. 2. 2. 1 Colecções vocacionadas para um determinado género literário

A presente categoria engloba colecções cujos títulos indicam que a selecção é realizada com base na classificação genológica dos textos a incluir. Entre estas colecções contam-se as que integram essencialmente textos categorizados como (a) ficção científica (e.g., *Argonauta*, *Caminho de bolso–Ficção científica*, *Nébula*, *Livro B–Novelas fantásticas*); narrativas breves (*Contos*, *Contos e novelas*); (c) textos dramáticos (*Pré-textos*, *Repertório para um teatro actual*); (d) romances (*Biblioteca de bons romances*, *Romances Históricos-Público*); (e) poesia (*Documenta poética*, *Poesia*); (f) literatura factual (*Para que conste*). À luz da tipologia preconizada em Seruya et al. (no prelo), estas colecções parecem norteadas, primordialmente, pelos objectivos de estruturação e disseminação, na medida em que são lançadas com o intuito de organizar um determinado ramo de cultura e de divulgar certos géneros literários.

O traço mais marcante deste grupo é a sua dimensão: comparativamente a outras categorias enumeradas na Tabela 43, este conjunto é o melhor representado no *corpus*, tanto em termos de colecções (dezoito), como de volumes (vinte e sete) e autores (doze) contidos. Este facto, por sua vez, significa que a maior parte dos TC constantes do *corpus* é integrada nas colecções não devido à sua origem, estatuto ou tema, mas primordialmente devido à sua classificação genológica.

IV 4. 2. 2. 2. 2 Colecções vocacionadas para um determinado tema

Como o próprio nome indica, esta categoria integra colecções cujo foco recai sobre um tópico bem definido. Efectivamente, as colecções pertencentes a este conjunto parecem ser subordinadas aos seguintes temas: (a) aventuras e viagens (e.g., *Clássicos da Aventura*), (b) guerra (e.g., *Resistência*), (c) crime/mistério (e.g., *Clássicos de romance de emoção*, *Os romances sensacionais*) e (d) caminhos de ferro (*Colecção especialmente preparada para Caminhos de Ferro Portugueses*, *EP.*). Como tal, na linha da tipologia proposta por Seruya et al. (2013), as colecções deste grupo são reconhecidas como direccionadas para propósitos de disseminação, no sentido de que tornam uma selecção de textos com enfoque muito restrito acessível ao público mais vasto.

Um padrão muito saliente nesta categoria é a evidente desarmonia entre a classificação portuguesa (manifesta nos títulos das colecções) e a classificação tradicional polaca atribuída a alguns textos contidos nestas colecções. De facto, ao aferir as designações atribuídas a cada um destes textos na cultura polaca e portuguesa, depara-se com acentuadas discrepâncias. Estas tornam-se particularmente visíveis no caso dos romances *Potop*, *Krzyżacy* e *Wierna Rzeka* (os dois primeiros da lavra de Sienkiewicz, o terceiro da pena de Żeromski). Enquanto na cultura polaca estes textos são comumente vistos como romances históricos com fortes marcos patrióticos e acentuadas conotações antigermânicas (veja-se CAPÍTULO IV 2), nalgumas colecções portuguesas são apresentados como

romances de emoção (*Potop*), aventura (*Krzyżacy*) ou policiais (*Wierna Rzeka*). Nos termos propostos por Even-Zohar (1990), estes casos assumir-se-ão como exemplos de situações em que um determinado texto, na versão traduzida, ocupa na CC uma posição diferente da que lhe é atribuída na CP. Simultaneamente, no encaixe de propostas teóricas preconizadas por Frank (1998: 14), estes casos ilustram situações em que um texto integrado na colecção é alvo de um processo de re-contextualização, adquirindo uma dimensão diferente da que lhe é conferida no contexto original.

IV 4. 2. 2. 2. 3 Colecções vocacionadas para o cânone

O presente grupo é constituído por colecções cujos títulos denunciam o estatuto clássico (canonizado) dos autores nelas incluídos. Dentre estas colecções contam-se, por exemplo, *Autores notáveis*, *Colecção de obras célebres*, *Colecção obras imortais*, *Grandes génios da literatura universal*, *Mosaico-Pequena antologia de obras primas*. No seguimento da tipologia definida em Seruya et al. (2013), esta categoria poderá constituir-se como um exemplo de colecções subordinadas aos propósitos de preservação, na medida em que funcionam como um instrumento para a manutenção de um cânone literário.

Do escrutínio destes grupo é possível verificar duas constantes que, cumulativamente, assumem um significado acrescido. Em primeiro lugar, a partir da Tabela 43 é possível observar que a categoria agora em destaque conta com o segundo mais elevado número de colecções (16) e terceiro maior número de TC (17), mas com um menor número de autores traduzidos (4). São eles: Miłosz, Reymont, Sienkiewicz e Szpilman. Em segundo lugar, torna-se possível observar que a esmagadora maioria dos TC deste grupo é da pena de um só autor (Sienkiewicz). Da justaposição destas observações é possível constatar que são poucos os autores polacos que ascendem ao estatuto de clássicos no panorama editorial português.

IV 4. 2. 2. 2. 4 Colecções vocacionadas para um determinado público-alvo

Na presente categoria são compreendidas colecções que visam um público leitor bem definido, mais concretamente composto por crianças e jovens. São elas: *Biblioteca Verbo da Juventude*, *Histórias para raparigas*, *Terremar* e *Tretas e Letras: Série Jovem*. Nos termos delineados em Seruya et al. (no prelo), esta categoria parece englobar colecções norteadas primordialmente por fins educativos, i.e., lançadas com o intuito de educar gostos ou disseminar valores morais, sociais, ideológicos, etc. Trata-se de um grupo relativamente reduzido (quatro colecções, quatro volumes, dois autores), o que pode ser indicativo da escassez de interesse das editoras portuguesas pela importação da literatura infanto-juvenil proveniente da Polónia.

O traço que mais sobressai no escrutínio deste grupo prende-se com o perfil dos textos nele incluídos (uma tradução de *Porwanie Baltazara Gąbki* e três de *Quo Vadis*). Efectivamente, na tentativa de identificação de uma regularidade nos dados respeitantes aos TC deste grupo, é possível concluir que existem certas discrepâncias entre a classificação tradicionalmente atribuída a estes textos nos contextos polaco de partida e português de

chegada. De facto, enquanto na cultura polaca o primeiro texto (*Porwanie Baltazara Gąbki*) é habitualmente classificado como literatura infanto-juvenil, o segundo (*Quo Vadis*) é predominantemente tido como uma “epopeia cristã” (veja-se IV 2. 2. 1), cujos conteúdos (e.g., cenas de orgia no palácio do imperador ou de martírio dos cristãos no Coliseu) nem sempre são apropriados para o público infantil e jovem.

A discrepância entre a classificação polaca e portuguesa de *Quo Vadis* poderá ter várias explicações. Por um lado, poderá dever-se à classificação atribuída a este romance polaco nas culturas intermediárias dominantes. Por outro, tendo em conta que duas das três traduções em que se verifica esta discrepância são publicadas durante o regime de Salazar, é possível pressupor que uma outra explicação poderá estar relacionada com as condicionantes sociopolíticas do Estado Novo. Mais concretamente, torna-se plausível presumir que esta classificação se terá devido a uma elevada procura por literatura infanto-juvenil neste período histórico, possivelmente provocada pela campanha de alfabetização implementada por Salazar nos anos cinquenta do século XX (conforme discutido no II 2. 4. 5). À luz do que havia sido proposto por Even-Zohar (1990), a existência desta discrepância poderá ser interpretada como exemplar de uma situação em que literatura numa posição fraca recorre à tradução para colmatar lacunas no repertório literário nacional.

IV 4. 2. 2. 2. 5 Coleções vocacionadas para a novidade

Este grupo integra colecções cujos títulos prometem trazer novidade ou, por outras palavras, introduzir mudança no sistema literário português. São elas: *Nova Europa – Polónia*, *Novas Direcções* e *Novos Continentes*. Assim, de acordo com a tipologia estabelecida em Seruya et al. (2013), este grupo parece integrar colecções norteadas pela inovação, na medida em que promovem a renovação do cânone literário vigente. Da exploração dos dados respeitantes aos TC integrados nas colecções deste grupo resultam duas constatações. Primeiro, é possível verificar que as datas de publicação dos TC (1975, 1991 e 2004) são imediatamente posteriores ou coincidentes com as notáveis mudanças no plano ideológico observadas quer na cultura portuguesa de chegada quer na cultura polaca de partida. Efectivamente,

- a publicação, em 1977, da tradução portuguesa integrada na colecção *Novas Direcções* [COR 061] ocorre três anos após a revolução de 25 de Abril (1974);
- o lançamento, em 1991, da tradução portuguesa incluída na colecção *Novos Continentes* [COR 086] ocorre dois anos após a queda do regime comunista na Polónia (1989);
- a publicação, em 2004, da tradução portuguesa abrangida pela colecção *Nova Europa-Polónia* [COR 102] coincide com a adesão da Polónia à União Europeia (2004).

A proximidade existente entre as datas destas traduções e os acontecimentos políticos acima referidos permite propor que se trata de colecções oportunistas (termo adaptado de Baubeta 2007: 44)⁸⁰. Adicionalmente, a vizinhança destas datas indica a existência de uma

⁸⁰ Baubeta (2007: 44-45) cunha o termo “antologias oportunistas [opportunism anthologies]” para designar séries literárias que tiram partido de determinadas datas ou ocasiões (tais como o Natal, o Dia da Mãe, etc.) para justificar a publicação.

correlação entre o macro-nível do contexto ideológico, o meso-nível do contexto editorial e o micro-nível de textos traduzidos.

A segunda constatação que é possível fazer a propósito das traduções agora em destaque é que, num dos casos [COR 102], a novidade prometida no título da colecção é altamente discutível. De facto, a antologia de contos publicada em 2004 e inserida na colecção *Nova Europa* dificilmente representará uma novidade significativa, tratando-se de uma publicação composta, por um lado, pela reedição de traduções publicadas em 1958 (i.e., quase meio século antes) e, por outro, pela retradução de TP traduzidos pela primeira vez para português em 1901 (i.e., mais que um século antes). Para além disso, todos os contos incluídos nesta antologia são da autoria de Sienkiewicz, o escritor polaco mais disseminado no mercado do livro português (conforme demonstrado no IV 2. 2. 1) que não constitui, portanto, novidade aos olhos dos leitores portugueses. Em linhas gerais, partindo da constatação acima formulada, é possível sugerir que, para renovar os catálogos, algumas editoras portuguesas recorrem às traduções já existentes no mercado desde há várias décadas.

IV 4. 2. 2 3 Colecções indiferenciadas

O presente grupo contém dezasseis colecções, vinte e uma traduções e sete autores. Como o próprio nome indica, o grupo é composto por colecções que parecem não obedecer a um princípio condutor explícito na selecção dos textos a incluir. Entre estas colecções contam-se: *Gigante*, *Instantes de leitura*, *Latitude*, *Lu-san*, *Presença do homem*, etc.. Por outras palavras, a categoria agora em foco abrange colecções com um conteúdo extremamente heterogéneo, leia-se, não subordinado a um determinado género, tema, etc..

A propósito das causas subjacentes a esta heterogeneidade, estas prender-se-ão, presumidamente, com a ausência de um planeamento editorial sistemático. Uma outra justificação plausível estará relacionada com as tácticas mercantis praticadas no mercado do livro português: a integração de um TC numa colecção (mesmo se esta não possui um fio condutor bem definido) torna-se potencialmente mais proveitosa para a editora do que o lançamento de uma publicação individual (i.e., não integrada numa colecção), na medida em que o comprador do volume inicial se vê naturalmente instigado a adquirir os volumes subsequentes. O relativamente alto número de reedições incluídas nestas colecções (sete reedições; noutras categorias este número não passa de duas) parece corroborar esta sugestão: de facto, no caso de reedições os custos envolvidos na aquisição de direitos autorais são mais reduzidos, o que torna a produção destas publicações menos dispendiosa, logo, mais proveitosa para a editora.

À luz do acima exposto, o número consideravelmente alto de colecções compreendidas na categoria agora em estudo permite concluir que a integração das traduções de literatura polaca nas colecções portuguesas é frequentemente devida não ao valor literário, estatuto, tema ou proveniência destas obras mas, sim, ao baixo custo da sua publicação. Por esta razão, em linha com a tipologia estabelecida em Seruya et al. (2013), esta categoria constitui

um exemplo de colecções que servem, sobretudo, fins lucrativos, na medida em que procuram ir no enalço de gostos muito generalizados e, em última análise, trazer proveitos à entidade promotora (editora, tradutor, autor, etc.).

IV 4. 2. 2 4 Distribuição diacrónica das colecções com TC de Sienkiewicz

A codificação de elementos peritextuais acima descrita permitiu não só gerar perfis das colecções portuguesas referenciadas no *corpus* mas também traçar a evolução diacrónica na classificação de determinados autores/textos polacos. Por outras palavras, para além de mostrar como as colecções agora em foco apresentam a literatura polaca ao público leitor português, o método empregue permite igualmente delinear padrões cronológicos detectáveis no processo da canonização de determinados escritores ou obras. Será importante reter, contudo, que as traduções da esmagadora maioria dos autores são demasiado escassas para permitir uma apreciação sistemática desta evolução no decorrer de várias décadas. Neste sentido, somente as traduções de Sienkiewicz, que se verificam em quase todas as décadas alcançadas por este estudo (veja-se IV 2. 2. 1), proporcionam matéria suficiente para esta apreciação. Embora se trate de um mero estudo de caso, a apreciação da evolução diacrónica da classificação atribuída a este autor possui um significado acrescido, ilustrando vários padrões sugeridos ao longo deste capítulo.

Assim sendo, da observação da Figura 33, que cartografa a evolução diacrónica da classificação atribuída a Sienkiewicz pelas colecções referenciadas no *corpus*, é possível verificar que as primeiras traduções deste autor, trazidas a lume no último decénio do século XIX e primeiro do século XX, surgem publicadas individualmente (leia-se, fora de colecções). As subsequentes reedições e retraduições, por seu turno, encontram-se, na maioria dos casos, incorporadas num leque variado de séries literárias.

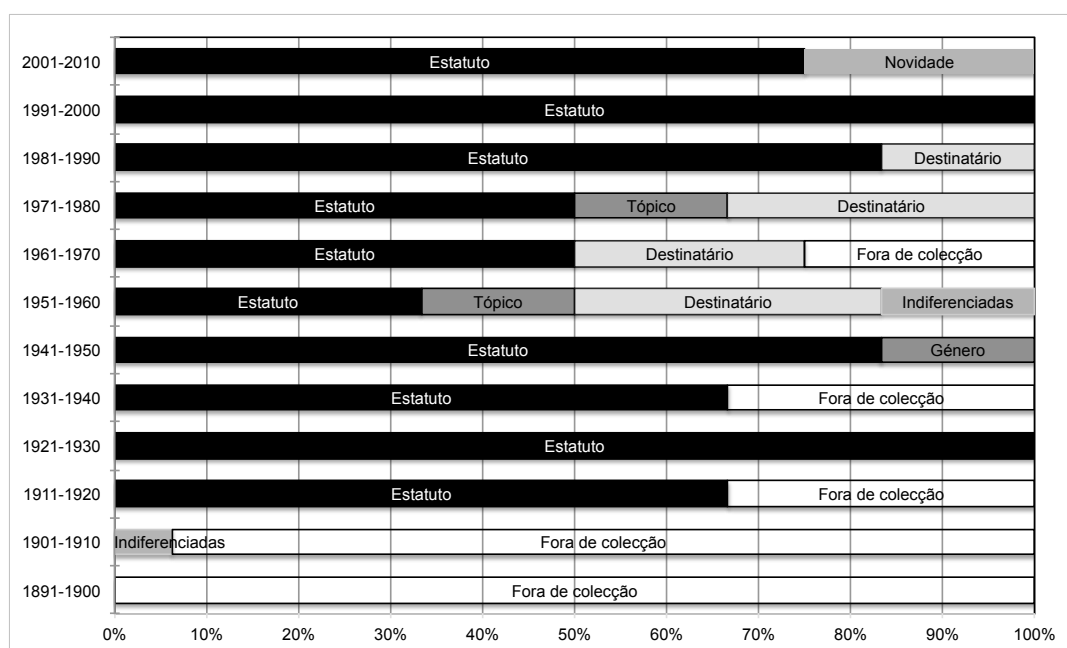


Figura 33 Distribuição diacrónica da classificação atribuída a Sienkiewicz (dados respeitantes a primeiras edições e reedições, 1891-2010)

Este facto assume uma importância considerável, na medida em que permite corroborar a sugestão formulada IV 4. 2. 1, de acordo com a qual as obras que surgem fora das colecções constituem frequentemente primeiras traduções dos autores polacos com maior projecção mundial, sendo as subsequentes reedições e retraduições incorporadas nas colecções.

Da década de 1910 em diante a maioria das editoras lança as traduções sienkiewiczianas ao abrigo das colecções vocacionadas para o estatuto, apelidando este autor de clássico, universal, etc. Como se poderá inferir a partir da figura, deste decénio em diante as designações acima referidas são predominantemente empregues em quase todas as décadas alcançadas por este estudo. Efectivamente, na maior parte dos decénios compreendidos entre 1910 e 2010 a proporção no *corpus* de colecções vocacionadas para o estatuto é superior a 50%.

Os únicos casos que destoam deste padrão de predominância ocorrem nas últimas três décadas do Estado Novo (1950, 1960 e 1970). Durante este período as obras de Sienkiewicz são apresentadas não somente como literatura canónica (i.e., incorporadas nas colecções vocacionadas para o estatuto), mas também como literatura para crianças (colecções vocacionadas para um determinado público-alvo), policial e de aventuras (colecções vocacionadas para um determinado tópico). Adicionalmente, surgem inseridas no âmbito de colecções designadas como indiferenciadas.

Após a queda do regime de Salazar Sienkiewicz é, de novo, e desta vez quase unanimemente, representado como autor clássico (a maioria das colecções em que surge este autor no pós-1974 pertencem ao grupo de colecções vocacionadas para o estatuto). Não obstante o exposto, na primeira década do século XXI uma colecção portuguesa promove uma nova imagem deste autor. De facto, do título da colecção *Nova Europa-Polónia* (classificada como vocacionada para a novidade) constata-se que Sienkiewicz é igualmente apresentado como um ícone da “nova” Polónia, i.e., da Polónia pós-comunista.

CAPÍTULO IV 5

COMO SE TRADUZ?

O presente capítulo visa responder à quinta questão recuperada do modelo apresentado no III 3. 1, i.e., “como se traduz?”, centrando-se na análise da (in)directude das traduções. Em primeiro lugar, proceder-se-á à análise global dos dados, compreendendo o estudo da distribuição sincrónica e cronológica das TrD e TrI no *corpus*. Subsequentemente, o foco recairá sobre TrD. Mais concretamente, será explorada a correlação existente entre a directude das traduções e quatro variáveis independentes consideradas relevantes, a saber: perfil do autor, perfil do tradutor, perfil da editora e género literário do TC.⁸¹ Na secção seguinte, será prestada atenção à TrI. Em concreto, será realizada uma análise sincrónica e cronológica das LM referenciadas no *corpus* e vislumbrada a correlação entre a indirectude e as quatro variáveis independentes mencionadas. Por fim, serão identificadas regularidades na (in)existência da explicitação peritextual no que toca ao carácter (in)directo das traduções.

IV 5. 1 Análise global

Com referido no I 4. 2. 5 2, em virtude das limitações do modelo utilizado na identificação de vários graus de indirectude são excluídos da presente análise:

- os TC indisponíveis para a consulta (COR 006, COR 019, COR 024, COR 060, COR 084, COR 091);
- os TC para os quais não foi possível identificar os TP polacos (COR 006, COR 029, COR 060,);
- os TC marcados como adaptações, resumos etc., i.e., textos que sofreram alterações tão drásticas que, embora seja possível identificar o TP polaco, é impossível identificar com algum grau de probabilidade o TM, especialmente porque muitas vezes estes são constituídos por traduções em português. (COR 010, COR 022).

IV 5. 1. 1 Distribuição sincrónica

Do total dos 103 TC sob investigação, oitenta (77,67%) podem ser classificados como TrI e vinte e três (22,33%) como TrD. A predominância sincrónica dos TrI era de esperar, tendo em conta o distanciamento linguístico, geográfico e, entre 1945 (estabelecimento do regime comunista na Polónia) e 1974 (queda do Estado Novo português), ideológico existente entre as culturas polaca e portuguesa. Os resultados obtidos estão, portanto, em linha com os obtidos em estudos semelhantes, baseados em pares de culturas periféricas geo e linguisticamente distantes. Como exemplo deste tipo de estudo sirva Špirk (2011: 242), que constata que as TrI constituem cerca de 80% das traduções de literatura checa traduzidas para português europeu.

⁸¹ Estas variáveis foram escolhidas por terem mostrado, nos estudos prévios (see, e.g., Boulogne 2009; Ku 2010; Mac Siomóin and Branchadell 2008; Pięta 2013b; Ringmar 2007) interagir com o grau de indirectude da tradução, a variável dependente.

IV 5. 1. 2 Distribuição diacrónica

A prevalência de TrI é também evidente em termos diacrónicos. De acordo com o que é possível constatar na Figura 34, que organiza cronologicamente os dados relativos à proporção das TrD e TrI no *corpus*, enquanto as primeiras são muito infrequentes nas primeiras dezasseis décadas do alcance temporal abrangido por este estudo, apenas se intensificando nos finais da década de 1980, as segundas apresentam uma prática (mais ou menos) comum durante todo o período em análise. A leitura da figura permite igualmente identificar a década de 1990 como um marco conspícuo de alteração no que diz respeito ao grau de indirectude: as TrD aumentam tanto em números absolutos (de dois volumes na década de 1980 para seis na de 1990) como em termos relativos (de 11% para 60% do *corpus*, respetivamente), ao passo que as TrI caem drasticamente (de 15 volumes e 89% na década de 1980 para 4 volumes e 40% na de 1990). Esta alteração não é aleatória, sendo é motivada pelas mudanças geopolíticas e geoculturais que se observam na última década do século XX. Como foi adiantado no CAPÍTULO II 3, o colapso do regime comunista polaco (1989), precedido pela queda do regime para-fascista português (1974), contribuiu para a intensificação do intercâmbio cultural directo entre sistemas, até então, ideologicamente antagonísticos. Com efeito, o estabelecimento de leitorados e cursos para estudo da língua portuguesa na Polónia (1976) e polaca em Portugal (1978/79), a intensificação dos movimentos migratórios após a queda do Muro de Berlim (1989), assim como o estabelecimento de entidades públicas que subsidiam a publicação de literatura polaca no estrangeiro, contribuiu substancialmente para o incremento do número de TrD. De salientar ainda que, de acordo com a Figura 34, embora dos anos 1990 em diante as TrI aumentem em termos absolutos (de quatro para cinco volumes), diminuem em termos relativos. Presentemente (i.e., na primeira década do século XXI), a maioria (doze de um total de dezassete, i.e., 73%) dos TC constitui TrD, e a discrepância entre as TrD e TrI parece acentuar-se.

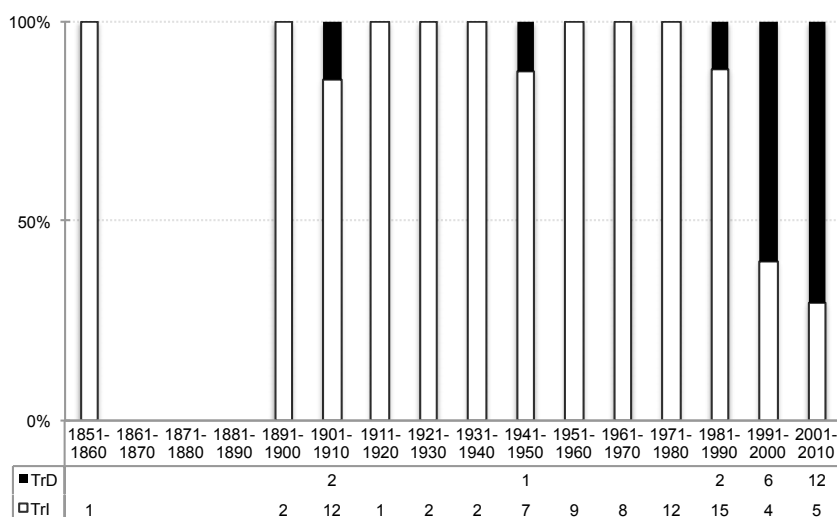


Figura 34 Distribuição diacrónica da proporção das TrD e TrI no *corpus* (1851-2010)

IV 5. 2 TrD

Embora as primeiras TrD surjam já na primeira década do século XX, apenas superam as TrI na década de 1990. Previamente a este decénio apenas três traduções são vertidas directamente do polaco. São elas: COR 007 (datada de 1901), COR 018 (de 1902) e COR 036 (de 1947).

IV 5. 2. 1 Perfil do autor

As vinte e três TrD provêm dos textos compostos originalmente por dezoito autores polacos diferentes, em particular: (em ordem alfabética) Barska, Głogowski, Grabiński, Gross, Herbert, Huelle, Kapuściński, Krynicki, Laskier, Libera, Miłosz, Pagaczewski, Różewicz, Sienkiewicz, Sójka, Strykowski, Szymborska e Żeromski.

Como se perceberá pela composição deste elenco, trata-se de um grupo consideravelmente heterogéneo constituído por autores representativos de vários períodos e movimentos literários, podendo ser classificados, no seguimento da tipologia desenvolvida no IV 2. 3. 1, como:

- pré-1945 (e.g., Grabiński, Sienkiewicz, Żeromski) e pós-1945 (e.g., Barska, Głogowski, Gross, Huelle, Libera, Sójka);
- sediados na Polónia (e.g., Kapuściński, Pagaczewski, Szymborska) e exilados (e.g., Herbert, Miłosz).

Não obstante esta diversidade, torna-se possível identificar uma constante no que toca ao estatuto destes autores no campo internacional literário. Em boa verdade, a maioria dos autores traduzidos por via directa encontram-se já consagrados nas culturas centrais/dominantes na altura da sua publicação em Portugal. Esta afirmação é sustentada pelos resultados da consulta de catálogos de diversas bibliotecas centrais estrangeiras (BNP s.d., a) efectuada em Março de 2011, da qual foi possível concluir que 82,6% (19 das 23) das TrD são posteriores às respectivas traduções para as línguas (hiper)centrais (i.e., inglês, francês e alemão)⁸². Acima de tudo, é possível constatar que, frequentemente, as críticas favoráveis citadas, o desenho das capas e as ilustrações constantes das TrD portuguesas são idênticas às utilizadas nas respectivas traduções publicadas nas culturas mediadoras. Esta constatação, por sua vez, corrobora a tese avançada por Heilbron (1999: 436) e referida no capítulo I 3. 2. 1, de acordo com a qual mesmo no caso das traduções vertidas directamente de uma língua (semi)periférica, a decisão respeitante à sua publicação noutra língua (semi)periférica continua a ser condicionada pela existência das traduções correspondentes nas culturas centrais.

IV 5. 2. 2 Perfil do tradutor

As vinte e três TrD são produzidas por um quinteto (Correia, Menezes, Pereira, Siewierski e Swiatkiewicz), quatro duplas (Noronha e Potocka, Charchalis e Charchalis, Szymaniak e

⁸² De entre as quatro TrD cuja publicação em Portugal não é precedida por traduções para línguas centrais encontram-se somente as baseadas nos TP da autoria de Sójka (COR 093-096).

Leão, Milewska e Neves) e cinco tradutores individuais (Gomes, Tavares, Wódkowski, Rodrigues, Swiatkiewicz), resultando numa média de 2,3 volumes por tradutor (ou por grupo de tradutores)⁸³. Apesar de aparentemente baixo, este valor médio constitui praticamente o dobro do calculado para as TrI (1,2 volumes por tradutor, veja-se IV 5. 3. 3). Esta observação, por seu turno, corrobora a hipótese avançada por Ringmar (2007: 6), de acordo com a qual as TrI coincidem com uma baixa média de volumes por tradutor. Não obstante o acima exposto, a análise do *corpus* providencia igualmente contra-argumentos capazes de contestar a tese supracitada (veja-se IV 5. 3. 3).

A propósito do perfil dos tradutores responsáveis pelas TrD, a análise dos dados permite concluir que, independentemente do âmbito cronológico, estes tradutores podem essencialmente ser agrupados em duas categorias:

- tradutores individuais, na sua maioria (3 de entre 5) falantes nativos de língua portuguesa;
- equipas luso-polacas (quatro duplas e um quinteto).

A primeira categoria é responsável por 42% e a segunda por 58% das TrD inventariadas no *corpus*. Uma análise mais aprofundada dos dados revela que, embora se verifique a sua presença na esmagadora maioria das TrD (92%, i.e., 22 de entre 24), apenas 33% (8 de entre 24) é produzida exclusivamente por tradutores falantes nativos da língua portuguesa. Efectivamente, embora os falantes nativos de língua polaca produzam em exclusividade apenas 8% (2 out of 24) das TrD, são responsáveis, em colaboração com falantes nativos de língua portuguesa, pela co-tradução de 67%. Esta afirmação, por seu turno, permite sugerir que, no tocante às TrD portuguesas de literatura polaca, verifica-se uma preponderância de equipas de tradutores com competências nativas tanto na língua polaca de partida como na língua portuguesa de chegada, embora o domínio da língua portuguesa constitua uma condição essencial. Esta sugestão foi corroborada pelas editoras entrevistadas para efeito do corrente estudo.⁸⁴

Um padrão semelhante ao acima identificado é observável nos casos de TrD de outras línguas/culturas da Europa oriental para as quais foi possível identificar dados comparativos fiáveis. De facto, como se pode inferir da informação numérica apresentada em Špirk (2009, 2011) e Semenova-Head (2007: 207), a maioria das TrD de literatura checa e russa, respectivamente, é produzida por equipas de tradutores com competências nativas tanto na LP como na LC.⁸⁵ Para averiguar se esta tendência poderá ser extrapolada para traduções de outras culturas do antigo Bloco de Leste e, possivelmente, de outras línguas (semi)periféricas, será necessária uma análise sistemática de dados presentemente não disponíveis.

⁸³ Para efeitos desta equação, cada grupo de tradutores conta como uma unidade. No caso de tradutores que traduzem tanto individual como colectivamente, cada tradutor/a é contado/a separadamente.

⁸⁴ As entrevistas com 7 editores com mais do que uma TrD de literatura polaca (na altura ainda em actividade) foram conduzidas em Maio de 2011 e de 2013.

⁸⁵ Em particular, entre os tradutores responsáveis pelas TrD de checo destaca-se a dupla Ludmila Dismánová e Mário Gomes (cf. Špirk 2009, 2011). No caso de TrD de língua russa singulariza-se a dupla Nina Guerra e Filipe Guerra.

A forte presença dos falantes nativos da língua polaca no mercado de TrD em Portugal sugere que são poucos os portugueses com suficiente domínio de língua polaca. A virtual inexistência de tradutores portugueses no mercado de TrD na Polónia (apontada por Kalewska 2010) sugere adicionalmente que existem mais falantes nativos polacos com suficiente domínio da língua portuguesa do que *vice versa*. Os resultados da comparação dos dados estatísticos recolhidos pelo Centro de Avaliação do Português como Língua Estrangeira (CAPLE) com os colmatados pela entidade polaca homóloga (PKPZJPjO 2011) parecem corroborar esta sugestão⁸⁶.

IV 5. 2. 3 Perfil da editora

As vinte e três TrD encontram-se dispersas por doze casas editoriais distintas, resultando numa média de cerca de dois volumes por editora. No que concerne ao perfil geral destas editoras, independentemente do período cronológico, estas podem ser, na larga maioria dos casos (nove de entre doze, i.e. 75%), rotuladas de pequenas e médias empresas, com catálogos especializados e reduzido capital financeiro e, por vezes, também simbólico.⁸⁷ Trata-se de (por ordem alfabética): Cavalo de Ferro Editora, Edições Afrontamento, Edições Cotovia, Lda., Edições Gailivro, Editora Sextante, Pedra da Lua S.A., Relógio d'Água Editores, Sopa das Letras Editores e Universidade de Lisboa Editora. Embora grandes editoras, com catálogos mais diversificados e elevado capital financeiro e simbólico também publiquem TrD, o seu peso no mercado de TrD do polaco é consideravelmente mais reduzido (25%). São elas: a Campo das Letras Editora, a Portugália Editora e a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora.

Múltiplas podem ser as causas da acima mencionada preponderância das pequenas e médias editoras. De entre elas duas merecem particular destaque. Considerando que 17,4% das TrD no *corpus* são anteriores às respectivas traduções para as línguas centrais (conforme se pode deduzir da informação facultada em 4.2.1), a primeira explicação é que estas editoras terão maior propensão para incorrer em maiores riscos financeiros do que editoras de grande dimensão. Efectivamente, traduzir um autor de língua periférica já consagrado por via de tradução nas culturas centrais afigura-se como um investimento muito mais seguro. A segunda explicação prende-se com a alegada superioridade das TrD sobre as Trl (Ringmar, 2007: 9). Tendo em conta que as TrD tendem a ser, de modo genérico, mais valorizadas do que as Trl (com base no pressuposto de que são mais próximas e, por conseguinte, mais fiéis, ao original, veja-se I 4. 2. 3), é possível inferir que, no caso de traduções portuguesas de literatura polaca, as pequenas/médias editoras dão prioridade à qualidade da tradução, contrariando, deste modo, uma lógica puramente comercial (Bourdieu, 1999). A inexistência de reedições das TrD no *corpus* poderá ser cautelosamente considerada como indicativa da escassa procura e, com efeito, da ausência de uma política orientada somente para fins lucrativos conduzida por estas editoras.

⁸⁶ De acordo com a informação facultada em 2013, entre 2004 e 2011 mais de vinte candidatos de nacionalidade polaca obtiveram um certificado da CAPLE. Em contrapartida, no período homólogo, cinco portugueses participaram nas provas de língua polaca organizadas pela PKPZJPjO.

⁸⁷ Para avaliar o capital financeiro e simbólico das casas editoras em questão recorreu-se ao método proposto em Bourdieu ([1999] 2008: 124) e explicitado no IV 4. 1. 2 1.

IV 5. 2. 4 Género literário

A Tabela 44 apresenta a classificação genológica das TrD, contrastando a com a classificação genológica da totalidade dos TC presentes no *corpus*. O traço que mais sobressai na leitura da informação sistematizada nesta tabela é a substancial discrepância entre a proporção de textos classificados como drama e lírica. Enquanto a narrativa prevalece tanto entre as TrD (constituindo 82,61%) como entre todos os TC (90,3%) do *corpus*, a poesia é melhor representada no primeiro grupo. Adicionalmente, a maioria das TrD classificadas como poesia (4 de entre as 5) anuncia o seu carácter directo no peritexto (leia-se é explicitamente marcada como TrD). A correlação destas observações sugere que, no caso do presente *corpus*, na poesia existe maior preferência pela tradução directa (e, com efeito, menor tolerância para com TrI) do que no drama. No entanto, levando em linha de conta as limitações impostas ao *corpus* (um par de línguas, uma direcção, um tipo de publicação, etc.), não é possível inferir conclusões mais generalizadas com base neste estudo. Consequentemente, esta sugestão deverá ser sujeita a um futuro trabalho de validação, baseado em *corpora* de maior dimensão e referente a pares de línguas (semi)periféricas e direcções de tradução diferentes. Da observação da Tabela 44 é igualmente possível constatar que no *corpus* não são referenciadas TrD classificadas como drama. Esta ausência será abordada em IV 5. 2. 4.

IV 5. 3 TrI

Como notado no IV 5. 1. 1, TrI prevalecem tanto em termos sincrónicos (constituindo 77,67% do *corpus*) como cronológicos (constituindo em todas as décadas abrangidas pelo presente estudo, excepto as últimas duas, pelo menos 88% da totalidade dos TC). Embora dos anos 1990 em diante o seu número tenha sido excedido pelo de TrD, nas últimas duas décadas (1991-2000 e 2000-2010) continuam a representar uma proporção considerável do *corpus* (40% e 27%, respectivamente).

IV 5. 3. 1 LM

As seguintes línguas serviram de intermediárias na tradução do polaco para o português (por ordem alfabética): alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e russo.⁸⁸

Tabela 44 Comparação da classificação genológica de TrD e da totalidade de TC presentes no *corpus*.

	TrD		TC	
	Nº vols.	%	Nº vols.	%
Narrativa	19	82,61	93	90,3
Lírica	4	17,39	5	4,85
Drama	0	0	5	4,85
Total	23	100	103	100

⁸⁸ Por questões de conveniência, traduções ecléticas, i.e., TrI mediadas por mais que uma LM, para as quais não foi possível identificar a LM predominante, constituem uma categoria à parte.

Com respeito às possíveis razões da mediação destas línguas, o papel intermediário do alemão, francês, inglês e russo não é surpreendente, tendo em conta a posição (hiper)central destas línguas no sistema mundial da tradução (Casanova 2002; Heilbron 1999). Adicionalmente, a mediação da cultura russa poderá ter estado relacionada com o extenso programa soviético de tradução que visava a divulgação da literatura dos países sob a tutela soviética (incluindo a da República Popular da Polónia) a nível mundial (conforme discutido no II 1. 4).

Contudo, o papel mediador do espanhol e italiano carece uma explicação mais aprofundada, atendendo ao relativamente baixo estatuto destas línguas na hierarquia global do capital simbólico durante a maior parte do período considerado (Casanova 2002; Heilbron 1999).⁸⁹ No que concerne à língua espanhola, a mais plausível razão da sua mediação parece estar ligada à proximidade linguística, cultural e geográfica com Portugal. Relativamente à mediação italiana, algumas das Trl vertidas através desta língua têm carácter místico-religioso (veja-se abaixo). Posto isto, tendo em linha de conta o perfil dos textos, parece aceitável assumir que a mediação italiana poderá estar relacionada, pelo menos em parte, com o forte catolicismo observado tanto na cultura polaca de partida como portuguesa de chegada. Relativamente à distribuição sincrónica das LM, da observação da Figura 35 fica patente que francês é a LM predominante (mais que metade dos TC é traduzida por intermédio desta língua). A segunda e a terceira LM melhor representadas no *corpus* são inglês e espanhol, mas a sua proporção é consideravelmente mais baixa em comparação com a de francês (22% e 9%, respectivamente). Traduções ecléticas e as produzidas por via do alemão, italiano e russo ocupam uma posição ainda mais marginal, constituindo, cumulativamente, 14% das Trl.

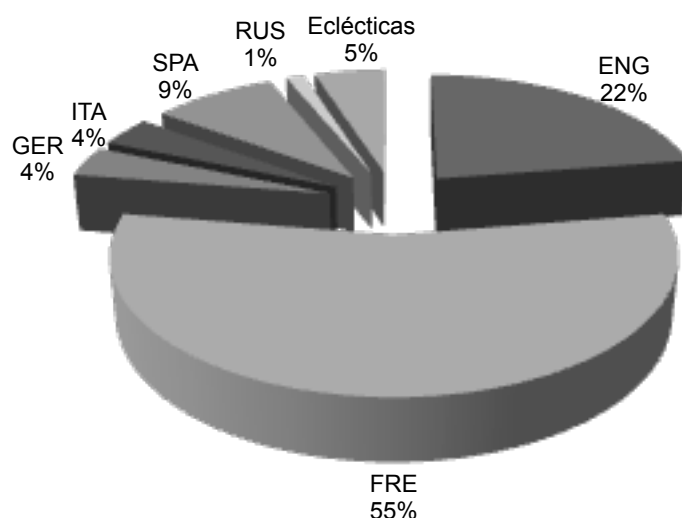


Figura 35 Distribuição sincrónica das LM no *corpus*

⁸⁹ A este respeito, convém reiterar que, conforme mencionado no I 3. 2. 1 até aos finais do século XX as línguas espanhola e italiana ocupam uma posição semiperiférica (Heilbron 1999). Apenas na primeira década do século XXI ascendem a um estatuto semicentral (Heilbron 2010).

No que se refere à distribuição diacrónica das LM, a Figura 36 demonstra que até aos finais da década de 1980 o francês constitui o principal e, por vezes, exclusivo canal de mediação no intercâmbio literário luso-polaco. Embora o primeiro caso da mediação operada por via do inglês se verifique de forma prematura, nos primeiros anos do século XX (nomeadamente em 1901 – veja-se COR 008), as traduções produzidas por intermédio desta língua tornam-se mais comuns somente nos anos 1950. Igualmente importante se afigura o facto de apenas na década de 1990 o número destas traduções exceder o das mediadas por via do francês. A intensificação da mediação inglesa que se observa em meados do século XX não é incidental, tendo em conta as mudanças geopolíticas do pós-guerra que marcam o fim da hegemonia global francesa e o início da anglófono (veja-se I 3. 2. 1). Todavia, o facto de que a alteração na LM dominante ocorre apenas na década de 1990 causa alguma admiração, especialmente se se considerar que o domínio francês no mercado português de traduções parece ter cessado quatro décadas antes, mais concretamente nos finais dos anos 1950 (veja-se Rosa 2012, 219).

Revela-se igualmente significativo sublinhar que a alteração da LM dominante coincide com a alteração no grau de indirectude (IV 5. 1. 2). Efectivamente, ambos os desvios ocorrem na década de 1990. Este facto, por sua vez, contribui para a redução do peso da mediação inglesa na importação global da literatura polaca pelo contexto português de chegada. Tendo em consideração todos estes factores, devido ao crescente número de TrD, o domínio da mediação inglesa na importação global da literatura polaca pelo contexto português receptor não chega a ser tão significativo como o domínio francês observado previamente à alteração ocorrida na década de 1990.

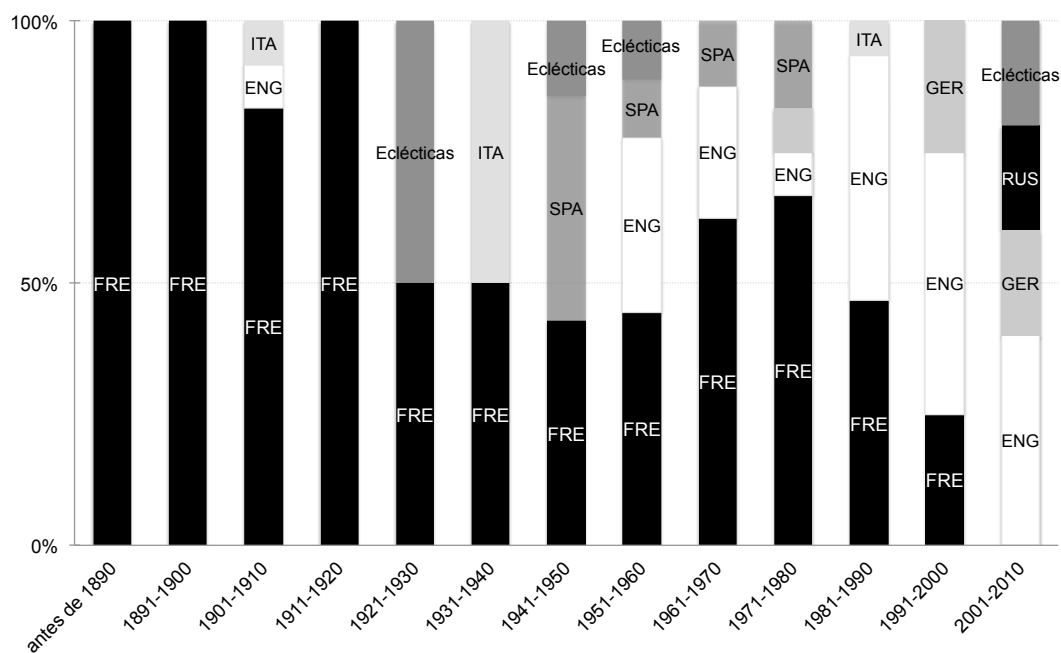


Figura 36 Distribuição diacrónica das LM no corpus (1855-2010)

A mediação espanhola, por seu turno, estende-se entre as décadas de 1940 e de 1980. Apesar de relativamente modesta em termos absolutos, durante este período a sua proporção no conjunto dos TC classificados como Trl afigura-se consideravelmente significativa, atingido um pico de 45% nos anos 1940. O alcance cronológico da mediação espanhola na importação da literatura polaca seria de esperar, na medida em que coincide parcialmente com o notável aumento global de traduções de literatura em língua espanhola observado em Portugal dos anos 1950 até pelo menos meados da década de 1960 (conforme demonstrado na Figura 24 no IV 2. 2. 1. 2. 2).

A respeito das restantes LM, Trl ecléticas e as traduzidas por via do alemão, italiano e russo surgem muito esporadicamente, o que impossibilita a identificação de um padrão diacrónico consistente na sua ocorrência. No entanto, torna-se possível identificar um padrão temático para cada LM: todas as traduções mediadas por línguas alemã e russa relacionam-se com o tópico bélico (COR 064, 086, 097, 103) e algumas das traduções produzidas por via do italiano são de cunho místico-espiritual (da autoria de Wojtyła – COR 071).

IV 5. 3. 2 Perfil do autor

As oitenta Trl correspondem a TP compostos originalmente por cinquenta e cinco autores polacos. O maior grupo de autores (23) é traduzido por via da língua espanhola, seguida das francesa (15), inglesa (10), alemã e italiana (3 autores cada) e, por fim, russa (1). Foi possível apurar a existência de uma correlação entre o país de residência dos autores polacos no exílio na altura na publicação do TP polaco e a LM através da qual as suas obras são traduzidas para português. A título exemplificativo:

- as Trl das obras de Mackiewicz, Miłosz, Stypułkowski e Tyrmand (autores que recebem exílio político na Inglaterra ou Estados Unidos da América) são mediadas por via do inglês;
- a maioria das obras de Czyński e Gombrowicz (exilados em França) é mediada por via do francês;
- um livro de Wasilewska (i.e., activista soviética polaca, no pós guerra residente, quase ininterruptamente, na União Soviética) é traduzido por intermédio do russo.

Contudo, é igualmente possível detectar excepções à tendência supracitada. Por exemplo, traduções de Kott (autor polaco emigrado para os Estados Unidos da América) são produzidas por intermédio da língua francesa.

IV 5. 3. 3 Perfil do tradutor

As oitenta Trl são da responsabilidade de um trio, uma dupla e sessenta e três tradutores individuais, o que resulta numa média de 1,2 volumes por tradutor (ou grupo de tradutores)⁹⁰. Como avançado em IV 5. 2. 2, o valor médio acima calculado constitui metade do calculado para as TrD (2,3 volumes por tradutor), confirmando, deste modo, a hipótese formulada por

⁹⁰ Para efeitos desta equação, cada grupo de autores conta como uma unidade. Nos casos em que não é possível apurar a identidade do tradutor, ele/ela são contados separadamente.

Ringmar (2007: 6) respeitante à baixa média de volumes por tradutor no caso de Trl (veja-se I 4. 2).

Todavia, a hipótese não se confirma em todo o período em análise. Como discutido no IV 3. 1. 1 apenas dezassete de entre os oitenta e seis tradutores presentes no *corpus* produzem mais que uma tradução de literatura polaca. De entre estes, apenas cinco (i.e., aproximadamente 30%) traduzem directamente. Particularmente significativa é a observação de que um dos três tradutores com maior número de TC no *corpus* (Eduardo de Noronha, sete volumes publicadas entre 1900 e 1941), traduz indirectamente. Este facto, por seu turno, torna admissível sugerir que pelo menos até meados do século XX o domínio da língua polaca não constitui uma condição *sine qua non* para se tornar num “perito” em tradução de literatura polaca.

No que toca ao perfil dos tradutores que produzem Trl, a análise de dados permite concluir que, independentemente do âmbito diacrónico, podem ser globalmente descritos como um grupo bastante homogéneo, constituído, em larga maioria, por tradutores individuais. Equipas de tradutores também produzem traduções mediadas, mas são relativamente infrequentes, especialmente à luz do que se verifica no caso das TrD. Para além disso, o seu peso nas Trl (4%) é significativamente mais reduzido do que a sua proporção nas TrD (4%) (58%, veja-se 4.2.2). Acrescenta-se ainda que a maioria (9 de entre 11) dos tradutores com mais que uma Trl no corpus recorre sempre à mesma LM.

IV 5. 3. 4 Perfil das editoras

As oitenta Trl estão dispersas entre 47 casas editoriais. Relativamente ao perfil destas editoras, independentemente do período histórico, podem ser agrupadas em duas categorias distintas:

- grandes editoras, com catálogos mais diversificados e elevado capital financeiro e simbólico e
- editoras de pequena/média dimensão, com catálogos especializados, reduzido capital financeiro e, por vezes, também simbólico.

A primeira observação que se poderá fazer a propósito destas editoras é que, em oposição ao que se verifica no caso das TrD (IV 5. 2. 3), no caso das Trl a primeira categoria é muito mais abrangente (37 editoras) do que a segunda (10 editoras), e lança a lume a esmagadora maioria das traduções mediadas (85%). Para além disso, o primeiro grupo tipicamente publica Trl produzidas por intermédio de LM que, na altura da publicação, são consideradas como dominantes no intercâmbio luso-polaco (i.e., francês anteriormente e inglês posteriormente à década de 1990, veja-se IV 5. 3. 1). De igual modo, o segundo grupo de editoras é maioritariamente responsável por TC traduzidos via LM menos vulgares no intercâmbio luso-polaco na altura da publicação (i.e., inglês anteriormente à década de 1990 e francês posteriormente, veja-se IV 5. 3. 1). Estas observações corroboram o padrão discutido no IV 5. 2. 3, de acordo com o qual, no caso do presente *corpus*, pequenas/médias

editoras terão maior propensão para incorrer em maiores riscos financeiros do que editoras de grande dimensão.

Por fim, parece significativo constatar que quase todas as reedições de TC presentes no *corpus* constituem Trl publicadas sob a chancela de casas editoriais de grande dimensão. Este facto sugere que estas editoras procurarão, acima de tudo, responder à procura no mercado do livro português, o que, por sua vez, revela a sua agenda orientada para lucros.

IV 5. 3. 5 Género literário

A Tabela 45, que sistematiza a distribuição das TrD e Trl por narrativa, lírica e drama, revela que todos os TC classificadas como dramáticos são traduzidos indirectamente. Para além disso, a maioria delas (4 de entre as 5) anuncia o seu carácter indirecto no peritexto (leia-se é explicitamente marcada como Trl). Esta constatação, por sua vez, poderá levar à conclusão de que existe maior tolerância para Trl no caso do drama do que no caso da lírica ou da narrativa. Todavia, atendendo às limitações impostas a este *corpus*, a validação desta hipótese terá que, necessariamente passar por estudos mais abrangentes baseados em combinações linguísticas diferentes.

Será ainda de salientar que existe uma correlação entre a LM através da qual um determinado TC é traduzido e o género literário deste TC: a maioria dos TC mediados por via do italiano pode ser classificada como drama e a maior parte dos romances polacos de ficção científica é traduzida por via do inglês. Relativamente à mediação italiana, parece justificada tendo em conta o perfil dos autores traduzidos por intermédio desta língua, nomeadamente Wojtyła (que, previamente a ser eleito Sumo Pontífice, compôs vários textos dramáticos de cariz místico) e Sienkiewicz (cujo fascínio pela Roma antiga, em particular, e cultura italiana é manifesto em diversas obras, como, e.g., *Quo Vadis* ou *Pójdźmy za Nim*, cf. Marinelli 1997). No tocante à mediação inglesa, não é surpreendente na medida em que, como avançado em Dinis (2005), em Portugal a ficção científica desenvolveu-se essencialmente devido à importação massiva de literatura oriunda dos Estados Unidos da América.

Tabela 45 Distribuição das TrD e Trl por narrativa, lírica e drama

	Drama		Lírica		Narrativa	
	Nº vols.	%	Nº vols.	%	Nº vols.	%
TrD	0	0	4	80	19	20,43
Trl	5	100	1	20	74	79,57
Total	5	100	5	100	93	100

IV 5. 4 TrD e TrI marcadas e não marcadas

IV 5. 4. 1 Definições operativas

Antes de embarcar na análise, por questões de rigor, convém explicitar as definições operativas adiante empregues:

- TrD marcada: TrD explicitamente apresentada como tal no peritexto (i.e., cujo peritexto inclui expressões como “traduzido do polaco”, “traduzido directamente do polaco”, “tradução directa”, etc.);
- DTr não marcada: TrD cujo peritexto não inclui as expressões acima mencionadas;
- TrI marcada: TrI explicitamente apresentada como tal no peritexto (i.e., cujo peritexto inclui expressões como “traduzido do francês, inglês, etc.”, “baseada na versão alemã”, etc.);
- TrI não marcada: TrI cujo peritexto não inclui as expressões acima mencionadas. É de salientar que, para fins da presente pesquisa, referências ao título do TP polaco no peritexto não são consideradas como explícita declaração de directude. Esta postura baseia-se nos resultados da análise epitextual e da análise comparativa no eixo TP-TM-TT que revelou que, frequentemente, TC que incluem esta informação são de facto TrI.

IV 5. 4. 2 Distribuição sincrónica

Em termos de distribuição sincrónica, da análise peritextual foi possível constatar que 30,43% (7 de 23) das TrD e 31% (25 de 80) das TrI são marcadas. Ao examinar esta informação numérica é possível concluir que a larga maioria dos TC não torna explícito o seu estatuto, quer se trate de TrD quer de TrI.

IV 5. 4. 3 Distribuição diacrónica

Em termos históricos, torna-se patente da leitura da Tabela 46 que somente na década de 1980 é utilizada predominantemente uma rotulagem explícita tanto no caso de TrD como TrI (100% das TrD e 93% das TrI são marcadas como tal). Anteriormente e posteriormente a este decénio a proporção global de traduções não marcadas domina o *corpus* (os valores apresentado na última coluna da direita são sempre iguais ou superiores a 50%). A tendência observada nos anos 1980 tem uma dupla explicação. Por um lado, poderá ser encarada como uma das consequências do debate público que se intensifica após a conferência da UNESCO organizada em 1976, que visava, entre outros objectivos, dignificar o estatuto dos tradutores, contribuindo deste modo para um rigor e uma transparência sem precedentes na identificação das traduções. O debate torna-se ainda mais aceso devido às alterações no código do direito de autor introduzidas na legislação portuguesa após a queda do regime salazarista.

Tabela 46 Propoção das Trl e TrD marcadas e não marcadas no *corpus*

Período	Trl				TrD				Total TC (Trl + TrD)			
	Marcadas		Não marcadas		Marcadas		Não marcadas		Marcadas		Não marcadas	
	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%
<1890	0	0%	1	100%	0	-	0	-	0	0%	1	100%
1891-1900	0	0%	2	100%	0	-	0	-	0	0	2	100%
1901-1910	2	17%	10	83%	1	50%	1	50%	3	21%	11	79%
1911-1920	0	0%	1	100%	0	-	0	-	0	0	1	100%
1921-1930	1	50%	1	50%	0	-	0	-	1	50%	1	50%
1931-1940	1	50%	1	50%	0	-	0	-	1	50%	1	50%
1941-1950	0	0%	7	100%	1	100%	0	0%	1	12%	7	88%
1951-1960	0	0%	9	100%	0	-	0	-	0	0%	9	100%
1961-1970	2	25%	6	75%	0	-	0	-	2	25%	6	75%
1971-1980	2	16%	10	84%	0	-	0	-	2	17%	10	83%
1981-1990	14	93%	1	7%	2	100%	0	0%	16	94%	1	6%
1991-2000	2	50%	2	50%	1	16%	5	84%	3	30%	7	70%
2001-2010	1	20%	4	80%	2	17%	10	83%	3	18%	14	82%
Total	25		55		7		16		32		71	

Por outro lado, a tendência em questão poderá ter sido relacionada com a alteração no grau de indirectude e na LM dominante observada, como discutido no IV 5. 1. 2 e no IV 5. 3. 1, no fluxo de traduções da Polónia para Portugal nos anos 1990 e que já são visíveis na década de 1980. Esta relação é apresentada mais de perto nas Figura 37 (que apresenta a correlação entre a proporção de TrD no total de TC e a proporção de TrD marcadas do total de TrD) e Figura 38 (que apresenta a correlação entre a proporção de Trl no total de TC e a proporção de Trl marcadas do total de Trl).

Da observação da Figura 37 é possível inferir que anteriormente à década de 1990, i.e., no período em que as TrD são muito raras, a maioria é marcada. Dos anos 1990 em diante, quando as TrD predominam no *corpus*, a tendência é revertida e a maioria das TrD não é explicitamente identificada como tal no peritexto. A mesma regularidade é detectada no caso das Trl, cuja maioria não é marcada durante todo o alcance cronológico abrangido por este estudo, com a excepção da década de 1980 (veja-se Figura 38).

Este facto, por sua vez, significa que, anteriormente e posteriormente aos anos 1980, as Trl marcadas estão em minoria, independentemente da proporção de Trl no total dos TC. Igualmente expressiva torna-se a observação de que, independentemente do âmbito temporal, as Trl marcadas são, em larga medida, produzidas por intermédio das LM que, na altura da publicação, não são consideradas como dominantes no fluxo de traduções da Polónia para Portugal.

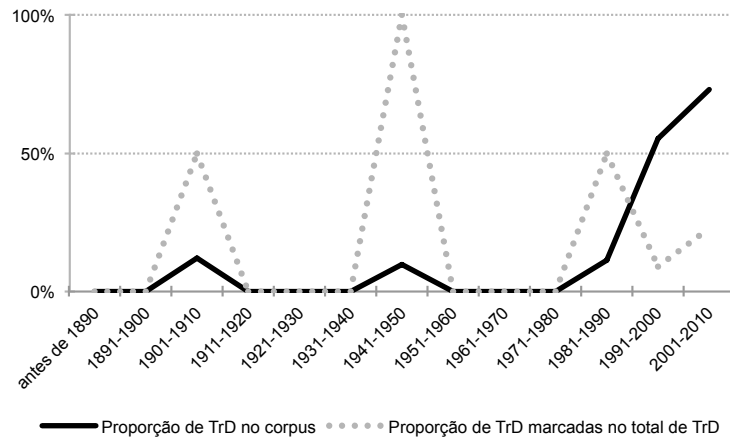


Figura 37 Distribuição diacrónica da proporção de TrD no *corpus* e da proporção de TrD marcadas no total de TrD

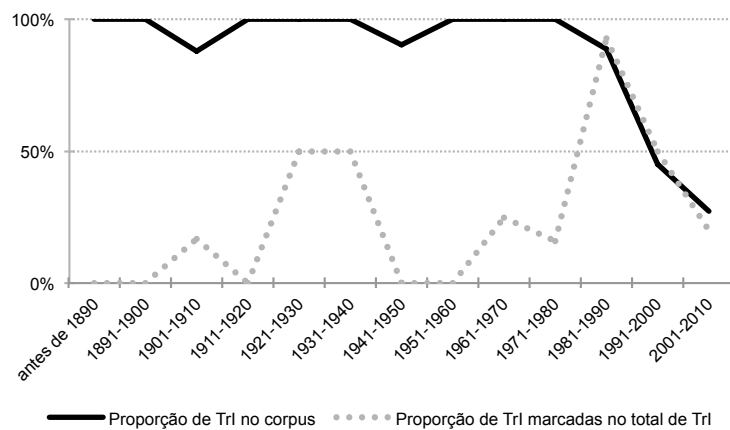


Figura 38 Distribuição diacrónica da proporção de Trl no *corpus* e da proporção de Trl marcadas no total de Trl

Tendo em consideração todos estes factores, é admissível assumir que até aos finais da década de 1980 a norma preliminar (Toury, 1995) para traduções portuguesas de literatura polaca é uma alta tolerância para Trl. Esta hipótese é baseada no facto de que, apesar da existência de tradutores capazes de traduzir directamente do polaco, até aos anos 1980 as Trl predominam no *corpus*. A alta tolerância para as Trl, aliada à ocasional e, na década de 1980, frequente marcação das traduções (veja-se Figura 38), sugere adicionalmente que no caso de traduções portuguesas de literatura polaca até esta década a valorização da adequação é marginal (Toury 1995: 60). Esta sugestão é corroborada pelo facto de que até à década de 1980 a transcrição da maioria dos nomes de autores nas capas das Trl é adaptada às regras portuguesas, e.g., Henrique Sienkiewick em vez de Henryk Sienkiewicz ou Ladislau Reymont em vez de Władysław Reymont, etc.). Contudo, depois de 1980, na medida em que o número de TrD aumenta, a maioria das Trl não é marcada (Figura 38). Este facto, por seu turno, sugere que dos anos 1980 em diante a norma preliminar dominante no caso de traduções portuguesas de literatura polaca parece ter mudado para uma intolerância perante as Trl.

CAPÍTULO IV 6

PORQUE SE TRADUZ?

O presente capítulo tem por objectivo responder à última questão colocada no modelo de análise: “porque se traduz?”. O capítulo focará, assim, as possíveis causas que subjazem às variações no fluxo de traduções de literatura polaca em determinados períodos. Ao fazê-lo, não só serão avançadas novas observações mas também resumidas algumas constatações resultantes dos capítulos anteriores. Para averiguar as variações no fluxo de traduções, será utilizada como referência a média anual global de traduções calculada para o período em que se verifica uma presença constante de literatura polaca, em versão traduzida, na CC portuguesa (1900-2010). Conforme discutido no CAPÍTULO IV 1, esta média é de 1,02 volumes por ano. A comparação entre esta e as médias anuais estabelecidas para cada década entre 1855 e 2010 apresenta-se na Figura 39. De acordo com esta figura, nas décadas de 1910, 1940, 1970, 1980, 1990, 2000 a média anual é praticamente igual ou superior à média anual global calculada para os anos 1900-2010. Nos anos 1851-1900, 1911-1940 e 1951-1970 esta média é nitidamente inferior.

IV 6. 1 Décadas de 1850, 1860, 1870, 1880 e 1890

Como se poderá observar na figura, até ao século XX as traduções de literatura em língua polaca são publicadas em volume apenas nas décadas de 1850 e 1890. Para além disso, é possível notar que em cada um destes decénios a média anual de volumes (0,1 e 0,2, respectivamente) é marcadamente inferior à média global calculada para os anos 1900-2010 (1,02). De molde a averiguar as possíveis causas da baixa média de traduções nestas décadas, bem como da inexistência de traduções de literatura polaca durante o longo período que decorreu entre a primeira (1855) e a segunda tradução (1900) no *corpus*, parece apropriado notar, em primeiro lugar, o distanciamento geográfico, cultural e, sobretudo, linguístico entre a Polónia e Portugal. Porém, a existência de uma tradução em direcção inversa (i.e., do português para o polaco, nomeadamente de *Os Lusíadas* de Luís Vaz de

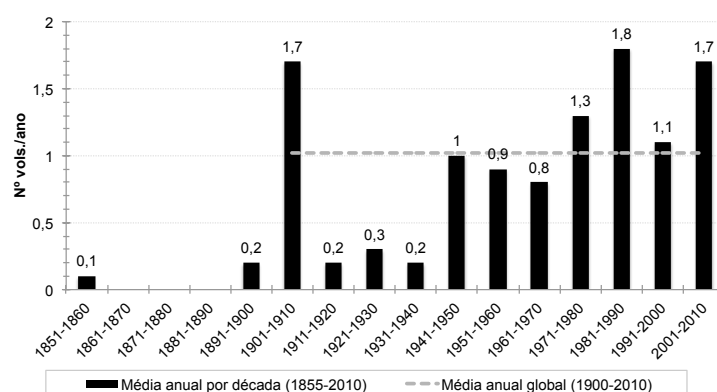


Figura 39 Distribuição diacrónica da média anual de traduções por década (1851-2010) e da média anual global (1900-2010)

Camões) já em 1790 indica que outros condicionalismos terão conduzido à inexistência de importação de literatura polaca, em versão traduzida, pelo sistema cultural português.

Assim, um outro motivo que justificará a ausência de tradução de literatura polaca, durante quase todo o período em causa, prender-se-á com a inexistência, neste mesmo período, de um Estado polaco o que impossibilita qualquer tipo de relações diplomáticas oficiais com Portugal. Todavia, e como discutido anteriormente, foi precisamente a queda do Estado polaco e a subsequente luta pela restituição da independência que provocaram uma aproximação entre polacos e portugueses, operada no plano militar e concebida por exilados políticos. Para além disso, a luta polaca pela independência suscita em Portugal, e em toda a Europa, uma vaga de “polonofilia” que, por sua vez, leva ao recrudescimento do interesse pela história polaca e à proliferação de escritos portugueses a favor da causa polaca. Acresce ainda que a inexistência de um Estado polaco soberano, que se prolongou até 1918, não impede o surto de traduções do polaco observado na primeira década do século XX. Posto isto, parece seguro sugerir que a inexistência de um Estado polaco independente constitui um factor significativo, mas não determinante para a não tradução de literatura polaca em Portugal no período agora em foco.

Neste sentido, um outro factor que terá contribuído para a não tradução de autores polacos oitocentista em Portugal prende-se com as preferências literárias e o clima cultural vivido em Portugal em meados do século XIX e, em particular, no início da década de 1860. Como avança Milewska (1991: 91), os valores pelos quais lutam os grandes poetas oitocentistas polacos (sobretudo Mickiewicz) não estão na moda entre a vanguarda literária portuguesa do início dos anos 1860, a qual acusa os representantes (nacionais e estrangeiros) do romantismo de falta de bom senso e bom gosto. Neste sentido, Mickiewicz (e, por extensão, outros escritores polacos daquela altura) foi um representante da época contra a qual a “Geração de 70” se revoltava, e cujo património literário e ideológico rejeitava como sendo inadequado para a nova realidade. De referir ainda que, segundo Milewska (1991: 91), uma outra razão para a escassez de volumes traduzidos neste período prende-se com a má qualidade de traduções do polaco publicadas em periódicos, que não faz justiça ao valor artístico da literatura polaca oitocentista.

Tomando esta tendência de não tradução como pano de fundo, o surgimento, em 1855, de uma tradução, para mais de um autor hoje caído no esquecimento, afigura-se algo surpreendente. Todavia, torna-se perfeitamente compreensível tendo em conta (a) a língua de mediação, bem como (b) o local de publicação e (c) a temática do TP. Mais concretamente, esta publicação isolada não deverá causar admiração considerando que se trata de uma tradução (a) vertida por via de francês (língua franca de então), (b) baseada num TP polaco publicado em Paris (palco principal de encontro dos emigrados polacos e portugueses), (c) que conta a história da luta pela restituição da independência (coadunando-se, deste modo, com a “polonofilia” atrás referida).

No que concerne à razão subjacente à publicação dos dois restantes TC que surgem no período agora em discussão (nomeadamente duas traduções de *Quo Vadis* que saem dos

prelous em 1900 - COR 002 e COR 003), esta prende-se com a popularidade de Sienkiewicz nos mercados ocidentais do livro, conforme demonstrado no CAPÍTULO IV 2.

IV 6. 2 Década de 1900

Como se poderá inferir da Figura 39, na primeira década do século XX a média anual de traduções é de 1,7 ou seja, quase o dobro da média global calculada para o período 1900-2010. Como avançado em CAPÍTULO IV 2, o motivo subjacente à relativamente alta concentração de traduções de literatura polaca na primeira década do século XX prende-se, essencialmente, com o boom sienkiewicziano iniciado na década anterior: a quase totalidade de volumes publicados neste decénio (16 de um total de 17) é da pena deste escritor.

IV 6. 3 Décadas de 1910, 1920 e 1930

Como se poderá observar na Figura 39, nas décadas 1910, 1920 e 1930 as médias anuais de traduções (0,2, 0,3 e 0,2, respectivamente) voltam para os níveis anteriores ao *boom* sienkiewicziano de 1900, mostrando-se marcadamente inferiores à média global calculada para os anos 1900-2010 (1,02). Esta queda poderá causar admiração tendo em conta (a) o elevado número de traduções observado na década imediatamente anterior, (b) a existência, durante a maior parte deste período (i.e., desde 1919), de relações diplomáticas entre Portugal e a Polónia que contribuem para uma maior aproximação, sobretudo em termos comerciais e culturais e (c) o alargamento (embora modesto) do círculo de polacos radicados em Portugal com domínio da língua portuguesa. Todavia, este decréscimo revela-se justificado por várias razões.

Em primeiro lugar, a escassez de traduções será devida às vicissitudes da Primeira Guerra Mundial: a quebra no fluxo de traduções neste período coincide como o deflagrar, em 1914, deste conflito militar. Em segundo lugar, esta estagnação terá sido motivada pela falência do substrato económico, pelas repetidas crises financeiras e pelo desmembramento social observados não somente em Portugal mas em toda a Europa no entre-guerras. Em terceiro lugar, a interrupção do fluxo de traduções terá sido causada pelas turbulências provocadas pela falência do sistema democrático em Portugal e pelas vicissitudes inerentes ao processo conducente à implementação do Estado Novo. Em quarto lugar, a baixa média de traduções poderá ter sido causada pela alta taxa de iliteracia em Portugal e, consequentemente, um público leitor bastante limitado. Em quinto lugar, esta estagnação estará relacionada com a queda da popularidade de Sienkiewicz observada em quase todos os mercados ocidentais do livro a partir da década de 1920 (conforme demonstrado no IV 2. 2. 1. 2. 2). A esta conclusão permite chegar o abrandamento na importação de obras deste escritor pelo sistema português, observado no período em causa: na década de 1910 foram produzidas apenas duas obras, na década de 1920 três e na década de 1930 uma única tradução, ou seja um ritmo muito lento em comparação com a década de 1900.

Apesar de relativamente escassas, as (re)traduções de *Quo Vadis* constituem as únicas traduções da literatura polaca durante todo o período compreendido entre 1911 e 1940, exceção feita à tradução de um romance de temática bélica, da pena de Władysław Kościan. Desde modo, fica patente que, paradoxalmente, a aceleração no fluxo de traduções só se verifica após a suspensão das relações diplomáticas oficiais, provocada pelo deflagrar da Segunda Guerra Mundial.

IV 6. 4 Década de 1940

Como se poderá inferir da figura, nos anos 1940 a média de traduções é de um volume por ano, o que equivale praticamente à média global calculada para os anos 1900-2010 (1,02 volumes por ano). A análise do *corpus* permite concluir que a média relativamente alta de traduções nesta década se deve, sobretudo, ao interesse que a Segunda Guerra Mundial e, mais concretamente, a ocupação Nazi e/ou Soviética da Polónia, despertou em Portugal, país oficialmente neutro durante quase todo o conflito, embora de facto favorável ao regime Nazi. A esta conclusão permitem chegar as seguintes duas observações: primeiro, a temática de algumas das obras é, essencialmente, bélica, o que está explícito nos (sub)títulos dos romances traduzidos (“A heroína da Polónia” (COR 029) e “Arco-íris. Romance da ocupação alemã na Rússia” (COR 035)) (veja-se IV 2. 3. 2 3); segundo, a esmagadora maioria das traduções publicadas nesta década (8 em 10) sai dos prelos nos anos 1942-1945, i.e., durante a guerra.⁹¹

Em meados da década de 1940 assiste-se a uma rotura no fluxo de traduções que durará até a década de 1950, sendo apenas temporariamente interrompida no ano de 1947. Tendo em conta o contexto histórico das relações luso-polacas, parece adequado sugerir que esta interrupção terá estado essencialmente às discrepâncias ideológicas existentes desde os primeiros anos do pós-guerra entre a Polónia (sob a tutela comunista) e Portugal (de cunho fascista). Em concreto, ao que tudo indica, este abrandamento terá sido provocado sobretudo pela censura institucionalizada. A esta conclusão permite chegar a análise das fichas de censura (veja-se III 1. 3. 3 xxviii), da qual se apurou que a maior parte dos textos oriundos da (ou relacionados com a) Polónia sujeitos a intervenção censória foi submetida e proibida precisamente nesta década. Convém sublinhar, contudo, que os resultados desta análise são provisórios, já que na altura da consulta (Março 2012) ainda não foi recuperada a totalidade das fichas de censura. Importa frisar, contudo, que o abrandamento no fluxo de traduções do polaco observado na segunda metade da década de 1940 poderá ter estado igualmente relacionado com outros factores, que irão para além do contexto das relações bilaterais no eixo Portugal-Polónia e que se prenderão antes com o contexto das relações multilaterais pan-europeias. Esta sugestão é sustentada pelo facto de que a desaceleração no fluxo de traduções para português na segunda metade da década de 1940, observada no caso de literatura polaca, se estende a outras línguas, como se pode observar na Figura 40.

⁹¹ O interesse pelo destino da Polónia na Segunda Guerra Mundial é igualmente evidente no ANEXO A CATÁLOGO, em que surgem posições como (CAT 082, CAT 093, CAT 095).

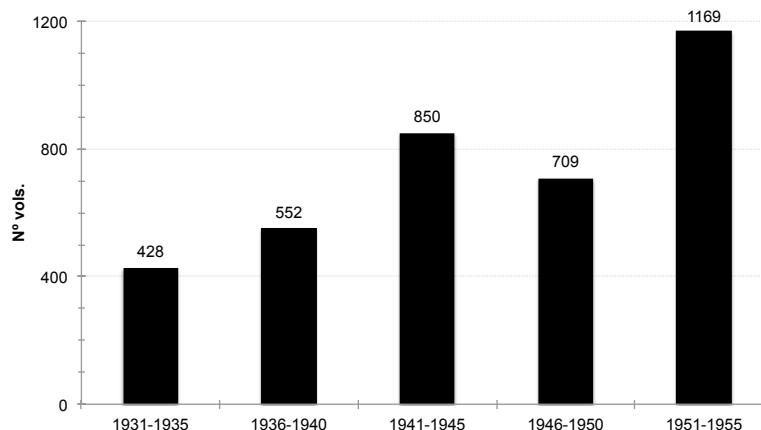


Figura 40 Distribuição diacrónica, em períodos de cinco anos, do número global de traduções de literatura a partir de várias línguas publicadas em Portugal entre 1931-1965 (dados CECC e CEAUL 2009, processados em Março de 2013)

Como se observa na Figura 40, dos anos 1941-1945 para os anos 1946-1950 há uma queda no número global de traduções de literatura publicadas em Portugal (de 850 volumes registados no primeiro período para 709 no segundo), que se afigura muito significativa tendo em conta os consideráveis aumentos verificados nos anos imediatamente anteriores (1931-1945) e posteriores (1951-1965). Esta queda estará relacionada com a falência do substrato económico pan-europeu. Mais concretamente, terá essencialmente origem nos prejuízos sofridos pelas editoras europeias no período pós-guerra, prejuízos estes que se terão repercutido na quantidade e qualidade da oferta de textos a traduzir.

IV 6. 5 Décadas de 1950 e 1960

Como consta da Figura 39, nas décadas 1950 e 1960 as médias de traduções são inferiores à média global calculada para os anos 1900-2010. A figura demonstra igualmente que de uma década para outra a média diminui ligeiramente, passando de 0,9 para 0,8 volumes por ano. Apesar de ligeira, esta queda afigura-se significativa tendo em conta o acentuado aumento do número global de traduções observado entre 1951 e 1965 (veja-se a Figura 40). Efectivamente, embora não tenha sido possível obter dados para os anos 1966-1970 de CECC e CEAUL (2009), já que, até à data do processamento (Março de 2012), apenas tinham sido reunidos para períodos anteriores, é possível observar que na primeira metade da década de 1960 (1961-1965) o número global de traduções (3.171) é já comparável ao de toda a década anterior (1.169 volumes em 1951-1955 e 2.164 volumes em 1956-1960, perfazendo um total de 3.379 para esta década). De facto, verifica-se que, entre 1951 e 1965, o número total de traduções cresce cerca de mil unidades em cada cinco anos, pelo que será razoável extrapolar a mesma taxa de crescimento para os cinco anos subsequentes (1966-1970). Assumindo este pressuposto, enquanto o total de traduções na década de 1950 se aproxima dos 3.400 volumes, na década de 1960 terá sido na ordem dos 7.300 (3.171 em 1961-1965 e, aproximadamente, 4.100 volumes em 1966-1970). Assim sendo, embora em termos absolutos o decréscimo de 0,9 para 0,8 da média de traduções do polaco pareça

pouco representativo em termos relativos, em comparação com o aumento constante do número global de traduções, afigura-se muito significativo.

No que concerne às causas subjacentes à desaceleração no ritmo de traduções nas décadas em causa, da análise do *corpus* é possível inferir que esta terá sido relacionada, sobretudo, com as divergências no plano político existente entre a República Popular da Polónia e o Estado Novo. Em boa verdade, ao que tudo indica, este abrandamento terá sido provocado não pela censura institucionalizada mas, antes, pelo “embargo ideológico” (Duarte 2000), ou seja, pela recusa espontânea (leia-se não imposta pelo Estado), por parte das camadas populares (e não entidades estatais, eclesiásticas ou afins), de produtos culturais oriundos de um determinado contexto literário (neste caso Polónia comunista), provocada por um determinado acontecimento político. Presumivelmente, esta recusa terá sido provocada pela integração política, económica, militar e cultural da Polónia no chamado Bloco de Leste, que decorre nos anos após a Segunda Guerra Mundial.

Esta conclusão baseia-se na análise sistemática das fichas de censura que, embora provisoriamente, revelou que entre 1951 e 1970 nenhuma obra de literatura em língua polaca (ou a sua tradução em qualquer língua) foi submetida aos órgãos censórios do Estado Novo e, ainda menos, por eles rejeitada.

Uma outra razão, de menor peso, que terá contribuído para a baixa média de traduções, estará ligada ao facto de que, como mencionado no II 1. 4, ao contrário de outras literaturas do bloco soviético, a literatura polaca não terá sido alvo de promoção e exportação mais intensiva no âmbito do programa de tradução tutelado por Moscovo, razão pela qual, de acordo com o que foi possível estabelecer, existiram poucas traduções de língua polaca, publicadas e disseminadas no âmbito deste programa.

IV 6. 6 Década de 1970

Como se poderá inferir da Figura 39, na década de 1970 a média anual de traduções é aproximadamente 1,3 ou seja, superior à média global calculada para o período 1900-2010 (1,02 volumes por ano). A análise do *corpus* sugere que a aceleração no fluxo de traduções neste período terá sido motivada, sobretudo, pela mudança ideológica provocada pela Revolução de 25 de Abril. De facto, a taxa de traduções no período imediatamente anterior à queda do regime de Salazar (1974) é significativamente inferior à do período subsequente a este evento: enquanto na primeira metade da década de 1970 (1971-1975) se traduz, em média, menos de um volume por ano (quatro traduções em cinco anos), na segunda metade (1976 e 1980) a média mais do que duplica (nove traduções em cinco anos).

Também a alteração no perfil das obras e dos autores traduzidos observada em meados deste decénio parece corroborar esta hipótese. Em concreto, é possível constatar que na primeira metade da década (re)traduzem-se apenas textos literários de autores considerados clássicos, cuja produção literária ocorre no período anterior à instalação do regime comunista na Polónia (a saber, Henryk Sienkiewicz (COR 057-58) e Stanisław Ignacy Witkiewicz (COR

056)) e de autores contemporâneos exilados, cuja escrita oferece um olhar crítico ao regime comunista polaco (Sławomir Mrożek (COR 055). Na segunda metade, por seu turno, para além dos clássicos (Sienkiewicz COR 062, 065, 067) e dissidentes (Mrożek, COR 063), traduzem-se, entre outros, autores cujas obras incarnam os valores da propaganda comunista, até então proibida pelo regime salazarista (a saber, Janusz Przymanowski (COR 064) e Wanda Wassilewska (060), conforme discutido no IV 2. 3. 2 4 e no IV 2. 3. 2 5). Deste modo, torna-se claro que o colapso do regime de Salazar e a consequente intenção de renovar o cânone literário resultam na abertura a novas correntes literárias oriundas dos países do chamado Bloco de Leste, criando condições propícias à importação acelerada de autores polacos até então desconhecidos no panorama editorial português ou à retradução dos autores já assimilados.

IV 6. 7 Década de 1980

Como se poderá inferir da Figura 39, na década de 1980 a média anual de traduções é de 1,8 ou seja, praticamente o dobro da média global calculada para o período 1900-2010 (1,02 volumes por ano). Da análise do *corpus* é possível inferir que a acentuada aceleração no fluxo de traduções se deve a três razões principais.

A primeira razão prende-se com o interesse que despertam em toda a Europa, incluindo Portugal, as mudanças sociopolíticas vividas na Polónia (e.g., o começo do pontificado de João Paulo II, o surgimento de movimentos sindicalistas notáveis ou a proclamação da lei marcial em 1981) conducentes ao colapso do regime comunista (1989). A esta constatação permite chegar a análise do perfil de alguns autores e textos traduzidos. Sirva de exemplo a existência no *corpus* de uma tradução do drama da pena de Karol Wojtyła (COR 071) (publicada dois anos após a visita de João Paulo II a Portugal) e duas traduções de obras que, em traços gerais, constituem uma análise crítica do estalinismo (COR 077 e COR090, esta última publicada um ano após a queda do regime comunista). Esta razão parece ainda mais plausível tendo em conta o incremento, no mesmo decénio, do número de traduções oriundas de outros países na altura integrados no chamado Bloco de Leste. A título de exemplo, de acordo com os dados reunidos por Špirk (2011: 244), entre 1981 e 1990 são publicadas dezasseis traduções de autores checos, ou seja, mais catorze que na década anterior. Lamentavelmente, não foi possível obter dados quantitativos respeitantes a traduções de textos oriundos de outros países do Bloco de Leste.

Em segundo lugar, a aceleração no fluxo de traduções estará motivada pelo alargamento do círculo de portugueses com domínio da língua polaca e de polacos com domínio da língua portuguesa, em resultado do estabelecimento de leitorados para estudo da língua polaca em Portugal e portuguesa na Polónia e, em última instância, do restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países na década anterior. Para esta conclusão contribuiu a existência, no *corpus*, de duas traduções (COR 075 e COR 085) levadas a cabo pelos professores e/ou alunos destes leitorados (Correia, Fernandes, Menezes, C. Pereira e Wódkowski).

Por fim, a relativamente alta média de traduções estará relacionada com a popularidade de Stanisław Lem, autor de livros de ficção científica, no mercado de livro português de então: quase metade de volumes publicados neste decénio (8 de um total de 18) é da pena deste escritor.

IV 6. 8 Década de 1990

Como se poderá observar na Figura 39, na década de 1990 a média de traduções (1,1 de volumes por ano) é praticamente igual à média global calculada para os anos contidos entre 1900 e 2010. Porém, a figura demonstra igualmente que esta média é significativamente baixa quando comparada com as calculadas para as décadas anterior (1,8) e posterior (1,7). A análise do *corpus* permite concluir que a razão subjacente a este abrandamento no fluxo de traduções terá estado relacionada com três factores. Primeiro, esta desaceleração poderá ser explicada pela diminuição do interesse pelas obras de Stanisław Lem: enquanto na década de 1980 se traduzem oito obras deste escritor, na década em causa são publicadas apenas duas, ambas em 1991. Desde então, ao que tudo indica, não se volta a traduzir este autor para português europeu (conforme discutido no IV 2. 2. 2. 2. 2). Segundo, a queda no número de traduções poderá ser justificada pela progressiva diminuição do interesse pela escrita de Sienkiewicz, notada já a partir de 1980: enquanto ainda durante a década de 1970 se traduzem seis obras deste escritor, nos anos 1980 este número cai para dois e em 1990 para um (conforme discutido no IV 2. 2. 1. 2. 2). Terceiro, o abrandamento na taxa anual de traduções notado nesta década terá estado relacionado com os eventos sociopolíticos ocorridos noutros países do antigo Bloco de Leste que, tal como a Polónia, passam pela transição para a democracia capitalista. Mais concretamente, parece plausível que circunstâncias tais como a Guerra Civil na Jugoslávia (1901-2000), a divisão da Checoslováquia em República Checa e da Eslováquia (1993) ou a queda da União Soviética (1991) contribuem para que a atenção dos leitores portugueses se desvie para outros países pós-comunistas. A esta observação é possível chegar através da constatação de que, enquanto entre 1992 e 1996 nenhum texto literário polaco é vertido para português, verificam-se várias traduções de outras línguas eslavas. Por exemplo, entre 1992-1996 foram traduzidas pelo menos duas obras escritas originalmente em língua croata (Medvedec 2007) e uma em língua checa (Špirk 2011: 244). Lamentavelmente, não foi possível obter dados quantitativos sobre traduções de textos oriundos de outros países do Bloco de Leste.

De referir que a tendência de não tradução, notada, como já referido, entre 1992 e 1996, é quebrada apenas com a publicação de uma tradução de Kapuściński. A partir deste momento até ao fim da década a continuação do fluxo de traduções é assegurada por uma tradução de Wisława Szymborska (para cuja publicação, em 1998, terá contribuído, certamente, a atribuição a esta poetisa do prémio Nobel em 1996, conforme avançado no IV 2. 2. 5. 2. 3) e por uma série de traduções dirigidas ao público infanto-juvenil (veja-se IV 2. 3. 2 6).

IV 6. 9 Década de 2000

Como se poderá inferir da Figura 39, na primeira década do século XXI a média anual de traduções é de 1,7 ou seja, praticamente o dobro da média global calculada para o período 1900-2010 (1,02 volumes por ano). Da análise do *corpus* é possível inferir que a acentuada aceleração no fluxo de traduções se deve a causas múltiplas. Primeiro, o número relativamente elevado de traduções dever-se-á à adesão da Polónia à União Europeia (2004). Esta sugestão parece ser corroborada pela análise do fluxo de traduções na década em causa. Como se torna visível na Figura 8 (que cartografa a distribuição cronológica do *corpus* na década de 2000), o pico de traduções neste decénio coincide com a data da integração da Polónia nas estruturas europeias. A análise paratextual do *corpus* parece corroborar esta sugestão: no peritexto que acompanha duas das três traduções publicadas em 2004 fazem-se referências mais ou menos explícitas a este acontecimento político (na tradução COR 100 esta referência consta da introdução; na tradução COR 102 esta referência está implícita no título da colecção - “Nova Europa”).

Segundo, para este incremento terá igualmente contribuído o programa de difusão da cultura polaca, lançado por Instytut Książki [Instituto do Livro] e financiado principalmente pelos fundos europeus, que subsidia a publicação de traduções de autores polacos. De acordo com o que foi possível apurar, chegaram a ser publicadas duas traduções portuguesas financiadas no âmbito deste programa (COR 109 e COR 110).

Terceiro, o aumento terá sido causado pelo surgimento de tradutores especializados em traduções de literatura polaca, como são os casos de Teresa Fernandes Swiatkiewicz ou das duplas Maria José e Wojciech Charchalis, Isabel Ponce de Leão e Włodzimierz Szymaniak ou Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves. Uma simples contagem dos títulos permite concluir que, cumulativamente, estes tradutores são responsáveis por virtualmente dois terços das traduções de literatura polaca publicadas no mercado português nesta década (11 das 17).

Quarto, a aceleração na taxa de traduções estará relacionada com o interesse que a ocupação nazi, o holocausto e a sovietação da Polónia despertam em Portugal. Esta sugestão parece estar confirmada pela temática de quase metade das traduções publicadas neste período (veja-se IV 2. 3. 2 6).

Por fim, a alta média de traduções estará relacionada com a popularidade de Kapuściński, no mercado de livro português: quase um terço dos volumes publicados neste decénio (5 de um total de 17) é da pena deste escritor polaco (veja-se IV 2. 2. 3. 2. 2).

CONCLUSÃO

No capítulo introdutório foi apresentado como objectivo principal do presente estudo a exploração da história externa da tradução de literatura polaca em Portugal. Desde o início assumiu-se que esta exploração passaria pela identificação, descrição, análise e, sempre que possível, explicação das regularidades mais evidentes no fluxo de traduções de literatura da Polónia para Portugal. Finda a apresentação dos parâmetros teóricos, do contexto histórico, dos pressupostos metodológicos e dos resultados da análise, cabe nesta última parte reflectir sobre em que medida o presente estudo terá alcançado os objectivos inicialmente propostos. Para o fazer, (a) revisitar-se-ão sumariamente as etapas deste trabalho, sintetizando as principais conclusões nelas alcançadas, (b) realçar-se-á o carácter inovador deste estudo, e (c) indicar-se-ão pistas para uma investigação futura.

Síntese das principais conclusões alcançadas

Numa primeira fase (Parte I) foram apresentados e desenvolvidos os parâmetros teóricos e conceptuais do presente estudo. Ao mesmo tempo, foi realizada uma revisão de estudos de que a investigação tirou partido aquando do estabelecimento da metodologia e aquando da análise do *corpus*. No CAPÍTULO I 1 foram expostos e discutidos os princípios básicos dos EDT, reconhecidos como enquadramento teórico fundamental do presente estudo. Deu-se particular ênfase a uma abordagem descritivo-explicativa à tradução, à reorientação para a CC, bem como aos conceitos de tradução assumida e de regularidades. Os resultados principais deste capítulo consistiram na explicitação das limitações que o recurso aos pressupostos básicos dos EDT impôs à investigação aqui proposta, e na apresentação das soluções encontradas para as ultrapassar. Neste sentido, no decorrer deste capítulo realçaram-se (a) a excessiva arbitrariedade do conceito de tradução assumida, (b) a ausência de uma indicação explícita que permita distinguir a tradução da não tradução, (c) o pouco destaque atribuído aos tradutores enquanto agentes culturais, (d) o foco excessivo na CC, (e) a subalternização, no estudo das trocas interculturais operadas através da tradução, da relevância de questões como a ideologia e as relações de poder, e (f) o carácter excessivamente genérico da metodologia touriana para a análise de traduções. Para contornar os obstáculos (a) e (b) o presente estudo propôs recorrer ao modelo de Delabastita (2008). Com o intuito de superar os constrangimentos (c), (d) e (e) foi tomada a decisão de recorrer às propostas teóricas de Casanova (2002; 2004) e Heilbron (1999; 2010). Por fim, procurando ultrapassar a limitação (f), foi proposto o recurso às posições metodológicas do chamado grupo de Göttingen.

Tendo em consideração o destaque atribuído no presente trabalho ao conceito da história externa, o CAPÍTULO I 2 centrou-se na noção da história da tradução, com particular atenção prestada à apresentação e problematização das propostas teórico-metodológicas do grupo de Göttingen. Uma das problemáticas evidenciadas no decorrer deste capítulo foi a exequibilidade da conciliação das posições deste grupo com os princípios básicos dos EDT. Um outro contributo consistiu na discussão dos conceitos da história externa e interna, assim

como na fundamentação da prioridade atribuída à primeira em detrimento da segunda: argumentou-se que, no futuro, a exequibilidade de uma história interna da tradução de literatura polaca depende da averiguação prévia da história externa respectiva. A problematização das propostas do grupo de Göttingen permitiu igualmente explicitar e explorar as interrogações que habitualmente norteiam a investigação conduzida ao abrigo da história externa. Estas questões foram posteriormente utilizadas ao desenhar o modelo de análise. Na parte final deste capítulo, mediante uma breve apresentação do estado-da-arte, foi possível concluir a relevância do presente trabalho para a consolidação e desenvolvimento da disciplina da história da tradução.

Como a investigação aqui desenvolvida lida primordialmente com duas línguas com fraca capacidade exportadora, provou-se imprescindível focar, no CAPÍTULO I 3, os mecanismos a que obedece a tradução entre este tipo de línguas. Em primeiro lugar constatou-se um dissenso terminológico e conceptual relativamente a este grupo de línguas e evidenciou-se a preponderância, nos trabalhos prévios conhecidos, das designações “línguas (semi)periféricas” (Heilbron 1999; 2010) e “línguas dominadas” (Casanova 2002; 2004). Posto isto, procedeu-se à problematização destes conceitos. Esta problematização possibilitou aferir várias constantes na circulação de textos por via da tradução, consideradas de maior relevância para o presente projecto. Na parte final deste capítulo proporcionou-se uma revisão de estudos sobre tradução entre línguas periféricas. Sem pretensões de exaustividade, esta revisão permitiu não só sumariar o estado-da-arte da investigação sobre a tradução entre línguas (semi)periféricas/dominadas e destacar duas tendências gerais (nomeadamente a tradicional escassez de tais estudos e a sua intensificação a partir da segunda metade da primeira década do século XXI), mas também colocar em perspectiva o trabalho aqui apresentado, demonstrando o seu carácter inovador.

No último capítulo da PARTE I (CAPÍTULO I 4) ocupámo-nos do conceito de tradução indirecta. Procedeu-se, numa primeira fase, à análise da metalinguagem em torno deste conceito, numa segunda fase, à problematização do fenómeno em causa e, por fim, à sucinta revisão de estudos que se ocupam desta temática. Da análise da metalinguagem constatou-se: (a) o desacordo generalizado quanto à terminologia, tanto em língua inglesa como portuguesa, patente na proliferação de denominações como “indirect, mediated, second-hand translation” ou “tradução indirecta, mediada, em segunda mão”, etc.; (b) o desacordo generalizado a um nível conceptual, reflectido na inexistência de uma definição consensual do termo “tradução indirecta”; (c) o carácter deficitário da linguagem científica em português na área dos ET, dada a conspícua e inconveniente ausência de um substantivo derivado do adjectivo “(in)directa/o”. Perante estas limitações, o contributo deste capítulo consistiu na: (a) verificação da predominância, nos estudos em língua portuguesa consultados, da denominação “tradução indirecta”, e nos estudos conhecidos em língua inglesa da denominação “indirect translation”; (b) proposta de uma definição de tradução indirecta, que poderá ser recuperada em estudos futuros, (c) proposta do neologismo “indirectude” que, ainda que possivelmente sujeito a contestação futura, poderá vir a preencher uma lacuna terminológica na linguagem científica em português. Por sua vez, a problematização do fenómeno da Trl permitiu: (a) aferir potenciais causas subjacentes à

ocorrência da TrI e ao seu baixo estatuto perante a TrD; (b) identificar algumas normas e relações sistemáticas correlacionadas com a indirectude; (c) contestar algumas das percepções generalizadas em torno da TrI; (d) propor uma escala gradativa, possíveis critérios de avaliação do grau, uma tipologia de diferentes variedades e uma metodologia tripartida para a identificação de indirectude; (e) identificar as línguas espanhola e russa como línguas veiculares (mais centrais) nos subsistemas de tradução ibérico e soviético, respectivamente. Finalmente, graças à revisão sucinta de estudos sobre TrI foi possível delinear o panorama actual da investigação centrada neste fenómeno e detectar três tendências gerais, a saber: a escassez de estudos anteriores a 2008; um posterior aumento de interesse, embora vagaroso; e a perspectivação da indirectude principalmente do ponto de vista da cultura receptora e não mediadora. Estas tendências permitem contextualizar o estudo agora apresentado, realçando ao mesmo tempo a sua pertinência.

Expostos os parâmetros teóricos deste estudo retrospectivo, com balizas cronológicas definidas pelos anos 1855 e 2010, importou na PARTE II delinear o contexto histórico que terá influenciado a importação dos textos a analisar. Em primeiro lugar (CAPÍTULO II 1), na esteira da periodização preconizada por Davies ([1981] 2005), foram elucidados os elementos históricos relativos à cultura polaca. Seguidamente (CAPÍTULO II 2), procedeu-se à apresentação dos elementos do contexto histórico da cultura portuguesa. Ao fazê-lo, seguiu-se a periodização delineada em Marques (1998). Por fim (CAPÍTULO II 3), mostrou-se relevante esboçar sucintamente a história das relações luso-polacas. Para tal, foi estabelecida uma periodização que estrutura a história das relações luso-polacas em seis subperíodos, sendo as balizas cronológicas destes subperíodos definidas por eventos julgados relevantes ora para a cultura polaca de partida, ora para a cultura portuguesa de chegada. Os períodos considerados foram os seguintes: período prévio a 1918, 1919-1939, 1939-1945, 1945-1974, 1974-1989, e 1989-2010. Esta periodização foi posteriormente utilizada na análise dos dados recolhidos e poderá vir a ser úteis para estudos que, tal como o presente, abordem a questão do intercâmbio luso-polaco. A preocupação maior residuiu na apresentação da história das relações culturais. Ainda assim, sempre que considerado pertinente, foram igualmente adiantados factos e interpretações relativos à história das relações comerciais, diplomáticas, ideológicas, militares, políticas e religiosas, partindo do pressuposto de que estas poderão ter exercido um impacto significativo na migração de textos da cultura polaca para a portuguesa.

Tendo apresentado o contexto histórico em que se enquadra o estudo aqui desenvolvido, numa terceira fase (PARTE III), elucidaram-se os parâmetros metodológicos, desenhados propositadamente para fins da presente investigação, e que guiaram a selecção e a análise dos dados. Para tal, foram expostos a metodologia da selecção, o modelo e o método da análise do *corpus*. Estes mostram-se de aplicação alargada, podendo ser recuperados no âmbito de projectos futuros, baseados noutros tipos de textos, noutra direcção de tradução ou noutros pares de línguas. Aquando da proposta destes elementos houve sempre preocupação em expor e fundamentar as limitações impostas, pelo que existe espaço para a validação ou contestação futuras.

Em primeiro lugar, no CAPÍTULO III 1, o foco recaiu sobre a primeira etapa da constituição do *corpus*, i.e., a compilação do catálogo. Da descrição e problematização desta etapa resultou não só um extenso elenco (disponibilizado em suporte de papel e digital e por isso facilmente recuperável por estudos posteriores) dos dados respeitantes a traduções para português europeu de textos da autoria de escritores considerados polacos (independentemente da classificação temática, da data, do local ou do tipo de publicação, e sem entrar em linha de conta com a classificação temática, a língua, o local, a data, e o tipo de publicação dos respectivos TP), mas também uma revisão aprofundada de fontes bibliográficas ao dispor dos estudiosos na área da história da tradução em Portugal. Ao mesmo tempo, mediante a análise da completude do catálogo, foi possível corroborar a percepção generalizada relativa ao precário estado de conservação do património bibliográfico em Portugal, assim como à tradicional obliteração da figura do tradutor na cultura portuguesa. Para além disso, através da análise quantitativa dos dados recolhidos no catálogo foi igualmente possível confirmar: (a) a importância multiseccular da doutrina religiosa na aproximação entre as culturas polaca e portuguesa; (b) a predominância das publicações em periódicos, em detrimento de volumes, até pelo menos ao fim do século XIX; (c) o elevado capital literário da língua alemã na área da filosofia e das línguas latina e italiana na área da religião; (d) a relevância da consideração, aquando da explicação das razões por trás da importação dos textos, a relevância não somente dos factores latentes no sistema da cultura de chegada, mas também no sistema da cultura de partida ou ainda num sistema mais vasto que inclui tanto o sistema receptor como o sistema emissor. De referir ainda que foi possível encontrar sinais da crescente centralização da língua polaca no sistema mundial de traduções a partir dos anos 1940, hipótese esta que poderá vir a ser testada em trabalhos futuros.

Seguidamente, no CAPÍTULO III 2, a maior ênfase foi dada à segunda etapa da constituição do *corpus*, i.e., a selecção, a partir do catálogo, dos dados contextuais em que incidiu a maior parte da análise efectuada. Por um lado, o *corpus* revelou ser mais restrito do que o catálogo, uma vez que diz respeito a um número mais reduzido de textos. Por outro lado, provou ser mais abrangente, visto que às categorias já existentes no catálogo acrescenta várias novas. Nesta óptica, o *corpus* em si, ao (a) disponibilizar, em suporte de papel e electrónico, dados respeitantes a traduções para português europeu a partir de textos literários escritos originalmente em língua polaca e publicados em Portugal em forma de livro entre 1855 e 2010 e (b) corrigir e completar os dados constantes das fontes bibliográficas consultadas, já se revela um resultado significativo do presente estudo e constitui um passo complementar no mapeamento do mercado das traduções em livro em Portugal. De salientar ainda que da exposição e fundamentação dos critérios subjacentes à selecção do *corpus*, realizadas no decorrer deste capítulo, resultaram também as definições dos conceitos “tradução”, “literatura”, “livro” e “publicação em Portugal”, que poderão ter utilidade para estudos com parâmetros metodológicos semelhantes aos da presente investigação. Um outro fruto desta exposição e fundamentação foi a proposta de dois esquemas: o primeiro, recuperando e desenvolvendo as propostas de Delabastita (2008), permite distinguir a tradução da não tradução; o segundo, conciliando as argumentações de Genette (1991) e de Patterson ([1990] 1995), possibilita a diferenciação entre textos literários e não-literários.

Posteriormente, no capítulo III 3, houve oportunidade de elucidar o modelo e o método de análise dos dados contidos no *corpus*. O modelo, desenvolvido utilizando algumas das conclusões procedentes da discussão do conceito de história externa no CAPÍTULO I 2, foi desenhado para representar de forma simplificada o objecto de estudo. O método de análise, por sua vez, foi desenhado para perseguir os objectivos impostos, i.e., responder a seis questões relativas à história externa das traduções de literatura polaca em Portugal: quem traduziu o quê, quando, onde, como e porquê?

Após a explicitação dos pressupostos metodológicos houve, finalmente, na PARTE IV, oportunidade de expor e discutir os resultados da análise dos dados inventariados no *corpus*.

A análise das datas das traduções inventariadas no *corpus*, cujos resultados foram apresentados no CAPÍTULO IV 1, evidenciou:

- uma presença contínua da literatura polaca em versão traduzida no mercado do livro português desde a primeira década do século XX;
- a considerável relevância quantitativa desta presença em comparação com a presença de literaturas em outras línguas com semelhante capacidade de exportação cultural;
- que a existência de relações diplomáticas não constitui uma condição *sine qua non* para a ocorrência de traduções;
- a tendência generalizada para a omissão no peritexto da informação sobre a data de publicação;
- as ocasiões de maior aceleração e desaceleração do fluxo de traduções: dependendo da periodização adoptada; como momentos de uma maior aceleração foram identificados a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o pós-25 de Abril (1975-2010); como momentos de uma maior desaceleração foram identificados os períodos, parcialmente coincidentes, do entre-guerras (1919-1939) e da Primeira República Portuguesa (1910-1926).

No CAPÍTULO IV 2, mediante a análise dos dados contextuais relativos aos autores listados no *corpus*, foi possível:

- comprovar o predomínio de um autor (Sienkiewicz) e de um TP (*Quo vadis*) polaco no panorama editorial português; em traços gerais, este autor e este texto conferem maior visibilidade à literatura polaca em Portugal, podendo ser considerados como os mais representativos desta literatura no mercado livreiro português;
- verificar que a presença de Sienkiewicz no sistema literário português obedece a uma dinâmica diferente daquela pela qual se regem outros autores polacos: é uma presença contínua ao longo de todo o século XX, praticamente exclusiva até à década de 1940, apoiada em múltiplas retraduições;
- apurar a existência de três fases distintas da presença de Sienkiewicz em Portugal, expressivas do gradual desinteresse por este autor com o progredir do tempo;
- verificar a crescente diversificação, dos anos 1940 em diante, da oferta dos escritores polacos em versão traduzida em Portugal;
- constatar que Lem e Szymborska estão representados apenas pelas traduções de TP compostos após a ruptura com a doutrina do realismo social na literatura polaca;

- identificar a década de 1970 como um marco na evolução do perfil dos autores traduzidos: anteriormente a esta década, traduziram-se maioritariamente autores cuja produção literária era anterior à instalação do regime comunista, ou que durante a vigência deste regime estavam exilados em países ocidentais. Após esta década, traduzem-se essencialmente autores cuja produção literária é posterior à instalação do regime comunista e que durante a vigência deste regime estavam sediados na Polónia;
- identificar um perfil temático das traduções portuguesas produzidas após a queda do regime comunista na Polónia: enquanto a maior parte das traduções produzidas na década de 1990 se refere a literatura infanto-juvenil, a maioria das traduções da década de 2000 aborda questões ligadas ao passado da Polónia (Segunda Guerra Mundial, holocausto, sovietação).

No CAPÍTULO IV 3, que apresenta os resultados do processamento dos dados respeitantes aos tradutores inventariados no *corpus*, foi possível apurar as seguintes constantes:

- crescente valorização, dos anos 1980 em diante, do domínio nativo da língua polaca no mercado de traduções portuguesas desta língua;
- considerável relevância, no início do século XXI, dos falantes nativos de língua polaca no mercado de traduções da literatura polaca em Portugal;
- predomínio, na classe de tradutores nativos de língua polaca operantes no mercado português no início do século XXI, dos tradutores de género feminino;
- existência de uma correlação entre a profissão principal dos tradutores e a classificação genológica/temática das traduções que assinam.

Para além disso, foi possível reconhecer a década de 1980 como um marco na evolução do perfil dos tradutores: a partir desta década, assiste-se à crescente especialização dos tradutores de literatura polaca, ao gradual incremento do número de equipas luso-polacas de tradutores, bem como ao nivelamento da proporção de tradutores do género feminino e da proporção de tradutores do género masculino. A análise realizada no corrente capítulo permitiu igualmente propor as seguintes hipóteses:

- as equipas bilingues de tradutores (com competência linguística a nível de língua materna tanto em LP como em LC) têm uma maior propensão para a especialização em traduções portuguesas de literatura polaca do que os tradutores individuais (independentemente de serem falantes nativos tanto da LP como da LC);
- o anonimato das traduções constitui uma tática editorial para ocultar o desrespeito pelos direitos autorais dos tradutores;
- a partir dos anos 1980 a tendência geral na tradução do polaco é a aderência à norma inicial de adequação;
- a dispersão de volumes por tradutor é menos elevada comparativamente com o que se verifica no caso de outras línguas (semi)periféricas;
- o número dos falantes nativos de língua polaca com competências linguísticas em português europeu é superior ao número de falantes nativos de língua portuguesa (variante europeu) com competência linguística em polaco.

No CAPÍTULO IV 4, que apresenta os resultados do processamento dos dados respeitantes às editoras e às colecções inventariados no *corpus*, foi possível apurar as seguintes constantes:

- a crescente - embora vagarosa e pouco regular - especialização das editoras portuguesas em traduções da língua polaca a partir dos anos 1980;
- a centralização, independentemente do período histórico, da actividade editorial em Lisboa;
- a existência, independentemente do período histórico, de uma correlação entre a lealdade da editora para com o tradutor e a directude das traduções;
- a existência, independentemente do período histórico, de uma correlação entre o foco das editoras nos autores traduzidos e o perfil destes autores;
- a escassez de autores polacos que ascenderam no panorama editorial português ao estatuto de clássicos de literatura;
- a escassez de interesse das editoras portuguesas na importação da literatura infanto-juvenil proveniente da Polónia;
- o predomínio, independentemente do período histórico, das traduções publicadas no âmbito de colecções;
- a existência de uma correlação entre o macro-nível do contexto ideológico, o meso-nível do contexto editorial e o micro-nível dos textos traduzidos;
- a tendência de recurso às traduções já existentes no mercado desde há várias décadas aquando da renovação dos catálogos das editoras e do lançamento de novas colecções;
- o domínio, na produção de traduções portuguesas da literatura polaca, de editoras com considerável capital financeiro e simbólico;
- a prevalência, nas traduções publicadas fora das colecções, de traduções de autores com escassa projecção mundial e de primeiras traduções de uma série de retraduições de autores com elevada projecção mundial.

No CAPÍTULO IV 5, que apresenta os resultados do processamento dos dados respeitantes à indirectude das traduções do *corpus*, foi possível, entre outras conclusões, identificar a década de 1990 como um marco conspícuo de alteração relativamente:

- ao grau de indirectude (anteriormente a esta década a maioria das traduções é indirecta; posteriormente, a maioria é realizada directamente do original polaco);
- à língua de mediação dominante (anteriormente a esta década a maioria das traduções indirectas é realizada por intermédio do francês; posteriormente o inglês passa a ser a língua de mediação de eleição);
- à transparência na identificação das TrD (anteriormente a esta década o carácter directo de uma tradução é, na maioria dos casos, explicitamente anunciado no peritexto; posteriormente, a informação sobre a directude da tradução é tipicamente omissa).

Simultaneamente, a análise dos dados possibilitou reconhecer a década de 1980 como um momento histórico em que se assiste a uma maior transparência na identificação peritextual do grau de indirectude. Um outro resultado consistiu na identificação e hierarquização das línguas que serviram de mediadoras na importação de literatura polaca, assim como no

apuramento dos momentos históricos em que há predominância destas línguas na mediação entre a cultura polaca e a portuguesa. A este propósito, concluiu-se que o domínio da mediação inglesa na importação global da literatura polaca pelo contexto português receptor não chegou a ser tão significativo como o domínio francês, e que a língua espanhola desempenhou uma função relevante na mediação durante as décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970.

Para além disso, foram detectados indícios da:

- persistência da prática da tradução indirecta ainda na primeira década do século XXI;
- relevância, para a publicação das traduções directas do polaco, da pré-existência das respectivas traduções em línguas centrais;
- irrelevância, até meados do século XX, do domínio nativo da língua polaca para a especialização em tradução de literatura polaca;
- predominância, na produção de traduções directas, de equipas luso-polacas de tradutores, e de pequenas e médias editoras;
- existência de uma correlação entre o país de residência dos autores polacos no exílio e a LM através da qual as suas obras são traduzidas para português;
- existência de uma correlação entre a transparência na identificação da indirectude de uma tradução e o estatuto da língua de mediação (independentemente do âmbito temporal, as TrI marcadas tendem a ser produzidas por intermédio das LM que, na altura da publicação, não são consideradas como dominantes no fluxo de traduções da Polónia para Portugal).

Com base nos padrões identificados, é possível sugerir que:

- a lírica é o modo literário com maior preferência pela tradução directa;
- o drama é o modo literário com maior tolerância pela tradução indirecta;
- as editoras com baixo capital literário têm maior propensão para incorrer em maiores riscos financeiros do que editoras com elevado capital literário;
- o número de falantes nativos do polaco com suficiente domínio da língua portuguesa (variante europeu) é superior ao número de falantes nativos de língua portuguesa (variante europeia) com competência linguística em polaco;
- até a década de 1980 a valorização da adequação é marginal;
- dos anos 1980 em diante a norma preliminar dominante é a intolerância perante as TrI.

Utilizando as conclusões dos capítulos anteriores, no último capítulo (CAPÍTULO IV 6) formularam-se hipóteses explicativas capazes de justificar as variações no fluxo de traduções de literatura polaca em determinados períodos. Da apresentação destas hipóteses ficou claro que os motivos que determinam a migração dos textos estão relacionados não só com a CC ou com a CP, mas também com outros factores, que irão para além do contexto das relações bilaterais luso-polacas e que se prenderão antes com o contexto das relações multilaterais pan-europeias.

Originalidade e progresso quanto ao estado-da-arte

Tendo em consideração as limitações impostas e os resultados obtidos, considera-se que a investigação que aqui se conclui constitui um contributo modesto mas original, representando um progresso no estado-da-arte, na medida em que:

- identifica (e disponibiliza dados contextuais relativos a) várias traduções nunca referenciadas nas fontes activas consultadas;
- considera traduções até agora nunca ou pouco estudadas;
- o *corpus* é de dados e não de textos;
- apresenta uma análise de dados sobre traduções portuguesas de CECC e CEAUL para períodos nunca ou pouco publicados anteriormente;
- centra a atenção num par de línguas/culturas chamadas periféricas/dominadas, i.e., numa combinação relativamente pouco estudada no âmbito dos Estudos de Tradução, tipicamente focados nas traduções entre línguas/culturas chamadas centrais/dominantes ou, mais raramente, entre línguas periféricas/dominadas e centrais/dominantes;
- foca um fenómeno até há pouco tempo negligenciado no âmbito de Estudos de Tradução, em concreto nomeadamente a tradução indirecta;
- desenvolve uma metodologia para a constituição de um modelo de análise do *corpus* que ultrapassa algumas das limitações dos Estudos Descritivos de Tradução;
- por ser composto quase na íntegra em língua portuguesa, contribui para o desenvolvimento da terminologia e linguagem científicas, correntemente extremamente carenciadas, na área dos Estudos de Tradução em Portugal e nos países de língua oficial portuguesa;
- revisita, problematiza e desenvolve definições de conceitos recorrentemente utilizados no âmbito de Estudos de Tradução, tais como “tradução”, “literatura”, “livro” e “publicação em Portugal”, “tradução indirecta”, “*corpus*”, “tradução eclética”, etc.

Neste sentido, ao nível académico, o presente estudo poderá, potencialmente, trazer um valor acrescentado para outros trabalhos desenvolvidos futuramente:

- na área de Estudos de Tradução (por propor novos dados, metodologias, modelos, definições de conceitos, bem como abrir novas direcções de investigação);
- nas disciplinas adjacentes, tais como Estudos Ibero-Eslavos, Estudos Comparativos, Estudos Literários, História do Livro, Geografia Cultural, etc. (por destacar o papel da tradução nas relações culturais e no desenvolvimento das culturas).

Para além disso, fora dos meios académicos, é de crer que, ao mapear e identificar tendências e lacunas da presença da literatura polaca no mercado do livro português, este estudo tenha utilidade para os agentes culturais dos sectores público e privado que promovem a aproximação e o intercâmbio entre as duas culturas (i.e., tradutores, editores, secções culturais das embaixadas, leitores universitários de línguas polaca e portuguesa, entidades culturais que promovem a língua e cultura polacas no estrangeiro, etc.).

Por fim, espera-se que este seja um contributo construtivo para o conhecimento da literatura e cultura polacas em Portugal e, potencialmente, para o estreitamento das relações entre estas culturas.

Perspectivas de investigação futura

Atendendo à sua natureza exploratória, o trabalho que aqui se apresentou abre vários caminhos de investigação futura. Desde o início, ficou esclarecido que o trabalho aqui apresentado não reclama exaustividade, não devendo ser, portanto, entendido como um projecto finalizado, com conclusões definitivas sobre o *corpus* estudado. Antes, trata-se de uma primeira abordagem ao tópico focado, indicadora das constantes e variações mais salientes no fluxo de traduções da literatura polaca em Portugal, que lança sugestões para a prossecução de diversas linhas de investigação que aqui não foi possível desenvolver. O *corpus* aqui apresentado permitiria gerar respostas alternativas às indagações colocadas ou responder a outras que não chegaram a ser consideradas. Entre estas interrogações encontram-se, a título exemplificativo:

- onde são compostas as traduções? onde são distribuídas (e.g., no Brasil, nos PALOP?)
- qual é a fortuna crítica dos TC na cultura portuguesa receptora?
- para quem se traduz?
- quando tempo medeia entre os respectivos TP, TM e TC?
- o que não é traduzido e porquê? o que é reeditado? o que é retraduzido?

A partir do *corpus* aqui concebido será igualmente possível realizar um refinamento da escala gradativa, dos critérios de avaliação do grau, da tipologia de diferentes variedades e da metodologia de identificação da indirectude.

Para além disso a investigação agora concluída abre novos horizontes para futuros projectos baseados em *corpora* distintos ou mais latos. Como já foi realçado no decorrer desta tese, a investigação estabelece os primeiros passos para a realização de um estudo sobre a história interna da tradução de literatura polaca. Tal investigação passaria, necessariamente, pelo estabelecimento de um *corpus* de dados relativos ao perfil linguístico das traduções consideradas. Por sua vez, a criação de um *corpus* comparável, em que estas traduções seriam cotejadas com as traduções portuguesas de outras línguas semiperiféricas, permitiria averiguar até que ponto as regularidades identificadas constituem manifestações de normas vigentes na cultura portuguesa em determinados períodos. Por fim, o alinhamento do presente *corpus* com um *corpus* de dados relativos às traduções na direcção inversa (de português para polaco) permitiria elucidar as possíveis (as)simetrias no intercâmbio literário luso-polaco. Estas pistas serão certamente merecedoras de uma exploração em trabalhos futuros.

BIBLIOGRAFIA

- Accácio, Manuela Acássia. 2010. "Tradução indireta: Uma prática de divulgação e enriquecimento cultural". *TradTerm* 16: 97-117.
- Almeida, Luís Ferrand de. 1967. "Portugal e Polónia." In *Dicionário de história de Portugal*, ed. Joel Serrão, 3º vol., 410-415, Lisboa/Porto: Iniciativas Editoriais/Livraria Figueirinhas.
- . 1991. "Portugal e a Polónia." In *Imagem da Polónia*, coord. Maria Danilewicz-Zielińska, Maria e Lúcia Liba Mucznik, coord., 9-16, Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Almeida, José Miguel Pindo de. 2001. "A transferência linguística e a tradução: Barreira à tradução ou eficaz solução comunicativa?". Tese de mestrado. Porto: Universidade do Porto.
- Andrade, Adriano da Guerra. 1999. *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses de Adriano da Guerra Andrade*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Andrade, Luís. 1992. *Os Açores, a Segunda Guerra Mundial e a NATO*. Ponta Delgada: Impraçor.
- APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livreiros). 1985-2007. *Catálogo dos livros disponíveis*. Lisboa: Centro de Documentação Bibliográfica da APEL.
- . s.d. *Prefixos de Editor*. Acedido em Fevereiro 2009. <http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=207&langid=1>.
- Azevedo, Cândido de. 1997. *Mutiladas e proibidas: para a história da censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*. Lisboa: Caminho.
- . 1999. *A censura de Salazar e Marcelo Caetano: imprensa, teatro, cinema, televisão, radiodifusão, livro*. Lisboa: Caminho.
- Babych, Bogdan, Anthony F. Hartley e Serge Sharoff. 2007. "Translating from under-resourced languages: comparing direct transfer against pivot translation". *Machine translation summit*, ed. Bente Maegaard, 29-35.
- Baer, Brian James, ed. 2011. *Context, subtext and pretext: Literary translation in Eastern Europe and Russia*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Baker, Mona e Kirsten Malmkjær. 1998. *Routledge encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge.
- Baker, Mona e Gabriela Saldanha. 2008. *Routledge encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge.
- Barreto, António e Maria Filomena Mónica, eds. 1999. *Dicionário de história de Portugal*. 7º vol. Lisboa: Livraria Figueirinhas.

- Bates, John M. (1999) 2001. "Poland". In *Censorship: a World Encyclopedia*, ed. Derek Bates, 1882-1895. London: Fitzroy Dearborn. Acedido em Abril 2011. <http://www.arts.gla.ac.uk/Slavonic/staff/Polcen20c.html>.
- Baubeta, Patricia Odber de. 2007. *The anthology in Portugal: A new approach to the history of Portuguese literature. The twentieth century*. Oxford: Peter Lang.
- Bauer, Wolfgang. 1999. "The Role of Intermediate Languages in Translations from Chinese into German". In *De l'un au multiple: Traductions du chinois vers les langues européennes = Translations from Chinese to European languages*, eds. Viviane Alleton e Michael Lackner, 19-32. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Bednarczyk, Anna. 2010. "Rosyjskie *Solaris* Stanisława Lema [Traduções russas de *Solaris* de Stanisław Lem]". In Skibińska e Rzeszotnik 2010: 103-115.
- Belo, André. 2001. *Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. (CD-rom). Publicação original: Silva et al. 1858-1923.
- Bereś, Stanisław. 2010. "Galaktyka Lem [Galáctica Lem]". In Skibińska e Rzeszotnik 2010: 15-25.
- Berman, Antoine. 1984. *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard.
- Bernardo, Ana Maria. 1999. "A Tradutologia alemã: tendências e perspectivas na segunda metade do século XX". Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Bikont, Anna e Joanna Szczęsna. 2006. *Lawina i kamienie: Pisarze wobec komunizmu* [A avalanche e pedras: Escritores perante o comunismo]. Warszawa: Prószyński i Spółka.
- Bilikiewicz-Blanc, Danuta. 2005. Forward. In Bilikiewicz-Blanc, Danuta et al. 2005: XIII-XIX.
- et al. 2005. *Literatura polska w przekładach: 1971-1980* [Literatura polaca em tradução: 1971-1980]. Warszawa: Biblioteka Narodowa.
- et al. 2008. *Literatura polska w przekładach: 1981-2004* [Literatura polaca em tradução: 1981-2004]. Warszawa: Biblioteka Narodowa.
- Blumczyński, Piotr. 2010. "Pilnikiem, kluczem, czy siekierą. O tłumaczeniach Lema na angielski (Com a lima, chave ou machado. Das traduções inglesas de Lem)". In Skibińska e Rzeszotnik 2010: 79-92.
- BNP (Biblioteca Nacional de Portugal). 1937-1987. *Boletim de bibliografia portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- . s.d. a. *Bibliotecas Nacionais do Mundo*. Acedido em Fevereiro 2010. <http://pesquisa.bn.pt/bn-mundo>.
- . s.d. b. *Porbase*. Acedido em Abril 2009. <http://porbase.bnportugal.pt/#focus>.
- Bokobza, Anaïs. 2008. "La vogue de la littérature italienne". In *Translatio: Le marche de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*, ed. Gisèle Sapiro, 211-225. Paris: CNRS Éditions.
- Borkowska, Magdalena. 2009. "Recepção editorial e crítica da literatura portuguesa na Polónia (1945-2007)". Tese de mestrado. Kraków: Uniwersytet Jagielloński.

- Boulogne, Pieter. 2008. "The early Dutch construction of F. M. Dostoevskij: From translational data to polysystemic working hypotheses". In *Translation and its others: Selected papers of the CETRA research seminar in translation studies 2007*, ed. Pieter Boulogne. Acedido em Abril 2011. <http://www.kuleuven.be/cetra/papers/papers.html>.
- . "The French influence in the early Dutch reception of F. M. Dostoevsky's *Brat'ja Karamazovy*: A case study". *Babel* 55 (3): 264-284.
- Bourdieu, Pierre (1999) 2008. "A conservative revolution in publishing." Trad. Ryan Fraser. *Translation Studies* 1 (2): 123-153.
- Branchadell, Albert. 2011. "Minority language and translation". In Gambier e van Doorslaer 2011: 97-101.
- Branchadell, Albert e Lovell Margaret West, eds. 2005. *Less translated languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Branco, Manuel Bernardes. 1879–1895. *Portugal e os estrangeiros*, 5 vols, Vol I. 1879. Lisboa: Imprensa Nacional; Vol. II. 1893. Lisboa: Imprensa Nacional; Vol. III. s.d. Lisboa: s.d; Vol. IV. 1895a. Lisboa: Imprensa Nacional; Vol. V. 1895b: Lisboa: Imprensa Nacional.
- Bulhosa (Livraria Bulhosa). s.d. *Catálogo online da livraria Bulhosa*. Acedido em Junho 2009. www.bulhosa.pt.
- Buzelin, Hélène. 2011. "Agents of translation". In Gambier e van Doorslaer 2011.
- Calvet, Louis-Jean e Inês Oseki-Dépré. 2001. "*Mondialisation et traduction, le rapport inverse entre centralité et diversité*." Acedido em Junho 2012. <http://www.translatedliteratureportugal.org>.
- Cardozo, Mauricio Mendonça. 2011. "Mãos de segunda mão? Tradução (in)direta e a relação em questão." *Trabalhos em Linguística Aplicada* 50 (2): 429-441.
- Casanova, Pascale. 2002. "Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal." *Actes de la recherche en sciences sociales* 144: 7–20.
- . 2004. *The World Republic of Letters*. Trad. M. B. Debevoise. Cambridge: Harvard University Press.
- CECC e CEAUL (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura; Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa). 2009. *Intercultural literature in Portugal 1930-2000: a critical bibliography*. Acedido em Junho 2010. <http://www.translatedliteratureportugal.org>.
- Chesterman, Andrew. 2000. "Empirical research methods in Translation Studies." *Erikoiskielet ja käännteoria* 27: 9-22. Acedido em Dezembro de 2012. <http://www.helsinki.fi/~chesterm/2000IVakki.html>.
- . 2006. "A note on norms and evidence." In *Translation and interpreting – training and research*, ed. Jorma Tammola e Yves Gambier. 13–19. Turku: University of Turku: Department of English Translation Studies.
- . 2012. *Models in Translation Studies*. In Gambier e van Doorslaer 2012: 141-144.
- Cheung, Martha. 2005. "'To translate' means 'to exchange': A new interpretation of the earliest Chinese attempts to define translation ('fanyi')". *Target* 17 (1): 27–48.

- Cieszyńska, Beata, ed.. 2007. *Iberian and Slavonic cultures: Contact and comparison*. Lisbon: CompaRes.
- Cieszyńska, Beata e Hanna Pięta. 2010. "Translation Studies from within the Iberian-Slavonic Perspective: overview and outlooks." *IberoSlavica* 1. 12-21.
- Cieszyńska, Beata e José Franco. 2008. "Mitos da construção da identidade nacional e emocional: uma perspectiva comparativa luso-polaca". In *Diálogos com a lusofonia*, ed. Anna Kalewska, 56-88. Warszawa: Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich. 149-172
- Corrêa, Hermenegildo. 1863-1865. *História da Polónia*. 5 vols. s.l: s.d.
- Cronin, Michael. 1995. "Altered States: Translation and Minority Languages". *TTR* 8 (1): 85-103.
- . 2008. "Minority". In Baker e Saldanha 2008: 169-172.
- . 2009. "Editorial". *MTM* 1. 4-6.
- Cudak, Romuald, ed.. 2006. *Literatura polska w świecie [Literatura polaca no mundo]*. Katowice: Gnome.
- Danek, Wincenty. 1970. "Józef Ignacy Kraszewski". In *PAN 1935-2001*: vol. XV, 221-229.
- Danilewicz- Zielińska, Maria. 1981. "Atanásio Raczynski 1788-1874: um historiador de arte portuguesa". *Belas-Artes* 3: s.p.
- Danilewicz- Zielińska, Maria. 2005. *Polonica portuguesas*. Warszawa: Więż.
- Danilewicz-Zielińska, Maria e Lúcia Liba Mucznik, coord.. 1992. *Imagem da Polónia*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Davies, Norman. 1997. "West-Best, East-Beast." *Oxford Today* 9(2): 28-31.
- . 2001. *The heart of Europe: the past in Poland's present*. Oxford: Oxford University Press.
- . (1981) 2005. *God's playground: a history of Poland*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Dąbrowski, Mieczysław. 2006. "Wstęp". In *Pisarze polsko-żydowscy XX wieku: przybliżenia [Escritores polaco-judaicos do séc. XX]*, ed. Mieczysław Dąbrowski e Alina Molisak, 7-31. Warszawa: Dom Wydawniczy Elipsa.
- Decreto-Lei nº. 527/76*. 1976. In *Diário da República* 156, 6 de Julho. Acedido em Outubro 2012. http://icsite.cloudapp.netdna-cdn.com/images/stories/acordos/polonia_dec527_76.pdf
- Decreto-Lei nº. 176/9*. 1996. In *Diário da República* 220, 21 de Setembro. Acedido em Outubro 2009. [http://www.dgcc.pt/anexos/decreto-lei%20176-96%20\(536%20KB\).pdf](http://www.dgcc.pt/anexos/decreto-lei%20176-96%20(536%20KB).pdf).
- Delabastita, Dirk. 2008. "Status, origin, features: Translation and beyond". In *Beyond descriptive translation studies*, ed. Anthony Pym, Miriam Shlesinger e Daniel Simeoni, 233-246. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- . "Literary studies and translation studies". In Gambier e van Doorslaer 2010: 196-208.
- . 2011. "Continentalism and the invention of traditions in translation studies". *Translation*

and Interpreting Studies 6 (2): 142-156.

- Delisle, Jean. 1990. *Les alchimistes des langues: La Société des traducteurs du Québec, 1940-1990*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa.
- Delisle, Jean e Judith Woodsworth, eds. (1995) 2012. *Translators through history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company
- Desterro, José do. 1863. *Descrição [sic] do Reino da Polónia antes da sua desmembração*. Lisboa: Tipografia Manoel de Jesus Coelho.
- D'hulst, Lieven. 2010. "Translation history". In Gambier e van Doorslaer 2010: 397-405.
- Dinis, Dora. 2005. "A recepção da ficção científica em Portugal: O caso de Philip Kindred Dick." Tese de mestrado. Évora: Universidade de Évora.
- Dollerup, Cay. 1999. "The painted original". *The Chinese Translators Journal* 23 (2): 18-23.
- . 2000. "Relay and Support Translations". In *Translation in Context: Selected Contributions from the EST Congress*, eds. Andrew Chesterman, Natividad Gallardo and Yves Gambier, 17-26. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- . 2009. "Relay and Delay in Translation." Acedido em Maio de 2011. <http://www.cay-dollerup.dk/publications.asp>
- Duarte, João Ferreira. 2000. "The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations". *TTR – Traduction, Terminologie, Rédaction. Études sur le texte et ses transformations* 13 (1): 95-112.
- Duarte, João Ferreira. s.d. *TradBase: Bibliografia Portuguesa de Estudos de Tradução*. Acedido em Março de 2011. http://tradbases.comparatistas.edu.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=8.
- Edström, Bert. 1991. "The transmitter language problem in translations from Japanese into Swedish". *Babel* 37 (1): 1-13.
- ERP (Embaixada da República da Polónia em Lisboa). s.d. Tradutores da língua polaca – Portugal. Acedido em Julho de 2011. http://lizbona.msz.gov.pl/pt/consulares/traducoes_tradutores/.
- Even-Zohar, Itamar. 1990. "Polysystem Studies". *Poetics Today* 11 (1).
- Faria, Maria Isabel e Maria da Graça Pericão. 2008. *Dicionário do livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Almedina.
- FCBiE-RK (Fundacja Centrum Badań i Edukacji im. Ryszarda Kapuścińskiego [Fundação do Centro de Investigação e Educação Ryszard Kapuściński]). 2010. "Tłumaczenia Ryszarda Kapuścińskiego". Acedido em Julho 2010. <http://www.centrumkapuscinskiego.pl/cms/>.
- FCG (Fundação Calouste Gulbenkian). s.d. *Rol de Livros*. Acedido em Setembro 2009. <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol>.
- Feitö, François. 1971. *A history of the People's Democracies: Eastern Europe since Stalin*. Trad. Daniel Weissbort. London: Pall Mall Press.

- Fernandes e Sousa, Inês. 2011. "O fenómeno do *fansubbing* em inglês: Principais normas de tradução e legendagem". Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- FFMS (Fundação Francisco Manuel dos Santos). 2010. "Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos: Portugal." PORDATA: Base de dados Portugal contemporâneo. Acedido em Fevereiro de 2012. <http://www.pordata.pt/Portugal/Titulos+em+lingua+portuguesa+total++originais+e+traduzidos-986>.
- Filipowicz, Halina. 1989. "Fission and fusion. Polish émigré literature." *The Slavic and East European Journal* 33 (2): 157-172. Acedido em Outubro 2009. <http://www.jstor.org/stable/309341>.
- Flor, João de Almeida. 1999. "Apresentação". In Rodrigues 1999: 7-9.
- Flotow, Luise von. 1997. *Translation and gender: translating in the 'Era of Feminism*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- FNAC. s.d. *Catálogo online da livraria FNAC*. Acedido em Junho 2009. www.fnac.pt.
- Franco Aixelá, Javier. 2003. *Bibliography of Interpreting and Translation (BITRA)*. Acedido em Setembro de 2009. http://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en.
- Franco, José Eduardo e Paula Carreira. 2010. "O mundo eslavo como horizonte e fronteira da Europa em Portugal segundo os jesuítas: Evolução da apreciação de países eslavos na revista *Brotéria*". In Franco, Pinheiro e Cieszyńska 2010: 139-154.
- Franco, José Eduardo, Teresa Pinheiro e Beata Cieszyńska. 2010. *Europa de Leste e Portugal: Realidades, relações e representações*. Lisboa: Esfera do Caos.
- França, José Augusto. 1981. "Folhetim artístico: Raczyński revisitado". *Diário de Lisboa*, 20 de Agosto.
- Frank, Armin Paul. 1998. "Anthologies of Translation." In Baker e Saldanha 2008: 13-16.
- . 2004. "Translation Research from a Literary and Cultural Perspective: Objectives, Concepts and Scope." In Harald Kittel et al: 790–851.
- Frejlich, Józef. 1938. "Jan Czyński". In PAN 1935-2001: vol. IV., 375-378.
- Furtado, José Afonso. 1995. *O que é o livro*. Lisboa: Difusão Cultural.
- GALP (Grupo de Amizade Luso-Polaca), org. 1938. *Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica luso-polaca*. Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.
- Gambier, Yves. 2003. "Working with relay: An old story and a new challenge." In *Speaking in Tongues: Language across Contexts and Users*, ed. Luis Pérez González, 47–66. Universitat de València.
- Gambier, Yves e Luc van Doorslaer, eds. 2004. *Translation Studies Bibliography (TSB)*. Acedido em Setembro de 2009. <http://benjamins.com/online/tsb/>.
- , eds. 2010. *Handbook of translation studies online*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Acedido em Dezembro 2012. <http://benjamins.com/online/hts/>.

- , eds. 2011. *Handbook of translation studies online*. Vol. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Acedido em Dezembro 2012. <http://benjamins.com/online/hts/>.
- , eds. 2012. *Handbook of translation studies online*. Vol. 3. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Acedido em Dezembro 2012. <http://benjamins.com/online/hts/>.
- Gąsiorowska, Anna. 2010. "O *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa e as suas traduções para o polaco". Tese de mestrado. Kraków: Uniwersytet Jagielloński.
- Genette, Gérard. 1991. "Introduction to the paratext". *New literary history* 22 (2): 261-272.
- Gile, Daniel. 1998. "Observational Studies and Experimental Studies in the Investigation of Conference Interpreting". *Target* 10 (1): 69-89.
- . 2008. "Hypotheses and research questions in empirical TS research". *Research Issues in TS*. Acedido em Setembro de 2009. <http://www.est-translationstudies.org/>.
- Gmurek, Jerzy. 1985. *Promocja i recepcja polskiej literatury za granicą [Promoção e recepção da literatura polaca no estrangeiro]*. Warszawa: Instytut Kultury.
- Gombrowicz, Witold. 1957. *Dziennik [Diário] (1953-1956)*. Paris: Instytut Literacki Kultura.
- Gomes, Joaquim Cardoso. 2006a. "Álvaro Salvação Barreto: oficial e censor do salazarismo". *Media & Jornalismo* 9: 57-88.
- . 2006b. *Os militares e a censura: censura à imprensa na Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1945)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Graeber, Wilhelm. 1993 "Das Ende deutscher Romanübersetzungen aus zweiter Hand". *Target* 5 (2): 215-228.
- . 2004. "'Englische Übersetzer aus dem Französischen': Eine Forschungsbilanz der Übersetzungen aus zweiter Hand." In *Die literarische Übersetzung in Deutschland*, eds. Armin Paul Frank e Horst Turk, 93–107. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- Griffin, Roger. 1991. *The nature of Fascism*. London: Pinter.
- Guenova. 2008. "Relacions literàries entre Bulgària i Catalunya". *Quaderns* 15: 119-126.
- Hajduk-Gawron, Wioletta. 2006. *Lektura obowiązkowa i co ponadto?: O obecności i nieobecności literatury polskiej poza krajem [Para além das leituras obrigatórias: Da presença e ausência da literatura polaca no estrangeiro]*. In *Cudak* 2006: 27-34.
- Hallström, Per. 1924. "Nobel Prize in Literature 1924 - Presentation". Acedido em Setembro de 2009. http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1924/present.html.
- Halverson, Sandra. 2004. "Assumed translation: Reconciling Komissarov and Toury moving a step forward." *Target* 16 (2): 341-354.
- He, Chengzhou. 2001. "Chinese translations of Henrik Ibsen". *Perspectives* 9 (3): 197–214.
- Heilbron, Johan. 1999. "Toward a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System". *European Journal of Social Theory* 2 (4). 429-444.
- . 2010. "Structure and dynamics of the World-System of Translations". *International*

Symposium "Translation and Cultural Mediation", UNESCO, Paris, Fevereiro 22-23.
Acedido em Março de 2011.
<http://portal.unesco.org/culture/es/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf>.

- Hermans, Theo. 1985. *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm.
- . 2004. "Translation as an object of reflection in modern literary and cultural studies: Historical-descriptive translation research". In Kittel et al. 2004: 200-211.
- Honeyman, Nobel Perdu. 2005. "From Arabic to other languages through English". In Branchadell e West: 67-74.
- Hyun, Theresa. 2009. "Translating Indian poetry in the colonial period in Korea". In *Decentering translation studies: India and beyond*, eds. Judy Wakabayashi e Rita Kothari. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. 145-160.
- IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecas e Instituições). 2002. *Descrição Bibliográfica Normalizada para as Publicações Monográficas*. Trad. José Carlos Sottomayor. Lisboa: Biblioteca Nacional. Acedido em Setembro de 2009. <http://archive.ifla.org/VI/3/nd1/isbdM-pt.pdf>.
- IK (Instytut Książki [Instituto do Livro]). 2003. Lista książek, na które zostały przyznane dotacje Programu Translatorskiego© Poland [Lista de livros que receberam o subsídio do Programa de Tradução © Poland]. Acedido em Junho 2010. <http://www.bookinstitute.pl/en,ik,site,44,88,10023.php>.
- Jacquemond, Richard. 1992. "Translation and cultural hegemony: The case of French-Arabic translation." In *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*, ed. Lawrence Venuti, 139-158. London/New York: Routledge.
- Jianzhong, Xu. 2003. "Retranslation: necessary or unnecessary". *Babel* 49 (3): 193-202.
- Jiménez Carra, Nieves. 2008. "La traducción indirecta de *Los últimos días de Pompeya* de Isaac Núñez de Arenas (1848). In *Diez estudios sobre la traducción en la España de siglo XIX*, ed. Juan Jesús Zaro Vera. Granada: Atrio, 2008. 121-138.
- Kalewska, Anna. 2002. "Czesław Miłosz (1911-2004): 'O poeta do 'êxtase e da transitoriedade' na tradução luso-brasileira". *Veredas* 5: 7-24.
- . 2010. "Camoës, Pessoa, Saramago e inini: O literaturze portugalskiej w Polsce po 1989 roku [Camões, Pessoa, Saramago e outros: Sobre a literatura portuguesa na Polónia após 1989]". In *Między oryginałem a przekładem*, ed. Jerzy Brzozowski, 81-90. Kraków: Księgarnia Akademicka.
- . 2011a. "A literatura polaca publicada em Portugal. Que futuro?". *Revista de Letras* II 10: 156-185.
- . 2011b. "História e prática do ensino da literatura portuguesa na Universidade de Varsóvia". In *Pensar a Literatura no Séc. XXI*, org. João Amadeu Carvalho da Silva et al., 319-326. Braga: Universidade Católica Portuguesa.
- Kittel, Harald. 1991. "Vicissitudes of Mediation: The Case of Benjamin Franklin's *Autobiography*." In Kittel e Frank 1991: 25-38.

- Kittel, Harald e Armin Paul Frank, eds. 1991. *Interculturality and the Historical Study of Literary Translations*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- Kittel, Harald et al., eds. 2004. *Übersetzung. Translation. Traduction. Ein internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An international encyclopedia of translation studies. Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- Koskinen, Kaisa e Outi Paloposki. 2010. "Retranslation". In Gambier e van Doorslaer 2010: 294-298.
- Kosko, Maria. 1960. *Un best-seller 1900: Quo Vadis?*. Paris: Librairie Jose Corti.
- Koster, Cees. 2002. "The translator in between texts: on the textual presence of the translator as an issue in the methodology of comparative translation description". In *Translation studies: Perspectives on an emerging discipline*, ed. Alessandra Riccardi, 24-37. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kowalkiewicz, Agnieszka. "Apostolat w *Quo Vadis* Henryka Sienkiewicza [O apostolado em *Quo Vadis* de Henryk Sienkiewicz]". In Muszyńska e Paprocka 2007: 233-243.
- Krzyżanowski, Julian. 1953. *Dzieła Sienkiewicza w przekładach [Obras de Sienkiewicz em tradução]*. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.
- . 1953. *Dzieła Sienkiewicza: bibliografia [Obras de Sienkiewicz: bibliografia]*. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.
- Ku, Menghsuan. 2010. "Tendencias del mercado taiwanés en la traducción al chino de novellas contemporáneas en español". *Hermeneus* 12: 183-204.
- Kuhiwczak, Piotr. 2008. "How postcolonial is post-communist translation?". Acedido em Junho 2010. http://wrap.warwick.ac.uk/121/1/WRAP_Kuhiwczak_9070972-140808-Postcommunist_tr_final.pdf.
- Lambert, José e Hendrik van Gorp. 1985. "On Describing Translations." In *The Manipulation of Literature*, ed. Theo Hermans, 42-53. New York: Saint Martin's Press.
- Lambert, José. 1991. "In quest of literary world maps". *Interculturality and the historical study of literary translations*, ed. Harald Kittel e Armin Paul Frank, 133-143. Berlin: Erich Schmidt.
- Landers, Clifford E. 2001. *Literary translation: A practical guide*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Lapa, Albino e Maria Teresa Vidigal, compil. 1980. *Dicionário de pseudónimos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Laviosa, Sara. 2010. "Corpora". In Gambier e Van Doorslaer 2010 : 80-86.
- Lavradio, Marques de. 1864. *Considerações sobre a Polónia*. Lisboa: Tipografia de Matias José Marques da Silva.
- Lefevere, André. 1992. *Translation, Rewriting and the Manipulation of the Literary Fame*. London: Routledge.
- Lima, Henrique Ferreira Campos. 1932. *Legião polaca ou legião da Rainha Dona Maria II*.

Vila Nova de Gaia: Tipografia Minerva.

---. 1934. *Relações entre Portugal e a Polónia*. Vila Nova de Gaia: Tipografia Minerva.

Linn, Stella. 2005. "Trends in the translation of a minority language: The case of Dutch". In Pym, Shlesinger e Jettmarová 2005: 27- 40.

López Guix, Juan Gabriel. 2009. "Sobre la primera traducción de Edgar Allan Poe al castellano". *1611 Revista de historia de la traducción* 3. Acedido em Maio de 2011, <http://www.traduccionliteraria.org/1611/art/lopezguix2.htm>

Łukaszyk, Ewa. 2002. "Rzeczywistości egzotyczne w literaturze afrykańskiej tłumaczonej z języka portugalskiego: strategie tłumacza wobec obcości radykalnej [Realidades exóticas na literatura africana traduzida de língua portuguesa: estratégias do tradutor perante a alteridade radical]". In *Między oryginałem a przekładem* VII, ed. Maria Filipowicz-Rudek e Janina Konieczna-Twardzikowa, 99-105. Kraków: Księgarnia Akademicka.

Mac Síomóin, Tomás and Albert Branchadell. 2008. "Traduccions del català a l'irlandès al català". *Quaderns. Revista de traducció* 15: 127-133.

Maia, Rita Bueno. 2010. "De como o pícaro chegou a Portugal e aí se apresentou: Contributo para a história da recepção do romance picaresco espanhol no sistema literário português." Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Marcou, Lili. 1977. *Le Kominform*. Paris: Presses de la FNSP.

Marín Lacarta, Maialen. 2012. "Mediación, recepción y marginalidad: Las traducciones de literatura china moderna y contemporánea en España." Tese de doutoramento. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.

Marinelli, Luigi. 1997. "Sulla fortuna di Sienkiewicz in Italia e in Russia." In *Polonia, Italia e culture slave*, ed. Luigi Marinelli, Marcello Piacentini, e Krzysztof Zaboklicki, 161– 172. Warszawa/Roma: Polska Akademia Nauk / Biblioteka e Centro de Studi a Roma.

Markiewicz, Henryk. 1996-1997. "Henryk Sienkiewicz". In *PAN 1935-2001*: vol. XXXVII, 203-215.

Marques, A. H. de Oliveira. 1958. "Damião de Góis e os mercadores de Danzig". *Arquivo de Bibliografia Portuguesa* IV: s.p.

---. 1998. *História de Portugal: Das revoluções liberais aos nossos dias*. 13ª ed. Lisboa: Editorial Presença.

Matluch, Elwira. 2009. "Sobre a tradução polaca de aforismos, provérbios e expessões idiomáticas de *Todos os Nomes* e de *Memorial do Convento* de José Saramago". Tese de mestrado. Kraków: Uniwersytet Jagielloński.

Medvedec, Arijana. 2007. "Croatia and Portugal: Meeting points through literary translation". In *Cieszyńska* 2007: 149–172.

Millán-Varela, Carmen. 2004. "Hearing voices: James Joyce, narrative voice and minority translation." *Language and Literature* 13: 37–54.

Milewska, Elżbieta. 1984. *A Polónia e Portugal: relações ao longo dos séculos*. Warszawa: Agência Polaca Interpress.

- . 1989a. "A literatura portuguesa na Polónia nos séc. XVI-XVII". *Colóquio Letras* 110/111: 133-136.
- . 1989b. "Tematy polskie w literaturze portugalskiej XIX w. [Temas polacos na literatura polaca do século XIX]" *Acta Philologica* 11: 55-78. Warszawa: Agência Polaca Interpress.
- . 1991. Związki kulturowe i literackie polsko-portugalskie w XVI – XIX wieku [Relações culturais e literárias luso-polacas no séc. XVI-XIX]. Warszawa: CESLA.
- Milton, John e Paul Bandia, eds. 2009. *Agents of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Miszalski, Henryk. 2006. "Modificações nas traduções lusófonas de Pornografia de Witold Gombrowicz". Tese de mestrado. Kraków: Uniwersytet Jagielloński.
- MonAKO *Glossary*. 1997. Acedido em Dezembro de 2011. http://www.ling.helsinki.fi/monako/atk/glossary_i.shtml.
- Mucznik, Esther. 1999. "Os Judeus em Portugal: presença e memória". *História* 15: 32-41.
- Muszyńska, Elżbieta e Barbara Paprocka, eds. 2007. *Henryk Sienkiewicz w kulturze polskiej [Henryk Sienkiewicz na cultura polaca]*. Lublin: Wydawnictwo Uniwersytetu Marii Curie-Skłodowskiej.
- Niranjana, Tejaswini. 1992. *Siting translation: History, post-Structuralism, and the colonial Context*. Berkeley: University of California Press.
- Nord, Christiane. 2003. "Function and loyalty in Bible translation". María Calzada Pérez, *Apropos of ideology: Translation Studies on ideology, ideologies in Translation Studies*. 89-112. Manchester: St. Jerome Publishing.
- . 2006. "Loyalty and fidelity in specialized translation." *Confluências* 4. 29-41.
- Noronha, Eduardo. 1915. *História da Polónia: Fastígio e decadência de um povo*. Lisboa: Empresa Lusitana.
- Ó, Jorge Ramos do. 1996. "Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) / Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI) / Secretaria de Estado da Informação e Turismo (SEIT)". In *Dicionário de história do Estado Novo*, eds. Fernando Rosas e J.M. Brandão de Brito, 2º vol, 893-896. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ó, Jorge Ramos do. 1999. *Os anos de Ferro: O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito" 1933-1949*. Lisboa: Estampa.
- Patterson, Lee. (1990) 1995. "Literary history". In *Critical terms for literary study*, ed. Frank Lentricchia e Thomas McLaughlin, 250-262. Chicago / London: The University of Chicago Press.
- Payne, Stanley G. 1995. *The history of Fascism: 1914-1945*. Madison: University of Wisconsin Press.
- PAN (Polska Akademia Nauk [Academia de Ciências da Polónia]. 1935-2001. *Polski Słownik Biograficzny [Dicionário Biográfico Polaco]*. 47 vols. Wrocław/Warszawa/Kraków: Zakład Narodowy Imienia Ossolińskich / Wydawnictwo Polskiej Akademii Nauk.
- PBN (Polska Biblioteka Narodowa [Biblioteca Nacional da Polónia]). 2002. *Przekłady*

- literatury polskiej: 1971- [Traduções da literatura polaca: 1971-]*. Acedido em Dezembro 2010. <http://mak.bn.org.pl/cgi-bin/makwww.exe?BM=29>
- . s.d. *Katalogi Biblioteki Narodowej [Catálogos da Biblioteca Nacional]*. Acedido em Abril 2010. www.bn.org.pl.
- Pelayo, Jorge. s.d. *Bibliografia portuguesa de cinema: uma visão cronológica*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.
- Pięta, Hanna. 2009. "Sienkiewicz em português: para uma história da recepção de *Quo Vadis* no Portugal salazarista." In Seruya, Assis Rosa e Moniz 2009: 325-343.
- . 2010a. "À procura de traduções da literatura polaca em Portugal: algumas questões sobre o uso de fontes bibliográficas na história da tradução." *Itinerarios* 11: 121-139.
- . 2010b. "Portuguese translations of Polish literature published in book form: some methodological issues." In *Translation Effects: Selected papers of the CETRA research seminar in translation studies 2009*, ed. Omid Azadibougar. Leuven: CETRA/Katholieke Universiteit Leuven.
- . 2010c. "Traduções do polaco publicadas em Portugal (1855-2009): alguns traços mais salientes." *Acta Philologica* 37: 271-277.
- . 2011a. "Autores polacos em tradução portuguesa (1855-2010): um levantamento preliminar." *Cadernos de Tradução* 28 (2): 97-120.
- . 2011b. "Estudos Ibero-Eslavos em Portugal: uma disciplina *in statu nascendi*." *Letras Com Vida* 3: 146-150.
- . 2012a. "(Non)translation of Polish literature during the Portuguese First Republic." *IberoSlavica* 2: 99-111.
- . 2012b. "Patterns in (in)directness: an exploratory case study in the external history of Portuguese translations of Polish literature (1855-2010)." *Target* 24 (2): 310-337.
- . 2013a. "Fontes bibliográficas utilizadas no estudo da história da tradução da literatura polaca em Portugal: apresentação e discussão." *Homenagem a João de Almeida Flor*. Lisboa: CEAUL.
- . 2013b. "Patterns in the external history of Portuguese collections with translations of Polish literature (1855-2009): An exploratory case study." In Seruya et al. 2013: 153-170.
- . (aceite). "A friend and a foe: On the role of literary translation in the construction of the conflicting images of communist Poland in para-fascist Portugal (1945-1974). In *Intersecting Translation and Image Studies*, ed. Luc van Doorslaer, Joep Leerssen, e Peter Flynn. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Pinto, António Costa. 1992. *O salazarismo e fascismo europeu: problemas de interpretação nas ciências sociais*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Pinto, Jaime Nogueira. 2007. "Prefácio à 2ª edição". In *Salazar, pensamento e doutrina política*, ed. Mendo Castro Henriques e Gonçalo de Sampaio e Mello, i-xvii. Lisboa: Verbo.
- Pinto, Marta Pacheco. 2013. "The first Portuguese anthology of classical Chinese poetry". In Seruya et al. 2013: 75-74.

- Pinto, Paulo Mendes. 2010. "João Paulo II: Um mediador religioso entre a Polónia e Portugal". In Franco, Pinheiro e Cieszyńska 2010: 245-248.
- Pinto, Sara Ramos, Rita Bueno Maia e Marta Pacheco Pinto, eds.. no prelo. *How peripheral is the periphery? Translation studies in Portugal: A tribute to João Ferreira Duarte*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- PKPZJPjO (Państwowa Komisja Poświadczania Znajomości Języka Polskiego jako Obcego). 2011. "Statistics on candidates' country of origin (2004-2011)". Acedido em Dezembro de 2011. http://certyfikatpolski.pl/index.php?option=com_content&view=article&id=92&Itemid=115&lang=en.
- Popa, Ioana. 2006. "Translation channels: A primer on politicised literary transfer". *Target* 18 (2): 205-228.
- . 2010. *Traduire sous contraintes: Littérature et communisme (1947-1989)*. Paris: CNRS Éditions.
- Poupad, Sandra, Anthony Pym e Ester Torres Simón. 2009. "On finding translations: on the use of bibliographical databases in translation history". *Meta* 54 (2): 264-278.
- Popovič, Anton, et al. 1983. *Originál/preklad: interpretačná terminológia [Original/Tradução: Terminologia interpretativa]*. Bratislava: Tatran.
- Prokop, Jan. 1995. "Kanon literacki i pamięć narodowa [O cânone literário e a memória nacional]." In *Wiedza o literaturze i edukacji [O conhecimento da literatura e educação]*, eds. Teresa Michałowska, Zbigniew Goliński e Zbigniew Jarosiński, 22-29. Warszawa: Instytut Badań Literackich.
- Proshina, Zoya. 2005. "Intermediary translation from English as a lingua franca". *World Englishes* 24 (4): 517-522.
- Putnik, Zlata. 2010. Problems of Gender in the Translations from Serbian to Portuguese of Miloš Crnjanski's poem *Lament over Belgrade*". *IberoSlavica* 1: 89-95.
- Pym, Anthony 1992. "Shortcomings in the historiography of translation". *Babel* 28 (4): 221-235.
- . 1998. *Method in translation history*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- . 2004. "Twelfth-century Toledo and strategies of the literalist Trojan horse". *Target* 6 (1): 43-66.
- . 2011. "Translation research terms: A tentative glossary for moments of perplexity and dispute." In *Translation Research Projects 3*, ed. Anthony Pym, 75-110. Tarragona: Intercultural Studies Group.
- Quintas, Manuel José. 1996. "Presidência da República". In *Dicionário de história do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas e José Maria Brandão de Brito. Lisboa: Bertrand.
- Qvale, Per. 2003. *From St. Jerome to Hypertext. Translation in Theory and Practice*. Trans. Norman R. Spencer. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Radó, György. 1975. "Indirect Translation". *Babel* 21 (2): 51-59.
- Ringmar, Martin. 2007. "Roundabouts routes: Some remarks on indirect translations". In

- Selected papers of the CETRA research seminar in translation studies 2006*, ed. Francis Mus. Acedido em Abril de 2011. <http://www.kuleuven.be/cetra/papers/papers.html>.
- . 2008. "Von indirekten zu direkten Beziehungen im finnisch-isländischen Literaturaustausch". *Trans-kom* 1 (2). 164–179. Acedido em Maio de 2011. http://www.trans-kom.eu/bd01nr02/trans-kom_01_02_02_Ringmar_Literaturbeziehungen.20081218.pdf.
- . 2012. "Relay translation". In Gambier e van Doorslaer 2012: 141-144.
- . no prelo. "Figuring out the local within the global – (sub)systems and indirect translation". *IberoSlavica* 3 (2).
- Rizzi, Andrea. 2008. "When a text is both a pseudotranslation and a translation: An enlightening case of Matteo Maira Boiardo (1441-1494)". In Pym, Shlesinger e Simeoni 2008: 153-162.
- Rodrigues, A.A. Gonçalves. 1951. *A novelística estrangeira em versão portuguesa no período pré-romântico*. Coimbra: Biblioteca da Universidade.
- . 1992-1999. *A Tradução em Portugal*. 5 vols. Vol I. 1992a. Lisboa: Imprensa nacional / Casa da Moeda; Vol. II. 1992b. Lisboa: ICALP; Vol. III. 1993. Lisboa: ISLA; Vol. IV. 1994. Lisboa: ISLA; Vol. V. 1999: Lisboa: ISLA.
- Rollo, Maria Fernanda. 1994. "Portugal e o Plano Marshall: história de uma adesão a contragosto (1947-1952)". *Análise Social* 29 (4): 841-869.
- Rosa, Alexandra Assis. 2004. "Tradução, poder e ideologia: retórica interpessoal no diálogo narrativa dickensiano em português (1950-1999)." Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- . 2006. "Does translation have a say in the history of our contemporary linguacultures? Some figures on translation in Portugal." *Polifonia*. 9. 77-94.
- . 2009. "'Politicamente só existe o que o público sabe que existe': um olhar português sobre a censura: levantamento preliminar". In Seruya, Moniz e Rosa 2009: 115-136.
- . 2010. "Descriptive Translation Studies (DTS)". In Gambier e van Doorslaer 2010: 94-104.
- . 2012. "A long and winding road: Mapping translated literature in 20th-century Portugal". *Anglo-Saxónica* 3 (3): 205-227.
- . 2013. "The Short Story in English meets the Portuguese Reader: On the 'External History' of Portuguese Anthologies of Short Stories Translated from English". In Seruya et al. 2013: 35-56.
- Rundle, Christopher e Kate Sturge. 2010. "Translation and the history of Fascism". In Rundle e Sturge 2010: 3-12.
- , eds. 2010. *Translation under fascism*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Rusinek, Michał. "Słowo wstępne [Palavra de introdução]". In Ryll e Wilgat 1972: 7-10.
- Ryll, Ludomira e Janina Wilgat. 1972. *Polska literatura w przekładach: 1945-1970 [Literatura polaca em tradução: 1945-1970]*. Warszawa: Agencja Autorska.

- Sajkevic, Anatolij. 1992. "Bibliometric analysis of *Index translationum*". *Meta* 1 (37): 67-96.
- Salazar, António de Oliveira. 1935. *Discursos 1928-1935*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Sapiro, Gisèle, ed. 2008. *Translatio: Le marche de la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions.
- . 2010. "French literature in the world system of translation." In *French Global: A New Approach to Literary History*, eds. Christie McDonald e Susan Rubin Suleiman, 298-319. New York: Columbia University Press.
- . 2012. "Editorial policy and translation." Gambier e van Doorslaer 2012: 32-38.
- Sapiro, Gisèle e Ioana Popa. 2008. "Traduire les sciences humaines et sociales: logiques éditoriales et enjeux scientifiques". In Sapiro 2008: 107-144.
- Schafer, Charles e David Yarowsky. 2002. "Inducing translation lexicons via diverse similarity measures and bridge languages". In *COLING-02 proceedings of the 6th conference on Natural language learning* 20, 1-7. Stroudsburg: Association for Computational Linguistics.
- Schäffner, Christina. 2010. "Norms of translation". In Gambier e van Doorslaer 2010: 235-244.
- Semenova-Head, Larissa. 2007. "Recent changes in the orientation and quality of translations of literary works from Russian to Portuguese and from Portuguese to Russian." In Cieszyńska 2007: 205-212.
- Seruya, Teresa. 2005. "A tradução como espaço de interculturalidade na vida literária do Estado Novo: o caso das colecções." In *Actas do VII Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*, 35-44. Lisboa: União Latina/FCT.
- . 2009. "Introdução a uma bibliografia crítica da tradução de literatura em Portugal durante o Estado Novo". In Seruya, Moniz e Rosa 2009: 69-86.
- . 2010. "Translation in Portugal during the Estado Novo regime". In Rundle e Sturge 2010: 117-144.
- . 2013. "Extra-European literatures in anthology during the *Estado Novo* (1933-1974)". In Seruya et al.: 171-186.
- . no prelo. "The project of a critical bibliography of translated literature and its relevance for translation studies in Portugal". In Pinto, Maia e Pinto (no prelo).
- Seruya, Teresa e Maria Lin Moniz. 2008. "Foreign books in Portugal and the discourse of censorship in the 1950s." In *Translation and censorship in different times and landscapes*, eds. Teresa Seruya e Maria Lin Moniz, 3-20. Newcastle: Cambridge Scholars Press.
- Seruya, Teresa, Maria Lin Moniz e Alexandra Assis Rosa, eds. 2009. *Traduzir em Portugal durante o Estado Novo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Seruya, Teresa, Lieven D'hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz. 2013. "Introduction". In *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th Centuries)*, eds. Teresa Seruya, Lieven D'hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- Shuttleworth, Mark e Moira Cowie. 1996. *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Siekierski, Stanisław. 2007. In Muszyńska e Paprocka 2007: 469-476.
- Siewierski, Henryk. 2000. *Histórica da literatura polonesa*. Brasília: Universidade de Brasília.
- . 2009. "Polônia e Brasil: Laços históricos e culturais. *Projeções* 2: 49-65.
- Silva, Inocêncio Francisco da et al. 1858-1923. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos applicáveis a Portugal e ao Brasil*. 22 vols. Lisboa: Imprensa Nacional. Soares Ernesto 1958. *Guia Bibliográfica*.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e. 1993. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina.
- Silveira, Brenno. 2004. *A arte de traduzir*. São Paulo: UNESP.
- Simões, C.A. Galvão. 1937. "Advertência". In *Boletim de bibliografia portuguesa* de BNP, s.p. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Simões, Maria Alzira Proença. 1953-1954. *Índice geral da revista Brotéria*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Sin-Wai, Chan. 2004. *A dictionary of translation technology*. Hong Kong: The Chinese University Press.
- Skibińska, Elżbieta. 2008. *Kuchnia tłumacza: Studia o polsko - francuskich relacjach przekładowych* [A cozinha do tradutor: Estudos sobre as relações luso-francesas através da tradução]. Kraków: Universitas.
- . 2010. "Przekład literacki w Polsce po roku 1989: Strategie wydawców (na przykładzie literatury francuskiej) [Tradução literária na Polónia depois de 1989: Estratégias editoriais (o caso da literatura francesa)]". In *Między oryginałem a przekładem XVI*, ed. Jerzy Brzozowski e Maria Filipowicz-Rudek, 25-39. Kraków: Księgarnia Akademicka.
- Skibińska, Elżbieta e Jacek Rzeszutnik, eds. 2010. *Lem e tłumacze*. Kraków: Księgarnia Akademicka.
- Soler, Dionísio. 1999. "A tradução de literatura espanhola em Portugal 1940-1990". Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Špírk, Jaroslav. 2009. "Literatura checa traduzida para português." In Seruya, Moniz e Rosa 2009: 344-357.
- . 2011. "Ideology, censorship, indirect translations and non-translation: Czech literature in 20th century Portugal". Tese de doutoramento. Praha: Univerzita Karlova.
- St. André, James. 2008. "Relay." In Baker e Saldanha: 230-232.
- Stackelberg, Jürgen von. 1984. *Übersetzungen aus zweiter Hand. Rezeptionsvorgänge in der europäischen Literatur vom 14. bis zum 18. Jahrhundert*. Berlin/New York: Walter de Gruyter.
- . 1987. "Eklektisches Übersetzen I. Erläutert am Beispiel einer italienischen Übersetzung von Salomon Geßners *Idyllen*." In *Die literarische Übersetzung. Fallstudien zu ihrer Kulturgeschichte*, ed. by Brigitte Schultze, 53-62. Berlin: Erich Schmidt.

- . 1988. "Einleitung". In *Englische Literatur des 17. und 18. Jahrhunderts in französischer Übersetzung und deutscher Weiterübersetzung*, Graeber, Wilhelm e Geneviève Roche, 7-21. Tübingen: Niemayer.
- Steiner, George. 1975. *After Babel*. Oxford: Oxford University Press.
- Štěpánková, Kateřina. 2009. "*Rir em português: Estudo comparativo das traduções de Osudy dobrého vojáka Švejka za světové války de Jaroslav Hašek*." Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Straus, Grażyna e Katarzyna Wolff. 2002. *Sienkiewicz, Mickiewicz, Biblia, harlequiny... : społeczny zasięg książki w Polsce w 2000 roku [Sienkiewicz, Mickiewicz, Biblia e literature cor-de-rosa: o alcance social do livro na Polónia em 2000]*. Warszawa: Biblioteka Narodowa.
- Susam-Sarajeva, Sebnem. 2002. "A 'multilingual' and 'international' translation studies?" In *Crosscultural transgressions: Research models in translation studies II - Historical and ideological issues*, ed. Theo Hermans, 193-207. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Swaan, Abram de. 1993. "The Emergent World Language System". *International Political Science Review* 14 (3): 219-226.
- Swiatkiewicz, Olgierd. 1995. "A imagem da Polónia em Portugal antes e depois da mudança de 1989 no centro e leste europeu". Tese de mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Swiatkiewicz, Teresa. 2000. "A ironia em vista com grão de areia: um estudo da poesia de Wisława Szymborska". Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Szymaniak, Włodzimierz. 2006. "A redefinição da fonte jornalística na escrita de Ryszard Kapuściński". Acedido em Abril de 2012. <http://bdigital.cv.unipiaget.org:8080/jspui/bitstream/10964/182/1/Wlodzimierz%20Jozef%20Szymaniak.pdf>.
- Teixeira, Nuno Severiano. 2004. *O 25 de Abril e a política externa portuguesa*. Lisboa: IPRI.
- TETRA (Teatro e Tradução). s.d. *Tetra-base*. Acedido em Agosto 2010. <http://tetra.fl.ul.pt/base/>.
- Torgal, Luís Reis. 2009. *Estados novos, estado novo: ensaios de história política e cultural*. 2º vol. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Torgal, Luís Reis e Amadeu Carvalho Homem. 1983. "Ideologia salazarista e 'cultura popular': análise da biblioteca de uma casa do povo". *Análise Social* 18: 1437-1464.
- Torre Gómez, Hipólito de la. 2010. *O Estado Novo de Salazar*. Trad. João Pedro Gegorge. Alfragide: Texto Editores.
- Torres, Marie-Hélén C. 2003. "Traduction de la littérature française au Brésil : état de la question." *Méta* 48 (4): 498-508.
- . 2004. *Variations sur l'étranger dans les lettres: Cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. Lille: Artois Presses Université.
- Toury, Gideon. 1985. "Aspects of translating into minority languages from the point of view of Translation Studies." *Multilingua – Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication* 4: 3–10.

- . 1995. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- . 1999. "A Handful of Paragraphs on 'Translation' and 'Norms'". In *Translation and Norms*, ed. Christina Schäffner, 10-32. Clevedon: Multilingual Matters.
- . [1995] 2012. *Descriptive translation studies and beyond: Revised edition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Tymoczko, Maria. 2006. "Reconceptualizing Western translation theory: Integrating non-Western thought about translation". In *Translating others*, ed. Theo Hermans, 13-32. Manchester: St Jerome.
- UNESCO. 1948-1992. *Index translationum*. 39 vols. Paris: UNESCO.
- . 1976. *Recommendation on the legal protection of translators and translations and the practical means to improve the status of translators*. Acedido em Junho 2012. http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13089&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.
- . 1985. *Revised recommendation concerning the International Standardization of Statistics on the Production and Distribution of Books, Newspapers and Periodicals*. Acedido em Junho 2009. http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13146&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html.
- . 1999. *Index translationum*. CD-rom. 6 ed. Paris: UNESCO.
- . s.d. *Index translationum: Bibliographical search*. Acedido em Junho 2008. www.unesco.org/culture/xtrans/.
- Venuti, Lawrence. 1998. "Introduction". *The Translator* 4 (2): 135-144.
- Wang, Yougui. 2008. "From translating through translations to translating from the original: China's approach to rendering literary works in 'minor' languages (1949-1999)". *Chinese Translators Journal* 1: 27-32.
- Werner, Camila. 2009. "Literary translation flow from Brazil to abroad: six case studies". Tese de mestrado. Leiden: Universiteit Leiden.
- Węgrzyn, Magdalena. 2001. "Tłumaczenia i pozycja prozy polskiej w polisystmie literatury hiszpańskiej na przykładzie *Quo vadis?* Henryka Sienkiewicza [Traduções e a posição da prosa polaca no polissistema da literatura espanhola: o caso de *Quo vadis?* de Henryk Sienkiewicz]". *Eslavística Compultense* 1: 401-411.
- Wilczek, Piotr. 2006. "Czy istnieje kanon literatury polskiej [Será que existe um cânone da literatura polaca]?". In *Cudak 2006*: 13-16.
- Williams, Jenny and Andrew Chesterman. 2002. *The map: A beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Witt, Susanna. 2011. "Between the lines: Totalitarianism and translation in the USSR." In *Baer 2011*: 149-170.
- Wolf, Michaela. 1995. "Translation as a process of power: Aspects of cultural anthropology". In *Translation as Intercultural Communication*, eds. Mary Snell-Hornby, Zuzana Jettmarová e Klaus Kaindl, 124-133. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- Woodsworth, Judith. 1998. *History of translation*. In Baker e Malmkjær 1998: 100-105.
- Woźniak, Monika et al. 2001. "Quo vadis na świecie: Włochy, Francja, Rumunia, Szwecja, Rosja, Stany Zjednoczone [Quo vadis no mundo: Itália, França, Romênia, Suíça, Rússia, Estados Unidos de América]". *Dekada Literacka* 11-12 (181-182): s.p. Acedido em Abril de 2011. <http://dekadaliteracka.pl/index.php?id=3267>.
- Valdez, Susana. 2009. "O autor anónimo: A invisibilidade do tradutor no contexto português." Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Van Bragt, Katrin, Lieven D'hulst e José Lambert. 1995. *Bibliographie des traductions françaises (1810-1840): Répertoires par disciplines*. Leuven: Presses Universitaires de Louvain.
- Zaborov, Petr. 2011. "Die Zwischenübersetzung in der Geschichte der russischen Literatur." In *Übersetzung. Translation. Traduction* (HSK 26:3), eds. Harald Kittel et al., 2066–2073. Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Zamojski, Adam. 2010. *História da Polónia*. Trad. Miguel Mata. Lisboa: Edições 70.
- Ziejka, Franciszek. 2008. *Moja Portugalia*. [Meu Portugal]. Kraków: Universitas.
- Zieliński, Adam. 1948a. "Dzieje niedosłej legii polskiej w Portugalii: Fiasco akcji Bema i konsekwencje [A história da malograda legião polaca em Portugal: O fiasco e as consequências das acções do General Bem]". *Wiadomości* (Londres) III 18 (109): 9.2.
- . 1948b. "Dzieje niedosłej legii polskiej w Portugalii: Jak doszło do układu gen. Bema z Don Pedrem [De como o General Bem chegou a acordo com Dom Pedro]". *Wiadomości* (Londres) III 6 (97): 1.
- . 1979. *Les Cartas Regias polonaises aux Archives de Lisbonne – Torre do Tombo*. Roma: Institutum Historicum Polonicum Romae.
- . 1981. "Ladislaw Mickiewicz em Portugal". *Ocidente* s.n.: 12-22.
- . 1984. "Ramalhão Ortigão teria visitado a Rússia?". *Ocidente* s.n.: 5-7.
- . 1986. "Władysław Mickiewicz w Portugalii: nieznane listy do Joaquina Oliveiry Martinsa [Władysław Mickiewicz em Portugal: cartas desconhecidas a Joaquim Oliveira Martins]". *Block-Notes* 9: s.p..
- . 1987. "L'intervention diplomatique portugaise en faveur de la Pologne insurge 1863". *Antemurale* 26: s.p..
- . 1987. "Um emissário polaco em Portugal em 1865: A insurreição da Polónia (1863) e o auxílio português aos refugiados". *História* 22: s.p..
- . 1988. "Henrique de Campos Ferreira, historyk i bibliograf powiązań polsko-portugalskich [historiador e bibliógrafo das relações polaco-portuguesas]: 1882-1949". In *Rocznik Biblioteki narodowej*, 22.
- Zurbach, Christine. 2001. "O papel da tradução intermédia numa tradução O Alquimista de Ben Jonson em língua portuguesa." In *Actas do Primeiro Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- . 2008. "Censorship(s) and contradictions: the 'draw' (1971/72) of Witkiewicz's play *The Mother*". In *Translation and censorship in different times and landscapes*, eds. Teresa

Seruya e Maria Lin Moniz, 74-83. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing.

ANEXO A CATÁLOGO

O presente anexo expõe parte do trabalho que precedeu a constituição do *corpus* analisado na presente investigação, nomeadamente o catálogo de dados contextuais resultante da identificação das traduções para português europeu de textos da autoria de escritores considerados, de acordo com um qualquer critério, polacos independentemente da classificação temática, da data, do local ou do tipo de publicação, e sem entrar em linha de conta com a classificação temática, a língua, o local, a data, e o tipo de publicação dos respectivos TP.

Como anunciado na INTRODUÇÃO, devido a limitações de espaço, a versão impressa do catálogo encontra-se substancialmente reduzida em comparação com a versão digital, sendo apenas apresentados dados contextuais relativos aos textos de chegada explicitamente referidos no decorrer da tese.

Conforme discutido no CAPÍTULO III 1, a ordenação das entradas do catálogo é guiada pela preocupação em reflectir o cariz histórico-descritivo da investigação e em facilitar a posterior extracção do *corpus*. Por esta razão, aplica-se, como primeiro critério, a ordenação cronológica (de acordo com o ano da publicação do TC) e, como segundo critério, a ordenação alfabética (de acordo com o título do TC).

Os elementos que se podem encontrar em cada entrada estão agrupados em dois grandes blocos, dos quais o primeiro corresponde a dados referentes ao texto de chegada e o segundo a informações respeitantes ao texto de partida. Embora, em traços muito gerais, na apresentação dos dados nos respectivos campos se tenha procurado seguir as regras estipuladas no documento designado *Descrição Bibliográfica Normalizada para as Publicações Monográficas* (IFLA 2002), alguns princípios sofreram alterações pontuais. Os elementos inventariados no bloco pertencente ao texto de chegada fazem parte do *peritexto editorial e do epitexto* e incluem:

- a. Número da entrada: número fixo atribuído a cada entrada na procura de facilitar a identificação da mesma.
- b. Categoria temática CDU: neste campo regista-se a classificação temática das obras inventariadas que obedeceu à estabelecida em CDU. A razão subjacente à escolha deste sistema de organização prende-se com o facto de ser o tipo de classificação mais corrente nas fontes activas utilizadas para o levantamento dos dados. As fontes que obedecem à classificação CDU são: *Porbase*, Fichero Manual da Biblioteca Nacional, *Index Translationum* (UNESCO), *Boletim Bibliográfico* (BNP 1935-1987), *Catálogo dos Livros Disponíveis* (APEL 1985-2007) e *Rol de Livros* (FCG). Em casos pontuais dos registos referenciados apenas nas fontes que não incluem qualquer tipo

de classificação para os exemplares nelas descritas (como são os casos de Seruya 2009, IK 2003 e PBN s.d.), ou nas que obedecem a uma classificação diferente da proposta no CDU (i.e.: GALP 1938, Danilewicz-Zielińska e Mucznik 1992, Lima 1934, Rodrigues 1992-1999, Bulhosa s.d., Fnac s.d., revelou-se necessário adaptar a sua tipologia ao modelo CDU. A referência aos textos cuja tipologia no âmbito do presente catálogo foi originalmente baseada noutra tipologia que não a do CDU encontram-se marcadas com um asterisco (*). Assim, o modelo utilizado na organização dos dados constantes do presente catálogo segue a seguinte estrutura: 1. Filosofia. Psicologia; 2. Religião. Teologia; 3. Ciências Sociais; 5. Matemática e Ciências Naturais; 6. Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia; 7. Arte. Belas-artes. Lazer. Música. Jogos. Desporto; 8. Linguagem. Linguística. Literatura; 9. Geografia. Biografia. História. A classificação do texto de chegada corresponde ao primeiro nível das divisões tradicionais da CDU. Sempre que possível, fornece-se se ainda informação sobre sucessivas subdivisões aos quais pertence o respectivo texto de chegada, subdivisões estas que podem ir até 3 dígitos.

- c. Ano: o ano da primeira edição em volume do TC. No que toca à hierarquia da fiabilidade das fontes consultadas, em primeiro lugar indica-se a data que consta do volume. Nos casos em que não foi possível identificar a data da publicação, indicou-se, em parênteses rectos, a data da impressão da obra (indicada com a abreviação [imp]) ou, não havendo também esta informação, a data do depósito legal (indicada com a sigla [DL]). Quando nenhuma das datas referidas (i.e., a data da publicação, da impressão ou do depósito legal) consta do volume, indicou-se a data de outras fontes consultadas. Assim, em primeiro lugar, registou-se a data referida na *Porbase* (PB). Nos casos em que se verificou que a obra não se encontrava referenciada na *Porbase*, indica-se a data constante de outras fontes secundárias consultadas e devidamente identificadas. Em casos pontuais e devidamente assinalados, face à inexistência de dados referentes a primeiras edições, os registos deram entrada no catálogo pela data de edição passível de ser descrita.
- d. Título do TC: dentro de cada ano, os títulos de TC encontram-se devidamente registados e inventariados por ordem alfabética no que respeita todas as palavras, incluindo os artigos iniciais. O título é transcrito tal como se apresenta ortograficamente na capa de volume, mas não necessariamente com respeito pelas maiúsculas ou a pontuação. Se o título referido na página de rosto for diferente do constante da capa, esta informação surge identificada no campo “Observações”. Em casos excepcionais, na impossibilidade de ter consultado um TC, o título surge tal como aparece na fonte activa que identifica o registo. Em geral a primeira letra da primeira palavra do título é maiúscula, aparecendo as restantes palavras em letra minúscula, com excepção da primeira letra dos nomes próprios, topónimos, etc. (e.g., *Andanças com Heródoto*), bem como da primeira letra da primeira palavra de certos elementos registados no presente campo e indicados entre parênteses curvos

(por exemplo: menção do termo genérico) (e.g., *Versos polacos. Antologia*). O emprego de outras maiúsculas segue o uso apropriado na língua usada na descrição (na maioria dos casos português) (e.g.: *Contos polacos*). Incorreções são transcritas tal qual figuram na publicação e seguidas por “sic” (e.g., *Sigamol-o!* [sic]). Nos casos em que o título próprio inclui uma menção de responsabilidade, o nome do autor ou pormenores relativos a outros elementos descritivos, tal informação é linguisticamente considerada como parte integrante do título e como tal registada no presente campo (e.g.: *A loja do ourives (O drama do amor humano numa peça de João Paulo II)*). Nos casos em que o título próprio é constituído por duas partes (título próprio e título alternativo ligados pela palavra “ou”; título próprio e subtítulo; título próprio e a sua equivalente noutra língua; título próprio e um termo genérico), cada uma das partes é considerada como um título e como tal incluída no catálogo (e.g., *O Czarewicz Constantino e Joaninha Grudzinska ou os jacobinos polacos; Christã! Romance dos tempos de Nero; Quo vadis? (Aonde vais); Alguns gostam de poesia (Antologia)*). Quando uma publicação contém duas ou mais obras individuais, no campo respeitante ao título indica-se o título colectivo ou o título que figura na capa. Os títulos dos restantes textos constantes desta publicação estão referenciados no campo das observações (e.g.: [campo do título:] O senhor secretário [campo das observações:] contém também: O organista; Benvinda [sic]; O faleiro; Yanco; Uma comédia de erros; O velho criado). Por questões práticas, é feita uma excepção para o texto *Amor na Savana* de Henryk Sienkiewicz [CAT 054].

- e. Nome do tradutor: para fins do presente catálogo pelo tradutor entende-se a pessoa física ou colectiva indicada como responsável, directa ou indirectamente, pela tradução da obra. Assim, o dramaturgo responsável pela peça teatral baseada no texto da autoria de um escritor polaco é, para fins deste catálogo, considerado como o tradutor (e.g., Marcelino Mesquita é considerado tradutor de *Petronio. Peça livremente extrahida do romance "Quo Vadis?" de Henryk Sienkiewicz*). O campo respeitante ao autor é constituído pelo apelido de autor, seguido do nome (separado do apelido por vírgula).
- f. Tipo de publicação: neste campo é indicado se determinado TC é publicado em volume ou em periódico.
- g. Local de publicação: a menção incluída neste campo diz respeito ao local da publicação do TC, tal como consta do peritexto ou do epitexto. Se esse local for desconhecido, omite-se esta referência.
- h. Editora/Periódico: a menção constante deste campo serve para registar a informação sobre a identidade do editor ou, em alternativa, sobre o título do periódico em que surge determinado TC. De frisar que, em prol da uniformização de dados, sempre que possível indica-se o nome oficial da casa editora tal como consta dos registos actuais da APEL, que nem sempre corresponde na totalidade à informação que consta do volume (e.g.: informação constante do peritexto – “António Figueirinhas”

surge catalogada como “Livraria Editora de António Figueirinhas”). Nos casos que apresentam algumas dúvidas coloca-se a respectiva interrogação. Nos casos em que não foi possível obter estes dados, o campo permanece por preencher. Em casos pontuais, sempre que justificado, introduz-se entre parênteses rectos informação complementar.

- i. Colecção: este campo está reservado para indicação de nome da colecção à qual pertence o TC que deu origem ao registo no presente catálogo. O título da colecção (i.e., o que figura na capa ou na página de rosto) é transcrito tal como se apresenta ortograficamente no volume, mas não necessariamente com respeito pelas maiúsculas ou pela pontuação. Em geral a primeira letra da primeira palavra do título da colecção é uma maiúscula, estando as restantes palavras em letra minúscula, com excepção da primeira letra dos nomes próprios, topónimos, etc. (e.g., Nova Europa. Polónia 001), bem como da primeira letra da primeira palavra de certos elementos registados no presente campo e separados por ponto final (por exemplo: do nome da série) (e.g., Livros de bolso. Série ficção científica, 066). Sempre que possível, indica-se também o número (posição) que este texto de chegada ocupa na colecção. O número do volume segue-se ao título da colecção, sempre com três dígitos, em numeração árabe (e.g., Repertório para um teatro actual 009).
- j. Número de edição: menção à existência de eventuais “novas edições” (edições publicadas pela mesma editora) ou de “outras edições” (edições publicadas por editoras diferentes das que publicaram a primeira edição da obra). Acresce ainda que a identificação das novas e outras edições nem sempre resultou da verificação dos dados, por vezes omissos ou incompletos, colhidos no peritexto ou no epitexto, mas sim do confronto dos diversos TC.
- k. Fortuna crítica: neste campo indicam-se referências bibliográficas à recepção crítica dos TC que engloba recensões, relatórios de censura, artigos em revistas literárias e científicas, dissertações, etc.. As informações incluídas neste campo foram sendo recolhidas de um leque variado de fontes.
- l. Cotas: nesta zona mencionam-se as cotas respeitantes ao TC que deu origem à nova entrada. Indicam-se cotas de volumes consultados na Biblioteca Nacional (identificada com a sigla BN), Biblioteca Municipal de Penafiel, Biblioteca Municipal de Elvas, Biblioteca da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa João Paulo II, Instituto Politécnico da Guarda, Biblioteca da Escola Superior de Educação de Lisboa e Biblioteca da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Vila Nova de Gaia. Esta informação é incluída com o intuito de facilitar a identificação e consulta das espécies descritas nas bibliotecas cujas cotas referimos, quer para continuação dos estudos que o presente catálogo poderá eventualmente motivar, quer para eventuais correcções dos dados aqui incluídos.
- m. Referências: neste campo registam-se menções efetuadas em fontes activas consultadas. As obras a que se recorreu e que, por uma questão de economia de

espaço, no presente catálogo surgem identificadas por siglas, são as seguintes (ordem alfabética):

Sigla	Fonte
BB	BNP (1935-1987)
CE	GALP (1938)
CLD	APEL (1985-2007)
COLB	Bulhosa s.d.
COLF	FNAC s.d.
FM	Ficheiro Manual da Biblioteca Nacional de Portugal
IL	Seruya (2009)
IP	Danilewicz-Zielińska e Mucznik (1992)
IT	<i>Index Translationum</i> (UNSECO)
ITa	<i>Index Translationum</i> (UNSECO) versão impressa
ITb	<i>Index Translationum</i> (UNSECO) versão electrónica de consulta em linha
ITc	<i>Index Translationum</i> (UNSECO) versão electrónica de consulta em CD ROM
LK	IK 2003
PB	Porbase
PLP	PBN (2002)
RL	FCG s.d.
RPP	Lima (1934)
TP	Rodrigues (1992-1999)

Depois das siglas referem-se os respectivos volumes ou tomos, caso existam, seguidos das páginas, alíneas ou números de referência (e.g.: BB XII 3387 – Boletim Bibliográfico, volume nº 12, referência nº 3387; CLD 1999 p. 371 – Catálogo de Livros Disponíveis, volume do ano de 1999, página nº 371)

- n. Observações: este campo está reservado para qualquer tipo de informações complementares referentes ao TC e não previstas na organização do catálogo.

No bloco pertencente ao TP os elementos fazem parte do peritexto editorial e incluem:

- o. Autor: para fins do presente catálogo por autor entende-se a pessoa física ou colectiva indicada como responsável, directa ou indirectamente, pelo conteúdo intelectual ou artístico da obra que está contida na publicação. Assim, o autor do romance no qual foi baseado o argumento de uma peça teatral é, para fins deste catálogo, considerado como o autor (e.g.: Henryk Sienkiewicz é considerado autor do *Petronio. Peça livremente Petrónio. Peça livremente extrahida do romance "Quo Vadis?" de Henryk Sienkiewicz*). O campo respeitante ao autor é constituído pelo apelido de autor, seguido do nome (separado do apelido por vírgula) e, sempre que se justifique, de outros elementos distintivos (tais como nomes de profissão, cargos religiosos, títulos nobiliárquicos, etc.), traduzidos para português e colocados entre parênteses curvos. As obras cuja autoria não possa ser atribuída a pessoas físicas serão referenciadas pela designação da entidade que se assume como autora (e.g., Komitet Obrony Robotników [Comité da Defesa dos Operários]). No caso de obras publicadas em co-autoria, os nomes dos respectivos autores, separados por barra

(/), surgem por ordem alfabética de apelidos (e.g., Miłosz, Czesław / Szymborska, Wisława. No caso dos autores que publicam sob pseudónimos, regista-se, em primeiro lugar, o pseudónimo assinalado com (pseud.) e, em segundo lugar, o nome separado do pseudónimo por vírgula (e.g., João Paulo II (pseud.), Wojtyła, Karol. Na transcrição dos nomes houve o cuidado de respeitar as regras ortográficas polacas. Sempre que se mostrou necessário, a grafia dos nomes foi corrigida, actualizada e uniformizada, pelo que nem sempre se igualam ortograficamente aos nomes que constam da capa ou da página de rosto (e.g., apesar de na capa do romance *O Rapto de Baltazar Esponja* o nome do autor surgir com a grafia “Pagaczenski, Stanis”, no presente catálogo este nome aparece como “Pagaczewski, Stanisław”). No caso de nomes da Idade Média ou Renascimento, utiliza-se a versão mais corrente no português moderno, e.g., Copérnico, Nicolau.

- p. Título: neste campo indica-se o título do texto original (primário) de partida, sempre que foi possível identificá-lo. Por texto original (primário) de partida entende-se o texto original que, directa ou indirectamente, deu origem à versão portuguesa. E.g., para o TC português *O Czarewicz Constantino e Joanninha Grudzinska ou os jacobinos polacos* identifica-se como texto original (primário) de partida o texto em língua polaca intitulado *Cesarzewicz Konstanty i Joanna Grudzinska czyli Jakubini polscy*, embora o peritexto do TC português indique que a tradução foi feita com base numa tradução intermediária francesa. Na transcrição dos títulos, houve o cuidado de respeitar as regras ortográficas da língua de composição, bem como as normas de ISBD. Introduce-se a transcrição uniformizada do título do texto original (primário) constante das fontes onde se encontra registada a edição mais antiga do mesmo. Os títulos são grafados com os diacríticos da LP.
- q. Língua: neste campo indica-se a língua em que foi composto o texto original (primário) de partida, sempre que foi possível identificá-la. Convém esclarecer que as siglas que identificam as línguas são as que constam da tabela internacional de códigos ISO 639-3 (2009). As siglas listadas aquando do levantamento dos dados são: DEU – alemão, ENG – inglês, FRE – francês, ITA – italiano, LAT – latim, POL – polaco, YID – iídiche, ZZZ – língua desconhecida.

Apesar de todo o esforço de rigor investido na concepção e nas subseqüentes revisões do presente catálogo, não se exclui, naturalmente, a possibilidade de este ser corrigido ou alargado por estudos posteriores à sua conclusão. Finda a enunciação dos aspectos respeitantes ao processo de elaboração de registos, visando a futura consulta dos dados arquivados e disponibilizados através do presente catálogo, procede-se então à sua apresentação.

TC	
a. Número	CAT 001
b. Classificação temática	2. Religião, Teologia*
c. Ano	1758
d. Título	Vida do veneravel servo de Deos, O Padre Estanislaw de Jesus Maria, fundador da congregação e ordem da Imaculada Conceição da Beatissima Virgem Maria ... que expoem à luz do publico João Teixeira Coelho de S. Paes, Presbytero ... Conforme o que na lingua latina escreve ... Fr Casimiro Wyszynski Polaco
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	
h. Editora/periódico	Oficina Miguel Rodrigues, 4.º, XXIV - 230 pp.
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	(col.) Azevedo 3336; BN: HG 2173 V
m. Referência	TP I 944
n. Observações	
TP	
o. Autor	Wyszyński, Kazimierz [Padre]
p. Título	
q. Língua	LAT

TC	
a. Número	CAT 002
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura*
c. Ano	1826
d. Título	Os dois forçados (Drama sémi-sério)
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Periódico
g. Local	
h. Editora/periódico	Bulhões. 8º, p. 119
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	TP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Mirecki, Franciszek Wincenty
p. Título	I due forzati
q. Língua	ITA

TC		
a.	Número	CAT 003
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura*
c.	Ano	1843
d.	Título	Hedwiges (Rainha da Polónia)
e.	Nome do tradutor	
f.	Tipo de publicação	Periódico
g.	Local	
h.	Editora/periódico	Universo Pittoresco
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	
m.	Referência	TP
n.	Observações	
TP		
o.	Autor	Chodźko, Olimpia
p.	Título	Periódico: La Pologne Historique, Littéraire, Monumentale et Pittoresque. Paris, ed. Leonard Chodźko [cf. ZK]
q.	Língua	FRE

TC		
a.	Número	CAT 020
b.	Classificação temática	1. Filosofia, Psicologia*
c.	Ano	1867
d.	Título	Reforma absoluta ... e final do saber humano. Epistola escrita em Janeiro de 1827 ao soberano Pontífice Leão XII.
e.	Nome do tradutor	G.R.S.
f.	Tipo de publicação	Periódico
g.	Local	
h.	Editora/periódico	A Nação, nº 5, p.6
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	
m.	Referência	TP
n.	Observações	CAT 020
TP		
o.	Autor	Wroński, Józef Hoene
p.	Título	
q.	Língua	FRE

TC	
a. Número	CAT 021
b. Classificação temática	3. Ciências Sociais*
c. Ano	1870
d. Título	Problema fundamental da política moderna
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Periódico
g. Local	
h. Editora/periódico	A nação, nº 2 a 26-11
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	TP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Wroński, Józef Hoene
p. Título	Problème fondamental de la politique moderne (Machines à vapeur)
q. Língua	FRE

TC	
a. Número	CAT 022
b. Classificação temática	1. Filosofia, Psicologia*
c. Ano	1871
d. Título	A manifestação do bello
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Periódico
g. Local	
h. Editora/periódico	A Nação, nº 1, p.6 a 11, p.7.
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	TP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Wroński, Józef Hoene
p. Título	Messianisme ou réforme absolue du savoir humain I (Mathématiques)
q. Língua	FRE

TC	
a. Número	CAT 023
b. Classificação temática	9. Geografia, Biografia, História: 93/99 História Universal*
c. Ano	1879
d. Título	Impressões de viagem (O empregado russo)
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Periódico
g. Local	
h. Editora/periódico	Os dois mundos (Out), pp. 91 e 94
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	TP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Lubomirski, Józef Maksymilian (Príncipe)
p. Título	
q. Língua	FRE

TC	
a. Número	CAT 028
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	1901
d. Título	A família [sic] Polaniecki
e. Nome do tradutor	Nápoles, Lemos de
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Lisboa
h. Editora/periódico	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	BN: L. 96601 P.
m. Referência	PB, TP V 22 576, CE 36, RPP p. 14
n. Observações	
TP	
o. Autor	Sienkiewicz, Henryk
p. Título	Rodzina Polanieckich
q. Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 055
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.*
c.	Ano	1902
d.	Título	Christã! (Romance dos tempos de Nero)
e.	Nome do tradutor	Passos, Anibal
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Porto
h.	Editora/periódico	Livraria Moreira Editora
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN: L. 5932-33 V.
m.	Referência	TP V 22 817
n.	Observações	CAT 055
TP		
o.	Autor	Kraszewski, Józef Ignacy
p.	Título	Rzym za Nerona (Obrazy historyczne)
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 082
b.	Classificação temática	9. Geografia, Biografia, História: 93/99 História Universal*
c.	Ano	1944
d.	Título	A Polónia bate-se
e.	Nome do tradutor	Rêgo, Raúl do
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	Parceira António Maria Pereira
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN: H.G. 26878 P.
m.	Referência	IP 67
n.	Observações	Inclui excertos de textos de Ksawery Pruszyński, Arkady Fedler, Bohdan Pawłowicz, Eryk Sopoćko, Mieczysław Pruszyński, e Ana MacLaren.
TP		
o.	Autor	Jayne, Garland
p.	Título	
q.	Língua	FRE

TC	
a. Número	CAT 093
b. Classificação temática	9. Geografia, Biografia, História: 94(4) História da Europa [falta da categorização CDU]
c. Ano	1945
d. Título	Objectivos de paz da Polónia
e. Nome do tradutor	Monteiro, Guilherme de Ayala
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Porto
h. Editora/periódico	Civilização
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	BN: H.G. 26878 P.
m. Referência	IP 69; BB XII 3387
n. Observações	
TP	
o. Autor	Pragier, Adam
p. Título	Cele wojenne polski
q. Língua	POL

TC	
a. Número	CAT 095
b. Classificação temática	3. Ciências sociais*
c. Ano	1947
d. Título	Libertação (Estilo russo)
e. Nome do tradutor	Rodrigues, Maria Delífn da Cunha
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Lisboa
h. Editora/periódico	Quadrante
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	Univ. Católica Port. Bibl. JP II: 355.55 HAL
m. Referência	IP 54
n. Observações	
TP	
o. Autor	Halpern, Ada
p. Título	Liberation (Russian style)
q. Língua	ENG

TC		
a.	Número	CAT 099
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	1951
d.	Título	Quo vadis?
e.	Nome do tradutor	Marques, Gentil
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	João Romano Torres & C ^a Editores
i.	Colecção	Obras escolhidas de autores escolhidos 006
j.	Edição	2 ^a (rev.)
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN. L. 39772 P.
m.	Referência	PB; BB XVII 3770; PLPa 3405-06
n.	Observações	
TP		
o.	Autor	Sienkiewicz, Henryk
p.	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 108
b.	Classificação temática	2. Religião, Teologia: 26/28 Igreja Cristã em geral*
c.	Ano	1956
d.	Título	Padre Pio, o estigmatizado
e.	Nome do tradutor	Osswald, Maria de Castro Henriques
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Porto
h.	Editora/periódico	Adolfo Machado/ Educação Nacional
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1 ^a
k.	Fortuna crítica	Brotéria: Winowska, Maria . Padre Pio, o estigmatizado ... V. 63 (1956), p.105; Brotéria; Winowska, Maria . Herói na Polónia. Herói em Auschwitz ... v. 56 (1953), p.735
l.	Cotas	
m.	Referência	IT IX 15931; CLD 1993 p. 981
n.	Observações	CAT 108
TP		
o.	Autor	Winowska, Maria
p.	Título	Vrai visage du Padre Pio
q.	Língua	FRE

TC		
a.	Número	CAT 141
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	1969
d.	Título	Cosmos
e.	Nome do tradutor	Jorge, Luiza Neto
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	Editora Ulisseia, Lda.
i.	Colecção	Série literária 088
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN: L.61842 P.
m.	Referência	PB; IP 11; IT XXIII 30074; IL 6479
n.	Observações	CAT 141
TP		
o.	Autor	Gombrowicz, Witold
p.	Título	Kosmos [Cosmos*]
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 168
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	1976
d.	Título	Os cavaleiros da cruz
e.	Nome do tradutor	Loureiro, José
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	Diabril Editora S.C.A.R.L.
i.	Colecção	Clássicos da aventura 001
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN: L.24779 V.
m.	Referência	PB; IT XXIX PRT 545; BB XXXII 6782
n.	Observações	CAT 168
TP		
o.	Autor	Sienkiewicz, Henryk
p.	Título	Krzyżacy (Powieść w czterech tomach)
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 189
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	1978
d.	Título	Quatro de blindados e o seu cão
e.	Nome do tradutor	Fonseca, Maria da Graça Simeão da
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	Editorial Novaera [sic]
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	BN: L.26033 V.
m.	Referência	PB; IT XXXIII 36158; IT a 95804; IT b; PLPb
n.	Observações	CAT 189
TP		
o.	Autor	Przymanowski, Janusz
p.	Título	Cztery pancerni i pies*
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 194
b.	Classificação temática	9. Geografia, Biografia, História: 93/99 História Universal *
c.	Ano	1979
d.	Título	A Polónia (O país e a gente)
e.	Nome do tradutor	Szopinski, Stefan
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Warszawa
h.	Editora/periódico	Interpress
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	
m.	Referência	IT a 94527
n.	Observações	CAT 194
TP		
o.	Autor	Poland
p.	Título	Polska (Kraj i ludzie)
q.	Língua	POL

TC	
a. Número	CAT 209
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	1982
d. Título	Discursos do Papa João Paulo II em Portugal
e. Nome do tradutor	
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	
h. Editora/periódico	Apostolado da oração
i. Colecção	Documentos pontifícios
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	CLD 1985, p. 296; CLD 1987, p. 453; CLD 1990 370; CLD 1991 p.785; CLD 1993 p. 880
n. Observações	CAT 209
TP	
o. Autor	João Paulo II (pseud.); Wojtyła, Karol
p. Título	
q. Língua	

TC	
a. Número	CAT 244
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	1985
d. Título	Versos polacos (Antologia)
e. Nome do tradutor	Bação, Teresa Fernandes [posteriormente: Swiatkiewicz, Teresa Fernandes] / Menezes, Filipa (?-?) / Correia, Maria Clara / Pereira, Carlos Santos / Siewierski, Henryk
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Lisboa
h. Editora/periódico	Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	Univ. Lisboa Fac. Letras: LGL 276 P.
m. Referência	PB, IP 36; PLP; PLPc 4720
n. Observações	
TP	
o. Autor	Miłosz, Czesław / Różewicz, Tadeusz / Szymborska, Wisława / Krynicki, Ryszard / Herbert, Zbigniew
p. Título	
q. Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 295
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	1990
d.	Título	Quo vadis?
e.	Nome do tradutor	
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	
h.	Editora/periódico	Lello
i.	Colecção	Romance para todos 032
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
m.	Referência	CLD 1991 p.970; CLD 1993 p. 1094; CLD 1995 p. 1184, CLD 1999 p. 698; COLB
n.	Observações	CAT 295
TP		
o.	Autor	Sienkiewicz, Henryk
p.	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
q.	Língua	POL

TC	
a. Número	CAT 389
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	2004
d. Título	O senhor secretário [contém também: O organista; Benvinda [sic]; O faloreiro; Yanco; Uma comédia de erros; O velho criado]
e. Nome do tradutor	Bagagem, Conceição Cordeiro [O velho Criado] / Guerreiro, Ana Cristina [Uma comédia de erros] / Caramalho, Isolino [O senhor secretário; O organista; Benvinda [sic]; O Faloreiro; Yanco]
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Lisboa
h. Editora/periódico	Cavalo de Ferro Editores, Lda.
i. Colecção	Nova Europa. Polónia 001
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	BN: L. 83312 V.
m. Referência	PB; IT b; PLP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Sienkiewicz, Henryk
p. Título	Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela (?) / Organista z Ponikły [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrazen włoskich, Pójdźmy za nim, U zrodla, Lux in tenebris lucet, Badz blogoslawiona, Listy o Zoli] / Bądź blogoslawiona (Legenda indyjska) [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrazen włoskich, Pójdźmy za nim, U zrodla, Lux in tenebris lucet, Organista z Ponikły, Listy o Zoli] / Latarnik [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 5. Também neste volume: Niewola tatarska, Jamiol, Na jedna karte, Bartek Zwyciezsa] / Janko Muzykant [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume : Stary sluga, Hania, Szkice Weglem] / Komedia z pomyłek. Szkic z życia ameykańskiego napisał Litwos [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 3. Também neste volume: Listy z podróży po Ameryce, Listy z Paryza i Rzymu] / Stary sluga. Z natury i z życia [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume: Janko Muzykant, Hania, Szkice Weglem]
q. Língua	POL

TC	
a. Número	CAT 408
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	2008
d. Título	A última ceia
e. Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	São João do Estoril
h. Editora/periódico	Sopa das Letras
i. Colecção	n/a
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	L. 101638 V.
m. Referência	LK, PLP
n. Observações	
TP	
o. Autor	Huelle, Paweł
p. Título	Ostatnia wieczera
q. Língua	POL

TC	
a. Número	CAT 409
b. Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c. Ano	2008
d. Título	Conversas com o carrasco
e. Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação
f. Tipo de publicação	Volume
g. Local	Colares
h. Editora/periódico	Perda da Lua- Artes, Letras e Ofícios, S.A.
i. Colecção	Para que conste
j. Edição	1ª
k. Fortuna crítica	
l. Cotas	
m. Referência	LK
n. Observações	
TP	
o. Autor	Moczarski, Kazimierz
p. Título	Rozmowy z katem
q. Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 411
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	2008
d.	Título	Mercedes Benz (Cartas a Bohumil Hrabal)
e.	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	São João do Estoril
h.	Editora/periódico	Sopa das Letras
i.	Colecção	n/a
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	L.101903 V.
m.	Referência	LK, PLP
n.	Observações	
TP		
o.	Autor	Huelle, Paweł
p.	Título	Mercedes-Benz (Z listów do Hrabala)
q.	Língua	POL

TC		
a.	Número	CAT 412
b.	Classificação temática	8. Linguagem. Linguística. Literatura.
c.	Ano	2008
d.	Título	Os cínicos não servem para este ofício (Conversas sobre o bom jornalismo)
e.	Nome do tradutor	Escobar, Sandra
f.	Tipo de publicação	Volume
g.	Local	Lisboa
h.	Editora/periódico	Relógio d'Água Editores, Lda.
i.	Colecção	Argumentos
j.	Edição	1ª
k.	Fortuna crítica	
l.	Cotas	
m.	Referência	PB
n.	Observações	CAT 412
TP		
o.	Autor	Kapuściński, Ryszard
p.	Título	Il cinico non è adatto a questo mestiere...
q.	Língua	ITA

ANEXO B CORPUS

O presente anexo reúne dados contextuais referentes aos textos que constituem o *corpus* analisado na presente investigação. Como referido na parte introdutória da tese, o *corpus* abarca dados contextuais descritivos das 113 traduções para português europeu a partir de textos literários escritos originalmente em língua polaca (independente do local da publicação do texto polaco) e publicados em Portugal em forma de livro entre 1855 (data da primeira tradução de literatura em volume) e 2010 (data da primeira tradução de literatura em volume). Para facilitar a consulta, o *corpus* encontra-se organizado por ordem cronológica (como primeiro critério), de acordo com a data da primeira publicação em volume do TC, e por ordem alfabética de títulos (como segundo critério). Sempre que tal se justifica, dentro da mesma entrada registam-se sucessivas reedições (novas e outras edições) do TC.

À semelhança do que aconteceu ANEXO A CATÁLOGO, os elementos que se podem encontrar em cada entrada estão agrupados em dois grandes blocos, dos quais o primeiro corresponde a dados referentes ao TC e o segundo a informações respeitantes ao TP polaco. Em traços muito gerais, na apresentação dos dados procurou-se seguir as regras preconizadas em *Descrição bibliográfica normalizada para as publicações monográficas* (IFLA 2002), embora alguns princípios tenham sofrido alterações pontuais.

Os elementos inventariados no bloco pertencente ao TC incluem:

- a. Número da entrada: número fixo atribuído a cada entrada na procura de facilitar a identificação da mesma.
- b. Ano: o ano da primeira edição em volume do TC. No tocante à hierarquia de fiabilidade das fontes consultadas, em primeiro lugar indica-se a data que consta do volume. Nos casos em que não foi possível identificar a data da publicação, indica-se a data do depósito legal (indicada com a sigla DL). Quando nenhuma das datas referidas (i.e., a data da publicação, da impressão ou do depósito legal) constava do volume, indicou-se a data apresentada nas outras fontes consultadas. Assim, em primeiro lugar, registou-se a data referida na Porbase (PB). Nos casos em que a obra não se encontra referenciada na Porbase, indica-se a data constante de outras fontes secundárias consultadas e devidamente identificadas. Em casos pontuais e devidamente assinalados, face à inexistência de dados referentes a primeiras edições, os registos deram entrada no *corpus* pela data da edição passível de ser descrita. Se o TC foi publicado em periódico, esta informação surge referida no campo observações.
- c. Fonte de informação referente ao ano: neste campo indica-se a fonte que serviu de base para a identificação da data de publicação. As fontes previstas são: peritexto, depósito legal (indicado com a sigla DL), Porbase (PB) e outras fontes secundárias consultadas (devidamente identificadas pelas respectivas siglas, veja-se ANEXO A CATÁLOGO m).

- d. Título: veja-se ANEXO A CATÁLOGO d.
- e. Nome do tradutor: Ao contrário do que se verifica em ANEXO A CATÁLOGO d, no presente campo foi feita uma tentativa de fornecer sistematicamente datas de nascimento e morte, entre parênteses curvos imediatamente a seguir ao nome (e.g., Noronha, Eduardo de (1859-1948). Quando o tradutor pode ainda estar vivo, deixou-se um espaço em branco (e.g., Siewierski, Henryk (1951-). Nos casos em que essa identificação não foi conseguida em termos precisos, optou-se por incluir os dados aproximados. Em casos pontuais, na impossibilidade de encontrar referências biográficas precisas, optou-se pela introdução de interrogações (e.g., Fonseca, Maria de Graça Simão da (?-?)).
- f. Publicação do nome do tradutor: neste campo indica-se a eventual menção do tradutor constante do volume consultado. Este campo foi criado com o intuito de averiguar a (in)visibilidade do tradutor no peritexto. A inexistência deste tipo de menção surge indicada com “- - -”.
- g. Local: veja-se ANEXO A CATÁLOGO g.
- h. Editora: a menção constante deste campo serve para registar a informação sobre a casa editora que publicou o volume que deu origem à entrada no presente *corpus*. Em prol da uniformização de dados, sempre que possível indica-se o nome oficial da editora tal como consta dos registos actuais da APEL, que nem sempre corresponde na totalidade à informação que consta do volume (e.g.: informação constante do peritexto – “António Figueirinhas” surge catalogada como “Livraria Editora de António Figueirinhas”). Nos casos que apresentam algumas dúvidas coloca-se a respectiva interrogação. Em casos pontuais, sempre que justificado, introduz-se entre parênteses rectos informação complementar.
- i. Colecção: veja-se ANEXO A CATÁLOGO i.
- j. Novas edições: menção à existência de eventuais “novas edições” (edições publicadas pela mesma editora). Quando o paratexto designa o texto como reedição / edição revista / emendada / nova edição / 2ª edição, mas a análise micro-textual e o cotejo com a primeira edição permitiram chegar à conclusão que se trata da reimpressão, este facto surge indicado com asterisco (e.g., 3ª ed.*: 1901. (BN: L.82689 P.). Quando o paratexto designa o texto como reedição / edição revista / emendada / nova edição / 2ª edição e a análise micro-textual e o cotejo com a primeira edição confirmam este estatuto, este facto é assinalado com cardinal #. A inexistência de novas edições surge indicada como “n/a”.
- k. Outras edições: menção à existência de eventuais “outras edições” (edições publicadas por editoras diferentes das que publicaram a primeira edição da obra).
- l. Designação do texto: neste campo indica-se a designação atribuída à tradução constante do volume consultado (e.g.. versão portuguesa, tradução indirecta, etc.).
- m. (In)directude da tradução: neste campo indica-se o carácter (in)directo da tradução, utilizando as designações TrD (no caso de traduções directas), TrI (no caso de

traduções indirectas), s.d. (em caso de falta de dados) e n/a (em casos em que esta distinção não se aplica, como por exemplo nos casos de adaptações]. Quando a informação sobre a (in)directude é extraída do volume consultado, este facto indica-se com asterisco (e.g., SIM*/NÃO*). Quando a informação é inferida de outras fontes, este facto indica-se com cardinal seguido da indicação da fonte em parênteses rectos (e.g., SIM# [ZK] / NÃO# [ZK]).

- n. Língua de mediação: neste campo indica-se a língua em que foi composto o texto de mediação utilizado, sempre que possível identificá-la. Tal como em ANEXO A CATÁLOGO q, as siglas que identificam as línguas são as que constam da tabela internacional de códigos ISO 639-3 (2009) DEU – alemão, ENG – inglês, FRE – francês, ITA – italiano, RUS – russo, SPA – espanhol, ZZZ – língua desconhecida. Quando a informação sobre a língua de mediação consta do volume consultado (peritexto), no presente anexo a sigla é seguida de asterisco (e.g., ENG*). Quando a informação sobre a língua de mediação foi inferida a partir de outras fontes consultadas (epitexto) ou a partir de uma análise micro-textual (cotejo com outras versões) a sigla é seguida de cardinal (e.g., ENG#).
- o. Publicação do nome do autor: neste campo indica-se o nome do autor, tal como consta da capa do volume consultados ou, nos casos em que não foi possível consultar o volume, nas fontes activas.
- p. Modo literário: neste campo indica-se o modo literário ao qual pertence o texto de chegada: narrativa, lírica ou drama.
- q. Género literário: neste campo indica-se o subgénero literário ao qual pertence o TC. Se o subgénero é referido no volume consultado, este facto indica-se com asterisco (romance*). Caso contrário, recorre-se à classificação atribuída na maioria das fontes activas consultadas.
- r. Fortuna crítica: veja-se ANEXO A CATÁLOGO k
- s. Cotas: veja-se ANEXO A CATÁLOGO l
- t. Referências: veja-se ANEXO A CATÁLOGO m
- u. Observações: veja-se ANEXO A CATÁLOGO n.

Os elementos inventariados no bloco pertencente ao TP polaco incluem:

- v. Nome do autor: Ao contrário do que se verifica em ANEXO A CATÁLOGO o, no presente campo foi feita uma tentativa de fornecer sistematicamente datas de nascimento e morte, entre parênteses curvos imediatamente a seguir ao nome (para mais informação sobre a indicação das datas, veja-se ANEXO B CORPUS e).
- w. Título: veja-se ANEXO A CATÁLOGO p.
- x. Ano: o ano da primeira edição em volume do TP. Quando à hierarquia de fiabilidade das fontes consultadas, em primeiro lugar indica-se a data que consta do volume. Nos casos em que não foi possível identificar a data da publicação indicou-se, em parênteses rectos, a data da impressão da obra (indicada com a abreviação [imp])

ou, se não foi possível encontrar também este dado, a data do depósito legal (indicada com a sigla [DL]). Quando nenhuma das datas referidas (i.e., a data da publicação, da impressão ou do depósito legal) constava no volume, indicou-se a data que constava noutras fontes consultadas. Assim, em primeiro lugar, registou-se a data referida nos catálogos da Biblioteca Nacional da Polónia (BNP). Nos casos em que se verificou que a obra não se encontra referenciada nestes catálogos, indica-se a data constante de outras fontes secundárias consultadas e devidamente identificadas. Em casos pontuais e devidamente assinalados, face à inexistência de dados referentes a primeiras edições, os registos deram entrada no catálogo pela data da edição passível de ser descrita. Se o texto de chegada foi publicado em periódico, esta informação é referida no campo “observações”.

- y. Local: a menção incluída neste campo diz respeito ao local de publicação do TP (em língua polaca), tal como consta do peritexto ou do epitexto. Se esse local for desconhecido, omite-se esta referência.
- z. Editora: este campo serve para registar a informação sobre a identidade do editor do TP. Convém frisar que, em prol da uniformização dos dados, sempre que possível indica-se o nome oficial da casa editora tal como consta dos registos actuais da Biblioteca Nacional da Polónia, que nem sempre corresponde na totalidade à informação que consta do volume. Nos casos que apresentam algumas dúvidas coloca-se a respectiva interrogação. Nos casos em que não foi possível obter estes dados, o campo permanece por preencher. Em casos pontuais, sempre que justificado, introduz-se entre parênteses rectos informação complementar.
- aa. Modo literário: veja-se ANEXO B CORPUS p.
- bb. Observações: este campo está reservado para qualquer tipo de informações complementares referentes ao TP e não previstos na organização do catálogo.

Apesar de todo o esforço de rigor investido na concepção e nas subsequentes revisões do presente *corpus*, não se exclui, naturalmente, a possibilidade de este ser corrigido ou alargado por estudos posteriores à sua conclusão. Finda a enunciação dos aspectos respeitantes ao processo de elaboração de registos, visando a futura consulta dos dados arquivados e disponibilizados através do presente *corpus*, procede-se então à sua apresentação.

TC		
a	Número	COR 001
b	Ano	1855
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O Czarewicz Constantino e Joanninha Grudzinska ou os jacobinos polacos (Romance histórico)
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editores	Tipografia de Gaudencio Maria Martins
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	*2ª: 1858 (TP III 8512) 2 vols. [data presumível, 2 vols., autor referido como Crynski, J.]
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do idioma francez
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE* [cf ZK], versão de H. Demoliér (de 1834?) [cf. ZK]
o	Publ. do nome do autor	J. Czynski e H. Demolière
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance histórico*
r	Fortuna crítica	GALP (1938); Milewska (1991): 92
s	Cotas	BN: L. 4181 V.
t	Referências	TP III 7862; CE 28; ZK 92
u	Observações	Volume classificado como novelística (categoria A1) - (Rodrigues 1999). Informação sobre tradutor disponível em GALP 1939. Informação sobre traduções de obra para outras línguas disponível em Milewska (1991).
TP		
v	Autor	Czyński, Jan (1801-1867)
w	Título	Cesarzewicz Konstanty i Joanna Grudzinska czyli jakubini polscy
x	Ano	1833
y	Local	Paris
z	Editores	P. Baudoin
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 002
b	Ano	1900
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Romance passado no reinado do imperador Nero)
e	Nome do tradutor	Noronha, Eduardo de (1859-1948)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Eduardo de Noronha
g	Local	Lisboa
h	Editores	Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	2ª ed.:?; *3ª ed.: 1901. (BN: L.82689 P.) [Col. Bibliotheca horas romanticas]
k	Outras edições	*1941. Quo vadis. Tradução de Eduardo de Noronha. Lisboa: Editorial Século. Col. as melhores obras de todos os tempos (BN: L. 33816 P.) [Inclui uma nota sobre a obra e o autor]; *1966. Quo Vadis? [sem subtítulo]. Tradução de Eduardo de Noronha. Lisboa: Edições Paulistas. Col. meridiana 010. 2 volumes. (BN: L. 59063-4 P.) [publicação do nome de autor: capa - Henrik Sienkiewicz, contracapa- Henryk Sienkiewicz]; *2ª ed. deste último: 1972. col. Romances Históricos 001 (BN: L. 21328 V.)
l	Designação do texto	Traducção [sic]
m	(In)directude	Tri#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryck Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	Sobre edição de 1966 (Paulistas): Anónimo. 1967. Ficha nº 8/1771. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=692 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 10101 P., L. 10102 P., L.10117 P [Volume indisponível para consulta - data de publicação: 1900-1901]
t	Referências	PB; TP IV 22 269; TP IV 22 270; TP V 22 580 (3ª edição); CE 38; IT XX 27147 (outra edição: 1966, Edições Paulistas); IL 14349 (outra edição: 1941, Século); IL 14350 (outra edição: 1966, Edições Paulistas); BB VII 3194 (outra edição: 1941, Século); BB XXXIX 561 (ed. Paulistas, 2ª ed:1972); RPP p. 14; RL 8/1771; (ed. Paulistas, 1ª ed:1966); PLPb (ed. Paulistas, 2ª ed:1972)
u	Observações	Inclui (1) nota: "É esta primeira traducção, revista e correcta, feita em lingua portugueza, da notavel obra do grande romancista polaco"; e (2) índice de obras publicadas nesta colecção.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 003
b	Ano	1900
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo Vadis? Narrativa historica dos tempos de Nero
e	Nome do tradutor	Nápoles, Lemos de (1866-1932)
f	Publ. do nome do tradutor	Traducção de Lemos de Napoles
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	#2ª ed. revista e emendada: 1901 (BN: L. 14267 P.)
k	Outras edições	#2004. Quo Vadis [sem subtítulo]. Tradução revista de Lemos de Nápoles. Barcelona Mediasat Group S.A. Col. os grandes génios da literatura universal 023 (PB) (BN. L. 85055 V.) [Inclui uma nota sobre a obra e o autor; publicação do nome de autor: Henryk Sienkiewicz, publicação do título original: Quo Vadis?; género literário: romance histórico]
l	Designação do texto	Traducção [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryck Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Narrativa histórica*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.74156 P. [[QUO VADIS], L.74156 P. [Volume indisponível para consulta. Sob esta cota: Manuel Rui. 1980. Memória de Mar. Lisboa: Edições 70]
t	Referências	PB; CE 39; RPP p. 14
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 004
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A família [sic] Polaniecki
e	Nome do tradutor	Nápoles, Lemos de (1866-1932)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Lemos de Napoles
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	*2ª ed.: 1901 (FM) (BN: L. 5829 -30 V)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrik Sienkiewicz (auctor do Quo Vadis?)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 96601 P.
t	Referências	PB, TP V 22 576, CE 36, RPP p. 14
u	Observações	Informação constante da capa: Henrik Sienkiewicz, auctor do "Quo Vadis?".
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Rodzina Polanieckich
x	Ano	1895
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Julho 1893 e Novembro 1894: Biblioteka Warszawska t. III (1893) - IV (1894) / Gazeta Polska 166 (1893) - 284 (1894).

TC		
a	Número	COR 005
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A ferro e fogo
e	Nome do tradutor	Monteiro, Olympio (ca 18-- -?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Olympio Monteiro
g	Local	Lisboa
h	Editores	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	2ª ed.: 1901 (BN : L. 98757 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Volume indisponível para consulta. Dados referentes à 2ª ed. do mesmo ano.
t	Referências	PB; TP V 22 577 CE 32; RPP p. 14
u	Observações	Cf. TP V 22 578: existe outra tradução desta obra (da autoria de Eduardo de Noronha e publicada no "Diário de Notícias" (s/d - 1)).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Ogniem i mieczem (Powieść z lat dawnych przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1884
y	Local	Warszawa
z	Editores	Druk Wl. Szulca i Sp.
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Maio de 1883 e Março de 1884: Czas n° 100 (1883) - 54 (1884) / Słowo 117 (1883) - 51 (1884).

TC		
a	Número	COR 006
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	TP
d	Título	Narrativas do coração
e	Nome do tradutor	Figueirinhas, António (1865-1945)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de António Figueirinhas
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Editora de António Figueirinhas
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	2ª ed.: 1902 (TP - anúncio em O Primeiro de Janeiro (Porto), 15-4)
k	Outras edições	1906 (outra edição?: anúncio em Estrela do Norte, Lisboa) (TP)
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz [cf. TP]
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Volume indisponível para consulta - em processamento.
t	Referências	TP V 22 579; TP V 22 865; TP V 23 858
u	Observações	Publicação em periódico: O Primeiro de Janeiro, nº 10-11.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	
x	Ano	
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 007
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O dilúvio
e	Nome do tradutor	Potocka, Selda (?-?) / Noronha, Eduardo de (1859-1948)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha [cf CE]
g	Local	Lisboa
h	Editora	Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	H. Sienkiewicz (Auctor do Quo Vadis)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance histórico*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	L. 8339-40 V. / Arq. Nac. Torre Tombo: BC 10290 (1-4).
t	Referências	FM; TP V 22 575; CE 34; RPP p. 14
u	Observações	Cf. FM, traduzido directamente do polaco. Edição em 4 volumes.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Potop (Powieść historyczna przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1886
y	Local	Warszawa
z	Editora	Druk. Noskowskiego
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Dezembro de 1884 e Setembro de 1886: Czas n° 296 (1884) - 200 (1886) / Słowo n° 23 (1884) - 201 (1886) / Kurier Poznański 297 (1884) - 204 (1886)

TC		
a	Número	COR 008
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	PB
d	Título	O dilúvio
e	Nome do tradutor	Veiga, Adalberto (1875-1951) (v I) / Bentes, José António (?-?) (vs. II e II).
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução da notavel tradução ingleza de Jeremiah [sic] auctorizada pelo autor por Adalbeto Veiga [cf CE]
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz (auctor do Quo Vadis) [cf. TP]
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Volume indisponível para consulta: em processamento
t	Referências	TP V 22 574; CE 35
u	Observações	O primeiro volume traduzido por Adalberto Veiga. O segundo e o terceiro volume traduzidos por José António Bentes.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Potop (Powieść historyczna przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1886
y	Local	Warszawa
z	Editora	Druk. Noskowskiiego
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Dezembro de 1884 e Setembro de 1886: Czas n° 296 (1884) - 200 (1886) / Slowo n° 23 (1884) - 201 (1886) / Kurier Poznanski 297 (1884) - 204 (1886).

TC		
a	Número	COR 009
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Os cavalleiros da cruz
e	Nome do tradutor	Veiga, Adalberto (1875-1951)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Adalberto Veiga
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz (auctor do Quo Vadis)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 5835-36 V.
t	Referências	FM; TP V 22 573; CE 33
u	Observações	Inclui (1) índice de obras publicadas pela editora e (2) "Introdução".
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Krzyżacy (Powieść w czterech tomach)
x	Ano	1900
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Fevereiro de 1897 e Setembro de 1900: Słowo nº 25 (1897).

TC		
a	Número	COR 010
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Petrônio (Peça livremente extrahida do romance Quo Vadis de Henryk Sienkiewicz)
e	Nome do tradutor	Mesquita, Marcelino (1856-1919)
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Manuel Gomes, Editor Livreiro de Suas Majestades e Altezas
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Peça livremente extrahida
m	(In)directude	n/a
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Drama
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	<p>Cf. CETBASE: Anon. «Cartaz da quinzena» in Brasil-Portugal, nº 51 . 01/03/1900, pag(s) 3.</p> <p>Jaime Victor «Theatros - D. Amélia» in Brasil-Portugal, nº 52 . 16/03/1900, pag(s) 63.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 58 . 20/02/1901.</p> <p>Anon. in Diário de Notícias. 09/03/1901.</p> <p>Anon. in Diário de Notícias. 15/03/1901.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 62 . 20/03/1901.</p> <p>Anon. in Diário de Notícias. 22/03/1901.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 64 . 03/04/1901.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 65 . 10/04/1901.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 70 . 15/05/1901.</p> <p>Anon. in A Paródia, nº 88 . 18/09/1901.</p>
s	Cotas	Biblioteca de Arte: BB 10504.
t	Referências	TP V 22 673; CE 53, RPP p. 14
u	Observações	Publicação em periódico: 1901. O Occidente. Vol 24 (23-5)
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis* (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 011
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Sem dogma [2º volume inclui também Bartek, o Victorioso / Lillian Morris / Hania [tradução com Selda Potocka] / Extracto do diario d'um perceptor de Posen]
e	Nome do tradutor	Noronha, Eduardo de (1859-1948)
f	Publ. do nome do tradutor	tradução de Ed. Noronha
g	Local	Lisboa
h	Editora	Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl# (Sem dogma) / TrD# (Hania) / Extracto do diario d'um perceptor de Posen)
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 6027-28 V.
t	Referências	FM; TP V 22 571 (Bartek, o victorioso e Lilian Morris); TP V 22 581; TP V 22 582; CE 47, RPP p. 14
u	Observações	Primeira publicação nos periódico <i>O mundo</i> (4-9 e seguintes) e <i>O Primeiro de Janeiro</i> (Porto: 1-1 e seguintes).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Bez dogmatu (Powieść w trzech tomach) / Bartek zwycięzca [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 5. Também neste volume: Niewola tatarska, Jamiol, Na jedna karte, Latarnik] / Przez stepy 1880 [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 4. Também neste volume: Orso, Z pamietnika poznanskiego nauczyciela, Czyja wina?, Za chlebem] / Hania [in Pisma Henryka Sienkiewicza v.1. Também neste volume : Stary sluga, Janko Muzykant, Szkice Weglem] / Z pamietnika poznanskiego nauczyciela [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 4. Também neste volume: Orso, Przez stepy, Czyja wina?, Za chlebem] /
x	Ano	1891 Bez dogmatu / 1882 Bartek Zwycięzca / 1880 Przez stepy / 1880 Hania / 1880 Z pamietnia poznanskiego nauczyciela /
y	Local	Warszawa
z	Editora	Słowo [Bez dogmatu] / Gebethner i Wolff [Bartek zwycięzca / Przez stepy / Hania / Z pamietnia poznanskiego nauczyciela]
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Bez dogmatu (em Dezembro de 1889: Słowo nº 2 - 293/ Czas nº 264 -299 / Dziennik Poznański nº 280 - 300) / Bartek Zwycięzca (em Maio de 1882: Słowo nº 96 - 106 / Czas nº 97 - 107) / Przez stepy (em Julho de 1879: Gazeta Polska nº 146 - 159) / Hania (em 1876: Gazeta Polska nº 2 - 30) / Z pamietnika poznanskiego nauczyciela (em 1879: Niwa v. 16).

TC		
a	Número	COR 012
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Sigamo-lo
e	Nome do tradutor	Figueirinhas, António (1865-1945)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de António Figueirinhas
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Editora de António Figueirinhas
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: R. 20095/2 P.
t	Referências	FM; TP V 22 586; CE 48; RPP p. 14
u	Observações	Inclui índice de obras publicadas pela editora. Cf TP: primeira publicação no periódico <i>O Primeiro de Janeiro</i> (Porto, 23-3 e seguintes).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Pójdźmy za Nim [in Pisma Henryka Sienkiewicza. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrażeń włoskich, Organista z Ponikły, U źródła, Lux in tenebris lucet, Bądź błogosławiona, Listy o Zoli]
x	Ano	1894
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Fevereiro de 1893: Czas n°s 38-45 / Tyg. II. N° 158-163 / Słowo n°s 37-38.

TC		
a	Número	COR 013
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	PB
d	Título	Sigamol-o! [sic] [Inclui também :Yanko e O pharoleiro de Aspinwal]
e	Nome do tradutor	Noronha, Eduardo de (1859-1948)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Eduardo de Noronha
g	Local	Lisboa
h	Editora	Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Traducção [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz (auctor de Quo vadis?)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.10418 P.
t	Referências	PB; TP V 22 583; TP V 22 584; TP V 22 585; CE 49; RPP p. 14
u	Observações	Inclui (1) prefácio e (2) ilustrações.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Pójdźmy za Nim [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrazen włoskich, Organista z Ponikly, U zrodla, Lux in tenebris lucet, Badz blogoslawiona, Listy o Zoli] / Janko Muzykant [in Pisma Henryka Sienkiewicza v.1. Também neste volume : Stary sluga, Hania, Szkice Weglem] / Latarnik [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 5. Também neste volume: Niewola tatarska, Jamiol, Na jedna karte, Bartek Zwyciezsa]
x	Ano	1894 Pójdźmy za Nim / 1880 Janko Muzykant / 1882 Latarnik
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Pójdźmy za Nim (em Fevereiro de 1893: Czas n°s 38-45 / Tyg. Il. N° 158-163 / Słowo n°s 37-38) / Janko Muzykant (em Julho 1879: Kurier Warszawski n° 159 / Gazeta Lwowska n° 159-160 / Strzecha Ojczyzna n° 26) / Latarnik (em 1881: Niwa v. 20)

TC		
a	Número	COR 014
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	PB
d	Título	Vamos com Êle (Novela do tempo de Christo)
e	Nome do tradutor	Dias, Carlos Malheiro (1875-1941)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de C. Malheiro-Dias
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	*2ª ed.: 1901 (TP V 22 589) (BN: R.35021 P.; L. 61197 P.) [Publicação em periódico O Primeiro de Janeiro (Porto), 27-3 e seguintes: Vamos com Elle! Novella do tempo de Christo. Tradução do autor do "Filho das Ervas" [i.e. Carlos Malheiro Dias]]
k	Outras edições	*1925 [D.L.] (3ª edição). Tradução de C. Malheiro-Dias. Vamos com Êle (Novela do tempo de Cristo). Lisboa: Empresa Literária Fluminense, Lda. (BN: L.28650//17 P.) [Inclui índice de obras publicadas deste autor. Publicação do nome de autor: Henrik Sienkiewicz, autor do "Quo Vadis?".]
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz (auctor do Quo vadis?)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Novela*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 89084 P.
t	Referências	TP V 22 588 (2ª ed); TP V 22 589 (periódico); TP V 26 815; TP V 26 816; CE 50- 51; RPP p. 14
u	Observações	Inclui (1) prefácio e (2) índice de obras publicadas pela editora.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Pójdźmy za Nim [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrazen włoskich, Organista z Ponikly, U zrodla, Lux in tenebris lucet, Badz blogoslawiona, Listy o Zoli]
x	Ano	1894 Pójdźmy za Nim / 1880 Janko Muzykant / 1882 Latarnik
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Pójdźmy za Nim (Fevereiro de 1893: Czas n°s 38-45 / Tyg. Il. N° 158-163 / Slowo n°s 37-38) / Janko Muzykant (Julho 1879: Kurier Warszawski n° 159 / Gazeta Lwowska n° 159-160 / Strzecha Ojczysta n° 26) / Latarnik (em 1881: Niwa v. 20)

TC		
a	Número	COR 015
b	Ano	1901
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Vencer ou morrer (Drama em cinco actos)
e	Nome do tradutor	Figueiredo, Cândido de (1846-1925)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido do italiano por Cândido de Figueiredo
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ITA*
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz
p	Modo literário	Drama
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 5833-34 V., L. 18114 P.
t	Referências	FM; CE 52; RPP p. 14
u	Observações	Inclui (1) índice de obras publicadas pela editora e (2) "Palavras do tradutor italiano", A.G. Corrieri.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Na jedną kartę (Dramat w pięciu aktach)
x	Ano	1881
y	Local	Warszawa
z	Editora	Drukrania Wieku
aa	Modo literário	Drama
bb	Observações	Publicação em periódico em 1881: Niwa v. 19.

TC		
a	Número	COR 016
b	Ano	1902
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Amor na savana [O volume inclui também "Os estrangulados de Bengala" de L. Boussenard]
e	Nome do tradutor	Quadros, Domingos Cabral de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Domingos de Cabral de Quadros
g	Local	Lisboa
h	Editora	A editora
i	Colecção	Bibliotheca Moderna
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz (auctor do Quo Vadis)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 6632 V., L. 6633 V.
t	Referências	FM
u	Observações	O texto encontra-se integrado no 2º volume do livro "Os estrangulados de Bengala" de L. Boussenard, não sendo anunciado na capa.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Przez stopy [in Pisma Henryka Sienkiewicz v. 4. Também neste volume: Orso, Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela, Czyja wina?, Za chlebem]
x	Ano	1880
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Julho de 1879: Gazeta Polska nº 146 - 159.

TC		
a	Número	COR 017
b	Ano	1902
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Christã! (Romance dos tempos de Nero)
e	Nome do tradutor	Passos, Anibal (ca 18-- -?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Annibal Passos
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Moreira Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [cf TP]
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	I. J. Kraszewski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 5932-33 V.
t	Referências	TP V 22 817
u	Observações	Inclui índice das obras publicadas nesta colecção.
TP		
v	Autor	Kraszewski, Józef Ignacy (1812-1887)
w	Título	Rzym za Nerona (Obrazy historyczne)
x	Ano	1865
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Towarzystwa Szkoły Ludowej
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 018
b	Ano	1902
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Hania [inclui também: Extracto do diário [sic] d'um perceptor de Posen / A tourada (recordações de Hespanha)]
e	Nome do tradutor	Potocka, Selda (?-?) / Noronha, Eduardo de (1859-1948)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Selda Potocka e Eduardo de Noronha
g	Local	Lisboa
h	Editores	Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	H. Sienkiewicz (capa), Henryk Sienkiewicz (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 90757 V.
t	Referências	TP V 22 864; CE 37; RPP p. 14
u	Observações	Inclui também A tourada (recordações de Hespanha) e Extracto do diário [sic] d'um perceptor de Posen.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Hania [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume: Stary sluga, Janko Muzykant, Szkice Weglem] / Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela [in Pisma Henryka Sienkiewicz v. 4. Também neste volume: Orso, Przez stępy, Czyja wina?, Za chlebem] / Walka byków w Hiszpanii [in Pisma Henryka Sienkiewicz v. 19. Também neste volume: Ta trzecia, Sachem, Sielanka, Z Puszczy Białowieskiej, Wycieczka do Aten]
x	Ano	1880 Hania / 1880 Z pamiętnika poznanskiego nauczyciela / 1890 Walka byków
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Hania (em 1876: Gazeta Polska n° 2 - 30) / Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela (em 1879: Niwa v. 16) / Walka byków (em Julho 1889: Slowo n° 151-156 / Czas n° 154 - 160).

TC		
a	Número	COR 019
b	Ano	1902
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editora	Empresa Editora de Romances Ilustrados
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	TP V 22 866
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 020
b	Ano	1903
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis
e	Nome do tradutor	Garção, Mayer (1872-1930)
f	Publ. do nome do tradutor	Versão portuguesa de Garção, Mayer
g	Local	Lisboa
h	Editores	Bibliotheca Popular. Empresa Editora de Publicações Ilustradas
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	#1903 (outra ed.?). Quo Vadis? Versão portuguesa de Garção, Mayer. Lisboa: Empresa Editora de Publicações Ilustradas. [Edição de luxo com 225 gravuras. Desenhos de Dietrich, Alfred de Moraes e Silva e Sousa. Gravuras de Carlos Traver. Publicação do nome do autor: Henrik Sienkiewicz]
l	Designação do texto	Versão portuguesa
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrik Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 14134 V.
t	Referências	PB; TP V 23 181 (1903: anúncio em O Mundo); CE 45
u	Observações	Desenhos de Alfredo de Moraes Dietrich e Sousa e Silva; gravuras de Carlos Traves. Edição de luxo, cf. Rodrigues 1991.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 021
b	Ano	1912
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	João Romano Torres & Cª Editores
i	Colecção	Collecção de obras celebres
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	- - -
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 7342 V.
t	Referências	PB; CE 41
u	Observações	Inclui índice de obras constantes desta colecção; ilustrações.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 022
b	Ano	1913
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Argumento. O mais brilhante sucesso cinematografico da actualidade)
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Tipografia de Francisco Luís Gonçalves/ Empreza da Biblioteca d'Educação Nacional (Lisboa)
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Argumento
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	- - -
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Argumento
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 35726//2 P.
t	Referências	PB
u	Observações	Argumento do filme <i>Quo Vadis</i> de 1912. Informação constante da capa: "o mais brilhante sucesso cinematografico da actualidade".
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298

TC		
a	Número	COR 023
b	Ano	1923
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis? (Adaptação popular)
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Secção Editorial de "O Século"
i	Colecção	Romances ilustrados
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Adaptação popular
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrick Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 6740//5V., L. 13490//7 V.
t	Referências	PB; TP V 26 509; TP V 26510; CE 42
u	Observações	Inclui: (1) ilustrações, (2) informação constante da capa.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 024
b	Ano	1927
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Barateira
i	Colecção	Colecção de Ouro
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	TP V 27 270
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 025
b	Ano	1927
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Romance dos tempos neronianos)
e	Nome do tradutor	Vieira, José Carlos Alves (Rev.)(1880-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do Rev. José Carlos Alves Vieira
g	Local	Porto
h	Editora	Tipografia da Casa Nun'Álvares
i	Colecção	Bibliotheca de o grito do povo 022. Bibliotheca de bons romances
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução [sic]
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE* / ITA* / SPA*
o	Publ. do nome do autor	Henrik Sienckiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 23404 P., L. 29715 P.
t	Referências	PB; TP V 27 077; CE 43; RPP p. 14
u	Observações	Inclui (1) "Duas palavras de prologo" de onde consta referência aos textos intermediários: <i>A tradução foi feita principalmente sobre a edição italiana de O. Salvatori, sobre a hespanhola de Gili; aproveitei em rarissimos pontos a edição francesa de Lethielleux</i> ; (2) "A autorização do Arcebispo do Porto": <i>"Pode imprimir-se. Porto, 21 de Março de 1927"</i> ; (3) anotação: <i>versão expurgada</i> , (4) índice da colecção; (5) informação sobre o preço: 7\$500.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 026
b	Ano	1935
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis? (Narrativa histórica dos tempos de Nero)
e	Nome do tradutor	Nápoles, Lemos de (1866-1932)
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Porto
h	Editora	Lello Editores
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	- - -
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Sienkiewicz (capa) /Henryck Sienkiewicz (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Narrativa histórica*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 27095-6 P., L. 27097-8 P., L. 30385-6 P.
t	Referências	PB; CE 44; BB I p.141
u	Observações	Cf BB: volume cartonado, dois mil exemplares.Tradução em dois volumes. Versão idêntica a COR 003.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 027
b	Ano	1940
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O pánico vem do ar
e	Nome do tradutor	Santos, José Franciso dos (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução feita do italiano pelo Dr. José Francisco dos Santos
g	Local	Porto
h	Editores	Livraria Civilização Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ITA*
o	Publ. do nome do autor	Boguslaw Kuczynski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 33494 P.
t	Referências	PB; IP 18; IL 8521; BB VI 1584; SNI 628 1254
u	Observações	Inclui nota biográfica sobre o autor e uma nota "copyright 1939 by Boguslaw Kaczynski". Inclui "Prefácio" de Liviu Rebreanu. Submetido à censura e autorizado em 1940. Da ficha SNI consta o seguinte comentário: "Descrição da tragédia de um refugiado polaco fugindo à invasão alemã, de terra em terra, constantemente bombardeado pela aviação. Não se encontra no livro frase alguma contra o invasor. Sem inconveniente."
TP		
v	Autor	Kuczyński, Bogusław (1907-1974)
w	Título	Pobojowisko [Poboiowisko*]
x	Ano	1939
y	Local	
z	Editores	
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 028
b	Ano	1942
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Justiça! (Romance)
e	Nome do tradutor	Monteiro, Domingos (1903-1980)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução e prefácio de Domingos Monteiro
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Inquerito, Lda
i	Colecção	Os melhores romances dos melhores romancistas 029
j	Novas edições	*2ª ed.: 1942 (BN. L. 24157 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Ladislau Reymont (Prémio Nobel)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Joyce, Patrícia. 1965. Ficha nº 5329. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=1637 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 34868 P.
t	Referências	PB; IP 27; IL 12853; BB VIII 3127; BB VIII 3128 (2ª ed: 1942); RL 5329; SNI 573 1701
u	Observações	Inclui (1) prefácio de Domingos Monteiro sobre a literatura polaca, sobre o autor e sobre a obra, (2) índice das obras publicadas nesta colecção. Submetido à censura e autorizado em 1942. Da ficha de censura consta a seguinte informação: "Episódio dramático da vida de um camponês polaco que a justiça condenou inocente. Fugido à prisão e perseguido por ódios que não perdoam, a injustiça dos homens transforma-o num revoltado e faz dele um verdadeiro criminoso que numa fuga alucinada para a liberdade que lhe não querem conceder, lança fogo à sua aldeia natal e nas chamas morre, Grito de angústia, é uma obra prima de tristeza que parece perpassar toda a tragédia secular da Polónia sempre mártir. Sem inconveniente."
TP		
v	Autor	Reymont, Władysław (1867-1925)
w	Título	Sprawiedliwie! (Szkic powieściowy)
x	Ano	1899
y	Local	Warszawa
z	Editora	Instytut Wydawniczy Biblioteka Polska
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 029
b	Ano	1943
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A heroína da Polónia [A alma heróica da Polónia]
e	Nome do tradutor	Motrena, Edmundo Nery (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de E. Nery Motrena
g	Local	Lisboa
h	Editora	Henrique Torres Editor (1ª parte); Luso (2ª -10ª parte)
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	Wladislaw Koscian
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: C.G. 684 P.
t	Referências	PB; IL 8506; BB IX 1961
u	Observações	Obra publicada em dez partes. A primeira - intitulada "A heroína da Polónia" - é publicada pela casa editora Henrique Torres; as restantes partes (2-10) - sob o título "A alma heróica da Polónia" - são publicadas pela Casa de Publicações «Luso» de Lisboa. Temática bélica. Verificou-se uma continuação tanto em termos da numeração de páginas, como em termos do enredo.
TP		
v	Autor	Kościan, Władysław (?-?)
w	Título	
x	Ano	
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 030
b	Ano	1943
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Medicina e ciúme
e	Nome do tradutor	Eduarda, Maria (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria Eduarda
g	Local	Coimbra
h	Editora	Portugália Editora
i	Colecção	Os romances sensacionais 009
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Miguel Choromanski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance sensacional
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 35357 P.
t	Referências	PB
u	Observações	Inclui uma nota sobre o autor.
TP		
v	Autor	Choromański, Michał (1904-1972)
w	Título	Zazdrość i medycyna
x	Ano	1931
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 031
b	Ano	1943
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O drama de Marísia
e	Nome do tradutor	Barão, José (1904-1966)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José Barão
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Latina Editora
i	Colecção	Autores notáveis 003
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henrique Sienkiewicz (Prémio Nobel)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	Brotéria. Sienkiewicz, Henrique - O drama de Marísia...38 (ano 1944), p.235
s	Cotas	BN: L. 35370 P., L. 79881 P.
t	Referências	PB; IL 14345; BB IX 3404
u	Observações	Inclui (1) "notícia biográfica"; (2) e nota: "«Emigrantes», era o título inicial desta novela", (3) índice de obras publicadas nesta colecção.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Za chlebem [in Pisma Henryka Sienkiewicz v. 4. Também neste volume: Orso, Przez stępy, Czyja wina?, Za chlebem]
x	Ano	1880
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em entre Abril e Junho de 1880: Gazeta Polska nº 24 - 121.

TC		
a	Número	COR 032
b	Ano	1943
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O senhor secretário [inclui também: O organista / Benvinda [sic] / O faloreiro / Yanco]
e	Nome do tradutor	Caramalho, Isolino (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Isolino Caramalho
g	Local	Lisboa
h	Editores	Editorial Gleba, Lda.
i	Colecção	Contos e novelas 010
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	SPA#
o	Publ. do nome do autor	H. Sienkiewicz (capa), Henrique Sienkiewicz (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Novela*
r	Fortuna crítica	Brotéria. Sienkiewicz, Henrique - O senhor secretario...v. 38 (1943), p.457
s	Cotas	BN: B.R. 15872., BN: L. 35435 P.
t	Referências	PB; IL 14344; BB IX 3405
u	Observações	Inclui (1) "Nota dos Editores"; (2) índice de obras publicadas nesta colecção [a colecção inclui contos eslavos, romenos e húngaros].
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Szkice Węglem [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume : Stary sługa, Hania, Janko Muzykant] / Organista z Ponikły [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrażeń włoskich, Pójdźmy za nim, U zrodla, Lux in tenebris lucet, Bądź błogosławiona, Listy o Zoli] / Bądź błogosławiona (Legenda indyjska) [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrażeń włoskich, Pójdźmy za nim, U źródła, Lux in tenebris lucet, Organista z Ponikły, Listy o Zoli] / Latarnik [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 5. Também neste volume: Niewola tatarska, Jamioł, Na jedną kartę, Bartek Zwycięzca] / Janko Muzykant [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume : Stary sługa, Hania, Szkice Węglem]
x	Ano	1880 Szkice Węglem / 1894 Organista z Ponikły / 1894 Bądź błogosławiona (Legenda indyjska) / 1882 Latarnik / 1880 Janko Muzykant
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa

bb	Observações	<p>Publicação em periódico: Szkice Węgłem (em 1877: Gazeta Polska nº 5-17º) / Organista z Ponikły (em Junho de 1893: Słowo nº 140 / Czas nº 141 - 142) / Badz błogosławiona (em 1983: Biblioteka Warszawska t.2 359-361 / Kurier Warszawski nº 151 / Czas nº 126 / Dziennik Polski Lwów nº 155 / Dziennik Poznański nº 126 / Kurier Lwowski nº 155) / Latarnik (em 1881: Niwa v. 20) / Janko Muzykant (em Julho 1879: Kurier Warszawski nº 159 / Gazeta Lwowska nº 159-160 / Strzecha Ojczyzna nº 26).</p>
----	-------------	--

TC		
a	Número	COR 033
b	Ano	1944
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Camponeses (Primavera e Verão)
e	Nome do tradutor	Monteiro, Domingos (1903-1980)
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Inquérito, Lda
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	Ladislau Reymont
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	SNI 629 2619 e 2620
u	Observações	Submetido à censura e autorizado em 1944.
TP		
v	Autor	Reymont, Władysław (1867-1925)
w	Título	Chłopi (Powieść współczesna)
x	Ano	1904
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em 1902: Tygodnik Ilustrowany de Jan 1902 a Nov 1908.

TC		
a	Número	COR 034
b	Ano	1944
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Aonde vais. Resumo completo da grande obra)
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editores	Tipografia Beleza
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Resumo
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	BB X 3396
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 035
b	Ano	1945
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Arco- íris (Romance da ocupação alemã na Rússia)
e	Nome do tradutor	Brochado, António (1918-1977)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução portuguesa de António Brochado
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Tavares Martins
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	#1985. Arco-íris. Lisboa: Edições "Avante!" SARL. Col. resistência 017 (BN: L. 35653 V) [Cf. PLP, a tiragem: 3000 exemplares.]
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Wanda Wassilewska (Prémio Staline 1943)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 36886 P, L. 95384 P.
t	Referências	PB; BB XII 4347; CLD 1991 p. 1023 (outra ed. 1985 Avante- preço: 600 esc.), CLD 1993 p. 1155 (outra ed. 1985 Avante- preço: 800 esc.); CLD 1995 p. 1251 (outra ed. 1985 Avante- preço: 800 esc.); PLP (outra ed. 1985 Avante); PLPc 4721(outra ed. 1985 Avante); SNI 711 71
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor; (2) informação: "Romance da Ocupação Alemã da Rússia. Prémio Estaline de 1943". Tradução proibida da circulação e apreendida pela P.I.D.E. em 1946. Sobre a edição de 1945: "Proibição e apreensão do livro "Arco Íris", 1964", SNI, Censura, Caixa 711, Processo nº 71. Secretariado Nacional de Informação, Censura, caixa 711, respeitante ao ano de 1946, 35 folhas: autos de apreensão de "Arco Iris" de Wanda Wassilewska em livrarias de todo o país. Tipografia Mendonça Vasconcellos & Miranda. Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Censura, no Porot. Respondendo ao ofício de V.Exª Nº 124/Livde 6 do corrente, recebido hoje à tarde, informo: 1. Esta tipografia apenas compôs e imprimiu uma edição do livro em referência. 2. Esta edição foi de 4.000 exemplares, que se entregou à editora, Livraria Tavares Martins, desta cidade. 3. Não foi submetido a censura prévia, por a acharmos desnecessária, convendidos de que se trata, de facto, de um romance. Pôrto 8 de Julho de 1946. A tradução francesa e inglesa submetidas à censura prévia em 1947 e proibidas da circulação (despachos SNI caixa 629, nº 2975 e 2976), com anotação: "livro comunizante".
TP		
v	Autor	Wasilewska, Wanda (1905-1964)
w	Título	Tęcza
x	Ano	1943
y	Local	Warszawa
z	Editora	"Książka" Spółdzielnia Wydawnicza
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 036
b	Ano	1947
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	O rio fiel
e	Nome do tradutor	Tavares, Lia (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução directa do texto polaco por Lia Tavares
g	Local	Lisboa
h	Editora	Portugália Editora
i	Colecção	Os romances sensacionais 017
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução directa do texto polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Stefan Zeromski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance sensacional*
r	Fortuna crítica	Brotéria. Zeromski, Stefan – O rio fiel ... v. 46 (1948), p. 764
s	Cotas	BN: L. 37665 P.
t	Referências	PB; IL 16583; BB XII 4275
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor, (2) índice de volumes publicados desta colecção.
TP		
v	Autor	Žeromski, Stefan (1864-1925)
w	Título	Wierna rzeka*
x	Ano	1912
y	Local	Warszawa
z	Editores	J. Mortowicz
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 037
b	Ano	1947
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	Marques, Gentil (1918-1991)
f	Publ. do nome do tradutor	Prefácio e versão livre de Gentil Marques
g	Local	Lisboa
h	Editora	João Romano Torres & Cª Editores
i	Colecção	Obras escolhidas de autores escolhidos 006
j	Novas edições	#2ª ed. revista: 1951 (BN. L. 39772 P.); 3ª ed. revista: 1953 (BN: L. 41379 P.); 4ª ed. revista: 1955 (BN: L. 43862 P.; L.97256 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Versão livre
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE# / ENG#
o	Publ. do nome do autor	Henryck Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Brotéria, Sienkiewicz, Henrique - Quo Vadis? ...v. 57 (1953), p. 373
s	Cotas	BN: L. 38294 P.
t	Referências	PB; IT VI 13892 (3ª ed.); IT VIII 24399 (4ª ed.); IL 14351 (3ª ed.); BB XIII 3763; BB XVII 3770(2ª ed.); PLPa 3405-06
u	Observações	A 4ª ed. inclui (1) índice de volumes constantes da colecção; e (2) "À maneira de Prefácio", da pena de Gentil Marques.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 038
b	Ano	1952
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Convite de Moscovo
e	Nome do tradutor	Costa, Carlos Gomes da (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Carlos Gomes da Costa
g	Local	Lisboa
h	Editora	Parceira António Maria Pereira
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Z. Stypulkowski (capa) / Zbigniew Stypulkowski (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Literatura de facto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 13985 V.
t	Referências	PB; IT V 11587
u	Observações	Inclui "Apresentação", da pena de Pedro Correia Marques (com informação sobre o autor, a história e a literatura polacas, bem como as relações luso-polacas durante o Estado Novo).
TP		
v	Autor	Stypulkowski, Zbigniew (1904-1979)
w	Título	W zawierusze dziejowej (Wspomnienia 1939-1945)
x	Ano	1951
y	Local	London
z	Editora	Gryf Publications
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 039
b	Ano	1952
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis
e	Nome do tradutor	S.N. (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Texto integral
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 40807 P.
t	Referências	PB; IT PRT V 11574; IL 14341; PLPa 3414-07
u	Observações	Inclui a seguinte nota: "Esta edição de QUO VADIS contém o texto integral do romance de HENRYK SIENKIEWICZ e assinalou a estreia em Portugal, no ano de 1952, do filme da M.G.M. Colossal QUO VADIS. As ilustrações que acompanham esta edição foram extraídas do filme do amável deferência da M.G.M."
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 040
b	Ano	1952
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis? (Aonde vais. Resumo completo da grande obra)
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Empresa Literária Universal
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	*nº ed. s/d: 1956 [D.L.] (BN: L. 44204//P.); *nº ed. s/d:1956 [D.L.] (BN: L. 14656 P.); *nº ed. s/d: s/d (BN: L.89338 P.); *nº ed. s/d: s/d (BN: L. 20566 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Resumo
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 40975//4P.
t	Referências	PB; CE 46; PLPa 3408-09
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 041
b	Ano	1955
c	Fonte info. refer. ao ano	PB
d	Título	Dostoievski
e	Nome do tradutor	Gaspar, José da Natividade (1904-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José da Natividade Gaspar
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livros do Brasil
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Mackiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Ensaio de crítica literária
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 45667 P.
t	Referências	PB; PLPa 2009
u	Observações	Inclui a seguinte informação peritextual: "título da edição original <i>Dostoyevsky</i> ".
TP		
v	Autor	Mackiewicz, Stanislaw (1896-1966)
w	Título	[Dostoyevsky*]
x	Ano	1947
y	Local	London
z	Editora	Orbis
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 042
b	Ano	1957
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Um pequeno herói
e	Nome do tradutor	Machado, José António (1915-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Versão portuguesa de José António Machado
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Minerva
i	Colecção	Terremar
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Versão portuguesa
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Monteiro, Domingos. s/d. Ficha nº 506. Rol de livros.
s	Cotas	BN: L. 45667 P.
t	Referências	PB; IT X 17279; IL 14346; RL 506; PLPa 3590
u	Observações	Capa e ilustrações de Edmundo Muge. Inclui índice de volumes publicadas nesta colecção.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	W pustyni i w puszczy
x	Ano	1912
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Outubro de 1910 e Setembro de 1911: Kurier Warszawski nº 297 (1910) - 241 (1911) / Dziennik Poznański nº 252 (1910) - 201 (1911) / Dziennik Chicagowski nº 259 (1910) - 237 (1911).

TC		
a	Número	COR 043
b	Ano	1958
c	Fonte info. refer. ao ano	PB
d	Título	A canção da jarra verde (Contos) [Inclui também: Casamento por equívoco]
e	Nome do tradutor	Frias, César de (1894-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Cesár de Frias
g	Local	Lisboa
h	Editora	Fomento de Publicações, Lda.
i	Colecção	Mosaico. Pequena antologia de obras primas 028
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	SPA#
o	Publ. do nome do autor	Sienkiewick (capa) / Hendrik Sienkiewicz (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto*
r	Fortuna crítica	Grilo, Monteiro. s/d. Ficha nº 418. Rol de Livros.
s	Cotas	BN: L. 88318 P.
t	Referências	PB; IL 14343, BB XXIV 1920; RL 418; PLPa 3591
u	Observações	Inclui (1) prefácio, (2) índice "Obras do Autor" (títulos em polaco com grafia errada) e (3) índice de volumes publicados nesta colecção. Contém 2 contos: o 1º - "Canção de Jarra Verde", 2º - "Casamento por equívoco". Colecção sob a direcção literária de Manuel do Nascimento.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Organista z Ponikły [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 20. Também neste volume: Wyrok Zeusa, Z wrażeń włoskich, Pójdźmy za nim, U źródła, Lux in tenebris lucet, Bądź błogosławiona, Listy o Zoli] / Komedia z pomyłek. Szkic z życia ameykańskiego napisał Litwos [in Pisma Henryka Sienkiewicza v. 3. Também neste volume: Listy z podróży po Ameryce, Listy z Paryża i Rzymu] /
x	Ano	1894 Organista z Ponikły / 1880 Komedia z pomyłek
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico: Organista z Ponikły (em Junho de 1893: Slowo nº 140 / Czas nº 141 - 142) / Bądź błogosławiona (em 1893: Biblioteka Warszawska t.2 359-361 / Kurier Warszawski nº 151 / Czas nº 126 / Dziennik Polski Lwów nº 155 / Dziennik Poznanski nº 126 / Kurier Lwowski nº 155) / Komedia z pomyłek (entre Janeiro e Fevereiro de 1878) / Stary sługa 1880 (em Novembro de 1878 nº 20).

TC		
a	Número	COR 044
b	Ano	1959
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis (Romance)
e	Nome do tradutor	Pereira, José Marques (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José Marques Pereira
g	Local	Porto
h	Editora	Editorial Crisos
i	Colecção	Gigante
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 48617 P., L.48625 P. [L.48625 P. - Volume indisponível para consulta. Sob esta cota: Boris Pasternak. 1959 [D.L.] Trad. João Apolinário. O ano 1905. Porto: Porto Editora Lda.]
t	Referências	PB; IT XII 18189; IL 14340; BB XXV 659; BB XXV 1265
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 045
b	Ano	1959
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Romance)
e	Nome do tradutor	Ferreira, Leygauarda (1897-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Leygauarda Ferreira
g	Local	Lisboa
h	Editora	João Romano Torres & Cª Editores
i	Colecção	Obras escolhidas de autores escolhidos 006
j	Novas edições	2ª(?) ed.: 1963; *3ª ed.: 1969 [D.L.] (BN: L.62069 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Quadros, António. s/d. Ficha nº 153. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=693 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 48952 P., L. 54521 P.
t	Referências	PB; IT XII 18190; IT XVII 24434 (2ª ed???); IT XXIII 30230 (3ª ed); IL 14352; BB XXV 2663; BB XXIX 5925 (2ª ed.); RL 153
u	Observações	Inclui (1) índice dos volumes constantes da colecção, e (2) "À maneira de Prefácio" de Gentil Marques.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 046
b	Ano	1960
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Cartas de Nicodemo
e	Nome do tradutor	Pinheiro, Eduardo (1892-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Eduardo Pinheiro
g	Local	Porto
h	Editora	Porto Editora, Lda.
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE# / ENG#
o	Publ. do nome do autor	Jan Dobraczyński
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	Brotéria: Dobraczynski Jan- Cartas de Nicodemos...66 (ano 1958), p.124-5; Le glaive sacré...71 (ano 1960), p.272; La santa espada...69 (ano 1959), p.617
s	Cotas	BN: L. 50754 P.
t	Referências	PB; IP 8, IT XIII 19143; IL 4670; BB XXVI 4449; PLPa 632
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor e (2) glossário de termos utilizados.
TP		
v	Autor	Dobraczyński, Jan (1910-1994)
w	Título	Listy Nikodema [Listy Nicodema*]
x	Ano	1951
y	Local	Warszawa
z	Editora	Pax
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 047
b	Ano	1962
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	A ferro e fogo
e	Nome do tradutor	Ferreira, L. Pinto (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de L. Pinto Ferreira
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Minerva
i	Colecção	Biblioteca popular minerva. Edições de bolso 008-010
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	Quadros, António. 1962. Ficha nº 2980. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=10504 . (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L.53569 P.
t	Referências	PB; IT XV 20179; IL 14347; BB XXVIII 6478 (1º v.); BB XXVIII 7066 (2º v.); BB XXVIII 7066 (3º v.); CLD 1985 p. 362; CLD 1987 p. 556; CLD 1991 p. 970; RL 2980
u	Observações	Publicação em três volumes. Ilustrações (capa): Ramos Ribeiro. Inclui índice de obras publicadas nesta colecção. Preço 12\$50.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Ogniem i mieczem (Powieść z lat dawnych przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1884
y	Local	Warszawa
z	Editora	Druk Wl. Szulca i Sp.
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Maio de 1883 e Março de 1884: Czas nº 100 (1883) - 54 (1884) / Słowo 117 (1883) - 51 (1884).

TC		
a	Número	COR 048
b	Ano	1962
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Madre Joana dos Anjos
e	Nome do tradutor	Margarido, Alfredo (1928-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Alfredo Margarido
g	Local	Lisboa
h	Editores	Livraria Estúdios Cor
i	Colecção	Latitude 051
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	FRE* [Peritexto: título da tradução francesa: Mére Jeanne des Anges]
o	Publ. do nome do autor	Jaroslav Iwaszkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	Mendes, Miranda. 1966. Ficha nº 5573. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=9323 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 53740 P.
t	Referências	PB; IP 14; IT XV 19963; IL 7764; BB XXVIII 8495; RL 1966; PLPa 1213
u	Observações	Inclui (1) nota sobre Jarosław Iwaszkiewicz, "o maior escritor polaco da actualidade", (2) anotação: Colecção "Latitude" dirigida por Nataniel Costa.
TP		
v	Autor	Iwaszkiewicz, Jarosław (1894-1980)
w	Título	Matka Joanna od Aniołów [Mére Jeanne des Anges*] (in Nowa miłość i inne opowiadania)
x	Ano	1946
y	Local	Warszawa
z	Editores	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 049
b	Ano	1962
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Os inquisidores
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Presença
i	Colecção	Presença 012
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	IL 314
u	Observações	
TP		
v	Autor	Andrzejewski, Jerzy (1909-1983)
w	Título	Ciemności kryją ziemię
x	Ano	1957
y	Local	Warszawa
z	Editora	Państwowy Instytut Wydawniczy
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 050
b	Ano	1964
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	Mas, Jaime (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Jaime Mas
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livraria Bertrand, S.A.R.L. (Editorial Ibis, Lda.)
i	Colecção	Histórias. Histórias para raparigas 034
j	Novas edições	*2ª ed.: 1967 [D.L.] (BN: L. 59674 P.) [autor referido como Enrique Sienkiewicz]; *3ª: 1974 (BN: L. 68344 P.) [1ª ed. da col. Histórias: Selecção]; PLPb [autor referido como Enrique Sienkiewicz]
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	SPA#
o	Publ. do nome do autor	E. Sienkiewicz (capa), Enrique Sienkiewicz (folha de rosto)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 55092 P.
t	Referências	PB; IT XVIII 25385 [a referência no IT consta do volume que diz respeito ao ano de 1965, mas quanto a data de publicação, esta não é identificada (s/d)]; IL 14339; BB XXX 1550; BB XXXX 8365 (ed. de 1974)
u	Observações	Ilustrações de Antonio Bosch Penalva e Francisco Darnis Vicente; inclui índice de obras publicadas nesta colecção
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis* (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 051
b	Ano	1964
c	Fonte info. refer. ao ano	IL
d	Título	Zly (O Mau)
e	Nome do tradutor	Matos, Maria Leonor Correia de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Maria Leonor Correia de Matos
g	Local	Lisboa
h	Editores	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Século XX 059
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Tyrmand Leopold
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Quadros, António. 1966. Ficha nº 5901. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=5310 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	Bibl JP II: 884 TYR ZL
t	Referências	IL 15659; RL 5901; PLPa 3898
u	Observações	Inclui nota com a informação sobre a recepção do livro na Polónia comunista.
TP		
v	Autor	Tyrmand, Leopold (1920-1985)
w	Título	Zly
x	Ano	1955
y	Local	Warszawa
z	Editores	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 052
b	Ano	1965
c	Fonte info. refer. ao ano	IL 1964
d	Título	O dilúvio
e	Nome do tradutor	Ferreira, L. Pinto (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de L. Pinto Ferreira
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Minerva
i	Colecção	Biblioteca popular minerva. Edições de bolso 040-043
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	Langhans, Almeida. 1965. Ficha nº 5328. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=10503 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L.57112 P, L.57113 P, L.57114 P, L.57115 P.
t	Referências	PB; IT XVIII 25384; IL 14348; CLD 1987 p. 556; CLD 1991 p. 970; CLD 1993 p. 1094; CLD 1995 p. 1184; CLD 1999 p. 698; RL 5328; PLPa 3250
u	Observações	Publicação em quatro volumes. Inclui informação sobre outros volumes publicados nesta colecção. O preço, cf. CLD: 90 esc por volume (1987), 150 esc. (1991), 350 esc. (1993), 400 esc. (1995), 500 esc. (1999).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Potop (Powieść historyczna przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1886
y	Local	Warszawa
z	Editora	Druk. Noskowskiego
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Dezembro de 1884 e Setembro de 1886: Czas nº 296 (1884) - 200 (1886) / Słowo nº 23 (1884) - 201 (1886) / Kurier Poznański 297 (1884) - 204 (1886).

TC		
a	Número	COR 053
b	Ano	1968
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Shakespeare, nosso contemporâneo
e	Nome do tradutor	Ávila, Norberto (1936-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Norberto Ávila
g	Local	Lisboa
h	Editora	Portugália Editora
i	Colecção	Presença do homem 002
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Jan Kott
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Ensaio de crítica literária
r	Fortuna crítica	Simões, Breda. 1967. Ficha nº 370. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=20541 (acedido em 2009).
s	Cotas	BN: L. 19017 V.
t	Referências	PB; IP 17; IT XXI 25815; RL 370; PLPa 1617
u	Observações	Inclui (1) "A propósito de Jan Kott", da autoria de Peter Brook; (2) "Shakespeare no seu tempo", por Gérard Colson; (3) índice de volumes publicados nesta colecção.
TP		
v	Autor	Kott, Jan (1914-2001)
w	Título	Szkice o Szekspirze* [Versão ampliada "Szekspir współczesny" [POL]
x	Ano	1961
y	Local	Warszawa
z	Editora	Państwowe Wydawnictwo Naukowe
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 054
b	Ano	1969
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Cosmos
e	Nome do tradutor	Jorge, Luiza Neto (1939-1989)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Luiza Neto Jorge
g	Local	Lisboa
h	Editores	Editores Ulisseia, Lda.
i	Colecção	Série literária 088
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	#1995. Cosmos. Trad. De Luiza Neto Jorge. Lisboa: Vega. Col. escola de Letras. (BN: L. 51635 V) [Inclui índice de obras publicadas nesta colecção. Indicação do título original: Cosmos. Informação constante da contracapa: Prémio Internacional de Literatura de 1967]
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Witold Gombrowicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.61842 P.
t	Referências	PB; IP 11; IT XXIII 30074; IT a 889561 (outra edição 1995); IT b (outra edição 1995); IL 6479; PLP (outra edição); PLPc 4667 (outra edição)
u	Observações	A primeira edição inclui (1) nota sobre o autor, (2) nota sobre a colecção, (3) informação: "Copyrights Éditions Denoël - Paris 1966." A edição publicada pela editora Vega inclui a seguinte informação peritextual: "Tradução de Luiza Neto Jorge, nome grande da poesia portuguesa, e uma das mais excelentes intérpretes de obras estrangeiras de renome".
TP		
v	Autor	Gombrowicz, Witold (1904 -1969)
w	Título	Kosmos [Cosmos*]
x	Ano	1965
y	Local	Paris
z	Editores	Instytut Literacki Kultura
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 055
b	Ano	1971
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O elefante
e	Nome do tradutor	Artiaga, Yolanda (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Yolanda Artiaga
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Estampa, Lda.
i	Colecção	Livro B 002
j	Novas edições	*2ª ed.: 1976 (BN: L. 70532 P.); *3ª ed.: 1997 (BN: L. 87240 P.)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Mrozeck
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	Quadros, António. s/d. Ficha nº 8970. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=21650 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 64513 P.
t	Referências	PB; IP 23; IT XXIX PRT 497 (2ª ed); IT b (3ª ed); IL 11368; BB XXXVII 5852; BB XXXX 7353 (2ª ed.); CLD 1987 p. 499; CLD 1993 p. 972 (2ª ed.); PLP (3ª ed.); PLPb (2ª ed.); PLPc 4696 (3ª ed.); RL 8970; SNI 631 9159
u	Observações	Inclui índice de volumes publicados nesta colecção. Submetido à censura e autorizado em 1971, com o seguinte comentário: "Este livro consta de pequenas novelas se assim se lhes pode chamar, em que se não apresentam quaisquer teorias políticas, mas que, pelos assuntos tratados, são uma crítica, por vezes até jocosa, a factos passado sem regimes comunistas e socialistas. Livro que, até por isso mesmo, não terá grande venda, é, em minha opinião, muito mais construtivo que destrutivo, pelo que julgo ser de autorizar a sua venda em Portugal."
TP		
v	Autor	Mrožek, Sławomir (1930-)
w	Título	Słoń (Zbiór opowiadań)
x	Ano	1956
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 056
b	Ano	1972
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A mãe e o processo do espectáculo anulado
e	Nome do tradutor	Carmo, José Palla e (?-?) [CetBase 2856; TetraBase]
f	Publ. do nome do tradutor	- - -
g	Local	Lisboa
h	Editora	Prelo Editora, S.A.R.L.
i	Colecção	Repertório para um teatro actual 009
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	- - -
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE# (Zurbach 2007: 74-83)
o	Publ. do nome do autor	Stanislas Witkiewicz
p	Modo literário	Drama
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	Zurbach (2008)
s	Cotas	BN: L. 66538 P., B.R. 5435.
t	Referências	PB; IP 38; BB XXXVIII 5179; PLPb
u	Observações	Inclui índice de obras publicadas nesta colecção (dirigida por Luiz Francisco Rebello). O processo do espectáculo anulado. Capítulos: "Apresentação de Witkiewicz", "Cronologia do teatro de Witkiewicz", "A Peça", "Ficha do espectáculo", "Notas para a encenação de «A Mãe»", "Cenários e Figurinos da peça «A mãe»", "Cronologia dos acontecimentos", "Uma entrevista", "Declaração da «Liga Portuguesa de Higiene Mental»", "Cartas ao Presidente da Câmara", "A proibição de «A mãe» noticiada na imprensa", "Duas notas da Direcção-Geral dos Espectáculos e três cartas", "Comentários à proibição de «A mãe»", "Um incidente marginal", "Debate na Assembleia Nacional", "Repercussões do debate parlamentar e um protesto", "A propósito de uma campanha".
TP		
v	Autor	Witkiewicz, Stanisław Ignacy (1895-1939)
w	Título	Matka
x	Ano	1924
y	Local	Warszawa
z	Editora	E. Wende i Spółka
aa	Modo literário	Drama
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 057
b	Ano	1973
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Quo vadis (Romance dos tempos de Nero)
e	Nome do tradutor	Reis, Pedro (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução revista por Pedro Reis
g	Local	Lisboa
h	Editora	Amigos do Livro, Editores Lda.
i	Colecção	Os grandes romances históricos 008-009
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 67054-55 P.
t	Referências	PB; IL 14338; BB XXXIX 6439
u	Observações	Tradução em dois volumes; inclui prefácio.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 058
b	Ano	1974
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis
e	Nome do tradutor	S.N. (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de S.N.
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Livros de bolso 099
j	Novas edições	*nº ed. s/d: 1976 (BN: L.24922 V.) [ed. nº 0088/2246. Col. obras imortais]; *2ªed.: 2001 (BN: L. 71193 V.) [trad. S.N. col. Grandes Clássicos do Séc. XX. 038. Inclui índice de obras publicadas desta colecção (cf. PLP o livro foi traduzido do inglês)]
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 68427 P.
t	Referências	PB; IT XXX PRT 320 (edição de 1976); IL 14342; BB XXXXI 701; BB XXXXIII (edição de 1976); CLD 1985, p. 362 (1ªed); CLD 1987, p. 556 (1ª ed. de 1974 col Livros de bolso; 1ª ed de 1976 col. Obras imortais); CLD 1991 p. 970 (1ª ed de 1976: Obras imortais; 1ª ed de 1974: Livros de bolso); CLD 1993 p. 1094 (1ª ed de 1976: Obras imortais; 1ª ed de 1974: Livros de bolso); CLD 1995 p. 1184 (1ª ed de 1976: Obras imortais; 1ª ed de 1974: Livros de bolso); CLD 1999 p. 698 (1ª ed de 1974); COLB (1ª ed. de 1974, 1ª ed. de 1976 e a reedição de 2001); PLPb
u	Observações	A reedição de 2001 inclui índice de todos os volumes da colecção. Preço, cf. CLD: (a) col. Livros de bolso: 270 esc (1985, 1987-) 540 esc. (1991, 1993), 950 esc. (1999); (b) col. Obras imortais: 955 esc (1985, 1987), 1990 esc. (1990, 1993). Cf. COLB: em 2009, o preço da 1ª ed. de 1976 é 19,06 €, o preço da reedição de 2001 21, 90 €, o preço da 1ª ed. de Livros de Bolso é 4, 66 €. Versão idêntica à versão de 1952 (publicada pela mesma editora mas em colecção diferente).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 059
b	Ano	1976
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Os cavaleiros da cruz
e	Nome do tradutor	Loureiro, José (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José Loureiro
g	Local	Lisboa
h	Editores	Diabril Editora S.C.A.R.L.
i	Colecção	Clásicos da aventura 001
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryck Sienkiewicz (capa) / Henryk Sienkiewicz (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.24779 V.
t	Referências	PB; IT XXIX PRT 545; BB XXXXII 6782
u	Observações	Inclui (1) <i>Introdução</i> (igual à da tradução do ano de 1901); capa de Dorindo Carvalho; paratextos inclui descrição da colecção e a descrição resumida do romance. Versão textualmente idêntica a COR 008.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Krzyżacy (Powieść w czterech tomach)
x	Ano	1900
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Fevereiro de 1897 e Setembro de 1900: Słowo n° 25 (1897) - / Tygodnik Ilustrowany.

TC		
a	Número	COR 060
b	Ano	1976
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Resistir ao ocupante
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Lisboa
h	Editora	Castro e Silva Depositário
i	Colecção	Lu-san
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas.
t	Referências	CLD 1991p. 1023; CLD 1993 p. 1155
u	Observações	Preço, cf. CLD (1991, 1993): 200 esc.
TP		
v	Autor	Wasilewska, Wanda (1905-1964) e outros
w	Título	
x	Ano	
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 061
b	Ano	1977
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Contos polacos
e	Nome do tradutor	Saramago, José (1922-2010)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José Saramago
g	Local	Lisboa
h	Editores	Editorial Estampa, Lda.
i	Colecção	Novas direcções 029
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	SPA*
o	Publ. do nome do autor	Stefan Żeromski / Władysław Stanisław Reymont / Maria Dąbrowska / Witold Gombrowicz / Bruno Schulz / Zofia Nałkowska / Tadeusz Borowski / Jan Parandowski / Wojciech Żukrowski / Bohdan Czeszko / Kazimierz Brandys / Adolf Rudnicki / Kornel Filipowicz / Stanisław Dygat / Jerzy Andrzejewski / Tadeusz Różewicz / Jarosław Iwaszkiewicz / Tadeusz Nowak / Julian Kawalec / Sławomir Mrożek / Stanisław Lem / Tadeusz Hołuj
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 70872 P.
t	Referências	PB; IP 7; BB XXXXIII 2848; CLD 1987 p. 431; CLD 1991 p. 749; CLD 1993 p. 840; CLD 1995 p. 905; COLB; PLPb
u	Observações	<p>Informação constante do peritexto: Título do original: EL CUENTO POLACO]. Inclui (1) índice de obras publicadas nesta colecção, (2) "Prefácio a antologia do conto polaco do século XX", de Michał Sprusiński. Capa de Soares Rocha sobre uma gravura de Władysław Skoczylas, distribuidor no Brasil: Livraria Martins Fontes, São Paulo"; (3) "Notas bibliográficas" sobre os autores traduzidos, (4) "Tábuas cronológicas" de onde consta a informação sobre a data da publicação de várias obras dos autores presentes nesta antologia; (5) O volume inclui tradução de contos de: Stefan Żeromski "As Cinzas (fragmentos)"; Władysław Stefan Reymont "Numa noite de outono"; Maria Dąbrowska "Os cavalos de Cristal"; Witold Gombrowicz "Um crime premeditado"; Bruno Schulz "A anunciação"; Zofia Nałkowska "O Professor Spanner"; Tadeusz Borowski "Ao gás, senhoras e senhores!"; Jan Parandowski "Pintassilgo (fragmento do romance «O relógio de sol»)"; Wojciech Żukrowski "Alada"; Bohdan Czeszko "A geração (fragmento)"; Kazimierz Brandys "Como ser amada"; Adolf Rudnicki "O Yom Kipur (fragmentos)"; Kornel Filipowicz "A cruzinha de ouro"; Stanisław Dygat "A viagem"; Jerzy Andrzejewski "Semelhante a um bosque" [Niby Gaj]; Tadeusz Różewicz "O pecado"; Jarosław Iwaszkiewicz "Cálamo aromático"; Tadeusz Nowak "Os despertares"; Julian Kawalec "Adscrito à terra"; Sławomir Mrożek "Xeque"; Stanisław Lem "Das memórias de Ijon Tichy"; Tadeusz Hołuj "As Asas". Preço, cf. CLD: 800 esc.(1987), 1200 esc (1991), 2678 esc. (1993), 2940 esc. (1995). Cf. COLB o preço - 14,66 € (2009).</p>

TP		
v	Autor	Andrzejewski, Jerzy (1909-1983) / Borowski, Tadeusz (1922-1951) / Brandys, Kazimierz (1916-2000) / Czeszko, Bohdan (1923-1988) / Dąbrowska, Maria (1889-1965) / Dygat, Stanisław (1914-1978) / Filipowicz, Kornel (1913-1990) / Gombrowicz, Witold (1904-1969) / Hołuj, Tadeusz (1916-1985) / Iwaszkiewicz, Jarosław (1894-1980) / Kawalec, Julian (1916-) / Lem, Stanisław (1921-2006) / Mrożek, Sławomir (1930-) / Nałkowska, Zofia (1884-1954) / Nowak, Tadeusz (1930-1991) / Parandowski, Jan (1895-1978) / Reymont, Władysław (1867-1925) / Różewicz, Tadeusz (1921-) / Rudnicki, Adolf (1909-1990) / Schulz, Bruno (1892-1942) / Żeromski, Stefan (1864 - 1925) / Żukrowski, Wojciech (1916-2000) /
w	Título	Niby gaj / Proszę państwa do gazu / Jak być kochaną / Pokolenie / Os cavalos de Cristal / Podróż / Krajobraz niewzruszony / Zbrodnia z premedytacją / Skrzydła / Tatarak / Ziemi przypisany / Ze wspomnień Ilioja Tichego / Szach / Profesor Spanner / Przebudzenie / Zegar Słoneczny / W jesienną noc / Grzech / Yom Kippur / Nawiedzenie / Popioły (Powieść z końca 18 i początku 19 w.) / Lotna]
x	Ano	veja-se "Observações"
y	Local	veja-se "Observações"
z	Editora	veja-se "Observações"
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	<p>O TC português constitui uma tradução da antologia espanhola de contos polacos (El cuento polaco. 1974. México: Ediciones Oasis. Trad. de Aleksander Bugajski). Primeira publicação em volume das respectivas publicações polacas: Niby gaj. 1959. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy / Proszę państwa do gazu. 1948. Warszawa: "Wiedza" / Jak być kochaną (in Romantyczność). 1960. Warszawa: Czytelnik / Pokolenie. 1951. Warszawa: Rój / Os cavalos de Cristal / Podróż. 1958. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy / Krajobraz niewzruszony. 1947. Warszawa: Czytelnik / Zbrodnia z premedytacją (in Pamiętnik z okresu dojrzewania). 1933. Warszawa: Rój / Skrzydła (in Opowiadania wybrane). 1966. Kraków: Wydawnictwo Literackie / Tatarak. 1963. Warszawa: Czytelnik / Ziemi przypisany. 1962. Warszawa : Państwowy Instytut Wydawniczy / Ze wspomnień Ilioja Tichego (in Księga Robotów). 1961. Warszawa: Iskry / Szach. 1997. (in Opowiadania: 1960-1965). Warszawa: Noir sur Blanc / Profesor Spaner. 1946 (in Medaliony). Warszawa: "Czytelnik" Spółdzielnia Wydawnicza / Przebudzenie. 1962. Kraków : Wydawnictwo Literackie / Zegar Słoneczny. 1953. Warszawa: Czytelnik / W jesienną noc. 1903. Warszawa: Gebethner i Wolff (publicação em periódico: 1902, Gazeta Polska) / Grzech (in Opowiadania wybrane). 1968. Warszawa: Czytelnik / Yom Kippur. 1960. 50 opowiadań. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy / Nawiedzenie. 1933. Warszawa: Rój / Popioły (Powieść z końca 18 i początku 19 w.). 1904. Warszawa: Gebethner i Wolff / Lotna (in W kraju Milczenia). 1946. Warszawa: "Książka i Wiedza".</p>

TC		
a	Número	COR 062
b	Ano	1977
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	O dilúvio
e	Nome do tradutor	Costa, L. (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de L. Costa
g	Local	Lisboa
h	Editora	Portugal Press
i	Colecção	Clássicos de romance de emoção
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	SPA#
o	Publ. do nome do autor	Henrik Sienkiewicz (capa) / Henry (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de emoção*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.25355 V.
t	Referências	PB; IT XXX PRT 319; BB XXXXII 3531; CLD 1985 p. 362; PLPb
u	Observações	Inclui índice "Alguns clássicos de romance de emoção editados por Portugal Press". Preço, cf. CLD: 90 esc.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Potop (Powieść historyczna przez Henryka Sienkiewicza)
x	Ano	1886
y	Local	Warszawa
z	Editora	Druk. Noskowskiego
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico entre Dezembro de 1884 e Setembro de 1886: Czas n° 296 (1884) - 200 (1886) / Słowo n° 23 (1884) - 201 (1886) / Kurier Poznański 297 (1884) - 204 (1886).

TC		
a	Número	COR 063
b	Ano	1978
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Os emigrantes
e	Nome do tradutor	Lourenço, João (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Versão de João Lourenço
g	Local	Lisboa
h	Editora	APTA [Associação Portuguesa do Teatro de Amadores]
i	Colecção	Pré-textos 002
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Versão
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Slawomir Mrozek
p	Modo literário	Drama
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 72321 P.
t	Referências	PB; BB XXXXIV 7240; PLPb
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor, (2) nota do tradutor, (3) índice de encenações da peça em Portugal, (4) fotografias da encenação da peça na República Democrática Alemã, na Inglaterra e na Polónia, (5) informação sobre a encenação portuguesa (estreia 14 de Dezembro de 1977 no Teatro Experimental do Porto).
TP		
v	Autor	Mrozek, Sławomir (1930-)
w	Título	Emigranci
x	Ano	1974
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Drama
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 064
b	Ano	1978
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quatro de blindados e o seu cão
e	Nome do tradutor	Fonseca, Maria da Graça Simeão da (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução da versão alemã por Maria da Graça Simeão da Fonseca
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Novaera [sic]
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	GER*
o	Publ. do nome do autor	Janusz Przymanowski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.26033 V.
t	Referências	PB; IT XXXIII 36158; IT a 95804; IT b; PLPb
u	Observações	Inclui fotografias da série televisiva polaca.
TP		
v	Autor	Przymanowski, Janusz (1922-1998)
w	Título	Cztery pancerni i pies*
x	Ano	1964
y	Local	Warszawa
z	Editora	Wydawnictwo MON
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 065
b	Ano	1978
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	Gonçalves, Daniel Augusto (1921-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Daniel Augusto Gonçalves
g	Local	Porto
h	Editores	Livraria Civilização Editora
i	Colecção	Clássicos civilização. Série autores polacos
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	*2006. Tradução de Daniel Augusto Gonçalves. Lisboa: Mediasat Portugal (Mediasat Group S.A.). Col. Romances Históricos. Público 009 (BN: L. 91079 V.) [Informação da capa: "Livro vendido exclusivamente com o jornal Público". Inclui índice de obras publicadas no âmbito desta colecção e uma nota sobre o autor e a obra]
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance histórico*
r	Fortuna crítica	Simões, Adolfo Muller. 1979. Ficha nº 138 (21 de Agosto). Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=17840 (acedido em Abril de 2009)
s	Cotas	BN: L. 26780 V.
t	Referências	PB; BB XXXXV 2500; CLD 1985 p. 362; CLD 1987 p. 556; CLD 1991 p. 970; CLD 1995 p. 1184; CLD 1999 p. 698; PLPb; RL 138
u	Observações	Inclui (1) "Nota introdutória" de Daniel Augusto Gonçalves; (2) índice de obras publicadas nesta colecção.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis* (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editores	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznański nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 066
b	Ano	1979
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	A nave invencível
e	Nome do tradutor	Fonseca, Eurico (1921-2000)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Eurico Fonseca
g	Local	Lisboa
h	Editora	Livros do Brasil
i	Colecção	Argonauta 264
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 72909 P.
t	Referências	PB; BB XXXXV 4440
u	Observações	Inclui "Introdução".
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Niezwyciężony*
x	Ano	1964
y	Local	Warszawa
z	Editora	Ministerstwo Obrony Narodowej
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 067
b	Ano	1979
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	Tojal, Altino do (1939-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Adaptação de Altino do Tojal; revisão de Altino do Tojal
g	Local	Lisboa
h	Editora	Círculo de Leitores
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Adaptação
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 27615 V.
t	Referências	PB; BB XXXXVI 1857
u	Observações	Informação constante da capa: só é permitida a venda aos sócios do Círculo de Leitores; 1ª edição: 10 000 exemplares.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis* (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 068
b	Ano	1983
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Regresso das estrelas
e	Nome do tradutor	Rodrigues, Fernanda Pinto (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido do inglês por Fernanda Pinto Rodrigues
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Livros de bolso. Série ficção científica 066
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	Rocha, Natércia. 1984. Ficha nº 407. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=3874 (acedido em Abril de 2009)
s	Cotas	BN: L. 78779 P.
t	Referências	PB; IT XXXVII 34156; IT a 302474; IT b; CLD 1987 p. 464; CLD 1991 p. 805; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 972; CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4683; RL 407
u	Observações	Inclui (1) índice das obras publicadas nesta colecção e (2) "Algumas palavras sobre Stanisław Lem".
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Powrót z gwiazd*
x	Ano	1961
y	Local	Warszawa
z	Editores	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 069
b	Ano	1983
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Solaris
e	Nome do tradutor	Busse, Inês (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido da versão inglesa por Inês Busse
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Ficção científica 058
j	Novas edições	*reedição: 2003 (BN: L. 77328 V) [Europa - América. Col. contemporânea 077. Informação constante desta edição: Stanislaw Lem, o autor polaco mais traduzido no mundo. Capa: imagem do filme Solaris de produção americana. Inclui índice de volumes publicados nesta colecção e uma "Pequenanota sobre o autor"]. Não há menção sobre a indireccionalidade da tradução.
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	Rocha, Natércia. 1985. Ficha nº 439. Rol de Livros.
s	Cotas	BN: L. 78022 P.
t	Referências	PB; IP 20; IT a 244323; IT b; CLD 1987 p. 464; CLD 1991 p. 805; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 972; CLD 1999 p. 401; PLP (1ª ed. e reedição 2003); PLPc 4684 (1ª ed. e reedição 2003); RL 439
u	Observações	Inclui (1) índice de obras publicadas nesta colecção e (2) "Pequena nota sobre o autor".
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Solaris*
x	Ano	1961
y	Local	Warszwa
z	Editora	Wydawnictwo MON
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 070
b	Ano	1983
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Tratado dos manequins ou o segundo Génesis
e	Nome do tradutor	Fernandes, Aníbal (1944-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Aníbal Fernandes
g	Local	Lisboa
h	Editores	& Etc (Publicações Culturais Engrenagem, Lda.)
i	Colecção	Série K 010
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Bruno Schulz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 78830 P.
t	Referências	PB; IP 29; IT 302917; IT b; CLD 1986 4913; CLD 1991 p. 957; CLD 1993 p. 1076; CLD 1995 p. 1160, CLD 1999 p. 698; PLP; PLPc 4703
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor e (2) anotação "O texto português confia em traduções francesas feitas directamente do polaco (excelentes, arriscamo-nos a dizer-lo) de Georges Sidre e Thérèse Douchy", (3) 4 contos: " A república dos sonhos" / O cometa / Tratado dos manequins ou o segundo génesis /A pátria.
TP		
v	Autor	Schulz, Bruno (1892-1942)
w	Título	Traktat o manekinach (in Sklepy cynamonowe)
x	Ano	1933
y	Local	Warszawa
z	Editores	Rój
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 071
b	Ano	1984
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A loja do ourives (O drama do amor humano numa peça de João Paulo II)
e	Nome do tradutor	Neves, P. Moreira das (1906-1992)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução e prólogo de P. Moreira das Neves
g	Local	Lisboa
h	Editora	Rei dos Livros
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ITA*
o	Publ. do nome do autor	Andrzej Jawień / Karol Wojtyła
p	Modo literário	Drama
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 33520 V.
t	Referências	PB; IP 39; IT a 302410, IT b; PLP; PLPc 4723
u	Observações	Inclui a seguinte nota do tradutor no prefácio: "Ignoro por completo o idioma polaco, servimo-nos de três versões, entre as diversas que correm mundo, e que, cotejadas, nem sempre achámos rigorosamente concordes na interpretação de alguns pormenores do texto. Nada, todavia, que nos parecesse comprometer o essencial" (p.12). Inclui uma nota: "Esta obra foi publicada por autorização das Edições Loyola, São Paulo, Brasil, e da Libreria Editrice Vaticana, Città del Vaticano".
TP		
v	Autor	Jawień, Andrzej (pseud. de Karol Wojtyła)(1920-2005)
w	Título	Przed sklepem jubilera (Medytacja o sakramencie małżeństwa, przechodząca chwilami w dramat)
x	Ano	1960
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Drama
bb	Observações	Publicação em periódico: 1960 Znak nº 12.

TC		
a	Número	COR 072
b	Ano	1985
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	A voz do dono
e	Nome do tradutor	Tomás, Maria de Fátima (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Maria de Fátima Tomás
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Livros de bolso. Série ficção científica
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: C.G. 8468 P.
t	Referências	PB; CLD 1987 p. 464; CLD 1991 p. 805; CLD 1995 p. 972, CLD 1999 p. 401; PLP; PLPb; PLPc 4689
u	Observações	Tradução em dois volumes. Inclui (1) índice de volumes publicados nesta colecção, (2) Nota do Editor, e (3) a seguinte informação: <i>Tit. Original: «His Master's Voice»</i> . Segundo PLPb a primeira edição é de 1976.
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Głos pana
x	Ano	1968
y	Local	Warszawa
z	Editora	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 073
b	Ano	1985
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Adão está entre nós
e	Nome do tradutor	Nicolau, Alice (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido do francês por Alice Nicolau
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Caminho
i	Colecção	Caminho de bolso. Ficção científica 021 (faz parte de uma colção recém criada chamad caminho ficção científica, policial- editada no mesmo surto).
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Konrad Fialkowski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	Botelho. Fernando, 1986. Ficha nº 483. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=24834 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L.80359 P.
t	Referências	PB; IP 9; IT XXXXIX 42736; IT a 408212; IT b; PLP; PLP c 4665; RL 483
u	Observações	
TP		
v	Autor	Fiałkowski, Konrad (1939-)
w	Título	Adam (Jeden z nas)*
x	Ano	1986
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 074
b	Ano	1985
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Memórias encontradas numa banheira
e	Nome do tradutor	Alves, Manuela (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido do francês por Manuela Alves
g	Local	Luanda/ R.P.A.[posteriormente: Lisboa]
h	Editora	Inst. Nacional do Livro e do Disco [Posteriormente: Editorial Caminho, S.A.]
i	Colecção	Colecção de bolso. Texto integral. Ficção científica 001 [Posteriormente convertida em: Editorial caminho, S.A., Caminho de bolso. Texto integral]
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 80166 P.
t	Referências	PB, IT a 408283; IT b; CLD 1987 p. 464; CLD 1991 p. 805; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 972; CLD 1999 p. 401; PLPc 4682
u	Observações	Preço, cf. CLD:200 esc (1987), 380 (1991), 630 (1993, 1995), 998 esc. (1999)
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Pamiętnik znaleziony w wannie*
x	Ano	1961
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	-

TC		
a	Número	COR 075
b	Ano	1985
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Versos polacos (Antologia)
e	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Maria Teresa Bação Fernandes (?-?) / Menezes, Filipa (?-?) / Correia, Maria Clara (?-?) / Pereira, Carlos Santos (?-?) / Siewierski, Henryk (1951-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria Teresa Bação, Filipa Menezes, Maria Clara Correia, Carlos Santos Pereira, e Henryk Siewierski
g	Local	Lisboa
h	Editora	Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD# [informação facultada por tradutores]
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Czesław Miłosz; Tadeusz Różewicz; Wisława Szymborska; Ryszard Kuciel; Zbigniew Herbert
p	Modo literário	Lírica
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Univ. Lisboa Fac. Letras: LGL 276 P.
t	Referências	PB, IP 36; PLP; PLPc 4720
u	Observações	Inclui "Prefácio".
TP		
v	Autor	Miłosz, Czesław (1911-2004) / Różewicz, Tadeusz (1921-) / Szymborska, Wisława (1923-) / Kuciel, Ryszard (1942-) / Herbert, Zbigniew (1924-)
w	Título	
x	Ano	
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	Lírica
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 076
b	Ano	1986
c	Fonte info. refer. ao ano	Perítexto
d	Título	Congresso futuroológico
e	Nome do tradutor	Alves, Manuela (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do inglês por Manuela Alves
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Caminho
i	Colecção	Caminho de bolso. Texto integral. Ficção científica 031
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem (capa) / Prémio Europa 1985 (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	Rocha, Natércia. 1986. Ficha nº 510. Rol de Livros.
s	Cotas	BN: L. 80806 P.
t	Referências	PB; IT a 408280; IT b; CLD 1987 p. 464; CLD 1991 p.805; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 932; CLD 1999 p. 491; PLP; PLPc 4679; PL 510.
u	Observações	Inclui (1) anotação: Caminho de bolso - Texto integral, (2) Informação sobre o Prémio Europa atribuído a Lem em 1985, (3) índice de volumes publicados nesta colecção. Preço, cf. CLD: 200 esc. (1987), 380 (1991), 630 (1993, 1995), esc. 998 (1999).
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Kongres futurologiczny* (Ze wspomnień Ilijoja Tichego)
x	Ano	1971
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 077
b	Ano	1987
c	Fonte info. refer. ao ano	Perítexto
d	Título	A tomada do poder
e	Nome do tradutor	Pereira, José Jacinto da Silva (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de José Jacinto da Silva Pereira
g	Local	Lisboa
h	Editora	Publicações Dom Quixote
i	Colecção	Ficção universal 021
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Czeslaw Milosz (capa), Prémio Nobel (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	Salema, Álvaro. 1987. Ficha nº 33/87, (21 de Julho). Rol de Livros, http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=3802 (acedido em Junho de 2008)
s	Cotas	BN: L. 38220 V.
t	Referências	PB; IP 22; IT a 554722; IT b; BB XXXXX 87 3128; CLD 1988 3362; CLD 1991 p. 852; CLD 1995 p. 1030; CLD 1999 p. 698; PLP; PLPc 4694; COLF; RL 33/87
u	Observações	Inclui a seguinte informação: "Tradução: José Jacinto da Silva Pereira, a partir da edição inglesa publicada por Faber and Faber, Londres, sob o título «The seizure of Power». Preço, cf. CLD: 800 esc. (1988), 1750esc (1991), 2500 esc. (1995, 1999). Preço cf. COLF: 12 € (2009). Inclui índice das obras publicadas nesta colecção. Tradução directa, Cf. PLPc 4694.
TP		
v	Autor	Miłosz, Czesław (1911-2004)
w	Título	Zdobycie władzy*
x	Ano	1953
y	Local	Paris
z	Editora	Instytut Literacki Kultura
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 078
b	Ano	1987
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	As lojas de canela
e	Nome do tradutor	Fernandes, Aníbal (1944-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Aníbal Fernandes
g	Local	Lisboa
h	Editora	Assírio & Alvim, Cooperativa Editora e Livreira CRL
i	Colecção	O imaginário 016
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Bruno Schulz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto*
r	Fortuna crítica	Rodrigues, Urbano Tavares. 2006. Rol de Livros.
s	Cotas	BN: L. 38581 V.
t	Referências	CLD 1988 3176; CLD 1991 p. 957; CLD 1993 p. 1075; CLD 1995 p. 1160, CLD 1999 p. 654; D.L.D. D.L.D. 4702; D.L.
u	Observações	Inclui (1) prefácio de Aníbal Fernandes com informação sobre o autor, (2) informação: "título da tradução francesa: Les boutiques de cannelle". Preço, cf. CLD- 580 esc.(1987), 900 esc (1991), 1300 (1993), 1400 (1995, 1999).
TP		
v	Autor	Schulz, Bruno (1892-1942)
w	Título	Sklepy cynamonowe*
x	Ano	1933
y	Local	Warszawa
z	Editora	Rój
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 079
b	Ano	1987
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis? (Narrativa histórica dos tempos de Nero)
e	Nome do tradutor	Alberty, Ricardo (1919-1992)
f	Publ. do nome do tradutor	Versão portuguesa de Ricardo Alberty
g	Local	Lisboa
h	Editora	Verbo
i	Colecção	Biblioteca verbo da juventude 005
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Versão portuguesa
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	FRE#
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance# [RL]
r	Fortuna crítica	Salema, Álvaro. 1987. Ficha nº 29/87, (21 de Julho). Rol de Livros, http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=17841 (acedido em Junho de 2008)
s	Cotas	Bibl. Mun. de Penhas de França 8 R/BIB
t	Referências	PB; CLD 1988 4167; CLD 1991 p. 970; CLD 1995 p. 1184; CLD 1999 p. 698; CLD 2000 4741; CLD 2007
u	Observações	Preço, cf. CLD: 575 esc (1988), 650 esc. (1991), 1040 esc. (1995), 1260 esc. (1999).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 080
b	Ano	1987
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Viagens de Ijon Tichy
e	Nome do tradutor	Sabler, António (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do inglês por António Sabler
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Caminho
i	Colecção	Caminho de bolso. Texto integral. Ficção científica 045
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	ENG*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 81511 P.
t	Referências	PB; IT a 554434; IT b; BB XXXXX 87 3127; CLD 1988 3596; CLD 1991 p. 805; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 972; CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4688
u	Observações	Inclui (1) índice de volumes publicados nesta colecção, (2) nota sobre o autor e a obra.
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Ze wspomnień Ijona Tichego* [in Księga Robotów]
x	Ano	1961
y	Local	Warszawa
z	Editora	Iskry
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 081
b	Ano	1988
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	A pornografia
e	Nome do tradutor	Fernandes, Aníbal (1944-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Aníbal Fernandes
g	Local	Lisboa
h	Editora	Relógio d'Água Editores, Lda.
i	Colecção	Ficções
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Witold Gombrowicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 39960 V.
t	Referências	PB; CLD 1991 p. 749; CLD 1993 p. 841, CLD 1995 p. 905; PLP; COLB; PLPc 4668
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor. Cf. CLD o preço - 1500 esc.(1991), 1700 esc. (1993), 1785 (1995); (2) anotação: título da tradução francesa «La Pornographie».
TP		
v	Autor	Gombrowicz, Witold (1904-1969)
w	Título	Pornografia
x	Ano	1960
y	Local	Paris
z	Editora	Instytut Literacki Kultura
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 082
b	Ano	1989
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Fiasco
e	Nome do tradutor	Machado, Raúl de Sousa (1921-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Raúl de Sousa Machado
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Nébula 028
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Stainslaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 40678 V.
t	Referências	PB; CLD 1990 3697; CLD 1993 p. 902, CLD 1995 p. 972, CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4679
u	Observações	Inclui índice de volumes publicados nesta colecção. Preço, cf. CLD o preço - 1350 esc. (1990), 1450 (1991, 1993), 2380 (1995), 2500 esc. (1999).
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Fiasco*
x	Ano	1987
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 083
b	Ano	1990
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A máscara
e	Nome do tradutor	Pescada, António (1938-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do francês de António Pescada
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Caminho
i	Colecção	Caminho de bolso. Ficção científica. 113.(faz parte de uma colecção recém-criada chamada Caminho ficção científica, policial- editada no mesmo surto).
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 83462 P.
t	Referências	PB; CLD 1991 p. 850; CLD 1993 p. 902, CLD 1995 p. 972, CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4680
u	Observações	Inclui índice de volumes publicados nesta colecção e uma breve nota sobre o autor. Preço, cf. CLD - 380 esc.(1990), 630 (1993, 1995), 998 esc. (1999).
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Maska / [Le Masque*]
x	Ano	1974?, 1976?
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 084
b	Ano	1990
c	Fonte info. refer. ao ano	cf. CLD 1999
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Porto
h	Editora	Lello Editores
i	Colecção	Romance para todos 032
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Volume indisponível para consulta.
t	Referências	CLD 1991 p.970; CLD 1993 p. 1094; CLD 1995 p. 1184, CLD 1999 p. 698; COLB
u	Observações	Tradução em 2 volumes. Preço, cf. CLD: 600 esc. (1991), 700 (1993), 714 esc. (1995), 750 esc. (1999). Cf. COLB: 10,97 € (2009).
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 70-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Poznanski nº 76-298.

TC		
a	Número	COR 085
b	Ano	1990
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Tommaso del Cavaliere (Novela)
e	Nome do tradutor	Wódkowski, Zbigniew (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do polaco de Zbigniew Wódkowski
g	Local	Lisboa
h	Editora	Edições Cotovia, Lda.
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Julian Strykowski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Novela*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 43052 V.
t	Referências	PB; IP 32; CLD 1993 p. 1116; cld 1995 P. 1208; CLD 1999 p. 730; PLP; PLPc 4714
u	Observações	Inclui uma nota sobre o autor. O preço, cf. CLD - 1330 esc. (1993, 1995), 1465 esc. (1999). Do volume consta a informação sobre a futura publicação, pela mesma editora, do livro <i>A Rosa Negra</i> , do mesmo autor.
TP		
v	Autor	Strykowski, Julian (1905-1996)
w	Título	Tommaso del Cavaliere*
x	Ano	1982
y	Local	Warszawa
z	Editora	Państwowy Instytut Wydawniczy
aa	Modo literário	
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 086
b	Ano	1991
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A bela senhora Seidenman
e	Nome do tradutor	Rebello, Alexandra (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Alexandra Rebello
g	Local	Lisboa
h	Editores	Editorial Presença
i	Colecção	Novos continentes 045
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	*1991. A bela senhora Seidenman. Trad. Alexandra Rebello. Lisboa: Círculo de Leitores (BN: L. 44619 V.) [Ling. Intermediária: alemão (informação constante do volume: "título do original alemão: Die Schöne Frau Seidenman. Primeira edição polaca publicada em 1986 pelo Institut Littéraire SARL, Paris"). Inclui também um "Auxiliar de pronúncia dos nomes polacos". Ilustração na capa de Gustav Klint 1902].
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	GER#
o	Publ. do nome do autor	Andrzej Szczypiorski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 45156 V.
t	Referências	PB; IP 34; CLD 1995 p. 1210, CLD 1999 p. 732; PLP; PLP (1ª ed. e a reedição de 1991); PLPc 4715-6 (1ª ed. e a reedição de 1991)
u	Observações	A edição publicada pelo Editorial Presença é identificada na Porbase como a primeira edição portuguesa do livro. Inclui (1) breve nota sobre o autor, a obra e a ecranização do livro por Arthur Cohn, (2) índice de volumes publicados nesta colecção, (3) indicação dos direitos autorais ("Copyright de 1988 de Diogenes Verlag AG, Zürich"). A edição de Círculo de Leitores (1991) inclui (1) ilustração na capa - pintura de Gustav Klint (1902); informação sobre a publicação da primeira edição polaca (1986); e (3) informação sobre o texto de mediação (alemão), (4) breve informação sobre o autor.
TP		
v	Autor	Szczypiorski, Andrzej (1924-2000)
w	Título	Początek*
x	Ano	1986
y	Local	Paris
z	Editores	Instytut Literacki Kultura
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 087
b	Ano	1991
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Biblioteca do século XXI (Novelas fantásticas)
e	Nome do tradutor	Brito, Teresa (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Teresa Brito, sobre a versão francesa
g	Local	Lisboa
h	Editora	Editorial Estampa, Lda.
i	Colecção	Livro B. Novelas fantásticas 053
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Tri*
n	Língua de mediação	FRE*
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Novela*
r	Fortuna crítica	Braga, Mário. 1991. Ficha nº 14/91. Rol de Livros. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=6730 (acedido em Abril de 2009).
s	Cotas	BN: L. 83733 P.
t	Referências	PB; CLD 1993 p. 902; CLD 1995 p. 972; CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4677; RL 14/91
u	Observações	Inclui índice de volumes publicados nesta colecção. Preço, cf. CLD: 998 esc. (1993), 1155 (1995), 1365 (1999). Cf. PLP, o título da tradução intermediária (francesa) é: Bibliothèque du XXI le siècle.
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Biblioteka XXI wieku
x	Ano	1986
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 088
b	Ano	1991
c	Fonte info. refer. ao ano	D.L.
d	Título	Éden
e	Nome do tradutor	Miranda, Nuno (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Nuno Miranda
g	Local	Mem Martins
h	Editora	Publicações Europa-América, Lda.
i	Colecção	Ficção científica 174
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Stanislaw Lem (Autor de Solaris)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance de ficção científica
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 83744 P.
t	Referências	PB; CLD 1993 p. 902, CLD 1995 p. 972, CLD 1999 p. 401; PLP; PLPc 4678
u	Observações	Inclui índice de volumes publicados nesta colecção. Cf. CLD o preço - 550 esc.(1993), 700 (1995), 790 (1999). Cf. PLP: 1990 - data da primeira edição. Copyrights de 1989 de Harcourt Brace Jovanovich.
TP		
v	Autor	Lem, Stanisław (1921-2006)
w	Título	Eden*
x	Ano	1959
y	Local	Warszawa
z	Editora	Iskry
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 089
b	Ano	1997
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Mais um dia de vida (Angola 1975)
e	Nome do tradutor	Saldanha, Ana (1959-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Ana Saldanha
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da história 006
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Jornalismo ficcionado
r	Fortuna crítica	Manuel Costa Cabral. 2007. http://www.leitura.gulbenkian.pt/index.php?area=rol&task=view&id=30095 (acedido em 209)
s	Cotas	BN: L. 58737 V.
t	Referências	PB; CLD 1999 p. 378; PLP; PLPc 4673; RL
u	Observações	Inclui nota sobre o autor e um índice de volumes publicados nesta colecção; Preço, cf. CLD - 2100 esc (1999).
TP		
v	Autor	Kapuściński, Ryszard (1932-2007)
w	Título	Jeszcze dzień życia*
x	Ano	1976
y	Local	Warszawa
z	Editora	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 090
b	Ano	1998
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Paisagem com grão de areia
e	Nome do tradutor	Gomes, Júlio Sousa (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tadução (do polaco) de Júlio Sousa Gomes
g	Local	Lisboa
h	Editora	Relógio d'Água Editores, Lda.
i	Colecção	Poesia 055
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Wisława Szymborska
p	Modo literário	Lírica
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes. 1998. Wisława Szymborska - a alegria
s	Cotas	BN: L. 60975 V.
t	Referências	PB; PLP; PLPc 4718
u	Observações	
TP		
v	Autor	Szymborska, Wisława (1923-)
w	Título	Widok z ziarnkiem piasku*
x	Ano	1996
y	Local	Poznań
z	Editora	Wydawnictwo a5
aa	Modo literário	Lírica
bb	Observações	Versão bilingue.

TC		
a	Número	COR 091
b	Ano	1998
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Quo vadis?
e	Nome do tradutor	Gabinete de Traduções P.A.R.
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Alfragide
h	Editora	Ediclube
i	Colecção	Grandes génios da literatura universal
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	s/d
m	(In)directude	s/d
n	Língua de mediação	s/d
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Nenhuma referência individualizada consultada.
t	Referências	PLP
u	Observações	Cf. PLP, a mesma editora publicou, em 1994, a tradução de "Quo Vadis" em língua espanhola. É de admitir que esta entrada corresponda a: 1994. Quo Vadis. Col. Grandes Genios de la Literatura Universal, ISBN: 84-408-0060-6 .
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Quo vadis (Powieść z czasów Nerona)
x	Ano	1896
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Publicação em periódico em Março - Dezembro de 1895: Gazeta Polska nº 76-294 / Czas nº 76-298 / Dziennik Powszechny nº 76-298

TC		
a	Número	COR 092
b	Ano	1999
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O rapto de Baltazar Esponja
e	Nome do tradutor	Gomes, Júlio Sousa (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	s/d
g	Local	Porto
h	Editora	Afrontamento
i	Colecção	Tretas e letras. Série jovem 002
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD# [informação facultada por editor]
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	s/d
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance infanto-juvenil
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas. Nenhuma indicação individual por consulta.
t	Referências	Bulhosa
u	Observações	Autor referido na capa como Pagaczewski, Stanis.
TP		
v	Autor	Pagaczewski, Stanisław (1916-1984)
w	Título	Porwanie Baltazara Gąbki
x	Ano	1965
y	Local	Kraków
z	Editora	Wydawnictwo Literackie
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 093
b	Ano	2000
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Amigos
e	Nome do tradutor	Charchalis, Maria José (?-?) / Charchalis, Wojciech (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria José e Wojciech Charchalis
g	Local	Vila Nova de Gaia
h	Editora	Gailivro
i	Colecção	Rex
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Anna Sójka
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto infanto-juvenil
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	C.M. Arouca: 82-93/SOJ-I
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sójka-Leszczynska, Anna (?-)
w	Título	Przyjaciele
x	Ano	1996
y	Local	Poznań
z	Editora	Podsiedlik-Raniowski i Spółka, cop
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 094
b	Ano	2000
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	As quatro estações
e	Nome do tradutor	Charchalis, Maria José (?-?) / Charchalis, Wojciech (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria José e Wojciech Charchalis
g	Local	Vila Nova de Gaia
h	Editora	Gailivro
i	Colecção	Rex
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Anna Sójka
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto infanto-juvenil
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	C.M. Arouca: 82-93/SOJ-I
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Sójka-Leszczynska, Anna (?-)
w	Título	Cztery pory roku
x	Ano	1998
y	Local	Poznań
z	Editora	Podsiedlik-Raniowski i Spółka, cop
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 095
b	Ano	2000
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Aventuras no bosque
e	Nome do tradutor	Charchalis, Maria José (?-?) / Charchalis, Wojciech (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria José e Wojciech Charchalis
g	Local	Vila Nova de Gaia
h	Editora	Gailivro
i	Colecção	Rex
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Anna Sojka; Ewa Barska; Marek Glowacki
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto infanto-juvenil
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	C.M. Arouca: 82-93/BAR-I
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Barska, Ewa (?-) / Głogowski, Marek (?-) / Sójka-Leszczynska, Anna (?-)
w	Título	Reksio (Leśne przygody)
x	Ano	2000
y	Local	Poznań
z	Editora	Podsiedlik-Raniowski i Spółka, cop
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 096
b	Ano	2000
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Socorro!
e	Nome do tradutor	Charchalis, Maria José (?-?) / Charchalis, Wojciech (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria José e Wojciech Charchalis
g	Local	Vila Nova de Gaia
h	Editora	Gailivro
i	Colecção	Rex
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Anna Sójka
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto infanto-juvenil
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	C.M. Arouca: 82-93/SOJ-I
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Barska, Ewa (?-) / Głogowski, Marek (?-) / Sójka-Leszczynska, Anna (?-)
w	Título	Reksio (Na ratunek)
x	Ano	2000
y	Local	Poznań
z	Editora	Podsiedlik-Raniowski i Spółka, cop
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 097
b	Ano	2001
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Ébano (Febre africana)
e	Nome do tradutor	Guimarães, Maria Joana (1969-)
f	Publ. do nome do tradutor	Traduzido da edição alemã por Maria Joana Guimarães
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da actualidade 039
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl*
n	Língua de mediação	GER*
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Jornalismo ficcionado
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 68715 V.
t	Referências	PB; PLP; PLPc 4670
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor e (2) índice de volumes publicados nesta colecção
TP		
v	Autor	Kapuściński, Ryszard (1932-2007)
w	Título	Heban
x	Ano	1998
y	Local	Warszawa
z	Editora	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 098
b	Ano	2002
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O pianista (A história extraordinária da sobrevivência de um homem em Varsóvia, 1939-1945)
e	Nome do tradutor	Rodrigues, Fernanda Pinto (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues
g	Local	Queluz de Baixo (Barcarena)
h	Editora	Editorial Presença
i	Colecção	Grandes narrativas 191
j	Novas edições	*2ª ed.: 2003 (BN: L.76306 V); *3ª ed.: 2003 (IT b e PLP); *4ª ed.: 2004 (IT b e PLP)
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	ENG#
o	Publ. do nome do autor	Wladyslaw Szpilman
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 75883 V.
t	Referências	PB; IT b (2ª e 4ª ed.), PLP (1ª, 2ª, 3ª e 4ª ed.)
u	Observações	Capa com as imagens do filme de Roman Polanski "The Pianist" de 2002. Informação peritextual: Título original: "The Pianist". Inclui (1) excertos do diário de Wilm Hosenfel, (2) prefácio de Andrzej Szpilman, (3) epílogo de Wold Biermn, e (4) índice de volumes publicados nesta colecção.
TP		
v	Autor	Szpilman, Władysław (1911-2000)
w	Título	Śmierć miasta [Oprac. Jerzy Waldorff] / [The Pianist*]
x	Ano	1946
y	Local	Warszawa
z	Editora	Spółdzielnia Wydawnicza „Wiedza”
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 099
b	Ano	2003
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O demónio do movimento
e	Nome do tradutor	Charchalis, Maria José (?-?) / Charchalis, Wojciech (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Maria José e Wojciech Charchalis
g	Local	Lisboa
h	Editora	Cavalo de Ferro Editores, Lda.
i	Colecção	Contos
j	Novas edições	*reedição: 2003 (BN: L.81462 V.) [Paratexto: esta edição foi preparada exclusivamente para a CP - Caminho de Ferro Portugueses, EP. Col. especialmente preparada para Caminhos de Ferro Portugueses, EP]
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Stefan Grabinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Contos*
r	Fortuna crítica	Informação sobre a obra na Porbase: http://obras.porbase.org/972-8791-
s	Cotas	BN: L. 80215 V.
t	Referências	PB; IT b (1ª ed. e reedição)
u	Observações	Inclui (1) nota sobre o autor, (2) nota do tradutor, (3) "Bibliografia" de obras citadas, (4) índice de obras publicadas nesta colecção, (5) anotação: "A edição deste livro baseia-se na terceira edição polaca de «O demónio do movimento», Lampa i Iskra Boza, Varsóvia, 1999. O nosso tomo, tal como o polaco, contém todos os contos da segunda edição de 1922 e ainda o conto «Engramas de Szatera» que, apesar de ter sido publicado mais tarde na imprensa, provavelmente iria fazer parte da eventual terceira edição do livro por se tratar da continuação do ciclo dos contos ferroviários".
TP		
v	Autor	Grabiński, Stefan (1887-1936)
w	Título	Demon ruchu*
x	Ano	1919
y	Local	Kraków
z	Editora	Księg. J. Czernecki
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 100
b	Ano	2004
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Alguns gostam de poesia (Antologia)
e	Nome do tradutor	Milewska, Elżbieta (?-) / Neves, Sérgio das (?-)
f	Publ. do nome do tradutor	Seleccção, introdução e tradução do polaco: Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves
g	Local	Lisboa
h	Editora	Cavalo de Ferro Editores, Lda.
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Czesław Miłosz e Wisława Szymborska
p	Modo literário	Lírica
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	Porbase: http://obras.porbase.org/972-8791-29-1/ (acedido em Outubro
s	Cotas	BN: L. 82789 V.
t	Referências	PB; IT b; PLP
u	Observações	Inclui (1) nota sobre os autores, (2) "Introdução" do tradutor. Revisão de Vasco Renato. Cf. informação peritextual: a publicação visa solenizar a adesão da Polónia à comunidade europeia (em 2004).
TP		
v	Autor	Miłosz, Czesław (1911-2004) / Szymborska, Wisława (1923-)
w	Título	Miłosz: Ocalenie / Światło dzienne / Król Popiel i inne wiersze / Miasto bez imienia / Gdzie słońce wschodzi i kędy zapada / Kroniki / Dalsze okolice / To / Druga przestrzeń. Szymborska: Antologias: Wołanie do Yeti/ Sól/ Sto pociech/ Wszelki wypadek/ Wielka liczba / Ludzie na moście/ Koniec i początek / Widok z ziarnkiem piasku / Chwila*
x	Ano	Miłosz: 1945 Ocalenie / Światło dzienne / 1953 Król Popiel i inne wiersze / 1969 Miasto bez imienia / 1974 Gdzie słońce wschodzi i kędy zapada / 1987 Kroniki / 1991 Dalsze okolice / 2000 To / 2003 Druga przestrzeń. Szymborska: 1957 Wołanie do Yeti / 1962 Sól / 1967 Sto pociech / 1972 Wszelki wypadek / 1976 Wielka liczba / 1986 Ludzie na moście / 1993 Koniec i początek / 1996 Widok z ziarnkiem piasku / Chwila
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	Lírica
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 101
b	Ano	2004
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O imperador
e	Nome do tradutor	Szymaniak, Włodzimierz Józef (?-?) / Leão, Isabel Vaz Ponce de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Włodzimierz Jozef Szymaniak; Isabel Vaz Ponce de Leão
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da história 012
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski (capa) / Ryszard Kapuscinski (Prémio Príncipe das Astúrias 2003) (contracapa)
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Jornalismo ficcionado
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: H.G. 54090 V.
t	Referências	PB; PLP
u	Observações	Inclui nota sobre o autor e o índice de volumes publicados nesta colecção.
TP		
v	Autor	Kapuściński, Ryszard (1932-2007)
w	Título	Cesarz czytelnik*
x	Ano	1978
y	Local	Warszawa
z	Editora	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 102
b	Ano	2004
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O senhor secretário [contém também: O organista; Benvinda [sic]; O faloreiro; Yanco; Uma comédia de erros; O velho criado]
e	Nome do tradutor	Bagagem, Conceição Cordeiro (?-?) [O velho Criado] / Guerreiro, Ana Cristina (?-?) [Uma comédia de erros] / Caramalho, Isolino (?-?) [O senhor secretário; O organista; Benvinda [sic]; O Faloreiro; Yanco]
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Conceição Cordeiro Bagagem para o conto "O velho Criado", Ana Cristina Guerreiro para o conto "Uma comédia de erros" e Isolino Caramalho para os restantes
g	Local	Lisboa
h	Editora	Cavalo de Ferro Editores, Lda.
i	Colecção	Nova Europa. Polónia 001
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl#
n	Língua de mediação	SPA# (O senhor secretário / O organista / Benvinda [sic] / O faloreiro / Yanco) ENG# (O velho criado, Uma comédia de erros)
o	Publ. do nome do autor	Henryk Sienkiewicz
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 83312 V.
t	Referências	PB; IT b; PLP
u	Observações	Informação constante da capa: "venda conjunta com jornal [Público]". Os quatro contos traduzidos por Isolino Caramalho constituem uma outra edições de COR 032.
TP		
v	Autor	Sienkiewicz, Henryk (1846-1916)
w	Título	Szkice Węgłem [in Pisma Henryka Sienkiewicz v.1. Também neste volume: Stary sluga, Hania, Janko Muzykant, O Organista, Ponikły, B.
x	Ano	Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela / 1894 Organista z Ponikły / 1894 Bądź błogosławiona (Legenda indyjska) / 1882 Latarnik / 1880 Janko Muzykant / 1880 Komedia z pomyłek / 1880 Stary sluga
y	Local	Warszawa
z	Editora	Gebethner i Wolff
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	Z pamiętnika poznańskiego nauczyciela / Organista z Ponikły 1894 [Publicação em periódico em Junho de 1893: Slowo n° 140 / Czas n° 141 - 142] / Bądź błogosławiona (em 1983: Biblioteka Warszawska t.2 359-361 / Kurier Warszawski n° 151 / Czas n° 126 / Dziennik Polski Lwów n° 155 / Dziennik Poznański n° 126 / Kurier Lwowski n° 155) / Latarnik 1882 [Publicação em periódico em 1881: Niwa v. 20] / Janko Muzykant 1880 [Publicação em periódico em Julho 1879: Kurier Warszawski n° 159 / Gazeta Lwowska n° 159-160 / Strzecha Ojczyzna n° 26] / Komedia z pomyłek (entre Janeiro e Fevereiro de 1878) / Stary sluga 1880 (em Novembro de 1878 n° 20).

TC		
a	Número	COR 103
b	Ano	2005
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	8 contos de guerra (A resistência soviética aos invasores nazis)
e	Nome do tradutor	Cardoso, A. César (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de A. César Cardoso
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Instantes de leitura 068
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	RUS#
o	Publ. do nome do autor	Wanda Wassilewska e outros
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Conto*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 90176 V.
t	Referências	PB
u	Observações	Inclui prefácio de José Viale Moutinho. Contos constantes desta antologia: "Crianças", "Na velha cabana" e "A comunidade das Nações" de Wanda Wassilewska; "O general" de S. Washentzew; "A professora da aldeia" de B. Galin; "O plano do soldado Makatajin" de Vladimiro Rudenu; "Pátria" de A. Gorobova; "O túmulo de gelo" de Boris Yampolsky. No prefácio Wassilewska surge identificada como escritora soviética (e não polaca).
TP		
v	Autor	Wasilewska, Wanda (1905-1964) e outros
w	Título	s/d / W chacie [in W ognich wojny] / Braterstwo narodów [in W ognich wojny]
x	Ano	1942
y	Local	Москва
z	Editora	Wydawnictwo Literackie w Językach Obcych
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 104
b	Ano	2005
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O império
e	Nome do tradutor	Szymaniak, Włodzimierz Józef (?-?) / Leão, Isabel Vaz Ponce de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Włodzimierz Józef Szymaniak; Isabel Vaz Ponce de Leão
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da história 020
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Jornalismo ficcionado
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 93906 V.
t	Referências	PB; PLP;
u	Observações	Inclui nota sobre o autor e um índice de volumes publicados nesta colecção.
TP		
v	Autor	Kapuściński, Ryszard (1932-2007)
w	Título	Imperium*
x	Ano	1993
y	Local	Warszawa
z	Editora	Czytelnik
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 105
b	Ano	2006
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Instante
e	Nome do tradutor	Milewska, Elżbieta (?-) / Neves, Sérgio das (?-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Elżbieta Milewska e Sérgio Neves
g	Local	Lisboa
h	Editora	Relógio d'Água Editores, Lda.
i	Colecção	Poesia 112
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Wisława Szymborska
p	Modo literário	Lírica
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 15485 P.
t	Referências	PB
u	Observações	Inclui índice de obras publicadas nesta colecção. Revisão da matriz - Raquel Dang.
TP		
v	Autor	Szymborska, Wisława (1923-)
w	Título	Chwila
x	Ano	2002
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Lírica
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 106
b	Ano	2006
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Madame
e	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação (1960-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do polaco de Teresa Fernandes Swiatkiewicz
g	Local	Porto
h	Editora	Livraria Civilização Editora
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução do polaco
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Antoni Libera
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 92057 V.
t	Referências	PB
u	Observações	Inclui "Prefácio" de Teresa Fernandes Swiatkiewicz.
TP		
v	Autor	Libera, Antoni (1949-)
w	Título	Madame*
x	Ano	1998
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 107
b	Ano	2007
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Andanças com Heródoto
e	Nome do tradutor	Szymaniak, Włodzimierz Józef (?-?) / Leão, Isabel Vaz Ponce de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Włodzimierz Józef Szymaniak e Isabel Ponce de Leão
g	Local	Lisboa
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da história 024
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: H.G. 57212 V.
t	Referências	PB, Bulhosa
u	Observações	Inclui (1) índice de obras publicadas nesta colecção; (2) nota sobre o autor e sobre a versão original polaca; (3) nota: "Kapuscinski é o autor polaco mais traduzido e publicado no mundo".
TP		
v	Autor	Libera, Antoni (1949-)
w	Título	Madame*
x	Ano	1998
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 108
b	Ano	2007
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O diário de Rutka (Janeiro-Abril 1943)
e	Nome do tradutor	Rodrigues, Maria Milewska (1970-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução do polaco: Maria Milewska Rodrigues
g	Local	Lisboa
h	Editora	Sextante
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD*
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Rutka Laskier
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Literatura de facto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 98855 V.
t	Referências	PB
u	Observações	Inclui "Apresentação" de Zahava Scherz.
TP		
v	Autor	Laskier, Rutka (1929-1943)
w	Título	Pamiętnik Rutki Laskier*
x	Ano	2006
y	Local	Katowice
z	Editora	Polska Presse
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 109
b	Ano	2008
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	A última ceia
e	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação (1960-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradutora: Teresa Fernandes Swiatkiewicz
g	Local	São João do Estoril
h	Editora	Sopa das Letras
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Paweł Huelle
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance*
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 101638 V.
t	Referências	LK, PLP
u	Observações	Traduzido no âmbito do Programa de Tradução Poland. Cf. Informação peritextual: "Esta edição é publicada mediante acordo com o Społeczny Instytut Wydawniczy ZNAK Sp. z o.o. Kraków (Polónia) e foi financiado pelo Instytut Książki - Programa de Tradução «POLAND»". Inclui prefácio.
TP		
v	Autor	Huelle, Paweł (1957-)
w	Título	Ostatnia wieczera
x	Ano	2001
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 110
b	Ano	2008
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Mercedes Benz (Cartas a Bohumil Hrabal)
e	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação (1960-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradutora: Teresa Fernandes Swiatkiewicz
g	Local	São João do Estoril
h	Editora	Sopa das Letras
i	Colecção	n/a
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Paweł Huelle
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Literatura de facto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L.101903 V.
t	Referências	LK, PLP
u	Observações	Traduzido no âmbito do Programa de Tradução Poland. Cf. Informação peritextual: "Esta edição é publicada mediante acordo com o Społeczny Instytut Wydawniczy ZNAK Sp. z o.o. Kraków (Polónia) e foi financiado pelo Instytut Książki - Programa de Tradução «POLAND»". Inclui prefácio.
TP		
v	Autor	Huelle, Paweł (1957-)
w	Título	Mercedes-Benz (Z listów do Hrabala)
x	Ano	2001
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	-

TC		
a	Número	COR 111
b	Ano	2009
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Escolhido pelas estrelas
e	Nome do tradutor	Braga, Jorge Sousa (1957-)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução: Jorge Sousa Braga
g	Local	Lisboa
h	Editora	Assírio & Alvim, Cooperativa Editora e Livreira CRL
i	Colecção	Documenta poética 133
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	Trl# [informação facultada por tradutor]
n	Língua de mediação	ENG, FRE, ITA, SPA # [informação facultada por tradutor]
o	Publ. do nome do autor	Zbigniew Herbert
p	Modo literário	Lírica
q	Género literário	
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BN: L. 107725 V.
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Herbert, Zbigniew (1924-1998)
w	Título	
x	Ano	1956 Struna światła / 1957 Hermes, pies i gwiazda / 1961 Studium przedmiotu / 1969 Napis / 1974 Pan Cogito / 1983 Raport z oblężonego Miasta i inne wiersze / 1990 Elegia na odejście / 1992 Rovigo / 1998 Epilog burzy
y	Local	
z	Editora	
aa	Modo literário	
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 112
b	Ano	2009
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	O outro
e	Nome do tradutor	Szymaniak, Włodzimierz Józef (?-?) / Leão, Isabel Vaz Ponce de (?-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Włodzimierz Józef Szymaniak e Isabel Ponce de Leão
g	Local	Porto
h	Editora	Campo das Letras Editores, S.A.
i	Colecção	Campo da história
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Ryszard Kapuscinski
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Ensaio
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	BM Galveias: 161.25/KAP
t	Referências	PB
u	Observações	
TP		
v	Autor	Kapuściński, Ryszard (1932-2007)
w	Título	Ten inny
x	Ano	2006
y	Local	Kraków
z	Editora	Znak
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	

TC		
a	Número	COR 113
b	Ano	2010
c	Fonte info. refer. ao ano	Peritexto
d	Título	Vizinhos (A história do massacre dos Judeus de Jedwabne na Polónia)
e	Nome do tradutor	Swiatkiewicz, Teresa Fernandes Bação (1960-?)
f	Publ. do nome do tradutor	Tradução de Teresa Fernandes Swiatkiewicz
g	Local	Colares
h	Editora	Pedra da Lua- Artes, Letras e Ofícios, S.A.
i	Colecção	Para que conste
j	Novas edições	n/a
k	Outras edições	n/a
l	Designação do texto	Tradução
m	(In)directude	TrD#
n	Língua de mediação	n/a
o	Publ. do nome do autor	Jan Tomasz Gross
p	Modo literário	Narrativa
q	Género literário	Romance/Literatura de facto
r	Fortuna crítica	
s	Cotas	Esta referência não consta de nenhuma das bibliotecas consultadas.
t	Referências	Bulhosa
u	Observações	
TP		
v	Autor	Gross, Jan Tomasz (1947-)
w	Título	Sąsiedzi (Historia zagłady żydowskiego miasteczka) [The neighbours*]
x	Ano	2000
y	Local	Sejny
z	Editora	Fundacja Pogranicze
aa	Modo literário	Narrativa
bb	Observações	